UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANA MARIA DE OLIVEIRA URPIA

AMIGOS E AMORES

Uma leitura etnopsicológica das trajetórias afetivo-sexuais de duas gerações de universitários

Salvador
2014

ANA MARIA DE OLIVEIRA URPIA

AMIGOS E AMORES

Uma leitura etnopsicológica das trajetórias afetivo-sexuais de duas gerações de universitários

Tese apresentada ao Colegiado de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia como pré-requisito para a obtenção do título de Doutora em Psicologia

Área de concentração: Desenvolvimento

Orientadora: Profa. Dra. Sônia Maria Rocha Sampaio

Salvador

2014

Ficha catalográfica elaborada por Kátia Rodrigues CRB⁄5 - 973

U78 Urpia, Ana Maria de Oliveira.
Amigos e amores: uma leitura etnopsicológica das trajetórias afetivo-sexuais de duas gerações de universitários . ⁄ Ana Maria de Oliveira Urpia. Salvador, 2013.
378 f.

Orientadora: Profa. Dra. Sônia Maria Rocha Sampaio
Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Psicologia, 2013.

1. Etnopsicologia. 2. Universitários/as. 3. Trajetórias Afetivo-Sexuais. 4. Gênero. Geração. I. Sampaio, Sônia Maria Rocha. II. Uni-Versidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD 159

BANCA EXAMINADORA

_____

Profa. Dra. Sônia Maria Rocha Sampaio – Orientadora

Universidade Federal da Bahia

_____

Prof. Dr. José Machado Pais

Universidade de Lisboa

_____

Profa. Dra. Vera Silvia Facciolla Paiva

Universidade de São Paulo

_____

Profa. Dra. Ana Cecília Sousa Bastos

Universidade Federal da Bahia

_____

Profa. Dra. Alda Britto da Motta

Universidade Federal da Bahia

A *André*, meu amor e meu amigo, sem sua amizade e seu afeto, talvez não fosse possível a concretização deste trabalho.

Ao *meu filho Simão Pedro*, em quem muitas vezes me inspirei para falar de juventude.

Aos *participantes da pesquisa*, que gentilmente me concederam a grata experiência de escutar suas histórias de amor, de amizade e sexualidade juvenis.

AGRADECIMENTOS

À minha estimada *orientadora Sônia Sampaio*, pela orientação carinhosa e libertadora, capaz de fornecer, ao mesmo tempo, a autonomia e a segurança que resultou num progressivo processo de autorização como pesquisadora.

Ao professor *José Machado Pais*, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, figura inspiradora e coordenador investigador desta instituição onde tive a oportunidade de fazer o estágio de doutoramento. Guardo as mais acolhedoras lembranças e aprendizados possibilitados por esta interlocução.

Ao *Observatório da Vida Estudantil*, grupo de pesquisa ao qual devo grande parte de minha formação como pesquisadora.

Às *professoras Ana Cecília, Alda Britto da Motta e Vera Paiva*, pelo acolhimento e a disponibilidade para o diálogo.

À *CAPES*, pelas bolsas de pesquisa concedidas no país e no exterior.

Ao *Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFBA*, pelo constante acolhimento e, principalmente, pela formação rigorosa.

Aos *meus filhos, Simão e Nina*, pelos muitos momentos em que renunciaram à minha presença a fim de me permitir realizar este desejo e por renovar minha alegria todos os dias.

Aos *meus irmãos Rita, Kátia e Mário* e às *minhas sobrinhas Nane e Malu*, que me apoiaram e ajudaram na concretização desta tese, mas também no cuidado de meus pais, enquanto estive ausente, respondendo às demandas do fazer pesquisa.

Aos *meus pais*, pelo investimento incondicional em minha educação, base para que hoje eu pudesse chegar aqui, mas também pelo incentivo à continuidade dos estudos.

Ao *meu amigo e revisor, André Marcílio*, pela revisão cuidadosa e competente.

Rodin

RESUMO

URPIA, A. M. de O. Amigos e Amores: uma leitura etnopsicológica das trajetórias afetivo-sexuais de duas gerações de universitários. 2013. 365 f. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal da Bahia, 201.

Esta tese, vinculada aos estudos desenvolvidos no Observatório da Vida Estudantil (OVE-UFBA/UFRB), situa-se numa posição de fronteira entre os estudos psicológicos, sociológicos e antropológicos, e propõe uma etnopsicologia da intimidade afetivo-sexual, abordagem teórico-metodológica em cujo cerne está a noção de multirreferencialidade. A partir desta noção, a Abordagem Etnopsicológica orienta-se, do ponto de vista teórico, pelos estudos interacionistas, particularmente aqueles desenvolvidos na Escola de Chicago, e, mais tarde, reconhecidos sob a denominação de Interacionismo Simbólico; do ponto de vista metodológico, pelas práticas de pesquisa de tipo etnográfico, cujo foco está nas particularidades indexicais das falas dos sujeitos, na compreensão das trilhas interpretativas que estes põem em ação para atuar no seio de suas culturas. Contudo, em função das particularidades do seu objeto de estudo, e das questões de pesquisa formuladas, articulam-se a estes referenciais outros de igual importância, a fim de atender a demanda de leitura da complexidade que o fenômeno em estudo impõe. Desta posição fronteiriça, esta tese desenvolve suas análises norteando-se por três questões de pesquisa: 1) Quais significados são construídos em torno das primeiras experiências amorosas e sexuais, e sob quais condições psicológicas e sociais estas experiências se tornam possíveis conforme seja a posição geracional e de gênero dos sujeitos? 2) Que tipo de cenas, interações e *self positioning* se produzem na esfera das relações amorosas e sexuais ao longo das diferentes trajetórias pessoais e geracionais, confirmando a norma prescritiva ou mostrando suas fissuras? 3) Quais são os elementos psicossociais que funcionam como propulsores ou catalisadores semióticos desses processos de *positioning* e *(re)positioning* exigidos dos jovens, quando, por ocasião do ingresso na universidade (ou de outra experiência marcante de vida) experienciam uma ruptura-transição em seus sistemas de significados relativos à esfera da vida afetivo-sexual? Estas questões buscam compreender, em especial, os processos psicológicos de mudança que acompanham as trajetórias amorosas e sexuais dos atores sociais em tempos de juventude, sem negligenciar os contextos ou cenários em que estas são produzidas, nesse caso específico: o cenário atual (representado pelo grupo geracional mais novo – de universitários/as das primeiras décadas dos anos 2000) e o cenário dos anos 1960/1970 (representado pelo grupo geracional mais velho e que viveu a vida

universitária em tempos de ditadura militar e “revolução sexual”). A instituição em que a pesquisa se realiza é a Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde ambos os grupos geracionais viveram parte de sua juventude, na condição de estudantes. O grupo geracional mais velho é composto por cinco mulheres e três homens, com faixa etária entre 56 e 65 anos de idade, enquanto o grupo geracional mais novo é composto por quatro mulheres e quatro homens, com faixa etária entre 19 e 29 anos de idade. O resultado da pesquisa aponta: primeiro, para a relação indissolúvel entre relações de amizade e relações amorosas e sexuais, fundamentalmente importantes na garantia da demanda de intimidade na juventude; segundo, para a passagem de jovem a estudante como um propulsor de mudanças relevantes nas trajetórias afetivo-sexuais de ambos os grupos geracionais; terceiro, para a permanência de uma clivagem de gênero remodelada, que organiza as trajetórias das mulheres em torno de uma experimentação parcimoniosa e do amor sexualizado em relações, *a priori*, de longa duração, pelo menos até a primeira desilusão amorosa, e a dos homens em torno da livre e numerosa experimentação sexual até que sintam necessidade de assentar e experienciar uma relação duradoura; quarto, para o fato de que, embora o comportamento juvenil hoje esteja centrado na experimentação, permanece o desejo de algum dia encontrar, se não uma pessoa especial, talvez um relacionamento especial, desde que sejam respeitados os territórios pessoais.

Palavras-chave: Etnopsicologia. Universitários/as. Trajetórias Afetivo-Sexuais. Gênero. Geração.

ABSTRACT

URPIA, A. M. de O. Friends and Lovers: an Ethnopsychological Reading of the Affective-Sexual Trajectories of two Generations of College People. 2014. 365 f. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal da Bahia, 2014.

This thesis, associated to the studies developed at the Observatory of Students' Life (*Observatório da Vida Estudantil* or OVE-UFBA/UFRB), stays in a boundary position amongst sociologic, anthropologic, as well as psychologic studies, and proposes an Ethnopsychology of affective-sexual intimacy, a theoretical methodological approach that encodes the notion of Multi-referentiality. The Ethnopsychological Approach follows, from a theoretical viewpoint, the interactionist studies, particularly the ones carried out at the Chicago School, which were grouped, later on, under the label *Symbolic Interactionism*. From a methodological perspective, it adopts the research practices of ethnographic type, which focuses on the indexical idiosyncrasies that reside in the subjects' speech, as well as on the analysis of the interpretive trails that they put into action within the core of their cultures. However, because of the particularities of its object of study (and of the research questions), other theoretical frameworks of equivalent importance had to be used, in order to enable the analysis of the complexity imposed by the phenomenon. From this boundary position, the present work develops its analyses according to three research questions: 1) Which meanings are built concerning first love and sexual experiences, and under which psychological and social conditions do these experiences become possible according to the subject's generational and gender position? 2) What kind of scenes, interactions and *self positioning* can be produced in the realm of love and sexual relations along the different personal and generational trajectories, confirming a prescriptive norm or showing its gaps? 3) Which are the psychosocial elements that work as propellers or semiotic catalyzers on those *positioning* and *(re)positioning* processes demanded by those youngsters, when, by the time of entering university (or any other outstanding event), they experience a rupture-transition in their systems of meaning concerning affective-sexual life? These questions aim at understanding, especially, the psychological processes of change that take place along love and sex paths of the social actors during youth, without neglecting the contexts or scenarios in which they have been produced, in this specific case: the present-time scenario (represented by the younger generational group – of college students during the first decades of the 21st century) and the scenario of the 1960/1970 decades (represented by the oldest generational group, who lived the college daily life in times of military dictatorship and

“sexual revolution”). The institution in which the research was carried out is the Universidade Federal da Bahia (UFBA), where both generational groups have lived or been living part of their youth, in the condition of students. The older generational group is composed of five women and three men, aging from 56 to 65, whilst the younger generational group is composed by four women and four men, aging 19 to 29. The results point at: first, to the indissoluble relation between friendship and love and sexual relationships, which is fundamentally important, for it ensures the demand for intimacy during youth; second, to the passage from young person to student condition as a propeller of relevant changes within the affective-sexual trajectories of both generational groups; third, to the permanence of a refashioned cleavage in gender, which arranges women’s trajectories according to a parsimonious experimentation and sexualized love in relations which should be, *a priori*, long term ones, at least until the first love disillusion, whilst men’s path is oriented, on the other hand, towards free and copious sexual experimentation until they feel the need for settling down and experience a long term relationship; fourth, to the fact that, although young people’s behaviour is nowadays centered on the experimentation, there remains the wish for meeting, one day, if not a special person, perhaps a special relationship, provided that personal territories are properly respected.

Key words: Ethnopsychology. College Students. Affective-Sexual Trajectories. Gender. Generation.

RÉSUMÉ

URPIA, A. M. de O. *Amis et Amours*: une lecture ethnopsychologique des trajectoires affectives-sexuelles de deux générations d'universitaires. 2014. 365 f. Thèse (Doctorat) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal da Bahia, 2014.

Cette thèse, développée dans le cadre des études menées à l'Observatoire de la Vie Étudiante (OVE-UFBA/UFRB), située à la frontière de la psychologie, de la sociologie et de l'anthropologie, propose une ethnopsychologie de l'intimité affective et sexuelle, une approche théorico-méthodologique dont l'origine est la notion de multiréférentialité. À partir de cette notion, l'approche ethnopsychologique part, d'un point de vue théorique, des études interactionnistes, particulièrement celles qui ont été développées par l'École de Chicago et, plus tard, reconnues sous la dénomination d'Interactionnisme Symbolique ; du point de vue méthodologique, par les pratiques de recherche du type ethnographique, dont la visée se trouve dans les particularités indexicales des paroles des sujets, dans la compréhension des voies interprétatives que ceux-ci mettent en marche pour agir au sein de leurs cultures. Toutefois, en fonction des particularités de son objet d'étude et des questions de recherche formulées, on unit ces référentiels à d'autres repères tout aussi importants, de manière à répondre à la demande de la complexité que le phénomène étudié impose. Cette thèse développe ses analyses en s'orientant par trois questions de recherche : 1) Quelles significations sont-elles construites autour des premières expériences amoureuses et sexuelles, et sous quelles conditions psychologiques et sociales ces expériences deviennent possibles conformément à la position générationnelle et au genre des sujets ? 2) Quel genre de scènes, d'interactions et d'auto-positionnement se produisent dans la sphère des relations amoureuses et sexuelles au long des différentes trajectoires personnelles et générationnelles, confirmant ainsi les normes prescriptives ou en indiquant les lacunes ? 3) Quels sont les éléments psychosociaux qui fonctionnent comme des propulseurs ou des catalyseurs sémiotiques de ces processus de *positionnement* et de *(re)positionnement* exigés par les jeunes lorsqu'à l'occasion de leur entrée à l'université (ou d'une autre expérience marquante de leur vie) ils vivent une rupture-transition dans leurs systèmes de significations relatives à la sphère de vie affective-sexuelle ? Ces questions cherchent en particulier à comprendre les processus psychologiques de changement qui accompagnent les trajectoires amoureuses et sexuelles des acteurs sociaux durant leur jeunesse, sans négliger les contextes ou les situations au cours desquelles elles sont produites, dans ce cas spécifique : l'environnement actuel (représenté par le

groupe générationnel des plus jeunes – étudiants/étudiantes au cours des premières décennies des années 2000) et l'environnement des années 1960/1970 (représenté par le groupe générationnel des plus âgés ayant vécu leur vie universitaire aux temps de la dictature militaire et de la « révolution sexuelle »). La recherche est réalisée à l'Universidade Federal da Bahia (UFBA), où les deux groupes générationnels ont vécu une partie de leur jeunesse en tant qu'étudiants. Le groupe générationnel des plus âgés est composé de cinq femmes et trois hommes, alors que celui des plus jeunes est composé de quatre femmes et quatre hommes ayant entre 19 et 29 ans. Le résultat de la recherche porte un regard : d'abord, sur la relation indissoluble entre des rapports d'amitié et des rapports amoureux et sexuels, d'une importance fondamentale dans la garantie de la demande d'intimité durant la jeunesse ; ensuite, sur le passage de l'étape de jeune à étudiant, comme un propulseur de changements importants dans les trajectoires affectives-sexuelles des deux groupes générationnels ; puis sur la permanence d'un clivage de genre remodelé qui organise les trajectoires des femmes autour d'une expérimentation parcimonieuse et de l'amour sexualisé dans les relations, à priori de longue durée, au moins jusqu'à la première désillusion amoureuse, et celle des hommes autour de l'expérience sexuelle jusqu'à ce qu'ils éprouvent le besoin de s'établir et de vivre l'expérience d'une relation durable ; enfin, sur le fait que, bien que le comportement des jeunes d'aujourd'hui soit centré sur l'expérimentation, le souhait de trouver un jour une personne spéciale ou peut-être même une relation spéciale subsiste, à condition que les territoires personnels soient respectés.

Mots-clé: Ethnopsychologie. Étudiants/Étudiantes. Trajectoires affectives-sexuelles. Genre. Génération.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Trajetórias individuais convergindo para o ponto de equifinalidade 119

Figura 2 – Hierarquia dos Afetos 194

Figura 3 – Afetos e *I-position* predominantes antes da entrada na UFBA 195

Figura 4 – Afetos e *I-positions* predominantes após a entrada na UFBA 196

Figura 5 – O ingresso na universidade como ponto de ruptura-transição 222

Figura 6 – Processo de mudança de posições de eu ao longo da trajetória de Antônia ... 297

Figura 7 – Processo de generalização e hiper-generalização na regulação afetiva do fluxo da experiência de Manuel 304

Figura 8 – Processos Dialógicos de Mudança e Síntese Criativa no Domínio do *Self* 306

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BVS-PSI	Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia
SD	Direção Social
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EFP	Ponto de Equifinalidade
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
TEM	Modelo de Equifinalidade de Trajetória
OVE-UFBA/UFRB	Observatório da Vida Estudantil da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
SG	Orientação Social
BFP	Pontos de Bifurcação
OPP	Pontos Obrigatórios de Passagem
POSPSI	Programa de Pós-graduação em Psicologia
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	**APRESENTAÇÃO**	17
1.1	A SEXUALIDADE COMO OBJETO DE ESTUDO	31
1.2	A ETNOPSICOLOGIA E AS NOÇÕES DE MULTIRREFERENCIALIDADE E INDEXICALIDADE	44
2	**UMA ETNOPSICOLOGIA DO AFETIVO-SEXUAL SOB O PONTO DE VISTA TEÓRICO**	49
2.1	O INTERACIONISMO SIMBÓLICO OU OS INTERACIONISTAS?	49
2.1.1	**Algumas palavras sobre o pragmatismo**	51
2.1.2	**Eixos teóricos do interacionismo simbólico**	55
2.1.3	**A metáfora dramatúrgica de Goffman**	60
2.2	ERVING GOFFMAN PARA PENSAR GÊNERO E SEXUALIDADE	68
2.2.1	**A roteirização do sexual na teoria dos *Scripts***	68
2.2.2	**A teoria da performatividade de gênero, aproximações**	71
2.3	A PSICOLOGIA CULTURAL E A TEORIA DO *SELF* DIALÓGICO	79
3	**UMA ETNOPSICOLOGIA DO AFETIVO-SEXUAL SOB O PONTO DE VISTA METODOLÓGICO**	107
3.1	A ENTREVISTA COMPREENSIVA E O TECIDO DA LEMBRANÇA	109
3.2	A ANÁLISE COMPREENSIVA	113
3.3	NOÇÕES TEMPO-INCLUSIVAS: TRAJETÓRIA E GERAÇÃO	116
3.3.1	**A noção de trajetória**	116
3.3.2	**A noção de geração**	121
3.3.2.1	A estratificação da experiência	124
3.4	OS/AS PARTICIPANTES DA PESQUISA, OS PROCEDIMENTOS E OS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO	126
3.5	CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DOS DOIS GRUPOS GERACIONAIS	127
3.6	O CAMPO DA PESQUISA OU O(S) CENÁRIO(S) DE ONDE FALAM OS ATORES SOCIAIS	128
4	**UMA ETNOPSICOLOGIA DAS PRIMEIRAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE AFETIVO-SEXUAL NA JUVENTUDE**	131

SUMÁRIO (continuação)

4.1 A PRIMEIRA VEZ, ANTES OU DEPOIS DO INGRESSO NA UNIVERSIDADE? 134

4.2 OS *SCRIPTS* SEXUAIS E AS CENAS DE PRIMEIRA VEZ 136

4.3 O CENÁRIO DA PRIMEIRA VEZ, O SEGREDO E A FAMÍLIA 155

4.4 PROSPECTIVAMENTE: "TRAJETÓRIAS EXPECTATIVADAS" E PRÁTICAS CONTRACEPTIVAS 162

4.5 RETROSPECTIVAMENTE: O APRENDIZADO OU A DINAMICIDADE DA SEXUALIDADE 173

4.6 A "PRIMEIRA VEZ": APROXIMAÇÕES E DISTÂNCIAS ENTRE OS GÊNEROS E AS GERAÇÕES 179

5 SOCIABILIDADES, CULTURAS UNIVERSITÁRIAS E MUDANÇAS NOS AFETOS .. 182

5.1 SOCIABILIDADES E SEXUALIDADES: UMA JANELA NA PAISAGEM UNIVERSITÁRIA 207

5.1.1 "Ando sempre e penso com mais de um": amigos e amores 209

5.1.2 "Abra um parêntese, eu não passo de um moleque do Brasil" 217

5.1.3 "Esse namorado, ele se juntou e somou ao grupo" 224

5.2 AMIGOS E AMORES: DOIS MUNDOS INTERLIGADOS NA EXPERIÊNCIA JUVENIL 230

6 SOB O *ETHOS* DO "INDIVIDUALISMO LIBERTÁRIO" DOS ANOS 60/70, POLÍTICAS DE SI 233

6.1 DE JOVEM A ESTUDANTE: "EU ERA DONA DE MEU NARIZ" 239

6.2 "ELE JÁ QUERIA CASAR, EU DIGO: 'PELO AMOR DE DEUS!'" 252

6.3 AINDA NO TOM DOS ANOS 60/70: "EU TINHA SEDE DE INDEPENDÊNCIA" 258

6.4 UMA HISTÓRIA EM TRÊS ATOS OU UMA EXPERIÊNCIA DRAMÁTICA DE RUPTURA 272

6.5 "O PRIMEIRO AMOR JÁ PASSOU, O SEGUNDO AMOR JÁ PASSOU..." 283

6.5.1 "Com Carol eu só estava, eu não estava só, eu não me sentia só" 286

6.5.2 "Depois que eu casei, se eu fiquei uns três anos solteiro foi muito" 288

6.6 "LIVRES JUNTOS", PORQUE "PARA SEMPRE" PODE SER MUITO TEMPO 293

6.6.1 As relações amorosas e sexuais nos anos 1960/1970 e a expansão do *self* 293

6.6.2 Eu-estudante: uma posição promotora nas trajetórias das mulheres de

SUMÁRIO (continuação)

	60/70	295
7	**NO RASTRO DA MODERNIDADE: MUDANÇAS NOS LAÇOS JUVENIS DE INTIMIDADE**	299
7.1	"BACANA, EU GOSTO DE FAZER SEXO, MAS CADÊ A AFETIVIDADE?"	300
7.2	"DECIDIMOS QUE ESTAMOS JUNTOS E É SÓ ISSO"	309
7.3	"PORQUE A GENTE TAVA VIVENDO UMA VIDA DE CASADO"	314
7.4	EXPERIMENTAÇÃO E/OU EXPERIÊNCIA? O TRAÇADO DAS TRAJETÓRIAS GERACIONAIS	324
8	**POR UMA ABORDAGEM *ETNO*PSICOLÓGICA DA INTIMIDADE, ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**	330
	REFERÊNCIAS	340
	APÊNDICES	366
	APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	366
	APÊNDICE B - Entrevista – Trajetória Afetivo-Sexual	368
	APÊNDICE C - Questionário Sociodemográfico	371
	APÊNDICE D – Quadro socioeconômico geral	377
	APÊNDICE E – Quadro socioeconômico individual	378

1 APRESENTAÇÃO

Desde o início de seu curso de vida, o ser humano demanda relações interpessoais de intimidade com outro parceiro humano. O contato com o outro humano lhe garante não apenas a sobrevivência física como a psicológica, pois que fornece a base segura (BOWLBY, 1990, 1997; ERIKSON, 1971, 1998; WINNICOTT, 1975) para que ele avance no processo de individualização. Na juventude, são especialmente os amigos e amores que permitem ao indivíduo essa experiência de intimidade que dá margem ao "projeto reflexivo do *self* e a segurança ontológica" (GIDDENS, 1991, 2001), ao tempo em que também garantem o espaço de autonomia que permite ao jovem fazer a passagem para a vida adulta.

É sobre as relações com o grupo de pares e as relações amorosas-sexuais que repousa a construção de uma esfera de vida privada na juventude, onde se busca manter uma certa distância do olhar, e do consequente controle parental (BOZON, 2002; BRANDÃO, 2003). Desde a modernidade, estas relações vêm assumido a forma de um "relacionamento puro" (GIDDENS, 1993, 2002), que pressupõe a mútua confiança entre os parceiros, e que supre a demanda de intimidade na juventude. Em estreita conexão, o mundo dos amigos e o dos amores muitas vezes se intersetam, provocando mudanças em uma ou outra direção, ou se confundem, diluindo ou borrando as fronteiras que sutilmente os separam, tal qual observam os estudos que tematizam sobre as aproximações e distâncias que são estabelecidas, em nossa cultura, entre a homossociabilidade e homossexualidade (FREUD, 1996; GANON; SIMON, 2004; MILKOLCI, 2012; SEDGWICH, 1985).

Contudo, como observa Franch (2010), embora seja consenso que na juventude estas duas esferas estejam intimamente ligadas, essa ligação estreita tem recebido pouca atenção da literatura científica brasileira e estrangeira[1], que se tem concentrado mais no papel da sexualidade nos processos de construção da autonomia[2], do que no papel que estas relações – de amizade e amorosas-sexuais – adquirem na garantia daquilo que tenho chamado, sob a inspiração de Giddens (1993, 2002), demanda de intimidade na juventude.

Interligadas, estas esferas sofrem transformações à medida que o indivíduo se desenvolve ou transita pelas diferentes etapas do curso da vida. Em geral, essas transformações são provocadas pela criação de novas esferas da experiência (ZITTOUN,

[1] As citações de literatura estrangeira apresentadas ao longo desta tese foram livremente traduzidas por mim.
[2] Cf. BRANDÃO, 2003; BOZON, 2004; HEILBORN, 2006; RAMOS, 2006.

2000) e pela consequente reconfiguração da rede de sociabilidade do indivíduo. As pesquisas no campo da sociabilidade observam que, de modo geral, ocorre, primeiramente, um aumento no número de contatos sociais com o avanço da idade, seguido de uma diminuição, entretanto, após o alcance dos 40 anos (FORSÈ, 1991). A juventude é uma etapa da vida em que essa rede de sociabilidade tende a aumentar, particularmente devido ao fato de que é nesse momento do curso da vida que o indivíduo experimenta uma série de inserções sociais que o expõe ao contato mais efetivo com outros sociais para além do círculo de afeto familiar.

A universidade é um desses contextos em que os jovens são chamados a participar, e no qual também são provocados a pensar e agir a partir de novos referenciais. Pesquisas sobre juventude e vida universitária apontam (ALMEIDA et al., 2006; COSTA; MACHADO; ALMEIDA, 1990), por exemplo, que a chegada à universidade implica reformular relacionamentos interpessoais e familiares, recompor sua rede de sociabilidade e estabelecer novas amizades, redefinir a posição de estudante, organizar e gerir tempos e atividades com maior autonomia.

Costa, Machado e Almeida (1990) observam que, para os estudantes de famílias de camadas sociais menos privilegiadas, o simples fato de entrarem numa escola de ensino superior lhes proporcionará novos grupos de pertença, reconfigurando, portanto, sua rede de sociabilidade e o seu círculo de amizades. Este fato resulta na inserção do jovem em novos e diferentes códigos de interpretação da realidade (LINS DE BARROS, 2004), a meu ver, com possíveis implicações para a esfera da vida afetivo-sexual, haja vista que na juventude nosso comportamento afetivo e sexual é amplamente influenciado por nossos pares.

Talvez o ingresso na universidade represente, para esta parcela da população jovem, não somente uma passagem mais intensa – se comparada com a escolarização de nível fundamental e médio – de uma sociabilidade interna para uma sociabilidade externa (FORSÉ, 2001; SIMMEL, 1997), mas, sobretudo, o ingresso em um campo de experiência cruzada de vida, contexto propício para a inauguração/produção de novas compreensões e comportamentos na esfera da experiência afetivo-sexual juvenil.

No campo das pesquisas sobre universidade, a sociabilidade é um tema relativamente comum; a sexualidade, entretanto, é uma “estranha no ninho”, ainda que os corpos e os espaços acadêmicos e culturais por onde estes corpos passeiam sejam, certamente, sexuados. Os estudos brasileiros nesse campo, inicialmente estimulados pela polêmica

discussão sobre as Ações Afirmativas e a Política de Cotas[3] nas universidades públicas, deram impulso à pesquisa sobre uma esfera da educação ainda pouco explorada no Brasil – a educação superior. Em função dessas mudanças, pesquisadores ligados ao campo da educação tomaram a universidade e a vida universitária como objeto de estudo. A partir deste importante momento histórico-social, opera-se uma transformação no posicionamento da pesquisa brasileira frente a esta esfera da educação. Entende-se que é necessário deixar de ver o *campus* universitário como campo para a operacionalização de outros interesses de pesquisa, para passar a vê-lo como "campo de pesquisa" (ALMEIDA FILHO, 2011, p. 11), com temas próprios e fecundos.

Esses estudos, especialmente preocupados com o que Coulon (2008) denomina "a condição de estudante", têm privilegiado temáticas que estabelecem uma aproximação desta "nova comunidade discente", transformada, como sublinha Almeida Filho (2011), pelas Ações Afirmativas. Um conjunto de trabalhos pode nos servir de exemplo de iniciativas brasileiras nesse sentido (ALMEIDA FILHO, 2013; CARNEIRO, 2011; PORTES; REIS, 2013; SOUSA, 2013). Para Naomar Almeida Filho (2013, p. 358), a universidade "falha como instrumento ou dispositivo de inclusão social. No sistema de reprodução social, age mais como uma promotora de desigualdade." Frente a este cenário de desigualdades, Ava Carneiro (2010) reconhece que a presença de estudantes de camadas populares nos cursos de "alto prestígio" se constitui uma exceção, e propõe a realização de uma pesquisa cujo intento estava em compreender como se dá e como estes novos estudantes vivenciam e significam sua permanência no interior da universidade. A autora destaca que, para o jovem de camada popular, a compreensão do "modo de ser da universidade e do modo de ser universitário [...]" (CARNEIRO; SAMPAIO, 2011, p. 68), pode ser mais demorada em função do desconhecimento do estudante e de sua família no que toca às rotinas acadêmicas.

Outra linha importante de estudos nesse campo envolve aquelas pesquisas cuja atenção está, primordialmente, na relação entre escolas de ensino médio e instituições de ensino superior, ou, mais especificamente, na passagem do Ensino Médio à Universidade. São exemplos de estudos desse tipo, o trabalho de Rosana Heringer (2013), que examina as percepções de estudantes do ensino médio de uma escola estadual situada no bairro Cidade de Deus, Rio de Janeiro, primeiro, quanto à possibilidade de ingresso na educação superior; segundo, quanto às estratégias desenhadas para este fim; e, terceiro, quanto às razões para

[3] Agora política de reserva de vagas.

uma possível falta de interesse nesta perspectiva. Os resultados sugerem que grande parte dos estudantes pesquisados não se percebe como potencial beneficiário das políticas de expansão da educação superior atualmente em curso no país, indicando a necessidade de uma aproximação maior entre universidade e escolas de ensino médio públicas.

Outro trabalho interessado nessa passagem é o de Ana Teixeira (2011), para quem, atravessar o tortuoso caminho do ensino médio público em direção ao ensino superior público significa, para a população juvenil menos privilegiada socioeconomicamente, lidar com as desigualdades socioeducacionais que se evidenciam nessa transição. Essas desigualdades, pontua a autora (2011), não são eliminadas com a entrada na universidade. Ao ingressar nesse novo cenário, elas são reescritas na trajetória escolar desses jovens quando precisam enfrentar as exigências institucionais e intelectuais mais complexas.

Os estudos estrangeiros, pioneiros na temática da democratização da educação superior, também focam questões relativas à vida estudantil, valorizando discussões sobre o capital cultural dos sujeitos que chegam à universidade e sobre as estratégias de afiliação que estes desenvolvem para se tornarem membros desse cenário. Um dos trabalhos mais conhecidos nesse campo é o de Alain Coulon (2008), resultado de uma longa pesquisa de campo na Universidade de Paris VIII, publicada em seu livro *Le métier d'étudiant. L'entrée dans la vie universitaire*, traduzido para o português em 2008, sob o título *"A Condição de Estudante. A entrada na vida universitária"*. [4]

Nesta obra, Coulon (2008) destaca duas importantes noções para pensar sobre a entrada na vida universitária: a noção de *passagem* e a de *afiliação*. Segundo o autor (2008), a passagem para o *status* de universitário pressupõe o domínio progressivo de mecanismos, e exige, ainda, ter realizado com sucesso certos ritos de afiliação. Esta, por sua vez, corresponde ao processo que conduz o estudante à condição de membro do contexto acadêmico, tornando-se capaz de agir a partir de seus códigos, seguindo suas regras para, a seguir, ter condições de contestá-las. Esse processo é descrito pelos jovens ingressantes como acontecendo em três tempos: o *tempo do estranhamento*, que corresponde ao confronto inicial com o contexto universitário, um mundo que ainda não lhe é familiar; o *tempo da aprendizagem*, fase em que o jovem se sente destituído de referências,

[4] Livro traduzido para o português por Sônia Sampaio e Georgina Santos, pesquisadoras e coordenadoras do Grupo de Pesquisa ao qual estou filiada e no qual esta pesquisa se insere, o Observatório da Vida Estudantil da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (OVE-UFBA/UFRB).

desestruturado frente ao “mundo novo” e precisa empreender o esforço do aprendizado a fim filiar-se à vida universitária; e o *tempo da afiliação*, quando o jovem sente-se fazendo parte daquele cenário, e é assim reconhecido pelos outros; é, como pontua o autor (2008), a fase da admissão.

O tempo da aprendizagem é, segundo Coulon (2008, p. 173), marcado pela aparição “de certo número de problemas psicológicos” que, mesmo não tendo sido o objeto principal do trabalho deste pesquisador, foram por ele abordados brevemente, na medida em que “participam, especialmente nessa fase, das condições que devem ser preenchidas para que o estudante realmente se afilie.” (COULON, 2008, p. 173). Um desses problemas diz respeito ao fato de que a universidade opera uma dispersão do círculo de amizades, e que os “mais frágeis” sofrem com isso. De acordo com Coulon (2008), com o ingresso na universidade, não há mais possibilidade de conversas íntimas e confidências no interior de um círculo restrito de classe, como ocorria no ensino médio. O pesquisador (2008, p. 175) observa que a aparência calorosa da universidade é enganadora, afirmando que “na universidade, estamos sós até que novos rostos estáveis apareçam, novas relações se teçam.” (COULON, 2008, p. 175). Coulon (2008, p. 178) assinala “que ter amigos, ‘falar com os outros’ são fatores de socialização, uma dimensão da afiliação.” Esta questão também se expressa nessa tese de doutoramento, em que a sexualidade aparece quase sempre conectada à sociabilidade, revelando a difícil dissociação entre duas esferas igualmente relevantes da experiência de vida juvenil, a saber: a esfera das relações de amizades e a esfera das relações amorosas e sexuais.

No posfácio do livro intitulado *Observatório da Vida Estudantil, primeiros estudos*[5], Alain Coulon (2011) sublinha que realizar pesquisas sistemáticas sobre a educação superior é “um caminho incontornável para acompanhar a orientação, formação e inserção profissional de todos os públicos estudantis.” (COULON, 2011, p. 268). Sobre as mudanças operadas nas últimas décadas no contexto da educação superior brasileira, ele afirma: “É necessário seguir e estudar as mudanças consideráveis que se produzirão ao longo dos próximos anos do desenvolvimento brasileiro.” (COULON, 2011, p. 268).

Neste primeiro livro do Observatório da Vida Estudantil, estão reunidos, além do rico prefácio de Naomar Almeida Filho e posfácio de Alain Coulon, relatos de pesquisas de

[5] Primeiro livro publicado pelo grupo de pesquisa Observatório da Vida Estudantil (OVE-UFBA/UFRB).

mestrado/doutorado concluídas em torno da "complexa e plural *etnopaisagem*" (ALMEIDA FILHO, 2011, p. 11) que é o *campus* universitário, além de pesquisas exploratórias sobre temas diversos e provocadores de novas possibilidades de investimento nesse campo. Dois textos, em particular, incluídos nessa última categoria, trazem contribuições importantes à discussão desenvolvida nessa tese. Eles dão destaque especial para a dimensão da sociabilidade e da afetividade na vida do jovem universitário, deixando claro, para os interessados nesse campo de estudo nascente no Brasil, que muitas perguntas ainda podem ser feitas sobre esse contexto, e que inúmeras dimensões ainda podem e devem ser exploradas.

O primeiro intitula-se *Precário, mas amoroso: Uma breve discussão sobre a interdição temporária do Espaço Raul Seixas.* O título já deixa margens para que nossa imaginação ganhe asas e alcance o domínio dos sentimentos. O texto expõe, ao tratar da interdição do pátio Raul Seixas, situado na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, em São Lázaro, a importância desse espaço de convivência na construção de redes de sociabilidade juvenil, facilitadoras do processo de afiliação à universidade. A partir do relato de três jovens que conheceram o espaço antes de sua interdição e que vivenciaram o seu fechamento temporário, os autores mostram que a afiliação do estudante não diz respeito apenas à relação com o saber, mas também à relação com o tempo e o espaço. Os autores desse interessante texto mostram que é preciso estar atento para o fato de que mudanças espaciais têm implicações para o cotidiano da universidade. O pátio Raul Seixas significava um importante espaço de convivialidade, e o seu fechamento foi considerado pelos jovens "como responsável pela substituição de uma atmosfera convivial e calorosa, por outra fria e impessoal [...]". Um dos jovens entrevistados por mim também faz referência a esse espaço em sua trajetória, lembrando de situações onde é possível notar o quão caloroso era esse espaço e o quanto ele possibilitava em termos de trocas afetivas e intelectuais.

O segundo, intitulado *Vida Afetivo-Amorosa e Vida Universitária*, tece reflexões sobre a dicotomia operada no seio das instituições de educação superior que, historicamente construídas em torno da racionalidade, tem buscado excluir desse contexto, obviamente, sem sucesso, a vida afetivo-emocional. Como Queiroz e Leite (2001, p. 135) observam, "apesar do discurso da racionalidade rezar a separação [...] entre a afetividade e os processos cognitivos, vários estudiosos (ARANTES, 2002; DAMÁSIO, 1996; FREIRE, 1991; WALLON, 2008) mostram que essas duas dimensões da vida humana se influenciam mutuamente." As

autoras (2001) destacam que a narrativa dos estudantes aponta para o fato de que a vida amorosa interfere na vida universitária, seja pela sua presença, seja pela sua ausência, influenciando não só o rendimento acadêmico como a participação nas atividades universitárias. Segundo as autoras (2011), os sentimentos e conflitos resultantes da percepção da priorização da racionalidade na vida universitária têm prejuízos para a vida afetivo-amorosa e para o desempenho acadêmico, e parece ganhar um peso adicional para os estudantes de orientação sexual homoafetiva (QUEIROZ; LEITE, 2011).

É também neste primeiro livro do OVE que apresento, em parceria com Sônia Sampaio, parte dos resultados de minha pesquisa de mestrado, em texto intitulado *Mães e Universitárias, transitando para a vida adulta*. Neste, procuramos mostrar que pensar a permanência exige a compreensão simultânea de que a entrada na universidade coincide com um conjunto de processos relativos à transição do jovem para a vida adulta. Ressaltamos que, tradicionalmente, o processo de transição para a vida adulta inicia-se com o fim dos estudos e conclui-se com a chegada dos filhos, linearmente. Contudo hoje, esse processo tem sido marcado, como pontuam pesquisadores brasileiros (CAMARANO, 2006) e estrangeiros (GALLAND, 2000, 2009; PAIS, 2005), por descontinuidades, rupturas, reversibilidade e simultaneidade de eventos de transição. As jovens universitárias que se tornam mães no percurso da formação acadêmica se encaixam nessa última categoria. Vivem, simultaneamente, a experiência de tornar-se universitária e tornar-se mãe, experiência que visibiliza a distância ou o descompasso que se observa hoje, como sugere Camarano (2006), entre o exercício da sexualidade na juventude, a "antecipação da maternidade", e a conquista da independência e entrada na vida adulta, que vem sendo postergada em função do prolongamento do tempo passado na escola, dentre outros fatores. Sublinho que na trajetória das quatro jovens entrevistadas na pesquisa, a gravidez é um evento imprevisto, experienciado com surpresa, conflitos e com sentimentos ambíguos, que mesclam medo e felicidade, tristeza e contentamento.

Ainda no contexto brasileiro, outra pesquisa, agora fora dos limites do Observatório da Vida Estudantil, desta se aproxima ao pretender acompanhar a trajetória de estudantes do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Esta pesquisa revela que, se, antes de entrar na universidade, prevalecia um sistema de valores em que o modelo de mulher e de vida era casar e ter filhos, depois de um tempo, o casamento passa a ser uma alternativa, mas a maternidade pode ser adiada para um momento da vida em que a

carreira profissional já esteja garantida. Essa redefinição de papéis e a abertura para projetos de vida que não eram colocados como possíveis para a geração de suas mães, têm, nestas últimas, total apoio. As mães, inclusive, redimensionam as tarefas domésticas, sobrecarregando-se, a fim de ajudar as filhas em seus projetos formativos, embora os homens da casa sejam poupados dessa revisão da divisão do trabalho doméstico. Assim, as mães são verdadeiras parceiras, com quem elas conversam muito, mas com quem não dividem assuntos relativos a namoros e experiências sexuais (LINS DE BARROS, 2004). Embora a pesquisa de Lins de Barros (2004) não tenha como objetivo central o estudo das trajetórias afetivo-sexuais das universitárias, forneceu pistas importantes para esta tese, alguns de cujos resultados entram em ressonância com os trabalhos da autora citada.

Ademais, o fato é que "o corpo e seus prazeres", lembrando aqui Foucault (2009a, 2009b), parecem ter, nesse cenário, um papel apenas figurativo. Digo figurativo porque, na verdade, o corpo deve apresentar-se sob uma determinada figura. Isso, é claro, após ter sido efetuado sobre ele um árduo processo de docilização (FOUCAULT, 1987), ou, como propõe Guacira Louro (2007), uma pedagogia do corpo, que pressupõe um trabalho de disciplinamento e conformação às normas socialmente impostas, cujas origens remontam à infância e à trajetória de escolarização dos atores sociais.

Os corpos, "conformados", mas nem tanto, como veremos, chegam ao cenário da universidade, à educação superior, e tal como fizemos quando estes ainda estavam em sua infância (que queríamos marcada pela ingenuidade), permanecemos fazendo de conta que eles são assexuados. O corpo, seus afetos e seus prazeres é, para a instituição educativa de um modo geral (LOURO, 2007), para a universidade em particular, e para os Estudos sobre Universidade, um ponto cego. É sobre este ponto que desejo falar nesta tese, assumindo os riscos de trabalhar num campo que, para além de inabitado pelos pesquisadores do Grupo de Pesquisa ao qual estou filiada, é, também, um campo minado, palco de disputas políticas (GIDDENS, 1993; HEILBORN; BRANDÃO, 1999; VANCE, 1995). Devo dizer que não tinha consciência disso desde o início, somente o tempo e o estudo me permitiram ver a dimensão de meu desafio.

Esta tese, vinculada aos estudos desenvolvidos no Observatório da Vida Estudantil OVE-UFBA/UFRB, situa-se numa posição de fronteira entre os estudos psicológicos, sociológicos e antropológicos, e propõe uma etnopsicologia da intimidade afetivo-sexual. A partir desse campo fronteiriço foram formuladas três questões de pesquisa, questões que

buscavam compreender os processos psicológicos de mudança que acompanham as trajetórias amorosas e sexuais dos atores sociais em tempos de juventude, sem negligenciar os contextos ou cenários em que estas são produzidas, nesse caso específico: o cenário atual (representado pelo grupo geracional mais novo – de universitários/as das primeiras décadas dos anos 2000, com faixa etária entre 19 e 29 anos de idade) e o cenário dos anos 1960/1970 (representado pelo grupo geracional mais velho, com faixa etária entre 56 e 65 anos de idade na ocasião da entrevista, e que viveu a juventude e a vida universitária em tempos de ditadura militar e "revolução sexual"). A instituição em que a pesquisa se realizou foi a Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde ambos os grupos geracionais viveram parte de sua juventude, na condição de estudantes.

Isto posto, apresento, então, as questões: 1) Quais significados são construídos em torno das primeiras experiências amorosas e sexuais, e sob quais condições psicológicas e sociais estas experiências se tornam possíveis conforme seja a posição geracional e de gênero dos sujeitos? 2) Que tipo de cenas, interações e *self positioning* se produzem na esfera das relações amorosas e sexuais ao longo das diferentes trajetórias pessoais e geracionais, confirmando a norma prescritiva ou mostrando suas fissuras? 3) Quais são os elementos psicossociais que funcionam como propulsores ou catalisadores semióticos desses processos de *positioning* e *(re)positioning* exigidos dos jovens, quando, por ocasião do ingresso na universidade (ou de outra experiência marcante de vida) experienciam uma ruptura-transição em seus sistemas de significados relativos à esfera da vida afetivo-sexual?

Sobre esta última questão, vale sublinhar, inspirada nas contribuições de Coulon (2008), que o ingresso na universidade pode se constituir em um *turning point ou rupture point* (ZITTOUN, 2009) na trajetória juvenil, provocando, simultaneamente: ruptura com o ambiente familiar, do qual o jovem afasta-se, em alguns casos, ao longo de todo o dia e semana, em outros, mais extremos, ao longo de todo o semestre ou ano letivo, como no caso dos jovens que são originários do interior do estado e que, ao ingressar na universidade, precisam vir morar na capital (LOPEZ, 2011), ou quando o jovem precisa ir para uma cidade no interior de seu estado de origem ou mesmo para outro estado brasileiro, como passa a acorrer agora que o ingresso em Universidades Públicas Brasileiras como a UFBA passa a se dar via Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); ruptura com o modo de vida, também em decorrência desse processo de deslocamento ou, usando as palavras de Guatarri e Rolnik (2011), de desterritorialização; ruptura com amigos, que antes estavam mais concentrados

num universo mais restrito e possivelmente menos diverso, como apontam as pesquisas portuguesas (COSTA; MACHADO; ALMEIDA, 1990; GURREIRO; ABRANTES, 2007); ruptura com o colégio, sua pedagogia e modo de acompanhamento da vida estudantil; ruptura com o tipo de relações com as quais os/as jovens estavam habituadas, pois embora na universidade seja possível conhecer um grande número de pessoas, é preciso tempo para definir as situações com eficiência, e encontrar novos grupos de pertença e modos de relação possíveis; e eu acrescentaria à lista de Coulon (2008), ruptura com concepções, práticas e projetos ligados à esfera das relações amorosas e sexuais, fortemente relacionada, como esta tese sugere, à recomposição do círculo de amizades do jovem ingressante, também decorrente, ao menos em parte, do surgimento dessa nova esfera da experiência (ZITTOUN, 2012; ZITTOUN; GROSSEN, 2000) na trajetória de vida juvenil: a esfera da vida universitária.

Voltando às pesquisas estrangeiras, vale mencionar os estudos portugueses, cujas contribuições são evidentes, primeiro, no que toca à pertinente discussão que aponta tanto para a expansão do ensino superior quanto para a precarização do mundo do trabalho juvenil (GURREIRO; ABRANTES, 2007); segundo, para um movimento de redefinição no domínio da sociabilidade juvenil por ocasião do ingresso na universidade (ALMEIDA et al., 2006; COSTA et al., 1990). Costa e colaboradores (1990), por exemplo, observam que, com a entrada na universidade, as redes de sociabilidade tendem a sofrer reformulações, e os modos de vida gerados pela convivência universitária parecem prevalecer sobre a importância da socialização primária. Isto ocorre porque da universidade (como de outras instituições de ensino) se pode esperar que aproxime aqueles que a frequentam, numa fase do curso de vida fortemente propícia para fazer amigos.

Por todos estes motivos é que, embora nenhuma das questões de pesquisa se relacione diretamente à amizade, pois que desde o início meu objeto de estudo sempre foi as trajetórias amorosas e sexuais, é possível notar que, desde o título, esta esfera da experiência de vida juvenil ganha destaque. Isto porque, ao longo de todo o processo de produção de dados, ela se impõe como uma parceira da esfera da sexualidade, revelando a impossibilidade de falar de trajetórias amorosas e sexuais na juventude sem falar de sociabilidade e amizade, esferas da experiência de vida juvenil em estreita conexão.

A tomada de consciência da relação entre a esfera da sociabilidade e a esfera da sexualidade foi exigindo de mim uma franca entrada no campo dos saberes socioantropológicos, que coincidiu com a minha chegada ao Instituto de Sociologia da

Universidade de Lisboa para a realização de um doutorado sanduíche, orientado pelo professor José Machado Pais, sociólogo português e autor de várias obras reconhecidamente importantes em torno da temática da juventude, cuja influência sobre o meu trabalho é notável. Nesta ocasião, entrei em contato com uma ampla literatura do campo da sociologia, que permitiu a compreensão de dados pouco inteligíveis se interpretados apenas a partir da perspectiva psicológica. Autores como Giddens (1991, 1993, 2002), Singly (2000, 2003, 2007) e Plummer (2003), cujos escritos giram em torno da temática das transformações das relações de intimidade desde a modernidade, além de Simmel (1977, 1981) e Forsé (2001), que tratam das relações de sociabilidade, e Bidart (1997) e Giner (1995), que focalizam particularmente as relações de amizade, foram fundamentais no trabalho de interpretação dos dados, que a essa altura já se encontrava em curso. É verdade que vários autores no campo da psicologia e, em especial, da psicanálise, abordaram amplamente a demanda humana de intimidade, porém, poucos avançaram para além da infância e adolescência, deixando lacunas quanto à compreensão dessa dimensão da vida em outras etapas do desenvolvimento humano. Não tive dúvidas de que precisaria articular aos "saberes psi", outros saberes igualmente relevantes para a compreensão de um objeto de estudo que, sob o meu ponto de vista, era de uma complexidade[6] irredutível à explicação estritamente disciplinar.

Seguindo as pistas de pesquisadores como Ardoino (1998, 2000), Martins (1998, 2000), Burnham (1993), todos interessados na especificidade do estudo no campo das ciências humanas e sociais, desenvolvi uma proposição teórico-metodológica, cuja formulação inicial é de autoria de Sônia Sampaio, que orientou este trabalho. Tendo vivido parte importante de sua carreira acadêmica em contato intenso com a Université Paris 8, considerada como uma espécie de celeiro de inovações, sobretudo epistemológicas, conviveu com Jacques Ardoino, George Lapassade, Hemi Hess, Alain Coulon e René Barbier, eméritos professores responsáveis por uma interlocução com o Brasil, desde os anos 1990, e que resulta na formação de pesquisadores que darão continuidade à tradição reformista

[6] De acordo com Morin (1999, p. 176), "[…] se tentarmos pensar no fato de que somos seres ao mesmo tempo físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais, é evidente que a ambição da complexidade é aquilo que tenta conceber a articulação, a identidade, e a diferença de todos estes aspectos, enquanto o pensamento simplificante separa esses diferentes aspectos, ou unifica-os por uma redução mutilante. Portanto, nesse sentido, é evidente que a ambição da complexidade é prestar contas das articulações despedaçadas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento."

dessa universidade de vanguarda[7]. De retorno ao Brasil, após concluir um primeiro estágio com duração de um ano, participa da criação do Programa de Pós-graduação em Psicologia (POSPSI) e inicia um trabalho voltado para pesquisa com uma base fortemente arraigada na antropologia e nas microssociologias. Refiro-me à Abordagem Etnopsicológica, herdeira tanto dos estudos interacionistas, particularmente daqueles desenvolvidos pela segunda Escola de Chicago (e mais tarde reconhecidos sob a denominação de Interacionismo Simbólico), quanto das práticas de pesquisa de tipo etnográfico, cujo foco está nas particularidades indexicais das falas dos sujeitos, na compreensão das trilhas interpretativas que estes põem em ação para atuar no seio de sua cultura. O nome "etnopsicologia" para designar trabalhos com foco no mundo dos atores sociais e desenhados a partir da perspectiva qualitativa é utilizado inicialmente por Sônia Sampaio, com a intenção de responder à demanda de leitura da complexidade exigida quando o/a pesquisador/a da psicologia (ou de áreas afins) deseja debruçar-se sobre fenômenos antropossociais (ARDOINO, 1998, 2000). Tomando-o de empréstimo, proponho uma etnopsicologia da intimidade afetivo-sexual.

Entendida como uma das alternativas possíveis de abordagem no campo das ciências sociais e humanas, esta abordagem tem em seu cerne a noção de multirreferencialidade, o que permite ao/à pesquisador/a conjugar aos estudos interacionistas e à prática etnográfica, distintas referências ou referentes, cada um deles funcionando como se fosse o limite do outro, dada a limitação recíproca dos diferentes campos disciplinares (BURNHAM, 1993).

A ideia não é o domínio do objeto, seja pela via da monorreferencialidade, seja pela via da multirreferencialidade. Trata-se de evitar ceder a uma simplificação de fenômenos inscritos no âmbito do humano e social, onde nenhuma redução é possível. É preciso lembrar que o simples exclui o complicado, o incerto, o ambíguo, o contraditório, ou seja, tudo aquilo que caracteriza a experiência humana e que se mostra ao/à pesquisador/a no momento em que este/a não consegue reduzir esta complexidade aos seus esquemas disciplinares. A complexidade se manifestará primeiro, pois, para este observador, sob a

[7] Essa universidade francesa, criada como um centro experimental em Vincennes, região próxima a Paris, é resultado direto do movimento de maio de 1968 e teve como missão ser um espaço multicultural e interdisciplinar, com foco em uma pedagogia negociada entre professores e estudantes, aberta aos trabalhadores, às mulheres com filhos pequenos e os que não conseguiram concluir com sucesso o ensino médio. Desde o seu projeto e instalação sua vocação são as ciências humanas e sociais, as artes e o questionamento consistente da própria instituição universitária. Em 1980 é construída uma nova sede em St. Denis, região de Île de France, onde está instalada até o presente.

forma de obscuridade, de incerteza, de ambiguidade, de desordem, de multiplicidade, de complicação (no sentido de um número incalculável de interações) e até de paradoxo e contradição (MORIN, 1999), exigindo do/a pesquisador/a uma leitura multirreferencial. Isto porque, "[...] o problema da complexidade não é o da completude, mas o da incompletude do conhecimento." (MORIN, 1999, p. 176).

Foi sobre essa complexidade que decidi me debruçar nesta tese, aceitando (não sem conflitos, angústias e incertezas) as contradições, ambiguidades, obscuridades que foram surgindo no caminho, e que são constitutivas de todo trabalho que pretende tematizar a sexualidade – uma esfera da experiência de vida juvenil que, independentemente da geração estudada, mostrou-se extremamente sensível aos contextos e às amizades neles tecidas, isso tanto para os/as jovens universitários/as heterossexuais de camada média quanto para os de camada popular. Esta relação não se faz ver, obviamente, em todo grupo juvenil, como sublinha Pelúcio (2009) em sua pesquisa com as travestis. Segundo Pelúcio (2009), nas relações amorosas envolvendo travestis jovens, observa-se justamente o oposto do que ocorre com jovens heterossexuais: "Nada de encontro cercado de amigos, flerts em bares, passeios de mãos dadas em *shoppings*, saídas para jantares ou reuniões em casa de parentes." (PELÚCIO, 2009, p. 77). A trajetória de vida e tempo de consolidação dos laços e dos compromissos destas jovens se distingue daquele que se observa na experiência de jovens heterossexuais[8] e de classe média.

Ao longo de toda a tese, de um lado, mantive a intenção de situar as trajetórias afetivo-sexuais dos/as jovens e os processos psicológicos de mudança a estas integrados, nos cenários onde ou a partir dos quais estes desenvolvem suas *performances* cotidianas e, sobretudo, suas performances amorosas e sexuais. A ideia é não ceder à tentação psicologizante de tratá-las como meros efeitos de uma consciência individual, antes, de reconhecê-las como produto da relação indissolúvel Eu-Outro-Outro generalizado (CUNHA, 2007; MARKOVÁ, 2003); de outro, estive preocupada em destacar que estas performances se desenham e se transformam no decurso de uma cena amorosa e sexual, de um

[8] Nessa pesquisa não tínhamos a orientação sexual como critério para inclusão/exclusão de participantes. Os sujeitos da geração mais nova foram convidados a partir do critério idade (entre 19 e 29 anos) e proximidade em relação ao prazo final de conclusão do curso (deveriam estar, no mínimo, no 7º semestre de qualquer curso de graduação da UFBA, ou ter concluído recentemente a graduação nesta mesma Instituição de educação superior). Os sujeitos da geração mais velha deveriam ter entre 56 e 65 anos de idade na ocasião da entrevista, e ter experienciado a vida universitária nos anos 1960/1970.

relacionamento, ou no curso das trajetórias individuais e geracionais, como resultado de um processo interpretativo e não simplesmente assimilativo das normas sociais que regulam os "corpos sexuados" (BUTLER, 2007), ou seja, evitando tratá-las como meros efeitos da determinação de normas socioculturais impostas, antes como produto de complexos processos interativos e dialógicos mediados por signos culturais (HERMANS; SALGADO, 2005; VALSINER, 2012). Partimos do pressuposto de que interpessoalidade e intrapessoalidade se constituem em dois campos não somente dinâmicos como interdependentes, formando, juntos, o complexo campo da existência humana sob a mediação de signos. A intenção de compreender, pois, a esfera das relações amorosas e sexuais, deve envolver, da parte do/a pesquisador/a, um duplo esforço, o de apresentá-la, no mínimo, por meio de duas perspectivas: do ponto de vista dos diálogos interpessoais, e do ponto de vista dos diálogos intrapessoais. É o que procuraremos fazer nessa tese.

A tese divide-se em quatro grandes partes. A primeira tem por objetivo apresentar: 1) a temática da pesquisa, bem como o meu percurso, enquanto pesquisadora, até chegar à proposta de uma etnopsicologia da intimidade afetivo-sexual; 2) o objeto de estudo a que me propus estudar – a sexualidade – fazendo uma retrospectiva histórica do modo de fazer pesquisa em torno desta temática; 3) a etnopsicologia e sua relação com a noção de indexicalidade e, principalmente, com o pensamento multirreferencial. A segunda apresenta a etnopsicologia tanto do ponto de vista teórico quanto do ponto de vista metodológico. Nesta parte, procuro, de um lado, apresentar e articular teorias como o interacionismo simbólico (particularmente, a teoria dramatúrgica de Goffman), a teoria dos *scripts* sexuais, e a teoria da performatividade de gênero, a fim de oferecer uma leitura das trajetórias da perspectiva dos diálogos interpessoais, além de teorias do campo psicológico, tais como a psicologia cultural e a teoria do *self* dialógico, a fim de fornecer uma leitura das trajetórias da perspectiva dos diálogos intrapessoais; de outro, explicitar os princípios e métodos de produção de dados envolvidos numa pesquisa de tipo etnográfica, tal como a pesquisa *etno*psicológica – momento em que apresento: 1) o modelo compreensivo de entrevista no que toca à realização e análise do material colhido em campo; 2) a noção de trajetória e de geração, categorias de análise que, junto à noção de gênero (esta última explorada quando apresento a teoria da performatividade de gênero), orientam e permeiam toda a escritura da tese. A terceira parte apresenta o trabalho de análise compreensiva e multirreferencial dos dados, organizado em torno de quatro grandes capítulos temáticos: *Uma Etnopsicologia das*

primeiras relações de intimidade afetivo-sexual na juventude; *Sociabilidades, culturas universitárias e mudanças nos afetos*; *Sob o ethos do "individualismo libertário" dos anos 60/70, políticas de si*; *No rastro da modernidade: mudanças nos laços juvenis de intimidade*. Ao final de cada um desses capítulos temáticos, apresento uma síntese intermediária, onde constam algumas notas, mais indicativas que conclusivas, acerca do tema em discussão. O intuito é apontar alguns dos principais achados da pesquisa no curso do próprio processo de discussão dos dados, e não somente ao final deste. Por fim, na quarta e última parte, desenvolvo uma análise retrospectiva e prospectiva da proposta lançada nesta tese, ou seja, da *etnopsicologia da intimidade* como forma de abordagem ao afetivo-sexual.

1.1 A SEXUALIDADE COMO OBJETO DE ESTUDO

Poderíamos dizer que a história dos estudos em torno da sexualidade é a história da tensão contínua entre dois polos opostos: o essencialismo fisicalista e os simbolismos mais absolutos, tais como o que tem expressão no construcionismo radical (DUARTE, 2004; HEILBORN; BRANDÃO, 1999). Compreender essa história de forma crítica, como sugere Duarte (1999), inspirado particularmente nas obras de Schivelbusch (1993), Campbell (1995) e Foucault (2009), exige um olhar cuidadoso para um dispositivo que surge entre os séculos XVII e XVIII, no mesmo momento histórico em que Foucault (2009) localiza o "dispositivo da sexualidade". Trata-se do "dispositivo da sensibilidade", que envolve, no mínimo, a articulação de três aspectos ou temas, presentes desde aquele momento sob as figuras contemporâneas da sexualidade, a saber: a perfectibilidade, a experiência, e o fisicalismo.

Segundo Duarte (2004), o primeiro tema, o da perfectibilidade, relaciona-se à ideia presente na obra de Rousseau (1975), de que a espécie humana, que acabava de sair do manto da totalidade religiosa, é dotada da capacidade de se aperfeiçoar indefinidamente, ou seja, de progredir. A perfectibilidade implica o uso sistemático da razão, mecanismo de verdade que se encontra no interior dos sujeitos, para o avanço do ser humano. O segundo tema, da preeminência da experiência, indica que essa perfectibilidade só pode ser desencadeada através da experiência, o que significa dizer, da relação dos seres humanos com o mundo exterior. A "razão humana só viceja através do contato dos sujeitos com o mundo propiciado pelos 'sentidos'" (DUARTE, 1999, p. 25). Segundo Duarte (1999), essa preeminência da experiência explícita na corrente filosófica chamada de empirismo, sustenta

diversos desenvolvimentos posteriores, tais como o cientificismo, o pragmatismo, o positivismo e, também, o romantismo, pensamento que habitualmente se considera como distante do empirismo. Essa última influência (romântica) se deu através de um movimento histórico extremamente importante, conhecido como sentimentalismo inglês do século XVIII. Instituiu-se, a partir daí, que os sentidos estão na raiz da razão, da imaginação, das emoções e das paixões (DUARTE, 1999). O terceiro tema é o do fisicalismo, que completa, como sublinha o autor (1999), esse quadro de aproximação entre as formas modernas de sexualidade e da sensibilidade. O fisicalismo, enquanto teoria da pessoa, opera uma verdadeira revolução cosmológica, separando radicalmente o corpo do espírito (tal como sucede na filosofia de Descartes), graças ao que, se passa a considerar o corpo humano como dotado de uma lógica própria. "Na verdade, é a consideração da corporalidade em si, como dimensão autoexplicativa do humano, que se pode chamar de fisicalismo [...]" (DUARTE, 1999, p. 25). Esse fisicalismo tem algumas consequências graves para a concepção de funcionamento do corpo e para a compreensão da sexualidade. Temos, nessa esteira, o surgimento da fisiologia, que atinge seu apogeu com a descrição científica e ideológica do sistema nervoso, uma crucial invenção do século XVIII. Os nervos são dotados de excitabilidade, irritabilidade e sensibilidade, mas, "fundamentalmente de sensibilidade, e é em torno dessa sensibilidade que se articula a passagem da linguagem 'científica' dos nervos para a linguagem moral, estética, psicológica das emoções sensíveis [...]" (DUARTE, 1999, p. 26).

É a partir deste "universo maior de significação, que há muito se desenrola no interior de nossa cultura [...]" (DUARTE, 1999, p.23), que conseguimos distinguir no campo das pesquisas sobre sexualidade, desde fins do século XIX, aquela tensão contínua da qual falávamos, entre a via universalista, fisicalista, biomédica, e a via romântica, simbolizante, psicossociológica, bem como podemos identificar o "peso ideológico dos valores do 'prazer' e da 'interioridade'[...]", além de uma dimensão de crucialidade (DUARTE, 2004, p. 41). Esses elementos podem ser notados na obra de autores como Krafft-Ebing (1965), autor de *Psychopatia Sexualis* e porta-voz eminente do fisicalismo médico-psiquiátrico de seu tempo; e Freud[9], autor de um conjunto de obras em torno da constituição do sujeito sexuado, que pendulam do universalismo ao romantismo (DUARTE, 2004; RUSSO, 2004), da crítica à normalização (LOUREIRO, 2004). Segundo Duarte (2004, p. 52), ambos os autores, Krafft-

9 O conjunto de obras de Freud está compreendido entre o final do século XIX e o início do século XX.

Ebing (1965) e Freud (1977), situam a sexualidade tanto na raiz do melhor como do pior desempenho subjetivo. Existe, porém, um ponto em que este último se afasta radicalmente do primeiro e de outros estudos de seu tempo, e que, como sublinha Duarte (2004), é a fortuna crítica de sua proposta: "a sexualidade é", em Freud, "desnaturalizada, concebida como uma força psíquica *sui generis*, inassimilável à representação biomédica, fisicalista, dos 'instintos' e 'funções' orgânicas [...]" (DUARTE, 2004, p. 53, grifo do autor).

Para autores como Duarte (2004) e Loureiro (2004), é possível reconhecer em Freud uma combinação complexa entre o universalismo (e o fisicalismo intrínseco a um neurologista de formação) e o romantismo, que se define pelo "movimento de rejeição, recusa, denúncia ou desafio ao universalismo/racionalismo/fisicalismo essencial ao exercício cognitivo da ideologia individualista desde o século XVIII" (DUARTE, 2004, p. 48). Foi esta última influência que contribuiu para confirmar as conotações de crucialidade da sexualidade no humano (tanto no sentido positivo quanto no negativo), colaborando para a ênfase na interioridade, que caracterizará a modernidade.

Russo (2004, p. 97) faz uma leitura semelhante à Duarte (2004) e Loureiro (2004), considerando que "é nessa zona de interstício entre a fisicalidade e a moral (individual e social) que se produziu a 'sexualidade' como núcleo constitutivo do sujeito" e como objeto de estudo. Segundo a pesquisadora, a sexualidade tem sido tematizada, principalmente, por meio de duas vias: a da interiorização e a da fisicalização. Sublinha que foi no interior desta segunda via que surgiram e se desenvolveram, em fins do século XIX, os saberes científicos, mais particularmente, a biomedicina. E foi, sobretudo, a psiquiatria a especialidade que mais se debruçou sobre o tema da sexualidade. Nesse contexto, "se passou do julgamento de práticas consideradas lícitas ou ilícitas (como a sodomia) para o julgamento de sujeitos considerados normais ou anormais (como o 'homossexual' da época)[...]" (RUSSO, 2004, p. 97), sobre o pressuposto de uma identidade fixa e estável, construção discursiva (FOUCAULT, 1988) que vem sendo problematizada por muitos teóricos construcionistas, e mais recentemente (e, a meu ver, com maior ousadia), pelos teóricos queer, que desafiam as ciências sociais e humanas a pensar em identidades a partir da ideia de provisoriedade e instabilidade, propondo uma análise da sexualidade atenta aos processos normalizadores, que produzem, simultaneamente, o hegemônico e os considerados "desviantes", os subalternos (MISKOLCI, 2009), proposição sobre a qual nos deteremos mais adiante. Antes, porém, nos interessa desenhar os caminhos pelos quais a pesquisa em torno da sexualidade

percorreu, antes que pudesse pensar em fazer, como sugerem os teóricos *queer*, contemporaneamente, a passagem de uma perspectiva essencialista e mesmo construtivista da sexualidade, para uma perspectiva desconstrutivista. Voltemos, então, a Gagnon (2006).

Segundo este teórico, "o interesse douto pelo papel da sexualidade na vida humana tem uma história relativamente curta, que mal chega a um século [...]" (GAGNON, 2006, p. 79). Ele refere-se ao fato de que foi entre o fim do século XIX e o início do XX que houve, especialmente na Europa, um grande movimento cultural nos modelos médico-científicos que questionou os cânones e crenças até então vigentes em torno da sexualidade. Foi nessa ocasião que os trabalhos de Ellis (1932), na Inglaterra, e de Freud (1975), no continente Europeu, começaram a aparecer sob a forma impressa (GAGNON, 2006), motivo pelo qual se torna necessário apresentar aqui, ainda que de forma sucinta, onde a história desses dois saberes (a psicanálise e a psiquiatria) se tocam.

> No final do século XIX, brota um enorme interesse pelas chamadas 'sexualidades periféricas'. O homossexual será o alvo de uma investigação detalhada e minuciosa por parte da sexologia alemã. Em 1869, o médico húngaro, Karl Maria Kertbeny forjou o termo da homossexualidade e lutou pela abolição da velha lei prussiana contra a homossexualidade. Na mesma época, o magistrado Karl Heinrich Ulrichs, homossexual, faz a distinção entre "uranista" e "pederasta". Inicia-se sutilmente a problemática da identidade. É fundamentando-se nesse paradigma que o psiquiatra Westphal, em 1870, adota o termo "sensibilidade sexual contrária". A partir da definição da "inversão sexual" forjada por Havelock Ellis, Freud inicia seus estudos sobre as aberrações sexuais. (VIEIRA, 2009, p. 496).

Essa citação de Vieira nos permite visualizar o contexto histórico de surgimento da teoria psicanalítica, um contexto marcado pela produção de um discurso normalizador, que tem na figura do homossexual, enquanto categoria identitária, a sua referência. Esta questão será amplamente explorada por Michel Foucault (1988) e Jeffrey Weeks (2007). É a partir dessa figura que se constrói a heterossexualidade enquanto norma, ao tempo em que todas as demais formas de expressão da sexualidade são tomadas, senão como patológicas, ao menos como desvios ou inversões, como, em certa medida, acaba por fazer a psicanálise. Embora seja possível reconhecer em Freud um esforço para eliminar a marca patogênica associada (em seu tempo e ainda hoje) à homossexualidade e ao então homossexual (VIEIRA, 2009), não podemos negar os efeitos dos saberes psiquiátricos em sua construção teórica acerca da sexualidade, e, particularmente, da homossexualidade. Sobre este último tema, é possível afirmar, como o faz Loureiro (2004), que sua obra comporta, de um lado, uma

concepção potencialmente “normalizante”, de outro, uma crítica e recusa aos excessos de repressão sexual impostos pela sociedade de seu tempo.

> [...] salta aos olhos que tal configuração (até 1910, denominada por Freud de “inversão”) seja referida como uma forma “imatura”, pouco ou insuficientemente desenvolvida de sexualidade; parece haver, ainda que implícita, uma norma em relação à qual a homossexualidade é “outra”, ou “a menos”, ou “não ainda”. Por outro lado, muitas declarações de Freud testemunham uma compreensão acurada do assunto: multiplicidade de configurações reunidas sob o termo “homossexualidade”; apenas um destino possível, entre outros, da sexualidade; necessidade de tolerância social (como atesta a célebre carta enviada à mãe de um homossexual norte-americano) (cf. Costa, 1995:255); reconhecimento do caráter cultural das formas de lidar com homossexualidade; recusa da “conversão à heterossexualidade”como objetivo clínico […] (LOUREIRO, 2004, p. 89-90).

Mas se é possível perceber a influência da psiquiatria e da sexologia sobre a psicanálise – de tal sorte que esta costuma ser definida como a sexologia que deu certo (DUARTE, 2004), não podemos deixar de ver que a grande difusão da teoria freudiana no meio psiquiátrico representou, num momento posterior, uma passagem ou “guinada”, como sugere Russo (2004), de uma concepção fisicalista das desordens mentais relacionadas à sexualidade, para uma concepção psicológica, efeito do processo de interiorização. A autora adverte, contudo, que “essa difusão se verificou especialmente em países como Estados Unidos e França, em momentos diferentes, daí se difundindo para países periféricos como o Brasil.” (RUSSO, 2004, p. 98).

Segundo Loureiro (2004), é, em especial, em *Três Ensaios para uma teoria sexual* (1996), que estão mais claramente indicados os pontos de contato e ruptura com a psiquiatria e a sexologia da época, a exemplo de sua declarada recusa à tese da degenerescência para explicar as perversões. É também nesse escrito, referência central para o estudo do conceito de *triebe* (pulsão) ou pulsão sexual, “[...] termo forjado exatamente para dar conta do caráter *não instintivo* da sexualidade humana, de sua plasticidade, de suas múltiplas, contingentes e mutantes feições.” (LOUREIRO, 2004, p. 86, grifo da autora), que Freud lança várias formulações teóricas decisivas e ousadas, desenvolvidas ao longo de sua obra, e que como enfatiza Loureiro (2004), não deixam de nos espantar até hoje. Entre estas formulações, incluem-se: a variedade das atividades e zonas erógenas; a ideia de que o objeto da pulsão é um elemento variável que, embora contingente, está longe de ser aleatório – um objeto pode ser uma pessoa, parte dela, algo real ou fantasmático determinado pela história infantil de cada um; a postulação do autoerotismo infantil, que

inclui o uso de várias partes do corpo e de modalidade de prazer (sucção, brincadeira com fezes, etc.) – reencontradas em práticas adultas de tipo perverso; a ideia de que a perversão é o negativo da neurose, de tal sorte que os mesmos componentes e fantasias que caracterizam a primeira estão presentes, ainda que subjacentes, na segunda, e, portanto, em todos os sujeitos; o postulado da bissexualidade inconsciente, original e universal, que coloca a escolha heterossexual como um enigma a ser decifrado; e o esboço da noção de complexo de Édipo, núcleo organizador da sexualidade humana (LOUREIRO, 2004).

Como sinaliza Duarte (2004), tão marcante quanto a obra de Freud para a tematização da sexualidade nas ciências humanas, é a publicação do primeiro volume da História da Sexualidade, em 1976, por Michel Foucault. Como ocorrera com Freud, a obra de Foucault também foi influenciada pelo pensamento romântico[10], sem, contudo, a este se resumir. A proposta de Foucault (1977) se propunha a demonstrar, na contramão do que supunha o senso comum, que a sexualidade não era um valor universal, vítima, na cultura ocidental, de uma repressão obscurantista, como pensava Freud. Antes, tratava-se de um valor obsessivamente cultivado desde o século XVII, e mais ainda a partir do século XIX, com a crescente difusão da psiquiatria e da psicanálise freudiana, na reverência àquilo que ele veio chamar de "sexo-rei" (FOUCAULT, 2011, p. 229). Duarte (2004, p. 60) resume muito bem o significado da obra de Foucault (1977) para a compreensão da sexualidade: "A 'história' da sexualidade era assim a sua 'genealogia' – a demonstração de sua 'construção social'." E completa: "Como bem demonstrou Foucault (1977), a construção moderna da Pessoa dependeu da emergência da 'sexualidade' como nova instância de verdade do sujeito – nevrálgica e delicada." (DUARTE, 2004, p. 60). De acordo com Foucault (1977), a explosão discursiva dos séculos XVIII e XIX provocou duas importantes modificações: uma delas, a imposição da heterossexualidade como norma, a outra, a colocação de toda expressão do sexual compreendida como fora dos limites traçados pela norma, às margens da normalidade. Em suas palavras, operou-se:

> Em primeiro lugar, um movimento centrífugo em relação à monogamia heterossexual. Evidentemente, o campo das práticas e dos prazeres continua a apontá-la como sua regra interna. Mas fala-se nela cada vez menos; em todo caso, com crescente sobriedade. Renuncia-se a acuá-la em seus segredos; não se lhe

[10] Duarte (2004, p. 48) considera como romantismo "[...] todo movimento de rejeição, recusa, denúncia ou desafio ao universalismo/racionalismo/fisicalismo essencial ao exercício cognitivo da ideologia individualista desde o século XVIII."

> exige mais formular-se a cada instante. O casal legítimo, com sua sexualidade regular, tem direito à maior discrição, tende a funcionar como uma norma mais rigorosa talvez, porém mais silenciosa. Em compensação o que se interroga é a sexualidade das crianças, a dos loucos e dos criminosos; é o prazer dos que não amam o outro sexo; os devaneios, as obsessões, as pequenas manias, as grandes raivas. Todas estas figuras, outrora apenas entrevistas, têm agora de avançar para *tomar a palavra e fazer a difícil confissão daquilo que são*. Sem dúvida não são menos condenadas. Mas são escutadas; e se novamente for interrogada, a sexualidade regular o será a partir dessas sexualidades periféricas. (FOUCAULT, 2009a, p. 45-46, grifo do autor).

No âmbito da etnologia, uma das primeiras manifestações sistemáticas do tema da sexualidade ocorrerá na obra de Malinowski (1929, 1967, 1985 apud DUARTE, 2004). E reconhece-se também em sua obra o peso da tradição romântica em geral e da leitura de Freud, em particular, além das qualidades cosmológicas da sexualidade moderna: crucialidade, interioridade e prazer. Mais tarde, é na obra de sua discípula, Margaret Mead (1923, 1969 apud DUARTE, 2004), que "reencontramos" essa tradição romântica. Nesta, porém, a sexualidade está subordinada ao que, não obstante o título – *Sexo e temperamento* –, é o principal tema de sua obra (publicada em 1935): a construção diferencial dos gêneros (DUARTE, 2004).

Contemporaneamente, as produções antropológicas são marcadas pela "polêmica do construcionismo" (DUARTE, 2004, p. 45), paradigma responsável por uma primeira fase de desconstrução das ideias fisicalistas/essencialistas em torno da sexualidade, discussão sobre a qual se deterá Carole Vance (1995), em artigo intitulado *A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico*. Na introdução desse artigo, a autora, ousadamente, afirma que, embora os antropólogos tenham conferido a si mesmos a reputação de pesquisadores destemidos do sexual, "[...] rompendo os tabus intelectuais erotofóbicos de outras disciplinas mais tímidas [...]" (VANCE, 1995, p. 7), a relação do estudo da sexualidade na antropologia é mais complexa e contraditória. Assegura, dentre outras coisas, que antropólogos iniciantes são muitas vezes desencorajados a realizar pesquisas nesse campo, sendo aconselhados a completarem seu doutorado, construírem uma reputação, para depois ousarem uma pesquisa nesse campo. A autora completa que, diante desses desencorajamentos, não é de surpreender que o recente desenvolvimento de um discurso mais cultural e não essencialista sobre a sexualidade não tenha surgido do centro da Antropologia, mas de outras disciplinas, mais precisamente da história e do pensamento teórico de grupos marginais. Carole Vance (1995) refere-se à Teoria da Construção Social, e

considera que é somente nos últimos anos do século XX que esta tendência vai aparecer na antropologia, embora não se faça sentir plenamente.

Em artigo publicado no ano de 2008, Vera Paiva, parafraseando Carole Vance (1995), faz uma provocação semelhante aos psicólogos: *A Psicologia redescobrirá a sexualidade?* Nesse artigo, a autora resume em duas formas as diferentes teorizações que foram sendo construídas particularmente ao longo do século XX, e que coexistem contemporaneamente no campo da pesquisa sobre sexualidade. Citando uma obra que considera um divisor de águas nesse campo, a saber, *Conceiving Sexuality*, em cuja introdução Gagnon e Parker (1995) chamam de sexológico o período de 1890 a 1980, e de construcionista aquele que se inicia a partir dos anos 60 do século XX, a pesquisadora traz algumas considerações importantes.

O período sexológico se iniciou com poucos ativistas e pesquisadores que buscavam trazer a temática da sexualidade para o campo da produção científica e secular. Paiva (2008) destaca que, segundo Gagnon e Parker (1995), este período tem em teóricos como Freud (e seguidores), Ellis, Hirschfeld, Malinovsky, Stopes, Reich, pesquisadores do Instituto Kinsey, Margareth Mead, Masters & Johnson, seus principais representantes. Nas primeiras décadas do período sexológico, era muito comum o uso de entrevista clínica e história de vida como abordagem ao sexual. Mais tarde, começaram a surgir os estudos baseados em questionários – os grandes inquéritos, além das pesquisas de laboratório. Durante esse período, a sexualidade esteve associada às ideias de impulso, força natural que se opunha à civilização e à cultura. “Culturas e sociedades apenas respondiam a essa força essencial, natural, essencialmente diferente entre homens e mulheres, considerada normal quando heterossexual.” (PAIVA, 2008, p. 643). A grande contribuição dos estudos desse período foi, segundo Paiva (2008), naturalizar o prazer no mundo da tradição judaico-cristã e legitimar a sexualidade dissociada da reprodução, o que se tornou possível com a massificação da pílula anticoncepcional. O seu maior problema foi produzir em torno da sexualidade um discurso normalizador (MISKOLCI, 2009), que até hoje trabalha classificando e hierarquizando os sujeitos, que somente são normais quando dentro do modelo heterossexual.

A abordagem construcionista surge por volta dos anos 60 do século XX e inicia uma longa discussão em oposição à ideia do sexo como vida instintiva ou impulsiva. Essa confrontação das ideias essencialistas em torno da sexualidade esteve totalmente vinculada ao movimento feminista e homossexual. Foram estes movimentos os principais responsáveis

pela explosão de estudos sobre sexualidade no campo das ciências humanas, aprofundando a crise do paradigma sexológico. Um livro-marco na discussão de base construcionista em torno da sexualidade é *Sexual Conduct, the social sources of human sexuality*, onde os autores, Gagnon e Simon (2005), claramente inspirados na teoria dramatúrgica de Goffman[11], sugerem o termo script, para enfatizar o caráter roteirizado da sexualidade. Na concepção desses autores, o comportamento sexual é aprendido e possibilitado não por instintos ou exigências fisiológicas, mas por roteiros intrapsíquicos e interpessoais complexos, específicos de determinados contextos culturais e históricos. Segundo Gagnon e Simon (2005), aquilo que convencionamos chamar de comportamento sexual enraíza-se em processos biológicos tanto quanto qualquer outro comportamento, nem mais nem menos. Consideram, inclusive, que, se existe uma área onde o sociocultural talvez mostre superioridade sobre o biológico, esta área é a sexualidade, em que o comportamento é amplamente orientado por uma espécie de tecido simbólico culturalmente compartilhado.

O discurso construcionista foi responsável, como sublinha Paiva (2008), citando mais uma vez o texto de Vance (1995), por redefinir o gênero e a identidade sexual, separar a identidade das práticas sexuais, questionar o determinismo biológico, construir a história da homossexualidade e da origem da dominação masculina. Contudo, é importante pontuar, através de Vance (1995), que a popularidade do termo "construção social" obscurece o fato de que os construtivistas ou construcionistas têm empregado o termo de diferentes maneiras. Uma leitura cuidadosa desses teóricos nos mostra que eles têm posições distintas quanto ao que pode ser construído: práticas sexuais, identidades sexuais, direção do interesse erótico, desejo sexual. Uma versão mais radical considera que o próprio desejo sexual é construído pela cultura e pela história a partir das capacidades do corpo, não existindo nenhum tipo de impulso, pulsão ou apetite sexual essencial e indiferenciado. Uma versão mais moderada aceita um desejo inerente, construído socialmente em termos de atos, identidade, comunidade, escolha de objeto. O contraste entre as posições mostra que os construtivistas têm divergências entre si, e não somente com aqueles que trabalham sob as perspectivas essencialistas e da influência cultural. Apesar das diferenças, esclarece Vance (1995, p. 16), as abordagens construcionistas ou construtivistas compartilham a ideia de que "[...] atos sexuais fisicamente idênticos podem ter importância social e significado subjetivo variáveis, dependendo de como são definidos e compreendidos em diferentes culturas e

[11] Teoria que será abordada na seção em que apresento a etnopsicologia sob o ponto de vista teórico.

períodos históricos."

Conforme observa Paiva (2008), a produção científica brasileira no campo da sexualidade é abundante e influente internacionalmente no campo das ciências sociais e está sintonizada com essa mudança de paradigma. Destaca que psicólogos brasileiros têm redescoberto a sexualidade a partir da perspectiva construcionista, mas compreende que é necessário dar espaço para estes pesquisadores nos cursos de formação para psicólogos, de modo a preparar os aspirantes à psicologia para os desafios que o século XXI impõem. Paiva (2008), responsável por uma das mais sérias e inventivas pesquisas no cenário de desconstrução de certezas provocado pela AIDS, considera que, embora o senso comum pense o psicólogo como o profissional preparado para trabalhar com a sexualidade, raramente ele é formado para lidar com a sexualidade em contextos não-clínicos (VERA, 2008). Concordo com Paiva (2008), e acrescento que, na psicologia, o campo da pesquisa sobre sexualidade carece de uma discussão coletiva e crítica acerca das abordagens possíveis de leitura do fenômeno sexualidade. Como ela descreve, referindo-se às pesquisas em torno do HIV/AIDS – epidemia que, junto a outros fatores, foi responsável pelo crescimento da produção científica sobre a temática da sexualidade nos anos 80 –, "Fala-se de comportamentos e práticas sexuais de risco, sem sentido, sem contexto, sem pessoa [...]" (PAIVA, 2008, p. 642-643). Outros discursos focalizam "o desejo", "a negação", "a resiliência", "a crença", etc., mas "e o sexo?", indaga a pesquisadora (VERA, 2004, p. 643).

Intrigada com a provocação de Paiva (2000) e disposta a realizar uma pesquisa no campo da sexualidade, empreendi uma busca através da Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia (BVS-PSI). Observei, a partir da leitura dos resumos de 200 trabalhos (100 teses e 100 artigos) que respondem pelo descritor – sexualidade, que a tematização da sexualidade na psicologia apresenta algumas peculiaridades dignas de reflexão. É de chamar a atenção o fato de que a psicanálise permaneça sendo a abordagem teórica mais frequente na tematização da sexualidade (das 100 teses consultadas aleatoriamente, trinta e seis faziam essa escolha teórica). Nenhuma outra abordagem conseguiu sequer uma aproximação desse quantitativo. Uma observação mais cuidadosa de alguns dos artigos que tomam a psicanálise como fundamento para suas análises, contudo, revela que esta tem sido bastante provocada pelas críticas feministas e movimentos sociais que lutam pelo respeito à diversidade sexual e aos direitos humanos, o que tem resultado em um amplo debate (muitas vezes com posições conflitantes) no seio da própria "comunidade psicanalítica". Nesse cenário, a discussão sobre

a homossexualidade na psicanálise freudiana é a que tem merecido mais atenção (JORGE, 2007; SALLES; CECCARELLI, 2010; VIEIRA, 2009).

Um conjunto tímido de trabalhos segue a lógica da quantificação do funcionamento sexual, usando escalas de satisfação, medidas de disfunção erétil, etc., com evidente influência do fisicalismo biomédico de que tanto falamos. Outro conjunto de trabalhos poderia ser agrupado sob a denominação de construcionista, afastando-se, portanto, dos universalismos e fisicalismos, e concebendo a sexualidade como "construção social". São quase sempre trabalhos influenciados pelos discursos feministas, especialmente aqueles que fazem uma crítica à biologização das diferenças de gênero, bem como à patologização e medicalização operada no campo das vivências sexuais que não se conformam à norma heterossexual, forjada desde fins do século XIX, em oposição à homossexualidade. Alguns deles seguem a tradição dos estudos dos estereótipos e da teoria das representações sociais, típicos da psicologia social. Destaca-se ainda o fato de que a discussão sobre sexualidade apareça muitas vezes motivada por "problemas de saúde pública", tais como as DST/AIDS e a gravidez na adolescência, como já destacaram Paiva (2008) e Heilborn (2006), respectivamente. O perigo desse tipo de ênfase é a tematização da sexualidade pelo viés do "problema" ou da "doença", tendo como efeito maior um processo de (re)patologização da sexualidade, tal como ocorreu no final do século XIX e começo do XX (VANCE, 1995).

Por último, chama também a atenção o fato de que a pesquisa sobre sexualidade em psicologia tem se ocupado muito pouco de discussões e proposições teórico-metodológicas que permitam ultrapassar a dominância das psicanálises ou a fragilidade de métodos pouco adequados à apreensão do fenômeno em sua complexidade. Uma exceção a essa quase-regra são os trabalhos da pesquisadora Vera Paiva (2000, 2006, 2008), que vem propondo alternativas interessantes e rigorosas, capazes de apreender com profundidade o fenômeno. Referimo-nos aos relatos de pesquisa constantes em seus diferentes textos, e, particularmente, em Fazendo Arte com a Camisinha, Sexualidades Jovens em Tempos de Aids (PAIVA, 2000), em que a autora apresenta uma pesquisa-ação desenvolvida em torno da problemática da AIDS, cujo objetivo era "mais que mudar comportamentos tratando os outros como 'massinha de modelar' [...]" (PAIVA, 2000, p. 51), antes, fomentar o sujeito sexual. Este último é definido pela autora como "[...] a dimensão do sujeito que regula vida sexual, em oposição a ser objeto dos desejos e scripts sexuais de outros." (PAIVA, 2000, p. 51). Outra proposta inovadora surge no cenário das pesquisas em psicanálise, a partir da

combinação do método etnográfico a uma escuta psicanalítica lacaniana. A abordagem utilizada pela pesquisadora é a etnopsicanálise, perspectiva que será apresentada brevemente na seção seguinte. Refiro-me à tese de Mariana Leal de Barros (2010), intitulada *Labareda, teu nome é mulher. Análise etnopsicológica do feminino à luz das pombagiras*.

Sobre o trabalho da psicóloga Vera Paiva (2000, 2006, 2008), sublinho, pode ser considerado como uma das mais sérias e inventivas pesquisas no cenário de desconstrução de certezas provocado pela AIDS desde os anos 80 do século XX. Vale ressaltar, como faz Parker (2007), que foi com o advento da AIDS que muitas disciplinas nas ciências sociais e humanas passaram a mostrar um interesse acadêmico em relação à sexualidade, de sorte que ocorre nesse período um aumento significativo de pesquisas sobre a temática. Os motivos são de várias ordens: um contexto mais amplo de mudanças nas normas sociais relativas à sexualidade, a influência de movimentos sociais e políticos como o feminista, o homossexual, bem como o impacto da emergente epidemia do HIV/AIDS e a preocupação crescente com as dimensões culturais e da saúde reprodutiva e sexual. Tudo isso vem estimulando a pesquisa nesse campo, propiciando, como observa Parker (2007), importantes desafios e oportunidades para investigações com caráter interdisciplinar, dado que se compreende hoje que a sexualidade é um fenômeno complexo que, para ser entendido, não pode se encerrar em uma única disciplina.

Discute-se, sobretudo, a inadequação das pesquisas e metodologias existentes para a compreensão da sexualidade, pois se observa que métodos epidemiológicos de quantificação da sexualidade não permitem, por si sós, a compreensão dos significados que lhe estão associados. O pensamento construcionista ganha terreno nesse cenário e vem redirecionando as pesquisas antropológicas, sociológicas, e, em menor escala, psicológicas, que partem, então, do pressuposto de que os sistemas sociais e culturais modelam nossa experiência sexual, valorizando mais que a natureza subjetiva do comportamento sexual, sua natureza intersubjetiva (PARKER, 2007).

Nascida dos Estudos Culturais norte-americanos, mais precisamente de um conjunto de estudos conhecidos como teorias ou saberes subalternos, também por volta dos anos 80 do século XX, a Teoria *Queer* ou os Estudos *Queer*, como prefere Colling e Santos (2011), fazem uma crítica aos discursos hegemônicos na cultura ocidental. Propõem, inspirados em Derrida (1991), o método desconstrutivista, privilegiando, mais que os processos de construção social dos sujeitos sexuais (como fazem os teóricos construcionistas), os

processos normalizadores que trabalham, via binarismo, classificando e hierarquizando os sujeitos.

Segundo Derrida (1991), o pensamento ocidental opera, tradicionalmente, por meio de binarismos, elegendo e fixando como fundante ou central uma entidade, ideia ou sujeito, ao tempo em que, a partir desse lugar, determina a posição do outro, seu oposto subordinado. O processo de desconstrução que o autor propõe tem o objetivo de mostrar a interdependência e a fragmentação de cada um dos polos. Cada polo contém o outro de forma desviada ou negada, de tal sorte que não há oposição (LOURO, 2001). Esta é, portanto, criada, produzida pela cultura ocidental moderna.

Seguindo as pistas de Derrida (1991), autoras como Guacira Louro (2001) adverte que a afirmação da identidade implica sempre a demarcação e a negação de seu oposto. Esse outro, contudo, torna-se indispensável, na medida em que sua negação fornece-lhe o limite e a coerência, ao mesmo tempo em que lhe expõe a instabilidade. É a partir dessas digressões que a autora (2001) não apenas questiona a política identitária, como propõe uma política pós-identitária, pois compreende que a primeira opção pode tornar-se cúmplice do sistema contra o qual ela pretende se insurgir. Sugere mais, deseja que estas proposições desconstrutivistas atinjam o campo da educação, justamente onde se verifica uma proliferação de táticas/estratégias políticas de disciplinamento e docilização dos corpos e da sexualidade, como diria Foucault (1977, 1987).

Segundo os teóricos *queer*, a proposta de uma teoria focada na desnaturalização do social, desenvolvida por sociólogos e antropólogos, precisa dar uma maior atenção crítica aos processos normalizadores. Isso permitiria, por exemplo, compreender fenômenos até pouco interpretados como desvios para serem "[...] encarados como diferenças, resultado de processos contínuos e interrelacionados de inferiorização, da criação de Outros que justificam a distribuição e o acesso desigual ao poder." (MISKOLCI, 2009, p. 173). Adverte Miskolci (2009, p. 168-169): "de uma forma ou de outra, a grande maioria dessas investigações se insere na moldura da heteronormatividade, o que compromete sua objetividade científica e serve contra seu próprio intuito, para reessencializar fenômenos sociais como parte da 'cultura'."

Como pontua Halberstam (2008), um dos debates mais inflamados e recorrentes dentro dos estudos queer gira em torno das disciplinas e da metodologia. Enquanto alguns defensores dos estudos culturais, e, particularmente, dos estudos queer, argumentam que os

métodos das ciências sociais para reconhecer, relacionar e apresentar dados sobre a sexualidade tendem a descobrir os sistemas sexuais que já conhecem, em vez de descobrir aqueles que desconhecem; os defensores das ciências sociais argumentam que os investigadores dos estudos culturais não prestam a devida atenção às realidades materiais da vida queer. Face a esta querela, Halberstam (2008) propõe um projeto metodológico de cunho interdisciplinar e elabora uma "metodologia queer": uma mescla de crítica de texto, etnografia, estudos históricos, investigação de arquivos e produção de taxonomias. Ao sugerir uma metodologia "queer", ela tenta, de um lado, ser flexível o bastante para dar resposta às diferentes fontes de informação sobre a masculinidade feminina, objeto de seu estudo; de outro, evidenciar sua deslealdade aos métodos acadêmicos convencionais.

Concordando com Halberstam (2008), ao propor uma metodologia *queer* capaz de fazer dialogar diferentes métodos de produção de dados, essa tese parte do pressuposto de que a sexualidade se caracteriza como um objeto de estudo polissêmico e pluridisciplinar (LOYOLA, 1999), compreensível, sobretudo, quando articulamos saberes ou abordagens situadas em diferentes níveis de apreensão da realidade, e propõe uma abordagem etnopsicológica das trajetórias afetivo-sexuais ou uma etnopsicologia da intimidade afetivo-sexual. Essa proposição teórico-metodológica busca responder ao anseio de uma prática de pesquisa em psicologia e no campo das relações amorosas e sexuais que contemple: um *self* em constante mudança, alterado no e pelo fluxo das interações interpessoais e intrapessoais mediadas por signos; os recursos de sentido de que dispõem os indivíduos na qualidade de intérpretes dos mapas culturais disponíveis; um contexto sociocultural, tecido de significações e normatizações a partir do qual o *self* posiciona-se e (re)posiciona-se em diálogo com outros *selves*, e *selves* que em sua complexa rede de relações intrapsicológicas revelam a irredutibilidade da díade Eu-Outro, mais precisamente, a irredutibilidade da tríade Eu-Outro-Outro Generalizado.

1.2 A ETNOPSICOLOGIA E AS NOÇÕES DE MULTIRREFERENCIALIDADE E INDEXICALIDADE

Ao menos em dois sentidos, a Abordagem Etnopsicológica ou Etnopsicologia guarda relações de proximidade com a Etnopsicanálise Complementarista desenvolvida por volta do ano de 1972, por Deveureux: de um lado, porque compartilha com esta última a compreensão de que o psiquismo humano e a cultura são conceitos indissociáveis,

envolvendo a relação indissolúvel entre Eu-Outro-Outro Generalizado (CUNHA, 2007; MARKOVÁ, 2003), de outro lado, porque propõe um rompimento com a pretensão totalizante que acaba por encerrar os fenômenos em “camisas de força disciplinares”, indo de encontro à características fundamentais do objeto de estudo das ciências antropossociais (ARDOINO, 2000). Devereux (1972, p. 11), o primeiro a empregar o termo etnopsicanálise (BARROS, 2010), citando Henri Poincaré (1901), considera:

> [...] se um fenômeno admite uma explicação, admite também certo número de outras explicações, todas tão capazes de elucidar a natureza do fenômeno em questão quanto a primeira. Está claro, de minha parte, que no estudo do homem (mas não unicamente nesse tipo de estudo) não é somente possível, senão obrigatório explicar um comportamento, já explicado de uma maneira, também de outra maneira. (POINCARÉ, 1901 apud DEVEREUX, 1972, p. 11).

Para Devereux (1972), um fenômeno humano explicado de uma única maneira, na realidade não se explica de maneira alguma, mesmo se a explicação se torna perfeitamente compreensível, controlável e previsível dentro do marco de referência que lhe é próprio. A possibilidade de explicar um fenômeno por pelo menos duas maneiras complementares demonstra, de uma parte, que o fenômeno em questão é tanto real quanto explicável, e, por outra parte, que cada uma de suas duas explicações é “completa” e, portanto, válida em seu próprio marco de referência (DEVEREUX, 1972).

De modo semelhante, Ardoino (1986) refere-se à multirreferencialidade. Segundo este autor, a Abordagem Multirreferencial quer sublinhar a importância de perspectivas complementares para a compreensão de fenômenos do campo das ciências antropossociais, utilizando sistemas de referência ou grades de leitura diferentes (psicológicas, psicossociais, sociológicas), que formam um conjunto irredutivelmente heterogêneo. O trabalho do pesquisador, nesse caso, se afasta do esforço de homogeneizar, ao preço de uma redução inevitável, e se aproxima de uma tentativa de efetuar uma articulação, senão uma conjugação desses referenciais. O maior desafio de um trabalho que se pretende multirreferencial é justamente o de, ao utilizar várias perspectivas para a compreensão dos fenômenos, não reduzi-las umas às outras. O conhecimento produzido por esta postura seria um conhecimento “[...] 'tecido' (bricolado): ele se estabelece a partir da convergência, ou melhor, da convivência, do diálogo, trans, pluri, interdisciplinarmente.” (MARTINS, 1988, p. 23).

A Etnopsicologia, que, ao conjugar o etno ao psicológico, expressa o seu empenho em considerar o psicológico e o cultural como campos “inclusivamente separados” (VALSINER, 2012), portanto, interconectados, indica que os estudos no campo das ciências sociais e humanas devem trabalhar tanto com base na noção de indexicalidade (COULON, 1995) quanto dentro do pensamento multirreferencial. A partir da noção de indexicalidade, entende-se que é o conhecimento das circunstâncias produtoras dos processos psicológicos ou intrapessoais dos indivíduos que nos permite atribuir-lhes um sentido mais preciso ou aproximado. As enunciações dos processos psicológicos são indicadores de uma pessoa, um tempo, um lugar específico. Significa dizer que é quando indexados aos seus respectivos cenários de produção que os processos psicológicos enunciados ganham sentido.

Falar de indexicalidade, como argumenta Coulon (1995), é nos remeter ao fato de que o sentido é sempre local e não tem generalização possível. Segundo Coulon (1995, p. 33), “podem-se definir como indexicalidade todas as determinações que se ligam a uma palavra, a uma situação.” Se é assim, uma etnopsicologia da intimidade não pode se contentar com uma explicação dos diálogos intrapsicológicos ligados à esfera da vida amorosa e sexual, que negligencie esse nexo fundamental com os contextos locais em que estes são produzidos. Se for certo dizer que existe uma incompletude natural das palavras, que só ganham o seu sentido 'completo' no seu contexto de produção, ou seja, quando indexadas (COULON, 1995), é certo também afirmar que é somente indexados aos seus cenários que os processos psicológicos sob análise ganham inteligibilidade.

A noção de multirreferencialidade, ainda pouco explorada no campo da psicologia, foi desenvolvida por Jacques Ardoino e equipe desde os anos 50/60, na França. Ela pressupõe, como afirma Coulon (1995), a conjugação/interlocução de uma série de abordagens, perspectivas, com o objetivo de superar “o limite das disciplinas mono-referenciais a fim de ter acesso a uma inteligibilidade mais perfeita dos fenômenos estudados [...]” (COULON, 1995, p. 54). Pode ser considerada como uma(entre várias) resposta às críticas que são dirigidas aos modelos científicos estruturados a partir do racionalismo cartesiano e do positivismo comteano, tal como observa Martins (2004).

Para Ardoino (1986), a análise multirreferencial das situações, das práticas, dos fenômenos, se propõe a uma leitura plural, sob diferentes ângulos, e em função de sistemas de referência distintos (psicológico, sociológico, antropológico), os quais não podem reduzir-se uns aos outros. A análise que se desenvolve a partir da noção de multirreferencialidade se

define por sua propriedade de compreensão dos fenômenos sob análise (MARTINS, 2000). A compreensão depende, fundamentalmente, de uma familiaridade que se constitui a partir de uma escuta, e uma escuta de tipo clínico. Mas, ao tomar a postura clínica como esteio para a prática, esta não é tomada no sentido tradicionalmente atribuído a este termo, ou seja, um tipo de prática, de experiência, de formação, ou um estabelecimento onde as pessoas procuram um tratamento para suas doenças: clínica psicológica, clínica médica etc.

João Martins (2000) observa que, no âmbito da medicina, o termo clínica relaciona-se ao trabalho do médico junto a seu paciente e à expectativa de uma evolução favorável da doença que o paciente apresenta – uma expectativa de mudança, em função da atenção que este recebe. Alerta-nos que as expectativas implícitas nestas mudanças estão relacionadas com um retorno a uma norma e a ação do médico será, então, reparatória, pressupondo o restabelecimento de um estado considerado "normal". Inspirada em Ardoino (1986, 1998, 2000) e em sua noção de multirreferencialidade, ressalto que o intuito da etnopsicologia é justamente outro. Longe de ansiar um reparo, uma volta a uma suposta normalidade, propõe uma escuta compreensiva do humano em sua alteridade.

Para Jacques Ardoino (1986), o sentido original do termo *clínico*, no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, ganha um sentido consideravelmente diferente, referindo-se a outra forma de escuta, aquela destinada à familiarização dos/as pesquisadores/as com as particularidades indexicais e simbólicas, com as linguagens e perspectivas plurais postas em cena pelos diferentes protagonistas, participantes de sua pesquisa.

É a partir dessa multirreferencialidade de compreensão, no domínio da aproximação clínica, que se desenvolvem as demais, a saber: a interpretativa e a explicativa. A primeira, exercida no interior das perspectivas e práticas dos atores, a partir de dados precedentes e visando certo tratamento desse material. A segunda, explicativa, tem como foco a produção do saber e desenvolve-se, de um lado, mediante a heterogeneidade das multirreferencialidades compreensivas e interpretativas, que estão ligadas à escuta; de outro, com base em referenciais, irredutíveis uns aos outros, contudo articulados a fim oferecer uma leitura plural, sob diferentes ângulos, e em função de sistemas de referência distintos.

A multirrefencialidade, tomada em sua feição de escuta clínica, de uma escuta do outro, pode permitir que pessoas e grupos pronunciem-se em sua alteridade, dando margem a uma crítica dos processos de normalização efetuados em torno do afetivo-sexual, tal como sugerem os Estudos *Queer*. Pode ainda dar espaço para que estes coloquem em cena os

processos de “alteração” e “autorização”[12] produzidos no curso de suas trajetórias afetivo-sexuais, graças ao jogo da “negatricidade”. Esta última noção é utilizada por Ardoino (2000) para referir-se à capacidade que todo ser humano tem para “desjogar”, a partir de seus recursos, de suas próprias contra-estratégias, as estratégias do outro que lhe pesam, e das quais ele se tornou objeto, reivindicando-se, desse modo, como sujeito político.

A partir da noção de multirreferencialidade, a Abordagem Etnopsicológica da Intimidade Afetivo-Sexual orienta-se, do ponto de vista teórico, pelos estudos interacionistas, particularmente aqueles desenvolvidos na Escola de Chicago, e, mais tarde, reconhecidos sob a denominação de Interacionismo Simbólico; e do ponto de vista metodológico, pelas práticas de pesquisa de tipo etnográfico, cujo foco está nas particularidades indexicais das falas dos sujeitos, na compreensão do tecido simbólico que os orientam. Contudo, em função das particularidades do objeto[13] e das questões de pesquisa formuladas, articula a estes referenciais, outros que venham a atender a demanda de leitura da complexidade que o fenômeno em estudo impõe.

[12] Estes termos são definidos na seção intitulada: Sob o ethos do “individualismo libertário” dos anos 60/70, políticas de si.

[13] Segundo Ardoino (1998, p.38), “Os referenciais selecionados o estarão em função das particularidades do objeto e dos recursos próprios do pesquisador ou da equipe de pesquisa. Novos referenciais poderão também vir sem a vã ambição de totalidade.”

2 UMA ETNOPSICOLOGIA DO AFETIVO-SEXUAL SOB O PONTO DE VISTA TEÓRICO

Desde as importantes contribuições de Gagnon e Simon (2004) e dos estudos que, ligados ao campo das pesquisas sobre sexualidade, foram fortemente influenciados pelo movimento homossexual e feminista, já não é mais possível conceber a sexualidade senão como resultado da interseção dinâmica entre as esferas da vida social, psíquica, cultural e política. Com o propósito de não abrir mão desta complexidade imposta pelo objeto, articularei teorias que nos permitam uma aproximação das trajetórias dos sujeitos da pesquisa, sob a perspectiva intrapessoal, bem como sob a perspectiva interpessoal.

Assim, para dar ao leitor uma compreensão das trajetórias afetivo-sexuais juvenis da perspectiva interpessoal – focada na atuação dos atores sociais situados em cenários socioculturais específicos – tento articular o Interacioinismo Simbólico, em particular a teoria dramatúrgica de Goffman da interação social; à Teoria dos *Scripts* Sexuais e à Teoria da Performatividade de Gênero. Articulo a estas teorias, outras duas, por meio das quais pretendo apresentar as trajetórias afetivo-sexuais de uma perspectiva intrapessoal – focada nos processos psicológicos de natureza dialógica que são, a um só tempo, produtores e produtos das relações que se dão no plano da interpessoalidade, a saber: a Psicologia Cultural do Desenvolvimento e a Teoria do *Self* Dialógico. Do ponto de vista da etnopsicologia do afetivo-sexual ou da intimidade afetivo-sexual, como também tenho chamado, intrapessoalidade e interpessoalidade são dois campos de experiência de vida, dinâmicos e interdependentes, não sendo possível falar de um sem tocar no outro, motivo pelo qual opto por apresentá-los dialogicamente ao longo de toda a tese, ainda que, na primeira metade da análise, o foco esteja, sobretudo, no nível das relações dialógicas interpessoais, e na segunda, no nível das relações dialógicas intrapessoais.

2.1 O INTERACIONISMO SIMBÓLICO OU OS INTERACIONISTAS?

Ainda que por muito tempo se tenha ensinado aos estudantes de sociologia que foi George Herbert Mead o fundador do interacionismo nos anos 1920 (PLUMMER, 2002), foi somente no ano de 1937 que Herbert Blumer, e não George Mead, forjou o termo “interacionismo” simbólico, apresentando-o em um artigo acerca do estado da psicologia social (LAPASSADE, 2005; LE BRETON, 2008; PLUMMER, 2002). Contudo, como observa

Plummer (2002), dizer que Herbert Blumer teria sido, então, seu fundador, seria uma simplificação grosseira. Isto porque, para uns, o seu fundador foi George Herbert Mead e Herbert Blumer, seu discípulo e sucessor (LAPASSADE, 2005); para outros, Robert Park (STRAUSS; FISCHER, 1978 apud PLUMMER, 2002), para outros ainda, de uma forma mais genérica, a Escola de Chicago (JOAS, 1999). Por este motivo é que Plummer (2002) afirma ser difícil alcançar consenso quanto a esta temática, haja vista o número de versões existentes sobre a história do interacionismo.

Conforme Le Breton (2008) e Queiroz e Ziótkowski (1997), o interacionismo simbólico não engloba uma teoria formada sob a égide de um autor de referência, que tenha marcado suas impressões numa geração de pesquisadores. Ela é, ao invés disso, uma sensibilidade comum reunindo sociólogos cujo estilo e cujos objetos e métodos frequentemente diferem (LE BRETON, 2008). Le Breton (2008) sublinha que, para autores como Erving Goffman (1988), por exemplo, que recusa este termo, o interacionismo simbólico não é uma etiqueta que tenha tido êxito em se impor. Para Arnold Rose (1962, p. vii apud LE BRETON, 2008, p. 45), o interacionismo desenvolveu-se "de maneira crescente através de uma ideia aqui, uma formulação brilhante, mas parcial acolá, um pequeno estudo aqui, um programa especializado de investigação em outro lugar". Para Howard Becker (BECKER; McCALL, 1990, p. 2 apud LE BRETON, 2008, p. 45), os "autores interacionistas" têm pouco em comum, "exceto pela preocupação com 'conceitos sensíveis' (*sensitizing concepts*), sua abordagem indutiva na pesquisa empírica, e seu interesse pelo 'mundo natural da vida cotidiana'".

Na concepção de Le Breton (2008), o interacionismo se assemelha a uma rede de pesquisadores que conjugam suas diferenças, mas são fiéis a um conjunto de princípios. Para ele (2008), nenhuma vontade de hegemonia os anima, eles não pretendem dizer o que deve ser a sociologia, mas propõem um quadro coerente e rigoroso apropriado a uma análise microssociológica. Ligados à tradição da Escola de Chicago, longe de oferecerem uma contribuição puramente teórica, possuem em comum uma preocupação aguda com o estudo de campo e a vontade de levar em consideração especial a perspectiva dos atores sociais, ao invés de privilegiar as estruturas ou sistemas, como fez uma imensa parte da sociologia americana sob a égide de Parsons.

Queiroz e Ziótkowski (1997) afirmam que procuraríamos em vão uma teoria constituída e um *corpus* de proposições estáveis que defina claramente as fronteiras dos estudos interacionistas. Consideram que se trata de uma corrente na qual os diferentes

colaboradores, todos mantendo uma forte originalidade, têm em comum uma concepção de indivíduo e de sociedade enraizada numa tradição filosófica – o pragmatismo – e um estilo de trabalho herdado dos sociólogos de Chicago. Normalmente, e por oposição à "macrossociologia", a abordagem dita "microssociológica" serve para qualificar o interacionismo ((QUEIROZ; ZIÓTKWSKI, 1997). Contudo, advertem Queiroz e Ziótkowski (1997), isto é correto se queremos pontuar que os interacionistas estudam as "situações" (situações que as teorias globalizadoras integram mal). Mas não é correto se subtendemos, a partir daí, que os interacionistas se importam pouco com o contexto estrutural e não tem nada a dizer sobre a ordem social e suas normas. A simplificação escolástica da oposição "macro-micro" não permite, reiteram esses autores (1997), que sejamos justos com o alcance teórico dos trabalhos interacionistas.

2.1.1 Algumas palavras sobre o pragmatismo

O pragmatismo, termo que vem do grego – ação, é, de acordo com Le Breton (2008), uma teoria empírica do conhecimento. Segundo Queiroz e Ziótkowski (1997), Charles Saunders Peirce (1839-1914) é o verdadeiro fundador do pragmatismo como escola filosófica. Entretanto, é George Hebert Mead "um dos nomes mais citados quando se fala da ligação entre o interacionismo e o pragmatismo." (PLUMMER, 2002, p. 230). Limitarmo-nos a George Mead, porém, para compreender o pragmatismo, seria uma opção enganadora, pois, como adverte Plummer (2002), existem três outros nomes cujas obras tiveram grande influência na perspectiva interacionista: Pierce, Dewey, James. Nesta tese, porém, destacarei, em particular, algumas das muitas contribuições de George Mead (1962), uma vez que sua influência é marcante não só sobre os interacionistas, como sobre os teóricos da Psicologia Cultural e da Teoria do *Self* Dialógico, atravessando, pois, parte considerável das análises que aqui serão apresentadas.

De acordo com Lapassade (2005, p. 19), "no cerne do pensamento de Mead, encontra-se a ideia segundo a qual as pessoas são produtoras de suas próprias ações e significações." Em sua teorização, os "signos naturais" funcionam como estímulos geradores de reações "instintivas" e se distinguem de outros signos, que Mead (1962) define como *símbolos significativos*. Esses símbolos são necessários ao funcionamento das interações entre as pessoas, e são, conforme destaca Lapassade (2005), reflexivamente, produtos dessas

mesmas interações. Um símbolo é um estímulo que tem um significado apreendido e um valor para as pessoas, que, por sua vez, reagirão em função desses significados e valores. A linguagem faz parte desses sistemas simbólicos humanos, assim como o fazem os gestos (LAPASSADE, 2005).

Em *Self, Mind and Society*, George Mead (1962) diz estar particularmente interessado na inteligência no nível humano, ou seja, no ajustamento de um indivíduo em relação aos atos de diferentes indivíduos dentro do processo social humano. Um ajustamento que, segundo ele, toma lugar através da comunicação: por meio de gestos, nos níveis iniciais da evolução humana, e por símbolos *significativos* (gestos que possuem significado e que são, no entanto, mais que meros estímulos substitutos) nos níveis mais altos da evolução humana. O fator central deste ajustamento, para Mead (1962), é o significado. Os significados emergem e se relacionam ao campo de relação entre o gesto de um dado organismo humano e o subsequente comportamento deste organismo como indicado por outro organismo humano e seu gesto. Se este gesto indica para o outro organismo o subsequente (ou resultante) comportamento de um dado organismo, então, isso tem significado. Em outras palavras, o relacionamento entre um dado estímulo – como um gesto – e a fase posterior da interação social em que este é a fase inicial constitui o campo dentro do qual o significado emerge e existe. Para Mead (1962), o mecanismo do significado está, portanto, presente na interação social antes de emergir na consciência ou, antes que dele tomemos consciência. O significado, então, não é concebido, fundamentalmente, como um estado de consciência, ou como um contexto de relações organizadas existindo ou subexistindo mentalmente fora do campo da experiência em que eles tomam parte, ao contrário, deve ser concebido objetivamente, como tendo sua existência inteiramente ligada a esse campo interativo que ganha expressão na “conversação de gestos”.

Le Breton (2008) argumenta que, para Mead (1962), os gestos, as palavras, as atitudes de um indivíduo são percebidos pelos outros como símbolos, quer dizer, como portadores de significações, às quais estes outros se ajustam para dar uma resposta. Sua eficácia social está assentada num acordo dos membros de dada comunidade quanto ao seu conteúdo. O gesto, assim, provoca uma reação no outro que, ao compreender o sentido, reage segundo sua interpretação, remetendo seu interlocutor a outras significações, às quais, a seu turno, este último reage. É nesse sentido que Mead (1962) fala de “conversação de/por gestos”, maneira de dizer que a conversação oral está permanentemente ligada a uma conversação corporal

não menos significativa para o desenvolvimento da interação.

Segundo Mead (1962), a resposta ajustada de um organismo para o gesto de outro é a interpretação desse gesto por este organismo, isto é, o significado desse gesto. Num determinado nível de consciência de si, um gesto torna-se símbolo, um *símbolo significativo*. Mas a significação não é um processo originário da mente como tal, ou necessariamente envolvendo a mente, é um processo externo, aberto, físico ou fisiológico em andamento no campo atual da experiência. A base do significado, em Mead (1962), está na relação triádica entre gesto, resposta ajustada, e resultado ou finalização da interação social que o gesto iniciou. A base do significado é, então, objetivamente, o comportamento ou a interação social. O significado não é essencialmente ou primariamente psíquico (um conteúdo da mente ou da consciência), sua emergência não pressupõe que os indivíduos estejam dele conscientes, pelo menos não até que símbolos significativos estejam envolvidos no processo de experiência social humana.

De igual modo, também a consciência de si, ou identidade, emerge no contexto das interações sociais (LAPASSADE, 2005). Mead (1962) considera que o processo remoto a partir do qual o *self* emerge é um processo social que implica interações de indivíduos em grupo, pressupondo, pois, a anterioridade do grupo em relação ao *self*. Implica também atividades cooperativas em que os diferentes membros do grupo estão envolvidos. A identidade é o produto genético dessas interações: “a criança, no início do seu desenvolvimento, é pura subjetividade. Depois ela aprende, progressivamente, a enxergar do ponto de vista do outro, [...]” (LAPASSADE, 2005, p. 21). O significado do si (*self*), outra noção fundamental em Mead (1962), compreende dois aspectos: um subjetivo e outro objetivo. Segundo Lapassade (2005), o eu (*je* ou I) subjetivo é o iniciador da ação – ele não somente a percebe como a constrói; o eu (*moi* ou *me*) objetivo é aquela parte do si que os outros percebem. O eu (*je* ou I) subjetivo é a resposta do indivíduo para as situações, a forma como alguém expressa a si mesmo, sua demanda é a libertação das convenções, das leis socialmente impostas; o eu (*moi* ou *me*) objetivo é o contexto organizado de atitudes dos outros que a pessoa assume, é “um indivíduo habitual, convencional” (MEAD, 1962, p. 197), ele é determinado pelas situações, o controle social é a expressão do “me” contrapondo-se ao “I”. Para Valsiner ([201-]), o eu (*je* ou I) subjetivo seria o *self-core*, inacessível aos outros, o eu (*moi* ou *me*) objetivo, a personalidade do núcleo do *self* que é acessível ao social.

O desenvolvimento no nível humano passa, necessariamente, pela mediação do *outro*

generalizado, outra importante noção na obra de George Mead (1962), que corresponde ao conjunto de outros pelo qual a identidade de cada pessoa é produzida e mantida, noção que será reeditada na Teoria do *Self* Dialógico, que tem em George Mead um grande inspirador. "Uma sociedade só é possível se cada um puder nela adotar o ponto de vista comum que esse termo expressa." (LAPASSADE, 2005, p. 21). Existe, para Mead (1962), um processo social a partir do qual *selves* emergem e, dentro do qual, diferenciam-se, evoluem, e organizam-se. O *self* não é uma substância, mas um processo no qual a "conversação de gestos" foi internalizada numa forma orgânica. Este processo não existe em si mesmo, antes, é parte de toda organização social da qual o indivíduo é parte. A organização da interação social é importada para o organismo e torna-se, então, a mente do indivíduo, o que inclui as atitudes dos outros, mas sob uma forma altamente organizada. "A identidade, assim construída", observa Lapassade (2005, p. 21), "permanece frágil, é sempre inacabada, sempre a reconstruir e a manter, como as situações."

Para Morris (1962, p. ix), "filosoficamente, Mead foi um pragmatista; cientificamente, ele foi um psicólogo social." Plummer (2002) considera que *Mind, Self and Society*, obra póstuma cuja primeira edição foi publicada em 1934, e a segunda em 1962, por Charles Morris, é uma obra que transmite muitas das ideias-chave do interacionismo, a saber: o forte enraizamento na sociedade e na experiência; a importância da linguagem, dos símbolos e da comunicação na vida dos grupos humanos; a forma como nossas palavras e ações desencadeiam respostas nos outros, a exemplo da "conversação de gestos"; a natureza reflexiva da personalidade e a centralidade do "ato".

Queiroz e Ziótkowski (1997) lembram que toda história da sociologia é marcada pela luta contra teorias utilitaristas da ação, ou ao menos contra as versões mais simplificadoras de uma doutrina desse tipo. A crítica dos pragmatistas incide, essencialmente, sobre o caráter redutor do modelo individualista do "ator racional": o ator social, sublinham os antiutilitaristas, não agem somente "em função de interesses", mas de um sistema de normas sociais interiorizadas, ou, usando aqui os termos de Mead (1962), de signos e significados culturalmente compartilhados. Eles tomam em consideração a dimensão normativa que permite, nessa perspectiva, conferir à vida social uma consistência própria, e ver a sociedade como outra coisa que não um agregado de associados ou de concorrentes.

O Interacionismo Simbólico é construído contra o paradigma normativo. Levando em consideração o que acabo de dizer sobre os pragmatistas, essa afirmação pode soar, imagino,

como um contrassenso. Entretanto, como sublinham Queiroz e Ziótkowski (1997), dizer que os interacionistas vão de encontro ao paradigma normativo não significa, de forma alguma, que eles tenham desejado implementar um modelo teórico no qual as normas sociais estivessem ausentes ou tivessem pouco peso. Significa menos ainda que eles tenham retornado a uma concepção utilitarista de ação social. A questão é que, aos olhos destes teóricos, o "paradigma normativo", largamente dominante na sociologia, não constitui uma boa crítica às ideologias utilitaristas e conservam com elas uma familiaridade subterrânea: uma filosofia dualista, particularmente visível na oposição indivíduo e sociedade.

Tal como os pragmatistas, os interacionistas reconhecem a existência das normas de regulação social, porém escolhem outro ângulo de ataque. Eles minam as bases filosóficas utilitaristas, desenvolvendo um programa antidualista (QUEIROZ; ZIÓTKWSKI, 1997). Para os interacionistas, na trama infinita dos comportamentos da vida cotidiana, as normas e as regras são indicações que suscitam uma gama de atitudes segundo as circunstâncias e os atores que, por sua vez, não cessam de confrontá-las em seu uso (LE BRETON, 2008).

2.1.2 Eixos teóricos do interacionismo simbólico

Le Breton (2008) considera que a emergência do interacionismo coincide com um período de crise da sociologia americana, de desgaste das metodologias fundadas sobre a sondagem, pouco atentas aos atores e à sua singularidade. Ele lembra que, nesta altura, os problemas sociais emergentes, e a contestação generalizada do *campus* coloca em questão o funcionalismo de Parsons, que encarnava a sociologia oficial e conservadora da época. Assim, o ponto de vista do ator, a construção de sentido no momento da interação, a capacidade do ator de compreender e de dar conta de sua ação e constituir, assim, a realidade, sua habilidade na negociação de sua relação com o mundo, tomam, nesse momento político, uma significação eminente. É nesse contexto social e político que surge o interacionismo, cujos principais eixos teóricos poderiam ser assim agrupados e compreendidos, conforme sugestão de Le Breton (2008):

- **O Sujeito é um Ator** – O indivíduo, longe de ser uma maionete que se movimenta à revelia do sistema social, é um ator interagindo ativamente com os elementos sociais. Ele não é um agente passivo sustentado pelas estruturas sociais devido ao *habitus* ou

à “força” do sistema ou da cultura de pertença. Ao contrário, constrói seu universo de sentido, não, porém, a partir de atributos psicológicos ou de imposições exteriores, mas por meio de uma atividade de interpretação reiterada. O interacionismo simbólico valoriza os recursos de sentido de que o indivíduo dispõe, a capacidade de interpretação que lhe confrontar as normas ou as regras socialmente construídas. Estas últimas funcionam como fios condutores, e não como princípios rígidos de condicionamento das condutas individuais. Dotado de capacidade reflexiva, o ator social é livre para tomar decisões no interior do cenário que é chamado a atuar e que, por sua vez, tem sobre ele influência. Desse modo, conclui-se que o comportamento individual não é nem inteiramente determinado, nem inteiramente livre, ele se inscreve em um debate permanente que, ao mesmo tempo que sujeita e subjetiva, autoriza a inovação.

- **A Dimensão Simbólica** – A dimensão simbólica condiciona a relação do ator social com o mundo. Uma multiplicidade de signos (a começar pela linguagem e pelos movimentos corporais), uma verdadeira trama de elementos semióticos alimenta o laço social e possibilita aos atores “tomar o lugar do outro” (COULON, 1995, p. 60) através do recurso da interpretação. Aqueles que ignoram esses símbolos esbarram em dificuldades quanto a que comportamentos ou palavras recorrer nas situações cotidianas que são chamados a definir. A existência comum é um imenso processo de comunicação, em que a matéria prima é o simbólico. Os atores sociais vão buscar as motivações de seus atos no interior de seu grupo de referência, aquele ao qual está efetivamente ligado e que alimenta seu olhar sobre a realidade. A cultura é um recurso para se situar face ao mundo. Isso não quer dizer que os indivíduos de uma mesma cultura vivam nas mesmas dimensões do real, eles se inscrevem em mundos sociais diversos, em províncias de significações susceptíveis de estabelecer conflitos de interpretação. O mundo é, sempre, o resultado da interpretação de um ator sobre suas referências sociais e culturais. A interpretação é uma noção-chave do interacionismo simbólico, por fazer do indivíduo um ator/protagonista de sua existência e não mais um agente de comportamentos regidos pelo exterior.
- **A Interação** – A interação é comandada pela autorreflexão do indivíduo e por sua capacidade de colocar-se no lugar do outro pela compreensão, numa espécie de interdependência simbólica. Esse tecido conjuntivo/conectivo de sentido liga os

atores de uma mesma sociedade com as nuances próprias de suas classes socais, grupos culturais, histórias pessoais. A cada instante os parceiros de uma interação (afetivo-sexual, por exemplo) avaliam as circunstâncias e se posicionam mutuamente, em um jogo de reavaliação e reajustamento recíproco. Cada um reage segundo a interpretação que faz dos comportamentos daqueles que o cercam, de tal sorte que, no fluxo de uma interação, a situação não cessa de se redefinir. A compreensão entre os parceiros em interação é uma condição da atividade recíproca. Toda relação social consiste em um processo de influência de um sobre o outro, de orientação de um em relação ao outro. A interação, contudo, não engloba somente os atores sociais em copresença, mas uma multiplicidade de outros, invisíveis, que compõem a história pessoal do indivíduo, e impregnam ou colorem de forma particular a relação deste com o mundo. Sendo, a interação, um campo de influência recíproca em processo constante de definição, a sociedade é, nesse caso, uma estrutura viva em um movimento permanente de fazer-se e desfazer-se, uma espécie de "ordem negoaciada" (STRAUSS, 1978 apud LE BRETON, 2008).

- **A Imposição do *Status*** – A interação social implica, na perspectiva interacionista, a prescrição de *status*. A interação tem o potencial de imputar a todos nós um papel ou uma posição social mais ou menos determinada. Ela implica o risco de sermos condenados a ocupar uma determinada posição através de mecanismos tais como os de estigmatização, idealização, exaltação, humilhação, etc. O momento da imposição do *status* corresponde, em certa medida, a uma perda de autonomia por parte do ator social, que desse modo tem a sua existência regida pelos outros. A resistência à imposição de um *status* é possível, mas é difícil de ser praticada.
- **O Paradigma Interpretativo** – As regras, para os interacionistas, não preexistem à ação, elas são executadas pelos atores sociais através de sua definição da situação. O contexto não funciona como um elemento constrangedor e exterior que determina a ação, ele é interpretado pelo ator ou atriz social. A realidade social não é, pois, a simples repetição de um modelo, mas uma permanente construção social, onde as regras, as normas sofrem um processo continuado de transformação. Indo de encontro ao paradigma normativo, que privilegia a explicação dos comportamentos a partir das normas e das regras, os interacionistas compreendem que os atores não cessam de confrontá-las em seu uso (assim o fazem, por exemplo, em relação à

heteronormatividade). Assim, diz Le Breton (2008, p. 58): “na trama infinita dos comportamentos da vida cotidiana, as normas e as regras são indicações que suscitam uma gama de atitudes diferentes segundo os atores e as circunstâncias” com as quais estes se defrontam.

- **O *Self* –** O *self* é uma pedra angular do edifício conceitual do interacionismo simbólico. Socialmente construído, herdeiro de uma história pessoal, jamais invariável (imutável), ele é dependente das situações, nas quais também imprime sua marca, visto que guarda em si o recurso da interpretação mediada por símbolos. Lugar do controle de si, o *self* é a instância de reflexão e de reflexividade, de deliberação íntima e de inteligência prática, o ordenador das situações, o espaço de construção dos sentidos que regem a relação de cada indivíduo com o mundo. Ao invés de ser compreendido como um organismo ou uma entidade moral, o *self* é concebido, pelos interacionistas, como uma modalidade de consciência que orienta os fatos, os gestos, os sentimentos e os pensamentos. Relativamente estável, mas aberto ao mundo, o *self* é influenciado pelos grupos de pertença do indivíduo. Ele não é somente um si mesmo, mas assume as facetas solicitadas pelos papéis que se sucedem na vida cotidiana e conforme os quais é chamado a atuar. O *self* é o lugar da elaboração de sentido e do comportamento, e de seu reajustamento ou reposicionamento permanente ao fio das circunstâncias sociais. O indivíduo, na perspectiva interacionista, não abandona uma identidade situada, retirando-se para um mundo psicológico privado, antes, age de acordo com outra identidade social disponível em sua arquitetura pessoal/cultural.
- **Reconfigurações do *Self*** – Conforme sublinham os interacionistas, a identidade que funda a relação com o mundo nos parece, irrefutavelmente, garantida, mas nada é mais vulnerável, mais ameaçada pela visão dos outros ou os eventos que compõem a história pessoal do ator social. O *self* não é substancial, mas relacional, ele não somente emerge como é reconfigurado no interior das relações sociais. As circunstâncias fazem e desfazem a identidade segundo a maneira pela qual o indivíduo (sensível ao contexto e sempre em mudança) as interpreta e as vive. Ao longo de uma existência e a depender da leitura interpretativa que faz das situações cotidianas, o *self* reconfigura-se. O sentido de continuidade pessoal remete a uma narrativa íntima, relacionada às linhas afetivas modeladas desde a infância e ao longo

de toda a trajetória de vida do indivíduo, que é revisada, porém, conforme as circunstâncias sociais. A consistência da identidade remete a elementos duráveis da percepção de si. As diferenças em termos de papéis e de status permitem ao indivíduo uma orientação para se pensar como sujeito. O papel, quer dizer, a relativa personalidade do *status* segundo as situações, credita uma estabilidade identitária de uma vez por todas, mas o eu não existe senão sob a forma de uma multiplicidade de papéis mais ou menos tênues. Toda ação implica em colocar em jogo papéis, ou melhor, posicionamentos em consonância com papéis que assumimos frente às outras pessoas. O ator ou atriz social extrai o material que compõe os seus inumeráveis papéis, da avaliação que faz das situações, e em consonância com os signos que regulam o seu grupo de referência. Nesse sentido é que afirma Le Breton (2008, p. 65), "o homem jamais cessa de nascer." Suas condições de existência o transformam à medida que tem sobre ele influência. As sociedades, em particular as modernas, exigem uma mudança permanente do ator/atriz social, que é convocado a alterar-se com frequência.

- **Contextos de Consciência** – Os interacionistas consideram que o fato de existir um nível de consciência mútua condicionando as interações, implica na consideração de uma definição particular de consciência que não pode permanecer atrelada somente à uma consciência individual. Assim, autores como Glaser e Strauss (1964, p. 670 apud LE BRETON, 2008), propõem a noção de "contextos de consciência". Referem-se ao fato de que uma interação não envolve necessariamente duas pessoas, ao contrário, solicita várias outras, que não se encontram no mesmo nível de consciência ao longo do jogo comunicacional em curso. Esta consciência não existe fora do contexto relacional, é experienciada no interior das relações sociais. A noção de "contextos de consciência" integra o ponto de vista do outro, ela é mensurada pelo modo como cada pessoa em interação parece saber do *status* a partir do qual é requisitada a atuar naquele determinado cenário, tendo, ao mesmo tempo, conhecimento da consciência que os outros têm de sua própria definição. Os interacionistas enfatizam que cada transformação do contexto de consciência redefine a interação em curso.

2.1.3 A metáfora dramatúrgica de Goffman

Le Breton (2008) observa que, até o fim dos anos 1920, Simmel é um dos autores mais citados da sociologia nascente americana, e que sua obra contém em germe, para autores como Becker, e especialmente para Goffman, uma parte da inspiração interacionista (LE BRETON, 2008). Para Simmel (1991), a noção de ação recíproca é essencial. As relações sociais não são unívocas, elas produzem efeitos de reciprocidade. A interação é, desde o início, para este teórico, um princípio de análise, mesmo que se trate, por exemplo, de um conflito. A socialização se faz e se desfaz constantemente, e ela se refaz novamente por meio de processos interpretativos humanos, num eterno fluxo e ebulição que liga os indivíduos em interação (LE BRETON, 2008). A perspectiva teórica de Erving Goffman guardará estreita relação com os pressupostos teóricos de George Simmel.

Erving Goffman nasceu em 1922, no Canadá. Filho de uma família de imigrantes judaica ucraniana, encontrou verdadeiramente a sociologia em Chicago, após estudar química na Universidade de Manitoba, em Toronto, onde se graduou (MARTINS, 2008; QUEIROZ; ZIÓTKWSKI, 1997). Goffman trabalhou, durante os anos de 1943 a 1944, *no National Film Board of Canada*, onde eram produzidos documentários, e essa experiência certamente teve, como destaca Martins (2008), um impacto importante no refinado senso de observação desse interacionista em relação aos comportamentos dos atores sociais em suas vidas cotidianas.

Em 1944, ingressou na Universidade de Toronto para iniciar seus estudos no campo da sociologia, contudo, uma vez obtida a primeira etapa de sua formação, seguiu para a Universidade de Chicago, pois que os departamentos de sociologia canadenses ainda não estavam consolidados na oferta de pós-graduação. Um encontro com Evereth Hughes, que era canadense de origem e membro do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, teria sido, segundo Martins (2008), decisivo para reforçar essa sua escolha.

Goffman era, segundo Martins (2008), uma figura proeminente no interior de um grupo de jovens estudantes treinados no ambiente intelectual de Chicago, e viria, posteriormente, a ocupar um lugar de destaque na sociologia norte-americana. Sua passagem pelo departamento de sociologia marcou sua formação acadêmica. Em 1949, defendeu sua dissertação de mestrado, em que abordou a recepção de uma novela de rádio chamada Big Sister. Sua tese doutoral foi defendida em 1953, após 18 meses de coleta numa

das ilhas Shetland, na Escócia, cujo título era Communication conduct in an Island Community. De acordo com Martins (2008), nas páginas iniciais desse trabalho, ele deixava claro que não se tratava de um estudo de uma comunidade, temática cara para seu orientador – Warner, mas de um trabalho sobre o que ocorria durante as interações dos indivíduos no interior da comunidade, preocupação que marcará a sua obra. É neste trabalho que ele efetua as primeiras observações que irão conduzi-lo, conforme Plummer (2002), para a elaboração de sua influente obra *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*.

Utilizando a linguagem do teatro (ator, público, bastidores, cena, papel, quadro, *script*, máscara, etc.), Goffman estudou a sociedade como um espetáculo de aparências manejado pelos atores na representação (LE BRETON, 2008). Nas palavras do próprio Goffman (2012), em *Os Quadros da Experiência Social – uma perspectiva de análise*, obra que teve sua primeira edição em inglês no ano de 1986, "o mundo inteiro é como um palco, e *de fato*, exibimo-nos e gastamos nossa hora nele, e esse é todo o tempo de que dispomos." (GOFFMAN, 2012, p. 165, grifo do autor). Na perspectiva desse teórico, os atores sociais estariam ocupados, ainda que não necessariamente conscientes disso, em manter seus papéis sem erros, contribuindo com a tarefa comum de produzir apresentações coerentes, sempre sob a ameaça de perder a fachada ou de fazer perder a do outro (LE BRETON, 2008). Contudo, estaríamos errados, como adverte Le Breton (2008), se reduzíssemos a sociologia de Goffman à engenhosa aplicação de uma série de metáforas dramatúrgicas. Para este teórico das interações face a face, o mundo não se reduz a uma cena, tal como indica uma citação de Goffman, em *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*:

> E assim, linguagem e a máscara do palco serão abandonadas. Os tablados, afinal, são feitos para com eles se construírem outras coisas e deveriam ser levantados tendo em vista sua demolição. Este trabalho não está interessado nos aspectos do teatro que se insinua na vida cotidiana. Diz respeito à estrutura dos encontros sociais – a estrutura daquelas entidades da vida social que surgem sempre que as pessoas entram na presença física imediata umas das outras. (GOFFMAN, 2013, p. 273).

Conforme Martins (2008, p. 137), "Goffman trouxe para o centro de sua sociologia a análise do problema da interação entre os atores sociais, e estabeleceu uma relação entre ordem da interação e o sentimento de embaraço." Segundo Goffman (2011), a apresentação do eu nas interações face a face que ocorrem na vida cotidiana dos atores sociais envolve o constante emprego de práticas preventivas e corretivas para evitar embaraços. E o irrefletido

desembaraço com que os atores desempenham estas práticas habituais conservadoras de padrões culturalmente organizados não significa que não houve representação. Isso fica muito claro nessa citação do autor, que pode parecer muito familiar para aqueles que conhecem a Teoria da Performatividade de Gênero de Butler (2002, 2007), embora não se possa concluir que não existam distâncias a se considerar entre estas diferentes posições teóricas.

> O que parece ser exigido do indivíduo é que aprenda um certo número de formas de expressão para ser capaz de preencher e dirigir mais ou menos qualquer papel que provavelmente lhe seja dado. As encenações legítimas do cotidiano não são 'representadas' nem 'assumidas' no sentido de que o ator sabe de antemão exatamente o que vai fazer [...]. As expressões que ele julga que ele emite serão especialmente 'inacessíveis' para ele. Mas, tal como no caso de atores menos legítimos, a incapacidade do indivíduo comum de formular de antemão os movimentos dos olhos e do corpo não significa que não se expressará por meio desses recursos de um modo dramatizado e preestabelecido no seu repertório de ações. Em resumo, todos nós representamos melhor do que sabemos como fazê-lo. (GOFFMAN, 2013, p. 86-87).

Nessa tese, a perspectiva de Erving Goffman (2011, 2012, 2013) será uma importante aliada para a compreensão do que se passa na dimensão interacional das trajetórias amorosas e sexuais dos/as entrevistados/as. Alguns conceitos desenvolvidos por este teórico, como os conceitos de representação, cenário, aparência e maneira, fórmula pessoa-papel, embaraço, esquemas primários ou *schemata*, serão articulados a duas outras teorias reconhecidamente importantes no campo das pesquisas sobre sexualidade e gênero, a Teoria do *Scripts* Sexuais, de Gagnon e Simon (2004), e a Teoria da Performatividade de Gênero, de Judith Butler (2002, 2003, 2007), que, como sublinha Plummer (2004), foram certamente influenciadas por este sociólogo formado no interior da Escola de Chicago.

O ritual da interação em Goffman: conceitos e interlocuções

Goffman (2013) usa o termo *representação* para referir-se a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua em presença de um grupo particular de observadores ou interlocutores, tendo sobre estes alguma influência. Considera como *fachada*, a parte do desempenho do indivíduo que funciona de forma geral e fixa com o objetivo de *definir a situação* para os que observam a representação. "Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado

intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação." (GOFFMAN, 2013, p. 34). A fachada pessoal são aqueles equipamentos expressivos que de alguma forma identificamos com o próprio ator, e que esperamos que o sigam para onde quer que ele vá com certa estabilidade. São espécies de distintivos da função ou categoria a que previamente pertence o ator: sexo/gênero, idade/geração, cor da pele/etnia, etc.

A fachada envolve a "aparência" e a "maneira". A aparência corresponde àqueles "estímulos que funcionam no momento para nos revelar o *status* social do ator." (GOFFMAN, 2013, p. 36, grifo do autor). A maneira diz respeito aos "estímulos que funcionam no momento para nos informar sobre o papel de interação que o ator espera desempenhar na situação que se aproxima." (GOFFMAN, 2013, p. 36). De acordo com Goffman (2013), frequentemente esperamos uma compatibilidade confirmadora entre aparência e maneira, mas, evidentemente, complementa o teórico, aparência e maneira podem contradizer uma a outra.

Quando o assunto é gênero e sexualidade, também se espera uma compatibilidade ou correspondência linear entre sexo/gênero/desejo. Os dois primeiros poderiam ser tomados, grosso modo, como "aparência", o último, como "maneira". O sexo/gênero funciona como uma aparência-sugestiva do desejo, que, em uma sociedade de matriz heterossexual ou heteronormativa (BUTLER, 2003), se espera que tenha como finalidade um objeto de sexo oposto. Afinal, numa sociedade desse tipo, os "gêneros inteligíveis" (BUTLER, 2003, p. 38) são apenas aqueles que instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero e prática sexual e desejo, mas um desejo heterossexualizado, que institui a produção de oposições binárias assimétricas entre feminino e masculino, como destaca Butler (2003). Quando numa interação social face a face, essa incongruência entre sexo/gênero/desejo é anunciada pela "maneira" com que se comporta o/a ator/atriz social, ou seja, pela "discrepância entre ator e papel" (GOFFMAN, 2012, p. 260), ou, mais especificamente, entre "aparência" e "maneira", o embaraço se apresenta. A saída para este ator, caso queira "interpretar uma pessoa aparentemente genuína e impecável" no que tange ao sistema sexo/gênero/desejo, será integrar "as discrepâncias" ao "seu roteiro" (GOFFMAN, 2012, p. 260), tentando assimilar esta ruptura ao personagem que se espera que ele assuma, *como se* elas fizessem parte da sua *performance*.

A questão que aqui se coloca, como pontua Goffman (2012, p. 260), numa inspiração brilhante, é que "a vítima do embaraço é uma [suposta] identidade, não um papel, e além

disso, também o plano da ação em que outros personagens têm sua existência." (GOFFMAN, 2012, p. 260). Enquadrados, porém, temos dificuldade de perceber que "O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, uma classe natural de ser", como observaria Butler (2003, p. 59), cuja teoria me parece fortemente influenciada pela metáfora dramatúrgica de Goffman.

Antes, porém, de aprofundar esse importante conceito de performatividade de gênero proposto por Butler (2002, 2003, 2007), que não deve ser confundido com *performance*, como explicaremos adiante, cabe especificar mais alguns termos da gramática dramatúrgica de Goffman, relacionados ao que ele chama de *fórmula pessoa-papel*. Segundo Goffman (2012, p. 332-333), toda vez que um indivíduo participa de uma atividade, precisa "estabelecer uma distinção entre o que se chama a pessoa, o indivíduo, o ator, a saber, aquele que participa, e o papel, ofício ou função concretos que ele desempenha durante sua participação [...]" (GOFFMAN, 2012, p. 332-333), elementos que estão interconectados. Goffman (2012) considera que a natureza de determinado quadro está vinculada à natureza da fórmula pessoa-papel que o ator sustenta. E "Nunca se pode esperar uma liberdade total nem uma coerção total entre o indivíduo e o papel." (GOFFMAN, 2012, p. 333).

O autor (2012) faz questão de sublinhar que é tênue a fronteira que separa a pessoa e o papel, de tal sorte que não deveríamos nos comprometer com qualquer formulação teórica que traga em seu arcabouço noções relativas a uma suposta natureza "essencial". Ele adverte que, embora frequentemente se entenda que o papel é uma questão "puramente" social, o mecanismo que o desempenha – pessoa ou indivíduo, é de alguma forma mais que social, mais real, mais biológico, mais genuíno. Para o autor, isso é um equívoco. Em seus termos, a pessoa que atua e a função ou papel em que ela atua ou performatiza "[...] deveriam ser consideradas, inicialmente, como igualmente problemáticas e igualmente abertas a uma possível explicação social." (GOFFMAN, 2012, p. 333).

Além da esperada compatibilidade entre aparência e maneira, é esperado ainda que sejam mantidas a coerência entre ambiente, aparência e maneira. Entretanto esta coerência, representação de um tipo ideal de comportamento, acaba por nos chamar a atenção para as exceções (GOFFMAN, 2013), eu diria, acaba por nos fornecer os elementos da dúvida sobre essa tão bem arrumada congruência. Em sua obsessão confirmadora, a citação reiterada da norma (BUTLER, 2007) não só aponta para o que deve ser feito, mas para o que pode não ser.

De qualquer sorte, a representação não ocorre em qualquer espaço ou cenário, ela diz respeito a um dado enquadramento social e a ele responde, é o que quer marcar Goffman (2012, 2013). Esse enquadramento é dado, primeiramente, pelo próprio cenário, que compreende a mobília, a decoração, a disposição física e outros elementos do pano de fundo. O *cenário* tende a permanecer na mesma posição geográfica, de forma que "aqueles que usem determinado cenário como parte de sua representação não possam começar a atuação até que se tenham colocado no lugar adequado e possam terminar a representação ao deixá-lo." (GOFFMAN, 2013, p. 34).

Para que haja consonância entre fachada e cenário, o indivíduo precisa adotar esquemas por meio dos quais é possível definir as diferentes situações.

> Em nossa sociedade ocidental, quando um indivíduo reconhece um determinado acontecimento, ele tende, seja qual for sua atividade, a envolver nesta resposta (e de fato usar) um ou mais esquemas ou *schemata* de interpretação, de um tipo que podemos designar como *primário*. (GOFFMAN, 2012, p. 45).

Nesse ponto de sua construção teórica, o autor oferece um grande contributo à compreensão da noção de *definição da situação*, frequentemente usada pelos interacionistas, porém, insuficientemente desenvolvida, como observou Goffman (2012). Segundo Goffman (2012), os autores que se situam na tradição que ele utiliza deixaram a desejar ao contentarem-se com expressões como "vida cotidiana", ou "mundo das realidades práticas plenamente conscientes" Schutz (1970 apud GOFFMAN, 2012, p. 50). Segundo ele, na definição da situação podem estar envolvidos vários esquemas ou nenhum, os atos da vida cotidiana são compreensíveis devido a um ou mais *esquemas primários* que informam os atores em interação.

Goffman (2002) observa que os esquemas primários variam no que tange ao grau de organização, alguns são claramente apresentáveis como um sistema de entidades, postulados e regras, outros, na verdade a maioria, parecem não possuir nenhuma forma articulada aparente, fornecendo-nos uma perspectiva. Independente do grau de organização, o usuário deste esquema primário não terá consciência das características organizadas e definidoras da situação que o esquema lhe oferece, no entanto, isso não impede a sua fácil e plena aplicação.

Em nossa sociedade, percebe-se ou faz-se, diz o autor (2012), uma distinção toleravelmente clara entre dois tipos de esquemas: naturais e sociais. Os *esquemas naturais*

identificam aquelas ocorrências consideras não-dirigidas, não-guiadas, não-orientadas, ou seja, “puramente físicas”. Diz respeito àqueles acontecimentos decorrentes de determinantes “naturais”. Os *esquemas sociais*, ao contrário, fornecem uma compreensão de fundo para aqueles acontecimentos que compreendem a vontade, o esforço e objetivos de um agente inteligente, sendo o principal deles o ser humano. Aquilo que esse agente faz é definido por Goffman (2012, p. 46) como “ações guiadas” [guided doings]. Nas cenas amorosas e sexuais descritas pelos participantes dessa pesquisa de doutoramento, identificamos estas “ações guiadas” submetendo os atores a determinados padrões de comportamento e à avaliação de seu/sua parceiro/a, bem como ao julgamento de “outros invisíveis” (WATKINS, 2005), porém presentes e sugestivos. Como explica Goffman (2012, p. 46), “estas ações submetem o ator a padrões, à avaliação social de sua ação [...]”, mantendo “[...] um gerenciamento sequencial da consequencialidade, ou seja, um controle corretivo contínuo de sua ação na situação.”

> Tomados em seu conjunto, os esquemas primários de um determinado grupo social constituem um elemento central de sua cultura, especialmente na medida em que surgem compreensões relativas aos principais tipos de *schemata*, às relações destes tipos entre si e à soma total de forças agentes que esses modelos interpretativos reconhecem estarem soltos no mundo. É preciso tentar formar uma imagem do esquema de esquemas de um grupo – seu sistema de crenças, sua ‘cosmologia’ – ainda que este seja um domínio que os estudiosos atentos da vida social contemporânea geralmente têm tido o prazer de entregar a outros. (GOFFMAN, 2012, p. 51).

No que diz respeito ao gênero e à sexualidade, talvez fosse possível dizer, mais uma vez identificando aproximações entre Goffman (2011, 2012, 2013) e Butler (2002, 2003, 2007), que o ideal de modernidade das sociedades ocidentais contemporâneas dependeu em especial da formação de um potente esquema primário ou *schemata* de interpretação – a heteronormatividade, que tem como regra central e fundante, a “heterossexualidade compulsória” (BUTLER, 2003, p. 201). A heteronormatividade poderia ser compreendida como um conjunto de normas e práticas regulatórias do sexo que materializa os corpos que nomeia através da instituição de uma “heterossexualidade compulsória e naturalizada” que, por sua vez, “exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio de práticas do desejo heterossexual.” (BUTLER, 2003, p. 45).

No contexto brasileiro, pesquisadores como Miskolci (2012) chamam atenção para o fato de que em países colonizados como o Brasil, este esquema primário ganha tonalidades

específicas. Miskolci (2012) nos mostra, em seu livro *O Desejo da Nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*, que o projeto de modernização da sociedade brasileira em fins do século XIX e início do XX, ou seja, o "Desejo da Nação", foi desenvolvido por uma conjunto de discursos e práticas disciplinadoras e reguladoras, cujo efeito final era o progresso, via uma ordenação do social. Ordenação implementada via branqueamento populacional, possível mediante o que ele chama de agenciamento do desejo, este último legítimo apenas se levado a efeito dentro do ideal reprodutivo, branco e heterossexual.

Oferecendo uma excelente contribuição para os estudiosos *queer* brasileiros, Miskolci (2012) nos põe diante do que ele chama de "os contornos da heterossexualidade compulsória à brasileira". Com base em uma série de estudos históricos, revela um mundo subjetivo, marcado pelo medo, a nortear as decisões políticas do país ao final do século XIX, ocasião em que foi abolida a escravidão no Brasil. Dissemina-se, especialmente a partir desse marco histórico, um medo que poderia ser intitulado de "medo da onda negra", onde estavam embutidos, contudo, não apenas temores raciais, como sexuais e de gênero (MISKOLCI, 2012), que cumpriram o papel de criar, simultaneamente, corpos possíveis e corpos abjetos no seio de nossa cultura.

Chamando ainda a atenção para as regras regulatórias do sexo que atravessam e materializam os corpos em nossa cultura, guiando o comportamento, vale tecer algumas considerações sobre como Goffman tematiza a questão das regras. Primeiro, Goffman (2011) sugere que todos os esquemas sociais envolvem regras, que permitem ao ator descrever os acontecimentos aos quais o esquema é aplicado. Segundo, afirma que "uma regra de conduta pode ser definida como um guia para ação, recomendada não porque ela é agradável, barata ou eficiente, mas porque ela é apropriada ou justa." (GOFFMAN, 2011, p. 52). Como destaca o autor, a ligação a regras levam a uma constância e possibilitam a padronização do comportamento, e embora esta não seja a única fonte de regularidade nas atividades humanas, ela é certamente importante. Infrações às regras tendem a gerar sentimentos de desconforto e sanções sociais negativas, de tal sorte que buscamos mantê-las sob "o nome e honra de quase tudo", como destaca Goffman (2011). Contudo, adverte, fazendo-nos lembrar da "epistemologia do armário" de Sedgwich (2007), "É claro que guias de conduta aprovados tendem a ser veladamente quebrados, evitados ou seguidos por razões que não seriam aprovadas, mas estas alternativas apenas aumentam o número de ocasiões em que as regras coagem pelo menos a superfície da conduta." (GOFFMAN, 2011, p.

52).

2.2 ERVING GOFFMAN PARA PENSAR GÊNERO E SEXUALIDADE

No prefácio de um dos livros fundadores da "abordagem construcionista em sexualidade" – *Sexual Conduct* –, em que Gagnon e Simon (2005) apresentam os princípios da Teoria dos *Scripts S*exuais, Ken Plummer (2005) explicita a estreita relação entre esta teoria e o Interacionismo Simbólico, cujos pressupostos foram há pouco apresentados.

Segundo Plummer (2005), os autores desse livro-marco, William Simon e John Gagnon, estudaram na Universidade de Chicago no início dos anos 1960 e, subsequentemente, trabalharam no Instituto Kinsey de Pesquisa do Sexo (mais tarde renomeado como Instituto para Pesquisa em Sexo, Gênero, e Reprodução) em Bloomington, Indiana, em meados dos anos 1960.

Afirma, no entanto, que eles eram diferentes de outros pesquisadores da tradição Kinsey, pois sentiam a necessidade de teorizar, tomando os dados empíricos para além da realidade meramente factual. O núcleo da abordagem proposta por esses teóricos da sexualidade desafiava a visão vigente na época, de que o sexo era simplesmente "natural". Eles efetuaram também um trabalho de crítica literária com Kenneth Burke, para quem o simbolismo era, sem dúvida, central. Nesta ocasião, utilizaram aquilo que haviam aprendido em Chicago, baseados no Interacionismo Simbólico, e influenciados pela metáfora dramatúrgica de Erving Goffman, que, nas palavras de Plummer (2002, p. 235), "[...] tornou-se indiscutivelmente o "mais eminente 'micossociólogo' do século XX [...]."

2.2.1 A roteirização do sexual na teoria dos *Scripts*

Para Gagnon e Simon (2005), o *scripting* (o roteiro) define com quem, o que, onde, quando e o porquê do comportamento sexual – guiando nossa sexualidade nos níveis pessoal, interacional e histórico-cultural. Não existe intenção de usar o termo *script* mecanicamente. Dada a sua afinidade em relação ao trabalho de Erving Goffman, o roteiro da vida sexual é dramático, performático, improvisado, criado a partir de todas as artes e ferramentas de apresentação e interpretação simbólica. A sexualidade para os humanos é uma experiência entrelaçada por símbolos, rituais, roteiros de antemão formulados para

fazer o drama da vida e a sexualidade mais fácil. Contudo, existe sempre lugar para a *performance* improvisada (PLUMMER, 2005).

"Sexo para humanos nunca é *just sex*." A experiência sexual é sempre atravessada pelo que Burke chama "*symbolicity*" (PLUMMER, 2005, p. xiii). Isto é, a sexualidade está fundada em um intrincado mundo de significados, metáforas, linguagem, símbolos. Está localizada dentro do mundo que o filósofo George Herbert Mead (1962) chamou de *self*, compartilhando comunicações, significações e significantes outros, gerados no diálogo com a cultura. Através da centralidade do símbolo e dos significados, Gagnon e Simon (2005 apud PLUMMER, 2005) desenvolveram a metáfora do *script*. E como Plummer (2005) sublinha, não existe nada de novo em aplicar a metáfora do drama à vida social, Goffman já havia feito isso brilhantemente, mas Gagnon e Simon levaram isso para um novo domínio: a sexualidade era, em si mesma, dramática. Eles sugeriam, então, examinar os *scripts* sexuais.

Conforme a Teoria dos *Scripts* Sexuais, a conduta sexual deve ser entendida como um fenômeno local, com sentidos e propósitos específicos em contextos culturais e históricos particulares. A experiência afetiva do sexual e o que é feito no campo da sexualidade pelos indivíduos é o resultado de circunstâncias particulares de aprendizagem em uma cultura determinada. Assim, podemos afirmar que as pessoas aprendem a ser sexuais em suas culturas e grupos sociais específicos. Na maioria das sociedades, a conduta sexual e a conduta dos gêneros estão ligadas de tal modo que, aquilo que homens e mulheres fazem do ponto de vista sexual costuma diferir. Os padrões apropriados de conduta reprodutiva sexual e de gênero são produtos de cultura específicos, e podem ser vistos como exemplos de condutas socialmente roteirizadas (GAGNON, 2006).

"O roteiro é a organização de convenções mutuamente compartilhadas que permite que dois ou mais atores participem de um ato complexo, que envolva a dependência mútua." (GAGNON; SIMON, 2005, p. 18). A roteirização sexual se organiza em torno da interação dinâmica entre três níveis de experiência: o intrapsíquico, nível da vida subjetiva, que inclui sistemas de significação pessoal/cultural, planos de futuro, guias para a ação atual e esquemas de rememoração; o interpessoal, das interações sociais como a que se dá entre os parceiros/as sexuais, e o cultural ou "cenário cultural", onde estão as instruções (baseadas nos significados compartilhados) sobre como as pessoas, a depender do seu gênero, por exemplo, devem ou não devem comportar-se sexualmente.

Num modelo mais estático de compreensão destes níveis de roteirização poderíamos

“Pensar os *cenários culturais* como guias de instrução que existem no plano da vida coletiva.” (GAGNON, 2006, p. 225, grifo nosso). Nesse caso, todas as instituições cumprem o papel de sistemas semióticos a partir dos quais os indivíduos pautam suas interações afetivo-sexuais, já que estas fornecem modelos, prescrições a serem seguidas por homens e mulheres, a partir dos seus múltiplos pertencimentos sociais. No nível interpessoal, os indivíduos agem a partir de roteiros que buscam atender as expectativas das pessoas com as quais interagem nas diferentes situações, ou seja, norteiam sua atitude pela atitude do outro. Os roteiros intrapsíquicos representam, segundo Gagnon (2006), o conteúdo da vida mental, em parte resultante do diálogo que os indivíduos estabelecem com seus cenários culturais e das demandas de interação, mas também independente destas.

Num modelo mais dinâmico de compreensão, focaliza-se a interação dinâmica e inevitável entre esses diferentes níveis de roteirização. Assim, diz Gagnon (2006), na interface da vida cultural e psíquica, o indivíduo é, ao mesmo tempo, plateia, crítico e revisor dos roteiros sexuais; já na interface entre a interação e o psíquico, o indivíduo é ator, crítico e dramaturgo. No mundo “privado” da vida psíquica ele assume, por sua vez, o papel de fantasista, memorialista e utopista, trabalhando a partir dos materiais da interação e da cultura, esta última, com todo o seu sistema de significados, a partir do que se tem a possibilidade de criar alternativas inovadoras, ainda que situadas num espaço e tempo determinados.

Interessante nessa abordagem da sexualidade é o fato de que a necessidade de criar roteiros interpessoais transforma o ator social, exigindo que este aja para além daquilo para o que foi treinado em seu papel ou papéis, o que lhe acrescenta a tarefa de ser um autor ou adaptador de roteiros. Alguns indivíduos, inclusive, tentam tornar expressas estas novas combinações que fazem a partir do diálogo que estabelecem com os outros sociais, criando novas formas de cultura por meio da interação.

A atividade psíquica, nesse caso, é extremamente importante, pois nos permite recriar a partir do material semiótico disponível em nossa cultura, quando se torna difícil, por exemplo, atuar apenas como um ator social satisfatório, ou quando é necessário modificar o material dado dos cenários culturais. O fato é que a relação entre os cenários culturais, os roteiros interpessoais e os roteiros intrapsíquicos é complexa e envolve um alto grau de variabilidade, não só em cada cultura e época, como também dentro dos subgrupos culturais e entre os indivíduos destas culturas e subculturas num mesmo contexto histórico e

social.

Não obstante existam indivíduos que reproduzem com muita fidelidade, o que não quer dizer com muita consciência, as instruções dos cenários culturais em seu cotidiano, sem incômodo (ao menos aparente) e, muitas vezes, com entusiasmo, como destaca Gagnon (2006), outros compreendem essas prescrições culturais como estranhas, questionáveis e perturbadoras, o que pode resultar ou não em práticas que transgridem o que está posto pelo cenário.

2.2.2 A teoria da performatividade de gênero, aproximações

Reconhecida como uma das mais brilhantes feministas da contemporaneidade, Judith Butler (2002, 2003, 2007) propõe-se a teorizar sobre as formas pelas quais o gênero é realizado/efetuado no "fazer", revelando uma evidente aproximação com a proposta dramatúrgica de Goffman, como observa Plummer (2005). Desconstruindo os mais caros discursos feministas em torno do sistema sexo/gênero, Butler (2003), que é também identificada como teórica queer, contrapõe-se à celebre frase de Beauvoir (1970): "a gente não nasce mulher, torna-se mulher", afirmando desconfiar da flexibilidade posta sobre o gênero a partir da noção de construção (do tornar-se). Procura mostrar que o que ocorre em nossa cultura é uma normatização do gênero. Pergunta: se o gênero é uma construção, o que (culturalmente) nos faz crer que o gênero feminino só possa ser construído a partir de um corpo/sexo feminino, e um gênero masculino, de um corpo/sexo masculino? Não estaria o corpo, o sexo, desde o princípio marcado pelo gênero? (BUTLER, 2003).

Considera que, a partir das argumentações desenvolvidas por Beauvoir, tendemos a supor que existe um corpo anterior, meio passivo, sobre o qual se inscrevem os significados culturais, quando, de fato, não podemos dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca (cultural) de seu gênero. Tudo parece fazer crer, como observa Butler (2003), que os corpos são recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Mas se é assim, problematiza Butler (2003), o gênero é tão determinado e fixo quanto o sexo.

Nas palavras de Butler (2003, p. 59), "o gênero é a estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser [...]". Butler (2003, p. 58, grifo nosso) procura mostrar que o "'ser' de um gênero é *um*

efeito". Isso implica, de um lado, que a identidade é uma ficção, de outro, que esta ficção é constituída *performativamente*. Diz Butler (2003, p. 48): "não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias 'expressões' tidas como resultados." Não satisfeita, a autora ainda afirma que a aparente unidade de gênero (socialmente imposta e excludente) é efeito de uma prática reguladora que busca reiteradamente uniformizar a identidade de gênero, por meio da "heterossexualidade compulsória". Com esses argumentos, ela busca demonstrar não apenas a falácia da ideia de identidade (de gênero) como algo substantivo e com força política, mas também a ineficácia de se pensar sexualidade, sem interseção com a discussão de gênero.

Em *Criticamente Subversiva*, texto que integra o livro *Sexualidades Trasgressoras* (JIMÉNEZ, 2002), Butler (2002) inicia seu texto retomando a questão das categorias identitárias como estratégia política, tal como o faz em *Problemas de Gênero*. Diz considerar que, do ponto de vista político, segue sendo necessário reivindicar palavras como "mulheres", "marica", "gay" e "lésbica", visto que estas, por assim dizer, nos definem antes mesmo que tenhamos plena consciência disso. O uso desses termos, em contrapartida, deve ser necessário também para refutar usos homofóbicos destes nos âmbitos da lei, das políticas sociais, da rua e da vida "privada".

Segue, a partir desse ponto, expondo importantes questões sobre o que poderíamos chamar de teoria da performatividade de gênero. Destaca que não se deve entender com este termo que gênero é uma eleição, uma construção. Esta é uma explicação do *gênero sexuado* que pressupõe um sujeito intacto, prévio à assunção do gênero. O gênero é performativo, é, como havia dito em *Problemas de Gênero*, o *efeito* de um regime que regula as diferenças de gênero. Segundo esta teórica, o procedimento mediante o qual se atualizam as regras e se atribui a um corpo um gênero ou o outro é uma produção forçada, mas não é, por isso, completamente determinante. Se gênero é uma atribuição, trata-se de uma atribuição que não se leva a cabo plenamente de acordo com as expectativas, de tal sorte que o destinatário nunca habita de todo esse ideal ao qual está obrigado a aproximar-se.

Em *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"*, Butler (2007) propõe um deslocamento da ideia de construção para a de materialização, argumentando que a relação entre cultura e natureza, pressuposta por alguns modelos do gênero como construção, supõe uma cultura ou uma agência do social que age sobre uma natureza, pressuposta, por sua vez, como superfície passiva, fora do social, necessária, porém, como

contraparte. Afirmando ser a categoria “sexo”, desde o início, normativa, considera que este é um ideal regulatório cuja materialização é imposta por certas práticas altamente reguladas. Segundo Butler (2007, p. 154), “o ‘sexo’ é um construto ideal que é forçosamente materializado através do tempo.” Essa materialização, como mencionei anteriormente, nunca é completa, pois os corpos não se conformam completamente às normas pelas quais a materialização é imposta. Pois bem, de que maneira essa noção de materialização relaciona-se com a de performatividade gênero?

Butler (2007) esclarece que “a performatividade deve ser compreendida não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que nomeia.” (BUTLER, 2007, p. 154). A teórica *queer* argumenta que deseja deixar claro que existem normas regulatórias do “sexo” atuando de uma forma performativa para constituir a materialidade do corpo, mais ainda, para materializar o sexo do corpo, ou seja, para materializar a diferença sexual a serviço do “imperativo heterossexual”. Ao afirmar que o discurso é performativo, de um lado, destaca que isso não significa que ele causa, origina ou exaustivamente compõe aquilo que admite, mas que não existe nenhuma referência a um corpo puro, que não seja, ao mesmo tempo, uma formação adicional daquele corpo; de outro, deseja enfatizar que em termos filosóficos, a afirmação constatativa do tipo “é uma menina”, anunciada aos pais pela autoridade médica diante de uma ecografia, é também performativa, pois essa simples admissão atua na materialização do sexo que nomeia.

Além disso, Butler (2007) faz questão de sublinhar que esse processo reiterativo de nomeação/citação da norma não apenas possibilita certas identificações sexuadas, como impede ou nega outras identificações. “Esta matriz excludente pela qual os sujeitos são formados exige, pois, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são ‘sujeitos’, mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito.” (BUTLER, 2007, p. 155). É nesse sentido que podemos considerar que “a nomeação é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de uma norma.” (BUTLER, 2007, p. 161). Há, nas palavras de Butler (2007, p. 155), uma “zona de inabitabilidade” que constitui o limite definidor do domínio do sujeito, “local de temida identificação contra o qual – e em virtude do qual – o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reinvindicação de direito à autonomia e à vida.” Como observa Bauman (1998, p. 27),

> Todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos, e os produz de sua própria maneira, inimitável. Se os estranhos são as pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo, num desses mundos – num desses mapas, em dois ou em todos os três, se eles, portanto, por sua simples presença, deixam turvo o que parece transparente, confuso o que deve ser uma coerente receita para a ação, e impedem a satisfação de ser totalmente satisfatória, se eles poluem a alegria com a angústia, ao mesmo tempo que fazem atraente o fruto proibido, se, em outras palavras, eles obscurecem e tornam tênues as linhas de fronteira que devem ser claramente vistas, se, tendo feito tudo isso, geram a incerteza, que por sua vez dá origem ao mal-estar de se sentir perdido – então cada sociedade produz esses estranhos. (BAUMAN, 1998, p. 27).

Para evitar que corpos estranhos ganhem forma, desestabilizando a ordem social organizada, as normas de gênero operam exigindo a encarnação de certos ideais de feminilidade e masculinidade, que estão quase sempre ligados à idealização da união heterossexual. Dar nome à “menina”, como observa Butler (2002, 2007), é transitivo e inicia o processo pelo qual se impõe uma determinada “feminização”, ou, usando termos de Goffman, “uma certa performance do feminino”. Essa compreensão é também compartilhada por Halberstam (2008), que propõe o uso dos termos “nascida mulher” e “nascido homem” para indicar a prática social que designa um ou outro gênero aos bebês quando nascem, através do processo de nomeação, vigiando para que, ao longo do curso de vida, eles correspondam ao seu gênero de nascimento. Com esta terminologia, ela sugere que estas designações não sejam obrigatoriamente mantidas por toda a vida da pessoa, pois sempre há pessoas que não conseguem identificar-se com uma ou outra dessas opções.

Butler (2002, 2003) e Halberstam (2008) desejam sublinhar que as palavras, melhor dizendo, seu poder simbólico, governa a formação de uma feminilidade que toma forma no corpo e que nunca se aproxima de todo da norma. Em qualquer caso, para Butler (2002), trata-se sempre de uma “menina” que está obrigada a “citar” a norma (através de atos performativos) para assim converter-se em um sujeito normatizado e, portanto, aceitável. Desse modo, a feminilidade não é, em consequência, o produto de uma eleição, mas a citação forçada de uma norma, cuja complexa historicidade é inseparável das relações de disciplina, regulação e punição (BUTLER, 2002), a que os indivíduos estão sujeitos.

O conceito de performatividade de gênero é reconsiderado como uma norma que exige uma determinada “citação/nomeação” para que se possa produzir um sujeito aceitável, e é precisamente em relação a essa citabilidade obrigada que a autora explica a teatralidade de gênero. Segundo ela, esta teatralidade, que se expressa, de forma mais perceptível, na

figura da travesti e, mais ainda, da drag, expõe ou alegoriza as práticas psíquicas e performativas mediante as quais os gêneros heterossexualizados se formam, por meio de uma renúncia da possibilidade da homossexualidade (BUTLER, 2002, 2003). Opõe-se, nesse ponto, à teoria da sexualidade de Freud (1996a, 1996b), ao afirmar que a primeira interdição não está na proibição do incesto, mas na proibição da homossexualidade.

> O fato de o menino geralmente escolher o heterossexual não resultaria do medo da castração pelo pai, mas do medo de castração – isto é, do medo da "feminização", associado com a homossexualidade masculina nas culturas heterossexuais. Com efeito, não é primordialmente o desejo heterossexual pela mãe que deve ser punido e sublimado, mas o investimento homossexual que deve ser subordinado a uma heterossexualidade culturalmente sancionada. (BUTLER, 2003, p. 94).

Ressalta que a conformidade hiperbólica da ordem presente na figura da *drag* acaba por revelar o próprio caráter hiperbólico, no sentido de produzido, da norma, podendo converter-se no signo cultural que torna legível o imperativo cultural. Segundo Butler (2002), a heterossexualidade opera mediante a produção hiperbólica do "homem" e da "mulher", produções que nenhum de nós alcança em sua totalidade, mas que somos cotidianamente obrigados a negociar, posto que o caráter obrigatório da norma nem sempre é eficaz. A ressignificação da norma é uma função de sua ineficácia. É por conta dessa debilidade da norma, que há possibilidade de subversão. Numa tentativa de fazer uma interlocução com os estudos interacionistas, talvez pudéssemos dizer que a chave da distância que se estabelece entre as normas e a ação do ator e atriz social esteja na capacidade interpretativa destes, esta que os coloca em condições de confrontá-la em seu uso repetido, porém nunca o mesmo, sempre outro, ou seja, alteração infinita em sua própria repetição-criação.

Como destaca a própria Butler (2007), a generificação dos corpos ou a materialização do sexo (como prefere a autora) é construída, entre outras coisas, pelas relações diferenciadas de gênero ou sexualmente diferenciadas. Em suas palavras, "[...] o 'eu' não precede nem segue o processo de generificação, mas emerge apenas no interior das próprias *relações de gênero* e como a matriz dessas relações." (BUTLER, 2007, p. 160, grifo nosso). Essa afirmação encontra ressonância nas teses dos teóricos interacionistas, que dão grande ênfase aos processos que se desenham no seio das interações humanas, a exemplo da interação amorosa e sexual. Contudo, é importante sublinhar que há entre esta teórica *queer* e os interacionistas, com os quais também dialogamos nesta tese, diferenças a considerar.

Diferenças que não os colocam, a meu ver, em campos opostos, mas complementares, no sentido de que o limite de análise que um apresenta encontra resposta na possibilidade de análise que o outro oferece.

Assim, se, em Butler (2002, 2003, 2007) encontramos uma grande ênfase nas demandas normativas que materializam o sexo e que impõem uma apropriação constrangida da lei regulatória (BUTLER, 2007) do sexo, nos interacionistas, encontramos não apenas os recursos conceituais para analisar o efeito desse processo de normatização no seio da interação entre os parceiros amorosos e sexuais, como também para melhor compreender o papel ativo do/a ator/atriz social na produção daquilo que Butler (2007) chama de instabilidade constitutiva da norma, mais precisamente, para entender o lugar da interpretação dos sujeitos frente às normas que lhes constrangem, sujeitam e subjetivam.

Segundo Butler (2007), o sexo é tão produzido quanto desestabilizado ao longo do tempo como efeito de uma prática reiterativa e ritual por meio da qual ele adquire o seu efeito naturalizado. De acordo com ela, é em função dessa repetida reiteração que fossos e fissuras são abertos como instabilidades constitutivas dessas produções, como aquilo que escapa ou excede a norma, ou seja, “como aquilo que não pode ser totalmente fixado pelo trabalho repetitivo daquela norma.” (BUTLER, 2007, p. 164). No entanto, embora a autora deixe claro que é na possibilidade de ressignificação da norma que se encontra a sua debilidade (BUTLER, 2002), não esclarece os mecanismos por meio dos quais estas fissuras se tornam possíveis, e de que ressignificação ela fala.

Dizer que é o trabalho repetitivo da norma o produtor de sua própria ruptura, não me parece, porém, suficiente para explicar esta operação, exceto se conjugarmos esta ideia com uma noção muito cara aos interacionistas – a noção de interpretação, que confere, a meu ver, um papel mais ativo ao ator social nesse processo. Se essa repetição da lei não pressupõe um legislador que, do alto, dita as normas, então, o que posso pressupor é que estas normas sejam criadas e recriadas no fluxo da interação entre os atores sociais através do recurso da interpretação. Sendo assim, o que temos como efeitos são sempre cópias, no máximo, uma cópia da cópia, como a própria Butler (2003) sugere quando diz existir inúmeros gêneros e não apenas dois, como impõe o processo de normatização de matriz heterossexual. Mas se o que temos são cópias, nunca o mesmo, sempre outro, temos também artifícios de criação, o que pressupõe que processos de interpretação estejam envolvidos nessa operação. Foi nos teóricos interacionistas, particularmente em Blumer

(1980) e Goffman (2011, 2012, 2013) que encontrei as pistas para responder a estas e outras perguntas que a leitura de Butler (2007) provocou.

Blumer (1980), por exemplo, afirma que a maior parte da ação social em uma sociedade humana existe sob a forma de padrões recorrentes de ação conjunta. Contudo, considera falso estabelecer que todo decurso de existência em qualquer sociedade humana é nada mais que a expressão de uma ordem de vida fixa e redutível a uma série de regras, normas, valores, etc., ou seja, a expressão de formas preestabelecidas de ação conjunta. Pensar assim, segundo ele, é desprezar o fato de que constantemente criam-se novas situações problemáticas para as quais as regras sociais preestabelecidas são inadequadas. Mesmo no caso de ações conjuntas preestabelecidas e repetitivas [como as "performances complementares de gênero"], cada uma de suas manifestações precisa ser reelaborada, o que o aproxima de Butler (2007) quando sugere que é a própria repetição reiterada da norma que cria as possibilidades de subversão. Blumer (1980) irá esclarecer que o comportamento repetitivo e estável representa tanto a consequência de um processo interativo e interpretativo quanto uma nova forma de ação conjunta sendo desenvolvida pela primeira vez. Para Blumer (1980, p. 135),

> a aceitação gratuita de conceitos como de norma, valor, regra social e outros afins não deveria desviar o cientista social do fato de que qualquer um dos referidos conceitos ser subtendido por um processo de interação social – processo esse não apenas necessário para a mudança, como também para a sua retenção de uma forma fixa. Na coexistência grupal, é o processo social que cria e mantém as regras, e não as regras que mantêm e criam a existência grupal. (BLUMER, 1980, p. 135).

Para este teórico do interacionismo simbólico, a chave para a compreensão destes processos sociais de permanência e mudança está na noção de interpretação, central para as teses interacionistas. Blumer (1980) considera que os significados subjacentes à ação conjunta fixa e recorrente encontram-se simultaneamente sujeitos à pressão e a esforços de afirmação, a insatisfações e a indiferenças, à aprovação e à desaprovação, sendo tratados com desinteresse ou revitalizados na ação cotidiana de cada ator ou atriz social, que incessantemente os interpreta. Aí se encontraria, a meu ver, tanto o poder de afirmação da norma quanto a possibilidade de transgredi-la.

As afirmativas de Blumer (1980) sustentam-se naquilo que ele considera como sendo as três premissas básicas do interacionismo simbólico, a saber: que os seres humanos agem

em relação ao mundo com base nos significados que este lhes oferece, isso inclui desde os objetos e categorias de pessoas no mundo (amigos, pais, professores, etc.), a instituições e regras socialmente impostas (o que nos permite aqui um diálogo com a teoria da performatividade de gênero); os significados de tais elementos serão provocados pela interação que se mantém com as pessoas cotidianamente; tais significados são manipulados e, portanto, transformados, alterados por um processo interpretativo utilizado pela pessoa quando em relação com os elementos com que entra em contato (BLUMER, 1980).

De qualquer sorte, é importante sublinhar que, se, de um lado, a interpretação garante ao ator margens de flexibilidade no seio da norma – o que o coloca na condição de autor ou, no mínimo, coautor de sua própria performance – (ARDOINO, 2000), por outro, está a serviço estratégico deste mesmo ator na medida em que lhe permite "definir as situações" de interação, evitando embaraços (GOFFMAN, 2012). Assim, a partir dessa produção forçada a que se refere Butler (2007), o/a ator/atriz social irá, em muitas ocasiões, atuar de modo a corresponder, consciente ou inconscientemente, às expectativas postas sobre o seu corpo sexuado, colocando-se dentro do armário, como observa Sedgwich (2007). Em *A Epistemologia do Armário*, uma versão condensada de seu livro homônimo, Sedgwich (2007) desenvolve uma discussão sobre o armário enquanto dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas. Ela enfatiza que o "armário" ou o "segredo aberto" marcou a experiência gay/lésbica no último século, mesmo após a rebelião de Stonewall, em 1969. Mesmo no nível individual, e até mesmo entre pessoas assumidamente gays, encontramos pouquíssimas que não se posicionem no armário diante de alguém próximo ou distante, e, especialmente, em situações novas, onde não tem condições de prever o resultado da enunciação de sua orientação sexual. Embora a autora ressalte que o armário não é uma realidade apenas para gays e lésbicas, frisa que é na vida destes últimos que ele assume uma presença formadora. É nesse ponto que me parece fundamental a articulação da teoria da performatividade de gênero, de Butler (2002, 2003, 2007), com a teoria dramatúrgica da interação, de Goffman (2011, 2012, 2013). Este último teórico se concentra no nível do ritual da interação face a face, e, nesse sentido, traz importantes contribuições para pensar sobre a atuação dos atores dentro do sistema sexo/gênero/desejo, socialmente imposto pela matriz heterossexual. Goffman (2011) trabalha com a ideia de que, quando em interação face a face, o eu está envolvido em um mandado duplo, o que significa dizer que o/a ator/atriz social atua, de um lado, a partir de uma montagem do eu, produzida em função das implicações expressivas do

fluxo total de eventos numa ocasião; de outro, “como um tipo de jogador num ritual que lida honrada ou desonradamente, diplomaticamente ou não, com as contingências do juízo na situação.” (GOFFMAN, 2011, p. 37-38).

Obviamente, no que diz respeito à esfera das relações amorosas e sexuais é a “lei do sexo” (BUTLER, 2007, p. 169), reiteradamente citada, que coloca para o/a ator/atriz a exigência de um determinado tipo de montagem e não outro (montagem, a meu ver, inicialmente inconsciente, mais tarde consciente e inconsciente), através da imposição de certas regras, a partir das quais o ator e a atriz jogam. É esta lei que impõe *scripts* (GAGNON; SIMON, 2005) determinados para os diferentes atores segundo os marcadores de diferença, como é também ela que estabelece como possível certas atuações, relegando outras aos bastidores, como tem feito desde o século XIX com os homossexuais. Diante de um cenário como esse, Butler (2007) considera que, se existe uma *agência*, ela deve ser encontrada, paradoxalmente, nas possibilidades abertas naquela – e por aquela – apropriação da lei regulatória, pela identificação compulsória com suas demandas normativas, pela materialização daquela lei.

Vale a pena, porém, estabelecer aqui algumas fronteiras entre o que Butler (2002, 2007) chama de performatividade, e a noção de *performance* em Goffman (2011, 2012, 2013). Butler (2003, 2007) faz questão de esclarecer que a performatividade não é um “ato” singular, antes, é uma reiteração de uma norma ou um conjunto de normas levadas a efeito por intermédio de uma lei em discurso. Assim, o sujeito não executa ações em obediência à lei, mas ações mobilizadas pela citação reiterada da lei. Segundo Butler (2007, p. 167), “na teoria do ato de fala, um ato performativo é aquela prática discursiva que efetua ou produz aquilo que nomeia.” Nesse caso, o ato performativo seria o condicionante da *performance* do ator ou atriz social, a montagem do eu e o jogo ritual da interação face a face se materializa por intermédio desse cenário discursivo em ato. A *performance* de gênero seria, a seu turno, o *efeito* desse ato performativo, desse conjunto de normas regulatórias do sexo que produz aquilo que nomeia, ao mesmo tempo que se desdobra em próprio ato performativo na medida em que cita reiteradamente a norma naquilo que performatiza.

2. 3 A PSICOLOGIA CULTURAL E A TEORIA DO *SELF* DIALÓGICO

Como afirmei anteriormente, segundo a Teoria dos *Scripts* Sexuais, de Gagnon e

Simon (2005), a roteirização do sexual se organiza em torno da interação dinâmica entre três níveis de experiência: o *intrapsíquico*, nível da vida subjetiva, que inclui sistemas de significação pessoal/cultural, planos de futuro, guias para a ação atual e esquemas de rememoração; o interpessoal, das interações sociais como a que se dá entre os parceiros/as sexuais, e o *cultural* ou "*cenário cultural*", onde estão as instruções (baseadas nos significados compartilhados) sobre como as pessoas, a depender do seu gênero, por exemplo, devem ou não devem comportar-se sexualmente. Ricamente explorada no que tange ao nível interpessoal e do cenário cultural, Gagnon e Simon (2005) e também Butler (2003, 2007) em sua teoria da performatividade de gênero, deixam algumas questões em aberto no que tange ao que se processa no nível intrapessoal, ou seja, no que diz respeito ao processo interpretativo intrapsicológico, uma limitação que a meu ver pode ser equacionada pela conjugação destas teorias à abordagens teóricas do campo da psicologia que, por seu caráter interdisciplinar, nos permita o diálogo entre estes campos disciplinares.

Considero que a Psicologia Cultural do Desenvolvimento, de Valsiner (2012) e colaboradores (CABELL, 2010; SATO, 2009; ZITTOUN, 2012), e a Teoria do *Self* Dialógico, de Hermans e Hermans-Konopka (2010) Salgado e Hermans (2005), Hermans, Kempen e van Loon (1992), podem ser boas interlocutoras. No prefácio do livro *Fundamentos da Psicologia Cultural, mundos da mente, mundos da vida* (VALSINER, 2012)[14], Maria Lira (2012, p. vi) faz um comentário sobre Valsiner e sua proposta, que explica bem o que acabo de dizer:

> [...] ultrapassando os ditames metodológicos tradicionais do momento em que vivemos na psicologia, ele [Valsiner] nos coloca em liberdade para aproximações possíveis com outras ciências como o faz em relação à antropologia, à sociologia, à história, à filosofia e, claramente, à Ciência do Desenvolvimento. (LIRA, 2012, p. vi).

Valsiner (2012) propõe pensar numa psicologia de base semiótica. Influenciado por Peirce e George Mead, dentre outros autores, considera que a ontogenia humana envolve a construção e o uso de signos que são culturalmente compartilhados. Sua preocupação, contudo, é compreender como estes signos operam para regular os fenômenos psicológicos emergentes, tanto no domínio interpessoal como no domínio intrapessoal. No que tange a este último domínio, o interesse de Valsiner (2012) se dirige para a análise de como os signos atuam no "desenvolvimento de mecanismos regulatórios hierárquicos de crescente

[14] Livro recentemente traduzido para o português por Ana Cecília Bastos, pesquisadora brasileira que há tempo vem dialogando com esse criativo pesquisador norte-americano da Clark University.

generalidade" (VALSINER, 2012, p. 55), ou seja, para entender como, "[...] pelo uso de signos, os seres humanos podem transcender qualquer contexto de atividade situada no aqui-e-agora, lançando mão de significados pessoais subjetivamente construídos (em outros termos, de 'cultura pessoal')." (VALSINER, 2012, p. 55).

Segundo Valsiner (2012), os signos são promotores de um leque de significados. Uma vez estabelecida uma versão generalizada desse signo, este se torna um signo promotor, capaz de canalizar ações futuras, sobretudo quando se torna internalizado sob a forma de sentimentos. O teórico considera que é o uso de signos que permite aos seres humanos demonstrar uma notável flexibilidade, momento a momento, em seu relacionamento com seus ambientes. O papel dos signos (mediação semiótica) é central nesse processo. De acordo com Valsiner (2012, p. 251), "nós criamos sentido para nossas relações com o mundo, e para o próprio mundo, pelos nossos sentimentos que são, eles próprios, culturalmente organizados pela via da criação e uso de signos."

A tese central da perspectiva semiótica na psicologia cultural é, segundo o teórico, simples: *"a vida psicológica humana em sua forma mediada por signos, é afetiva em sua natureza."* (VALSINER, 2012, p. 251, grifo do autor). Para Valsiner (2012), o domínio dos sentimentos é central para a construção de culturas pessoais, o lado mental-reflexivo é uma ferramenta, um recurso semiótico emergente para organizar o relacionamento afetivo com o mundo. Distanciando-se de concepções substancializantes da psique humana, compreende, à semelhança dos pragmatistas, que a "cultura pessoal" está em interdependência com os processos comunicativos interpessoais também mediados por signos – não sendo, porém, por eles determinada. É com base no diálogo que estabelece com os signos culturais compartilhados que o indivíduo construirá sua "cultura pessoal". A multiplicidade de mensagens comunicativas ou "cultura coletiva", como costuma chamar Valsiner (2012, p. 55), "[...] constitui o '*input'* heterogêneo para a construção do *self* por seres humanos individuais.".

> O processo dual de internalização/externalização garante a falta de isomorfismo entre as culturas coletiva e pessoal, tornando cada indivíduo, desse modo, uma pessoa única, ainda que apoiado sobre o mesmo *background* geral da cultura coletiva. Isso é garantido pela noção de transferência bidirecional de cultura: enquanto as mensagens 'recebidas' possam ser similares para diferentes indivíduos, o modo pelo qual essas mensagens serão transformadas e reconstruídas será de modo necessário pessoalmente único. Culturas pessoais são relativamente autônomas em relação à cultura coletiva. (VALSINER, 2012, p. 69).

A internalização é o processo de análise do material semiótico existente externamente, e sua síntese de uma forma nova no domínio intrapsicológico. O processo paralelo e complementar é a externalização, que é o processo de análise do material pessoal-cultural intrapsicológico durante sua transposição de dentro para fora da pessoa, e a modificação do ambiente com uma síntese nova desse material. Como a internalização e a externalização são processos construtivos, a síntese produzida pelas ações das pessoas dentro do ambiente são novas em relação a prévios estados do ambiente, e diferentes também do material intrapsicológico original (VALSINER, 2012).

O Sistema de Internalização/externalização, tal como proposto por Valsiner (2012), nos permite compreender, portanto, a falta de isomorfismo no campo da sexualidade. É por meio desse sistema, que se ancora na capacidade interpretativa dos indivíduos e na natureza dialógica da relação pessoa-"cultura coletiva", que os indivíduos constroem suas trajetórias afetivo-sexuais, sempre sujeitas à inovação, dado que o diálogo não cessa, é constante. Embora a sociedade trabalhe pela conformação das pessoas à norma – heterossexual, e muito desse material seja inconscientemente internalizado, por efeito da repetição reiterada dessa norma (BUTLER, 2003, 2007), jamais teremos como resultado sequer duas trajetórias idênticas. É com base nesse sistema de internalização/externalização, a meu ver, que a diversidade sexual ganha expressão, interrogando a "cultura heteronormativa" em sua suposta hegemonia e aparente homogeneidade ou unidade.

Valsiner (2012) destaca que os processos de internalização e externalização construtiva estão em ação constantemente. Eles são responsáveis por transpor o material semiótico, ou seja, estruturas de significados baseadas em valores e coloridos afetivamente, que fazem parte dos campos intrapsicológicos da pessoa, para o domínio da ação externa, procedendo de modo inverso com o material semiótico externo. Assim, o campo estruturado dentro e fora da pessoa está constantemente mudando, através desse relacionamento com o ambiente. Ambos, internalização e externalização, são orientados para o futuro, focalizando o próximo momento no tempo. Isto porque este sistema de internalização/externalização construtiva necessariamente conduz a alguma forma de distanciamento psicológico. Qualquer reflexão sobre a ação da pessoa (ex: "O que estou fazendo aqui e agora?") constitui uma forma de distanciamento que permite à pessoa transcender o contexto presente, enquanto permanece como um ator participante. O distanciamento pessoal flexível é uma tática de neutralização em relação a esforços de intervenção neutralizantes que vêm dos

outros sociais.

Assim, o lado dinâmico do distanciamento psicológico como um recurso semiótico de autorregulação permite a constante modulação das relações da pessoa com um dado contexto. Os processos de internalização/externalização constroem a possibilidade para estabelecer recursos intrapsicológicos que mudam toda a compreensão subjetiva de alguma ação que está em curso. A partir de inúmeros signos dados externamente, seres humanos podem construir vários cenários intrapsicológicos via processos de internalização. Estes cenários podem levantar, como possíveis, contextos desejados para ações futuras. Assim, seres humanos são capazes de manter suas mentes afastadas das situações do aqui-e-agora.

Retomando a questão do mundo dos afetos, tão central para a psicologia cultural quanto para esta tese, é importante sublinhar que na perspectiva semiótica na psicologia cultural a experiência afetiva é socialmente regulada por meio de sugestões sociais que são codificadas por signos, em diferentes níveis de generalização. Em seu cotidiano, a pessoa depara-se sempre com a experiência do imprevisível. Do ponto de vista psicológico, ela precisa criar dispositivos semióticos, ou seja, campos de significação, que têm o papel de estabilizar, temporariamente, "o caos sempre à espreita" (BOESCH, 2005 apud VALSINER, 2012, p. 251). "Essa construção semiótica é constante e superabundante: a criatividade da psique humana, ao gerar novos significados dentro do viver a própria vida, é hiperprodutiva." (VALSINER, 2012, p. 251). Inspirado em John Dewey (1917), também pragmatista, Valsiner afirma que os processos semióticos que a pessoa introduz na própria vida lhe permite regular e dirigir o fluxo ininterrupto das experiências humanas. Considera que seres humanos agem e sentem para o futuro, prospectivamente. Citando Dewey, busca mostrar que trabalhamos numa espécie de "predição imaginativa do futuro".

> Antecipação é... mais primária do que recordação; mais projeção, do que convocação do passado; o prospectivo mais do que o retrospectivo. Considerando um mundo como este no qual vivemos, um mundo no qual mudanças ambientais são parcialmente favoráveis e em parte cruelmente indiferentes, e a experiência é obrigada a ser prospectiva em seu curso; pois qualquer controle atingível, que a criatura vivente venha a obter depende do que é feito para alterar o estado de coisas... A predição imaginativa do futuro é a qualidade do comportamento que, sendo precursora, torna-se disponível para orientação no presente. O devaneio, sonho e a realização estética do que não é realizado na prática são desdobramentos desse traço prático; ou ainda, a inteligência prática de uma fantasia corrigida. (DEWEY, 1917, p. 13 apud VALSINER, 2012, p. 256).

A reflexividade emerge como uma ferramenta para organizar a vida afetiva em sua

dinamicidade, através dela, antecipamos, imaginativamente, o futuro (VALSINER, 2012). Isso porque os fenômenos afetivos são dinamicamente complexos e costumam escapar, como sublinha Valsiner (2012), à descrição em termos da linguagem comum, mesmo as mais elaboradas, o que tem sido um problema para a psicologia. Os processos afetivos humanos apresentam-se sob tal complexidade que ultrapassam os nossos esforços de descrição linear. Valsiner (2012) considera que compreensão destes processos exige levar em conta os dispositivos culturais de mediação – os significados – que estão a estes intimamente ligados. Os fenômenos da afetividade humana estão organizados, de acordo com Valsiner (2012), em diferentes níveis, desde aqueles situados mais próximos aos processos fisiológicos mais imediatos até aqueles hiperabstratos e hipergeneralizados dos sentimentos.

Para a Psicologia Cultural é fundamental entender os mecanismos que operam nos pontos de bifurcação, que Valsiner (2012) chama de nó da direcionalidade, construído a partir do processo de distanciamento, pois é muitas vezes aí que se situam os confrontos do indivíduo com as normas sociais e prescrições culturais, que no modelo bidirecional circunscrevem, mas não determinam a conduta dos sujeitos. Nesses pontos de bifurcação ou pontos de ruptura (ZITTOUN, 2006, 2009), o desenvolvimento pode tomar diferentes sentidos, confirmando ou não as normas sociais, trabalhando no sentido de sua manutenção, fortificação ou extinção, e é claro que isso envolve o complexo sistema afetivo e cognitivo. É precisamente neste nó que se dá o processo que permitirá a manutenção do passado e a emergência da novidade. Valsiner (2012, p. 36), citando Sherif (1936, p. 17), considera que “normas sociais não são absolutas. Elas se desenvolvem no curso dos relacionamentos reais entre os indivíduos.” Para este teórico (1936 apud VALSINER, 2012, p. 36), “os sistemas culturais de crenças implicam *replicação construtiva* – por vezes envolvendo atenuação, outras, amplificação do significado específico de complexos de ações pelas pessoas em cada geração.” Os indivíduos humanos negociam cotidianamente essas regras.

A Psicologia Cultural pressupõe, portanto, tanto um sujeito ativo, capaz de continuamente recriar as mensagens culturais que recebe, como um processo de transmissão cultural que possibilita a troca de valores e práticas de uma geração para outra, ela trabalha sobre um modelo de desenvolvimento bidirecional ou multidirecional. Nesse modelo, uma vez que os(as) participantes de uma dada sociedade são ativos(as), estes(as) podem conduzir as mensagens culturais recebidas para múltiplos cursos, o que permite a emergência da novidade.

Nas palavras de Valsiner (2012, p. 34), “o modelo bidirecional é baseado na premissa de que, na transmissão cultural do conhecimento, todos os participantes estão transformando ativamente as mensagens culturais.” Desse modo, a mensagem, como tal, nunca existe de uma forma determinada, na medida em que codificador e decodificador estão constantemente sendo transformados e transformando um ao outro. Entretanto, alguns significados são relativamente estáveis e emergem desse processo comunicativo, sem, contudo, impossibilitar o surgimento do novo e imprevisível. Penso que, em parte, é esta possibilidade de transformação das mensagens culturais, abertas pela bidirecionalidade dos processos de desenvolvimento psicológico, que dá margem para as cisões no gênero, ou para as paródias de gênero que, por sua vez, revelam que “a identidade original sobre a qual se molda o gênero é uma imitação sem origem.” (BUTLER, 2003, p. 197).

Para Valsiner (2012), os seres humanos, desde o nascimento até a morte, estão operando ‘sob a influência’ do campo altamente heterogêneo e semioticamente codificado das sugestões sociais. Contudo, não na condição de recipientes passivos dessas sugestões sociais, mas na condição de participantes ativos da construção e reconstrução das ordens sociais (VALSINER, 2012, p. 107). Algumas pessoas estão cumprindo mais ou menos conscientemente essas ordens, outras estão tentando resistir a elas, ou mesmo trabalhando ativamente para sua demolição. Penso que os teóricos queer têm nos dado uma ótima contribuição nesse último sentido, ao sugerir que passemos a pensar, do ponto de vista do gênero e da sexualidade, em direção à desconstrução dos binarismos de gênero e sexualidade, que têm operado pela diferenciação segregadora dos atores sociais.

Como observa Valsiner (2012), “a orientação ou<>ou (separação exclusiva) elimina as ligações dinâmicas inerentes entre os opostos e, desse modo, faz os opostos deixarem de fazer parte do sistema, passando a compor conceitos segregados, entificados.” É o que temos feito no campo da sexualidade com os termos masculino/feminino e heterossexualidade/ homossexualidade, e no campo psicológico, com os termos sujeito/objeto ou indivíduo/contexto. Valsiner (2012) sugere, a fim de superar este dualismo dicotômico e separatista, o uso da noção de separação inclusiva. A partir desta noção, o teórico quer enfatizar que a pessoa é distinta do contexto ao mesmo tempo em que é parte dele, mas não apenas isto, procura também destacar os efeitos perversos de uma separação que tem como resultado, a segregação e a interdição de qualquer elo entre as partes, a partir da lógica de classificação ou/ou (VALSINER, 2012). O teórico destaca que “a separação exclusiva elimina

conexões sistêmicas entre as partes, eliminando assim de nossa consideração a natureza sistêmica dos fenômenos." (VALSINER, 2012, p. 86).

Seguindo essa lógica, se dizemos "Marta é uma mulher", eliminamos a possibilidade de concebê-la também como homem, deduzimos, imediatamente: "Marta não é homem", excluindo qualquer possibilidade de unidade de componentes masculinos e femininos num mesmo indivíduo humano, e desse modo estranhamos quando ouvimos falar de "masculinidade feminina", termo cunhado por Halberstam (2008), para falar da experiência de pessoas que, "nascidas mulheres", se reconhecem como masculinas. De acordo com Halberstam (2008), as masculinidades femininas são consideradas como sobras da masculinidade dominante, de tal sorte que a masculinidade dos homens possa parecer como a verdadeira (real).

Por último, é importante destacar que, para a Psicologia Cultural, os processos de desenvolvimento são concebidos como situados no espaço-tempo, o que dá margem para o estudo da dinamicidade dos processos psicológicos que participam das transformações que se observam no curso das trajetórias afetivo-sexuais, ou seja, para a compreensão dos sujeitos no seu vir a ser. Como demonstra Abbey e Valsiner (2005), o fato é que a pessoa está constantemente operando na fronteira do tempo – movendo-se a partir daquilo que é (neste momento), a minúscula janela de tempo presente, em direção ao ainda-não-determinado momento futuro. Segundo estes teóricos (2005), a interessante relação do presente com o futuro pode ser descrita através de termos abstratos como A e não-A, onde não-A é o campo de possibilidades de transformação, que A – no momento presente – não é, mas pode tornar-se, no futuro. É nesta fronteira de tempo que nos encontramos todos, enquanto sujeitos sexuais, operando em um campo ambíguo, de forças ambivalentes, que nos atraem ou puxam em diferentes direções (ABBEY; VALSINER, 2005).

Particularmente interessados nessa dinamicidade, os teóricos da Psicologia Cultural, em contraste com outras teorias do desenvolvimento, destacam que, no estudo do curso de vida, a noção de estágios tem sido correntemente utilizada para descrever as mudanças que ocorrem ao longo do curso de vida. Esses estágios são apresentados como passos típicos, relativamente estáveis e lineares, e mais ou menos universais. Todavia, como observam Zittoun e Grossen (2000) no campo da psicologia do desenvolvimento, e Galland (2009) e Pais (2003, 2005), no campo dos estudos sociológicos sobre juventude, transformações societais ocorridas, especialmente, no último século, têm afetado as trajetórias de vida de

várias formas, provocando o questionamento sobre a aplicabilidade desse modelo de compreensão, especialmente no que diz respeito ao estudo dos cursos de vida juvenis.

Socialmente identificados como “em transição”, compreende-se que as pessoas jovens se encontram mais expostas a numerosas mudanças através das várias “esferas da experiência ” (ZITTOUN, 2006, 2009) – familiar, amizade, afetivo-sexual, estudo, trabalho, etc. Nesse sentido, a noção de transição, ou, mais precisamente, o par *ruptura-transição* é proposto como unidade de análise para o estudo das trajetórias desenvolvimentais humanas, habilitando-nos a capturar esses processos de mudança (ZITTOUN, 2009) que, de acordo com a literatura sobre o tema, parecem mais acentuados e frequentes entre os jovens contemporâneos, do que entre os jovens das gerações precedentes. Pesquisadores como Bozon (1993, 1999, 2001, 2002, 2003, 2004), que estudam a sexualidade na realidade francesa, chegam a dizer que os jovens hoje vivem uma sequência de primeiras-vezes, o que reforça a escolha do par ruptura-transição como uma noção e unidade de análise central nesta pesquisa. O fato é que notamos que, no nível coletivo, os espaços sociais contemporâneos estão em rápida transformação, e, no nível individual, trajetórias pessoais tendem a se fazer de maneira não-linear, individualizadas, e através de frequentes mudanças ou pontos de ruptura. Uma prioridade empírica é, então, não somente o estudo da estabilidade e da norma, mas, sobretudo, o exame de mudanças e bifurcações nas trajetórias de vida dos jovens (ZITTOUN, 2012), que tendem a se alongar (GALLAND, 1990, 2000, 2009), inclusive no Brasil, com a recente ampliação do acesso à educação superior.

Fortemente influenciados pela teoria geral dos sistemas de Bertalanffy (2010), os teóricos da Psicologia Cultural não somente assimilam criticamente essas transformações societais, como compreendem que o ser humano, como um organismo vivo, se constitui em um sistema aberto. Nesse caso, seu desenvolvimento pode ser descrito como um processo de ajustamento a mudanças constantes entre o organismo e o ambiente, através de uma série de períodos relativamente estáveis, que se alternam com períodos de mudanças mais proeminentes devido a rupturas no processo de ajustamento. A partir dessa perspectiva, poderíamos dizer que, na condição de sistemas abertos e, portanto, complexos, as pessoas experienciam, ao longo do curso de suas vidas, dois tipos de mudanças: transitivas e intransitivas (ZITTOUN, 2009, 2012). As primeiras são quase circulares. Elas participam da contínua e regular evolução/regulação do sistema. Em contraste, as últimas quebram esse círculo. Estas são descritas como *rupture* e requerem uma reelaboração do entendimento da

pessoa sobre si mesma e o mundo, dos seus mecanismos de ação e relacionamento com o ambiente (ZITTOUN, 2009).

Rupturas são momentos em que modos de ajustamento progressivo são interrompidos e podem ser resultantes de fatores internos ou externos. Elas podem ser esperadas pela pessoa ou não. Rupturas são o que os pesquisadores do curso de vida chamam de *turn-points* ou momentos críticos. Elas usualmente constituem pontos de bifurcação em uma trajetória de vida (SATO; VALSINER, 2010; ZITTOUN, 2012), são momentos de mudanças aceleradas ou catalizadas (ZITTOUN, 2012). O uso desta categoria analítica nos permite olhar tanto para aquelas mudanças produzidas na trajetória afetivo-sexual do/a jovem de forma contínua – uma lenta acumulação de reconfigurações da pessoa no espaço e no tempo e a partir da interação com os outros sociais, como para aquelas que aparecem como eventos causados por ou que causam descontinuidade ou ruptura (ZITTOUN, 2012), tal como ocorre com muitos jovens desta pesquisa, ao fazerem a passagem para a condição de estudantes universitários.

A questão é que a rápida e drástica transformação que é exigida para o engajamento do/a jovem em um novo sistema de referências quando este ingressa na universidade pode ser experienciada como *rupture*. Particularmente para os/as jovens que são oriundos/as de cidades interioranas do estado ou que, residindo na capital do estado ou em suas proximidades, pertencem às camadas sociais menos privilegiadas do ponto de vista socioeconômico. Quando uma ruptura ocorre, e o sistema de significados individuais *bottoms out*, alguns processos precisam ser ativados a fim de que se inicie a "re-construção" do sistema de significados e uma nova estabilidade psicológica seja produzida. Esta é a função do *semiotic catalyzers*, outro conceito fundamental para o desenvolvimento das análises apresentadas nesta tese.

O conceito de *catalysis* tem progredido amplamente nas ciências da vida, particularmente na química. O processo de *catalysis* na química pode ser resumidamente definido como fornecedor das condições necessárias ao sistema químico – via um catalizador – mas não suficiente em si mesmo, para ajudar na produção química de substâncias e mudanças químicas em um tempo dado de reação.

Cabell (2010, 2011a, 2011b), no campo dos estudos da Psicologia Cultural, toma o resumo das qualidades da *catalysis* na química e propõe sua adaptação à psicologia e ao sistema semiótico da mente. Neste processo de "re-conceitualização", diz o autor (2011),

catalysis poderia fornecer as condições necessárias – via um agente catalizador ou catalizador semiótico – a fim de: 1) possibilitar a produção de novos significados a partir da mediação de outros mecanismos dentro do sistema e, 2) possibilitar a regulação de significados pela ativação de outros mecanismos dentro do sistema.

O catalizador tem as mesmas funções resumidas em ambas as disciplinas – funcionando como um "*helper*" no processo de reação. A forma pela qual o agente catalizador ajuda no processo de reação é por ativação. Em ambos estes modelos, *catalysis* é um processo de fornecimento das condições necessárias por meio de um catalizador. Em ambos os casos essas condições são necessárias, mas não suficientes em si mesmas. O catalizador não causa, no sentido estrito de A [causa] B, ou, "se temos uma causa, então, segue um efeito". Por exemplo, em alguns casos, e no contexto de ambas as disciplinas, o produto/resultado pode formar-se, mesmo sem as condições apresentadas pelo catalizador. Embora isto possa demandar um período de tempo longo ou outras condições necessárias, é ainda assim possível. Sendo assim, o catalizador não é um conceito causal-linear.

Outro conceito muito caro para a Psicologia Cultural e extremamente importante para esta tese é o conceito de *self* dialógico. Isso porque que, a meu ver, falar em trajetórias afetivo-sexuais é falar de relações mais ou menos dialógicas no interior e no curso das quais nos tornamos "sujeitos sexuais". Como observa Carla Cunha (2007) e Ivana Marcová (2003), ontologicamente, é na antinomia Eu-Outro ou Ego-Alter, compreendida como simultaneidade necessária para a definição de cada um desses polos – na medida em que serve de contraste instituidor ao Outro –, que o Eu encontra as origens de seu surgimento. É somente através de sua ligação com um Outro (numa relação de figura-fundo), que o Eu é instituído como sujeito. "A subjetividade é instituída pela partilha e diferenciação com o Outro, que permite a emergência e a experiência de um Eu." (CUNHA, 2007, p. v).

Essa irredutibilidade da díade Eu-Outro, segundo teóricos que reconceitualizam a psique humana a partir do dialogismo de Bakhtin[15], como Hermans, Kempen e van Loon (1992), Salgado e Gonçalves (2006), Hermans e Salgado (2005), Cunha (2007), é a expressão máxima da **"**relação enquanto enquadramento fundador" (CUNHA, 2007, p. 15) da existência humana, de tal modo que no seio da perspectiva dialógica em psicologia, ela [a relação] é

[15] Mikhail Bakhtin foi um pensador russo (1895-1975), autor de diversas obras inspiradoras, algumas delas traduzidas para o português, tais como: Marxismo e Filosofia da Linguagem, Estética da Criação Verbal, Problemas da poética de Dostoiévski, dentre outras. Seus escritos inspiraram teóricos das mais diversas tradições e disciplinas, dentre as quais está a psicologia.

assumida como primado teórico. Ligado a este primado, existiriam ainda cinco princípios: 1) princípio da alteridade (ou outridade), princípio da dialogicidade, princípio do contextualismo, além do princípio dinâmico.

O primado da relação "concebe que a vida humana como assente na relação com o Outro e, por isso, pode ser aplicado numa referência à interacção entre diferentes indivíduos, mentes, organismos ou sistemas, incluindo subsistemas da mente individual." (CUNHA, 2007, p. 15). Esse Outro pode se concretizar tanto no plano interpessoal, referente a outro indivíduo ou à relação entre o indivíduo e o social; ou num plano intrapessoal, que se refere à outridade ou alteridade no domínio da psique. Isso porque, "no dialogismo bakhtiniano, a existência humana surge como diálogo porque é sempre partilhada e sempre endereçada a um Outro – num plano interpessoal ou intrapessoal." (CUNHA, 2007, p. 16).

Ivana Marcová (2003) ressalta que um conceito similar ao Eu-Outro como uma díade irredutível, tal como expressa no dialogismo de Bakhtin, teórico de grande influência na Teoria do *Self* Dialógico, aparece também em teorias psicológicas como as de James Baldwin, George Mead e Lev Vygotsky, cujas teorizações partilham com Bakhtin a preocupação de mostrar a interdependência entre os planos interpessoal e intrapessoal. Como sublinha Marcová (2003), o conceito de "crescimento social dialético", de James Baldwin (1895 apud MARCOVÁ, 2003), o conceito de "conversação de gestos", de George Mead (1962), e o conceito de "processos inter e intrapsicológicos", de Lev Vygotsky (1988, 2000), expressam, todos, a ideia de que mecanismo de conhecimento de si e mecanismo de conhecimento do outro são um único e mesmo mecanismo.

"O princípio da alteridade enfatiza que uma existência subjetiva é uma consequência da irredutível e necessária relação de tensão entre Eu e Outro, *Ego* e *Alter*" (CUNHA, 2007, p. 16). Numa perspectiva dialógica, ao contrário do que se imagina, assume-se não somente que os interlocutores estabeleçam entre si relações de coordenação e reciprocidade, mas também, de assimetria, de tal forma que a tensão é inerente ao ato comunicacional. Segundo Cunha (2007), ao longo de toda a nossa vida, levamos a outridade conosco, tanto no domínio interpessoal quanto no intrapessoal, por isso, a outridade está implicada ao nível ontológico da existência humana (CUNHA, 2007; VALSINER, 2012). Por isso é que esse diálogo nunca cessa, já que não é possível uma comunhão total entre Eu e Outro.

Entre nós, pois, a alteridade e a diferença serão sempre uma presença que torna a ambiguidade inerente à existência humana, como sublinham autores como Abbey e Valsiner

(2005). A existência humana é o resultado de uma dupla direcionalidade ou duplo endereçamento no diálogo: para um outro concreto e um Outro generalizado (CUNHA, 2007). Desta forma, a alteridade surge pela relação específica com um "endereçado concreto" a quem me dirijo (alteridade relacional ou outridade), mas também pelo envolvimento com um "supra – endereçado" (uma alteridade abstrata), que permite ultrapassar a tirania do aqui e agora, ao criar um contraste possibilitador do sentido (re)criado no presente. Em função da entrada desse terceiro na relação Eu-Outro, os teóricos que adotam o dialogismo para a compreensão da psique humana argumentam que uma relação dialógica é sempre uma relação triádica.

> Senão vejamos, no caso de G. H. Mead (1934/1992) temos uma triangulação entre Eu-Outro-Outro Generalizado (grupo, comunidade, etc.); em Bakhtin (cf. Holquist, 1990) o diálogo ocorre entre Eu – Não-Eu-em-Mim – Supra-Endereçado (I – Not I in me – Super-Addressee); para I. Marková (2003a, 2003b) temos uma tríade entre Ego-Alter-Objecto (representações sociais) e, finalmente, em Salgado e Ferreira (2005), o Eu – Outro em mim – Audiências internas (I–Inner Alter–Internal audiences). (CUNHA, 2007, p. 19, grifo da autora).

O princípio da dialogicidade corresponde à premissa de que a relação comunicacional é a matriz de base de toda a existência humana, ainda que se admita que algumas relações são postas em cena na forma de monólogos. O dialogismo concebe a existência humana como ser-em-relação-com-outros, reconceitualizando o curso da experiência em termos de uma dinâmica de negociações que constituem tais relações. É por meio de relações comunicativas que significados emergem. Em outras palavras, a relação entre ego e *alter*, por meio das quais significados são trazidos para a existência e negociados, é baseada em trocas de signos que criam uma relação comunicativa ou relação dialógica (SALGADO; CLEGG, 2011). Segundo D'Alte et al. (2007), toda e qualquer forma de relação humana e qualquer forma de construção de significado passará pela dialogicidade. Porém, isso não impede que haja tentativas frequentes de superação ou, mais precisamente, de supressão desta condição dialógica. Obviamente os autores se referem a discursos absolutos ou monológicos. Daí que os autores citados (2007) acham conveniente fazer dois tipos de distinção: a) por um lado, distinguir entre relações dialógicas e monológicas; b) por outro, diferenciar dialogicidade, enquanto condição para toda e qualquer relação de comunicação, e o grau de abertura ao diálogo com o Outro que uma relação possa ter, no sentido de ser mais ou menos monológica, mais ou menos dialógica.

Sobre a primeira distinção vale a pena fazer algumas considerações. Inspirados em Martin Buber (2001) e D'Alte et al. (2007) compreendem que as relações monológicas estão muito bem traduzidas ou expressas na fórmula "Eu-isso" do referido autor (2001), correspondendo àquelas relações em que um ser humano estabelece uma atitude de objetificação em relação a um outro ser humano. Existe, nesse caso, uma tentativa de anular a condição de interlocutor desse outro, que é tratado de forma desumanizada e superficial, como numa relação estigmatizante, tais como as que frequentemente assistimos entre heterossexuais e homossexuais, em geral sendo o segundo polo aquele que é estigmatizado e tratado como "isso". Ao contrário, as relações dialógicas podem ser resumidas na fórmula "Eu-Tu" de Martin Buber (2001), e caracterizam-se pela possibilidade de trocas comunicativas e de co-construção de significados. Nestas estão implícitas a responsividade e a negociação contínua. Há uma relação dialógica de fato, já que existe uma consideração pelo interlocutor enquanto sujeito. D'Alte et al. (2007, p. 15), sublinham que

> [...] a possibilidade de monologização não contradiz a condição dialógica humana, é exatamente por estarmos em constante relação e negociação que é possível tentar silenciar o Outro. Dito de outra forma, é a própria condição dialógica que permite as tentativas de sua erradicação. Nesse sentido, será últil que o princípio da dialogicidade é aqui considerado como algo que diz respeito a uma condição humana básica, que cria não só a possibilidade de comunicação dialogante, como, dentro desta, a possibilidade do seu aniquilamento. (D'ALTE et al., 2007, p. 15).

O princípio do contextualismo diz respeito ao fato de que o contexto situa o discurso que endereçamos ao Outro ou que este nos endereça, de tal modo que a perspectiva dialógica precisa considerar o contexto sociocultural em que as relações dialógicas estão situadas. Este princípio não dissolve a realidade pessoal, ao contrário, por usar ferramentas comunicacionais instituídas em um dado contexto, cada pessoa cria significados pessoais para posicionar-se nesse mesmo contexto. O dialogismo argumenta que a psique e o contexto relacional e sociocultural são inseparáveis – princípios da relacionalidade e do contextualismo –, mas não idênticos – princípio da alteridade. (SALGADO; CLEGG, 2011). Carla Cunha (2007), referindo-se à noção de "inter-mundo" de Linell (2007), explica que o princípio do contextualismo busca enfatizar que os significados não são nem totalmente interiores (subjetividade completa) nem totalmente externos (objetividade radical externa), "os significados são (largamente) subjetivos, linguística e pragmaticamente estabelecidos e mantidos nas e através das interações dentro das nossas comunidades culturais." (LINELL,

2007, p. 613).

O princípio dinâmico ressalta a qualidade dinâmica das relações dialógicas humanas, ou seja, o processo de mudança contínua que caracteriza a existência em suas dimensões bioquímica, biológica, experiencial, semiótica e sociocultural. As relações humanas em sua dialogicidade funcionam como promotoras de numerosos modos de ser no curso do tempo irreversível. É a dialogicidade das relações inter-humanas que permitem ao *self*, de um lado, experimentar mudanças, de outro, encontrar um novo ponto de estabilidade no curso de sua trajetória existencial. Os *selves* culturais movem-se, como destaca Valsiner (2012), entre os sentimentos de autonomia e mutualidade, eles estão sempre em movimento, e, portanto, sempre inacabados ou em processo de acabamento provisório.

Estes princípios ganham expressão nas formulações do dialogismo no campo da psicologia contemporânea, associado a nomes como Herbert Hermans e Hermans-Konopka (2010), Valsiner (2012), João Salgado e Miguel Gonçalves (2010), Carla Cunha (2007), Ivana Marcová (2003), dentre outros, embora o trabalho pioneiro tenha sido o de Hubert Hermans e colaboradores[16]. O marco fundador da abordagem dialógica na psicologia foi, de acordo com D'Alte et al. (2007), o artigo intitulado "*The dialogical self: Beyond individualism and rationalism*", publicado por Hermans, Kempen e van Loon, na revista *American Psychologist*, em 1992. Nesse artigo, conforme sublinham D'Alte et al. (2007), Hermans, Kempen e van Loon (1992) partem de uma perspectiva de raízes construtivista, em particular da ideia de que o conhecimento baseia-se na ação do sujeito sobre o mundo, conjugando-as com o dialogismo de Bakhtin.

O citado artigo, como sugere o seu título, representa uma tentativa de transcender o olhar racionalista e individualista da psicologia contemporânea sobre o *self*, ou seja, sobre a noção de identidade. Conforme D'Alte et al. (2007), os autores desse artigo pioneiro se inspiraram em várias fontes da psicologia, antropologia, filosofia e ciências literárias, o que resultou numa imagem de ser humano, mais especificamente, do *self* como um autor que se constrói a si mesmo, mas com base num diálogo interpessoal a partir do qual se opera um processo de internalização que irá compor um complexo dialógico de *I-positions* que dialogam entre si. Comentam, então, D'Alte *et al.* (2007), "O sujeito espartilhado e desencontrado de si mesmo entoado pelo pós-modernismo encontrava uma nova vida."

Em artigo publicado no ano de 2005, Salgado e Hermans fazem uma observação que

[16] Cf. HERMANS; KEMPEN; VAN LOON, 1992; HERMANS; KEMPEN, 1993; HERMANS, 1996.

considero fundamentalmente importante sobre estas *I-positions* de que tanto falaremos nesta tese. Segundo os autores (2005), o *self* é ocupado (e instituído) por vários tipos de *I-positions* atuais e possíveis. Entretanto, ressaltam, devemos ter em mente que esta multiplicidade é derivada das propriedades dialógicas do *self*. Se o processo de significação pessoal é provocado pela pessoa em ato de endereçamento a uma outra pessoa, a pessoa mudará sempre que a audiência mudar. Então, não é a multiplicidade do *self* que institui a dialogicidade, é a dialogicidade que institui essa diferenciação dentro do *self*. Individualidade e outridade, desse modo, são processos entrelaçados, e o contraste relacional entre Eu e Outro (audiência) torna-se um elemento fundamental da subjetividade.

Inspirados pela proposta da polifonia dialógica de Bakhtin, Salgado e Hermans (2005) consideram que a audiência endereçada é parte constitucional do *self*, e o Eu é capaz de ocupar e falar desta outra posição. O Outro pode, assim, funcionar como Eu. O outro como "*alter ego*" tem, nas palavras destes teóricos, ao menos duas implicações: o outro sou eu (ego) e, ao mesmo tempo, outra pessoa (*alter*), de tal sorte que auto-conhecimento e conhecimento do outro tornam-se processos intimamente interligados.

Salgado e Hermans (2005) explicam que a teoria do *self* dialógico tem estado envolvida com a construção de uma abordagem cujo objetivo é criar uma alternativa sólida para as concepções tradicionais de mente e *self* sem cair no ponto de vista do solipsismo individual, que enclausura o sujeito, ou do relativismo ou solipsismo social (MARCOVÁ, 2003), que resulta numa erosão do sujeito. Sobre esta última tendência, Carla Cunha (2007), citando Salgado e Hermans (2005), sublinha que se, por um lado, a rejeição de um fundamento objetivo para os estados internos leva os construcionistas a rejeitar a interioridade como objeto de estudo, deixando a subjetividade de fora, por outro lado, a redução da psique à esfera social faz com que estes se abandonem a um solipsismo social igualmente problemático que se pode ver no cartesianismo (CUNHA, 2007). O construcionismo social, no esforço de superar o velho dualismo de herança cartesiana (corpo/mente, pessoa/sociedade, subjetivo/objetivo), falha em um dos polos relacionais desse problema. Valorizam tanto o social, que negam à pessoa quase qualquer tipo de atenção (SALGADO; HERMANS, 2005). "Em suma", destacam Salgado e Hermans (2005), "o construcionismo social parece ter esquecido a subjetividade." Os teóricos (2005) consideram que não há razão para apoiar a rejeição construcionista social do lado privado, subjetivo, da vida humana. Porém, esclarecem que não estão afirmando que o conhecimento de fato é

baseado em um indivíduo singular e isolado (ou mente), somente admitem que, uma vez familiarizados com uma forma particular de linguagem, o indivíduo tem um mundo de experiências autênticas e privadas (em oposição ao público, compartilhado).

Em busca de uma alternativa teórica capaz de superar estas posições extremas, a Teoria do *Self* Dialógico propõe teorizar sobre um "*self* estendido" espacialmente e temporalmente, uma composição dinâmica de *I-positions*, resultante do diálogo desse sujeito com os outros sociais que dialogam num *self* que é multivocalizado. Através desse constructo teórico que põe em questão a ilusão de um *self* uno e coerente, os teóricos do dialogismo enfatizam que o outro não está fora do *self*, antes, lhe é intrínseco. Não existe somente um outro externo ao *self*, mas também um outro imaginado que está enraizado como "*the other-in-the-self"* (HERMANS; HERMANS-KONOPKA, 2010, p. 7), o que nos conduz à conclusão de que o *self* é *open-closed*, o que lhe permite o estabelecimento de relacionamentos dialógicos intrapsicológicos.

De acordo com Hermans e Hermans-Konopka (2010), aquilo que a literatura conhece como "teoria do posicionamento" tem alguma similaridade com a teoria do *self* dialógico. A teoria do posicionamento é colocada como um contraponto à conhecida abordagem da teoria dos papéis. Isso porque enquanto os papéis são fixos, duradouros e formalmente definidos, o posicionamento refere-se a convenções de discurso e ações que são instáveis, contestáveis, e efêmeras. A teoria do *self* dialógico é também sensível às qualidades dinâmicas do processo de posicionamento e reposicionamento em que todos nós estamos implicados, tanto no domínio das relações interpsicológicas como intrapsicológicas. "Note-se", como destacam Harré e van Langenhove, citados por D'Alte et al. (2007, p. 19), "que a natureza espacial do *self* é expressa em termos de posição (*position*) e posicionamento (*positioning*), que são mais dinâmicos e flexíveis do que o termo tradicional de papel."

Existe, porém, conforme Hermans e Hermans-Konopka (2010), uma importante diferença entre a teoria do posicionamento e a teoria do *self* dialógico. Mais que a teoria do posicionamento tradicional, a teoria do *self* dialógico está focada no *self* como agente e como um recurso original de produção de significados. A teoria do *self* dialógico, tal como a teoria do posicionamento, está interessada no papel da linguagem, das convenções sociais, da história coletiva e das comunidades linguísticas. Contudo, enquanto esta última destaca o processo que toma lugar entre as pessoas, a teoria do *self* dialógico tem por objetivo uma exploração profunda da riqueza experiencial e das qualidades emocionais do *self* em uma

conexão íntima com processos intersubjetivos.

Mas se a teoria do *self* dialógico não pode ser confundida com a teoria dos papéis, também o *self* dialógico não pode ser confundido com aquilo que conhecemos como fala interna, pois dela se distingue em no mínimo quatro aspectos: 1) é explicitamente multivocalizada antes que mono-vocalizada e está engajada em trocas comunicativas entre vozes de origens sociais e culturais diferentes; 2) vozes não são somente "privadas" mas também "coletivas", que, como tais, falam através da voz de um falante individual; 3) o *self* dialógico não é baseado em qualquer dualismo entre eu e outro: o outro (indivíduo ou grupo) não está fora do *self*, mas está nele incluso, o outro é uma parte intrínseca do *self q*ue é estendido para o seu ambiente social, 4) o *self* não é somente verbal, mas também não-verbal: existem precursores corporificados de diálogo, antes que a criança seja capaz de verbalizar ou usar qualquer linguagem (HERMANS; HERMANS-KONOPKA, 2010). Penso que também há elementos dos diálogos amorosos e sexuais corporificados nesse *self,* elementos de uma "conversação de gestos" (MEAD, 1962) que ganham expressão num *self* que é não apenas multivocalizado, mas também corporificado. Elementos que vão compondo o que poderíamos chamar de uma "orientação afetivo-sexual íntima", parafraseando Bozon (2001).

Como sublinha Valsiner (2012), o *self* dialógico é uma entidade teórica que se organiza por meio de relações dialógicas entre seus componentes. Contudo, ele conserva a pessoa como centro da construção social imaginativa de possíveis posições do ego, baseada, é claro, na experiência social do sujeito. Para a teoria do *self* dialógico, ambos, multiplicidade (na linha do modelo de *self* pós-moderno) e unidade (na linha do modelo de *self* moderno) são conceitos centrais para a compreensão da dialogicidade que lhe institui e constitui (HERMANS; HERMANS-KONOPKA, 2010).

Em publicação recente intitulada *Dialogical Self Theory*. *Positioning and Conter-Position* na Sociedade Globalizada, Hermans e Hermans-Konopka (2010) explicam que para chegar a uma visão dialógica do *self*, partiram do pressuposto de que as diferentes fases históricas e sociais estão associadas a diferentes modelos de identidade que não podem ser vistos como puramente sucessivos, antes, simultâneos, no sentido de que fases prévias continuam quando começa uma próxima fase. A concepção do *self* dialógico reconhece o mecanismo do movimento de descentralização que conduz ao aumento da multiplicidade do *self* (tal como no modelo pós-moderno), mas também o movimento de centralização que permite uma integração de diferentes partes do *self* (tal como o modelo moderno). O *self*

dialógico envolve tanto o movimento de descentralização quanto o de centralização (HERMANS; HERMANS-KONOPKA, 2010).

Hermans e Hermans-Konopka (2010) compreendem que mudanças temporais e espaciais na sociedade são refletidas no *self* como vozes coletivas que não estão simplesmente fora do *self*, antes, são constitutivas dele. Assim, três modelos de *self* e identidade, associados com diferentes fases históricas, são distinguidos pelos teóricos: tradicional, moderno e pós-moderno. O *self*-tradicional é caracterizado pela distinção que realiza entre uma existência inferior e imperfeita na terra e uma existência superior e perfeita após este mundo; por uma visão do corpo e dos sentidos como um impedimento para a vida espiritual; pela existência de um *télos* moral; por hierarquia social, autoridade e verdades dogmáticas; e por uma conexão com um ambiente natural. O *self* moderno é retratado em termos de autonomia; individualismo; desenvolvimento da razão; pretensão de uma verdade universal; e fronteiras nítidas e estreitas entre uma unidade interna do *self* e um outro externo. O *self* pós-moderno é descrito em termos de um profundo ceticismo em relação a pretensões universalistas de grandes narrativas com sua ênfase na totalidade e na unidade. Em oposição ao *self* moderno, ele destaca a importância da diferença, da outridade (*otherness*), do conhecimento local e da fragmentação. Ele reflete o amplo descentramento do sujeito e a tendência em direção a uma cultura de consumo.

A Teoria do *Self* Dialógico está diretamente influenciada pelo pensamento de Bakhtin, um pensador influente em vários campos das ciências humanas. Contudo, como advertem Salgado e Hermans (2005), seria simplista reduzir o dialogismo ao trabalho de Bakhtin, ainda que sua originalidade e profundidade tenha criado a possibilidade de expandir o campo variado do dialogismo para vários outros campos, tais como o da psicologia. Nesse sentido, Carla Cunha (2007), em sua dissertação de mestrado intitulada *Processos Dialógicos de Auto-Regulação e Mudança: um estudo microgenético*, argumenta que as primeiras formulações da Teoria do *Self* Dialógico (HERMANS; KEMPEN, 1992, 1998) assumem as seguintes influências de base no desenvolvimento desta perspectiva alternativa sobre o *self* e a identidade: 1) o trabalho de William James (particularmente a sua distinção entre *I* e *Me*); 2) a natureza metafórica e narrativa da cognição (salientada por autores como G. Lakoff e M. Johnson) e das vivências humanas (particularmente T. Sarbin e J. Bruner); 3) as abordagens que sublinham o carácter multifacetado e múltiplo do *self*; 4) O pensamento dialógico de Mikhail Bakhtin (nos seus trabalhos de análise e crítica literária). Talvez por isso, Salgado e

Hermans (2005) esclareçam que, embora façam referência especialmente ao trabalho de Bakhtin, estão completamente conscientes de que ele não se constitui num único e isolado "pensador dialógico".

Na análise das formas linguísticas, Bakhtin (1984) valoriza o romance (obra literária) como a mais suprema forma para explorar a dialogicidade. Mais que poesia, o romance permite uma verdadeira troca entre diferentes tipos de visão de mundo, por diferentes personagens incorporados e vocalizados. A metáfora da polifonia implica a noção dialógica de voz, e envolve um endereçamento corporificado. Em vários processos de construção de significado, um Eu endereça, antecipa e responde a um interlocutor, fisicamente presente ou não, vocalizando um posicionamento específico em relação à audiência. Assim, sempre que o autor de uma novela dialógica penetra a perspectiva de diferentes personagens, diferentes vozes emergem e a polifonia toma lugar, acontece (SALGADO; HERMANS, 2005).

É a partir dessa metáfora que a abordagem dialógica em psicologia elabora uma concepção de *self* em termos de múltiplas *I-positions*, acentuando as diferenças entre esta abordagem e outros modelos teóricos em torno da noção de *self* – onde este é representado como um todo distinto e autocontido, uma entidade nuclear singular e independente. A perspectiva dialógica, contudo, cria um problema, como destacam Salgado e Hermans (2005), ao buscar responder o problema da unidade *versus* multiplicidade. Isso porque, ao fazê-lo, levanta a problemática do sentido de unidade do *self* e sua relação com a noção de pessoa (que subtende continuidade ao longo do tempo), noção tão cara ao mundo ocidental moderno. Na visão dos autores (2005), o dialogismo tem o potencial para ultrapassar a dicotomia unidade-multiplicidade e para criar uma perspectiva sobre os processos identitários que valorize igualmente estes dois polos da experiência, viabilizando um retorno à subjetividade não separada da intersubjetividade na psicologia. Enfatizam, porém, que antes do dialogismo, outros teóricos já haviam trabalhado em torno desta noção de descentramento do *self*, a saber: Freud, ao apresentar a ideia do inconsciente, opondo-se de um onipresente *self*-consciente individual, e William James (1989), ao fazer a distinção entre o "I" e o "Me", o que nos conduz à admissão de uma pluralidade de *selves*, bem como para a ideia de que diferentes contextos sociais demandam diferentes formas de ser.

Segundo Salgado e Hermans (2005), não existe uma fácil e consensual definição de dialogismo. Contudo, argumentam que o dialogismo é uma alternativa epistemológica ou

mesmo ontológica[17] que reivindica o reconhecimento de que a existência humana e os significados humanos são criados no interior e através de relacionamentos. “Ninguém existe sozinho, de fato, toda existência humana está, desde o começo, envolvida em um processo relacional e comunicacional.” (SALGADO; HERMANS, 2005, p. 8). Lembram que este pressuposto do primado da relação os aproxima muito da proposta do construcionismo social. Contudo, argumentam que isso não nos deve conduzir à ideia de uma dissolução da pessoa na realidade social. Aliás, para o dialogismo, é justamente o contrário: uma existência relacional cria necessariamente dois contrastantes polos, nos termos de Marcová (2003 apud SALGADO; HERMANS, 2005), um *ego* e um *alter*. A existência emergente é necessariamente uma existência que, relacionalmente, define-se dentro e por meio deste contraste. Isso explica por que em Bakhtin (1984), “*To be means comunnicate”*, o que significa dizer que cada existência humana é constituída como uma agência comunicacional (SALGADO; HERMANS, 2005).

Na proposta dialógica de Bakhtin (1981), a linguagem é sempre permeada por uma característica central: o duplo endereçamento. Para Bakhtin (1981), cada declaração é sempre endereçada a um objetivo (ou, mais precisamente, endereçada em direção a um discurso disponível sobre um dado objetivo), mas é também endereçada para um interlocutor. Este movimento posiciona a pessoa, nesse momento, em direção ao objetivo, mas também, em direção ao Outro (SALGADO; HERMANS, 2005). Dentro deste processo, significados são criados. Enunciações/declarações ligam as pessoas dialogicamente no interior de um relacionamento (de acordo, mas também de desacordo, de proximidade, mas também de separação, de simpatia, mas também de antipatia (SALGADO; HERMANS, 2005). Além do mais, as palavras usadas são metade dadas, metade criadas (BAKHTIN, 1981). Elas são parte da herança social, mas são sempre recriadas, pronunciadas e corporificadas por uma pessoa específica num momento particular da relação. Daí Marcová (2003) afirmar que o dialogismo coloca ênfase no pressuposto de que a existência e a subjetividade emergem de uma posição de outridade (através do outro), pois comunicar significa ser para um outro, e através do outro, para nós mesmos.

Sendo assim, fica claro que para a Teoria do *Self* Dialógico, o *self* é concebido como social, mas não no sentido de um indivíduo independente que entra em interação com os outros sociais, do lado de fora. Nesse *self*-social, outras “pessoas” ocupam posições no

[17] Cf. Marcová (2003).

“espaço interno” do *self* multivocalizado. O *self*, de acordo com Hermans (2001), não seria apenas um *aqui*, mas um *lá*, e por causa desse poder de imaginação, a pessoa pode agir *como se* fosse a outra pessoa. Essa teoria é baseada na construção de significado do *self* na relação com os outros. A construção de significados torna possível para o *self* a criação de diferentes e distanciadas *posições do eu* no tempo e no espaço (VALSINER, 2003).

O construto do *self* dialógico traz para a psicologia, segundo Valsiner (2003), uma nova forma de pensamento teórico. Dentro da teoria do *self* dialógico, o funcionamento psicológico humano é explicado por mudanças constantes nas posições do eu, que são mapeadas tanto espacialmente (interna/externa), como temporalmente (passado/presente/futuro). A mediação semiótica dentro do *self* dialógico garante o distanciamento psicológico acima mencionado, e mantém a sua própria estabilidade dinâmica. Esse distanciamento é guiado por signos promotores que orientam a transformação do *self*, pois não é possível uma relação dialógica sem esta base de construção semiótica reflexiva intimamente ligada à cultura (VALSINER, 2002). O *self* dialógico é um *self* multivocalizado, constituído a partir de sua intensa relação com as múltiplas vozes presentes no contexto sociocultural.

O *self* dialógico estabelece então dois domínios: um interpsicológico e um intrapsicológico, ambos igualmente importantes, de modo que a pessoa opera na base de dois processos dialógicos: heterodiálogos (com outros, incluindo outros imaginários dentro do próprio *self*) e autodiálogos (com posições internas dentro do próprio *self*). Mas estes dois diálogos são intimamente entrelaçados e relacionados com os signos culturais compartilhados, daí afirmarmos que *self* e cultura são mutuamente inclusivos e, portanto, indissociáveis nessa perspectiva (VALSINER, 2002). A necessidade central para o *self* dialógico é *manter a estabilidade dinâmica* dentro dele mesmo. Para isso, utiliza-se de um processo sistêmico de autorregulação que organiza o fluxo sempre-novo de experiências pessoais. De um lado, o *self* dialógico funciona através da constante construção de relações entre as posições do eu, de outro, através da emergência de significados construídos que, simultaneamente, limitam o campo de possibilidades nas quais as posições do eu podem ser construídas. O resultado deve ser um processo de construção de significados produtivo e flexível, que não somente funcione para entender o mundo, como para relacionar-se continuamente com ele e com sua constante demanda por mudança (VALSINER, 2002). Na perspectiva do *self* dialógico,

> *self* e cultura são concebidos em termos de multiplicidade de posições através das quais relacionamentos dialógicos podem desenvolver-se. Esta visão é o núcleo dessa perspectiva, conduzindo o estudo para a compreensão do *self* como inclusivo da cultura, e a cultura como inclusiva do *self*. Ao mesmo tempo esta visão evita tratar o *self* como individualizado e auto-contido, e a cultura como abstrata e reificada. (HERMANS, 2001, p. 1).

A estabilidade temporária da cultura implica uma constante decomposição e composição, através do sistema de internalização/externalização de mensagens comunicativas que ocorre graças à dinâmica dialógica, a qual se dá tanto no contexto social (relações interpessoais) quanto no contexto do *self*, entendido como *as* relações intrapessoais entre as múltiplas posições do eu. Isso pressupõe, obviamente, uma teoria do *Self* Dialógico que, segundo Valsiner (2003), é uma estrutura holística e de perspectiva dinâmica que divide o todo complexo rotulado de *Self* em subpartes funcionais.

O *self* dialógico é baseado na suposição de que existem muitas posições do eu que podem ser ocupadas pela mesma pessoa. O eu em uma posição pode concordar, discordar, contradizer, questionar e mesmo desafiar o eu em outra posição, pois as diferentes posições no *self* dialógico podem ter suas próprias visões, desejos, motivos, sentimentos e memórias. Essa proposta de Hermans (1996, 2001) permite compreender o *self* através da combinação de continuidade e descontinuidade, sem que essa combinação possa afetar a ideia de unidade do *self*. Ela enfatiza, por outro lado, que a existência da unidade do *self*, como estreitamente relacionado à continuidade, também não contradiz a existência da multiplicidade como intimamente relacionada à descontinuidade (HERMANS, 2001). Esta noção pode ser uma importante aliada, por exemplo, na superação dos binarismos dicotômicos que consideram o *self* sexual apenas sob a perspectiva da continuidade, desconsiderando as contradições, conflitos e descontinuidades que podem ter expressão no campo das práticas amorosas e sexuais. Segundo Hermans e Hermans-Konopka (2010), há uma "imperfeição básica na mente". A mente é uma questão que não pode ser imediatamente respondida para si mesma ou um problema que não pode ser imediatamente resolvido. É esta imperfeição que deixa espaço para realidade obscura do *self* (ocupada por posições "sombrias" ou "negadas"), contrastando pesadamente com a unidade clara e transparente da concepção cartesiana ou moderna do *self*.

Nessa perspectiva, o eu tem a possibilidade de mover-se de uma posição para outra,

de acordo com mudanças na situação, assim como, em um espaço *imaginal*, pode mover-se do presente para o passado ou para o futuro (HERMANS, 1996). O eu tem também a capacidade de dotar imaginativamente cada posição com uma voz, de modo que torna possível o estabelecimento de relações dialógicas nem sempre concordantes. Como observa Hermans e Hermans-Konopka (2010), recorrendo à noção de "diferença", central no modelo de *self* pós-moderno, nós negociamos a todo tempo com multiplicidade e diferenças no *self*. As ações que tomam lugar entre as pessoas (ex: conflitos, criticismo, concordância, consultas) ocorrem também no *self* (ex: *self-conflicts, self-criticism, self-agreements* e *self-consultations*), ilustrando como o *self* trabalha como uma sociedade da mente.

Ao mover-se no espaço imaginal, partindo de uma para outra posição [ou seja, *como se* fosse o outro], o *self* cria um campo dinâmico em que negociações do eu, contradições do eu e integrações do eu resultam em uma ampla variedade de significados. Isso possibilita um encontro ativo de posições internas e externas que juntas formam uma mistura de relacionamentos cooperativos e competitivos. É nesse sentido que

> O self não está apenas "aqui", mas "lá", e, devido ao poder de imaginação, a pessoa pode agir como se fosse o outro. [...] Eu construo uma outra pessoa ou ser como uma posição que eu posso ocupar e uma posição que cria uma perspectiva sobre o mundo e sobre mim mesmo. (HERMANS; KEMPEN; VAN LONN, 2010, p. 29).

Sobre essa possibilidade de uma pessoa agir como se fosse outro, Valsiner (2012) faz uma importante observação. Para ele, esse olhar sobre o *self* mantém a pessoa como centro da construção social imaginativa e permite ao sujeito colocar-se na posição do outro, mais precisamente, como se estivesse na posição do outro. Isso, porém, não é o mesmo que estar na posição do outro, pois esta última possibilidade é, em tese, impossível (BUHLER, 1990 apud VALSINER, 2012). Como destaca Valsiner (2012, p. 127), "o self dialógico cria uma tensão entre ser *como-é* e a modelagem do ser *como-se* fosse um outro. Essa tensão pode ser o lócus de nascimento em direção a um novo estado."

Também é possível, de acordo com Hermans (2001), que algumas posições que são relevantes nos primeiros anos de vida recuem para um segundo plano do sistema ou que desapareçam inteiramente do *self* ou, em outros casos, que uma posição particular retorne deste segundo plano do sistema para um momento posterior da vida. Por exemplo: uma pessoa que tenha plena consciência de seu desejo por pessoas do mesmo sexo na

adolescência pode negar uma possível posição de Eu-homossexual nesse momento do seu curso de vida, com receio de uma reprovação social. Após a juventude, essa pessoa pode sentir-se segura para assumir esta como uma possível *I-position*, ainda que isto não represente para ela uma identidade. Faço essa ressalva porque nem sempre encontramos coincidência entre direção do desejo (se para o mesmo sexo ou para o sexo oposto), práticas sexuais e percepção identitária. Além disso, em função da dinâmica imposta pelo tempo na esfera das relações de sociabilidade, há ainda possibilidade de que novas pessoas surjam nos contextos das relações interpessoais da pessoa, criando assim, novas posições no *self* (HERMANS, 2001). Central, portanto, nessa teoria, é a suposição de que processos interpessoais e intrapessoais são igualmente importantes para a dialogicidade, visto que são interligados e alteram-se ao longo do tempo numa relação de interdependência (HERMANS, 2001; VALSINER, 2003).

Segundo Hermans (2001), o movimento das posições e suas mútuas relações são dependentes de mudanças culturais. Nesse sentido, há uma relativa autonomia da pessoa. As vozes coletivas que dialogam nesse *self* organizam e circunscrevem os sistemas de significados que emergem dos relacionamentos dialógicos. Hermans (2001), citando Sampson (1993), argumenta que relacionamentos societais são governados por oposições polares, conduzindo a dicotomias sociais, tais como homens e mulheres, jovens e adultos, brancos e negros, heterossexuais e homossexuais. Porque estas oposições são carregadas com diferenças de poder, as vozes de alguns grupos têm mais oportunidade de serem ouvidas que outras. As vozes de determinados grupos, a meu ver, podem operar, inclusive, o silenciamento de desejos que não correspondam aos seus interesses.

Como resultado desses circunscritores de vozes coletivas, pessoas não constroem significados no espaço livre e de oportunidades iguais para expressar suas visões e desejos relativos à esfera das experiências amorosas e sexuais. Ao contrário, os significados são organizados e coloridos por posições sociais representadas por coletividades às quais elas consciente ou inconscientemente pertencem. Digo *inconscientemente* para dar destaque ao fato de que, mesmo quando não nos identificamos conscientemente com determinada categoria identitária, é possível assimilar, via processo de socialização, modelos de relação associados a esta categoria.

Um bom exemplo disso se pode ver na tese de Pelúcio (2009). A partir de uma pesquisa de cunho etnográfico com travestis femininos, a pesquisadora apresenta ao leitor

de sua tese o que se pode configurar, em certo sentido, como uma contradição. Não obstante a *performance* posta em cena pelas travestis que, "sendo homens", "transformam-se em mulheres", efetuando uma prática visivelmente transgressiva no que diz respeito à performatividade de gênero, ou seja, às enunciações de regras culturalmente impostas que materializam corpos, generificando-os, as travestis demonstram, em muitas facetas de seus discursos, estarem tão atadas quanto qualquer outro, à matriz heteronormativa. A partir de Butler (2003, 2007), poderíamos afirmar que a explicação para isto está, ao menos em parte, no fato de que a norma é citada para todos e em todos incide.

De acordo com Hermans (2001), a distinção entre "vozes coletivas" e "vozes individuais" correspondem à distinção entre dois tipos de posições em que pessoas podem encontrar-se localizadas: posições pessoais e posições sociais. As posições sociais são organizadas e governadas por definições, expectativas e prescrições sociais, enquanto que as posições pessoais recebem suas formas a partir de formas particulares através das quais pessoas individuais organizam suas próprias vidas, algumas vezes em oposição ou protesto em relação às expectativas sociais implicadas. Por exemplo, quando uma pessoa em particular, numa determinada cultura, é reconhecida como *mulher*, esta posição social carrega expectativas que se traduzem em regulação de emoções, comportamentos e projetos de vida. Entretanto, partindo do ponto de vista dessa pessoa, ela pode sentir-se "feminina" em algumas situações, mas "masculina" em outras, o que significa dizer que o sistema de significados da pessoa em desenvolvimento está em constante tensão entre sua posição social e uma ou mais posições pessoais. Essa tensão pode ganhar expressão em um determinado ponto do curso de vida da pessoa, de tal sorte que ela poderá experienciar uma ruptura em seus sistemas de significados prévios. Isso exigirá do *self* uma série de diálogos e reposicionamentos, acionados com e através da mediação de signos, série esta que tem a função de permitir ao *self* a mudança, bem como produzir um novo ponto de estabilidade.

Vale ressaltar que um dos princípios básicos da teoria do *self* dialógico é o de que as pessoas estão continuamente envolvidas em um processo psicológico de posicionamento e reposicionamento, não somente em relação às outras pessoas, mas em relação a si mesmas. Para essa teoria, não existe uma nítida separação entre vida interna e mundo externo, mas uma transição mais ou menos gradual entre eles. Isso permite falar, como havíamos mencionado anteriormente, na qualidade de sistema "*open-closed*" do *self*, crucial para permitir relacionamentos dialógicos nos seus diversos domínios: interno ou das posições

internas (ex: eu como mãe, discordo de mim mesma como parceira); entre o interno e o externo (estendido) (ex: eu quero fazer algo no domínio da sexualidade, mas a voz de minha mãe em *myself* faz críticas); externo (ex: a forma como meus pais interagem entre si influencia o modo como conduzo a minha relação com meu marido). Os diálogos atendem, muitas vezes, à necessidade humana de encontrar respostas significativas em situações de incerteza, funcionando como um mecanismo que permite ao indivíduo interrogar-se no sentido de encontrar uma direção própria.

Segundo Hermans e Hermans-Konopka (2010), o uso do termo *"positioning"* designa a qualidade espacial do *self*. Ele se refere ao processo no qual os *selves* estão necessariamente envolvidos enquanto parte de um mundo em que simultaneamente posicionam-se a si mesmo e também ao outro em termos de "aqui" e "lá". Quando uma pessoa posiciona-se em "algum lugar", existem, sempre, explicitamente ou implicitamente, outras posições envolvidas que estão localizadas em outros espaços em torno dela, ou em um espaço metafórico do *self*. Uma vantagem teórica importante deste termo é que ele pode ser usado não somente como um verbo no modo ativo, mas também no passivo. Desde o nosso nascimento, estamos posicionados por nosso ambiente social (ex: menina ou menino, branco ou negro, de camada alta ou baixa, etc.), e muito de nosso posicionamento ativo pode ser visto como uma resposta monológica ou dialógica para estas influências, tal como apontam Hermans e Hermans-Konopka (2010).

No que diz respeito às relações amorosas e sexuais, é também possível falar em um processo constante de posicionamento e reposicionamento que se vai construindo a partir da capacidade interpretativa do ator (da possibilidade de colocar-se no lugar do outro por meio da compreensão), tal como falamos com base nos eixos teóricos do interacionismo simbólico. Esse processo pode ocorrer tanto em uma cena amorosa-sexual, como ao longo de uma trajetória, como resultado de interpretações que em geral integram passado, presente e futuro. Isso porque a teoria do *self* dialógico abre espaço para a compreensão da temporalidade das *I-positions*, na medida em que se mostra sensível às qualidades dinâmicas do processo de posicionamento e reposicionamento. A meu ver, esse conceito pode nos permitir superar o discurso que considera a identidade sexual como fixa e inerente à singularidade do sujeito, para pensar em posicionamentos (mais ou menos conscientes) organizados em situação e ao longo do tempo.

Nesse sentido, as pessoas estão constantemente criando novos significados;

observem-se as relações de gênero e sexualidade: esses significados relacionam-se a seu tempo, mas orientam-se em direção a um outro, preparando, assim, o futuro. Cada significado, ou seja, cada signo em uso durante a janela de tempo a que chamamos de presente é, para Valsiner (2007), um dispositivo de mediação semiótica. Este dispositivo – o significado – estende-se do passado em direção ao possível futuro, nesse sentido, antecipado, ainda que desconhecido. Os signos promovem o desencadear de significados possíveis e não de significados específicos, é a pessoa que realiza seu processo de significação através das múltiplas negociações dialógicas. É a partir do constante diálogo entre a "cultura coletiva" e a "cultura pessoal" que a pessoa realiza, então, um movimento de construção e reconstrução do *self* (VALSINER, 2000, 2007).

Por todos estes motivos, como sublinha Valsiner (2002), os processos psicológicos humanos podem ser caracterizados como fluidos, dinâmicos, auto-organizados e autoinovadores. As relações dialógicas e o processo de construção de significados que delas emerge e que ao mesmo tempo as produz, são dinamicamente modificados e estabilizados, refazendo, num jogo ora especular, ora confrontativo, as relações de gênero, sexualidade e poder. As partes do sistema dialógico podem reagrupar-se no todo rapidamente e adaptativamente de acordo com as demandas de mudanças do contexto. As diferentes partes agrupam-se e reagrupam-se dentro do espaço – um campo – que é definido pelos limites do *self* dialógico. As relações entre essas partes do campo são como "campos de força" que mantêm a dialogicidade do *self* em ambos os sentidos: *estabilidade e mudança***.**

3 UMA ETNOPSICOLOGIA DO AFETIVO-SEXUAL SOB O PONTO DE VISTA METODOLÓGICO

Do ponto de vista metodológico, a abordagem etnopsicológica entende que o trabalho do/a pesquisador/a é de natureza não apenas descritiva, como também interpretativa, o que requer uma tentativa constante de maximizar a possibilidade de apresentar não apenas as trajetórias dos sujeitos, como as cenas e os cenários a partir dos quais estas se desenham. Um trabalho que exige uma aproximação da ótica e da subjetividade das pessoas em situação.

O conceito de *definição da situação*, segundo Lapassade (2005), foi primeiramente formulado por Thomas, em 1923, e "[...] designa o fato de que os significados sociais não são inerentes às instituições ou aos objetos sociais tomados em si mesmos, independente dos atores, mas são, ao contrário, atribuídos aos acontecimentos sociais, pelos indivíduos, no decorrer de suas interações." (LAPASSADE, 2005, p. 20). Nesse sentido, sublinha Lapassade (2005, p. 20), "Os atores sociais são 'condenados' a interpretar continuamente o que se passa no contexto social local onde atuam, e a dar sentido aos atos dos outros para responder a eles."

Para ter acesso às perspectivas ou definições que os atores fazem da realidade e das suas experiências de vida, o/a pesquisador/a deve trabalhar, preferencialmente, no ambiente onde se desenrolam as ações, forma privilegiada de compreender essas perspectivas, indissociáveis que são dos contextos nos quais elas emergem. Esta definição de situação está enraizada na biografia/trajetória dos sujeitos/participantes da pesquisa, na situação em si mesma (o que inclui as cenas e cenários de interação), e na própria comunicação, seja esta verbal ou não verbal.

A abordagem etnopsicológica propõe, com vistas a uma escuta dessas interpretações dos atores sociais, mais que a utilização da etnografia enquanto método, ou seja, em seu sentido estritamente técnico – de simples arregimentação de técnicas de coleta de dados; para além disso, recomenda, como sugere Boumard (1999), uma *postura* etnográfica. Nesse caso, a ideia é de ir ao campo, sim, observar, entrevistar, registrar, mas sem fazer dele o elemento da administração da prova, mas o material indispensável para que o discurso sobre outro – o inicialmente estranho – faça sentido. É aí que se encontra o fundamento da postura etnográfica (BOUMARD, 1999).

Por assim dizer, a Abordagem Etnopsicológica se inscreve não apenas no registro dos

estudos interacionistas oriundos da Escola de Chicago, como também no registro da etnografia interpretativa de Geertz (1973), na medida em que entende a cultura como um sistema de signos interpretáveis a partir dos quais os sujeitos atuam em suas vidas cotidianas e mediante o que se torna possível a compreensão de seus comportamentos e perspectivas. Segundo Geertz (1973), a cultura "[...] não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade." (GEERTZ, 1973, p. 24).

Com base nesta compreensão, Geertz (1973) afirma que os achados etnográficos não são privilegiados, mas particulares, referem-se a um contexto e grupo humano específico. É justamente nessa sua especificidade complexa, nessa circunstancialidade, que está a riqueza desta abordagem. Para Geertz (1973), é preciso entender que a natureza microscópica da etnografia e os fatos pequenos sobre os quais esta se debruça podem relacionar-se a grandes temas, ainda que sua análise seja sempre incompleta. Aliás, para ele, "quanto mais profunda [a análise], menos completa" (GEERTZ, 1973, p. 39).

Diante dessa cultura, tomada enquanto texto interpretável, o etnógrafo realizará uma dupla tarefa: a de inscrição (descrição densa) e a de especificação (diagnose), ou seja, entre anotar o significado que as ações sociais particulares têm para os atores, e afirmar, tão explicitamente quanto possível, o que o conhecimento assim atingido demonstra sobre a sociedade na qual é encontrado. A consecução dessas tarefas, para Geertz (1973), envolve um trabalho de campo quase obsessivo de peneiramento, a longo prazo, principalmente (porém, não exclusivamente) qualitativo, altamente participante e realizado, preferencialmente, em contextos de confinamento.

Esta pesquisa, ao propor uma etnopsicologia em contexto urbano, embora tome como norte as considerações de Geertz (1973) no que diz respeito à cultura, privilegia, porém, em função de seu objeto, ao invés da observação participante e em situação de confinamento, a técnica da entrevista de tipo compreensivo, mantendo em relação às narrativas dos participantes da pesquisa a postura recomendada por Velho (2008).

Para Velho (2006), a pesquisa de tradição antropológica, pelo fato de lidar diretamente com indivíduos, obriga o pesquisador ao confronto com a complexidade da rede de significados a que se refere Geertz (1973), só que ao nível da biografia. Nesse sentido, precisa estar atenta ao fato de que um indivíduo, em momentos e contextos específicos,

pode adotar comportamentos e discursos classificáveis como modernos ou novos, e, em outros, apresentar uma visão de mundo dita tradicional.

A partir dessa perspectiva, observa Boumard (1999), "[...] uma técnica clássica como a da entrevista assumirá uma nova dimensão. Efetivamente, a entrevista permite romper com as certezas de que partilhamos um mundo comum com pontos de vista idênticos sobre uma realidade incontestável." A entrevista compreensiva, nos moldes em que propõe Kaufmann (1996), é, nesse contexto, uma excelente escolha, visto que o seu desenho permite ao/a pesquisador/a manter-se no tom exigido por uma pesquisa de tipo etnográfico, que na compreensão de Lapassade (2005, p. 82) configura-se como "um encontro social".

3.1 A ENTREVISTA COMPREENSIVA E O TECIDO DA LEMBRANÇA

Kaufmann (1996) vai de encontro às posturas espontaneístas inspiradas na oposição compreensão/explicação, e considera que o processo de entrevista envolve dois momentos. O primeiro tem como objetivo a compreensão do sistema de valores dos indivíduos. Começa, pois, por uma *intropathie*, já que parte do princípio de que os indivíduos não são simples agentes portadores de estruturas, mas produtores ativos do social, depositários de um saber importante, do qual precisamos nos aproximar. Mas o trabalho, todavia, não se limita a esta fase, um segundo momento é necessário, e consiste em uma pesquisa que seja capaz de interpretar e explicar a partir dos dados recolhidos. A compreensão da pessoa é somente um instrumento: o objetivo final é a *explicação compreensiva* dos processos psicossociais.

Uma entrevista compreensiva abrange, antes de qualquer coisa, o rompimento da hierarquia entre entrevistador e entrevistado; e deve ser conduzida pelo entrevistador com base em duas importantes posturas: a *empatia* e o *engajamento.* Nas palavras de Kaufmann (1996), a entrevista é um trabalho, e um trabalho tão exaustivo quanto apaixonante, no qual se procura insistente e levemente uma "boa pergunta", aquela que surge da escuta atenta que se efetua quando se está em face do entrevistado. O primeiro momento e o mais difícil nesse processo é o de *rompimento da hierarquia*: as portas que se fecham ou as ansiedades do início da entrevista não são fáceis de vivenciar. Contudo, aquilo que é difícil nesta fase se tornará mais tranquilo com o prosseguimento do processo: na medida em que a entrevista ganha profundidade, tudo se torna mais fácil. Este é, justamente, o objetivo: que a troca entre entrevistador e entrevistado se aprofunde o mais possível, de modo a responder às

questões essenciais (KAUFMANN, 1996).

Para isso, diz Kaufmann (1996), um primeiro elemento decisivo é o estilo oral. Se o pesquisador/entrevistador enumera uma lista de questões sobre um tom morno, ou pior ainda, uma lista como se fosse um questionário, a pessoa imediatamente adota o mesmo estilo para responder, se limitando a frases breves, que correspondem a respostas de superfície que ele tem imediatamente disponíveis, sem se engajar pessoalmente. É preciso afastar-se radicalmente deste estilo, pois que produz um material inadaptável ao método compreensivo. No questionário, o tom e a formulação das questões convidam, logicamente, a respostas breves e claras: sim ou não; múltiplas escolhas, frases mais sucintas.

O objetivo da entrevista compreensiva é estabelecer uma quebra da hierarquia: o tom a encontrar é muito mais próximo de uma conversação entre dois indivíduos iguais do que de um questionamento administrado a partir do alto. Às vezes esse estilo conversacional toma realmente corpo, o enquadre da entrevista é como que esquecido. Tais momentos indicam que a gente alcançou um bom nível de profundidade e desempenhou um papel positivo de respiração, para o entrevistador como para o entrevistado.

Contudo, adverte Kaufmann (1996), isso não deve durar tempo demais, ou arrisca-se a desestruturar a entrevista, que deriva em direção a uma troca sem propósito. Para atingir as informações essenciais, o entrevistador deve se aproximar de um estilo de conversação sem abandonar-se a uma verdadeira conversação: a entrevista é um trabalho que reclama um esforço em todos os instantes. O ideal é romper a hierarquia sem cair numa equivalência de posições. Cada um dos parceiros guarda um papel diferente.

O entrevistador é o dono do jogo, pontua Kaufmann (1996), ele define as regras e coloca as questões, o informante no início se limita a responder. É, em seguida, que todos jogam, o que deve levar o entrevistado a sentir que o que ele diz é importante para o entrevistador. Este último o escuta com sinceridade, e não hesita em abandonar seu roteiro para lhe fazer comentar uma informação maior que vem de modo mais livre, brevemente.

Isso não significa, entretanto, o abandono completo do roteiro, que deve ser sensivelmente perseguido, sem que se perca a interação iniciada. Se necessário for, é possível fazer pausas na lógica da conversação, ler seu papel, e colocar uma questão do roteiro. Esse momento de respiração, se não é frequente demais, é mesmo vivido positivamente pelos informantes, pois retoma o enquadre estrutural e legítimo da entrevista, que o aspecto conversacional pode fazer esquecer (KAUFMANN, 1996).

Nessa oportunidade, pode verificar se não esqueceu algo importante. O informante em geral observa calmamente e espera que o processo de “confissão” seja acionado novamente. É útil sentir a manutenção de um ritmo que permita, aos poucos, passar das respostas de superfície para as de profundidade, da leveza para o esforço em exprimir os saberes. O tempo aqui varia, indo de trocas rápidas a frases lentas e entrecortadas de silêncios. O entrevistador não deve ter medo dos silêncios: se os preenche rápido demais, quase não tem tempo para fazer uma boa questão, e não permite a seu interlocutor abandonar-se livremente ao seu pensamento e desenvolvê-lo (KAUFMANN, 1996).

Nesse processo inicial é fundamental o estabelecimento de uma *relação empática*. Enquanto procura estar o mais ativo possível e manter o jogo, o pesquisador deve saber permanecer modesto e discreto: é o informante o protagonista. Ele deve compreender a atitude deste que está diante de si, buscar realizar uma escuta atenta, que mostra importância no que diz o entrevistado, um extremo interesse pelas opiniões expressas, manifestando uma simpatia pela pessoa interrogada.

No início, pontua Kaufmann (1996), este é um papel de composição/criação: o entrevistador faz parecer que compreende perfeitamente o mundo do entrevistado – assumindo uma posição empática, seu objetivo é aprofundar a escuta atenta. É assim que pouco a pouco ele descobre um novo mundo, aquele da pessoa interrogada, com seu sistema de valores, suas categorias operatórias, suas particularidades admiráveis. A atitude de simpatia em direção à pessoa, e a tentativa de descobrir as categorias que estão no centro de seu sistema de pensamento e ação não constituem dois elementos separados. O pesquisador é gentil, receptivo, e acolhe muito positivamente tudo aquilo que é dito. Funciona como um instrumento cujo objetivo é fazer falar, de modo a entrar no mundo do informante. Quando as categorias mais operatórias, as chaves de uma existência são destacadas, tudo começa a encadear-se (fazer sentido). O informante compreende, com efeito, que a atitude do entrevistador não era de blefe, uma simples máscara de cortesia, mas que ele verdadeiramente se interessa por sua pessoa, que se interessa em penetrar no coração de seu mundo, que compreende seu sistema de pensamento. Ele entra então numa relação de confiança e tem vontade de prosseguir o caminho a dois em direção a si mesmo.

Para isso, é imprescindível, na lógica compreensiva de entrevista, *o engajamento* do entrevistador. A presença deste deve ser forte, ao mesmo tempo que discreta, personalizada. O entrevistador entra no mundo do informante sem tornar-se um duplo deste último. Ainda

que transformado pelas categorias do informante, deve permanecer ele mesmo. Para se engajar ele deve exprimir ideias e emoções (sem desenvolvê-las demais, pois o protagonista é o informante). Se o entrevistador não diz nada, o outro não tem referência e não pode avançar, já que o modelo é conversacional. É, pois, possível, e mesmo aconselhável que não se limite a colocar as questões: deve sorrir, gargalhar, complementar, liberar brevemente sua opinião, etc.

Para o informante, o entrevistador ideal é um personagem que se mobiliza, surpreende, espanta (KAUFMANN, 1996), mas é também, na perspectiva de Bosi (2003), aquele que compreende que o relato envolve um trabalho de memória, possivelmente mais intenso para os mais velhos, em função do tempo transcorrido desde a ocorrência da experiência que é chamado a narrar. Assim, não é incomum que ao entrevistar idosos ou pessoas adultas que se aproximam da chamada "fase do envelhecimento", haja hesitações, rupturas recorrentes no discurso, que não devem ser consideradas como vazios, mas como *trabalhos da memória* (BOSI, 2003, p. 64). Isso não quer dizer que o jovem não realize esse trabalho. Ao contrário, a experiência de contar sobre uma experiência de vida é sempre um trabalho de memória.

Nas palavras de Bosi (2003, p. 62, grifo da autora),

> um *vol d''oiseau* sobre a evocação biográfica nos fará ver, como numa tapeçaria, um mosaico de áreas mais ou menos densas, mais ou menos ligadas, algumas abandonadas, outras cultivadas amorosamente. E pontos privilegiados como torres ou marcos, focos de atração na paisagem. (BOSI, 2003, p. 62, grifo da autora).

Importante observar que o/a pesquisador/a muitas vezes encontrará nessa divisão subjetiva do que ela chama de *tecido da lembrança*, constantes universais: marcos em que se concentram signos sociais e culturais de um tempo, que se encontram entrelaçados à memória individual, apoiando-a. É bom dizer que é o modo particular como cada pessoa constrói esse tecido que interessa particularmente ao pesquisador de abordagem etnopsicológica, visto que é aí que se pode ver o diálogo entre o que Valsiner (2007) chama de cultura pessoal e cultura coletiva. É preciso estar atento, tal como observa Bosi (2003), que a fala emotiva, fragmentada ou intercalada por silêncios nos aproxima das pessoas, ao que deveria corresponder o silêncio e a consideração do/a pesquisador/a, pois não se trata aqui de uma linguagem de coisas, adverte a autora. Afinal, o que se lembra são momentos vividos, respostas pessoais, em suma, a melodia do passado interpretada pelo presente.

Ao sugerir uma escuta da memória, a meu ver, a pesquisadora se aproxima de Kaufmann (1996) quando recomenda uma escuta compreensiva amplamente focada na oralidade, mais que no registro escrito. “Se a palavra (como signo escrito) é espacializadora, a fala parece mais próxima da música e da intuição do tempo.” (BOSI, 2003, p. 47). Assim, recomenda que, antes de sermos registradores, sejamos “ouvintes privilegiados da memória”, que poderia ser então definida, lembrando Bergson (1959 apud BOSI, 2003, p. 37), como o “lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas”. Ressalta-se aqui, portanto, que quando entra em cena a lembrança, já não é possível falar em “percepção pura” – sendo este um conceito-limite, mais que uma experiência corrente na vida das pessoas.

A memória, ao trazer nas águas do presente o passado, se mistura às nossas percepções imediatas de forma ativa e penetrante. Daí que podemos afirmar que esta não é passividade, mas força organizadora, motivo pelo qual “[...] é importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação porque são o mapa afetivo de sua experiência e da experiência de seu grupo [...].” (BOSI, 2003, p. 56). Significa dizer que o trabalho de campo e de produção dos dados deve levar em consideração e apreender a cultura, pessoal e coletiva (VALSINER, 2012), e o tempo histórico e psicológico (tempo marcado pela ambivalência) dos participantes da pesquisa – o que, segundo Boumard (1999), pode permitir um movimento pendular metodológico entre o ponto de vista do investigador e o dos atores, que coloca em questão tanto aqueles *a priori* dos/as investigadores/as como os pontos de vista dos atores. Isso é necessário não só porque é variável o grau de familiaridade que temos sobre a experiência do outro, não sendo, portanto, igual a conhecimento, tal como observa Velho (2008), mas porque precisamos, enquanto estudiosos/as da sexualidade, estar atentos aos processos normalizadores presentes tanto na cultura pessoal e coletiva dos participantes quanto em nossa cultura pessoal. Essa atenção corresponde, em um sentido mais amplo, a uma preocupação de ordem ética, central numa pesquisa que envolve seres humanos, e que pretende contemplar as diferentes experiências na esfera da vida afetivo-sexual.

3.2 A ANÁLISE COMPREENSIVA

Seguindo as recomendações de Kaufmann (1996), para quem a transcrição integral dos relatos muda a natureza do material de base ao tornar-se texto escrito, o primeiro passo

na análise das trajetórias é a escuta das gravações. Para o autor, a transcrição integral dos relatos é ideal para um trabalho simplificado dos dados, mas para manejar uma pesquisa aprofundada é necessário dispor de um máximo de índices. A linguagem oral, nesse sentido, é infinitamente mais rica e complexa: os ritmos, as entonações e os silêncios são tantos que os comentários do texto podem mudar de sentido.

A linguagem oral é, para Kaufmann (1996), mais viva, e permite um acesso mais direto à emoção e um mergulho mais íntimo nas histórias de vida. O texto escrito, mais reduzido em relação à gravação original, pode, todavia, constituir um bom material de base. Tudo depende do que se deseja fazer. Se o objetivo é expor o plano dos dados, triar, arrumar, constituir as categorias e tipologias, o texto escrito é eficaz. Se o foco está em dar volume ao objeto de estudo, problematizando-o, a linguagem oral cumpre melhor este propósito. Ela permite uma imersão profunda e íntima em uma infinidade de detalhes, um "contato à flor da pele" com a história de vida dos atores sociais, enquanto as categorias da pesquisa são remexidas, algumas vezes sofrendo alterações, em resposta a essa escuta.

Para o autor (1996), é certamente possível imergir numa história a partir de um texto escrito, é, aliás, a técnica do romance. Mas como no romance, o leitor permanece livre para imaginar a história a se fazer. Contudo, é preferível, sob a perspectiva compreensiva, ser levado inteiramente, arrebatado, empurrado para esta história, como somos por um filme. É assim que as categorias conceituais tomam um máximo movimento, que o vai-e-vem entre pressupostos e dados se acelera, afastando a possibilidade de o pesquisador permanecer prisioneiro das antigas categorias, o que faz avançar o trabalho teórico.

Referindo-se aos caminhos a serem percorridos na análise, sugere que quando as entrevistas de campo forem terminadas, sejam efetuadas, ao invés de transcrições integrais, fichamentos, de modo a garantir que o trabalho de elaboração teórica seja iniciado desde as primeiras entrevistas. Indica que o/a pesquisador/a ligue o seu gravador, escute e re-escute tantas vezes quanto for necessário cada entrevista, deixando-se levar pela história, na qual deve imergir progressivamente, bem como pelas hipóteses em movimento em sua cabeça, adotando uma atitude de "atenção flutuante" (KAUFMANN, 1996, p. 80). Sublinha que se deve escutar as entrevistas e re-escutá-las, tendo em mente o roteiro de perguntas, além de caderneta e caneta na mão, a fim de anotar tudo o que vier à mente. Propõe que na base das fichas sejam escritas frases pronunciadas pelos informantes, ou seja, que se transcreva, mas de uma forma particular: fragmentada (uma frase por ficha, ou um extrato mais longo sobre

um mesmo tema) e parcialmente (somente aquilo que julgar digno de interesse, de modo a não se deixar levar pelo material menos central)[18]. As frases devem ser seguidas de comentários que não devem ter a pretensão de serem conclusivos.

Kauffman (1996) sugere que as fichas sejam divididas em duas partes. No alto, redige-se a frase que chamou a atenção, ou descreve-se tão objetivamente quanto possível um evento ou uma situação, são os dados em estado bruto. Na base, em uma parte separada por um traço, escreve-se comentários e interpretações, o mais livremente possível. Até aqui não deve haver preocupação nem com a maneira de se expressar nem com a gramática ou a pureza dos conceitos: escreve-se conforme os pensamentos lhe vêm à cabeça. A interpretação desse material pode levar à história de vida. Apoiando-se sobre os índices do alto da ficha, o/a pesquisador/a aprofunda sua compreensão sobre o informante, atento aos modelos sociais postos em evidência ou às hipóteses mais teóricas (algumas fichas são puramente teóricas e não comportam dados).

Sobre o trabalho de interpretação, Kaufmann (1996) comenta que, concentrado na escuta das gravações (ou lendo as transcrições), o pesquisador não cessa de tomar decisões. O objetivo é o efeito de lupa sobre a biografia do informante, ou sobre um conceito, ou o plano, etc. Algumas dessas escolhas são organizacionais, outras, mais numerosas, tomam a forma de uma escolha de interpretação: o pesquisador toma partido entre várias possibilidades, quer se trate do modelo teórico ou da biografia do informante.

Essas interpretações são incontornáveis e seguirão sendo efetuadas nesta tese, dado o seu objeto de estudo, com base na noção de tempo, e em estreita conexão com a de transformação. É a noção de transformação que torna possível aqui o entendimento da sexualidade dentro do tempo irreversível. Transformação é um conceito tempo-inclusivo. *Trans-form* implica mudança de forma (SATO; HIDAKA; FUKUDA, 2009). Essa mudança de forma pode se dar tanto no interior de uma trajetória, o que envolve movimento em direção ao futuro baseado na rede do real (trajetória-passado/presente) e das trajetórias potenciais que são projetadas do passado para o futuro possível (SATO; VALSINER, 2010); como também na passagem de uma geração a outra ou de uma unidade de geração a outra.

[18] O trabalho de análise foi iniciado tal como descreve Kaufmann (1996), mas até que toda a entrevista estivesse transcrita integralmente, na medida em que nessa pesquisa era fundamental que uma imagem da trajetória fosse formada na cabeça da pesquisadora, a fim de que esta procedesse à segunda fase da análise – aquela que dizia respeito ao desenho das trajetórias e à identificação dos pontos de ruptura-transição.

3.3 NOÇÕES TEMPO-INCLUSIVAS: TRAJETÓRIA E GERAÇÃO

3.3.1 A noção de trajetória

A noção de trajetória pode se constituir em uma ferramenta bastante útil para pesquisadores/as das relações amorosas e sexuais que desejam focar suas análises mais nas descontinuidades que nas continuidades. Sato, Hidaka e Fukuda (2009) observam que o uso empírico da noção de "trajetória" nos estudos do curso de vida, em geral descreve um caminho de vida vivida, mas não a dinâmica do movimento em direção ao futuro. A noção de trajetória nesses estudos parece referir-se, antes, à tendência para persistir em um determinado padrão ao longo do curso de vida, que às mudanças que se processam ao longo do tempo. A superação desse problema, segundo Sato, Hidaka e Fukuda (2009), envolve a elaboração de uma nova concepção de trajetórias, capaz de acessar a dinâmica da trajetória de vida e de apreender a mudança (não somente o padrão, a estabilidade), enfatizando os significados culturais destas mudanças. Os autores (2009) propõem adotar a noção de trajetória a partir do Modelo de Equifinalidade de Trajetória (TEM).

TEM é um modelo hipotético de trajetórias em direção a uma experiência similar de *equifinalidade*, que é focalizada pelos pesquisadores de acordo com seu interesse de pesquisa. Quando o "ponto" de *equifinalidade* é alcançado, ele se transforma em um novo ponto a partir do qual uma nova finalidade emerge (SATO; HIDAKA; FUKUDA, 2009). Esta pesquisa, cujo ponto de *equifinalidade* escolhido foi a entrada dos jovens na universidade, tem um interesse particular em olhar para estas novas finalidades que emergem a partir do alcance deste ponto chamado de equifinalidade. Este será o nosso ponto de referência para pensar as trajetórias afetivo-sexuais dos diferentes grupos geracionais.

O Modelo de Equifinalidade de Trajetória é um método de descrição e análise que surge como resultado da inquietação de pesquisadores da psicologia frente à inadequação dos modelos teóricos e metodológicos já existentes para responder a questões relativas aos processos psicológicos que ocorrem no fluxo do tempo. Ou seja, frente à inexistência de modelos que captem as características dinâmicas e qualitativas do fenômeno – desenvolvimento, preservando-as nos dados apresentados.

Alicerçado nos pressupostos da Psicologia Cultural do Desenvolvimento, o TEM está preocupado em captar a dinamicidade da vida, tendo seus princípios fortemente

relacionados à Teoria Geral dos Sistemas de Ludwig Von Bertalanffy (2010), de onde retira uma de suas noções centrais – a de *Ponto de Equifinalidade*, e à noção Bergsoniana de *Tempo* (BERGSON, 2011). Aliás, nesse modelo, tempo é uma noção fundamental, mas para entendê-la é necessário associá-la a outra noção – a de transformação. É a noção de transformação que torna possível o entendimento da vida dentro do tempo. É porque estamos em constante transformação que podemos apreender o tempo em sua característica de irreversibilidade. Mas como observam Sato e Valsiner (2010), não deveríamos considerar que a transformação ocorre ao longo do tempo. Transformação é um conceito tempo-inclusivo – pois que a transformação do organismo realiza seu desenvolvimento através do tempo. *Trans-form* implica mudança de forma (SATO; HIDAKA; FUKUDA, 2009). Isso envolve movimento em direção ao futuro baseado na rede do real (trajetória-passado/presente) e nas trajetórias potenciais que são projetadas do passado para o futuro possível (SATO; VALSINER, 2010).

O método busca responder à necessidade teórica e metodológica das ciências cujo foco é o desenvolvimento, de manter duas características centrais em seu esquema analítico — *tempo*, e ligado a isso — a *transformação* de potencialidades em realidades (realização). A inovação deste novo método consiste no fato de que este nos permite olhar para trajetórias potenciais e/ou não-realizadas do passado e do futuro possível dos indivíduos em estudo, tendo como foco a transformação dos indivíduos no fluxo do tempo. Para utilizá-lo, é necessária a compreensão de algumas noções/princípios básicos.

Ponto de Equifinalidade - o Modelo de Equifinalidade de Trajetória é baseado no pressuposto de que todos os fenômenos históricos (desenvolvimentais), tais como a vida humana, movem-se através de trajetórias únicas que no tempo convergem em pontos de equifinalidade (VALSINER; SATO, 2005). O termo equifinalidade, como vimos, é amplamente conhecido devido a Ludwig von Bertalanffy (2010). A partir desta noção, teóricos da psicologia (SATO; HIDAKA; FUKUDA, 2009; SATO; VALSINER, 2010; VALSINER; SATO, 2005) criaram este novo método aplicável para o estudo dos cursos de vida. O ponto de equifinalidade, no contexto do TEM, é um *point in-between* – ao mesmo tempo um lugar de similaridades temporárias no curso dos sistemas psicológicos, e um ponto de bifurcação (VALSINER; SATO, 2005) ou um ponto de ruptura (ZITTOUN, 2009) para o desenvolvimento a partir do qual outras finalidades emergem.

A equifinalidade não implica igualdade — que é uma condição impossível em

qualquer sistema histórico. Antes, diz respeito a uma região de similaridade nos cursos temporais das diferentes trajetórias individuais e, no nosso caso, geracionais. É somente por conta do uso convencional da linguagem que nós consideramos similaridade como igualdade — uma mudança no uso da linguagem que não é problemática nas ciências onde a história não é relevante. Na biologia, na sociologia, na psicologia operamos somente na base de similaridades funcionais (VALSINER; SATO, 2005).

Para melhor entender esta noção, é importante lembrar que, para a teoria geral dos sistemas, há dois tipos de sistemas: os abertos e os fechados. A física convencional somente se ocupa destes últimos, considerados como isolados de seu ambiente. Quanto aos primeiros, apenas recentemente tem a física deles se ocupado, esclarecendo questões relativas a fenômenos antes obscuros, tais como a equifinalidade, que é uma propriedade dos sistemas abertos. Um sistema aberto, tal como a pessoa humana,

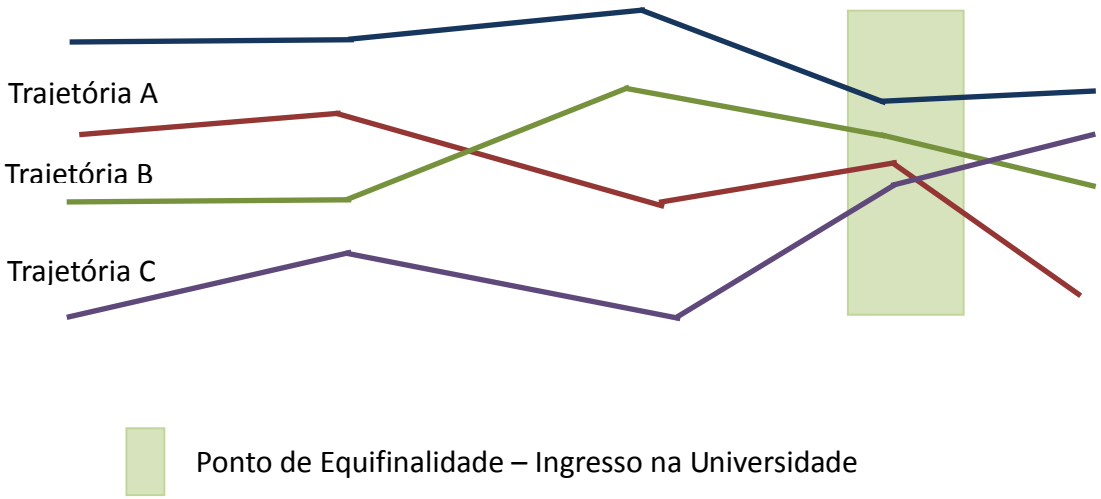
> **Mantém-se em contínuo fluxo de entrada e saída**, conserva-se mediante a construção e a decomposição de componentes, nunca estando, enquanto vivo, em um estado de equilíbrio químico e termodinâmico, mas mantendo-se no chamado estado estacionário, que é distinto do último. (BERTANLANFFY, 2010, p. 65, grifo nosso).

Quanto ao princípio da equifinalidade, diz Bertanlanffy (2010, p. 65), se podemos dizer que em "um sistema fechado o estado final é inequivocamente determinado pelas condições iniciais", de tal sorte que se as condições iniciais ou o processo forem alterados, também assim o será o estado final, já não podemos afirmar o mesmo dos sistemas abertos. "Nestes o mesmo estado final pode ser alcançado partindo de diferentes condições iniciais e por diferentes maneiras. É isto que se chama equifinalidade [...]" (BERTANLANFFY, 2010, p. 65).

Os sistemas abertos dinâmicos envolvem a noção de trajetórias individuais (A, B, C, etc.), que podem convergir (nos pontos de equifinalidade), como é possível visualizar na figura 1, onde o ponto de equifinalidade é o ingresso na universidade, região de similaridade para onde convergem as trajetórias dos participantes dessa pesquisa. Importante observar que depois de passar pelo ponto de equifinalidade (que pode vir a constituir-se como um ponto de ruptura), elas podem mais uma vez divergir, projetando-se no sentido de multi-finalidades, o que será possível notar através da análise compreensiva das narrativas dos/as

estudantes universitários/as.

Figura 1 – Trajetórias individuais convergindo para o ponto de equifinalidade



Fonte: Adaptada de Sato, Hidaka e Fukuda (2009)

Pontos Obrigatórios de Passagem (OPP) – Sato, Hidaka e Fukuda (2009), inspirado em Latour (1987) traz este conceito no contexto da sociologia da ciência. Em nosso curso de desenvolvimento existem dois tipos de OPP: endógenos, originários da própria pessoa, e exógenos, externos à pessoa. A formação do indivíduo humano inclui pontos de transição biológicos específicos para cada espécie – tais como o aparecimento da dentição na infância, menstruação ou menopausa. Os exógenos são estabelecidos pelo ambiente/contexto e ou moda. A cessação da menstruação na mulher em tempos de sofrimento é um resultado produzido ambientalmente. Os rituais de iniciação adolescente presentes em muitas sociedades são OPPs de passagem exógenos, culturalmente estabelecidos. A escolarização formal obrigatória também estabelece pontos de passagem socialmente obrigatórios. Ao focalizar o tema de pesquisa, alguns outros pontos, do nascimento à morte, são encontrados como essenciais na avaliação dos OPPs (VALSINER; SATO, 2005). Um ponto de passagem obrigatório nessa pesquisa é a conclusão do ensino médio.

Ponto de Passagem Obrigatório é um conceito originalmente surgido no contexto da Geopolítica. Convertendo para o contexto do TEM, OPP significa uma fase e/ou evento que as pessoas inevitavelmente experienciam através da condição inicial até o EFP em um dado contexto sócio-histórico e cultural. Estes pontos podem constituir-se em Pontos de

Bifurcação (BFP), na medida em que podem colocar as pessoas diante de trajetos alternativos (SATO et al., 2009; VALSINER; SATO, 2005), a exemplo do OPP Conclusão do Ensino Médio, hoje, em nosso país. Trata-se de um Ponto Obrigatório de Passagem que pode constituir-se como Ponto de Bifurcação para jovens de camadas sociais menos privilegiadas, que precisam decidir entre o prosseguimento dos estudos via ingresso na universidade ou a entrada no mundo do trabalho.

Direção Social (SD) e Orientação Social(SG) – Do foco na direção social deriva a noção de poder social cultural dirigido. Pode-se dizer que o "senso comum" provê tradição, norma social e pressão social. Por outro lado, SG é o poder de defender-se contra a direção social. SG é o poder conferido às pessoas íntimas como família, amigos, professor e outros.

Por fim, é importante ainda dizer que a análise através do TEM envolve os seguintes passos (VALSINER; SATO, 2005): 1) localizar o Ponto de Equifinalidade (EFP) relevante—bem como todos os relevantes OPPs—no mapa genérico de trajetórias (atividade teoricamente fundamentada), 2) mapear empiricamente todos os casos particulares—sistemas abertos em estudo que se movem através destes pontos, e 3) comparar diferentes trajetórias reais à medida que elas abordam o ponto de equifinalidade.

Seguindo as indicações do TEM, essa tese focaliza as transformações ocorridas ao longo das trajetórias amorosas e sexuais dos/as participantes da pesquisa, desde a experiência de "primeira vez", e, em especial, a partir deste evento que é tomado como ponto de equifinalidade: o ingresso na universidade. Existe um interesse em identificar e apresentar o que a passagem por este ponto significou em termos de mudanças no curso das trajetórias pessoais e geracionais, bem como em analisar os processos diálogos interpessoais e intrapessoais que trabalharam na produção destas mudanças. A análise das trajetórias foi organizada em torno do passo um e três do TEM. O método não foi usado em sua integralidade, mas articulado a uma análise dos posicionamentos e (re)posicionamentos experimentados pelo ator ou atriz social no curso do tempo. Em diálogo com a teoria da performatividade de gênero e a teoria dos *scripts* sexuais, considerou-se, na análise compreensiva dos casos, a heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2003) como uma das mais potentes direções sociais na construção das trajetórias dos/as jovens, dedicando uma atenção especial à identificação dos *scripts s*exuais femininos e masculinos que nestas ganham expressão ou que são questionados, revelando a imprevisibilidade do diálogo pessoa-cultura (VALSINER, 2012). O resultado destas análises conduziu-me para alguns

grandes temas, que são aqui apresentados e norteados pela noção de indexicalidade e pelo pensamento multirreferencial que orientam esta tese.

3.3.2 A noção de geração

Mannheim ([1928]) explica que, no passado, foram elaboradas duas doutrinas sobre o que ele chama de "o problema das gerações". A primeira, representada por Comte, e, portanto, de enfoque positivista, tratava das gerações a partir de uma concepção mecânica e exteriorizada do tempo, reduzindo, por assim dizer, os problemas, inclusive o das gerações, em termos quantitativos. Segundo a doutrina positivista, as gerações sucedem-se em intervalos regulares, o que implica a proposição de que a existência humana e o seu destino são compreensíveis, porque mensuráveis. Comte procura elucidar a natureza e o tempo do progresso, e conclui que estender o tempo de vida humana seria o mesmo que travar o tempo do progresso, que seria retido pela presença continuada da geração mais velha, considerada por ele como uma força conservadora, em oposição ao progresso; ao contrário, diminuir o tempo da vida seria o mesmo que fazer progredir a humanidade, possível exatamente por conta do desaparecimento acelerado dos mais velhos e do constante surgimento de novas gerações. É essa uma perspectiva bastante questionável, é bom dizer, visto que não podemos estabelecer uma relação direta entre conservadorismo e velhice, ou, no sentido inverso, vanguardismo e juventude.

De acordo com Mannheim ([1928], p. 118), os positivistas "[...] queriam encontrar uma lei geral para exprimir o ritmo do desenvolvimento histórico, baseado na lei biológica da duração limitada da vida do homem e da sobreposição das gerações novas e velhas.". À luz desta doutrina, os pais seriam sempre uma força conservadora, e os filhos, uma força renovadora, o que implica falar numa história das ideias reduzida a um quadro cronológico de nascimento e morte. A questão aqui gira em torno do progresso da humanidade, calculado, portanto, com base no tempo médio do processo que leva uma geração mais nova a substituir outra mais velha.

A segunda doutrina contrapõe-se à primeira, propondo um tempo avaliado qualitativamente, e não quantitativamente, como a anterior. Dilthey[19] é seu principal

[19] Dilthey (1833-1911) é autor de várias obras, dentre elas: Psicologia da compreensão (2012), Ideias sobre uma psicologia descritiva e analitica (2011), Introdução às ciências humanas (2010).

representante. Este teórico entende a geração como “Um conceito de medida que opera de dentro.”, e nos mostra os movimentos intelectuais de uma sociedade em mudança. De acordo com Mannheim ([1928]), Dilthey avança para além da compreensão positivista do “problema das gerações”, pois discute este problema não apenas a partir da ideia de sucessão, como também da ideia de coexistência, afastando-se do viés biologicista e cronológico. Segundo Mannheim ([1928]), Dilthey considera que uma geração é constituída por indivíduos expostos à influências comuns, que experimentam circunstâncias sociais e políticas semelhantes. Considera, contudo, que estas influências podem ser experimentadas pelos indivíduos contemporâneos tanto nos primeiros anos formativos quanto nos últimos.

Os indivíduos contemporâneos constituem uma geração, já que estão sujeitos a experiências comuns. O tempo geracional era compreendido, aqui, não apenas em termos qualitativos, como reconhecido, somente, se subjetivamente experimentado pelo sujeito. Diz Mannheim ([1928], p. 123), referindo-se a isso: “O tempo de intervalo que separa as gerações é agora tempo subjetivamente experimentável; e a contemporaneidade é uma condição subjetiva de sujeição às mesmas forças determinantes.”. Mannheim ([1928]) observa que o conceito de tempo em que se fundamenta o trabalho de Dilthey é o mesmo que subjaz à formulação do historiador Pinder, quando aponta para “a não contemporaneidade do contemporâneo”. Segundo este historiador, o único tempo real é o tempo experimentado, o que resulta no fato de que não obstante pessoas da mesma idade e de idades diferentes convivam em um “mesmo tempo”, para cada uma, este é um tempo diferente, de tal sorte que não podemos enquadrá-los todos numa mesma geração. Estas questões serão mais tarde retomadas, ampliadas e sistematizadas por Mannheim ([1928], p. 135), considerado um divisor de águas na discussão sobre gerações. Para este autor,

> O fenômeno sociológico das gerações baseia-se, em última análise, no ritmo biológico do nascimento e da morte. Mas basear-se num fator não significa necessariamente ser deduzível a partir dele, ou pressuposto por ele. [...] Se não fosse a interação social entre os seres humanos, se não fosse a estrutura social definível, se não fosse a história que se baseia numa espécie de continuidade, nenhuma geração poderia existir como um fenômeno social localizado; existiriam apenas o nascimento, o envelhecimento e a morte. O problema sociológico das gerações começa assim no ponto em que se descobre o relevo sociológico destes fatores biológicos [bem como o problema psicológico das gerações começa no ponto em que se descobre o relevo psicológico das experiências geracionais].

> Começando com o fenômeno elementar em si mesmo, devemos começar por compreender a geração como um tipo particular de posição social. (MANNHEIM, [1928], p. 135).

Interessante observar, na citação do autor, que ele coloca a posição geracional como uma posição social. Para ele, é esta posição no processo social e histórico que delimita uma série de experiências potenciais para os indivíduos de uma mesma geração, expondo-os, consequentemente, a um tipo característico de pensamento, sentimento e comportamento social. Por outro lado, qualquer posição determinada excluirá, a seu turno, certos modos possíveis de pensamento, experiência, sentimento e comportamento, dado que restringe o raio de expressão aberto ao indivíduo a certas possibilidades circunscritas. Nesse sentido, a lente de análise *geração* pode ser uma importante "categoria relacional" ou "categoria da experiência" (BRITTO DA MOTA, 1999, p. 193), para o alcance das regularidades e das singularidades no estudo dos processos psicológicos relativos ao curso do desenvolvimento, especialmente se articulada a outros marcadores (posições) sociais, tais como gênero, classe, etnia, orientação sexual. Como destaca Britto da Motta (1999),

> a categoria idade/geração, como outras categorias sociais referidas, também se expressa no marco das relações sociais de poder. É grande sua complexidade analítica: além de referir-se a uma dimensão fundante de relações sociais, em articulação inextrincável a outras categorias de semelhante magnitude, projeta-se, mais que aquelas, em uma outra dimensão (ou abrangência), a temporal, ao mesmo tempo "natural" e social, através da qual faz e refaz seus sentidos. (BRITTO DA MOTTA, 1999, p. 202).

Embora seja necessário diferenciar as posições para melhor compreendê-las, verificando o modo particular por meio do qual elas estruturam expectativas e conformam ações, tal como o faz Mannheim ([1928]) ao falar da posição da geração e da posição de classe[20], não podemos esquecer que nas experiências de vida das pessoas, estas posições estão o tempo todo articuladas. Sendo assim, ter 15 anos e estar na "fase da adolescência" não terá o mesmo significado e nem as mesmas implicações para um jovem da camada média e para um jovem da camada popular, nem para jovens com diferentes identidades de gênero e orientações sexuais, dentro de uma mesma posição de classe ou em posições de

[20] "A posição de classe baseia-se na existência de uma estrutura econômica de poder mutável na sociedade. A posição de geração baseia-se na verificação do ritmo biológico na existência humana: a vida e a morte, a duração limitada da vida, o envelhecimento. Indivíduos que pertencem à mesma geração, que partilham do mesmo ano de nascimento, estão ligados, por esse facto, a uma posição comum na dimensão histórica do processo social [...]" (MANNHEIM, [1928], p. 134).

classe diferentes.

3.3.2.1 A estratificação da experiência

Como sublinha Britto da Motta (1999), a vida social [e eu diria também a psicológica, o que nos exige uma análise articulada entre a psicologia e a sociologia] é estruturada em conjuntos de relações que, em interface, ou, mais precisamente, articuladas dinamicamente, lhe dão sentido, bem como desenham uma diversidade de configurações biográficas. Esses marcadores sociais ou de diferença: gênero, classe, etnia, idade/geração, entretanto, se analisados isoladamente, não dão conta de explicar a complexidade da vida humana (BRITTO DA MOTTA, 1999), bem como não conseguem subsidiar uma análise do psicológico que se pretenda situada histórica, cultural e socialmente. Britto da Motta (1999) destaca que estas categorias da experiência ou relacionais, como ela chama, são determinantes e analiticamente valiosas, referindo-se quase todas ao biossocial. Fazendo uma ampliação neste último termo, diria que estas são biopsicossociais, visto que, como propõe Hermans (2001), podemos compreender o *self* como social, contemplando estas múltiplas posições sociais (em articulação e em constante mudança).

No que diz respeito à posição geracional, é bom dizer que foi justamente a compreensão desta articulação entre as diferentes posições sociais ou "identidades de posição" (classe, etnia, gênero, idade/geração) que, a meu ver, permitiu a Mannheim ([1928]) avançar na discussão sobre as gerações, trazendo o conceito de geração como realidade e, mais ainda, o de unidade geracional. Segundo o autor ([1928]), jovens de uma época determinada podem pertencer a uma mesma geração real, mas formar unidades de geração diferentes e separadas dentro dela.

Referindo-se à ideia de geração como realidade, o autor sublinha que para partilharmos de uma mesma localização de geração ou de uma geração real, não é suficiente a coexistência no tempo, ou seja, não basta termos nascido dentro da mesma região histórica e cultural. A geração como realidade precisará mais que isso, exigirá outro nexo concreto. Este nexo "[...] pode ser descrito como a participação num destino comum desta unidade histórica e social [...]" (MANNHEIM, [1928], p. 152). Os indivíduos que compartilham de uma mesma idade só estarão ligados como geração real "[...] se participarem das correntes sociais e intelectuais características da sua sociedade e período e se têm uma

comum experiência ativa ou passiva das interacções de forças que construíram a nova situação [...]" (MANNHEIM, [1928], p. 152-153). É neste ponto que o autor propõe a ideia de estratificação da experiência, para explicar o fato de que não obstante os membros de uma geração estejam localizados semelhantemente, pois que compartilham da mesma fase do processo coletivo, não se encontram, necessariamente, na mesma posição geracional. Ele afirma que mesmo pessoas nascidas na mesma altura ou que viveram a juventude, maturidade ou velhice no mesmo momento histórico, não formam uma geração como realidade e, muito menos, uma unidade de geração.

Nas palavras de Mannheim ([1928], p. 144-145),

> O que cria uma posição semelhante [seja uma geração como realidade ou uma unidade de geração] é o facto de [as pessoas] se encontrarem em posição de experimentarem os mesmos acontecimentos e os mesmos dados, etc., e especialmente o fato de estas experiências caírem sobre uma consciência semelhantemente "estratificada". Não é difícil ver como a mera contemporaneidade cronológica não pode por si só produzir uma posição comum de geração. (MANNHEIM, [1928], p. 144-145).

E complementa:

> A mera contemporaneidade só se torna sociologicamente significativa quando compreende também a participação nas mesmas circunstâncias sociais e históricas. Alguns grupos de geração mais velhos experimentaram certos processos históricos conjuntamente com a geração mais jovem e apesar disto não podemos dizer que tenham a mesma localização de geração. O facto de a sua localização ser diferente pode explicar-se, em primeiro lugar, pela diferente estratificação das suas vidas. (MANNHEIM, [1928], p. 145).

É esta noção de estratificação da experiência que permitirá não apenas o conceito de geração como realidade como o de unidade de geração que, por sua vez, representaria um laço mais concreto do que a geração real. Este laço seria determinado pela vivência de experiências comuns de modos específicos. Dentro de qualquer geração ("a geração dos anos 60", por exemplo), podem existir várias unidades de geração diferenciadas, possivelmente estimuladas pelo modo particular como se cruzam, e são experienciadas, as diferentes categorias relacionais, construindo o que o autor chama de "destino comum". Mas fazer parte de uma unidade de geração significa mais que a mera aceitação dos valores característicos de um grupo, diz Mannheim ([1928], p. 156), trata-se, principalmente, da capacidade para ver as coisas a partir de uma determinada lente comum, e experimentar

“impulsos psicológicos e intelectuais” condizentes com a configuração característica deste, o que faz da categoria gerações uma importante ferramenta analítica para o estudo do [desenvolvimento] psicológico nas diversas idades ou fases da vida.

3.4 OS/AS PARTICIPANTES DA PESQUISA, OS PROCEDIMENTOS E OS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

Dois grupos geracionais participaram da pesquisa. O grupo geracional mais novo era composto por oito jovens universitários (quatro do sexo feminino e quatro do sexo masculino), com faixa etária entre 19 e 29 anos de idade. Para serem incluídos na pesquisa, estes/estas jovens deveriam, primeiro, atender ao critério de idade acima estabelecido, segundo, escontrar-se, no mínimo, no 7º semestre de qualquer curso de graduação da UFBA, ou ter concluído recentemente a graduação nesta mesma instituição de educação superior.

O grupo geracional mais velho, por sua vez, era composto por oito pessoas adultas (cinco do sexo feminino e três do sexo masculino) com faixa etária entre 56 e 65 anos de idade na ocasião da entrevista. Para serem incluídas na pesquisa, contudo, não era suficiente que preenchessem o critério de idade acima estabelecido, mas que tivessem experienciado a vida universitária, na condição de jovens, ao longo dos anos 1960/1970.

Sobre o método de seleção dos/as participantes: o convite era feito diretamente ao/à jovem, em encontros casuais nos *campi* da universidade, onde eu circulava com frequência, ou através de indicação de pessoas de minha rede de sociabilidade dentro e fora da universidade. Também ocorreu “indicação de indicação”, refiro-me àqueles casos em que o informante se colocava à disposição para convidar pessoas de sua própria rede. Isso foi muito comum no caso da geração mais velha, visto que muitos desses sujeitos já não faziam parte do contexto universitário na ocasião da entrevista.

Por questões éticas, nunca combinava uma entrevista num primeiro contato, nem tampouco permitia que tudo fosse acertado entre os próprios participantes. Quando o convite era feito, diretamente por mim em encontros informais, ou via indicação dos próprios participantes ou de minha rede de sociabilidade, os possíveis informantes eram avisados de que eu entraria em contato via telefone ou e-mail, como preferissem, para explicar mais detalhes sobre a pesquisa e a entrevista, e que eles poderiam se sentir à vontade para aceitar ou não a proposta. Antes de iniciar a entrevista, tinha o cuidado de entregar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que o/a possível

entrevistado/a pudesse tomar conhecimento do teor da pesquisa, optando ou não por sua participação de forma consciente e livre. Esse termo encontra-se em anexo ao final desta tese e compõe o projeto de pesquisa apresentado e aceito pelo comitê de ética antes do início da etapa de ida a campo.

3.5 CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DOS DOIS GRUPOS GERACIONAIS

O grupo geracional mais velho (geração anos 1960/1970), como disse, era composto por cinco mulheres e três homens. Destas cinco mulheres, quatro eram originárias do interior do estado, tendo conhecido a vida na cidade através do ingresso na universidade. Além disso, eram filhas de famílias de baixa renda, e, em geral, de prole extensa. Apenas uma delas era da cidade de Salvador e de família das camadas médias da sociedade brasileira da época. Quanto aos homens deste grupo geracional, eram dois de famílias das camadas médias[21] e um de família das camadas populares. Interessante notar que este grupo teve a sua condição socioeconômica modificada muito rapidamente após o ingresso na universidade. Antes mesmo de concluírem o curso universitário, já tinham ingressado no mundo do trabalho e conquistado a independência financeira e residencial.

Outro aspecto que chama a atenção na configuração socioeconômica deste grupo é que as mães dos/as entrevistados/as eram todas domésticas (“donas de casa”), independente da camada social, enquanto os pais eram, em sua maioria, comerciantes. Essa característica nos faz ver que, a esta altura, o país ainda tinha uma divisão do trabalho bastante conservadora no que diz respeito ao gênero, reservando o espaço privado para as mulheres e o público para os homens.

No grupo geracional mais novo (geração anos 2000), apenas uma moça e um rapaz eram originários do interior do estado. Os demais componentes desse grupo residiam na capital – Salvador. Entre as moças deste grupo geracional, três eram pertencentes a famílias das camadas médias da sociedade, e apenas uma delas era pertencente à uma família das camadas populares. No grupo dos rapazes, dois eram filhos de famílias das camadas populares e haviam ingressado na universidade pela política de reserva de vagas. Os outros

[21] A indicação de camada social foi feita com base nos seguintes indicadores sociais: renda familiar; número de pessoas dependentes desta renda; profissão dos pais; escolaridade dos pais; bairro em que residiam as famílias dos/as jovens quando estes estavam na condição de universitários/as.

dois rapazes eram filhos de famílias pertencentes às camadas médias, com renda superior a sete salários mínimos, em oposição aos rapazes das camadas populares, cuja renda familiar era de um a três salários míninos. Chama a atenção ainda o fato de que é no grupo geracional mais novo que há um maior número de jovens que se indentificam como negros, em oposição ao grupo geracional mais velho, em que a maioria dos/as jovens se identifica como branco. Este último dado aponta para uma mudança importante no interior das universidades públicas brasileiras, em parte resultante do amplo movimento de reforma que vem vivendo o ensino superior em nosso país.

No quesito religião, nota-se que a escolha da maioria das famílias do grupo geracional mais velho é pelo catolicismo, enquanto a escolha das famílias do grupo geracional mais novo é mais pulverizada. Verificamos, inclusive, que neste último grupo geracional, apenas duas pessoas declararam que seus pais eram católicos, as demais dividem-se entre as que afirmam que seus pais não possuem religião e as que declaram que seus pais são evangélicos, um dado que mostra o crescimento deste segmento religioso nas últimas cinco décadas, como tem notado outras pesquisas.

No que diz respeito à escolaridade, é flagrante a diferença entre os dois grupos geracionais, sendo evidente a ampliação do tempo passado na escola na experiência dos pais dos/as jovens da geração mais nova, particularmente entre aqueles pertencentes às camadas mais favorecidas da sociedade brasileira. Fica evidente, nos dois grupos de pais e mães, que, quanto maior a escolaridade, melhor a colocação no mundo do trabalho.

3.6 O CAMPO DA PESQUISA OU O(S) CENÁRIO(S) DE ONDE FALAM OS ATORES SOCIAIS

O campo ou cenário em que a pesquisa se realizou foi a Universidade Federal da Bahia, onde ambos os grupos geracionais viveram parte de sua juventude, na condição de estudantes. A UFBA constitui-se, a um só tempo, em locus de convergência e de divergência das experiências geracionais, na medida em que embora ambos os grupos vivenciem a juventude nesse mesmo local, vivenciam-na de modo muito diverso em função de que se encontram em dois momentos distintos da história desta universidade e também do país. Os relatos dos/as estudantes nos fazem ver que são, no mínimo, duas UFBAs: aquela dos anos 1960/1970 e esta dos anos 2000, da contemporaneidade. O curioso é observar que não obstante estejam distanciados por cerca de 40/50 anos, ambos os grupos geracionais

experimentam a vida universitária em tempos de reforma, mas reformas construídas em ambiências diferentes, e portanto, com dinâmicas próprias e consequências distintas, seja para a vida universitária, seja para a sociedade e para a juventude brasileira.

Como observa Vieira (2009), nos cenários autoritários, caracterizados por um maior fechamento político, é mais fácil aos governos viabilizarem reformas acabadas e com coerência interna mais explícita, já que são desconsideradas as reivindicações dos diferentes segmentos sociais interessados na pauta de mudança; nos cenários democráticos, por sua vez, onde os vários atores interessados na matéria têm voz e vez e mobilizam-se no sentido de fazer valer seus interesses, o andamento das questões pode ter um curso muito distinto. Nos primeiros, destaca a autora (2009), a dinâmica das grandes reformas encontra solo fértil, resultando em textos onde é possível detectar maior organicidade, já que produzidos de modo a afastar qualquer possibilidade de dissenso; nos últimos, ao contrário, há uma tendência de que as reformas sejam influenciadas por interesses nem sempre consensuais, de modo que as situações em geral caminham em torno de uma tentativa de conciliação entre diferentes grupos em disputa, o que acaba por criar espaço para o surgimento de documentos híbridos, que retratam influências ideológicas diversas.

Para Vieira (2009), a reforma universitária brasileira de 1968, esta de que tanto falam os que foram jovens universitários/as em 60/70, seria um caso típico da primeira situação, já que produzida em plena ditadura militar e em um quadro de fechamento político. Enquanto a reforma universitária do governo Lula, cujas consequências podemos notar nos relatos dos/das jovens da geração 2000, quando se referem, por exemplo, às políticas afirmativas, se enquadraria na segunda alternativa, onde as pequenas reformas acabam por fazer valer os interesses de mudança de grupos diferentes sobre o sistema, visto que o cenário é de maior abertura política. É a partir desses diferentes cenários que falam os atores sociais entrevistados no curso desta pesquisa, e é por isso mesmo que suas trajetórias estudantis e afetivo-sexuais ganham coloridos muito particulares, embora existam aproximações.

Estes cenários serão melhor apresentados pelos próprios participantes da pesquisa no curso de suas narrativas de experiência de vida. Nestas, fica claro que as experiências juvenis se distinguem não somente porque estamos falando de contextos sociohistóricos distintos, mas porque cada ator e atriz social, a depender de sua história pessoal e também do *campi* onde faz sua formação universitária, terá uma experiência particular no que diz respeito não somente à vida afetivo-sexual como à vida juvenil e estudantil mais ampla. As experiências

juvenis, mesmo dentro de um mesmo grupo geracional, aproximam-se e diferenciam-se, na medida em que há, nas palavras de Mannheim ([1928]), uma estratificação das experiências de vida. Os atores sociais estão situados em segmentos e grupos de pertença diversos, como também em pontos diferentes na janela de tempo em que se enquadra sua geração.

Não obstante as diferenças que separam as duas experiências geracionais bem como as experiências individuais dentro do mesmo grupo geracional, há algo que a todos aproxima, algo que parece ser a tônica do cenário da vida universitária: uma certa reivindicação de liberdade (para pensar, sentir, agir e ser), que obviamente ganha expressão de modo diverso nas trajetórias afetivo-sexuais de cada geração e pessoa.

4 UMA ETNOPSICOLOGIA DAS PRIMEIRAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE AFETIVO-SEXUAL NA JUVENTUDE

De acordo com Bozon (2004), desde o século XVII, assistimos ao desaparecimento da antiga sociabilidade e à privatização da atividade sexual. Até o século XVI, as gerações não eram separadas e as manifestações dos corpos, incluindo-se aí os afetos e a sexualidade, eram bem mais explícitas e visíveis, o que foi progressivamente substituído por uma clivagem ou dualidade das esferas da vida, agora pública e privada. Houve um "crescimento paralelo da impessoalidade – domínio das relações anônimas e do funcionamento burocrático – e da intimidade, que abriga a subjetividade, assim como as manifestações da sexualidade". (BOZON, 2004, p. 35).

Giddens (2002), a seu turno, prefere distinguir a intimidade do fenômeno da falta de privacidade característica das situações de vida pré-modernas ou não-modernas. Segundo este teórico, a proximidade física e a falta de privacidade – expressão moderna – era uma consequência da arquitetura da vida cotidiana da pequena comunidade e dos grupos mais prósperos. "A intimidade é o outro lado da privacidade, ou pelo menos só se torna possível (ou desejada) no caso de uma privacidade substancial." (GIDDENS, 2002, p. 91). Embora cite autores como Bensman e Lilienfeld (1979), que consideram que a vida social corre ao longo de linhas impessoais, e que a procura de intimidade é, na verdade, uma tentativa moderna de assegurar uma vida significativa em ambientes conhecidos e não incorporados a esses sistemas maiores marcados pela impessoalidade, não crê totalmente nessa tese. Sugere que se entenda a privacidade como um recurso que torna possível as satisfações psíquicas que a intimidade tem para oferecer, enfatizando que, no cenário da modernidade, a sexualidade tornou-se um dos elementos centrais da busca pela intimidade. "Os indivíduos hoje frequentemente descobrem suas maiores satisfações morais na vida em relações sexuais íntimas." (GIDDENS, 2002, p. 190). Contudo, pontua que esta interpela problemas e estimula sentimentos que não se restringem a uma relação pessoal entre duas pessoas. Em suas palavras, "A paixão foi privatizada; e no entanto suas implicações e ressonâncias estão longe de ser privadas." (GIDDENS, 2002, p. 190).

A evolução desse processo culmina hoje com aquilo que Plummer (2003) chama de *intimate troubles*. Para analisar estes problemas paradoxais da contemporaneidade, que fazem confundir as tão bem separadas esferas da vida privada e pública, o autor propõe a

noção de *intimate citizenship,* que indica a emergência de uma linguagem pública em torno de assuntos ligados à esfera da intimidade, tais como: aborto, casamento gay, inseminação artificial, parentalidade entre casais homossexuais, etc., ao tempo em que enfatiza a ligação entre as esferas pública e privada. *Citizenship* emerge na esfera pública, *intimate*, na esfera privada. Se *intimate citizenship* parece um paradoxo, também sugere uma ponte potencial entre o pessoal e o político. É possível afirmar que a experiência de primeira vez dos jovens da contemporaneidade se inscreve nesse quadro dos "*intimate troubles*" a que se reporta Plummer (2003), surgindo no cenário público brasileiro, em geral, associado ao "problema da gravidez na adolescência". Como aponta Heilborn (2006), a literatura sobre sexualidade na juventude concentra-se basicamente nesta temática, e assim, deixa de ver as experiências daqueles que se encontram em outros segmentos da vida juvenil, tais como o segmento denominado de *adulto emergente* (ARNETT, 1999) ou jovem-adulto. Sabemos muito pouco sobre a iniciação sexual e a trajetória afetivo-sexual, e, portanto, de uma das dimensões mais significativas da vida íntima desses indivíduos que postergam a entrada na vida adulta via ingresso na escolarização de nível superior.

Sobre o termo "intimidade", é importante dizer, como o faz Plummer (2003), que não há um significado único, mas pode ser visto como uma complexa esfera de relacionamentos "íntimos" consigo mesmo e com os outros. Intimidade não é algo insignificante ou incidental (embora possa ser uma experiência transitória), porém, habitualmente toca a pessoa muito profundamente. Diz respeito àqueles relacionamentos mais próximos com amigos, familiares, filhos e parceiros amorosos e sexuais, mas também corresponde àquelas experiências profundas que temos com nosso próprio *self* (que não são nunca inteiramente solitárias): com nossos sentimentos, nossos corpos ou emoções e identidades. Nós construímos intimidade quando nos aproximamos destes sentimentos e emoções. Existe intimidade quando fazemos sexo ou amor, obviamente, mas esta é também construída na família, no casamento, na amizade, no cuidar de uma criança, no cuidar dos outros. Corpos, sentimentos, identidades, relacionamentos, interações, e também comunidades – todos são elementos centrais na construção da intimidade (PLUMMER, 2003).

Uma etnopsicologia da intimidade afetivo-sexual, tal como uma sociologia da intimidade (PLUMMER, 2003), pode mostrar que as vidas íntimas assumem diferentes padrões a depender dos contextos sócio-históricos e culturais em que se produzem; pode contextualizá-las ao longo do curso de vida dos diferentes indivíduos; e mostrar as formas

pelas quais todos os aspectos da intimidade envolvem um *doing things together* (PLUMMER, 2003) – fazer gênero, fazer sexo, fazer relacionamentos, fazer corpos. Pode também, conforme pontua Plummer (2003), mostrar as ligações entre intimidade e marcadores de diferença, tais como camada socioeconômica, etnia, sexo/gênero, idade/geração.

Uma etnopsicologia da intimidade pode ainda nos permitir compreender os processos psicológicos que produzem e são produzidos o/no complexo jogo interativo das relações de intimidade afetivo-sexual. Processos que envolvem o *self corporificado* (COFFEY, 1999): a) em um contínuo fluxo de posicionamentos e reposicionamentos no domínio intrapessoal e interpessoal, a fim de permitir que o/a ator/atriz social acompanhe criativamente as mudanças nos cenários e a imprevisibilidade posta em cena quando este/a se encontra em situação de interação com seus/suas parceiros/as amorosos/as e sexuais; b) em emoções, sentimentos e memórias tão carregadas de afeto como de signos e significados culturalmente compartilhados em torno do feminino e do masculino, mais ou menos internalizado pelo ator/atriz social via interpretação; e c) em projeções imagéticas quanto ao futuro daquela relação amorosa e sexual ou de quaisquer outras questões da vida. Estes processos serão aqui apenas inicialmente explorados, e aprofundados nas seções seguintes, quando terei oportunidade de mostrar, primeiro, as conexões entre o mundo dos amigos e o mundo dos amores na juventude; segundo, as mudanças operadas nos laços interpessoais de intimidade desde os anos 1960/1970, quando os jovens estavam sob a égide do "individualismo libertário" (SALEM, 1991); terceiro, a atualização dessas mudanças e, em certa medida, sua radicalização, na experiência do jovem da contemporaneidade.

A "primeira vez" ou primeira relação sexual genital pode ser considerada como uma importante etapa no processo de construção deste espaço psicológico e social chamado de vida íntima ou intimidade. Talvez por isso, as pessoas não esqueçam a primeira relação sexual (BOZON, 1993). Ela faz parte desses eventos que se imprimem profundamente na memória dos indivíduos, pois que marca uma passagem e parece anunciar todo um futuro. A primeira vez configura-se como uma etapa altamente simbólica de entrada na sexualidade adulta, uma das experiências fundamentais no processo de construção da subjetividade e de relação consigo mesmo e com o outro (BOZON, 1993, 2004; LE GALL; LE VAN, 2003). Experiência que, ao ser descrita, revela a ligação estreita entre a intimidade e os marcadores sociais de diferença ou entre intimidade e desigualdade, como sugere Plummer (2003).

Referindo-se à realidade francesa, Bozon (1993) afirma que homens e mulheres se

distinguem notavelmente pelo valor que atribuem à primeira relação sexual genital, bem como pelos sentimentos que experimentam em relação ao primeiro parceiro. Nos três grupos de gerações estudados em sua pesquisa, duas mulheres sobre três declararam que estavam muito apaixonadas pelo homem com quem tiveram a sua primeira relação, e menos de uma sobre dez, declarou-se completamente indiferente. Ao contrário, apenas um terço dos homens se declarou muito apaixonado por sua primeira parceira, enquanto que um terço se declarou indiferente. Notável, como sublinha o pesquisador, é o fato de encontrarmos esta diferença de atitude entre homens e mulheres hoje em dia, e constatar que é a mesma que encontramos na geração de 50 anos atrás.

Diz, então, Bozon (1993), se o sentimento não ocupa o mesmo lugar para os dois sexos na iniciação sexual, a primeira relação reveste-se de significados diferentes para uns e para outros. Mais precoce, esta experiência permanece, para os homens, como mais uma etapa normal de aprendizagem sexual e de construção de si, análoga a outras aprendizagens da juventude, e não necessariamente ligada a um investimento sentimental. A maioria das mulheres, ao contrário, se recusa a ver neste evento apenas uma iniciação pessoal/sexual. A escolha do primeiro parceiro e o momento da primeira relação, mais tardia que para os homens, parece ser o fruto de uma decisão refletida que implica o desejo de uma relação verdadeira e durável, assim como um engajamento amoroso. Um laço estável, que se origina entre sentimento, cumplicidade e sexualidade.

Bozon (1993) observa que os casos em que o primeiro parceiro com o qual a jovem mulher teve a primeira relação torna-se o seu companheiro é muito raro. Em todo caso, parece que esse primeiro parceiro continua a prefigurar como um companheiro potencial. O sentimento e a diferença de idade desta jovem para o seu primeiro companheiro é da mesma ordem que a do primeiro casal que ela formará (BOZON, 1993). Parece que uma jovem considera difícil ter sua primeira relação com um homem que ela não poderia imaginar ter como companheiro.

4.1 A PRIMEIRA VEZ, ANTES OU DEPOIS DO INGRESSO NA UNIVERSIDADE?

A “primeira vez” – primeira relação sexual do tipo genital – tem sido considerada como um marco no processo de transição para a adultez. Na atualidade, é curioso observar que o prolongamento (GALLAND, 2009; VAN DE VELDE, 2008) que se tem observado em

todas as esferas da experiência que contribuem para que o jovem passe ao *status* de adulto, não se faz ver no que tange à esfera da sexualidade. Se esta tendência ao alongamento é visível entre os jovens mais escolarizados, tanto no domínio profissional como no familiar, é antes a tendência inversa que prevalece no domínio da sexualidade, como mostram os trabalhos sobre o comportamento sexual na França (BOZON, 1993, 2003; GALLAND, 2009; LE GALL; LE VAN, 2003), em Portugal (PAIS, 2003, 2012b), e também no Brasil (HEILBORN et al., 2006), guardadas as devidas distâncias que separam essas diferentes culturas.

De geração a geração, a proporção de mulheres cuja primeira relação coincide com o início da vida como casal diminui. Apesar do desenvolvimento da coabitação sem o casamento nas gerações mais recentes, a(s) primeira(s) relação(ões) tem se tornado uma fase autônoma e precoce da sexualidade, sem ligação imediata com a instalação como casal, uma fase informal em si mesma (BOZON, 1993).

Nesta pesquisa, que tomou a primeira vez como ponto de partida das trajetórias e o ingresso na universidade como ponto de equifinalidade, nota-se que a primeira experiência sexual ocorreu, para a geração dos anos 60-70, quase sempre muito depois da entrada na universidade, algumas vezes até após a saída, enquanto que para a geração dos anos 2000 ocorreu, em geral, antes dessa entrada. Para os homens, em particular, muito antes, ainda no início da adolescência, já para as mulheres, muito próximo ao ingresso nesse novo contexto ou em seu entorno. A data de início da vida afetivo-sexual diminuiu, sem dúvida, de uma geração para outra, ocorrendo entre 13-20 anos para os jovens da geração dos anos 2000, mais especificamente, entre 13-16 anos para os homens, e entre 17-20 para as mulheres. Já para os jovens da geração dos anos 1960/1970, ocorreu entre 16-26. Em geral mais cedo para os homens que para as mulheres. Em ambas as gerações, as iniciações mais precoces são as dos jovens rapazes de camada popular.

No que diz respeito à idade do/a parceiro/a na ocasião em que ocorreu a primeira vez, vê-se que na geração mais nova, praticamente todos os jovens, seja do sexo feminino ou masculino, tiveram a experiência de primeira vez com um/uma parceiro/a mais velho/a, enquanto que, entre os jovens da geração mais velha, isso ocorreu apenas entre as mulheres, que também se iniciaram com parceiros ou parceiras mais velhos/as que elas. Dos três homens da geração dos anos 60/70 entrevistados, dois tiveram sua primeira vez com mulheres mais novas que eles, e apenas um com uma mulher mais velha. Quanto ao sexo do/a parceiro/a, apenas uma das mulheres da geração 60/70 teve sua primeira vez com uma

pessoa do mesmo sexo que o seu, embora tivesse namorado antes com pessoas de sexo oposto. Todos/as os/as demais jovens tiveram sua primeira relação sexual genital com parceiros de sexo oposto ao seu. Alguns, porém, relatam "brincadeiras" em grupos de amigos do mesmo sexo no período da pré-adolescência, confirmando achados de outras pesquisas (FREUD, 1996b; GAGNON; SIMON, 2005; MISKOLCI, 2012; SEDGWICK, 1985) sobre a tênue fronteira entre homossociabilidade e homossexualidade.

4.2 OS *SCRIPTS* SEXUAIS E AS CENAS DE PRIMEIRA VEZ

A experiência de primeira vez parece, de fato, constituir-se como uma ruptura esperada, porém, vivida com mais urgência pelos homens que pelas mulheres. Talvez porque mesmo para as mulheres da geração mais nova, a virgindade ainda permaneça, em certa medida, como um bem a preservar. Certamente, não até o casamento, como sucedeu em gerações anteriores, mas ao menos até achar o "cara certo". Não significa dizer que elas não anseiem por este momento, penso que apenas aprenderam a esperar mais discretamente, faz parte do *script* feminino em nossa cultura. Como observa Bozon (2004), "[...] o valor das mulheres corresponde à parcimônia com que elas se entregam, o dos homens ao número de 'objetos' conquistados [...]", de tal sorte que poderíamos afirmar que o duplo padrão de sexo ainda persiste. Não creio, porém, que esta fórmula "raridade/número", como propõe Bozon (2004), ou qualidade/quantidade, cautela/impetuosidade deva ser generalizada, pois que também foram encontrados relatos de homens que tendiam para o polo qualidade, bem como relatos de mulheres que, em algum momento do curso das trajetórias, pendiam para o polo quantidade, revelando mudanças no modo como homens e mulheres lidam hoje com a sexualidade, e demonstrando como estes oscilam de um polo a outro a depender do ponto observado no curso das trajetórias. Há relatos femininos, inclusive, em que esta ansiedade em torno da concretização do primeiro evento de iniciação aparece claramente, como é o caso desta jovem de camada média da geração mais nova:

> **Primeiro que eu estava desesperada, né, 19 anos...** Ele foi meu colega da escola, aí a gente se aproximou, depois, se encontrou. A gente já tinha uma relação na escola, então foi mais tranquilo, mas **foi logo no comecinho do namoro, tipo: acabe com esse problema!** Mas foi tranquilo, dizem que a primeira vez a mulher fica nervosa. **Foi aqui em casa, era mais aconchegante, não sei que dia foi, mas a gente almoçou, fim de semana, aí minha mãe foi dormir, a gente também foi pro quarto, aí, aquela coisa, aconteceu. Eu já tinha tido as preliminares antes, pega**

> **aqui, pega lá...** (LISA, geração anos 2000).

Para os homens, independentemente da geração, a virgindade parece significar uma marca incômoda de falta de experiência, que deixa em aberto a definição de sua masculinidade. Sendo assim, o que se observa é que existe entre os homens um anseio muito grande pela concretização desse momento, marcador importante não exatamente da configuração do *self*-masculino, mas do reconhecimento social deste *self* como masculino. Isso se verifica no fato de que, em ambas as gerações, são eles os que se iniciam primeiro, quando se compara com o grupo de mulheres. Assim, quando pergunto a Lázaro que pessoas ou experiências ele considera que significaram rupturas em sua trajetória afetivo-sexual, ele responde:

> **A menina da primeira vez, tem que falar dela, obviamente, porque foi algo completamente inesperado, porque me introduziu as coisas...** e ela era mais velha também, a gente falava sobre sexo, porque eu nunca tinha feito sexo oral com mulheres. Que é uma coisa que eu achava que todo mundo sabia e eu descobri com o tempo que a maioria das meninas reclamavam sobre isso. (LÁZARO, geração anos 2000).

João, da geração dos anos 60/70, usa a seguinte expressão para falar do que significou para ele esta experiência de iniciação: "*Eu acho que assim, barreiras vencidas. Porque esta área aí, né? Seja sexual, mas antes, afetiva pra mim, sempre foi muito difícil [fala entrecortadamente]. Foi, então, uma barreira vencida [...]*". Para os homens, que são requisitados a ter uma atitude mais pró-ativa nesse processo, e para os mais tímidos, em especial, a "primeira vez" é não apenas o início da atividade sexual do tipo genital, pode significar, como nomeia João, uma barreira vencida em direção à relações de intimidade, com as quais ele, em função de sua trajetória biográfica, tinha muita dificuldade de lidar.

Embora nem todos os jovens tenham descrito a primeira vez como "uma experiência de ruptura", o que é possível notar é que em todos os casos este é um acontecimento que funciona como um divisor de águas. Existe um antes e um depois da "primeira vez". Contudo, um recorte de gênero nos permite ver que para algumas mulheres esta pode ser uma experiência desconfortável e até desapontadora.

> [...] **a princípio não foi nada confortável**, **do ponto de vista físico,** mas depois me fez me sentir muito responsável por aquela relação, como se fosse meu casamento. Eu não podia mais deixar de ter... aquela pessoa seria o meu marido por causa

> disso. É como se, pra mim, de fato, já que, desvirginou tem que casar. (LAURA, geração anos 60/70).

Três características parecem aproximar o relato das mulheres em torno da primeira vez, independentemente da geração. A primeira é a necessidade de reunir, numa mesma cena, amor e sexo, sendo o segundo uma decorrência do primeiro; a segunda é a sensação de desconforto e frustração que muitas vezes acompanha o ato sexual, em função da inexperiência dos parceiros, da tensão frente à primeira penetração, e de fatores psicológicos como medo, vergonha, culpa, resultados de um processo reiterado de inculcação da "lei do sexo" que, através de atos performativos, produz os corpos e define os comportamentos adequados para estes mesmos corpos que materializa (BUTLER, 2007); a terceira, como veremos na seção em que discuto a questão da contracepção, é o temor da gravidez, cujas causas variam de acordo com o cenário sociocultural de cada época.

Vale destacar que a grande maioria das mulheres entrevistadas era proveniente de camadas populares e/ou de cidades interioranas. Apenas três poderiam ser enquadradas como pertencentes à camada média, o que significa dizer que podemos encontrar diferenças numa pesquisa que privilegie relatos de estudantes universitárias de camadas médias e altas, na medida em que os marcadores de diferença podem ter como efeito uma estratificação mais ou menos acentuada das experiências geracionais. Sublinho ainda que também podem ser encontrados resultados diferentes em análises que privilegiem experiências homossexuais, sejam masculinas ou femininas. Nesta pesquisa tivemos apenas uma experiência de primeira vez no contexto de uma relação homossexual feminina. Nesta, não há referências a desconfortos e frustração pós-ato, por exemplo, como se notou nas iniciações em contexto de relações heterossexuais.

> **Eu acho que era uma coisa inevitável, sabe, porque a gente já tava caminhando pra esse fim mesmo. Os encontros tendiam a ficar mais picantes, né, mais intensos**. Não tive medo, mas não foi planejado, sabe, eu achava que..., a gente teve várias oportunidades bem parecidas e não aconteceu, não tinha acontecido antes, aconteceu nessa. **Não achei que foi nada especial, mas também não foi nada de extraordinário não. Não doeu, mas também não senti muito prazer.** (JÚLIA, geração anos 2000).

Dois aspectos podem ser destacados nesse trecho do relato de Eva. O primeiro aspecto diz respeito ao caráter gradual que marca a experiência de iniciação da jovem, segundo Bozon (2004), uma novidade contemporânea. Ele observa que a transição para

sexualidade genital, que em gerações precedentes poderia ocorrer sem nenhuma ou com pouca preparação, atualmente se estendeu. Existe hoje um modelo de exploração física por etapas, tal como também descreve Gagnon e Simon (2005), na realidade norte-americana: beijos profundos, carícias corporais, carícias genitais e, finalmente, penetração genital. Processo que hoje se realiza por vários anos e, cada vez menos, com o/a mesmo/a parceiro/a. O segundo refere-se ao fato de que o evento, embora também esperado pelas mulheres, não resulta num sentimento de satisfação, ao contrário, mostra-se, com frequência, associado a uma sensação de desapontamento que se expressa em frases como a de Eva: “não foi nada de extraordinário”.

O prazer, em geral, aparece nos relatos femininos pela sua ausência – “não senti muito prazer”, ao menos não na primeira vez, mas, de fato, como sublinha Bozon (2004), em função desta etapa preparatória de construção da intimidade, diminuiu-se a possibilidade de o evento configurar-se como uma experiência traumática, especialmente para as jovens da geração mais nova. Apesar disto, notaram-se referências a esse tipo de aprofundamento das carícias no relato das mulheres dos anos 1960/1970.

Contudo, possivelmente em função de que a atuação generificada dos atores sexuais ainda era bastante restritiva para o polo feminino nessa época – marcada por uma forte ambivalência entre valores ditos tradicionais e valores ditos modernos, o alcance do prazer e uma *performance* mais livre de amarras socioculturais impostas não é muito comum no início das trajetórias femininas desse grupo geracional. Além de terem iniciado a vida sexual mais tardiamente que as mulheres da geração mais nova, em geral após o ingresso na universidade, não é incomum também que só tenham experimentado mais plenamente o prazer após longo tempo de relacionamento conjugal.

No que diz respeito à primeira vez, talvez seja possível dizer que, para as mulheres, a questão não parece estar exatamente na consecução da primeira relação, enquanto dispositivo de iniciação à sexualidade, mas na sincronicidade entre os parceiros, na concretização de um ideal de intimidade, que raramente ganha corpo numa experiência de iniciação, daí muitas vezes o desapontamento resultante das expectativas não correspondidas no primeiro encontro dos corpos. Os homens também experienciam esta sensação de desapontamento, mas este se dirige à sua falta de experiência para manejar a situação na posição ativa que frequentemente se associa ao masculino.

Vale sublinhar que, na experiência dos/as jovens da geração dos anos 2000, tal como

observam outras pesquisas sobre sexualidade (HEILBORN et al., 2006; RIETH, 1997, 2002), esta “primeira vez” é, em geral, precedida de uma fase de ampla experimentação afetiva através de relacionamentos eventuais e sem compromisso do tipo “ficar”, nos quais estão presentes beijos, carícias, “amassos”, sem que haja necessariamente envolvimento sexual do tipo genital, especialmente no caso das mulheres. Estas últimas, em geral, iniciam-se sexualmente no contexto da primeira experiência amorosa. Entre os rapazes, a resposta ao grau de intimidade que tinham com a parceira da primeira vez foi menos homogênea, dois rapazes contam que esta aconteceu numa relação do tipo “ficar”, um numa relação de namoro de curto tempo de envolvimento, e outro numa relação de namoro de longa duração. Os rapazes não parecem considerar o amor um ingrediente indispensável para que a primeira experiência sexual aconteça.

No contexto experimental anterior ao primeiro amor e primeira vez não há referências a experiências de ruptura, de tal sorte que os/as jovens nem sequer mencionam essas experiências, exceto se pergunto por elas, e quando as relatam o fazem sem muita ênfase ou referência à dimensão da emocionalidade. É como se estas não ganhassem um significado afetivo digno de nota no que diz respeito às trajetórias afetivo-sexuais, exceto pelo seu caráter de aprendizado dos caminhos para o amor e a sexualidade. Após a primeira vez, essa experimentação pode prosseguir, e em geral prossegue, agora com maiores chances de envolvimento sexual, sem que haja, obrigatoriamente, que se assumir compromisso de namoro ou conjugalidade com estes novos parceiros. Vale ainda sublinhar que a experimentação que antecede e, em alguns casos, sucede à “primeira vez”, embora generalizada hoje para os dois sexos, parece exigir certa parcimônia das mulheres, à custa de serem chamadas de “dadas”, à semelhança do que também ocorria nos anos 60/70 com as jovens que não se enquadravam nas normas prescritivas da época. Para os rapazes, não parece haver necessidade desse tipo de reserva.

No cenário em que os/as universitários/as dos anos 60/70 vivenciaram sua primeira relação sexual, a experimentação era aceita somente quando associada à figura masculina. As mulheres, em função de situarem-se em um grupo juvenil escolarizado, e, portanto, conectado às grandes transformações sociais que compuseram o cenário dos anos 1960/1970 no Brasil e no mundo, muitas vezes se contrapunham a certos valores sociais mais tradicionais em torno da sexualidade feminina, mas ainda preocupavam-se em manter a reputação de moças direitas. A reputação dos homens, ao contrário, deveria ser garantida

pela concretização do ato sexual com o sexo oposto e não pelo seu retardamento.

Na geração dos anos 60/70, apenas um dos homens recorreu a casas de prostituição para ter sua primeira relação sexual, os outros dois vivenciaram essa experiência no contexto de uma relação de namoro. No primeiro caso, trata-se do indivíduo mais velho deste grupo geracional e o único de camada popular.

Assim, se podemos afirmar que a diferença em termos geracionais está, sobretudo, na generalização do caráter de experimentação que assume, em particular, a primeira etapa do processo de aprendizado da sexualidade adulta para homens e para mulheres hoje, é o significado atribuído a estas experiências que aproxima as duas gerações, ao tempo em que permanece separando as experiências segundo o gênero dos atores sociais. Em pesquisa comparativa entre França e Brasil, mais especificamente, nas cidades do Rio de Janeiro e Paris, Bozon e Heilborn observaram, por exemplo, que tanto no Rio como em Paris as mulheres nunca citam uma experiência com caráter unicamente sexual quando se referem à sua "primeira experiência amorosa", esta primeira experiência é marcada por um forte teor afetivo em ambos os contextos.

Para Bozon e Heilborn (2001, p. 5-6), "O fato de a experiência sexual propriamente dita não aparecer [no caso das mulheres] jamais em primeiro plano significa que ela é considerada uma consequência da consolidação do vínculo amoroso", fato que também se verifica na pesquisa qualitativa de Le Gall e Le Van (2003). Segundo estes últimos, os relatos escritos dos estudantes de sociologia participantes da investigação mostram que, para as mulheres, este momento inaugural de entrada na sexualidade adulta se inscreve numa relação amorosa plenamente experienciada, ou seja, uma relação que, para "ser boa", deve conjugar confiança, cumplicidade, amorosidade e sexualidade, de modo a lhes dar ao menos algumas garantias de se iniciar com um parceiro delicado e cuidadoso.

Das nove mulheres entrevistadas nessa pesquisa, somente uma não acompanhou o *script* descrito por Le Gall e Le Van (2003), iniciando-se, ao contrário, no contexto de uma relação, segundo ela, sem amor ou romantismo. De modo geral, as mulheres referem-se ao amor, ao afeto, à intimidade construída com o parceiro, quando narram a experiência da primeira vez. O relato de Júlia é, porém, aquele que melhor descreve o processo de construção da intimidade que não apenas condiciona a emergência desta primeira experiência sexual feminina como acompanha a formação e evolução do casal amoroso. *"Eu tinha 19 na verdade. Já tinha um ano e meio paquerando. Depois de um ano e meio assim, a*

gente começou a namorar, com seis meses de namoro a gente teve essa primeira experiência [em] que eu tinha 19 anos, e foi na minha casa". Quando pergunto sobre como se desenrolou sua vida afetivo-sexual, Júlia conta:

> Aí, a gente foi descobrindo, né, caminhos de, de prazer, sinais, um processo de descobrimento mesmo gradual. **Tinha muita intimidade**, muita mesmo, seja interno ou externo. **A gente se conhecia bastante. Às vezes a comunicação era extra-verbal, sabe?** Ainda hoje é, a gente se conhece, né? Muita gente quando tem muita intimidade, que se conhece bastante a ponto da comunicação ultrapassar a verbalidade. (JÚLIA, geração anos 2000).

Como mencionei anteriormente, apenas uma jovem, curiosamente da geração dos anos 60/70, conta uma experiência de primeira vez fora do contexto de uma relação de namoro e sem referências ao afeto. Sua primeira experiência sexual configura-se como uma espécie de grito de liberdade contra a ditadura da virgindade até o casamento imposta ao sexo feminino naquela época. Ela reúne um grupo de quatro amigas, que combinam "perder a virgindade" no mesmo dia e hora, um ato e um posicionamento que pode ser considerado como político, e que parece comungar com os ideais libertários que à época já circulavam no Brasil, particularmente estimulado pelo movimento feminista e pelo movimento *hippie*.

Como observou Bozon e Heilborn (2001), a atitude dos homens em face da questão é menos uniforme que a das mulheres, quer na França, quer no Brasil. Ao serem requisitados a relatar sua "primeira experiência amorosa", alguns citam espontaneamente uma experiência "puramente sexual", mas esse não é o caso mais frequente. Segundo os pesquisadores citados, a questão não é que os homens ignorem os sentimentos amorosos ou as decepções que eles podem provocar, mas que preferem manter separadas a ordem dos sentimentos e a ordem da sexualidade, que correspondem a duas aprendizagens distintas. Nas palavras de Bozon e Heilborn (2001, p. 6), "a tendência a considerar a sexualidade e o sentimento duas realidades separadas, que apenas temporariamente pode-se aspirar reunir, é uma atitude dominante entre os homens, tanto no Brasil quanto na França."

Diante do relato masculino, tenho a impressão de que afeto e sexo podem estar desconectados, desde que se cumpra esse "ritual de passagem" que lhes garante a confirmação da virilidade. Assim, dos sete homens entrevistados, somente três viveram a primeira vez no contexto de um relacionamento amoroso e duradouro, sendo dois da geração mais velha e apenas um da geração mais nova. Por outro lado, apenas um dos rapazes da geração mais nova iniciou sua narrativa com uma cena de iniciação sexual, os

demais ficaram em dúvida sobre o sentido da primeira questão de pesquisa, perguntando se era "amorosa-sexual" ou "amorosa-amorosa". Em seguida, narraram uma experiência amorosa experimentada na infância ou adolescência, que caracterizaram como "amor platônico". De qualquer sorte, na narrativa masculina sobre a primeira experiência sexual estão ausentes referências românticas ou termos que apontem para a importância da intimidade entre os parceiros como condição para que o evento ocorra. No relato de Manuel, esta separação entre afeto e sexo fica muito clara. Quando peço que me conte a primeira experiência amorosa, ele responde:

> Eu estava com uns 12 anos, na sexta série ainda. **Aí a gente sempre trocando aqueles olhares assim apaixonados. Levamos oito meses finalmente pra se declarar, trocando cartinhas de amor e tudo mais.** Ficamos juntinhos, trocamos muitos beijinhos inocentes, naquela época ainda, mas acabou no mesmo ano. Foi muito bonito, muito legal. (MANUEL, anos geração 2000).

A seguir, pergunto se foi com esta menina que ele teve a sua primeira experiência sexual. Ele, então, inicia sua resposta da seguinte maneira:

> Não. Foi dois anos depois. Na verdade com uma outra menina. **Essa experiência que eu tive com 12 anos, apaixonadinha, bonitinha, inocente, foi na escola. Minha primeira experiência sexual foi com uma menina do bairro onde eu moro, bem mais velha do que eu, ela já tinha uns 18 mais ou menos, eu tinha 14.** (MANUEL, geração anos 2000).

Pergunto, então: E como foi sua primeira vez? Ele segue contando:

> **Ah, foi na rua (aumenta o tom de voz), a gente namorava, pouco tempo é verdade. Ela não era mais virgem. Eu ainda era, mas não revelava. Na minha condição de menino, jamais eu ia dizer pra uma namorada que eu... aí eu não disse pra ela**, mas aí a gente foi namorando na rua escondido, até que um dia finalmente aconteceu. Foi... **eu me achava dominando a situação, mas hoje eu percebo que foi trágico.** Mas (sorri), no fim das contas aconteceu. (MANUEL, geração anos 2000).

O conceito de cena sexual, oriundo da teoria dramatúrgica de Goffman, e, mais tarde, desenvolvido por pesquisadores/as da sexualidade que dialogam com as ideias de base construcionista, nos fornece aqui a possibilidade de fazer uma análise do diálogo que o ator estabelece com a sua cultura. Paiva (2000), por exemplo, considera que a cena sexual, ao contrário dos *scripts*, é única, o que não significa dizer que é uma experiência estritamente

subjetiva. Ao contrário, ela estará sempre impregnada da personificação das normas coletivas que circunscrevem a interação sexual dentro de certos *scripts* diferenciados de acordo com o sexo dos indivíduos, o que significa dizer que é resultado do amplo processo de internalização/externalização dos signos e significados compartilhados culturalmente (VALSINER, 2012) em torno do masculino e do feminino. Segundo Paiva (2000), a cena sexual é diferente, dependendo do lugar e horário onde ganha concretude, bem como dos recursos sociais disponíveis (informações, dinheiro, camisinha, etc.) e dos recursos pessoais (aparência, capacidade de comunicação, identidade sexual atribuída ou autorreferida, experiência sexual, autoestima, apoio da família ou de amigos). Finalmente, a cena é composta diferentemente por práticas, ações (beijo, tipo de manipulação, penetração).

Na cena descrita por Manuel, vários elementos apontados por Paiva (2000) são apresentados: primeiro, ele refere-se ao local: foi na rua, o que, de um lado, é indicativo das condições, ou seja, dos recursos disponíveis (dinheiro, camisinha), de outro, é indicativo da brevidade e do grau de improvisação em que se deu a cena, à custa de não serem surpreendidos por terceiros; segundo, ele refere-se ao fato de que sua parceira era mais velha que ele e que não era mais virgem, o que pode ter se configurado como elemento facilitador; terceiro, ele era virgem e, portanto, inexperiente do ponto de vista sexual, mas, "na condição de menino" não revelava. Do seu ponto de vista, talvez essa revelação pudesse comprometer sua imagem de homem, bem como o posicionamento tradicionalmente esperado entre os parceiros de uma cena heterossexual de primeira vez, em que o homem deve ser, em geral, aquele que sabe mais sobre sexo, quem dá as regras do jogo (já que deve ser o mais experiente), e a mulher, aquela que sabe pouco ou nada sabe.

Além de todos estes aspectos, porém, a descrição da cena pode nos dar pistas importantes sobre os sentimentos e pensamentos envolvidos em sua produção, ou seja, sobre o domínio do *self*: *"eu me achava dominando a situação, mas hoje eu percebo que foi trágico"*. Palavras aparentemente irrelevantes tais como esta que aparece no curso da narrativa – "até que um dia *finalmente* aconteceu" – podem apontar para o grau de ansiedade envolvido na concretização do evento, ao tempo em que podem, também, fornecer indicações sobre signos e significados culturalmente compartilhados em torno da primeira relação sexual para os diferentes atores sociais conforme o seu gênero, idade/geração e condição socioeconômica. A descrição da cena pode ainda nos revelar a distância entre o ponto de vista do ator na ocasião em que viveu a experiência, e o ponto de

vista do ator no momento atual.

Se, de um lado, a noção de cena nos ajuda a compreender a singularidade da situação vivida por cada ator ou atriz social, é a noção de *script*, nela inclusa, que nos permite encontrar os rastros dos signos culturalmente compartilhados em torno do masculino e do feminino no modo como os atores, na condição de homens e mulheres, "meninos" ou "meninas", como diz Manuel, relatam a cena sexual de primeira vez. De modo geral, as pesquisas em torno do assunto sublinham que o relato dos homens sobre a "primeira vez" tem uma ênfase no aspecto técnico da situação. Leal e Knauth (2006), por exemplo, ao analisar a iniciação sexual masculina com base em entrevistas semiestruturadas da pesquisa *Gravidez na Adolescência: Estudo Multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil* (Pesquisa GRAVAD), observa que "os homens, tanto do segmento popular quanto dos segmentos médio e alto, centram-se na descrição técnica, por assim dizer, do ato: local, duração, posições." (LEAL; KNAUTH, 2006, p. 1378). Segundo as pesquisadoras (2006, p. 1377): "No caso dos homens, a sexualidade aparece despida de expectativas românticas; a sexualidade masculina pertence ao domínio da corporalidade".

A descrição da cena de primeira vez dos homens que participaram dessa pesquisa também é, em sua maioria, objetiva e técnica: descrevem o local, a duração do ato, a idade deles e a da parceira, revelando grande incômodo com a imperícia em relação ao manejo do próprio corpo ao longo da cena, como frente ao corpo de sua primeira parceira sexual. O que aproxima o relato retrospectivo dos homens, independente da geração, é uma espécie de autoavaliação negativa da *performance* na situação/cena de primeira vez e a sensação de que "não sabia o que estava fazendo". A questão da inexperiência aparece nos relatos como algo que incomoda os homens nessa situação de primeira vez, o que já não ocorre com as mulheres, que devem e "preferem" parecer inexperientes.

> Nem me lembro direito, mas, assim, me lembro... [parava para pensar como quem está rememorando], [...] **Foi... muito cheio de mão, né, porque era para os dois a primeira vez, né? Então... não tinha muita noção do que fazer, de como me comportar, foi... eu acho que foi difícil. Não foi aquela... assim, pra a imagem que nós meninos tentamos passar** pras mulheres e pros outros homens porque você sabe que quando os homens contam essas coisas pode cortar a metade porque todo mundo faz isso, menos eu. **Pra mim foi meio complicado assim de naquela idade, uns quase 30, né? É... não saber o que fazer com uma menina de uns 21, na época** . (JOÃO, geração anos 60/70).

João diz ter sido complicado para ele não saber o que fazer com a menina quando

experienciou a sua primeira vez. Diz ter ficado "cheio de mão" e que foi muito diferente da imagem que os homens costumam passar para as mulheres e para os outros homens. Desde Giddens (1993), ouvimos referências ao modo particular como homens e mulheres contam sobre suas experiências afetivo-sexuais. Os primeiros estão, sem dúvida, muito mais preocupados com o seu desempenho sexual, isso faz parte do *script*, é como se eles estivessem se testando ou em teste, e de fato estão. Eles têm de dar provas de sua virilidade num momento da vida em que mal conhecem o próprio corpo, como se pode ver em todos os relatos. Seguindo esse roteiro, Lázaro também se avalia muito mal em sua primeira vez: "eu era muito ruim", e era ruim justamente porque era virgem e não tinha muita noção do que fazer diante da menina. Aliás, importante observar que uma *autoavaliação performativa* só ocorreu no relato masculino.

> O que é que eu penso? **A pessoa era ruim pra caralho...** eu acho que a menina, pô, eu não sei nem como é que ela conseguiu... **pô, eu não tinha muita noção do que estava fazendo...** eu acho que ela não sabia, na verdade ela ficou sabendo no processo, que eu era virgem. [?] **Eu penso que eu era muito ruim... quando eu olho eu tenho vontade de dar uns tapas [faz como quem está diante de si mesmo, dando tapas]**. (LÁZARO, geração anos 2000).

Os homens não se sentem à vontade nesse lugar de "não saber sobre o sexo". Assim, quando pensam sobre a sua "primeira vez", frequentemente recriminam-se pela imperícia que marca essa experiência de iniciação. É como se tivessem obrigação de mostrarem-se hábeis na arte da sexualidade. As mulheres, ao contrário, sentem que o idealmente esperado, socialmente falando, é que elas não saibam ou saibam pouco. O lugar de saber pode conceder-lhes uma imagem de vulgaridade que não corresponde às expectativas em torno do comportamento das mulheres na cena sexual, particularmente na cena de "primeira vez", seja aquela em que a menina tem a sua primeira relação sexual, seja aquela que corresponde ao primeiro encontro sexual com um parceiro de sexo oposto. Elsa a isso se refere claramente, quando se reporta à sua "primeira vez" com o seu segundo namorado. E vejam que estamos falando de mulheres da geração mais nova, tributárias de todas as conquistas femininas até aqui no campo da "liberdade sexual".

> Foi, foi sim, porque **a nossa primeira vez foi aquela coisinha bem tradicional**, até a posição, bem tradicional, por quê? **Porque também eu tinha medo de me expor, eu tinha minhas vontades, mas eu me segurava pra ele não me achar vulgar**. Porque o meu *ex* ficava dizendo isso: não, essa posição não porque é vulgar, é coisa de prostituta. Por isso que meu noivo hoje diz que hoje eu sou quase mestranda,

> doutoranda em matéria de cama. (ELSA, geração anos 2000).

Como observa Le Breton (2009) em *As Paixões Ordinárias*, é em consonância com as orientações e simbologias sociais e culturais que o indivíduo move seu corpo, interagindo com o outro. Mas não apenas a partir delas, também segundo o seu temperamento e história pessoal. Assim, Elsa considera, a partir de sua experiência com o seu primeiro namorado e dos condicionantes socioculturais de seus grupos sociais, que não seria oportuno expor os seus desejos, pelo menos não no momento inicial daquela relação. Isso poderia fazer o seu namorado construir uma imagem equivocada da sua pessoa. Ela conta que tinha "as vontades dela", mas as restringia para não ser mal interpretada. Seu comportamento corporal tenta corresponder ao que socialmente se espera de uma mulher em suas primeiras relações com um homem, o que corresponde ao que Le Breton (2009, p. 95) chama de "anseio individual de controlar as representações que os outros fazem de si e de expor a imagem pessoal [que considera] mais propícia [...]". São os roteiros intrapsíquicos e o cenário cultural entrelaçados, como veremos, nessa frase: *"Porque o meu* ex *ficava dizendo isso: não, essa posição não porque é vulgar, é coisa de prostituta"*, que lhe dão as pistas para uma definição da situação tão eficiente que não dê margem a que o parceiro construa sobre ela uma imagem que ela não desejava relacionada à sua pessoa.

Contudo, não são apenas as mulheres que sofrem as consequências da imagem que socialmente se constrói em torno do feminino, os homens também vivem isso no que diz respeito à imagem da masculinidade. Como observam Peter Fry e MacRae (1984), as relações entre homens e mulheres em nossa sociedade não obedecem somente às regras da complementaridade, antes, são caracterizadas por diferenças de poder. Como os relatos dos homens demonstram, "o fato é que os homens são criados para pensar que sua própria masculinidade está sempre a ser provada por um desempenho sexual tanto potente quanto frequente". (FRY; McRAE, 1984, p. 49). As mulheres, nesse jogo, e aqui me refiro ao fato de que este tem regras bem específicas para cada "jogador", parecem colocar-se, muitas vezes, como testemunhas ou juízas do desempenho sexual de seus parceiros. Juízo muitas vezes expresso em brincadeiras em que colocam em questão a "competência" dos parceiros, medida pela sua capacidade de posicionar-se ativamente até que se consume o ato sexual.

> [...] eu morava num apartamento que era meu, tinha meu quarto, depois dividi com umas colegas, mas, acredite, a gente namorou três anos e não transou. E ele ia e

> dormia no apartamento. **Tanto que eu brinco, a gente brinca hoje, eu digo assim: "você que foi incompetente!" (sorrimos) Eu dormia de calça jeans. Quando ele dormia lá eu dormia de calça jeans para não correr o risco.** Então, era aquela coisa de esfrega, esfrega, de aperta, abraça, mas nem a roupa tirava direito. (JOANA, geração anos 60/70).

Segundo Fry e MacRae (1984), esse tipo de comportamento pode ser compreendido como uma estratégia social, muitas vezes tão eficiente, que consegue inverter a relação de poder estabelecida em torno dos gêneros, que se faz visível em expressões como "comer" e "dar", "ficar por cima", "ficar por baixo", que refletem a superioridade socialmente outorgada ao "ativo" sobre o "passivo" na relação sexual.

Dois modelos de experiência de primeira vez foram encontrados entre os homens da geração dos anos 60/70, reveladores da passagem de um modelo mais tradicional para um mais moderno de passagem à sexualidade adulta. No primeiro, trata-se de um jovem de camada popular que junta todo o dinheiro possível para ir com um primo numa das melhores casas de prostituição da época, no segundo, um jovem de camada média que, já ingresso na universidade, começa a namorar com uma amiga de um amigo seu da universidade, uma universitária como ele, e, após um tempo de ampliação da intimidade e aprofundamento das carícias, resolvem ir ao motel.

> **Já tínhamos o projeto na cabeça. A gente era muito... a gente não tinha essa liberdade de chegar às vias de fato porque as coisas não eram tão fáceis como hoje.** Hoje você vai com uma menina pra um cinema, tudo mais. Naquela época não ia. Só ia com os pais. A brincadeira da gente de pai e mãe era aquele negócio assim que de vez em quando a mãe chegava ficava olhando do lado da casa, essas coisas desse tipo. (JOSÉ, geração anos 60/70).

O relato de José nos oferece inúmeros elementos de análise, desde o projeto alimentado em sua cabeça, à ambiência do "prostíbulo" e aparência das possíveis parceiras sexuais: "não pareciam prostitutas, a classe, a forma de dialogar, pessoas com um nível de esclarecimento que naquela época me surpreendeu", nos fazendo ver aproximações e distâncias entre o universo da prostituição dos anos 1960/1970 e o dos dias atuais.

> **Você não dizia que era uma prostituta. Naquela época era... como você vê hoje alunas universitárias que fazem isso da vida.** Eu mesmo tive alunas que depois eu fiquei sabendo que exerciam essa coisa. **Rapaz, por incrível que pareça. Não pareciam prostitutas, a classe, a forma de dialogar, pessoas com um nível de esclarecimento que naquela época me surpreendeu, impressionante.** (JOSÉ, geração anos 60/70).

Por fim, José conta sobre sua sensação após ter vivido a experiência, fala sobre o que significou para ele esta "primeira vez". Nesse último trecho, ele deixa ver a expectativa acalentada em torno deste evento, e o fato de que esta expectativa foi suprida, em parte porque contou com a experiência da parceira em termos de sexo.

> **Era tudo que eu esperava e mais um pouquinho**, né? (gargalha novamente) Porque acho que elas perceberam que era a primeira vez, então elas trataram a gente com muito cuidado. Eu digo cuidado assim... **fizeram tudo pra que a gente voltasse**. (gargalhada). (JOSÉ, geração anos 60/70).

Mário, ao contrário, deixa transparecer em seu relato o total desconhecimento do jovem em uma situação de primeira vez. Ele explicita preocupações que só foram ganhando espaço a partir da década de 60/70, quando as mulheres passaram a reivindicar uma relação mais igualitária entre os gêneros, e o discurso juvenil começara a mostrar indícios da construção de novos modelos de relação a dois, em que o direito ao prazer se estendia agora ao sexo feminino e não apenas ao masculino, como em gerações pregressas.

> **Foi, acho que como a maioria das primeiras vezes, foi uma coisa assim de não ser tão prazeroso. Principalmente para ela, porque era a primeira vez**, mas eu achava que não, então, assim, foi melhorando depois com o passar do tempo. E até assim a coisa da experiência, assim, sexo é uma coisa que você vai evoluindo não só durante o tempo com a mesma pessoa, mas também quando você passa por várias pessoas. **Você vai descobrindo o que dá prazer, o que não dá. Então, evoluiu também com ela. A coisa do primeiro momento era somente... pouca preliminar e o ato. Depois você vai evoluindo, conhecendo a pessoa também.** (MÁRIO, geração anos 60/70).

No mais, vale sublinhar que somente duas pessoas entrevistadas, uma do sexo feminino e outra do sexo masculino da geração mais nova, responderam à questão: você poderia me contar como foi sua primeira experiência amorosa?[22], operando uma sobreposição de sentido entre amor e sexo: Elsa e Lázaro. Contudo, embora as respostas desses dois jovens se assemelhem, diferenciam-se completamente quando observamos a natureza das narrativas, o enquadramento da cena, o seu cenário e a atuação dos atores.

> Rapaz, **a minha primeira vez**. Oi, a minha primeira vez foi porque eu quis. Porque, na verdade, ele também tinha medo de eu ficar grávida ou da minha mãe. Aí a gente viajou pra Recife, ficamos numa pousada nós dois, aí eu disse a ele que a

[22] Esta questão foi inspirada na pesquisa de Bozon e Heilborn (2001).

> gente já tinha quatro anos de namoro, a gente ia fazer quatro anos naquele mesmo ano.[...] Aí foi isso, foi legal. Foi na pousada, tal, **foi muito romântico**, foi legal. (ELSA, geração anos 2000).

A cena descrita por Elsa ganha uma feição "romântica" e tem como cenário um local seguro, mais ou menos planejado. Sua atuação toma lugar no contexto de uma relação de intimidade e, por assim dizer, de confiança (GIDDENS, 1991). Curioso notar que se, de um lado, Elsa corresponde ao *script* feminino ao referir-se ao clima romântico que envolveu a cena, escapa deste na medida em que, ao contrário do que se poderia esperar, é ela quem pressiona o namorado para que a relação ocorra, o que nos faz lembrar Gagnon (2006), quando afirma que na interface da vida cultural e psíquica, o indivíduo é, ao mesmo tempo, plateia, crítico e revisor dos roteiros sexuais; já na interface entre a interação e o psíquico, o indivíduo é ator, crítico e dramaturgo. O fato é que a relação entre os cenários culturais, os roteiros interpessoais e os roteiros intrapsíquicos é complexa e envolve um alto grau de variabilidade, não só em cada cultura e época, como também dentro dos subgrupos culturais e entre os indivíduos destas culturas e subculturas num mesmo contexto histórico e social.

Outro aspecto interessante a se observar é o fato de que a cena não envolve apenas Elsa e seu namorado. Envolve uma terceira personagem, ausente apenas fisicamente da cena, porém presente no domínio intrapsíquico dos atores em interação: a mãe de Elsa. Esta personagem "aparece" tanto para justificar o receio do namorado em transar com Elsa, mesmo depois de quatro anos de namoro, como também, mais adiante, provocando o sentimento de culpa experienciado por Elsa após a relação. Isto porque, ao longo de toda a nossa vida e nas mais diversas circunstâncias a que somos chamados a atuar como atores sociais, levamos a outridade conosco, a outridade está implicada ao nível ontológico da existência humana (CUNHA, 2007; VALSINER, 2012). Por isso é que esse diálogo nunca cessa, já que não é possível uma comunhão total entre o Eu e o Outro. O *self* experimenta constantemente este tensionamento, visto que a relação com outros sociais no interior deste nem sempre é de simetria e cooperação.

Os homens, ao contrário das mulheres, parecem menos preocupados com adequação do ambiente e dão pouco ou nenhum destaque aos sentimentos envolvidos na situação. Tudo parece ocorrer como se o desejo de livrar-se da marca incômoda da virgindade fosse maior do que o de garantir condições ideais para que o evento aconteça. Confirmando os dados da pesquisa apresentada por Leal e Knauth (2006), a iniciação sexual masculina é

significada pelos homens, simultaneamente, como um momento de aquisição de conhecimento, domínio de uma técnica corporal e um momento crucial de instauração do ser homem. Obviamente, o fundamento desta diferença de gênero não está naquilo que o senso comum chama de "natureza masculina" – e que nos remete a uma ideia espontaneísta e machista de impulso sexual, mas no que Le Breton (2009) denomina, citando Lutz (1985), de uma ampla etnopsicologia, responsável por informar homens e mulheres diferentemente sobre os significados que envolvem as emoções. Em outras palavras, a diferença se sustenta num processo de socialização das emoções a partir do qual aprendemos como, onde, quando, quem pode, e para quem expressar afeições e emoções.

> **Foi completamente inesperado**, na realidade porque eu tinha namorado por um ano inteiro, dos 14 aos 15. Foi uma experiência boa, só que não teve nada. Eu aí terminei, depois [de terminar com esta primeira namorada] fui pra a festa de um amigo meu, **aí tinha uma menina lá que tinha acabado de terminar o namoro, e aí ela tava naquela carência e tal, aí... rolou, rolou**. (LÁZARO, geração anos 2000).

Lázaro também respondia à primeira questão da entrevista. Como ele não traz mais nenhuma informação sobre a cena, pergunto: Então foi numa festa na casa de um amigo seu. E onde aconteceu? Ele, então, sorri e responde: "Rapaz, foi nas escadas do prédio dele, a gente usou proteção, tudo certinho. Como eu não sabia que ia fazer, eu pedi a meu amigo." Seu relato, longe de apresentar um evento planejado com esmero como ocorreu com Elsa, é marcado pela imprevisibilidade da circunstância: ele diz que foi algo *inesperado* e para o qual não estava preparado ou mesmo instrumentalizado. Conta que, além de não ter uma camisinha em mãos, ele também não sabia como usá-la corretamente, o que causou certo constrangimento na hora da cena sexual. Lembra que seu pai, sempre muito avesso a dormidas fora de casa, libera-o sem problemas quando ele, pressionado para não dormir na casa de seu amigo, conta que possivelmente terá a sua primeira relação sexual com uma menina naquela noite. Lázaro se surpreende quando, de repente, o pai o abraça, tal era a sua satisfação e alívio em saber que o filho "se confirmava heterossexual", e não homossexual como temia.

> Então, a história completa é que a gente foi pra uma festa de um amigo meu, da amiga de um amigo meu, era aniversário dela. Aí eu conheci ela, a gente ficou, tal, foi a primeira vez que eu fiquei numa festa, por sinal eu não gosto... A gente ficou numa festa e... depois teve essa pós-festa na casa do meu amigo, aí eu passei em casa, e meu pai não gostou, ele nunca gosta quando eu durmo fora de casa. Aí ele

> todo desconfiado, mas aí eu não queria ficar em casa porque eu tava achando que ia rolar alguma coisa, sabe? Se não rolasse o sexo propriamente dito ia rolar umas preliminares, coisa assim. **Aí conversei com meu pai, falei com ele abertamente: oh pai, eu quero ir pra casa do meu amigo porque a menina está lá e eu acho que eu vou transar com ela. E aí meu pai veio me abraçar. Porque até então, e até hoje mesmo eu acho que ele acha que eu sou homossexual, entendeu?** Eu tenho um tio que é homossexual e ele passou um tempo sem falar com ele. Meus pais são de cidade pequena e eles têm uma visão fechada ainda. (LÁZARO, geração anos 2000).

De acordo com Guimarães (2004), no sistema classificatório referente à sexualidade, a categoria homossexual (masculino ou feminino), tem a categoria heterossexualidade como referencial básico de normalidade. Com base nesse sistema é que se constrói a "identidade sociossexual estigmatizada" (GUIMARÃES, 2004, p. 49), quer seja por meio de acusação direta (produto de interrelações concretas) ou indireta (produto de interpretação de sentimentos subjetivos tidos como sexuais em relação a outro do mesmo sexo) e que culmina na aceitação desta acusação pelo acusado. Esse processo de acusação/aceitação pública ocorre em geral na adolescência, tal qual sucedeu com Lázaro, etapa do curso de vida em que o indivíduo está envolvido em um processo de transição para o *status* de adulto, culturalmente atribuído por meio de uma série de rituais de passagem que tem na primeira relação heterossexual um marco. Isso porque o jovem é posicionado socialmente numa espécie de zona de interstício, entre a condição assexuada de criança e a condição sexuada de adulto, motivo pelo qual figura como um elemento ameaçador do sistema de classificatório (GUIMARÃES, 2004) de matriz heterossexual (BUTLER, 2003). Quando Lázaro diz ao pai que tem como propósito transar com uma menina, o pai retira todas as suas objeções em relação ao pernoite fora de casa. Mais que isso, retira o filho da posição de abjeto, ou seja, desta "zona de inabitabilidade" – "local de temida identificação" (BUTLER, 2007, p. 155) com a categoria homossexual. O sujeito possível é constituído, pois, através desta força de exclusão e da abjeção, uma força que produz, a seu tempo, um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, "dentro" do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio. Nas palavras de Butler (2007, p. 156) "A formação de um sujeito exige uma identificação com o fantasma normativo do sexo: essa identificação ocorre através de um repúdio sem o qual o sujeito não pode emergir."

Do ponto de vista geracional, quero sublinhar que não me parece suficiente dizer que a idade de iniciação da vida sexual mudou, mas que os significados dados ao evento mantiveram-se praticamente os mesmos entre os gêneros. Faz-se necessário ainda pensar

sobre a distância que se tem estabelecido entre a construção da autonomia na esfera da vida afetivo-sexual e a conquista da independência, hoje postergada com ampliação do tempo passado na escola e as dificuldades de inserção no mundo do trabalho. Afinal, como observa Bozon (2004), a passagem da juventude à vida adulta envolve um duplo percurso, levando o indivíduo, por um lado, da escola para o trabalho, de outro, da família de origem (em que estavam na posição de crianças) para a família de procriação (em que se posicionam, caso queiram, na condição de pais e mães). Esta passagem hoje passou a durar mais, e o lapso de tempo que separa a primeira relação sexual do nascimento do primeiro filho tem se ampliado consideravelmente, especialmente nos segmentos mais escolarizados. Os/As jovens vivem hoje uma sexualidade ativa por muitos anos, sem filhos e sem referência a casamento, o que não aconteceu com a geração dos anos 60/70, que, como comenta uma das participantes da pesquisa, que viveu sua juventude nesse período, era mais "casadoira". A sexualidade juvenil tornou-se um tempo à parte (BOZON, 2004), e é possível dizer que esta mudança tem suas raízes nos anos 1960/1970.

Os jovens da atualidade, ao contrário do que ocorreu com os jovens dos anos 60/70, período em que o Brasil ainda vivia sua fase de avanço econômico e os jovens portadores de diploma de curso superior eram quase sempre absorvidos pelo mundo do trabalho (ROMANELLI, 1995), sentem que este evento – a primeira vez – como outros ligados à transição para a vida adulta, não se traduz em uma passagem efetiva para a adultez. A assunção ao *status* de adulto exige que se alie a esta autonomia, alcançada na esfera da vida afetivo-sexual, a independência financeira e residencial frente à família de origem, hoje cada vez mais dependente do alcance de experiências e títulos que têm na universidade um importante ponto de partida, mas que não se constituem em garantias de inserção no mundo do trabalho e, por assim dizer, mundo adulto. Foracchi, já em 1972, apontava para essa problemática, ao referir-se ao fato de que quando os horizontes ocupacionais são distantes, seja por saturação, seja por ausência de validação, a juventude deixa de ser uma etapa da vida para transformar-se num estilo de vida, cujos fundamentos radicam na condição de marginalidade face ao sistema. O trecho que cito abaixo é exemplar desse mal-estar que alguns jovens de hoje mais que os de ontem vivem, ao perceber que os eventos que faziam a passagem para o *status* de adulto, talvez "não valham nada".

Detesto rito de passagem! Mas, foi um rito de passagem. Depois da primeira vez

> **eu me senti homem**, finalmente, "eu fiz sexo", não dormi à noite direito pensando. Achei que tinha feito muito bem, mas não fiz. Mas... era um machinho, né? [...] **Depois veio o período de secura drástico, mas eu fiquei mais confiante até... não adiantou muita coisa**, mas... inclusive, acho que esse deve ser um dos motivos que faz com que eu não goste de rito de passagem. **Agora analisando aqui, quase uma terapia com você, eu estou percebendo isso, que ritos de passagem, é muito provável que eles não valham nada.** (MANUEL, geração 2000).

Bozon (2002) observa que os ritos, chamados "de passagem", que organizavam e solenizavam em outras gerações o trânsito do jovem para a vida adulta, têm cedido lugar a uma transição progressiva, que repousa sobre procedimentos informais e eventualmente reversíveis, que tomam a forma de ritos pontuais. Estas "primeiras vezes" não inauguram a entrada numa fase de experimentação fecunda nem a construção progressiva da maturidade social. Elas mantêm o estatuto de indivíduo em transição e dissimulam mal o caráter de tateio da passagem à idade adulta. É exatamente esta a conclusão a que chega Manuel frente às suas "primeiras vezes": elas não funcionam como ritos (de passagem), simplesmente pelo fato de que, na sua experiência geracional, esses ritos parecem realmente não cumprir o seu papel de "fazer a passagem", conferindo ao jovem um novo estatuto.

> **Isso é uma coisa que eu não gosto, ritual de passagem, porque, por exemplo, os rituais mais clássicos**, você faz 18 anos e você vira homenzinho, pra mim não mudou nada, e morando com minha mãe, tendo que dizer pra onde eu ia, tendo hora pra chegar em casa. Já que estamos falando de sexo, **a única coisa que mudou foi que eu podia entrar nas locadoras e ir na sessão dos filmes pornográficos, tirando isso, minha vida continuou a mesma coisa.** A verdade é essa. (MANUEL, geração anos 2000).

Assim, embora subjetivamente, a "primeira vez" de Manuel tenha significado uma passagem para a "condição de homem", confirmando a sua virilidade, não lhe permitiu, junto a outros "ritos", o alcance do estatuto de adulto. Daí o jovem afirmar que, diante de rituais que chama de clássicos, a sensação é de que "não mudou nada". Manuel lista uma série de eventos (que categoriza como ritos, embora nem todos, de fato, possam ser assim categorizados) a partir dos quais ele esperava que algo mudasse em sua vida, e nos quais teve suas expectativas frustradas, o que o leva a concluir que estes não valem nada. Apenas o rito de passagem à sexualidade genital foi sentido por ele como uma passagem, mas, como dissemos, uma passagem mais subjetiva que objetiva, além de representar a libertação do estigma da virgindade, ameaçador da definição do Eu-masculino.

> Na minha época, que não faz muito tempo, né? Na minha época, porque as coisas mudam cada vez mais rápido nos dias de hoje, **o menino tinha vergonha de dizer que era virgem, ele quer se livrar desse selo, né, de virgem o mais rápido possível, já as meninas, não tem problema... muito grande com isso.** O menino tem vergonha de dizer que é virgem, eu acho, muito mais do que uma menina teria de dizer que é virgem. **Então, pra mim, a liberdade, o se livrar desse estigma, o selo de virgem, foi fantástico.** (MANUEL, geração anos 2000).

Como comenta Bozon (2002) sobre a realidade francesa, e Pais (2012b) sobre realidade portuguesa, a primeira vez continua a ser vivida pelos rapazes como uma experiência difícil, e a virgindade uma condição da qual o indivíduo deve livrar-se. A questão é que, depois dessa experiência tão esperada pelos jovens, muitas vezes inicia-se, em função da conjuntura social e de outros fatores a este associados, um período de "secura drástica", tal como descreve Manuel, que, depois de sua primeira vez, passa aproximadamente dois anos sem relacionar-se sexualmente com ninguém. Importante sublinhar que estão em jogo aí não apenas fatores de ordem psicológica, como também fatores de ordem social, particularmente o descompasso que é vivido hoje pelo/a jovem brasileiro/a entre a construção da autonomia no domínio da sexualidade e o alcance da independência. Por isso, depois do "período de secura drástica" a que se refere Manuel, segue-se, com o ingresso na universidade, uma experimentação quase "sem fim", parafraseando Bozon (2002). Uma experimentação sobre a qual nos debruçaremos mais adiante, motivada, em parte, pela expectativa gerada em função desse período denominado pelo jovem de "secura drástica", e em parte pela transformação de sua rede de sociabilidade, decorrente de seu ingresso na universidade.

4.3 O CENÁRIO DA PRIMEIRA VEZ, O SEGREDO E A FAMÍLIA

De acordo com Goffman (2012), os atores sociais atuam sob a ancoragem de um quadro e de posse de um roteiro que oferece uma base mais ou menos segura para uma atuação sem embaraços. Contudo, embora o enquadramento possa fornecer um enfoque de atenção oficial aos participantes, é também inevitável que ocorram, simultaneamente, outros modos e linhas de atividade no mesmo cenário. Independentemente de seu maior ou menor enquadramento, uma atividade social é, muitas vezes, "separada do fluxo em curso dos acontecimentos circundantes, por um conjunto especial de marcadores de fronteiras ou parênteses de tipo convencionalizado [...]" (GOFFMAN, 2012, p. 211-212). Existem

parênteses temporais e espaciais que têm o papel de dar limites mais ou menos seguros para que as atuações aconteçam. A experiência de primeira vez exige um parêntese no tempo e no espaço. O primeiro, mais fácil de ser efetuado, dada a urgência com que normalmente o evento ocorre; o segundo, sempre mais difícil quando se é jovem e não se pode "fechar a porta do quarto" em companhia de alguém sem que alguma intrusão seja feita.

Assim, a "primeira vez" é, para homens e mulheres das duas gerações estudadas, uma experiência vivida, em geral, às escondidas, em contextos e condições muitas vezes adversas. Como observa Pais no contexto português (2012b, p. 141, grifo nosso), "[...] um problema recorrente entre os jovens que pretendem ter relações sexuais é *onde*. Para começar, há a preocupação em garantir um espaço de privacidade e intimidade, livre de intrusos de vária estirpe." Isso porque, se a sociedade, veladamente ou não, permite o exercício da sexualidade na juventude, a experiência de iniciação se concretiza quase sempre numa situação ambígua de autonomização sem independência.

Para a geração mais velha, independentemente do gênero, o carro aparece como um dos poucos recursos possíveis, seguido do motel, do apartamento conquistado com o ingresso no mundo do trabalho via formação universitária ou do acesso a casas de prostituição. No primeiro caso, o cenário é, em geral, uma praia deserta onde os carros se colocam sob a noite escura e é lá onde tudo acontece. A primeira vez é um evento experimentado no improviso, e sobre o qual só se pensa melhor, após o ocorrido. Por conta disso, em muitos casos, depois da experiência de iniciação, os casais experimentam preocupação quanto a uma possível gravidez, pois de modo geral não há referências a qualquer (pre)ocupação com o uso de preservativos.

Assim, quando pergunto sobre onde aconteceu a primeira vez, João responde que foi em seu carro, mais precisamente, no desconforto de seu carro. Segundo ele, juntou-se ao desconhecimento, o desconforto, até que ele finalmente toma coragem de convidar a namorada para ir a um motel.

> **No carro**, no meu Fiat uno, não era uno, naquela época se chamava... Ainda tem isso, com o desconforto, com o desconforto, com o desconhecimento. Depois de um tempo é que eu passei a ter coragem ou tive coragem de sugerir um lugar mais apropriado, né, um motel. Aí passamos a ir com uma certa... não digo frequência, mas com mais regularidade. (JOÃO, geração anos 60/70).

Laura, da mesma geração que João, também lembra que sua primeira vez ocorreu

num carro. Chama a atenção, em seu relato, uma expressão ainda comum nesta época "Me tirou a virgindade", um discurso conservador que coexiste, neste período, com todas as proposições libertárias do feminismo. Como Laura destaca, "era sério isso", não era um evento banal, embora pudesse vir a ocorrer em ambientes adaptados como um carro, em função das restrições impostas à sexualidade feminina antes do casamento neste cenário.

> É, do ponto de vista sexual é [...] De estar junto com alguém na cama é. Sim, foi, o primeiro. **Me tirou a virgindade, a gente chamava assim, era sério isso. Às vezes sangrava, manchava a calcinha, e dentro de um carro.** A gente, ele tinha carro, a gente podia namorar dentro do carro, e foi assim a minha primeira experiência. (LAURA, geração anos 60/70).

José, da geração 60/70, vive sua primeira vez no chamado "brega", termo bastante comum à época para designar as casas de prostituição. Ele conta que a empreitada custou muito dinheiro e que ele e um primo seu tiveram que juntar uma quantia considerável para ter como pagar a sua primeira vez numa casa de alto nível.

> A minha primeira vez, me lembro. **Foi no chamado brega** (dá uma gargalhada). Foi eu e um primo meu, um proeminente médico da universidade, professor, pós-doutor, e a gente juntou dinheiro e foi pro melhor prostíbulo de Salvador na época. E aí, foi isso aí... dosado com uísque na antessala, toda uma preparação, e depois as meninas... **a verdadeira experiência de chegar ao ato final foi no brega.** (JOSÉ, geração anos 60/70).

Em contrapartida, Mário experimenta-a num motel, ao lado de uma namorada. Mário estava na universidade já há dois anos e a esta altura, havia conseguido passar num concurso público para estagiários dentro da própria universidade. Graças ao salário que recebia como estagiário e a uma bolsa-auxílio, conseguiu reunir algumas das condições ideias para ter a sua primeira vez sem os sobressaltos vividos por aqueles que experienciam esse evento ainda em condições de dependência de suas famílias de origem. O namoro de Mário começou a "esquentar" no carro, onde as intimidades avançavam progressivamente, até que, com o seu "dinheirinho", decide ir para o motel com a namorada, onde vivem juntos e com certa segurança, a primeira relação sexual genital. *"Assim, começou com os namoros no próprio carro. Um pouco mais de intimidade. Aí com esse dinheirinho aí, a gente começou a frequentar **motéis**."*

Para as mulheres da geração mais nova, o evento também ocorre às escondidas, mas em situações menos adversas: na casa dos pais, enquanto estes últimos fazem uma viagem

ou saem para algum passeio; numa pousada, no contexto de uma viagem a dois. Aqui, parece haver um consentimento social e familiar silencioso. A instituição família, que, na geração precedente, exercia de modo mais contundente o papel de policiadora da sexualidade feminina, parece, no mínimo, ter mudado de estratégia. Um recorte geracional e de gênero nos faz ver um deslocamento do ambiente de iniciação sexual juvenil fora do contexto do casamento. No caso das mulheres, esta iniciação desloca-se do espaço público – onde o carro é o recurso possível quando nem a menina nem seu parceiro tem independência financeira, ou extrafamiliar, como o motel, quando ao menos um dos parceiros é financeiramente independente – para o espaço privado, doméstico e familiar, no caso dos primeiros, ou extrafamiliar, no caso dos últimos. Há hoje uma permissão velada, que traz para o ambiente doméstico a experiência de iniciação sexual feminina e às vezes masculina, e/ou a progressão desta atividade sexual iniciada às escondidas.

> **Foi escondido**. Foi na **minha casa, meus pais tinham viajado**. A gente já tentava algumas vezes, mas não dava certo. Aí uma vez aconteceu assim, lá em casa. Eu tinha 19 na verdade. Já tinha um ano e meio paquerando. Depois de um ano e meio assim, a gente começou a namorar, com seis meses de namoro a gente teve essa primeira experiência em que eu tinha 19 anos, e foi na minha casa. (JÚLIA, geração anos 2000).

> Aí a gente viajou pra Aracaju, ficamos numa pousada nós dois, aí eu disse a ele que a gente já tinha quatro anos de namoro, a gente ia fazer quatro anos naquele mesmo ano. A gente se encontrou no meu aniversário, em agosto, foi quando a gente viajou, aí quando chegou em outubro a gente se separou. Aí foi isso, foi legal. **Foi na pousada, tal, foi muito romântico**, foi legal. **Agora eu não sei, depois eu chorei tanto, chorei tanto, não sei. Depois que eu tomei banho, eu comecei a chorar**. (ElSA, geração anos 2000).

Apenas uma das meninas da geração mais nova referiu o motel como o cenário da primeira vez. Mas vale destacar que o seu namorado trabalhava e podia pagar por esta comodidade. Somente após alguns anos de namoro é que ele passa a frequentar a casa de sua família e a ter relações silenciosamente consentidas nesse contexto. Laisa conta que o evento aconteceu em um motel e após um período de negociação insistente do namorado. O *script* era o seguinte: ele desejava e insistia, ela tinha medo e recusava. Segundo ela, "não foi nada assim", o que significa dizer, nada de extraordinário, mas foi bonito porque havia afeto: "eu gostava dele e ele também de mim".

> Eu conheci ele em março ou foi em abril, acho que foi (fica em dúvida, tentando

> lembrar) mas em 7 de maio que a gente começou a namorar sério. Aí, tipo, nesse período todo, passou junho, ele falava, porque eu falei pra ele, porque a gente já era namorado e ele viajou comigo São João, aí eu falei com ele que eu era virgem. Aí ele falou, nesse período ele não ficou me pedindo nada. Aí depois de uns três meses, aí ele: ah, você tem que fazer isso, tem que fazer isso, aí eu sempre resisti, resisti, resisti. Aí marcava, mas depois desistia. Namoramos uns sete meses, aí em janeiro, foi quando a gente saiu, aí aconteceu. **A gente foi para a praia, aí depois, ele me levou no motel. Aí aconteceu. Mas não foi nada assim... Foi bonito, né, porque eu gostava muito dele e ele também gostava muito de mim.** (LAISA, geração anos 2000).

No relato dos homens desta geração, a situação aparece como uma espécie de aventura, em lugares em geral mais adversos que aqueles apresentados pelas mulheres, o que nos lembra Pais (2012b, p. 140) quando observa: "[...] o senso comum sempre proclamou que as mulheres precisam de uma boa razão para 'fazer amor'. Os homens apenas precisam de um sítio [...]". Ele inclusive constata que alguns jovens justificam a sua virgindade por falta de espaços de intimidade. Lázaro, então, lembra: "Rapaz, foi *nas escadas do prédio* dele [um amigo], a gente usou proteção, tudo certinho. Como eu não sabia que ia fazer, eu pedi a meu amigo." Nas palavras de Pais (2012b, p. 140), "[...] se para alguns rapazes não é fácil levar uma rapariga para cama, para outros muito mais difícil é arranjar uma cama para onde a levar [...]". Há, porém, relatos masculinos em que a primeira vez toma lugar no quarto, como é o caso de Pedro e Marcos. Entretanto, mesmo ocorrendo num contexto mais protegido como o quarto, o evento em geral sucede no calor da circunstância, sem um planejamento prévio, capaz de garantir o uso correto de métodos contraceptivos e protetivos.

> **Foi em minha casa, que às vezes ela ia**. Ela morava perto. Relativamente perto. A gente estudava lá no Lauro mesmo. Ela morava relativamente perto de mim. Então ela às vezes ia pra minha casa depois da aula, a gente estudava ou não. Aí um dia a gente tava lá e começou a ficar mais forte, né? E aí foi acontecendo. Foi no quarto mesmo. É... **mas não foi... foi rápido assim...** (PEDRO, geração anos 2000).

O ponto de encontro entre as gerações é, sem dúvida, o modo como as famílias relacionam-se com a sexualidade dos/as jovens. Alguns, ao serem questionados sobre qual a relação de sua família com a sua sexualidade, respondem com expressões como: "zero", "para eles eu sou assexuada", "não existe diálogo". Estas expressões revelam o quão distante estão as famílias da vida afetivo-sexual de seus filhos. O assunto – sexualidade – é raramente mencionado, e quando surge tem um caráter de coação, regulação, que, ao invés de aproximar, afasta pais e filhos. Esse caso é mais comum entre as mulheres,

independentemente da geração, embora ganhe maior severidade na experiência das mulheres dos anos 1960/1970.

Na geração mais nova, há casos, porém, em que uma relação amorosa duradoura é a prerrogativa implicitamente aceita como justificativa para a interiorização de relações sexuais no contexto da casa familiar (RAMOS, 2006). Ainda assim, tudo ocorre numa espécie de diálogo sem palavras – uma concessão silenciosa, da parte dos pais, ou uma autorização às escondidas, da parte dos filhos jovens. Um tipo de prática que pode estar denunciando tanto dificuldades da família e/ou do/a jovem para lidar com a temática no contexto das relações parentais, quanto uma estratégia de preservação, por parte do jovem, de um espaço de autonomia e intimidade, livre da interferência parental mais direta.

Sexo parece ser, ainda hoje, um tema-tabu na relação pais-filhos jovens, o que não impede que consensos sejam construídos de maneira mais ou menos explícita sobre o grau de liberdade possível ao jovem no que diz respeito à vida afetivo-sexual. Significa dizer que o diálogo sobre o tema não foi significativamente ampliado, mas a liberdade permitida nessa área da vida sim, o que vem permitindo ao jovem uma maior autonomia, mas uma autonomia vigiada, regulada para que os "excessos juvenis" não atrapalhem a esfera da vida estudantil e comprometam as trajetórias de ascensão expectativadas (PAIS, 2003).

> **Mas é complicada a relação porque eles não permitem que eu durma fora de casa até hoje, ou que alguém vá dormir lá em casa. O que torna o papo de sexo em geral um tabu na família**. Apesar de que naquela primeira vez ele me levou lá na casa do menino e tudo. Só que... no caso com minha irmã ele não é assim. Ele é superciumento. Então, pra não deixar margem pra ela, ele me trata com mais rigidez [?]. (LÁZARO, geração anos 2000).

No relato de Lázaro é notório que a conversa sobre sexo é um problema na família, especialmente porque há questões de gênero que modulam a relação. O pai até daria maior liberdade para o filho, se isso não fosse dar à sua irmã motivos para reivindicar as mesmas concessões. Como a "lógica cultural" não é a mesma para mulheres e homens, o pai prefere usar de maior rigidez quanto ao filho. Fica claro, porém, que há, por parte do pai do jovem, uma disposição e interesse em favorecer a sua experiência de iniciação, disposição que não se faz ver com relação à sua filha. Essa pouca disposição das famílias para pensar a sexualidade feminina, se faz ver no relato de pelo menos duas jovens da pesquisa.

> **Não existe relação**. Porque... a gente não, **essa relação é muito distanciada**, assim,

> sabe? A gente nunca foi de conversar muito não: eu e os meus pais. Quando eu comecei a namorar, namorico assim. Comecei com 15 anos, e assim, muito mais tarde que minhas amigas, que com 12-13 já tinham os namoricos delas. E aí já começou a ser difícil. Meu **pai era muito machista, e aí, aos 16, ele teve uma conversa séria assim: "Se você fizer sexo, você vai engravidar**". E aí eu acho que atrasou um pouco minha iniciação sexual. Mas nunca foi aproximada, sabe, a gente não conversa assim dessas coisas. Nunca tive esse acesso com meus pais. (JÚLIA, geração anos 2000).

A relação das famílias com a sexualidade feminina oscila hoje, entre práticas mais coercitivas, ao estilo do pai de Júlia, e práticas mais flexíveis, mas que de algum modo parecem querer preservar a imagem da filha frente à comunidade. A gravidez continua aparecendo como a grande vilã, mas, a meu ver, acaba encobrindo o medo das famílias em sustentar a existência de uma vida sexual ativa no contexto parental, antes da concretização de um casamento ou, no mínimo, de uma união estável.

O discurso da virgindade ainda é um recurso usado na coação das jovens, ainda que agora a questão central não esteja tão focada na desonra, como ocorreu em outras épocas, mas na descontinuidade dos projetos formativos e profissionais. Assim, a regulação da sexualidade feminina é um fato ainda hoje, e, em alguns casos, mesmo depois do ingresso na universidade, já que a jovem nesse ponto apenas tem expectativas de tornar-se independente de seus pais.

> **Minha mãe não queria. Na verdade, minha mãe não queria que eu namorasse com ninguém porque ela achava que isso ia prejudicar meu estudo**. Porque eu namorando eu poderia ter uma vida sexualmente ativa e poderia correr o risco de engravidar. Então, minha mãe não queria. Só queria que eu estudasse, nada de homem nenhum. (ELSA, geração anos 60/70).

Se o cenário impõe alguns limites à geração dos anos 2000, o que dizer da geração dos anos 60/70, quando o feminino e o masculino ainda tinham espaços tão demarcados na sociedade, e onde as hierarquias se faziam tão visíveis entre pais e filhos? Na experiência de João, hoje um homem de 56 anos de idade, o silêncio é a marca da relação de seu pai com sua sexualidade. Por isso João entende que não havia relação. Contudo, ao contar sobre sua relação com os filhos nos aponta para outras formas de relação possíveis entre pais da geração 60/70 e filhos da geração 2000. Ao tornar-se pai, João faz exatamente o contrário do que fez seu pai, respeitando sobremaneira a sexualidade de seus filhos e vendo-a como algo esperado e passível de diálogo e troca.

> **Zero**. Meu pai, a única coisa que eu me lembro de ele me ter dito com relação a tudo isso foi, quando ele viu que o meu namoro com Raquel tava mais... já há algum tempo, e estava...Eu tinha uns 26, né? Ele só me disse uma coisa: 'não vá de primeira'. Eu nunca busquei exatamente o sentido disso. Mas acho que era não levar logo adiante pra um casamento, né, não me envolver demais. Só, mais nada. **Nunca disse, como eu faço com a minha filha, da orientação sexual, conversar sobre coisas, comentar, conversar, trocar ideias, nada, zero**. A única coisa que meu pai falou a vida inteira sobre isso, se é que foi sobre isso, mas algo que tenha... num universo, puxando um círculo bem grande pra abranger isso, foi essa frase. **Nunca deu orientações. As minhas barreiras afetivas, antes de chegar às sexuais, né, vêm desde lá, né**?. (JOÃO, geração anos 60/70).

Mário também vive uma experiência semelhante, atribuindo ao conservadorismo dos pais e ao fato de serem muito fechados – em função da procedência, a ausência de diálogo, sublinhando que é entre os pares que o aprendizado acontece.

> **Não, não existia papo. Na minha época, pelo menos eu, mas acho que a maioria mesmo, aprendeu mais com o convívio do mesmo grupo de pessoas da mesma idade. Os coleguinhas do prédio, os coleguinhas de colégio, muito mais do que um diálogo com pai e mãe, que são muito conservadores, bem fechados.** Até aquela coisa assim de fechado no sentido amplo, de afeto, de carinho, não eram muito carinhosos. Meus pais são europeus, então, vieram de lá pra cá, já é uma cultura diferente, chegaram aqui sem nada praticamente, foram batalhar, tanto meu pai quanto minha mãe trabalhavam. Então, assim, falta de tempo, cansaço, a gente não muito bem acolhido em termos de afetividade. **Gostavam, mas não tinha um... diferente de meu com minha filha, por exemplo, de carinho, de palavras, de falar: eu te amo. Isso eu nunca ouvi de meus pais.** (MÁRIO, geração anos 60/70).

Pais (2003), examinando a realidade portuguesa, considera que é em parte os tabus atribuídos aos pais que resultam no fato de que os jovens, em geral, evitem conversas em família, e prefiram tratar de certos temas com os amigos, que compartilham de ideias próprias desse grupo etário e geracional.

4.4 PROSPECTIVAMENTE: "TRAJETÓRIAS EXPECTATIVADAS" E PRÁTICAS CONTRACEPTIVAS

Ao menos dois aspectos parecem condicionar o uso mais ou menos consciente de preservativos e contraceptivos entre os/as jovens: um deles, os cenários socioculturais de cada época, as subculturas em que os atores sociais estão inseridos, e a tecnologia produzida em seu interior como resultado das transformações sociais; o outro, as trajetórias expectativadas dos/as jovens, também situadas nestes contextos e condicionadas pela estratificação da experiência que nestes se processa, mas não por estes contextos limitadas. Trabalharei, sobretudo, em torno deste segundo aspecto, marca das narrativas de

contracepção dos/as jovens desta pesquisa, em especial daqueles da geração mais nova, independentemente do gênero. Os relatos sugerem que as chances de um/a jovem usar ou não métodos contraceptivos e protetivos tem estreita relação não somente com suas trajetórias biográficas, mas também com suas "trajetórias expectativadas" (PAIS, 2003, p. 255). E nesse sentido, o ingresso na universidade tem um papel fundamental, seja na confirmação de um posicionamento delineado antes deste evento, seja no (re)posicionamento operado em função deste. Os projetos desenhados tendo a universidade em vista, ou organizados graças ao ingresso inusitado ou planejado nesse cenário, parece fazer mover as trajetórias afetivo-sexuais diferentemente.

Um autor que pode nos ajudar a pensar sobre isso é Pais (2003). Em pesquisa realizada na realidade portuguesa com jovens de diferentes camadas sociais e grupos culturais, o pesquisador conclui que existem duas principais orientações que parecem guiar e polarizar as trajetórias juvenis: uma, marcada por estratégias de mobilidade social ascensional, orientadas para o futuro, conducentes a um processo de integração social (do ponto de vista familiar e profissional) em consonância com "estilos" de vida devidamente expectativados; outra, mais orientada para uma reivindicação de um futuro instantâneo, para o usufruto do presente, do desfrute do cotidiano, não sendo tão valorizados os riscos de estigmatização ou relegação social. Segundo Pais (2003), no primeiro caso, o que os jovens mais enfatizam é o tempo futuro, em detrimento do tempo presente, eles parecem viver numa temporalidade mais aberta, que remete à evolução e à não repetitividade; no segundo, o que os jovens mais enfatizam é o tempo presente, talvez porque imaginem aquele como único tempo possível, tempo que remete à repetição.

Poderíamos dizer que os/as jovens que ingressam na universidade operam dentro deste primeiro caso, privilegiando mais o tempo futuro que o tempo presente, ou ao menos buscando conciliar estes dois tempos. Vale destacar, porém, que para alguns jovens brasileiros, o acesso e permanência em um curso superior é ainda hoje, apesar das mudanças em curso, apenas um dos possíveis nortes, algumas vezes, o mais improvável, diante dos condicionantes socioculturais em que se vê envolvido. Em artigo intitulado *Ainda um sonho distante: expectativas de ingresso na educação superior na Cidade de Deus, Rio de Janeiro*, Rosana Heringer (2013) aponta que vários estudos têm mostrado que ainda são muitas as limitações para que jovens de origem popular e negros cheguem à educação superior. Segundo a pesquisadora, estas limitações resultam de um acúmulo de desvantagens

e oportunidades desiguais ao longo da vida, passando pela origem familiar, qualidade da formação escolar, ingresso precoce no mercado de trabalho, entre outros fatores. Agrega-se ainda, a estes fatores, a desinformação sobre as mudanças recentes nos sistemas de seleção para ingresso na educação superior, sobre as possibilidades de reserva de vagas e também sobre bolsas e outros mecanismos de apoio estudantil e à permanência, que tornam ainda mais distante esta possibilidade de ingresso – sem falar no fato de que situações prévias de fracasso em processos seletivos para ingresso na educação superior, vivenciadas por familiares ou colegas, podem reduzir as aspirações desses jovens em relação ao ingresso num curso superior.

Para outros, contudo, a universidade é um ponto certo no trajeto traçado, um ponto obrigatório de passagem, como propõe Sato et al. (2009). Para os jovens de camada média, a universidade foi e permanece sendo um ponto obrigatório de passagem, presente desde as aspirações de seus pais, em geral, também portadores de títulos de nível superior. Segundo Romanelli (1995), a escolarização almejada para os filhos obedece a duas ordens de fatores: de um lado, à posição da família na sociedade, à inserção em uma classe ou camada social; por outro, fatores de ordem cultural, presentes nas representações das famílias acerca do significado e valor da escola. Entre as camadas médias, afirma o autor, há um enorme empenho para que os filhos tenham acesso à educação superior. Este trecho do relato de Lisa é um bom exemplo do que acabo de dizer. Neste trecho, Lisa responde à pergunta: a universidade fazia parte dos seus planos?

> **Fazia, porque... não sei se na escola pública, mas na escola particular você não tem muita opção... de não fazer faculdade... não existe, você tem que fazer nível superior. E... pelo *status* de fazer uma universidade pública...** Aí tipo, eu não queria fazer uma particular, eu me sentia inteligente demais, boa demais pra tá numa faculdade particular, além do custo, [...] meu irmão fez particular era 900 reais, mais 900 reais... mas, mais pelo *status* do que pelo financeiro. (LISA, geração anos 2000).

Para os/as jovens de camada popular, para os quais apenas nas últimas décadas se começa a pensar em políticas afirmativas de acesso e permanência, a universidade, ao contrário, pode ser ou não um ponto de passagem. Ela não está, necessariamente, no "horizonte de futuro" desse grupo juvenil brasileiro. Possivelmente este seja um dos motivos (porém, não o único) pelos quais, para esta parcela da população jovem, as chances de envolver-se numa gravidez mais precocemente sejam aumentadas, como têm mostrado

outras pesquisas sobre gravidez na adolescência (CABRAL, 2002; HEILBORN, CABRAL, 2006, HEILBORN et al., 2006). Interessante notar que na pesquisa que ora apresento, somente dois rapazes, ambos de camada popular, tiveram a primeira experiência sexual sem fazer uso de preservativo ou qualquer outro método contraceptivo, embora relatem que, após este primeiro evento, tenham buscado ser mais cuidadosos com a prevenção e a contracepção.

> **É que naquele dia a gente não estava... na realidade não estava esperando que acontecesse naquele dia**. Eu já namorava com ela há algumas semanas, eu já sabia que ela não era mais virgem, mas naquele lugar, naquele momento realmente ia acontecer. A gente foi se empolgando, se empolgando. **Eu me empolguei mais do que ela, a verdade é essa. Mas das outras vezes, a gente usou camisinha.** (MANUEL, geração anos 2000).

De qualquer sorte, ainda que a universidade, enquanto perspectiva, esteja tão parcamente colocada no horizonte de futuro dos jovens de camadas populares (possivelmente um dos fatores a contribuir para uma prática contraceptiva frágil ou inexistente nas primeiras experiências sexuais com intercurso genital, pelo menos para os homens), o fato é que, ao ingressar neste cenário, projetos de vida mais "ambiciosos", como dirá um dos participantes da pesquisa, têm a oportunidade de ser construídos e de concretizarem-se. A conjunção entre afastamento da casa dos pais e diminuição do controle parental; ampliação da rede de sociabilidade, que oportuniza o contato com pessoas e mundos de vida muito distintos; e alargamento do horizonte de perspectivas face ao futuro parecem criar a tendência, de um lado, para uma vida sexual mais ativa, como terei oportunidade de mostrar; de outro, parecem levar a uma série de cuidados quanto a possíveis doenças sexualmente transmissíveis e gravidez não-planejada.

Fazendo um recorte de gênero, é possível afirmar que, em alguns relatos masculinos, sobretudo aqueles marcados por experiências sexuais mais casuais, as doenças sexualmente transmissíveis aparecem como uma espécie de fantasma. No relato de Marcos, este temor o acompanhou por longo tempo após a primeira experiência sexual, ocasião em que teve relações íntimas com uma pessoa que mal conhecia e sem uso de preservativo.

> **Porque eu fiquei até os 17 anos com a cabeça inchada, pensando se eu estava com alguma DST.** Alguma coisa (gargalhou) Essa primeira vez para mim foi dor de cabeça. Foi arrependimento, porque depois que eu vim cair... **porque eu fiquei com medo de ter pego alguma doença.** Basicamente isso, eu fiquei com medo de ter pego alguma doença. (MARCOS, geração anos 2000).

O fantasma feminino, a seu tempo, permanece sendo a gravidez não planejada, de tal sorte que é entre as mulheres que as precauções com contraceptivos são mais perceptíveis. Considerando que estamos falando de uma juventude com maior acesso à escolarização, a gravidez não amedronta pela "perda da virgindade" e pelo receio da censura social, como ocorreu em especial com as mulheres da geração mais velha, mas, sobretudo, porque isso poderia representar uma ruptura nos planos de futuro relacionados à dimensão formativo-profissional, apenas iniciada com a entrada na universidade. Sendo assim, é entre elas que notamos maiores referências ao uso concomitante de contraceptivo oral, como de camisinha e, na dúvida, "pílula do dia seguinte".

Tal como ocorre na realidade portuguesa, conforme indica Pais (2012b, p. 143)[23], "[...] uma gravidez inesperada é frequentemente assumida como sinônimo de um 'estrago de vida'[...]". No caso desta pesquisa, isso é especialmente verdadeiro para as jovens da geração mais nova. Elsa se refere a este medo de engravidar quando pergunto se ela teve alguma experiência de gravidez ao longo do tempo em que seguiu tendo relações sexuais com o namorado: "*Não. Eu morro de medo de engravidar. Eu tenho muito cuidado. Depois eu pego a camisinha puxo toda, amarro, se eu achar que tem alguma coisa, minha filha, é pílula do dia seguinte*." Quando pergunto o porquê do medo, ela responde:

> **É porque eu tenho projeção, então, eu não quero engravidar**, eu não sei se eu quero ter filho agora, quanto mais eu, sozinha, eu não tenho condições de ter filho. E ele também não quer agora, porque ele fala que ele quer ter as coisas dele, a gente tem que ter estabilidade para dar o melhor pros nossos filhos. Porque a gente não quer que ele passe pelo que a gente passou. (ELSA, geração anos 2000).

De qualquer modo, mesmo os homens, que não são tão afetados quanto as mulheres diante de uma gravidez não planejada, revelam-se cada vez mais preocupados quanto à possibilidade de tornarem-se pais antes da realização de seus planos nas outras esferas da experiência juvenil. Embora, em alguns casos, a primeira vez tenha ocorrido sem o recurso do preservativo e, portanto, sem nenhuma proteção, os jovens seguem, em geral, fazendo uso regular de "camisinha", especialmente no caso de relações eventuais, como aponta a pesquisa de Teixeira et al. (2006), recorrendo à pílula e abdicando do uso de preservativos quando em acordo com suas parceiras e no contexto de relações duradouras e de compromisso.

---

[23] A pesquisa realizada por Pais (2012) tinha com público-alvo estudantes de ensino médio.

O uso do preservativo e contraceptivo parece ter estreita conexão com os projetos dos/as jovens, que não querem nem pensar na possibilidade de abrir mão de seus planos de realização e ascensão em nome de uma gravidez não planejada. Lázaro diz ter muito medo de viver uma experiência de gravidez. Pensa que esta ocorrência, a exemplo do que ocorreu com uma prima sua, que engravidou na adolescência, poderia "destruir" seus planos. Assim, quando pergunto de quem era a preocupação com o uso do preservativo em seu primeiro relacionamento envolvendo atividade sexual, ele responde:

> **Eu não deixava nem ela ter cuidado, eu já tinha cuidado. Antes dela... eu já tirava a camisinha, e tal**. Sempre tive cuidado porque eu tinha muito receio porque é... apesar de eu não achar, meus pais sempre tiveram uma imagem de mim como irresponsável, não sei se é porque eu o contrário da minha irmã, que é toda quietinha, toda certinha. Então, eles botavam um terror, e diziam que eu ia ser pai cedo, e aí eu fiquei apavorado [?] com isso. **E também uma prima minha, ela é 5 anos mais velha que eu e ela teve filho com 15 anos e isso destruiu a vida dela, o plano dela. Eu não queria isso pra mim de jeito nenhum. Então, eu sempre tinha a camisinha em um lugar... fácil, na mochila**. Quando vivia situações onde não tinha, eu dava um jeito, aí eu dava um jeito, mas eu nunca... (LÁZARO, geração anos 2000).

Observem que tanto Lázaro quanto Elsa temem a gravidez, e o principal argumento é que esta pode impossibilitar a concretização de seus planos em outras esferas da experiência. Elsa usa uma expressão muito significativa para explicar o porquê do medo de engravidar: "*eu tenho projeção*", o que poderíamos traduzir como "eu tenho projetos" que me direcionam para o futuro, que não incluem, necessariamente, casamento e filhos, como ocorreu ao menos na maior parte do grupo de mulheres e homens da geração dos anos 60-70. Quando o assunto é filhos, as mulheres da geração mais nova são muito pragmáticas, e consideram que eles só podem vir depois de assegurada a independência financeira, de modo que este projeto, sim, é um sonho distante, parafraseando Hosana Heringer (2013), podendo constituir-se em verdadeiro pesadelo quando associado ao presente.

> **Porque eu tinha vislumbrado tanto esse momento de entrar na faculdade.** Eu estudei tanto, e a possibilidade de ter uma formação, que eu não me via largando a faculdade, porque se viesse um filho, eu ia ter que largar a faculdade. **Então, eu imaginava a vergonha que eu ia ter com a barriga, eu ainda como estudante, eu ia ter muita vergonha.** (LAISA, geração anos 2000).

No relato de todos os/as participantes da pesquisa, o presente aparece condicionado por projeções e antecipações do futuro, que têm na universidade seu ponto de inflexão,

sendo os trajetos avaliados em função dos projetos, tantas vezes reafirmados, transformados, ampliados (PAIS, 2003) em função deste evento. Mas é entre os/as universitários/as da geração mais nova que esta antecipação do futuro prevê, invariavelmente, o alcance de títulos, que têm na universidade apenas um ponto de partida. Mesmo os/as jovens das camadas sociais recém-chegadas a esse contexto formativo, já entenderam que é nesse cenário que tudo começa, e não onde termina para que um novo ciclo se inicie: o do trabalho.

Assim, quando pergunto aos jovens da geração mais nova se houve mudanças em seus projetos de vida após o ingresso na universidade, a resposta é, em geral, afirmativa e enfática, e os projetos de vida a partir deste evento de passagem têm mais ou menos o mesmo teor: casamento está fora dos planos ou em um futuro distante; uma união estável é possível, mas apenas se encontrarem alguém que comungue dos mesmos ideais de liberdade e de formação profissional; uma carreira formativa longa, que inclui o alcance de títulos de mestrado e doutorado que lhes possibilitem permanecer aprendendo, estudando, realizando-se profissionalmente, e que lhes garantam ascensão social; filhos, mas poucos ou apenas um, mas em um futuro distante, após o alcance dos títulos necessários para garantir a estes segurança e condições de vida melhores que as atuais. Este último ponto é mais evidenciado nos relatos dos jovens de camadas sociais menos privilegiadas que no de jovens oriundos de famílias mais privilegiadas em termos de condições socioeconômicas.

Elsa, oriunda de camadas sociais menos privilegiadas, está muito ciente desta necessidade e não vê possibilidade de abrir mão disso, o que coloca o projeto de um filho como algo quase impossível ou inimaginável. Ela considera que, quando, finalmente, estiver em condições de tê-los, talvez já não tenha mais energia física suficiente para isso. *"Imagine! Eu penso em fazer outra graduação, fazer mestrado, doutorado, eu vou ter filho com trinta, quase quarenta anos. Será que eu vou estar com muita paciência e muito gás pra tá... não sei se eu vou estar com gás suficiente".*

> Mudou. **Mudou completamente assim no sentido de que eu não quero ser mãe, eu não quero casar, eu só quero estudar. Porque tipo assim, quando eu terminar a faculdade eu vou querer um mestrado, vou querer um doutorado,** e, eu não consigo assim, ser mãe e terminar meu mestrado, fazer meu mestrado, fazer minha outra graduação [psicologia]. **Não quero filhos, casar? Se for uma pessoa muito compreensiva, tipo ele. Ele também não pensa em engravidar, porque ele quer fazer mestrado, quer fazer doutorado**. (ELSA, geração anos 2000).

A preocupação apresentada por Elsa corresponde aos achados de outras pesquisas sobre mulheres e vida acadêmica, sejam estas brasileiras ou estrangeiras (MANSON; GOULDEN, 2004; TABAK, 2002). O resultado desse tipo de preocupação resume-se no que vem sendo denominado pelos pesquisadores de *baby gap* – somente uma em cada três mulheres que constroem uma rápida trajetória acadêmica antes de ter filho, torna-se mãe posteriormente. As mulheres que têm seus filhos mais tarde ou não têm filhos nos primeiros anos da carreira acadêmica, ao formar uma família, embora já tenham conquistado a segurança em seus empregos, em geral, só têm um filho ou não os têm, em função de muitos fatores, dentre eles, o chamado "relógio biológico" (MANSON; GOULDEN, 2004).

Júlia diz que, após sua entrada na universidade, os seus projetos de vida mudaram muito, de tal sorte que casar e ter filhos já não estavam nos planos, pelo menos não nos planos mais imediatos: "*Quando o relacionamento acabou e eu entrei na UFBA, aí as coisas mudaram completamente. Que antes eu achava que a gente ia casar e ter filhinhos, e sermos felizes pra sempre. Aí as coisas mudaram*". Quando pergunto quais eram os planos agora, ela primeiro diz que o plano é não ter planos, mas depois refere-se aos projetos de continuidade formativa via pós-graduação em outro estado.

> Agora [sorriso]. **Agora o plano é não ter plano**. [sorrisos] Agora não sei, não sei mesmo. **Eu tô finalizando o curso agora e eu pretendo entrar numa pós-graduação, sabe?** Mas não aqui. Eu preciso ir embora de Salvador. Eu acho que... eu sempre pensei em Salvador como uma passagem transitória. Vivi aqui intensamente, mas acho que já está vencendo o prazo de validade. (JÚLIA, geração anos 2000).

Lázaro não tem dúvida que seus planos mudaram após a entrada na universidade, segundo ele, antes sequer tinha projetos, exceto o de passar na UFBA. Após o ingresso, já pensa em unir-se com uma pessoa, mas não dentro do modelo de casamento, isso ele não deseja, porém, quer muito ter um filho, de preferência homem.

> **Sem dúvida. Porque antes não tinha projeto nenhum, antes era** [?]. Agora eu quero sim ter filhos, no mínimo eu quero ter um filho homem, acho uma experiência interessante, e... **quero sim ter um relacionamento estável com alguém, não necessariamente casar, não acho... [acho que o casamento estraga a relação?]**, ter uma união estável, morar com uma pessoa, morei um ano e meio com uma menina e adorei. É uma experiência enriquecedora, morar com alguém e ter um filho,[?] sabe? (LÁZARO, geração anos 60/70).

Essa ruptura nos projetos de vida dos jovens da geração mais nova, particularmente das jovens mulheres, no que tange a amor, família, casamento, filhos, deve-se não apenas a mudanças de valores na esfera da vida afetivo-sexual juvenil contemporânea, mas, também, às transformações na esfera da vida laboral. O mundo do trabalho cada vez mais exige titulações, contudo, é bom dizer, se estas são um passaporte para o ingresso na esfera do trabalho, não garantem permanência ou reingresso. Algumas vezes, o título que permitiu ao jovem a entrada nessa esfera da vida, é o mesmo que não lhe possibilitará o retorno, no caso de ser demitido ou demitir-se em algum momento de seu percurso.

Uma análise intergeracional nos permite ver que a passagem pela universidade dava aos jovens com acesso à educação superior nos anos 60/70 maiores chances de concretizar de forma mais imediata planos como casamento, família, filhos. Mais que isso, ela permitia que o projeto de ascensão social organizado antes do ingresso no contexto universitário realmente se concretizasse logo após a saída, ou ainda no percurso da formação superior, a depender da área escolhida. As áreas que ofereciam cursos ligados ao projeto social desenvolvimentista da época tinham maiores chances de oferecer ao jovem uma inserção mais imediata no mundo do trabalho, e com boas ofertas de remuneração, especialmente para um iniciante. O relato de Joana é um bom exemplo disso:

> É..., além disso, **o Brasil viveu um momento do milagre brasileiro naquela época, e a profissão tinha pouquíssima gente no mercado, tanto que a ABC[24] fez uma seleção imensa no Brasil para capacitar pra colocar no mercado de trabalho, porque não existia. Eu passei nessa seleção, comecei a trabalhar na ABC**, mas a BMG exigia de mim cabelo preso arrumado, saia, não podia usar calça, saia, eu me sentia totalmente um peixe fora d'água. Fiquei uns seis meses ou um pouquinho mais e depois arranjei um estágio fora. Eu disse: "não, não vou ficar aqui não". Lá era assim um sonho, de alguém trabalhar num lugar era lá. Então, eu digo assim, mas **eu fui tendo sucesso profissional com... você com 22 anos comprar um carro naquela época, um carro zero. Poder alugar um apartamento. Assim, por exemplo, no meu ginásio, eu não podia participar de alguma competição em minha escola porque não tinha tênis. E eu não podia exigir isso de meus pais, eles já fazendo tanto sacrifício. Então, a partir daí eu pude me sustentar legal.** (JOANA, geração anos 60/70).

O projeto de formação de uma nova família era possível para esta geração, não apenas porque fazia parte dos planos dos jovens naquele contexto social e histórico, como porque ainda se fazia realizável em termos de conjuntura social, especialmente para os poucos que conseguiam obter o diploma de nível superior. Tendo chegado ali, o futuro estava

[24] Sigla fictícia usada para preservar a identidade da participante da pesquisa.

praticamente garantido, com uma entrada relativamente rápida no mundo do trabalho, o que necessariamente não ocorre nos dias de hoje. Romanelli (1995), pesquisando as representações de pais e filhos acerca da educação superior lembra:

> Em passado recente, que coincidiu com um período de amplo desenvolvimento econômico no País as aspirações ascensionais de pais e filhos puderam, em grande parte, tornar-se realidade. A partir da década de 80, considerada década perdida, as possibilidades de ascensão via escolarização superior tendem a ser cada vez mais restritas. (ROMANELLI, 1995, p. 446).

Assim, a formação de uma nova família era uma meta para aqueles/as participantes que viveram sua juventude ao longo dos anos 60/70, seja antes ou após o ingresso na universidade. "*Claro! Nem tanto casar, eu queria ter filha. Mas normal, era algo que tava na cabeça, mas antes filha. Até porque em certo ponto, até mesmo pela minha criação, independente da minha rebeldia, filha estaria atrelada a casamento. Então...*" Estas são palavras de João, ao responder à pergunta: Antes de entrar na universidade, você já planejava casar e ter filhos? Casamento e filhos faziam parte do projeto, mas deveriam seguir esta ordem, linearmente, a fim de evitar quaisquer constrangimentos sociais, mais às mulheres que aos homens, obviamente.

Para os/as jovens da geração mais nova, entrar na universidade é fundamental, porém, não necessariamente suficiente para garantir ingresso e permanência no mundo do trabalho, permitindo que a ascensão social desejada se concretize. Daí que os/as jovens de hoje, ao contrário daqueles/as que viveram nos anos 60/70, postergam ao máximo planos como casamento, família, filhos/as. O caminho até esse tipo de meta é para eles/elas mais longo, isso tanto porque os valores mudaram e há uma maior abertura para experiências afetivo-sexuais fora do contexto de uma união estável e dissociada da ideia de reprodução, como também porque cada vez mais os/as jovens precisam estudar e ter títulos para ter acesso a melhores posições no mundo do trabalho e ascender socialmente.

Além disso, algo de novo parece estar ocorrendo na própria compreensão do que significa estudar, que passa, de um lado, de fim a meio (para alcançar uma melhor posição no mundo do trabalho), mas também de meio a fim, na medida em que vem se constituindo não apenas em uma necessidade para os que se encontram na juventude, como em um estilo de vida generalizável para todas as idades e não apenas circunscrita ao período juvenil. Isso, obviamente, em função das próprias exigências do mundo do trabalho. Este último não

exige apenas que você tenha curso superior, mas que você permaneça qualificando-se ao longo de toda a sua carreira profissional e vida trabalhista.

Assim, o uso consciente e mais ou menos regular de contraceptivo, nem sempre de preservativo, marca a trajetória afetivo-sexual dos/as jovens da geração mais nova, achado que vai na contramão do que prega o senso comum sobre a irresponsabilidade juvenil no que tange à vida sexual. No relato dos/das participantes que viveram sua juventude nos anos 60/70, independentemente do gênero, observamos o contrário: um uso ainda incipiente de métodos contraceptivos e protetivos. Afinal, no Brasil, na transição da fecundidade que se realizou, segundo Bozon (2004), em três décadas, desde os anos 1965, o que se observou foi uma ampliação da atividade sexual fora do contexto de uma união estável ou casamento entre os/as jovens, sem que o uso de contraceptivos tivesse penetrado os costumes com o mesmo ritmo. Assim, Laura conta que não usou método contraceptivo algum, nem na primeira vez, nem nas vezes subsequentes. Somente muito tempo depois, ou seja, depois de anos de experimentação sexual com o seu namorado e primeiro parceiro sexual é que ela vai a uma ginecologista e para solicitar uma prescrição de anticoncepcional.

> **Não, nem na primeira, nem em algumas. Camisinha para mim foi uma coisa assim, depois de muito tempo, mas não era nada... e pílula, essas coisas também, anticoncepcional, não tomei não, tá.** Muito depois, numa situação que não era mais ele, é que eu comecei a ir para ginecologista para pedir anticoncepcional, e só vim usar um contraceptivo mais potente que foi o DIU, depois que eu tive o meu primeiro filho. Aí já era casada. (LAURA, geração anos 60/70).

João, também de 1960/70, responde negativamente quando pergunto se usou preservativo na sua primeira vez, e lembra ter tomado um "susto" em função disso.

> **Tivemos um susto, porque aí, lembro bem disso, a menstruação de Raquel atrasou, aí ficamos preocupados**, pensamos até em consultar uma colega nossa do trabalho, né, porque trabalhamos no CAD juntos, Raquel chegou a trabalhar comigo, como estagiária. Mas aí... essas coisas assim de vocês, né? Minha filha mesmo é toda... Mas foi uma excelente chamada de atenção. (JOÃO, geração anos 60/70).

No cenário dos anos 60/70, quando o uso da pílula ainda era uma prática muito incipiente, as jovens que optavam por viver uma vida amorosa e sexual mais libertária, ainda

em situação de dependência de suas famílias de origem, contavam com “a sorte” ou “o azar”. Neste último caso, o recurso final era a prática do aborto, procedimento que, embora ilegal no Brasil, é também uma prática frequente (HEILBORN; CABRAL; CORDEIRO, 2011) e presente há longa data, mas marcado por um diferencial de gênero e de classe que põe em situação de constrangimento social as mulheres e não os homens, e particularmente aquelas das camadas sociais com menor acesso à escolarização.

Outro recurso usado pelas mulheres da geração dos anos 60/70 para não engravidar era o adiamento do início da vida sexual com intercurso genital, visto que o “pega-aqui, pega-ali” é uma prática comum em ambas as gerações, constituindo uma etapa de exploração corporal preparatória que antecede o ingresso na sexualidade genital.

Na geração mais nova, embora outras pesquisas apontem para um alto índice de aborto entre universitárias (HARDY; REBELLO; FAÚNDES, 1993; HARDY et al., 1994), nenhum dos/as jovens relatou uma experiência de aborto, o que parece ter estreita relação com o modo com que lidam com a contracepção. “*Eu acho que eu sou tão paranoica que, eu sofri um terrorismo com meu pai, que algumas vezes eu fiquei em dúvida, mesmo usando camisinha, aí eu usei a pílula do dia seguinte. Como um desencargo de consciência*.”

4.5 RETROSPECTIVAMENTE: O APRENDIZADO OU A DINAMICIDADE DA SEXUALIDADE

Nesse último tópico da primeira parte da análise, procuro trazer os dados oriundos da última questão da entrevista, quando faço a seguinte pergunta: olhando para aquela sua primeira vez agora, o que você pensa? A pergunta envolve os/as participantes numa avaliação comparativa com o momento atual, dando margem, em geral, a relatos que evidenciam o caráter de aprendizado da sexualidade, conforme pontua Gagnon e Simon (2005). Assim, Mário faz o seu relato em dois tempos: no primeiro, apresenta uma análise de sua *performance* na cena de primeira vez, deixando ver quantos elementos psicossociais e psicocorporais estão envolvidos no processo: tesão, estresse, medo, desconhecimento de si, do outro e da vida.

> **Horrível, horrível**. Assim, ao mesmo tempo que você tem aquela coisa do tesão, tem todo um estresse, não só porque é a primeira vez, mas a primeira vez que você está num motel também, né? **Não saber como é que funciona, como é que o parceiro vai reagir. É um misto de tesão e de estresse, não saber se você vai conseguir, não saber se você vai dar prazer. Então, um monte de medo, não é?**

> **Então esse estresse é muito medo. E assim, a primeira vez que entra num motel, também tem isso.** (MÁRIO, geração anos 60/70).

Como observam Gagnon e Simon (2005), pessoas jovens estão envolvidas em um jogo em que testam sua competência, e que envolve vitórias e perdas. Para meninos e para meninas, o envolvimento progressivo com a sociossexualidade talvez seja um dos fatores que marcam o fim da adolescência. Os pesquisadores consideram que a sexualidade tem um papel significativo no gerenciamento desta transição. Primeiro, em um nível superficial, o envolvimento progressivo com a sociossexualidade é importante na formação da família ou na entrada nos papéis que caracterizam mais explicitamente a vida adulta; segundo, e num nível mais fundamental, talvez seja possível dizer que a atividade sociossexual é um aspecto importante, porém não o único, no processo de construção identitária sempre inacabado; terceiro, eu acrescentaria, é possível dizer que as experiências que se iniciam nessa etapa de transição reeditam aquela experiência de intimidade vivida na fase mais precoce de nosso curso de vida ao lado dos primeiros outros significativos, que agora se estabelecem em outros termos e condições, e que virão a dar ao jovem, ao longo da vida adulta, a garantia da "segurança ontológica" (GIDDENS, 1991).

O grande desafio para o jovem parece estar no fato de que a confrontação com a sexualidade requer não somente o manejo de si, ou seja, de sua psicocoporalidade – emoções, lembranças, gestos, ansiedades, tensão, flexibilidade corporal – como da psicocorporalidade de seu parceiro, algumas vezes um desconhecido. É nesse ponto que os roteiros afetivo-sexuais culturalmente organizados nos servem de guias de ação, visto que se constituem em convenções mutuamente compartilhadas que permitem aos atores sociais participar de um ato complexo, tal como o sexual, que envolve a dependência mútua entre os parceiros. Essa roteirização, é bom lembrar, se organiza em torno da interação dinâmica entre três níveis de experiência: o intrapsíquico, nível da vida subjetiva, que inclui sistemas de significação pessoal/cultural, planos de futuro, guias para a ação atual e esquemas de rememoração; o interpessoal, das interações sociais como a que se dá entre os parceiros/as sexuais, e o cultural ou "cenário cultural", onde estão as instruções (baseadas nos significados compartilhados) sobre como as pessoas, a depender do seu gênero, por exemplo, devem ou não devem comportar-se sexualmente.

> **Eu acho que assim, mais tranquilidade para lidar com o sexo, mais preocupação**

> **com a parceira, em satisfazê-la. Acho que mudou muito nesse ponto aí. E assim, sexo é como eu falei também, né? Sexo é um ajuste**, **você vai convivendo com a pessoa, vai sabendo o que ela gosta e o que ela não gosta,** e assim, é mais vivido, vamos dizer assim. Com certeza, a diferença entre um e outro é essa vivência. (MÁRIO, geração anos 60/70).

A afirmativa de Mário: "Sexo é um ajuste" é emblemática, e remete tanto ao que Gagnon e Simon (2005) falam sobre a exigência do manejo dos corpos, que é também e, sobretudo, o manejo de significados que circunscrevem e organizam expectativas sobre o comportamento conforme os marcadores sociais de diferença; como ao que Bozon (2004) chama "valor de reciprocidade na atividade sexual". Este último teórico, que estudou a realidade francesa, afirma que, desde os anos 1960, se observa uma crescente importância dada às práticas simétricas no campo da sexualidade, tais como as carícias, masturbação mútua e práticas de sexualidade oral entre os parceiros. A preocupação de Mário com o que a parceira gosta ou não gosta é a expressão dessa importante mudança de perspectiva frente à sexualidade feminina. É possível que o Brasil tenha adotado esse modelo de sexualidade um pouco depois, mas a partir dos relatos posso dizer que seus indícios estão presentes desde os anos 1960/1970. Ao lado, é claro, de certo recato feminino, ultrapassado somente com a progressão da relação. Desse modo, à mesma questão de pesquisa, Laura responde:

> **É tão assim, é tão diferente, por exemplo, lá eu era uma adolescente medrosa que me deixei influenciar por um furor**, vamos chamar, de energia sexual, e fui me envolvendo. Hoje eu sou uma mulher que sei como lidar, sei até informações que eu não tinha, o que é normal ou não é numa vida sexual de duas pessoas, e que a gente que acaba que cria nossas próprias regras. **A gente faz o nosso jogo sexual, diferente daquele que eu era só uma pessoa assustada e alguém que abria as pernas. Hoje eu participo, hoje eu sou uma pessoa que participo da cama, antes eu era uma peça na cama, me parece, então eu acho que mudou muito, é uma mudança muito grande, é uma relação que... muito mais fêmea agora e naquela época era mais um ser, mas não era uma fêmea, uma mulher maior** Então, ali era um jogo, como se fosse assim, quase como uma obrigação de você ter que... e hoje é um desejo, é bem diferente, hoje é bem diferente. Não concorda nada com nada, nada a ver... (LAURA, geração anos 60/70).

Observe que o medo está presente tanto no relato de Mário quanto de Laura, um aspecto que poderia ser enquadrado no ponto de interseção entre o nível intrapsíquico e o do cenário cultural a que temos nos referido. Isto porque as emoções e sentimentos também são produtos da interação dinâmica entre cultura pessoal e cultura coletiva (VALSINER, 2012), de modo que o medo, ou a narrativa que tem o medo como elemento marcante, nunca pode ser analisada fora do cenário de sua produção. Notem, porém, que o medo tem

significados completamente diferentes para cada um dos jovens. Laura conta que era apenas "uma pessoa assustada e alguém que abria a perna"; Mário conta que tinha medo por "não saber se vai dar prazer". No primeiro caso, o medo está associado a um posicionamento psicocorporal passivo na cena de primeira vez, no segundo caso, o medo está associado a um posicionamento ativo. Trata-se de padrões de comportamento típicos do trabalho educativo efetuado sobre os corpos no curso do aprendizado da sexualidade e que nos fazem relacionar feminino à passividade e masculino à atividade. Estes padrões apropriados de conduta sexual e de gênero são produtos de culturas específicas, e podem ser vistos como exemplos de condutas socialmente roteirizadas (GAGNON, 2006).

Esse posicionamento polarizado parece característico das relações de iniciação sexual genital que se estabelecem na juventude, tal como notou Gagnon e Simon (2005), que consideram que, neste momento do curso de vida, a sexualidade parece assumir mais fortemente as normas sociais em termos de conteúdos regulatórios – talvez até como medida de proteção contra qualquer crítica em face da ruptura de padrões. Nesse sentido, se o que queremos são mudanças mais amplas no plano da vida íntima das relações entre os gêneros, revolução que não foi completada, precisamos fazer um trabalho de desconstrução junto aos jovens. Um trabalho que vise ao questionamento da normatização do comportamento daqueles/as nascidos homens e nascidas mulheres (HALBERSTAM, 2008), de modo a interrogar certos valores que ainda hoje obstacularizam uma experiência sexual mais plena para heterossexuais, homossexuais, bissexuais, travestis, etc. Afinal, é sabido que a reprodução da heteronormatividade não está circunscrita à vida íntima de casais heterossexuais, como mostram autoras como Pelúcio (2009). A matriz heterossexual incide sobre todos, regulando o comportamento dos atores sociais, independentemente de em que categoria se encontre enquadrado, em suas cenas de intimidade afetivo-sexual. Vale sublinhar que algumas pessoas chegam a passar anos de vida conjugal sem se dar conta dos efeitos limitantes dessas convenções sociais às quais se agarraram desde os primeiros passos da vida afetivo-sexual. Entretanto, de acordo com os relatos, quando, enfim, a vida afetivo-sexual se desenrola e a pessoa tem a oportunidade de construir relações amorosas e sexuais menos polarizadas e mais simétricas, a sensação em geral é libertadora.

> **Eu não penso não, eu vejo um avanço, completamente** [quase soletra essa palavra, dando ênfase]. Em tudo, no modo de pensar, no modo de fazer, sabe? Eu não sei se é porque como eu falei pra você, a pessoa com quem eu tive essa primeira vez, eu

> acho que também foi isso. Porque também não basta vir só de mim, tem que partir dele também. **Eu amadureci muito, porque tinha muita coisa que eu não gostava de fazer, que eu não queria e tal, porque achava amoral, tinha nojo, agora, corro pra cima, minha irmã, não tem problema nenhum. Sabendo com quem eu tô fazendo, com quem é a pessoa, tendo essa segurança, vamos jogar duro e o resto depois a gente vê.** (ELSA, geração dos anos 2000).

Outro estilo de resposta para esta pergunta final da entrevista aponta para um aspecto não menos importante no que diz respeito à construção das trajetórias dos atores sociais de acordo com seu gênero. Refiro-me aos efeitos da idade, ou ao significado que ela assume na configuração dessa esfera da experiência de vida: a afetivo-sexual.

> **É vê que apesar de todas as condições em que ela aconteceu, a idade pesa. Porque depois de todo esse caminho percorrido, de vivências e experiências, e consciências, né?** É... eu tenho 56 anos, né? Então, pesa. Não que seja... que o ato seja melhor ou pior, mas, não sei, talvez, sei lá, Caetano fala isso às vezes, a idade termina lhe dando consciência, experiência e coisa e tal, **mas a juventude é um ingrediente muito importante, não o único, né? Importante, não sei, na cabeça da mulher é um pouco diferente, mas, para menino...** (JOÃO, geração anos 60/70).

Recorrendo mais uma vez a Bozon (2004), vale ressaltar que o período em que os sujeitos permanecem sexualmente ativos aumentou, isso tanto em virtude de uma maior precocidade na iniciação sexual juvenil, quanto de um prolongamento da atividade sexual em idade mais avançada, em função da medicalização da sexualidade, bem como do processo de juvenilização (BRITO DA MOTTA, 2012) que caracteriza os tempos atuais. Segundo Bozon (2004), é fato que o valor social atribuído à idade madura diminuiu, em proveito de uma crescente valorização da juventude enquanto ideal. Tenho a impressão que já não temos mais direito de envelhecer, e que lutamos por permanecer jovens, como se acaso isso fosse possível (BOZON, 2004). Enquadrados nesse cenário, parece que nos ressentimos quando o corpo começa a dar sinais de que não se é mais jovem, e chegamos a acreditar que, talvez em função disso, tenhamos deixado de ser seres sexuados. Se deixamos de ser, contudo, isso por certo se deve mais ao tecido simbólico que alimenta o imaginário em torno da velhice e da juventude, do que a motivos estritamente biológicos ou psicológicos. O fato é que temos tido dificuldade de envelhecer, depois de nascidos, devemos permanecer jovens.

> **Porque o homem tem a coisa da virilidade do homem, tem, tem... pesa muito. Eu acho que é, talvez a coisa que, uma das coisas que mais afetem a cabeça do homem. Essa perda da virilidade.** Ele precisa tá... embora existam casos de homens sexualmente ativos, independente da viuvinha, do viagra, né? Mas eu acho que mexe com a cabeça. Como diz Belquior, tudo que pesa no norte, cai no sul. Pela lei

da gravidade, isso Newton já sabia. (JOÃO, geração anos 60/70).

Nesta segunda parte, João indica que o peso dado a essa questão da idade sobre a *performance* sexual talvez seja um elemento circunscrito apenas ou de modo particular à experiência dos homens, não se estendendo às mulheres. Isso por conta do peso que se atribui socialmente à virilidade desde os primeiros passos da vida sexual daqueles nascidos homens (HALBERSTAM, 2008). Importante ressaltar que, de acordo com o *Dicionário Geral de Sinônimos e Locuções da Língua Portuguesa* (1960), virilidade quer dizer beleza, coragem, energia, esforço, força, hombridade, masculinidade, vigor. No *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* (2001), viril tem as seguintes significações: relativo ao próprio homem; com características consideradas próprias do homem; másculo; corajoso; forte. Perder a virilidade, portanto, pode significar deixar de ser homem, másculo, corajoso, forte. A questão, como se vê, não está na virilidade em si, mas nos significados que a ela estão associados e que ganham ressonância na dimensão do *self.* Perder a virilidade pode significar "deixar de ser viril", ou seja, perder ou colocar em xeque uma posição de eu altamente significativa na constituição do *self* masculino em nossa sociedade. Um processo de transição exigente, a depender do grau de flexibilidade psicológica que este homem tenha desenvolvido em torno da vivência da masculinidade. Afinal, não é preciso ser viril para ser masculino, como não é necessário ter nascido homem para ser masculino, como têm mostrado os estudos sobre masculinidade feminina (HALBERSTAM, 2008).

Sumariamente, os relatos apontam para o fato de que o tempo em seu fluxo irreversível e, por assim dizer, transformador, opera em dois sentidos: de um lado, ampliando não somente as possibilidades performáticas e de obtenção do prazer recíproco no domínio das relações amorosas e sexuais, como tornando mais flexível e criativo o posicionamento dos atores sociais dentro de *I-positions* tão fortemente polarizadas em nossa sociedade: masculino/feminino; de outro, colocando sobre os ombros dos atores sociais o "peso da idade", ou melhor, o peso socialmente atribuído à idade, exigindo destes, posicionamentos que podem ir desde a busca incansável de uma juventude que não se quer perder, pela negação do próprio corpo em processo de envelhecimento, a uma atuação mais livre de constrangimentos sociais e normatizações generificadas em função da percepção de mudanças psicocorporais inevitáveis e até desejáveis. No primeiro caso, vale destacar, o que está em causa é, sem dúvida, o caráter de aprendizado da sexualidade, é este aprendizado

que nos garante uma atuação mais ou menos flexível a depender de circunscritores sociais tais como: idade, etnia, gênero, condição socioeconômica; no segundo, o que está em causa é a associação entre sexualidade e juventude, problematizada por pesquisadores que observam apelos sociais ora para uma sexualização da velhice, ora para uma dessexualização.

4.6 A "PRIMEIRA VEZ": APROXIMAÇÕES E DISTÂNCIAS ENTRE OS GÊNEROS E AS GERAÇÕES

Tomando como lente de análise a posição de gênero, é possível afirmar que para os homens, independente do grupo geracional, a "primeira vez" significou um marco importante no reconhecimento social do *self* como masculino. A virgindade apareceu nos relatos como uma marca incômoda de falta de experiência, um elemento que deixa em aberto a definição da masculinidade dos rapazes, uma espécie de selo do qual eles desejam livrar-se o mais brevemente possível. Isso se verifica no fato de que, em ambas as gerações, são eles os que se iniciam primeiro, quando comparados com as mulheres. Assim, a experiência de primeira vez constituiu-se como uma ruptura esperada, independentemente do gênero, porém, vivida com mais urgência pelos homens do que pelas mulheres.

Para as mulheres, a primeira vez significou a consolidação do laço amoroso, um passo importante na construção da intimidade do casal jovem, especialmente o da atualidade. A virgindade representou um bem a preservar, se não até o casamento, como era preferível na experiência das mulheres da geração mais velha, ao menos até achar o "cara certo". Amor e sexo precisam estar juntos na experiência feminina, sendo o primeiro, na maioria dos casos estudados, uma condição para que o segundo aconteça.

Quanto à cena de "primeira vez", fica claro que, para os homens, não saber sobre a arte da sexualidade é bastante constrangedor. Eles mostram-se muito preocupados com o seu desempenho sexual, isso faz parte do *script*, é como se eles estivessem se testando ou em teste, e de fato estão. Em nossa cultura, os homens precisam dar provas de sua virilidade num momento da vida em que mal conhecem o próprio corpo, como se pode ver em todos os relatos. Aliás, importante observar que uma *autoavaliação performativa negativa* ocorreu quase que exclusivamente no relato masculino, revelando o peso que o desempenho sexual, ou seja, o aspecto técnico (ligado ao manejo da cena) adquire na iniciação dos rapazes.

O grande desafio para o jovem rapaz parece estar, de um lado, no fato de que a confrontação com a sexualidade requer não somente o manejo de si, ou seja, de sua

psicocoporalidade – emoções, lembranças, gestos, ansiedades, tensão, flexibilidade corporal – como da psicocorporalidade de sua parceira, algumas vezes uma desconhecida; de outro lado, no fato de que deve assumir, preferencialmente, uma posição ativa, ou pode colocar em risco a confirmação de sua virilidade.

Os homens não se sentem à vontade nesse lugar de "não saber sobre o sexo". Assim, quando pensam sobre a sua "primeira vez", frequentemente recriminam-se pela imperícia que marca essa experiência de iniciação. É como se tivessem obrigação de mostrarem-se hábeis na arte da sexualidade. As mulheres, ao contrário, sentem que o idealmente esperado, socialmente falando, é que elas não saibam ou saibam pouco. O lugar de saber pode conceder-lhes uma imagem de vulgaridade que não corresponde às expectativas em torno do comportamento das mulheres na cena sexual, particularmente na cena de "primeira vez", seja aquela em que a menina tem a sua primeira relação sexual, seja aquela que corresponde ao primeiro encontro sexual com um parceiro de sexo oposto.

Tomando como lente de análise a posição geracional, observamos, na passagem de uma geração para a outra, tanto uma antecipação do calendário de entrada na vida afetivo-sexual, como tem mostrado outras pesquisas, quanto uma interiorização da atividade sexual juvenil. Para a geração dos anos 60/70, a "primeira vez" ocorreu mais tardiamente, entre 16-26 anos de idade, quase sempre após o ingresso na universidade. Para a geração dos anos 2000, a "primeira vez" ocorreu mais cedo, entre 13-20 anos de idade. Para os homens, em geral, antes do ingresso na universidade, para as mulheres, no entorno deste evento.

É quando focamos nossa análise no cenário onde ocorreu a "primeira vez" e onde os/as jovens seguiram dando continuidade à sua atividade afetivo-sexual que podemos notar o processo de interiorização a que me refiro. Para a geração dos anos 60/70, esta primeira experiência sexual com intercurso genital ocorreu numa praia deserta ou em casas de prostituição, esta última opção somente para os homens. Para a geração dos anos 2000 ocorreu na casa dos pais, em um motel ou em uma pousada. Além disso, na experiência desta última geração, há um fenômeno digno de nota: uma relação amorosa duradoura pode vir a constituir-se em uma prerrogativa implicitamente aceita como justificativa para a interiorização de relações sexuais do casal jovem no contexto da casa familiar. Contudo, vale sublinhar, tudo ocorre numa espécie de diálogo sem palavras – uma concessão silenciosa, da parte dos pais, e/ou uma autorização às escondidas, da parte dos filhos jovens.

O ponto de encontro entre as gerações é, como enfatizei ao longo deste capítulo, o

modo como as famílias relacionam-se com a sexualidade dos/as jovens. O assunto – sexualidade – é raramente mencionado, e quando surge tem um caráter de coação, regulação, que, ao invés de aproximar, afasta pais e filhos. Sexo parece ser, ainda hoje, um tema-tabu na relação pais-filhos jovens, o que não impede que consensos sejam construídos de maneira mais ou menos explícita sobre o grau de liberdade possível ao jovem no que diz respeito à vida afetivo-sexual. Significa dizer que o diálogo sobre o tema não foi significativamente ampliado, mas a liberdade permitida nessa área da vida sim, o que vem permitindo ao jovem uma maior autonomia, mas uma autonomia vigiada, regulada para que os "excessos juvenis" não atrapalhem a esfera da vida estudantil e comprometam as trajetórias de ascensão expectativadas por suas famílias. Os jovens, porém, não constroem sua autonomia e nem conquistam a liberdade num contexto de igualdade entre os gêneros, as oportunidades de exercício da autonomia e a liberdade no campo da sexualidade são, ainda hoje, mais estimulados para os meninos que para as meninas. Estas últimas devem experimentar a vida sexual com parcimônia.

5 SOCIABILIDADES, CULTURAS UNIVERSITÁRIAS E MUDANÇAS NOS AFETOS

A sociabilidade refere-se àqueles contatos, anônimos, repetidos e duradouros, passíveis de serem estabelecidos no quadro de distintas referências, sejam estas familiares, de amizade, profissionais, de vizinhança, de associação, etc., que têm, nas palavras de Costa, Machado e Almeida (1990), não apenas o efeito de socialização, como também o de contágio. As sociabilidades podem ser de diversos tipos, podendo distinguir-se as formais e organizadas das informais e espontâneas, as livres das constrangidas, as coletivas (de grupos), das interindividuais, as intensas das leves, as múltiplas das escassas. Contudo, observam os autores (1990), trata-se, obviamente, de qualificações que se sobrepõem, cuja função é, antes, sugerir interrogações e organizar resultados.

O importante aqui, porém, é pontuar que os enquadramentos institucionais podem, em alguma medida, apertar o círculo das sociabilidades, ao torná-las mais frequentes no seu interior. Vários espaços sociais podem causar esse efeito de estreitamento: a família, o trabalho, o bairro, etc. Também se pode esperar o mesmo da universidade, que de fato aproxima aqueles que a frequentam, num período do curso de vida extremamente fértil para a construção de laços de amizade. Afinal, como observa Giddens (2002), se é característico dos sistemas modernos de intimidade sexual e de amizade que os parceiros sejam escolhidos voluntariamente entre uma diversidade de possibilidades, é necessária também alguma proximidade para que estas relações íntimas de desenvolvam. Segundo o teórico (2002), a medida da escolha irá variar a depender de inúmeras diferenças sociais e psicológicas, como veremos nessa parte da tese, cuja preocupação central é mostrar, sobretudo, as mudanças operadas nos círculos de afeto juvenis após o ingresso no contexto da vida universitária, ao tempo em que se procura apresentar o cenário social e político em que se desenrolaram as trajetórias dos dois grupos geracionais. O aprofundamento dessa discussão será feito nas seções seguintes, quando discuto, de um lado, sobre a relação entre mudanças no círculo de afetos e mudanças nas trajetórias afetivo-sexuais; de outro lado, sobre modernidade e mudanças nas relações de intimidade na juventude.

Segundo Costa, Machado e Almeida (1990), as sociabilidades indiciam características dos sistemas de disposições daqueles que procuram e mantêm seus relacionamentos, ao mesmo tempo em que contribuem para estruturar e reestruturar esses mesmos sistemas. Por meio da rede de comunicabilidade e de influência, ao produzir socializações coletivas, geram e permitem a

formação e a partilha de valores, de representações e de comportamento. Assim, quando se cria uma nova rede de sociabilidade e comunicabilidade via ingresso na universidade, amizades se produzem e podem contribuir para mudanças no curso das trajetórias afetivo-sexuais dos indivíduos jovens. Estas mudanças podem ser de várias ordens, sejam aquelas produzidas de forma contínua – uma lenta acumulação de reconfigurações da pessoa em contexto, sejam aquelas que aparecem como eventos causados por ou que causam descontinuidade ou ruptura (ZITTOUN, 2012).

Em obra intitulada Sexualidade e Afetos Juvenis, Pais (2012b) sublinha que as trajetórias biográficas dos jovens "[...] mostram-nos que as experiências sexuais e amorosas estão em confluência com as chamadas 'orientações intimas' de cunho afetivo [...]" (PAIS, 2012b, p. 151). Considerando que é justamente a abertura para os outros, para a alteridade, que caracteriza o jovem, afirma ainda, citando Watkins (2000), que estes *invisible guests* aparecem na hora dos dilemas, das tomadas de decisão, das opções de vida, originando sucessivas "reconfigurações do eu", seja na dimensão do ser (identidade) seja na dimensão do agir (comportamento, atitude). Nas palavras do pesquisador (2012, p. 150-151), "É através dos outros que se dá uma propensão para o devir e para a mudança."

Essas mudanças parecem ser mais significativas, sobretudo, nalguns casos, em particular naqueles em que, como observam Costa, Machado e Almeida (1990), o tipo de convivialidade na universidade mais se afasta das características de seu contexto de origem. Nestes, serão consideráveis os efeitos da instituição e da rede de sociabilidade nela construída e amplas as transformações experimentadas no curso de suas trajetórias. As narrativas dos/as jovens das camadas populares e daqueles/as originários/as do interior do estado são as que mais confirmam o que identificaram Costa, Machado e Almeida (1990), na realidade portuguesa.

De acordo com os pesquisadores portugueses citados (1995), a expectativa de um futuro profissional promissor e a eventual desejabilidade de ascensão social via escolarização, os/as coloca numa posição bastante suscetível, conduzindo-os/as, frequentemente, a uma socialização antecipada, ou seja, à procura ativa de novos modos de inserção social, e à adoção de novos valores. Outros/as, porém, conservarão, não obstante as amizades e os conhecimentos recém-adquiridos, suas antigas relações e os grupos de referência ligados à sua vida pré-universitária.

Em todos os casos, presume-se que há maior riqueza de troca, de socialização cruzada e transformadora – por contraste com o que se poderia chamar aprendizagem por confirmação –

quando se passa, portanto, do núcleo familiar para o círculo de amigos, das relações de amizade intraclassista para as interclassistas. O sistema de ensino, e especialmente o de nível superior, é uma das instâncias da vida juvenil que mais contribui para esta abertura, visto que em seu seio, o contato e a aprendizagem da diferença se faz sentir com maior amplitude. Pedro, um estudante de camada social média da geração mais nova, fala sobre esse aprendizado da diferença, explicitando que ele vem associado a uma experiência de descontinuidade em relação a formas precedentes de organização do tempo, com efeito de mudança em suas relações anteriores ao ingresso nesse novo contexto, ou, como diria Zittoun (2000, 2006), prévias à criação desta nova "esfera da experiência" – a vida universitária, com amplo potencial transformador.

> **A primeira mudança em mim foi o fato de conhecer muita gente diferente, porque eu sempre... a maioria das pessoas que eu falava que eu conhecia eram lá de Vilas do Atlântico, e aí mudou completamente porque no meu curso mesmo, tem gente de vários lugares.** Tem pessoas da ribeira, tem pessoas de lá de Vilas, tem... enfim, é bem mais variado. Então eu conheci muita gente [com um jeito] diferente de pensar, tem até o perfil assim mais parecido com o meu, por causa do curso, né? Mas, assim... **Então, primeira coisa foi isso, conheci muita gente diferente, e também, depois que eu entrei na universidade eu passei a ter muitos mais afazeres, tanto que isso teve uma relação direta no meu namoro. Começou a não dar certo, principalmente por causa disso, por causa da faculdade. Porque eu tinha mais afazeres, porque eu tinha menos tempo, e aí foi complicando mais a relação.** Então, eu acredito também que a UFBA tenha sido parte principal do primeiro namoro não ter dado certo, e... eu acho que é mais isso. **E também depois que eu entrei na universidade eu comecei a ter mais liberdade assim, porque eu passei a ter... eu tirei minha carteira, [...]**. (RAMON, geração anos 2000).

O ingresso na universidade, como vemos, está associado a uma série de eventos ou mudanças situacionais ligadas à rotina – "mais afazeres", ao controle parental – "mais liberdade", ao aprendizado de novas habilidades – "tirei minha carteira", à organização do tempo – "eu tinha menos tempo", que se junta à transformação da rede de sociabilidade, e, consequentemente, à recomposição do círculo de afetos (PAIS, 2012b). Estas mudanças parecem levar o jovem à construção de relações afetivo-sexuais com pessoas ligadas a este novo contexto e que, normalmente, compartilham de projetos de vida semelhantes aos seus, ou seja, projetos dependentes da obtenção do título de nível superior.

Vale sublinhar que muito cedo os/as jovens da contemporaneidade compreendem que, embora o título de graduação seja uma conquista importante e tenha, em alguns casos, o condão de conferir prestígio social, só terá alcançado o seu fim quando possibilitar a concretização do sonho de ascensão social. Sonho que nem sempre se torna possível com a conclusão dessa etapa de estudo, o que põe o jovem, mais uma vez, diante de novo ponto de bifurcação (VALSINER,

2012): continuar a formação acadêmica para obtenção de novos conhecimentos e títulos ou entrar no mundo do trabalho graças ao fato de ter formação universitária, mas para exercer uma função que muitas vezes nada tem a ver com aquilo para o qual foi formado.

Pedro, filho de uma família com alto nível de escolaridade, já tem todos os seus planos feitos, e recebe dos pais o apoio para dar concretude a uma "trajetória expectativada" (PAIS, 2003, p. 155) que inclui a ida ao exterior para a obtenção do título de mestre e o retorno ao curso para a conclusão dos estudos de graduação em condições de alcançar um bom posicionamento no mundo do trabalho. Os jovens de camada popular também já estão cientes dessa necessidade, contudo, nem sempre encontram os recursos e suportes necessários para o prosseguimento de uma formação que, cada vez mais, apenas se inicia na graduação, ou seja, com o ingresso na universidade.

> Em termos de concepções, eu acho que esse plano eu já vinha, comigo desde pequeno assim, amadureceu, eu acho que é a questão do planejamento, né? Meu filho pode ser o que ele quiser, mas, ou pode ser nada também, mas meu filho ou filha quando vier, eu vou dar a oportunidade deles escolherem. Se eles quiserem, eles vão poder. Porque tem gente que pode, mas não quer. **Tem gente que quer e não pode. Eu acho que questão de concepção, é de poder abrir, a gente pode ir mais longe, você pode ir à faculdade, é bacana, mas ir ao mestrado, ao doutorado, ir mais longe, ter uma casa é legal, não em questão de... concepções materialistas, mas de ter ambição mesmo assim, de poder... é isso, de você ter opção, eu posso fazer o que eu quiser, mas eu não quero fazer zorra nenhuma.** (MARCOS, geração anos 2000).

Sobre o aprendizado da diversidade, é bom salientar que este aparece como um fato incontornável para os jovens de todos os estratos sociais, gêneros e gerações estudadas, mas parece, contudo, radicalizado em suas consequências desafiadoras e inovadoras na experiência desses "recém-chegados" à universidade – os/as jovens de camada popular. Marcos, um jovem pobre, morador da periferia de Salvador, nos conta sobre o que significou para ele o ingresso nesse contexto. Quando pergunto se ao entrar na universidade ele vive uma experiência de encantamento em relação ao mundo acadêmico, ele responde negativamente, confirmando os achados de Coulon (2008). Argumenta que mais que um encantamento, "rola um estranhamento", mas um estranhamento, a meu ver, de qualidade diferente daquele vivido pelos jovens franceses, e mesmo pelos nossos jovens brasileiros de camadas médias, até pouco tempo os mais privilegiados no que diz respeito às possibilidades de ingresso na universidade pública.

> Acho que rola um estranhamento, acho que a palavra não é encantamento, **rola um**

> **estranhamento**, você está numa situação... eu tenho amigos que, nas férias, nas primeiras férias, os caras foram pra Disney e o outro cara foi pra França, então, tipo, **eu nunca tive acesso, até então eu não tinha acesso a pessoas que fizeram viagem ao exterior, então, tipo assim, um doutor, você ter acesso a professores doutores, ah, você não sabe muito bem, você não sabe o que é isso.** (MARCOS, geração anos 2000).

E complementa:

> **Um guri que chega de uma escola pública assim, com uma família com pouca instrução, velho, tem pessoas que são criadas para isso, e tem pessoas que... eu descobri isso na faculdade, que, pô, a disfarçar essa surpresa, né?** Quando a gente não sabe, a gente não vai "ah, não sei", a gente primeiro olha, observa, né? Mas é isso, acho que rolou um estranhamento, assim, não um encantamento. Acho que não rolou não. No mundo acadêmico, universitário, as pessoas que eu conheci são pessoas bem legais, mas nunca... querendo vestir a outra pele, não, acho que nunca rolou. (MARCOS, geração anos 2000).

Como observa Foracchi (1965), cujo estudo realizado nos anos 60 mostra-se atual em muitos aspectos, é enquanto estudante que o/a jovem é capaz de melhor compreender a sua situação de classe e sua vinculação às classes ou camadas sociais dominantes que o mantêm numa posição de desvantagem. A partir de então, reúne as condições necessárias para perceber nisso um obstáculo à concretização de seus planos de ascensão via projeto de carreira. É a transformação do/a jovem em estudante que favorece esta percepção, que se desenvolve, em parte, graças a um trabalho de politização que acontece no contexto da convivialidade universitária, atualmente associado a projetos ligados às políticas de ação afirmativa, em que o/a jovem encontra um campo profícuo para elaborar aquela "representação adequada de si e dos papéis que deve desempenhar" (FORACCHI, 1965, p. 224).

> **Eu acho assim, eu tive acesso na universidade a pessoas como a professora Zelinda Vaz. Que foi a coordenadora pedagógica do UNIAFRO, tipo, uma pessoa com uma consciência política fantástica, assim, e é muito firme na questão de procurar expandir os seus direitos, os direitos de nós, negros**, enfim, os nossos direitos, os nossos direitos sociais assim, de fornecer uma contrapartida pra que a gente pudesse ir mais longe, e, dentro da minha própria casa, tinha assim, minha avó, minha família tem várias mulheres, que têm uma trajetória assim de pessoas fortes. Eu acho que na faculdade isso reforçou. (MARCOS, geração anos 2000).

> **Esse contato com o movimento negro, assim, com as ações afirmativas, foram experiências fundamentais na minha formação acadêmica**, como pessoas como o próprio Luca, como a professora, essas pessoas todas, assim, acho que elas me fizeram ser alguém melhor, me ajudaram a ser melhor nesse sentido (ele falava como quem faz um movimento reflexivo quase para si mesmo) de pessoa, de cidadão, os conceitos de cidadania hoje são bem mais claros para mim, de cidadania, de racismo, de contrapartida, de direitos, que **direitos não são dados, são conquistados. Eu acho que, nesse sentido, a universidade me possibilitou, né? Porque biblioteca de escola não te ensina isso, né?** (MARCOS, geração anos 2000).

Passado o tempo do estranhamento (COULON, 2008), o jovem vindo da periferia para o centro da cidade, em função de seu ingresso na universidade, especialmente se munido de recursos objetivos e subjetivos para o enfrentamento da vida universitária, tem acesso a lugares e pessoas dantes impensáveis em função de sua posição social de origem. Passa a tecer contatos com diferentes pessoas e mundos, ampliando sobremaneira a sua rede de sociabilidade. Talvez seja possível afirmar que, embora o ingresso num curso superior não signifique, a curto prazo, e, às vezes, nem mesmo a longo prazo, o alcance da independência econômica plena, compreende, contudo, o acesso a um mundo outro. Um mundo rico em "tecnologias culturais", antes desconhecidas ou conhecidas, porém, inacessíveis para o "jovem de periferia", como se autodefine Marcos.

> É isso, recém [ingresso], menino que está na faculdade, tá com pouco dinheiro, vai pra Gerônimo, o que rolar é lucro. Vai pro Porto da Barra, vai pro MAM, vai pra Dinha do MAM, que é uma coisa que são programas legais, são baratos e são legais de se fazer. E tem muita, tem uma galera que tá a fim de fazer isso. Tá a fim de ir para ficar com alguém. **Então a gente começa a ter acesso a cinema, teatro, a concertos musicais, tem todo um conjunto de tecnologias culturais que, quando você está na faculdade, você começa a ter acesso a essas informações.** Porque... por exemplo, o TCA tem uma programação específica, por ser um órgão do estado, tem que ter uma pauta a preço popular, né? Geralmente sai a um real, tem concerto de graça. Mas não tem *outdoor* dizendo isso em Cajazeira. Isso não passa na Transamérica, passa na Educadora. **Mas na faculdade você sabe disso porque tem um cartaz lá em São Lázaro, seus amigos vão, aí te chamam, e isso, um jovem de periferia normal não vai ter acesso porque... de certa forma, as políticas do estado são feitas para que a gente não saiba que existem essas coisas.** (MARCOS, geração anos 2000).

No relato de Marcos fica claro que é a passagem de jovem a estudante que permite, primeiro, ao menino da periferia, o usufruto disso que ele chamou de "tecnologias culturais", segundo, que permite sua inserção no mundo do trabalho ou sua vinculação a algum programa ligado às políticas de ação afirmativa, e que tem como um de seus objetivos centrais, a concessão de bolsa-auxílio para estudantes em situação de vulnerabilidade social.

> **Eu faço parte... eu sou aluno cotista, então eu fiz parte de um projeto de ações afirmativas que a gente iria receber bolsas de 240 reais. Então, antes eu não tinha renda, quando eu entrei na universidade, aí eu comecei a ter essa renda, aí você começa a ter outras possibilidades, porque ficar com pessoas também depende muito do que, dos lugares que você frequenta, não é isso?** Você não vai ficar com alguém interessante se você ficar no mesmo lugar sempre. Pode até ser que aconteça, mas é mais difícil. Eu comecei a sair para show de graça, tipo, eu comecei a descobrir Gerônimo, essas coisinhas assim que todo estudante da UFBA sabe e que nem todo jovem da periferia sabe. **Então, eu comecei a frequentar tipo o MAM, Gerônimo, Rio Vermelho, Largo Dois de Julho,**

> **Biblioteca Central e... a quantidade de pessoas interessantes por metro quadrado é uma coisa espetacular, Porto da Barra, né? Então, tipo assim, o primeiro semestre da faculdade eu comecei a ganhar essa bolsa, né, que era do UNIAFRO.** Eu tomava curso de inglês, de redação, informática, e aí, Luciano era colega meu da graduação, ele também fez parte dessa turma comigo. **E aí a gente começou a ter acesso a essa primeiro dinheirinho, que era pouquinho, mas naquela época, dava pra... eu nunca, sabe que como estudante o dinheiro rende, né? Então, eu comecei a ter acesso a uma nova fonte de renda, e aí depois fiz parte do Permanecer, fui aluno PIBIC, aí depois fui estagiário. Então, na universidade eu comecei a ter acesso a uma remuneração, entende?** (MARCOS, geração anos 2000).

O trabalho ou a bolsa-auxílio, nesse caso, tem "um conteúdo emancipador provisório, indicado pela transitoriedade com que é encarada a necessidade elementar que atende" (FORACCHI, 1965, p. 128), no caso de Marcos: *"aí você começa a ter outras possibilidades, porque ficar com pessoas também depende muito do que, dos lugares que você frequenta."* De qualquer sorte, representa, para esses jovens em particular, a possibilidade de manter-se como estudante, usufruindo de "tecnologias culturais" e de redes relacionais mais amplas e diversificadas. Nas palavras de Marcos, a mudança operada com o ingresso na universidade não diz respeito exatamente a este evento em si, mas àquilo que ele representa em termos de abertura: *"[...] é as possibilidades de... que ser universitário possibilita."* Graças a este "dinheirinho", o jovem pode, ganhando maior isenção frente aos seus vínculos familiares, comportar-se com mais autonomia, no plano da sociabilidade e da sexualidade.

Parcialmente e provisoriamente emancipado, mas frente a um campo aberto de possibilidades relacionais com o ingresso na universidade, Marcos se envolve com várias pessoas em curto espaço de tempo, desenvolvendo, entretanto, com uma delas, desde o primeiro semestre, uma relação amorosa e sexual duradoura que se prolonga até os dias atuais. Conhece ainda uma professora universitária, que mexe com ele mais profundamente, e com quem também vive uma relação de intimidade. Como veremos no trecho que segue, tudo isso acontece em muito pouco tempo, dando mostra dos efeitos que a entrada na universidade produz no domínio da vida afetivo-sexual deste jovem.

> **Aí eu conheci uma professora da UNAC[25] lá** [refere-se a um espaço cultural da cidade bastante frequentado por professores universitários e estudantes de graduação e pós-graduação da UFBA], a gente começou a ficar, a gente começou a se envolver, e aí nesse mesmo, aí, nessa festa eu conheci essa criatura, depois conheci outra criatura, aí eu comecei a me envolver com essas duas pessoas. Aí depois, eu comecei a sair com uma menina de biblioteconomia, foi legal... [sorri], e aí, eu conheci uma menina de letras, que a

[25] Sigla fictícia.

> gente de vez em quando... que a gente ainda tem contato, né... aí eu conheci uma galera de arquitetura... **é, eu namorei um pouquinho...** (MARCOS, geração anos 2000).

Marcos fica enredado por este mundo novo, e nele experimenta muitas experiências transformadoras, em suas palavras: “ninguém entra e sai da universidade da mesma forma”, ainda que, como ele também argumenta, isso não tenha a ver somente com a universidade. A questão é que o ingresso na universidade, ao promover uma ampliação da rede de sociabilidade juvenil: “conheci uma galera”, possibilita ao jovem o contato com parceiros/as amorosos/as e sexuais potenciais, em um momento do curso de vida altamente profícuo para o estabelecimento de relações de intimidade.

Se no que diz respeito à vida universitária, o primeiro tempo equivale a um tempo de estranhamento; no que tange às antigas relações de amizade, esse pode ser um tempo de afastamento ou até de rompimento, muitas vezes em função da transformação inevitável no modo de ver o mundo e de ver-se no mundo. A cena a seguir, também descrita por Marcos, nos ajuda a compreender o que significa a passagem de um jovem da periferia à condição de estudante universitário no atual cenário de mudanças por que passa a universidade pública.

Vale lembrar que, embora sempre tenham existido jovens pobres na universidade (PORTES, 2011), o fato é que somente agora se ampliam as possibilidades de ingresso para esta parcela da população juvenil, que conta hoje com políticas de Ação Afirmativa, cujo objetivo tem sido reverter a lógica exclusivista e exclusionistas que por muito tempo ignorou questões ligadas à entrada e permanência deste segmento jovem no interior da universidade pública. É notório que este (re)posicionamento é ainda não-esperado, causando rupturas não somente no seio da cultura universitária, como têm mostrado trabalhos em torno do tema (CARNEIRO, 2012; REIS, 2013), como também com o ambiente de origem desse novo público estudantil. Uma resposta social de certo modo compreensível em função dos condicionantes sócio-históricos e culturais que têm sustentado, até aqui, a trajetória desse grupo juvenil, numa sociedade ainda tão desigual como a nossa.

> [...] **é que eu tinha acabado de entrar na faculdade, ela era professora universitária, ela tinha carro, e ela era branca** [falou cada uma dessas características pausadamente, como quem quer dar destaque, embora falasse como quem murmura]. **Meus amigos ficavam dizendo que eu mudei**, mas na verdade... é isso, mas é que a galera ficava dizendo que eu mudei, que eu estava metido, mas não era, é que a criatura chegava e ela tinha um outro jeito de se comportar, né? Ela, não eu. Aí é isso. **Acho que, a partir desse momento, quando meus amigos estavam juntos, ficavam procurando algum defeito para colocar,**

> **né? É isso. Acho que ela era um diferencial por isso: porque ela era... [parece ter dificuldade para definir] de outro estrato social. Ela era uma professora universitária...** Eu tinha namorado já com uma menina branca já, mas ela era... não tinha carro, era diferente. (MARCOS, geração anos 2000).

Como bem observa Velho (2008), o projeto – nesse caso o de escolarização superior e tudo o que este implica em termos de alteração da rotina e afastamento do circulo anterior de afetos – será confrontado com a maior ou menor abertura ou fechamento das redes sociais em que se movem seus atores/autores. As pessoas que fazem parte dessas redes podem atuar como inimigos, aliados, ou indiferentes a estes projetos. Assim, poderíamos afirmar que os projetos individuais estarão sempre limitados pelos projetos dos outros sociais com os quais o jovem convive e, mais ainda, pelo projeto social desta generalidade de outros (MEAD, 1962) que é a comunidade ou camada social à qual pertence o indivíduo.

Segundo Velho (2008, p. 30), "por mais esotérico e particular que seja um projeto, tem de se basear em um nível de racionalidade cotidiana em que expectativas mínimas sejam cumpridas." A abertura a novas relações promovida pelo ingresso na universidade, e o possível envolvimento com pessoas de outros estratos sociais podem ser interpretados como um risco para o grupo prévio de amigos. Assim, eles podem reagir "procurando um defeito para colocar", talvez porque saibam do inevitável efeito de mudança que os ambientes e as relações nele tecidas provocam.

Com suas emoções misturadas aos seus novos projetos, Marcos via-se diante de uma tribuna de amigos, esta era a tribuna que deveria sancionar ou não seus sentimentos em relação àquela que era uma "estranha no ninho" – a professora universitária que, pelos seus elementos distintivos: branca, tinha carro e era de outro estrato social – não se enquadrava bem naquele contexto e colocava em perigo a identidade de Marcos, o amigo em inevitável processo de mudança em decorrência de estar "inter-worlds" (LINELL, 2007, p. 613)[26]. Como destaca Velho (2008, p. 31), "um código ético-moral definirá o errado, inadequado, incestuoso, impróprio, sujo, poluído, perigoso que possa haver nos corações e mentes dos homens e nas suas [...] interações." Esse código nem sempre explícito, que regula as pessoas de uma determinada comunidade ou grupo, pode por em questão as relações afetivas que possam vir a colocar em perigo a unidade do

[26] Linell (2007) quer enfatizar, a partir da noção de "inter-world" que o processo de construção de significados não se processa nem no "mundo interno" (subjetivo) nem no "mundo externo" (objetivo), mas na relação entre estes dois mundos. O autor quer evitar que se pense numa subjetividade completa (significados que estão na mente da pessoa) ou num mundo externo e radicalmente objetivo. Quer ressaltar, pois, que os significados são construídos intersubjetivamente, ou seja, inter-mundos.

grupo, mais ainda, os símbolos sobre os quais ele se sustenta e mantém sua coesão.

Tão sensível a esta ambiência universitária quanto os jovens de camadas populares, são as jovens originárias de regiões interioranas do estado, talvez porque estas, em função do afastamento de sua cidade de origem[27], experimentem, ao longo do período de afiliação, uma sensação de desorientação e perdição mais acentuada (LOPEZ, 2011) que os/as jovens residentes na capital. Contudo, quero enfatizar que, se o afastamento da família e a inserção em um ambiente com códigos culturais de interpretação da realidade tão diversos daqueles que até então regulavam e circunscreviam sua vida cotidiana pode gerar esta sensação de desorientação a que se refere LOPEZ (2011), também pode provocar uma virada incontornável na vida dessas jovens de origem interiorana. Em todos os casos e gerações estudadas, observa-se uma experiência de rupture (ZITTOUN, 2009, p. 8), com efeito transformador e libertador no tange à sexualidade.

Em alguns casos, inclusive, esse ambiente, em geral um tanto hostil para quem faz a transição interior-capital, pode se configurar bastante acolhedor, a depender das experiências pregressas do indivíduo em seu contexto de origem, como também da possibilidade de se construir uma rede de sociabilidade ou um grupo de amigos que trabalhem a favor do processo de afiliação do/a jovem à universidade. Júlia, por exemplo, uma jovem da geração mais nova, conta que a entrada no curso de "artes" funcionou como um *turn point* em sua trajetória. Depois de viver o rompimento de um relacionamento amoroso de quase cinco anos com aquele que foi, até ali, o seu primeiro e único parceiro sexual, é no interior da comunidade universitária que ela encontra o suporte e a segurança que lhe permitirão a recondução de sua vida afetiva (por caminhos muito diferentes daqueles traçados antes de iniciar o curso) e da vida estudantil. O rompimento com o namorado coincide no tempo com sua inserção nesse novo contexto.

> **Foi porque a gente terminou mesmo quando eu tinha 24. Eu achava que eu ia morrer, o mundo acabou, nada... sabe, assim. Mas, estudando aqui, né, na escola de "artes", a pessoa tem várias escolas. Escola de "artes" pra vida. E aí eu fui fazer um trabalho que envolvia a sexualidade**. [...] Porque tinham esses laboratórios orgiásticos por conta da montagem [...] aí, tinha disso: você se libertar dos seus monstros, dos seus pudores pra poder se jogar mesmo na montagem. **Começou daí. A partir daí fiquei com muita gente. Não me peça pra contar [sorrisos], não, não gostaria de fazer isso não. Às vezes eu me paro para... não, eu não vou contar não, deixa quieto. Foram três anos bem intensos**. (JÚLIA, geração anos 2000).

Com o término do relacionamento e a entrada na UFBA para cursar artes – uma "escola

[27] Não entrevistei nenhum rapaz oriundo do interior do estado, por isso me refiro somente a jovens do sexo feminino, ou seja, nascidas mulheres.

para a vida", nas palavras de Júlia, a sua formação vai para o primeiro plano, ou seja, torna-se a esfera da experiência dominante, provocando mudanças importantes em outros campos da vida, em particular na esfera das relações afetivo-sexuais: "A partir daí fiquei com muita gente", e complementa a seguir, dizendo que atribui esta ruptura em seu modo de ver o mundo e viver as relações amorosas e sexuais ao curso que escolheu fazer e às experiências promovidas ao longo e no contexto da formação em artes.

> **Acho que é isso. É muito diferente e as pessoas que eu observo dos outros cursos são mais** [faz um gesto com as mãos ao lado do rosto como se as pessoas tivessem uma viseira que as impedem de olhar para os lados], são mais **presas, não se abrem para essas outras possibilidades de relação, de ver o mundo. Eu acho que isso é próprio da escola de "artes"**. (JÚLIA, geração anos 2000).

Assim, se o rompimento do relacionamento com o namorado foi experienciado como uma ruptura, mais ainda o ingresso na faculdade de "artes". Este evento foi o promotor de um longo processo de transição que parece durar até hoje, quando Júlia já se despede da UFBA. Ocorrida a primeira ruptura, ela tem no contexto universitário não apenas o recurso externo (ZITTOUN, 2003) que precisava para prosseguir no fluxo de seu desenvolvimento, como um agente catalizador (CABELL, 2010) ou ambiente que demandava mudanças em seu modo de ver o próprio corpo, o amor, a sexualidade, a profissão, o outro, a diferença, a formação, a vida. Como observa Zittoun (2012), o que é interessante nessas experiências disruptivas é que elas demandam mudanças intransitivas substanciais – processos de ajustamento ou adaptação entre a pessoa e seu ambiente. São estes os processos que chamamos de transições. A partir da perspectiva do curso de vida, rupturas seguidas por transições são momentos de mudanças aceleradas ou catalisadas. E foi justamente isso que experimentou Júlia ao viver, em tão pouco tempo, duas rupturas.

Como mencionei em outro trabalho (URPIA, 2009), "transições envolvem sequências de problema/ruptura, o engajamento do labor representacional conduzindo para alguma resolução/resultado, de tal forma que a ação possa continuar." (ZITTOUN, 2003, p. 417). Confirmando o que diz Cowan (1991), para quem as transições envolvem uma experiência de desequilíbrio e instabilidade, em função das novas exigências e tarefas desenvolvimentais que a pessoa enfrenta quando em transição, Zittoun (2003) destaca que tais rupturas podem ocorrer tanto no mundo interior da pessoa como nos relacionamentos interpessoais, envolvendo um processo complexo de construção de novos significados a fim de alcançar uma nova estabilidade e seguir o curso do desenvolvimento.

As transições, desse modo, constituem-se em ocasiões para o desenvolvimento, e essas ocasiões podem envolver mudanças de várias ordens: a) o desenvolvimento e aquisição de habilidades e conhecimentos específicos, teóricos, práticos e sociais, permitindo que alguém possa agir, comunicar-se, ser legitimado, comportar-se e pensar em uma nova posição; b) a redefinição de identidades ou posições, envolvendo a construção e mobilização de representações do próprio *self* no passado, e de possíveis *selves* no futuro e em um dado contexto sociocultural; e c) a construção de um significado pessoal da transição em si mesma e de todas as experiências que a compõem, assim como a inscrição destes significados em uma narrativa pessoal, mas não necessariamente verbal (ZITTOUN, 2004).

Será preciso, então, um espaço flexível para mudar, e uma "mudança suficientemente boa" deve encontrar-se entre manter o passado e criar a novidade (VALSINER, 2012; ZITTOUN, 2004). Esse processo sempre requer a mobilização de alguma coisa (uma habilidade, um conhecimento) que tenha sido usada no passado para dialogar com o presente, para ser transformada ou usada em um caminho novo. Durante transições, pessoas podem mobilizar diferentes tipos de recursos, sejam eles internos – experiências e habilidades; e/ou externos – pedir uma ajuda, um conselho, ou usar elementos simbólicos, como uma canção. Isso permite à pessoa a construção de novos significados em torno de sua própria experiência (ZITTOUN, 2004). De acordo com a autora, isso demanda muita tentativa e erro ou muitas explorações, necessita, pois, de tempo e espaço.

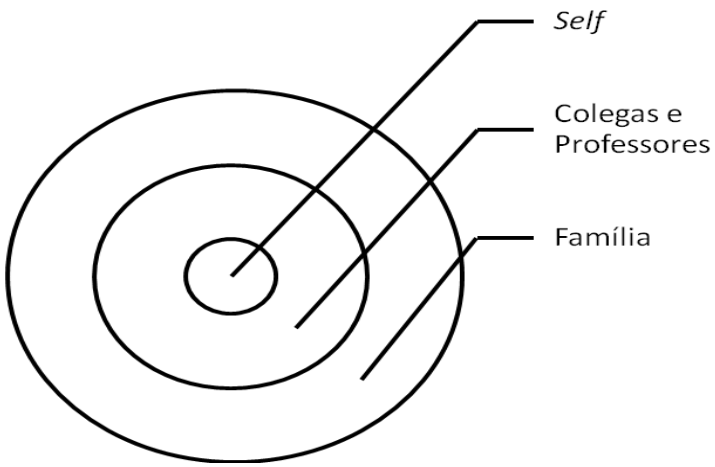
> **Uma grande ruptura foi entrar no curso de "artes". Na faculdade, porque abriu outras janelas, sabe, outras possibilidades de relações afetivas e profissionais** também que ocupam a mente. Me ocupar mais com outras coisas, direcionar as minhas atenções pra outras coisas que não só o lado afetivo, amoroso, sexual. Isso me amparou assim. (JÚLIA, geração anos 2000).

Júlia conta ainda que na escola de "artes", em geral, as turmas são pequenas, e que essa característica permitiu que ela construísse uma relação de muita proximidade/intimidade com colegas e professores. Segundo Pais (2012b), é interessante notar na experiência afetiva e sexual das mais novas gerações que, "Desprovidos de sólidos contextos de confiança assentes na tradição ou em cosmologias religiosas, os jovens sentem necessidade de vinculações pessoais, de um sustento emotivo que lhes permita manter uma confiança na vida." (PAIS, 2012b, p. 149) e encontram isso muitas vezes nas redes de sociabilidade. Para estudar mais profundamente como se organizam essas vinculações juvenis, observando a intensidade que os jovens conferem às relações que fazem parte de sua rede, ele propõe pensar em círculos de afeto (ver figura 2). Esta é

uma estratégia que nos permite uma hierarquização das relações afetivas do jovem, referendada em suas relações concretas e na ideia de que o indivíduo não constrói a sua biografia a seu bel-prazer, ao contrário, o faz em conexão com outros sociais mais ou menos afeiçoados. No trecho que segue, Júlia usa a expressão “relações mais domésticas” para falar da qualidade da relação que passa a construir com professores e colegas da escola de “artes”. Júlia posiciona, assim, os colegas e professores da universidade no seu círculo mais íntimo de relações.

> Até nessa relação de professor e aluno também. **Porque essas relações ficam mais domésticas, o fato de eu ter uma aula na sala da minha casa**. Eu acho que tudo isso... A relação com o corpo, né? **Muda muito**. E eu percebo isso assim, por ter vindo de outro curso, por ter contato muito próximo com pessoas de outros cursos também. A gente troca muita figurinha. **Teve uma menina de engenharia civil que achou um absurdo que na minha sala de aula não tivesse cadeiras**. (JÚLIA, geração anos 2000).

Figura 2 – Hierarquia dos Afetos

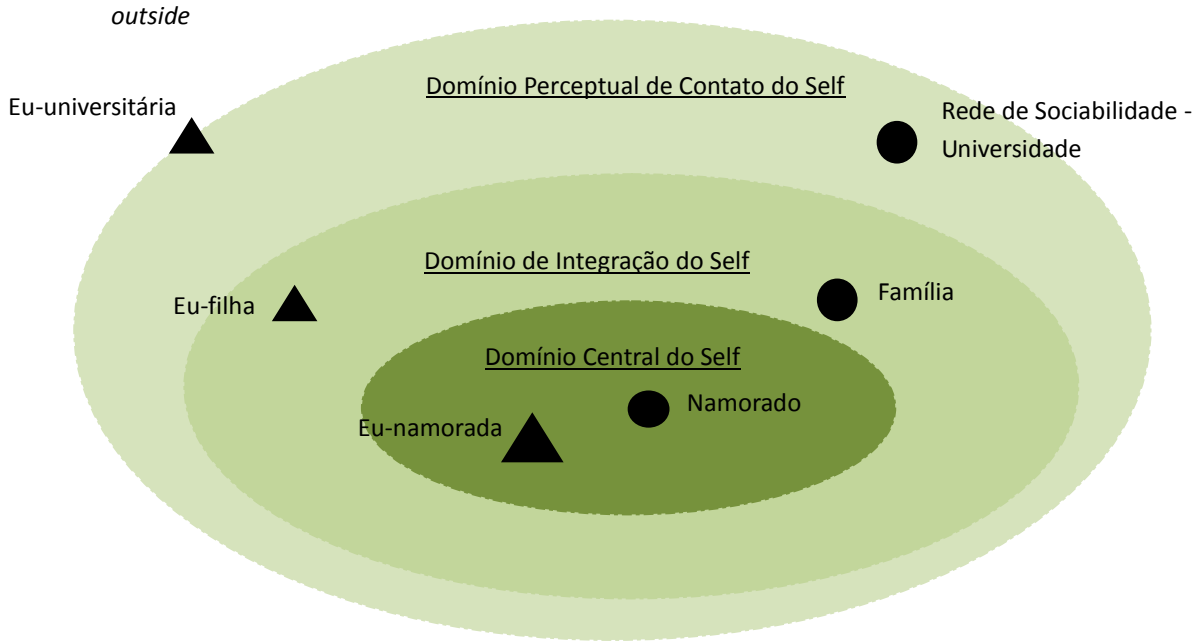


Fonte: Adaptada de Pais (2012b)

Num modelo dialógico e integrativo do *Self*, inspirado em teóricos como Hermans (2001), Abbey (2006) e Lawrence e Valsiner (2003), proponho organizar o círculo de afetos de Júlia antes do ingresso na UFBA da seguinte maneira: o namorado era o afeto mais próximo de Júlia ou, mais integrado ao *self*, por isso está situado no domínio central, com grande influência sobre a jovem, inclusive sobre seus projetos de vida. Em termos de construção identitária, é a posição de Eu-namorada a mais proeminente nesse período. Como ela comenta em dado momento da entrevista, nesse tempo anterior ao curso de artes, a prioridade era o relacionamento com o

namorado, a formação estava em um nível secundário de realização. Embora a esta altura Júlia já tivesse migrado do interior do estado para a capital para fazer pedagogia na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), não havia estabelecido laços e redes de sociabilidade fortes nesse ambiente. É somente quando ela consegue ingressar em UFBA, o curso que sempre desejou, que constrói uma rede social que terá grande influência sobre sua trajetória afetivo-sexual e formativa a partir daí. A família está num domínio intermediário de integração do *self*, como uma espécie de reguladora de sua sexualidade, exercendo ainda alguma influência em termos de valores e projetos no campo da vida afetiva e sexual.

Figura 3 – Afetos e *I-position* predominantes antes da entrada na UFBA

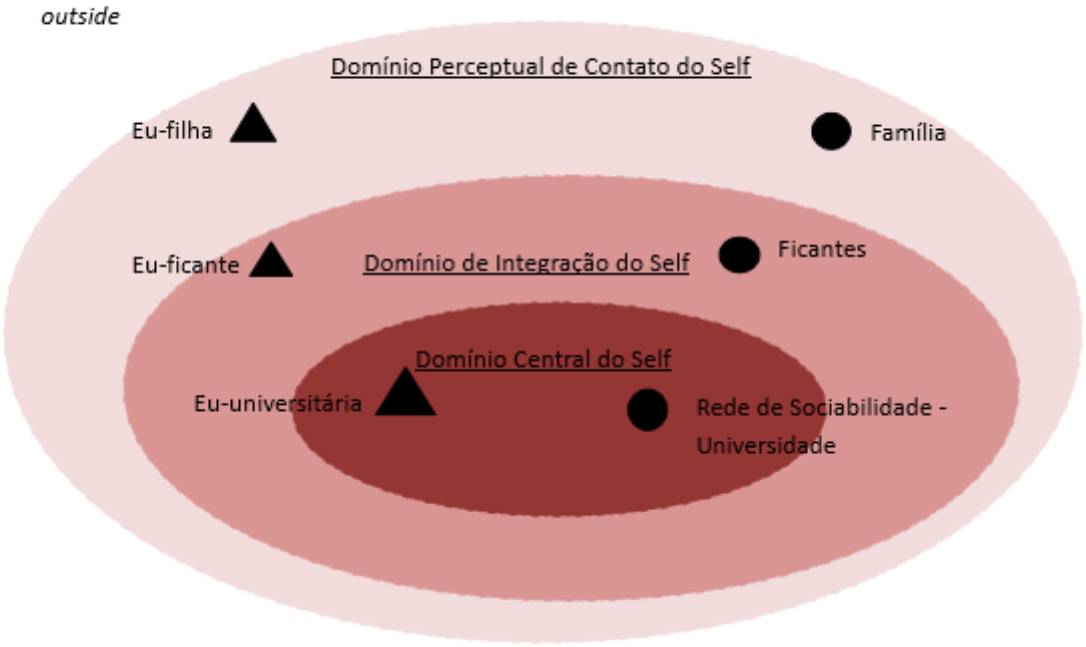


Fonte: Adaptado de Hermans (2001), Abbey (2006) e Lawrence e Valsiner (2003)

Sua entrada na UFBA provoca um reposicionamento total em seu círculo de afetos, colocando em primeiro plano, ou, no domínio central do *self*, as pessoas pertencentes ao contexto universitário. Em contato continuado com estes novos afetos, ela repensa uma série de valores, sentimentos, concepções, práticas, e projetos no campo da vida afetiva e formativa. Em termos identitários, é a posição Eu-universitária a mais proeminente nesse período. A família é posicionada mais para as margens, ou para o que estou chamando de *domínio perceptual de contato*, exercendo muito pouca influência sobre Júlia. Como observa Lins de Barros (2004) em

uma pesquisa com estudantes de serviço social de uma universidade do Rio de Janeiro, os/as estudantes, especialmente aqueles/as de camadas sociais menos privilegiadas, ao entrar na universidade, fazem um afastamento progressivo do mundo familiar e da vizinhança. Nesta pesquisa, as estudantes de serviço social empregam o termo “Mundinho” para traçar o contraste entre o mundo familiar e da comunidade de pertença, e o universo aberto de múltiplas possibilidades, que a experiência na universidade lhes oferece, experiência essa marcada pelo diálogo com múltiplos Outros.

Figura 4 - Afetos e *I-positions* predominantes após a entrada na UFBA



Fonte: Adaptado de Hermans (2001), Abbey (2006) e Lawrence e Valsiner (2003)

Para jovens como Júlia, oriundas de regiões interioranas do estado, a entrada na universidade provoca um afastamento tão grande da família de origem, e, por conseguinte, de valores e concepções até ali alimentados sobre a vida, que a dimensão das sociabilidades construídas nesse novo contexto ganha centralidade, refazendo ou contestando muitos conceitos aprendidos no seio da família. É a partir desta nova rede de relacionamentos que Júlia faz uma verdadeira reconfiguração de si, reposicionando-se frente a diversos assuntos ligados à vida afetivo-sexual. Assim, quando pergunto se ela percebeu mudanças em suas concepções e práticas no campo da sexualidade pós-ingresso na universidade, ela responde:

> **Sim, provocou. É... por exemplo, me fez repensar valores como a fidelidade. Esse valor, a fidelidade, que é uma coisa que destrói relações afetivas, por exemplo**. Eu tive experiências que me fizeram repensar, sabe, o que é fidelidade? Fazer sexo com uma pessoa dois dias, e aí você tá sendo infiel, você tá sendo desleal porque você tá com uma pessoa hoje, mas você tem uma relação sólida com outra pessoa? **Antes da UFBA, antes desse curso, eu pensava de um jeito. Depois de observar e até de participar mesmo dessa experiência [da montagem], aí eu acho que já comecei a pensar de outro jeito**. (JÚLIA, geração anos 2000).

É nesse sentido que Pais (2012b, p. 151) sublinha: "[...] a identidade de um 'eu-reconfigurado' é uma identidade compósita, produto de múltiplas socializações e reconfigurações [...]", o que significa dizer que o processo de individualização juvenil não é um fenômeno apartado de formações sociais e comunitárias de identificação.

Em seu relato, a universidade aparece, sem dúvida, como um importante contexto de identificações, a partir do que entra em contato frequente com uma generalidade de outros (MEAD, 1962) que terão grande influência na construção de seu *self*-adulto. Importante pontuar, porém, que aquilo que foi experienciado por Júlia na escola de "artes" não é generalizável para outros *campi*. Como Júlia enfatiza, a universidade não é uma comunidade homogênea, influenciando a todos do mesmo modo e na mesma intensidade, antes, existem muitas *culturas universitárias* e não uma única. A inserção em uma dada cultura universitária pode mudar muita coisa na vida de um/a jovem, o que pode não ocorrer de forma tão intensa em outra cultura ou com outra pessoa.

Guardadas as devidas distâncias entre as culturas juvenis dos diferentes *campi* da UFBA, o fato é que, em todos os relatos, o ingresso na universidade aparece como o evento deflagrador/provocador do alargamento experimentado na rede de sociabilidade juvenil, ainda que alguns laços não sejam tecidos no interior da cultura universitária ou que as amizades ou os afetos ali nascidos não fiquem, necessariamente, presos a este cenário de origem. Saindo dos muros da instituição ou explorando espaços outros dentro desta, as amizades se ampliam, se diversificam, ganham novos componentes, se fazem e refazem, sem deixar de guardar relações com seu ambiente gerador ou promotor.

Para onde quer que o/a jovem vá, leva consigo "a marca de ser um estudante universitário", uma marca distintiva e, como veremos mais adiante, atrativa, a partir da qual congrega outros em suas peregrinações, muitas vezes também ligados a este contexto. O/A estudante universitário/a é como um/a peregrino/a a explorar novos espaços de sociabilidade e liberdade. Essa construção de

novos laços de amizade pode ser sentida pelo/a jovem como uma ruptura, possivelmente por aquilo que uma relação desse tipo pode possibilitar em termos de abertura para o mundo, a depender dos condicionantes sociais associados à origem desse jovem estudante. Joana, uma estudante universitária nos anos 60/70, vive uma experiência desse tipo, e descreve muito bem como esses grupos de amigos se formam. Ela conta sobre o "momento fundador" (BIDART, 1997, p. 302) de uma amizade grupal construída no contexto mais amplo da vida universitária, esse que se expande para além dos muros da instituição, uma amizade que dura até hoje em sua experiência de adultez.

> **Nesse festival de artes em São Bartolomeu, eu fui com dois ou três amigos, uma pessoa que eu dividia apartamento, mais uns dois amigos dela, que eram amigos meus já de tanto frequentar o apartamento, e fomos para esse festival de artes. Era um festival de rua, era muito bonito, hoje eu não vejo mais um festival desse tipo.** Eu me lembro do grupo de Benvindo Siqueira, era ator, e nessa época ele morava aqui na Bahia, era da escola de teatro, [...], e a gente ficou seguindo esse grupo de teatro de rua, eles trocavam de roupa na rua, tocavam, encenavam, e... botavam as pessoas pra participar e depois saíam cantando. **Nisso, eu acompanhava esse bando, e, nessa confusão, encontrei um amigo que foi meu colega de ginásio, no interior, que estava com um grupo de colegas de matemática daqui da universidade. Nisso, a gente ficou junto. Juntou o bando. Se a gente tava seguindo um bando, a gente juntou outro bando pra seguir também.** Um dos caras que estava com a gente tocava muito bem timbau, então terminou entrando naquele esquema daquele teatro de rua, aí a gente continuou, ou seguia o bando ou parava pra tomar um banho de cachoeira numa bica que encontramos no meio do mato, todo mundo junto, ou pra ir num barzinho tomar cerveja, cantar. E aí foi um final de semana maravilhoso. (JOANA, geração anos 60/70).

Como observa Bidart (1997), as amizades têm como ponto de partida um "momento fundador". Algumas surgem em uma situação de crise, outras, em situações de efervescência coletiva, como numa festa de rua como esta descrita por Joana. São momentos ou circunstâncias descritas como "à parte" do social, quer dizer, de sua rotina, de seu tempo, de suas regras. Trata-se de uma situação marcada pela excepcionalidade, e que tende, por isso mesmo, a apagar os marcadores sociais de diferença. Não é que esteja livre dos papéis e códigos sociais, como sublinha Bidart (1997), mas, simplesmente, que estes não são os mesmos em relação aos quais o indivíduo está habituado. Ele deve adaptar-se a outro sistema de valores e hierarquias ao formar um grupo de amigos. O ponto comum entre estes "contextos de nascimento" é o fato de se constituírem em cenas "à parte" em relação à vida cotidiana, com suas próprias regras, seus modos de sociabilidade, suas normas relacionais.

Esses momentos não são constituídos sobre a "vida normativa" e os papéis predeterminados socialmente, são menos estáveis, fixos, impostos. Simplesmente, estas normas e

papéis estão defasados em relação à vida cotidiana, são diferentes da ordem corrente e da vida em sociedade. É nesse sentido que a gente pode falar numa situação excepcional, que põe em xeque os papéis usuais e as respostas socialmente instituídas, os marcadores e as divisões habituais. Eles criam uma situação de incerteza, de subversão temporária, muito favorável à aproximação fundada sobre a interindividualidade. A amizade encontra, assim, um ambiente despojado, favorável à expressão e à percepção das qualidades pessoais daqueles que possivelmente se tornarão grandes amigos (BIDART, 1997).

> Foi tão maravilhoso que esse grupo que a gente conheceu disse: "olha, vamos o próximo final de semana para Praia do Forte, e aí, vocês vão também? Topam?" Eu disse: "quero". **A partir dali foi uma ruptura. A ruptura foi assim, esse grupo que ficou amigo e que é muito grudado, ficamos muito tempo assim, até hoje somos um pouco assim. Só que cada um casou, teve filhos, separou, voltou, sei lá... cada um foi tendo uma vida, mas a gente ainda tem uma ligação muito forte.** Então, a partir daí, a gente formou um grupo, eu e mais algumas pessoas de arquitetura, hoje, agora, agora estou me lembrando de três, além de mim, três, e o resto todo de engenharia. **E aí, a gandaia foi total.** A partir daí a gente fez muuuita coisa. Muito passeio, muito acampamento, viciamos em acampamento. (JOANA, geração anos 60/70).

Joana descreve com perfeição não somente o momento fundador dos laços que construiu quando ainda estava na condição de estudante universitária, como as principais características daquilo que poderíamos chamar, de acordo com Giner (1995), amizade grupal. Giner (1995) observa que nas sociedades complexas, a amizade tende a ser descrita como uma relação diádica, não obstante, junto a este tipo de relação, coexistam outros modos de amizade, tais como o modelo de amizade grupal. Para além das diferenças que separam as distintas variantes desse tipo de amizade, é possível discernir uma série de elementos comuns: 1) características da vinculação: a pertença a um grupo de amigos tem sempre um caráter voluntário, mas, em geral, este se encontra limitado por razões de sexo, idade, posição social e lugar de origem dos indivíduos; 2) qualidade da amizade: seus membros se reconhecem entre si como iguais, e ademais se encontram unidos por vínculos de reciprocidade, confiança e ajuda mútua; 3) sentimento de pertença: está sempre presente em todos os grupos amicais, ainda que em graus de intensidade variáveis; 4) visibilidade: os grupos de amigos gozam sempre de algum tipo de reconhecimento social, em parte isso se deve ao fato de que a maioria de suas atividades se desenrolam em espaços públicos, seja na rua, em bares, ou em outros locais destinados ao ócio e à diversão; 5) atividades: implicam, no mínimo, o desenvolvimento da sociabilidade informal e o desfrute do tempo livre; 6) dinamismo: os grupos de amigos não são fixos e imutáveis, ao contrário, sofrem

transformações no tempo que têm a ver com as mudanças no ciclo vital de seus membros (GINER, 1995). Esse modelo de amizade é muito comum na juventude e, como tentarei mostrar, na experiência do/a estudante universitário/a, independentemente da geração. Parece ser a própria condição de estudante universitário/a, e, portanto, de aspirante a membro ou de membro da cultura universitária, que permite ao/à jovem esse tipo de vivência juvenil agregadora, exploratória, libertária e crítica, com forte potencial transformador.

Na posição de mulher vinda do interior para estudar na capital, criada com o rigor que à época era destinado à educação doméstica das pessoas nascidas mulheres, Joana, a participante dos anos 60/70 acima citada, encontrou em seu grupo de amigos: sentimento de pertença, vinculação, reciprocidade, diversão, e, sobretudo, o espaço ideal e digno de sua confiança, para escapar da repressão que sofria em função de seu gênero, exercitando a liberdade tão desejada [porque cerceada] pelas mulheres da sua geração. Joana pôde fazer isso principalmente porque, quando ingressou na universidade, o regime ditatorial já estava perdendo a sua força, e as amizades voltavam a ser possíveis no cenário da vida universitária. Para mulheres como Antônia, a realidade encontrada foi muito diferente. Sua entrada na universidade coincide com o período de maior repressão conhecido na história da universidade pública brasileira. Assim, quando lhe pergunto: *Você considera que a passagem pela universidade provocou mudanças nessa dimensão da vida, a dimensão da vida afetivo-sexual, ou em outras dimensões?* – ela responde oferecendo o quadro social e histórico que sustenta a sua experiência geracional:

> Olha, na minha avaliação, não foi propriamente a vida na universidade, porque eu estudei engenharia, **engenharia era um campo de concentração nazista.** Eu conheci o diretor no dia da formatura. Você não conseguia ter bons relacionamentos com os colegas. Quando você... eu me lembro que eu fiz amizade com um colega, que eu não tinha muita amizade, eu era extremamente tímida, mas aconteceu, né? Pelo fato de ser boa aluna, alguém me procurou. Eu sei que fomos à cantina, conversamos um pouco, daí a pouco, aí outra pessoa me disse: "olha, fulano é dedo duro, você está correndo risco de estar se aproximando dele, ele está aqui só para observar quem tem tendências esquerdistas." Pronto, eu já me amedrontei, e já não quis mais. Tentei outra amizade, a mesma coisa. Aquele período era muito triste. **Eu cheguei a descobrir, depois, que eu fui professora, um ofício de um diretor, aos alunos, que dizia assim: "De ordem do magnífico reitor, são proibidas no interior dessa faculdade reuniões com mais de três estudantes." Então nesse tempo você não tinha integração dentro da faculdade.** Então, não dava para você receber influências. Entendeu? (ANTÔNIA, geração anos 60/70).

Como observa Vieira (2009), as manifestações e inquietações que abalaram o mundo no ano de 1968 – "ano que não terminou" (VENTURA, 2006), tiveram sua vertente brasileira. Este ano nos faz ver, paradoxalmente, que "[...] há determinados momentos da história em que uma

constelação de fatos e circunstâncias cria condições propícias a mudanças. Pode suceder, contudo, que forças de conservação igualmente fortes, concorram para impedir as transformações." (VIEIRA, 2009, p. 137). Ao afirmar que "engenharia era um campo de concentração nazista", Antônia se refere a estas forças conservadoras que, não obstante o movimento de mudança que se precipitava, pretendiam conter os ânimos daqueles que, pela própria condição – de estudante – têm em mãos o potencial de revolucionar. Nas palavras de Foracchi (1965, p. 220), o estudante universitário "[...] apreende as limitações sociais da sua condição de estudante enquanto categoria vinculada à classe média ascendente [...]", mas não é especificamente contra os limites de sua situação de classe que ele luta, antes, contra a estrutura que a mantém. Com receio de uma rebelião estudantil, limitam-se as possibilidades de contato via cerceamento da ampliação da rede de sociabilidade juvenil, efetuam-se controles sobre os corpos, sem lograr, contudo, que o/a jovem abra mão de buscar no outro o laço necessário para dar concretude não apenas à sua luta contra a repressão, mas à sua identidade. É entre os pares que os/as jovens "brincam de espelho": olham-se, avaliam-se, perguntam-se sobre si mesmos, diferenciam-se uns dos outros, encontrando um "lugar" para chamar de seu, mesmo que provisório, em um mundo em constante mudança.

> **O que eu achei que foi muito importante na minha vida, para minha abertura, foi a residência. Porque lá éramos 116, cobrindo toda uma variedade de cursos da universidade, e que você fazia amizade, conversava com algumas, não com todas, não é? E, tinha algumas mais libertárias, e que você admirava, né? Tinha umas militantes. E, outra coisa que me influenciou muito foi o movimento político.** Estava na época do movimento político, então eu aproveitei, período de férias, eu estudava bastante, passava por média, então minhas férias eram bem longas, e aí eu caía na estrada, ia na base do dedão, da carona, e assim eu viajei até o extremo sul do Brasil, eu e meu companheiro, mas que não chegava a ser um namorado não. (ANTÔNIA, geração anos 60/70).

Antônia conta que, a partir dessa ambiência fornecida pela residência universitária, pôde notar que, embora muitas mudanças no que diz respeito à liberação sexual já tivessem ganhado terreno no Brasil, aliado ao discurso feminista e à chegada da pílula anticoncepcional, era ainda pequeno o percentual de meninas que haviam aderido ao novo modelo de expressão da sexualidade feminina. A grande maioria das meninas ainda se comportava a partir do que ela chamou de modelo "mamãe mandou". Antônia, contudo, se identificava mesmo era com aquelas "mais libertinas", que em seu rincão interiorano seriam chamadas de "galinhas" ou "programistas". A vida na cidade, de fato, parece abrir um campo de possibilidades de atuação para a jovem mulher, independentemente da geração estudada, mas o seu potencial libertador parece ter seus

efeitos ampliados no caso daquelas que viveram a juventude ao longo dos anos 60/70, imersas em códigos de gênero em transformação, mas ainda altamente desiguais.

> **Era um percentual de uns 20%, mas estas acabavam tendo muita influência sobre mim, porque eu gostava muito de gente diferente.** Quando eu estudava no interior, por exemplo, aquelas meninas mais namoradeiras eram chamadas de programistas, de galinhas, etc., e **eram as que eu achava mais interessantes para bater papo, né?** (ANTÔNIA, geração anos 60/70).

Se não era possível que se estabelecessem contatos e relações de sociabilidade no contexto mais formal da vida estudantil, encontravam-se artifícios outros para que este contato fosse a efeito. A própria condição de jovem e estudante abria brechas para a experimentação da sociabilidade e da liberdade em outros campos, como a residência universitária ou o movimento político-estudantil. É assim que, lembrando Vieira (2009), quando argumenta que, ao lado do componente político de base anarquista e comunista presente nas manifestações de maio de 68 na França, existiu também um forte movimento de contestação dos valores estabelecidos, disseminando ideias de amor livre e de igualdade entre sexos, Laura, jovem no auge da ditadura militar no Brasil, responde à seguinte pergunta: *Você chegou na universidade em 70. Como é que estava a universidade nessa época? O que é que você viveu lá dentro?*

> **Anos 70 foi o ano do AI5 Ato Institucional nº 5, que fazia com que as universidades fossem totalmente policiadas, a gente não tinha mais aula, por exemplo, numa unidade só,** você tinha matemática, você estudava no instituto de matemática, você tinha estatística, estudava no instituto de matemática, geografia nas ciências humanas, OSPB... Você não tinha, na verdade, uma sala de aula sua, com um grupo identitário, você participava de vários grupos, **porque foi um propósito da ditadura militar fazer com que não houvesse grupos identitários e conseguiram fazer isso com a Reforma Universitária. Porque essa nossa história da época da ditadura, de fato foi uma coerção na vida estudantil muito grande, muito forte. Mas ao mesmo tempo, foi uma universidade onde começou a surgir um pouco do movimento hippie, um pouco do movimento paz e amor. Aí assim, a sexualidade que Rita Lee colocava, todo mundo queria ir para a banheira de espuma, né?** (LAURA, geração anos 60/70).

Como quem constrói uma teoria para explicar aquilo que viveu na época da juventude, possivelmente sem que pudesse ter dimensão de seu significado, Laura, jovem nos anos 60/70, porém da capital e pertencente aos segmentos médios da sociedade brasileira, continua sua narrativa. Nela estão contidas reflexões importantes que encontram ressonância em trabalhos como o de Romanelli (1995), cujo cenário é o período pós-anos 50, quando a sociedade brasileira vive um processo de modernização marcado pela implantação do regime militar. Romanelli (1995)

lembra que, sob o abrigo do regime militar, no período posterior a 64, época em que Laura e Antônia viveram a juventude e experimentaram a vida universitária, o país assiste a um surto de crescimento econômico, que, no entanto, beneficia apenas parte dos segmentos médios da sociedade brasileira, segmento que fez parte do estudo do pesquisador.

Ao lado da distribuição desigual da renda, a modernização funda-se sobre um regime de repressão política e pela forte censura de condutas divergentes em relação aos modelos dominantes. Contudo, sublinha Romanelli (1995), em consonância com a argumentação desenvolvida por Laura: no plano da sociabilidade e no plano normativo, surge outra face das mudanças sociais, aquela que se configura como recusa à tradição e às formas convencionais de conduta. A modernidade cultural abre espaço ao novo, seja na esfera das relações parentais, afetivo-sexuais, ou conjugais, ainda que a disposição para incorporar os elementos inovadores da modernidade cultural não tenha sido homogênea, nem mesmo no interior das camadas médias da sociedade brasileira.

> Porque era gostoso, **porque já que tinha tanta repressão, o sexo era uma forma de você dar vazão àquilo que, na nossa fase, [...] de geração ainda mudando os valores entre sexo e ideologia, é como se fosse uma forma de você sublimar a subversão ideológica através do sexo. E aí entramos na fase das drogas, da maconha**, que era uma coisa comum pra todo mundo nas festinhas, muitos amigos da gente iam além da maconha, já naquela época, e, **fomos uma geração de beber.** (LAURA, geração anos 60/70).

Se a ditadura militar pretendeu estabelecer normas estritas de convivência entre os estudantes, a fim evitar associação e contágio, resultado inevitável da sociabilidade, conseguiu apenas em parte alcançar esse efeito – nos espaços formais da vida universitária: não pôde calar o desejo de mudança e liberdade que foi ganhando expressão não somente nos movimentos político-estudantis organizados, como na arte, uma importante estratégia política e recurso simbólico (ZITTOUN, 2006), tradução dos silêncios não silenciáveis da juventude de uma época. As canções se misturavam aos amigos, que se misturavam aos amores, que se misturavam àquela luta orgulhosa e sofrida por uma universidade e um Brasil diferente, um Brasil com Reforma Universitária, sim, esta era necessária e os/as estudantes sabiam e já vinham lutando por ela, mas não uma reforma imposta.

> […] porque a reforma foi, a reforma encomendada, elaborada pelo acordo MEC-USAID, e os grandes ideólogos dessa reforma eram pedagogos, pensadores norte-americanos, então nós éramos sumariamente contrários. Os professores estavam... (?) e também insuflavam os alunos. **Então, nós não queríamos uma reforma imposta, nós queríamos que a**

> **reforma fosse feita por pensadores brasileiros que tinham na época, muitos importantes, né? Mas, o foco central mesmo era a derrubada da ditadura, né?** Era o combate à ditadura. Nessa época houve um Congresso da UNE, um Congresso que era proibido da UNE, onde quase todos os estudantes foram presos, cassados. (ANTÔNIA, geração anos 60/70).

> **Porque além da coisa da faculdade, do movimento estudantil, político, tinha isso que eu falo da boemia. Agora era uma coisa diferente, era uma boemia de cantar músicas dessa natureza, entendeu? Chico Buarque... que todo mundo aprendia, eu tinha meu caderninho, e a gente fazia da boemia um ambiente cultural**, com certeza, a gente não era vazio em nada, a gente era muito responsável intelectualmente pelas coisas, a discussão, até para se afirmar, quem lia Tolstoi **Quem lia... essas coisas de comunismo e marxismo era assim o admirado**, todo mundo. Então, sempre tinha um que sabia mais que todos e que influenciava: "leia não sei o quê". **A gente foi do Pasquim** (quer dizer que liam o Pasquim), **do Jornal Pasquim, da imprensa marrom, como a gente chamava, e foi de muita leitura, não foi só... de uma boemia... Era uma boemia que cantava, porque era afetivo, mas era uma boemia intelectual, entende?** Então, eu acho que nossa geração foi irresponsável com muitas coisas, mas não deixou de se responsabilizar pelo sério, não. **A gente era sério!** Eu acho... (LAURA, geração anos 60/70).

Poderíamos destacar inúmeros aspectos desse trecho da narrativa de Laura, mas prefiro ficar ou começar com esta última frase: "A gente era sério!". Quero enfatizá-la porque ela parece conter a reivindicação desses grupos etários que ainda não passaram pela adultez e que, por isso, não são levados a sério: a infância e a juventude. Foracchi (1965) chama a atenção disso quando retoma as argumentações estudantis em torno da Reforma Universitária de 68. Segundo a autora (1965), uma estratégia usada pelas camadas interessadas em sustar as reivindicações estudantis em torno da Reforma Universitária em discussão na época, era "recusar sentido à transformação do jovem em estudante", interpretando a atuação dos/as universitários/as dentro dos moldes que supõem caracterizar o comportamento juvenil mais geral: impulsividade, falta de experiência, etc.

A assertiva de Laura e tudo o que vem antes dela, nos mostra a seriedade da ação estudantil daquela época, ao mesmo tempo em que deseja esclarecer que o fato de o jovem misturar poesia com revolução, boemia com intelectualidade, amizade com amor, não significa que sejam pouco sérios. Aliás, é nos desvios possíveis do fazer arte, que se produz entre curvas, entre coisas, numa incertude certeira, lembrando Manoel de Barros (2010, p. 319) e seu gosto pela "doença das frases", que se pode fazer luta política com canção e "escrever nem uma coisa, nem outra, a fim de dizer todas" (BARROS, 2010, p. 264). São essas as coisas ditas, não-ditas e mal-ditas que estão gravadas em canções como *Alegria, Alegria*, lembrada por Laura com emoção quando peço que cite uma canção que marcou sua trajetória.

Alegria, Alegria

Caetano Veloso

Caminhando contra o vento
Sem lenço e sem documento
No sol de quase dezembro
Eu vou

O sol se reparte em crimes
Espaçonaves, guerrilhas
Em cardinales bonitas
Eu vou

Em caras de presidentes
Em grandes beijos de amor
Em dentes, pernas, bandeiras
Bomba e Brigitte Bardot

O sol nas bancas de revista
Me enche de alegria e preguiça
Quem lê tanta notícia
Eu vou

Por entre fotos e nomes
Os olhos cheios de cores
O peito cheio de amores vãos
Eu vou
Por que não, por que não

Ela pensa em casamento
E eu nunca mais fui à escola
Sem lenço e sem documento
Eu vou

Eu tomo uma Coca-Cola
Ela pensa em casamento
E uma canção me consola
Eu vou

Por entre fotos e nomes
Sem livros e sem fuzil
Sem fome, sem telefone
No coração do Brasil

Ela nem sabe até pensei
Em cantar na televisão
O sol é tão bonito
Eu vou

Sem lenço, sem documento
Nada no bolso ou nas mãos
Eu quero seguir vivendo, amor
Eu vou

Por que não, por que não
Por que não, por que não
Por que não, por que não
Por que não, por que não

As músicas, e as canções, em particular, são constitutivas desse tipo de relação que se estabelece na juventude e que costumamos chamar de amizade grupal, mas também podem se configurar como importante "recurso simbólico" (ZITTOUN, 2006, p. 101) nos processos de constituição do casal amoroso. Elas estão quase sempre associadas aos encontros dos grupos juvenis, que nelas não apenas se expressam como se inspiram. Inspiram-se para dar concretude às suas lutas políticas, bem como para tecer as suas relações amorosas e sexuais. Algumas vezes funcionam como um verdadeiro elixir, ou uma espécie de mediadora semiótica (ZITTOUN, 2006), capaz de oferecer ao jovem os elementos necessários para dizer ao outro do seu amor, ou para tornar este outro o seu parceiro ideal. Independentemente do grupo geracional, a música se apresenta como um recurso que possibilita ao jovem, a um só tempo: expressar-se, relacionar-se, inspirar-se, apoderar-se de si mesmo e do mundo à sua volta, tecendo sonhos de transformação como estes que ecoam no refrão da canção de Caetano Veloso: "Por que não, porque não..." Pode ser também o elemento que não apenas ajuda na fundação, como também na manutenção da coesão dos grupos de amigos.

> **Ah, tem várias! Os festivais interessantes que eu fui... por exemplo, caminhando contra o vento.. *Alegria, alegria* é pra mim até hoje de chorar, porque eu lembro de Caetano e quando eu vejo...e todo mundo aplaudindo. Eu acho fantástica, essa música é linda.** A outra... tem muitas, Milton Nascimento que foi pra mim muito tocante, que até hoje eu... Tem a de **Geraldo Vandré, "Quem sabe faz a hora, não espera acontecer"... Isso era um hino. Eu fui muito dessas músicas brasileiras, muitas. Roberto Carlos passava batido, mas não deixava de ter umas bonitas, mas a gente, na época, como se achava intelectual, subestimava um pouco Roberto Carlos. [...] Eu gostava mais de Chico Buarque**, as músicas de Chico eu sabia todas, eu tinha todos os LP, na época eram os LP, bolachão. *Sabiá, Olê Olá, Não chore ainda não, que eu tenho a impressão que o samba vem aí*, umas coisas que são lindas que até hoje, se você... É uma lista de coisas, tem muita música que me toca [...] **eu fazia caderninho de música, da época, eu era, fazia, tinha caderno de música para a gente cantar. Porque eu gostava das rodadas dos violeiros, tem uma história, esse primeiro [namorado] que eu falei, esse penúltimo era também violeiro, e o meu marido atual também é. Aí tem um amigo meu que falava assim: "tocou violão, você abre as pernas".** (LAURA, geração anos 60/70).

Laura traz vários elementos interessantes nesse trecho de sua narrativa, primeiro destaca de sua lembrança inúmeras canções, representativas de um grupo geracional, aquele dos anos 60/70, mas, sobretudo, de um grupo geracional seleto. Como ela pondera: *"Roberto Carlos passava*

batido, mas não deixava de ter umas bonitas, mas a gente, na época, como se achava intelectual, subestimava um pouco Roberto Carlos. [...] Eu gostava mais de Chico Buarque [...].” Os jovens portadores de capital cultural intelectual “não gostavam” de Roberto Carlos, ou não podiam gostar de Roberto, porque sua identificação deveria ser com a crítica da sociedade e a luta política expressa nas canções de Caetano e Chico. Depois, lembra com graça da fala de seu amigo, que observa a sua tendência a apaixonar-se por músicos, por rapazes que tocavam violão. Mas devo sublinhar, como ela o fará em outro momento de sua narrativa: não bastava ser violeiro, era necessário adicionar a este atributo, um outro: “ser intelectual”. Ela conta, por exemplo, que acaba por terminar um namoro com um rapaz que, segundo os termos de seu tempo, a havia “desvirginado”, porque lhe faltava este atributo que, após o ingresso na universidade, lhe parecia fundamental. Como ela fez questão de argumentar na citação anterior, *“Era uma boemia que cantava, porque era afetivo, mas era uma boemia intelectual, entende? Então, eu acho que nossa geração foi irresponsável com muitas coisas, mas não deixou de se responsabilizar pelo sério não.”* O violão tinha que vir acompanhado de um projeto de ascensão social via intelectualidade, critério de escolha amorosa que só vai se configurando a partir de sua inserção no cenário da universidade.

5.1 SOCIABILIDADES E SEXUALIDADES: UMA JANELA NA PAISAGEM UNIVERSITÁRIA

Vou mostrando como sou e vou sendo como posso.
Jogando meu corpo no mundo,
andando por todos os cantos
e pela lei natural dos encontros,
eu deixo e recebo um tanto. [...]
No que sigo o meu caminho
e no ar que fez e assistiu.
Abra um parêntese,
não esqueça que independente disso
eu não passo de um malandro.
De um moleque do Brasil,
que peço e dou esmolas.
Mas ando e penso sempre com mais de um,
por isso ninguém vê minha sacola.
Os Novos Baianos

Na condição de estrangeiro, era mesmo necessário, como diz a música de Os Novos Baianos rememorada por Manuel, jovem de camada popular que havia aportado em “terras universitárias”,

campus de São Lázaro[28]: “jogar o corpo ao vento”, “andando por todos os cantos” até que “pela lei geral dos encontros”, pudesse conhecer a “língua nativa”, estabelecer contatos, construir uma rede de sociabilidade e experimentar um mundo novo no campo da sexualidade, com toda a “gula e curiosidade” emprestada a esta fase da vida. Foi a entrevista com Manuel que me confrontou com a intrincada relação entre sociabilidades e sexualidades juvenis.

> **Foi uma situação na verdade movida a gula e curiosidade. De sair de um momento de expectativa, de reserva, de conhecer as pessoas, e aí você com o tempo vai conhecendo as pessoas como amigas, e aí você começa a descobrir que essas amizades podem gerar outros tipos de situações prazerosas do ponto de vista sexual**. Eu não tinha o menor hábito de fazer sexo com meus amigos fora da universidade, e aqui dentro eu descobri, pelo menos nesse período que eu vivi, que a gente poderia, como aconteceu não só comigo, como com outros colegas meus, numa sexta-feira sair ou aqui dentro mesmo, fazer sexo com as pessoas, e na segunda-feira você encontrar [essas mesmas pessoas], e [agir] como se você tivesse só conversado com elas. Então, isso gerou e abriu um leque de opções. (MANUEL, geração anos 2000).

Como observa Bidart (1997), ao invés de ser identificado como indivíduo “à parte”, sobre a base de referências contidas exclusivamente na sua pessoa e separada do mundo, o amigo na juventude é integrado a esse mundo. A amizade é, para o jovem, “[...] como uma janela aberta para a paisagem, uma janela construída, assim, nessa paisagem, sem ruptura.” (BIDART, 1997, p. 238). A partilha de atividades comuns, a circulação nos ambientes habituais são constitutivas da relação. É assim que Manuel, “jogando seu corpo” no mundo das atividades cotidianas da vida universitária, cria uma nova rede de sociabilidade e faz amigos/as. São estes novos laços que lhe abrem a janela a que se refere Bidart (1997), uma janela construída na paisagem universitária, em estreita conexão com esse ambiente, agora habitual para Manuel e seus amigos/as. É a partir desta nova rede de sociabilidade que se inicia, na vida de Manuel, uma ampla fase de experimentação na esfera da vida afetivo-sexual. Bidart (1997), em pesquisa realizada na França com a população jovem, identificou que na juventude, os amigos estão, na maior parte do tempo, misturados aos namorados/as, todos incluídos em grupos relativamente indiferenciados e “nebulosos”, inscritos em atividades comuns. Os/as amigos/as e amores dos/as jovens comumente nascem em função da proximidade das circunstâncias, das atrações e afinidades espontâneas e impalpáveis (um *feeling*), assim como de atrativos simplesmente físicos.

Na realidade, a entrevista de Manuel cumpriu o papel de fechar a *gestalt*, aberta desde as

[28] O Campus de São Lázaro agrega os cursos de Filosofia, História, Sociologia, Psicologia e Serviço Social, e é conhecido pelo clima de liberdade e respeito à diversidade que lhe são característicos.

primeiras entrevistas realizadas, quando indícios desse entrelaçamento me levavam a antever a necessidade de dar uma atenção especial às recorrentes referências ao domínio da sociabilidade juvenil. A entrevista de Joana, jovem universitária nos anos 1970, foi uma das primeiras a me fornecer esses indícios. Sua narrativa muitas vezes dava tamanha ênfase aos círculos de amizade construídos com o ingresso na universidade, que eu tinha que fazer um esforço, no meio de todas aquelas referências à vida com os amigos, para encontrar, como sugere Kauffman (1996), referindo-se à entrevista compreensiva, a "boa pergunta", nesse caso, aquela que me levaria de volta ao tema central da pesquisa – a sexualidade, sem que para isso eu tivesse que renunciar a uma escuta atenta à sua narrativa, incorrendo no erro de desconsiderar essas pistas discursivas que acabaram por dar às amizades um lugar de destaque nesta tese.

Foi a escuta compreensiva (KAUFMANN, 1996) dessas trajetórias, ou seja, o trabalho de campo e de produção de dados, que me confrontou de maneira incontornável com esta realidade – a ligação estreita entre as esferas das relações de amizade e a esfera das relações amorosas e sexuais na vida juvenil. Ligação já anunciada, porém pouco explorada em profundidade e complexidade pela literatura científica sobre sexualidade na juventude, que também investe incipientemente no fato de que estas relações são extremamente sensíveis aos seus "contextos de nascimento" (BIDART, 1997).

5.1.1 "Ando sempre e penso com mais de um": amigos e amores

A trajetória de Manuel nos traz muitos elementos para pensar neste entrelaçamento. Este jovem conta que aos 21 anos ingressou na universidade. Em suas memórias afetivas, um trecho da canção de Os Novos Baianos fala muito de sua história e nos aproxima do significado da sociabilidade em Simmel (1991): *"ando sempre e penso com mais de um, por isso ninguém vê minha sacola* [...]*"*. Poderíamos entender a sacola ("que ninguém vê", ou que as relações de amizade, em alguma medida, fazem desaparecer) como aquilo que cada jovem traz, em termos de posição em um sistema social que implica poder, utilidade e prestígio. A sociabilidade cria, por assim dizer, um mundo sociologicamente ideal. No ideal de amizade evocado por Simmel (1991), que define a sociabilidade como a "forma lúdica da socialização", estas contingências sociais não podem se superimpor (BIDART, 1997) ao simples prazer de estar junto. Nesse caso específico, ao fato de pertencer, a partir de então, ao círculo de recém-chegados nesse mundo novo, e para

alguns, tão mágico quanto estranho, que é a vida universitária, especialmente para um jovem de camada popular.

> […] le monde de la sociabilité, le seul où une démocratie de l'égalité em droits est possible sans frictions, est un monde artificiel, constitué d'êtres qui souhaitent établir exclusivement entre eux des actions réciproques entièrement pures, qui ne soient perturbées pour ainsi dire par aucune référence matérielle. (SIMMEL, 1991, p. 128).

Vale ressaltar, como bem pontua Simmel (1991), que o mundo da sociabilidade, onde a democracia da igualdade de direitos é possível sem atritos, é um mundo artificialmente construído e mantido graças a ações recíprocas orientadas por qualidades pessoais de amabilidade, educação e cordialidade. Obviamente, esse mundo ideal e essa ludicidade que se fazem ver na esfera da sociabilidade juvenil tornam-se possíveis graças ao apagamento, consciente ou inconsciente, de certos elementos pessoais/sociais pouco adequados segundo a definição que o/a ator/atriz social faz das situações de interação com as quais se defronta no cenário da vida universitária. Ou seja, graças à capacidade que os atores sociais têm de agir em função do ambiente que eles percebem, das situações que devem enfrentar.

Os novos estudantes, segundo Coulon (2008), têm de definir, de forma permanente, as novas situações que enfrentam ao entrar na universidade, o que, a meu ver, envolve não apenas os aspectos da vida institucional, amplamente abordados por Coulon (2008) em sua pesquisa, mas também aqueles da vida relacional mais ou menos íntima que se produz no interior da universidade ou em suas margens, e em função do ingresso nesta instituição. Aspectos que dizem respeito ao que Goffman (2011) chama de interação ou comportamento face a face. Segundo esse autor, o código ritual da interação face a face requer um equilíbrio delicado, que envolve o/a ator/atriz numa espécie de diplomacia de preservação da fachada que, de um lado, conta, para sua operação, com um acordo tácito para agir através da linguagem social das dicas, de outro, com um esforço permanente de montagem e manutenção de uma determinada imagem de eu. Para Goffman (2011, p. 15), “a fachada da pessoa claramente é algo que não está alojado dentro ou sobre seu corpo, mas sim algo localizado difusamente no fluxo de eventos no encontro.”

“Sempre com mais de um”, ou seja, sempre em seu círculo de amizades ou em sua nova rede de sociabilidade, Manuel experimenta, no primeiro semestre na universidade, uma experiência de ruptura. Segundo Zittoun (2012), não obstante seja possível pedir aos participantes da pesquisa para que relatem experiências vividas como rupturas ou eventos considerados

socialmente como disruptivos, o próprio pesquisador pode identificá-los através de alguns indícios oferecidos na narrativa dos/das participantes. Ela refere-se a expressões tais como as usadas por Manuel: “momento de disparo”, “o estopim”, “isso é um *baque”*, que sugerem que a experiência foi um “*rupture point*” ou um ponto de bifurcação na trajetória de vida do indivíduo.

> [...] eu sei te dizer **o momento de disparo**, o momento onde essa coisa realmente deslanchou. Eu estava com os amigos no bar, três meninas, duas meninas, éramos três, quatro caras, tal. E aí eu tava namoriscando com uma das meninas separadamente, e aí todas as outras pessoas foram para o banheiro do bar que a gente estava, [...] aí, a porta foi aberta basicamente, e aí eu vi realmente a coisa acontecendo, e aquilo foi **o estopim** para: **“Eu amo muito tudo isso”!** (sorriu) E aí foi realmente a partir daí que as coisas começaram a deslanchar. **Isso foi logo no início, no primeiro semestre, isso é um back.** Eu, um rapaz da região interiorana, muito tempo sem fazer sexo, com uma visão diferente de sexo, toda bonitinha, e aí chegar e encontrar certo número de pessoas fazendo sexo juntas [...]. **Realmente é marcante, eu não vou esquecer essa cena**. (MANUEL, geração anos 2000).

Manuel descreve bem o contexto onde “a coisa realmente deslanchou”. Ele “estava com os amigos no bar”, ou seja, estava sob o “impulso da sociabilidade” (SIMMEL, 1991, p. 124), funcionando no registro do círculo de amigos. Segundo Simmel (1997), nos círculos sociais, ou “círculos de afeto”, como propõe Pais (2012b), cada membro vê ao outro, não de um modo puramente empírico, senão sobre o fundamento de um *a priori* que esse círculo impõe a todos os que dele participam. Esse é o cenário onde Manuel é chamado a concluir *“Eu amo muito tudo isso*”, e a desejar seguir agindo no registro que, de algum modo, “o círculo lhe impunha” – ou seja, a partir daquele campo de significados no que tange à vida afetivo-sexual. “Ao menos durante um tempo”, como ele comenta em outro ponto da entrevista, demonstrando reflexividade e agência nesse processo. A partir desse evento, ele passa a ter uma vida sexual intensamente ativa.

Importante sublinhar, entretanto, que esta virada na vida sexual de Manuel não aconteceu unicamente porque ele se encontrava sob o efeito da convivência com os membros de seu novo círculo de amizades. Observem que o jovem refere-se a um conjunto de fatores que, possivelmente agregados ao evento por ele descrito como marcante, também o impulsionaram, àquela altura de sua trajetória juvenil, a permitir-se experimentar novos comportamentos na esfera da vida afetivo-sexual: “um rapaz da região interiorana”, “muito tempo sem fazer sexo”, etc. Como asseveram Abbey e Valsiner (2005), todo processo de construção de significados criado no presente pelo indivíduo em situações de mudança, integra elementos do passado em relação a um futuro que nunca é inteiramente determinado pelo presente.

Ao entrar na universidade, Manuel parece encontrar as condições necessárias, porém não suficientes (CABELL, 2010, 2011a, 2011b), para mudar o rumo de sua trajetória na esfera da vida afetivo-sexual. Tendo experimentado, em suas palavras, um "buraco gigantesco" após a sua primeira relação sexual, um período de "secura drástica" em termos de experiências afetivo-sexuais, uma "reclusão afetiva" fortemente influenciada por sua orientação religiosa naquele tempo, e, ainda, bem próximo a seu ingresso na universidade, o que ele chama de uma "escalada trágica" de namoros com três meninas virgens, tendo relações sexuais apenas com a última das três, reunia elementos importantes que (inter)atuaram no sentido da mudança.

O agente catalizador (CABELL, 2011a, 2011b) que atuou como um *helper* naquele momento de ruptura[29], a meu ver, foi o sentimento compartilhado/generalizado de liberdade (que funcionou como um signo de tipo campo)[30] presente na atmosfera do *campus* universitário em que Manuel fez a sua formação e construiu seus novos laços de amizade. Referindo-se ao tempo da universidade, ele diz: "lembro da liberdade..., sexual, da liberdade de pensamento", foi este o catalizador semiótico que possibilitou ao jovem a reconstrução de seu sistema de significados, que havia "*bottomed out*", questionado por suas experiências no campo de experiência cruzada de vida que é a universidade. A canção de Arnaldo Antunes, escolhida por Júlia quando pergunto se houve alguma canção marcante no curso de sua trajetória, pode ajudar a compreender o campo que se abre ao/à jovem quando este/a ingressa na universidade, mas não apenas isso, também pode nos permitir vislumbrar aquilo que ele/ela precisará, talvez, deixar para trás, ao inserir-se em novos códigos de interpretação da realidade. "*Vai sem direção, vai ser livre, a tristeza não, não resiste, joga os seus cabelos no vento e não olhe pra trás, ouça o barulhinho no peito que o tempo faz, faça a sua dor dançar, atenção para escutar esse movimento que traz paz*."

Nesse ponto, faço um parêntese para falar do uso que Júlia e Manuel fizeram desse recurso simbólico que é a música, no curso de suas experiências de ruptura-transição mobilizadas a partir do ingresso na universidade. De acordo com Zittoun (2006), rupturas podem impor uma suspensão

---

[29] Vale a pena lembrar aqui o conceito de ruptura. Rupturas são momentos em que modos de ajustamento progressivo são interrompidos e podem ser resultantes de fatores internos ou externos. Elas usualmente constituem pontos de bifurcação em uma trajetória de vida (SATO; VALSINER, 2010; ZITTOUN, 2012), são momentos de mudanças aceleradas ou catalizadas (ZITTOUN, 2012). Quando uma ruptura ocorre, e o sistema de significados individuais "bottom out", alguns processos precisam ser ativados a fim de que se inicie a re-construção do sistema de significados e uma nova estabilidade psicológica seja produzida. Esta é a função do **semiótic catalyzers** (CABELL, 2011a, 2011b).

[30] Para Valsiner (2012) e Cabell (2010), *signos tipo campo* são concepções/representações mentais estruturadas no espaço e no tempo, e que colorem toda a nossa experiência, mesmo se pouco definida, orientando-a num ou noutro sentido (sem necessariamente determiná-la).

do sentido de continuidade da pessoa. Em função disso, o trabalho de transição pode requerer processos microgenéticos que permitam a restauração do sistema psicológico, enquanto a pessoa em processo de mudança consente que novas formas de regularidade emerjam. Nessas situações, pois, é muito comum que pessoas, em particular pessoas jovens, façam uso de recursos simbólicos – tais como romances, cartas, seriados, novelas, canções, etc., que podem atuar tanto sobre os relacionamentos interpessoais quanto sobre os relacionamentos intrapessoais, ou seja, sobre o próprio *self*. Estes recursos simbólicos podem ser usados retrospectivamente, microgeneticamente ou prospectivamente.

Como mencionei anteriormente, Júlia tinha terminado um namoro de anos quando ingressou na universidade. Ao falar sobre a música que marcou sua trajetória, deixa ver que faz dela um uso preponderantemente prospectivo, como quem busca projetar-se no futuro, operando um afastamento dessa difícil experiência de ruptura. A canção é um convite para que Júlia se aventure em novas direções, ampliando suas experiências de vida na "janela aberta na paisagem universitária". Segundo ela, *"A letra já diz, né? Assim... desencana [fala em tom de graça e sorri]. Não vale a pena ficar..."*. Zittoun (2006), citando Valsiner (2000), explica que os signos podem ser vistos como dispositivos que atuam dentro de três principais orientações temporais. Eles podem re-presentar (*re-present*) facetas de experiências já vividas; podem co-apresentar (*co-present*) algo que está sendo vivido atualmente; e pré-apresentar (*pre-present*) possíveis experiências futuras. A canção escolhida por Júlia faz esse papel de pré-apresentação de um futuro que está por vir, caso ela "não olhe para trás". Um futuro incerto ("vai sem direção"), mas um futuro que acena com a liberdade, ambiência na qual a tristeza (resultante da perda do seu objeto de amor) não resiste. Nesse sentido, poderíamos dizer que Júlia faz também um uso microgenético desse recurso simbólico, visto que este também atua, nesse caso, fazendo uma ponte do passado imediato para o futuro imediato. A canção lhe permite pendular de suas memórias de experiências culturais passadas (junto ao ex-namorado) para um futuro que está por chegar, se ela aceitar como condição abrir mão do passado seguro e aceitar certa margem de incerteza implícita na mudança. Nesse sentido, poderíamos dizer que a música atua como um regulador semiótico (CABELL, 2010), permitindo que Júlia ultrapasse o patamar da ruptura e faça a transição para outro ponto de estabilidade em seu sistema psicológico.

Mas voltemos a Manuel quando ele explica por que a música *Mistério do Planeta* teria marcado tão fortemente sua trajetória.

Manuel – **É porque essa música, ela era... um dos motivos é a própria letra, que é sensacional. É, a letra em si, ela fala das trocas, né... de não andar sozinho, "ando sempre com mais de um, por isso ninguém vê minha sacola", é muito linda! Era cantada muito nas festas. A gente cantava loucamente... é linda, linda!** Toda vez que eu escuto essa música – "O Mistério do Planeta", que é de Os Novos Baianos, quem canta é Paulinho Boca de Cantor, desse CD – *Acabou Chorare*. **Eu me lembro da vida universitária, lembro de tudo, lembro da liberdade, sexual, da liberdade de pensamento. É linda, linda, toda vez que eu escuto eu me encanto mais.** Perdão eu não lembrar da letra toda agora, sou ruim, musicalmente falando, mas quando eu escuto, vou acompanhando, assim de cabeça, você me pegou de surpresa, porque na verdade, você me pegou de surpresa.

Ana – Você lembra a situação em que você ouviu ou cantou essa música pela primeira vez?

Manuel **– A primeira vez foi... eu já tinha ouvido algumas vezes, mas foi numa festa lá no Pátio Raul Seixas, quando o Pátio Raul Seixas era legal.**

Ana – Você pegou o Pátio Raul Seixas em funcionamento.

Manuel – Peguei em funcionamento. **Pulsante!** E aí, numa das festas que eu fui, uma das primeiras logo, a gente tava junto tomando cerveja em uma das mesas, alguns sentados no banco, outros na própria mesa, e aí, uma menina, acho que fazia serviço social, tomou o microfone. Serviço social não, ciências sociais, ela pegou o microfone e cantou, e a gente... loucamente [fala como se ainda estivesse lá, dando a impressão de que a imagem ainda estava muito viva numa memória que a meu ver é emocional]. Eu não sabia a letra toda ainda, mas já conhecia. **A galera cantando abraçada, feliz da vida.**

Manuel parece ter feito ao menos três usos diferentes deste recurso simbólico: um uso intrapsíquico de teor lúdico e confortador, um uso sobre os relacionamentos interpessoais (que foram se tecendo também por intermédio desta canção mobilizadora), um uso retrospectivo (perceptível quando ele diz que ao escutá-la hoje, lembra-se da vida universitária e de tudo que ela representa para ele: "liberdade sexual", "liberdade de pensamento"). Deter-me-ei, contudo, no uso feito sobre os relacionamentos interpessoais, visto que parece ter sido o mais proeminente, e aquele que nos permite, aqui, dar continuidade à discussão central desta seção – sociabilidades e sexualidades: *"É, a letra em si, ela fala das trocas, né... de não andar sozinho, 'ando sempre com mais de um, por isso ninguém vê minha sacola', é muito linda! Era cantada muito nas festas. A gente cantava loucamente... é linda, linda!".*

A canção de Os Novos Baianos, como vimos, deu margem e acompanhou a construção de um círculo de afetos fundamental para o alcance da liberdade que Manuel tanto almejava, mas que só toma corpo na ambiência libertária de São Lázaro. Conhecido como *Campus* de São Lázaro, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, este *campus* reúne, como dito anteriormente, os cursos de Ciências Sociais, Filosofia, História, Serviço Social, Museologia e Psicologia. O ambiente é, sem dúvida, um cenário onde a liberdade do pensar é a atmosfera geral, sustentada obviamente por uma intersubjetividade emocional, antes que cognitiva (CRAIB, 1998). Nesse ponto, vale a pena lembrar uma importante observação de Bidart (1997, p. 52) no que diz respeito àquilo que chama de "os terrenos da amizade". Para a autora, as relações em geral, e as de amizade, em particular, não nascem "*n'importe où*" (BIDART, 1997, p. 52), nem procedem de qualquer lugar. Certos cenários, certos lugares, certos meios e situações, certos "solos ou terrenos" são relativamente mais favoráveis à construção de laços interpessoais de amizade. Consideramos que o contexto universitário é um desses ambientes potenciais. Importante observar é que decorre disso o fato de que essas relações permanecem, por longo tempo, orientadas por estes contextos de nascimento a partir dos quais se originaram (BIDART, 1997).

Importa notar que Manuel o tempo todo destaca a força que a canção de *Os Novos Baianos* teve na construção de uma experiência de vinculação que se estende não apenas aos colegas da universidade – *"Eu não sabia a letra toda ainda, mas já conhecia. A galera cantando abraçada, feliz da vida." –,* mas à ambiência e vida universitária que, desde a sua perspectiva, pulsava (de pulso, pulsação, coração – órgão do corpo que no senso comum está associado à vida afetiva) no pátio Raul Seixas, tão bem quanto em toda a "São Lázaro" – *"Eu me lembro da vida universitária, lembro de tudo, lembro da liberdade, sexual, da liberdade de pensamento. É linda, linda, toda vez que eu escuto eu me encanto mais."*

Júlia, estudante do *campus* de artes, usa a seguinte expressão para referir-se ao pessoal dos cursos de artes e, em particular, aos "estudantes de São Lázaro": "*legalife*". Quando pergunto para Júlia o que quer dizer, ela responde: "*Um povo assim mais desprendido, mais permissivo a outras possibilidades de relação, não?*" É possível que este ambiente potencialmente "mais permissivo", mais aberto, eu diria, tenha sido, de fato, um dos elementos (não o único) propulsores ou um dos agentes catalíticos das mudanças experimentadas por Manuel. Ele conta que, ao ingressar nessa nova esfera da vida – a universidade –, sentiu-se como se estivesse (em termos afetivo-sexuais) diante de uma "mesa farta".

> **[...] em determinado momento da universidade, sobretudo quando você entra, até meados do curso, você, enfim, você entra como se você chegasse numa cozinha e você encontrasse uma mesa farta de alimentos que você pode escolher qualquer coisa pra comer.** Então, realmente acontece esse desregramento. Fiz coisas e participei de coisas que acredito eu que se eu não entrasse na universidade, fora daqui acho que eu não veria, pode ser que não, pode ser preconceito meu, mas eu acho que fora daqui eu não veria. (MANUEL, geração anos 2000).

Importante observar, contudo, que essas mudanças no comportamento afetivo-sexual de Manuel não ocorreram sem algum nível de estranhamento. Ele conta que, a partir da quinta ou sexta-feira, costumava sair com o grupo de amigos e amigas que havia feito na universidade. Nessas circunstâncias, experimentavam-se sexualmente. Na segunda-feira, agiam, entretanto, como se nada tivesse ocorrido entre eles. Quando pergunto a Manuel como se sentia ao ver novamente os colegas no início de cada semana, ele diz*: "No começo eu fiquei assim meio estranho, pensando... eu estranhei um pouco: 'Cara, como é que eu vou olhar para a cara das pessoas hoje'. Mas com o tempo a gente se habituou assim, e aí a gente encarava com naturalidade, não comentava..."*

Como observa Valsiner (2009), a todo momento existe incerteza sobre a continuidade das condições ambientais imediatas – conduzindo ao pré-ajustamento do indivíduo ao contexto. A pergunta que Manuel faz a si mesmo quando imagina ter que encarar como colegas as mesmas pessoas com as quais havia tido experiências sexuais no fim de semana, bem como o silêncio (segredo) do grupo, responde a essa necessidade humana de, frente a situações de incerteza e ambiguidade, produzir significados que permitam ao indivíduo agir de forma "adequada" às demandas de cada cenário. Isso, por certo, envolve aquilo que Goffman (2012) chamou de *schemata*, sistemas interpretativos prévios que dão ao ator social "garantias" de manutenção da coerência entre o cenário, a aparência e a maneira. A pergunta: "como é que vou olhar para a cara das pessoas hoje" poderia ser interpretada da seguinte maneira: com que "fachada" devo me apresentar ao lado destes mesmos atores, porém em um cenário diferente daquele em que estávamos ontem? – um processo psicológico que envolve um diálogo entre diferentes posições de eu, e que busca encontrar significados que permitam à pessoa um posicionamento adequado para a situação em questão, um processo de regulação intrapessoal que conduz à certa estabilidade.

Inserido nesse campo de significados onde a liberdade era o ponto de orientação fundamental – um signo promotor (VALSINER, 2012), Manuel segue tendo várias experiências afetivo-sexuais em que explora, como nunca antes, a sua criatividade e flexibilidade na esfera da sexualidade. Segue mudando, reflete Manuel, mas não somente no domínio das práticas: também,

e talvez principalmente, no domínio das concepções acerca do sexo e da sexualidade. “E eu acho que essa mudança, ela não é só prática, [...] a maneira de você enxergar o sexo e a sexualidade, eu acho que ela muda, pelo menos pra mim, foi muito modificada.” No seu percurso como jovem universitário, contudo, esta não seria a sua única experiência de mudança.

5.1.2 “Abra um parêntese, eu não passo de um moleque do Brasil”

Desde o início, uma das nossas grandes questões motivadoras era saber qual o peso do ingresso na universidade nos processos de mudança ligados à esfera da vida afetivo-sexual juvenil. Perguntávamo-nos, dada a implicação da pesquisa com os estudos sobre universidade, quanto aos efeitos dessa passagem na trajetória amorosa e sexual dos jovens em seus distintos contextos geracionais. Os/as jovens participantes da pesquisa, longe de nos fornecerem respostas do tipo sim ou não, nos punham frente a um emaranhado de relações complexas apontando para diferentes processos de mudança. O que ficou cada vez mais claro foi o fato de que o ingresso na universidade guarda um enorme potencial transformador simplesmente pelo fato de que exige do jovem ingressante um movimento, às vezes mais, às vezes menos amplo, de deslocamento ou reposicionamento espacial e simbólico. Ao deslocar-se, o/a jovem se vê imerso/a não exatamente em *um* novo mundo, mas em uma *diversidade* de mundos com os quais passa a ter que dialogar. É, sobretudo, a impossibilidade de uma vivência monológica no seio da universidade que impõe ao/à jovem um conjunto de mudanças, mais ou menos disruptivas. Mas é preciso lembrar que num diálogo os interlocutores podem estabelecer entre si tanto relações de coordenação e reciprocidade, como de assimetria, de modo que a tensão é inerente ao ato comunicacional.

> Em uma sociedade complexa moderna os mapas de orientação para a vida social são particularmente ambíguos, tortuosos e contraditórios. A construção da identidade e a elaboração de projetos individuais são feitas dentro de um contexto em que diferentes “mundos” ou esferas da vida social se interpenetram, se misturam e muitas vezes entram em conflito. (VELHO, 2008, p. 36).

Diante desses “diferentes mundos”, o/a jovem, particularmente o de camada social popular e a jovem oriunda de regiões interioranas do estado, independentemente da sua posição geracional, oscilam entre o estranhamento e o encantamento. De qualquer sorte, o fato é que esta passagem se traduz sempre em mudanças, que não estão restritas, obviamente, à esfera da vida afetivo-sexual. O projeto de ascensão social via escolarização, mais ou menos consciente, e que

nem sempre se concretiza a contento, envolve, no mínimo, uma experiência de mudança de *status*, às vezes pelo simples fato de ter passado no vestibular. Mudança com efeitos objetivos e subjetivos que não se deve desconsiderar, pois expressam a tensão existente no processo de individualização, e que corresponde à experiência que nos constitui como humanos: aquela de viver, ao mesmo tempo, a experiência de ser parte de um todo predefinido com um mapa social e culturalmente delineado, mas com certa margem de manobra no desempenho de papéis e na exploração e criação de novas alternativas de ação (VELHO, 2008). Assim, Marcos responde à pergunta da pesquisa que diz respeito às mudanças de percepções, práticas e planos após o ingresso na universidade.

> **[…] eu não tenho filho hoje não é porque eu sou estéril, é porque eu desde sempre eu tinha essa preocupação, mas na faculdade eu acho que reforçou... Claro que se você anda com cachaceiro, você vai falar de cachaça, né? Se você anda com pessoas que estudam, você vai falar de estudo, né? Eu acho que isso ajuda, então, tipo, hoje a perspectiva, hoje, minha sobrinha é universitária também.** Eu sou o primeiro estudante de minha família a entrar numa federal, já tinham pessoas formadas, mas, em particulares. **Então, eu sou o primeiro a entrar numa faculdade pública, a segunda é minha sobrinha, que foi minha aluna, eu fui professor dela de história no cursinho.** É minha sobrinha, que é filha de meu irmão que mora perto de mim, é tipo, eu moro em cima da casa de meu irmão, que mora embaixo. **Acho que em questão de perspectiva foi bom pra mostrar para esse núcleo mais próximo, que é possível ir mais.** (MARCOS, geração anos 2000)**.**

Segundo Marcos, o ingresso na universidade significou uma maior consciência em torno de suas práticas na esfera da vida afetivo-sexual, bem como se traduziu em um compromisso de mudança mais amplo no sentido de mostrar à sua comunidade de origem, que "é possível ir mais" longe. Deixa claro que ele já tinha essas preocupações em mente, mas que elas foram reforçadas pelo fato de que, ao entrar na universidade, construiu uma rede de sociabilidade com interesses de ascensão via estudo, o que lhe ajudou a manter seus projetos iniciais, ampliando ainda mais seu raio de visão frente ao seu passado, presente e, sobretudo, frente ao seu futuro.

Para José, jovem de camada popular nos anos 1960/1970, tal como para Manuel e Marcos, o ingresso na universidade também representou mudanças importantes, particularmente em seu *status* frente às meninas de sua comunidade. O diálogo abaixo é um bom exemplo do que significava a entrada de um jovem de família pobre na universidade pública dessa época. Como será possível notar, antes mesmo que José pudesse assumir a posição de estudante universitário, ou seja, passar pelo ritual de afiliação e ser admitido como membro dessa nova cultura (COULON, 2008), já começava a ser posicionado em outro lugar no seio de sua comunidade, mais

precisamente, no plano simbólico dessa comunidade. Pergunto a José: E quando você entrou na universidade, como é que ficou a sua vida afetivo-sexual? Teve alguma mudança?

José – Teve sim. De facilidade, né? Porque o fato de saber... as pessoas, inclusive pessoas que eu não tinha nenhum relacionamento, mas quando me viram cabelo raspado, boina, aquele negócio todo, aí o relacionamento fluiu. Pessoas do bairro mesmo. Uma facilidade incrível. Lembro que no carnaval eu ouvia as pessoas: "passou no vestibular", coisas desse tipo, né? Isso foi um facilitador, né?

Ana – Pra arranjar namorada?

José – É, exatamente. Inclusive pessoas conhecidas que esnobavam a gente, né?

Ana – E aí, com a entrada na universidade, você ganhou *status*, é isso?

José – É, foi exatamente isso. Não foi nem porque nós quiséssemos, foi natural, tipo: valorizou porque o cara entrou na universidade. Muitas esnobavam a gente, aquelas que tinham dinheiro. Era um bairro de classe média baixa, tipo: "vai ser doutor", aquele lance, né? A leitura é essa.

Ana – Você então entra na universidade e as meninas começam a olhar para você de um jeito diferente, é isso?

José – É, exatamente.

Obviamente o que José observa no olhar das outras pessoas, e particularmente no olhar das meninas, não diz respeito exatamente ao alcance de uma meta estritamente objetiva em sua trajetória de vida – o ingresso na universidade, antes ao significado simbólico desse evento objetivo. As expectativas sociais postas sobre um jovem pobre e negro, de bairro periférico, não incluíam, de modo algum, o ingresso na universidade e um futuro como "doutor". No cenário e no imaginário sociocultural da época, o ingresso na universidade estava associado à ocupação de uma posição concreta na vida social: a posição de doutor, por isso "a leitura é essa": "vai ser doutor". Uma posição que, àquela altura, era praticamente impensável para um jovem posicionado às margens dos privilégios sociais garantidos aos jovens de outras camadas sociais. Esse contexto era reservado aos jovens brancos de camadas médias e altas, e não aos pobres e negros. Como observa Foracchi (1972, p. 119), referindo-se exatamente a este período de 1960/1970, "Não há como negar uma definida composição de classe privilegiada, que faz da condição estudantil uma condição socialmente favorecida. A universidade é, ao mesmo tempo, uma instituição de elite e uma instituição de classe." Nesse sentido, ela pouco contribui para a democratização social do país

– isso vem mudando – e acaba por privilegiar e manter um tipo de cultura e um tipo de participação social e cultural em moldes de classe (FORACCHI, 1972). Somente escutando relatos como os de José, aliado aos de Manuel e Marcos, da geração mais nova, é que podemos dimensionar o impacto do processo de democratização da educação superior em curso hoje no Brasil na vida de jovens pertencentes às camadas sociais menos privilegiadas do ponto de vista socioeconômico. É retomando, porém, as atualíssimas palavras de Foracchi (1972), que podemos compreender as barreiras simbólicas que estes precisam transpor quando ingressam nesse cenário historicamente destinado às elites.

Interessante observar, com o auxílio da canção que inicia nossa discussão sobre sociabilidades e sexualidades, que, embora o ingresso na universidade não represente mudanças objetivas e imediatas de posição social na vida dos jovens de camada popular – "abra um parêntese, não esqueça que eu não passo de um malandro, um moleque do Brasil" –, significa, porém, mudança de posicionamento. O ingresso na universidade opera um (re)posicionamento desses sujeitos no campo simbólico das relações interpessoais, que por sua vez permite aos jovens responder a esses novos olhares a partir da demanda que eles lhes endereçam: como um pessoa diferente. Ainda que, em alguma medida, seja importante "ser o mesmo" à custa de se perder os antigos vínculos de afeto, como ocorreu em dado momento com Marcos. A figura 5 tenta resumir o processo de reposicionamento operado quando um jovem de camada popular consegue entrar no cenário da vida universitária e fazer um curso superior.

José, ao fazer a passagem para a universidade, havia cumprido um dos passos necessários não apenas ao rito de afiliação a que se refere Coulon (2008), mas ao "rito de branqueamento", parafraseando Miskolci (2012), que lhe garantiria acesso a um novo *status*, não exatamente um novo *status* social – objetivamente alcançado, mas um novo *status* na dimensão do imaginário coletivo. Este rito lhe permite o "desvencilhamento" das imagens que lhe estavam associadas antes do ingresso neste novo cenário e esfera da experiência. Imagens que o remetiam a um passado algumas vezes esquecido e que em certa medida se quer esquecer, porém, presente, como nos faz ver Marcos quando lembra: *"Por eu não... e ter sido criado por meus avós, e ter sido... porque minha família era branca, de brancos pobres, e conviver com racismo, enjeitado, ter vivido esses preconceitos sacanas, né?"*. Marcos é negro, mas foi criado com a família de seu pai, que, segundo ele era branca. Apesar de ter sido apoiado por esta família, parece ter sentido na pele, os "preconceitos sacanas" que o faziam sentir-se como um "enjeitado".

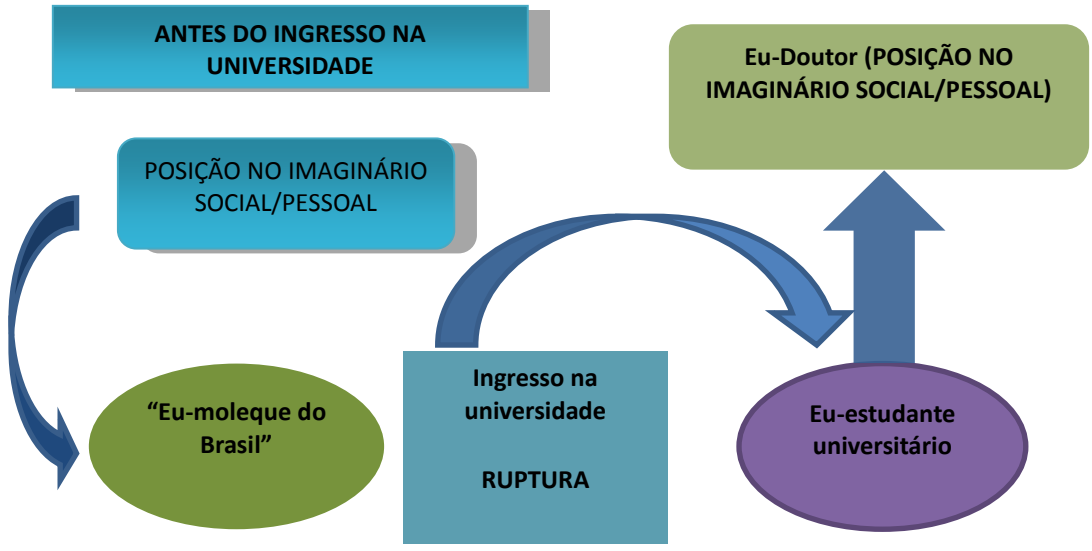
Após o ingresso na universidade, novos posicionamentos se tornam possíveis para estes jovens, e é muito comum que a mesma comunidade que outrora olhava para o menino pobre e negro sem perspectivas ou com perspectivas negativas, passe até a chamá-lo de "senhor", posicionando-o em lugar de respeito e consideração, como veremos no relato de Marcos. Nesse sentido, poderíamos dizer que o ingresso na universidade tem o poder de operar, na vida de um jovem assim situado, um ritual de inversão, à semelhança do que ocorre no carnaval (DA MATTA, 1997). De "moleque do Brasil" o jovem passa a "doutor", "senhor", "professor", etc. É preciso ver que isso tem efeitos subjetivantes altamente relevantes, com poder transformador na vida destes jovens de camada popular, especialmente se associado a políticas de permanência no contexto universitário capazes não apenas de "mantê-los dentro", mas de permitir que, ao saírem, tenham condições reais de pleitear uma boa posição no mundo do trabalho. Nesse sentido, vale lembrar mais uma vez das ponderações de Foracchi (1965, p. 301): "na ordem social competitiva os caminhos do êxito e da ascensão conduzem à formação profissional de nível superior mas não se identificam, necessariamente com ela." Como lembra esta pesquisadora (1965), a educação superior ratifica uma trajetória social que já foi realizada e que se reflete na situação de classe do ator social, mas para firmar-se como instrumento de realização pessoal e como recurso de afirmação social precisa estar associada aos demais processos de dinamização social (urbanização, abertura de novos postos de trabalho, etc.). Somente assim poderá impulsionar os movimentos individuais e grupais de transformação da situação de origem.

> Eu acho que a questão é essa, porque em diversos momentos, eu acho que isso é bacana porque... eu falo isso para os meus alunos hoje, eu vou para a sala de aula, apesar de ter cara de velho, eu sou jovem, aí tem senhoras de 50 quase 60, aí elas falam "ah", mas elas sabem que **eu sou jovem, mas me chamam de senhor, aí eu falo "não, gente... não precisa, eu estudei nessa escola", coincidentemente eu dou aula numa escola que é do lado da minha casa, então eu digo: "eu joguei capoeira aqui" e "eu estudei em tal escola". Essa questão de você se colocar como espelho, mas não no sentido de menosprezar, mas pra dizer, pô, a gente veio daqui, da quadra tal, vocês estão aqui, podem fazer**, acho que nesse sentido, essa consciência de que eu posso ser um exemplo, não só pra minha família, mas para os meus alunos, eu acho que... (MARCOS, geração anos 2000).

Como observa Velho (2008), as noções de prestígio e ascensão social podem ser muito úteis para pensarmos sobre o modo particular com que se expressa a tensão entre a individualização do ator social e a sua inserção em uma categoria mais ampla. Estas noções nos ajudam a compreender que "o sucesso, traduzido em dinheiro e/ou diplomas é a ascensão social

que pode conferir um novo tipo de prestígio.” (VELHO, 2008, p. 50), motivo pelo qual se antecipa ao jovem pobre que ingressa na universidade ou conclui um curso superior uma mudança de *status*. Não podemos negligenciar o fato de que o agente empírico é socializado e construído de acordo com os modelos e representações vigentes em sua cultura, que distribui bens e serviços de forma diferenciada aos seus diferentes atores. Essa socialização e essa construção da pessoa envolvem o estabelecimento de várias categorias ou diferenciações, dependendo do palco e dos atores envolvidos, que podem ser reconhecidas pelos seus membros como autênticas ou tomadas como acusações ou rótulos estigmatizantes (VELHO, 2008), a depender do tempo histórico e social. O ingresso na universidade, ao reposicionar o sujeito, que sai da posição de jovem para posição de estudante universitário, pode conferir um novo *status* no seio da comunidade de origem, bem como no interior de um contexto sociocultural mais amplo. Através desse reposicionamento, o sujeito sai daquela zona de inabitabilidade a que se refere Butler (2007), onde são colocados os que estão à margem, e pode passar a uma zona de prestígio.

Figura 5 – O ingresso na universidade como ponto de ruptura-transição



Fonte: Autor da pesquisa (2014)

Assim, dando seguimento à sua narrativa, José conta sobre um namoro que durou cinco anos, mas que terminou porque ele “aprontava muito”, expressão que corresponde ao fato de que não conseguia manter-se fiel à namorada, por quem era muito apaixonado.

Ana – Então, esse namoro mais prolongado só foi acontecer depois da universidade. No período em que você estava na universidade, você chegou a ter algum namoro assim mais longo?

José – Longo como esse não, tinha assim de dois, três meses, não mais que isso. Porque as coisas estavam muito fáceis, né? O fato de... é incrível, o fato de, naquela época, hoje acho que não, **naquela época você ter um nível universitário ou estar fazendo universidade era um elemento facilitador. Era incrível!** Tem uma história de outro primo meu que é médico, que é primo desse também, que tinha umas colegas dele, e tinha um colega dele que era muito pintudo, né? Aí, esse primo meu, era um... Carla até namorou com ele, "que cara lindo!", "olha, você achar meu primo lindo, acho que sua ótica está toda doida, viu". Ele chegou, passou no vestibular pra medicina, isso muito antes que eu, porque a faixa etária dele é mais alta que a minha, aí o que é que ocorre, as meninas deram tudo em cima, naquela época, medicina, aí botaram até apelido nele: "Luiz medicina". Esse amigo dele, o Rui, que era paquerador, um cara boa pinta, ficou pra escanteio. Aí ele: "Pô, esse cara, só porque passou no vestibular as meninas estão me esnobando". Você vê como era a coisa naquela época.

Parece que o jovem de camada popular, ao entrar na universidade, adiciona à tarefa de tornar-se estudante, outra de igual importância: a de tornar-se uma pessoa, um corpo que importa, parafraseando Butler (2007). O rito de passagem operado a partir do seu acesso à universidade pública lhe concede o direito de ser um sujeito possível, digno do olhar do outro, de seu desejo, de sua apreciação positiva e, quiçá, de uma boa posição no seio da sociedade. Assim, diz Marcos, em resposta à pergunta: E depois que você entrou na universidade, o que aconteceu com a sua vida afetivo-sexual? Mudou alguma coisa?

> Rapaz... mudou. Mudou, né? Acho que ficou mais, as relações ficaram mais intensas. Primeiro, eu comecei a namorar, no segundo semestre. A menina que eu namoro até hoje, né? Mas, fora isso, também mudou em termos de quantidade e rotatividade, qualidade, tudo, né? Mudou, eu namorei um bocadinho. (MARCOS, geração anos 2000).

Como destaca Singly (2000), os indivíduos são interdependentes e o "homem grande" tem, tal qual acontece com "os pequenos", necessidade do conhecimento e do reconhecimento dos outros. Nesse sentido, a socialização, seja ela primária ou secundária, desempenha um papel central na construção, quer da identidade individual, quer da sociedade, que não designam termos separáveis. "O indivíduo tenta conformar-se com o olhar que o outro lhe reenvia sobre si mesmo, através do espelho que essa outra pessoa lhe estende." (SINGLY, 2000, p. 18). Foi através desse

espelho que Marcos pôde afirmar: "*Rapaz, eu acho que eu fiquei mais bonito*" [gargalhada], quando pergunto a que ele atribuía as mudanças em sua vida afetivo-sexual pós-ingresso na universidade.

5.1.3 "Esse namorado, ele se juntou e somou ao grupo"

Como havia dito, a escuta da trajetória de mudanças experienciadas por Manuel foi o elemento que faltava para o fechamento de uma *gestalt* aberta desde as primeiras entrevistas realizadas, em particular, a de Joana. Ao escutar esta mulher, jovem universitária nos anos 60/70, não temos dúvidas da relação indissociável que ela estabelece entre suas relações de amor e suas relações de amizade, sendo que esta última parece sobrepor-se à primeira em termos de valor afetivo, como veremos. Os amigos conquistados no contexto da vida universitária foram os seus principais aliados em todo o seu processo de transição para a cidade e afiliação à universidade. Chegando a Salvador, é neles que ela coloca toda a sua fé, a confiança capaz de lhe garantir a segurança ontológica à qual se refere Giddens (1991, 2002), e que a levaria a alçar voos inacessíveis a uma jovem mulher de cidade interiorana. Ela conta, inclusive, que só se sentia à vontade no namoro quando o rapaz fazia parte de seu círculo de amizades, era este o elemento psicossocial que lhe proporcionava o sentimento de confiança básica capaz de dar margem a um comportamento mais livre na relação a dois. Como observa Pais (2003, p. 115), "[...] é possível admitir que uma das funções essenciais dos grupos de amigos seja, não tanto a de desafiar os valores da família ou das gerações mais velhas, mas assegurar aos jovens uma proteção aos assaltos socializantes." Do ponto de vista intrapessoal, é possível deduzir que os grupos de amigos favorecem a construção ou o fortalecimento de uma zona de proteção pessoal, semelhante àquela produzida pelo cuidado e afeto parentais em nossos primeiros anos de vida. Autores ligados ao campo da psicologia dão diferentes nomes a esta zona a que me refiro: *self-boundary structure* (FISHER; CLEVELAND, 1968), *personal space* (HERMANS; HERMANS-KONOPKA, 2010), em todo caso, trata-se de uma estrutura limite do self que funciona como uma selecionadora, e que o indivíduo carrega com ele e, a todo tempo, pode interpô-la entre seu self e situações externas.

> [...] **porque a vida se divide assim: interior e depois Salvador.** Então, ainda no interior eu tive alguns namoradinhos que duraram pouco tempo. Talvez mais dois ou três namorados que eu tive lá, mas com o mesmo esquema, com a mesma restrição. **Vindo para Salvador, durante o pensionato tive alguns paqueras, algumas pessoas... e quando o paquera era**

> **alguém que não fazia parte do meu círculo de amizades, aí aumentava ainda mais o esquema de segurança, o esquema de prevenção.** Porque aí eu ficava insegura com relação a quem é aquela pessoa e o que pretenderia de fato. Então, ficava muito no namoro mesmo. (JOANA, geração anos 60/70).

Segundo Giddens (2002, p. 53), "a confiança nos outros, no início da vida e, de maneira crônica, nas atividades do adulto, está na origem da experiência de um mundo exterior estável e de um sentido coerente de autoidentidade [...]". A relação amorosa e sexual construída com base na amizade dava a Joana este sentimento de confiança necessário para estabilizar suas relações com o outro, o parceiro amoroso. A partir de Giddens (2002), poderíamos dizer que é a 'fé' na confiabilidade e na integridade do outro que está em jogo nesse caso. As raízes dessa confiança nos outros se encontram, de acordo com o teórico citado (2002), nas primeiras relações de cuidado experienciadas ainda na infância, ou seja, na fé que a criança desenvolve em relação às figuras que dela cuidaram em seus primeiros contatos com o mundo.

Os laços estabelecidos com estes primeiros responsáveis pelo cuidado da criança deixam ressonâncias que afetam todas as relações sociais próximas formadas nos momentos posteriores do curso da vida, seja a juventude, a vida adulta ou a velhice. Será a construção de uma forte rede de sociabilidade ligada aos colegas do contexto universitário que dará a Joana garantias de um mundo estável, mesmo no contexto altamente dinâmico da vida numa cidade grande como Salvador. Ainda assim, como veremos no relato abaixo, isso não teria sido suficiente para permitir que Joana, em fins da década de 60, início de 70, tivesse experiências sexuais com aquele que foi o seu primeiro namorado em Salvador. Ela namorará três anos com este rapaz, mas não se permitirá uma relação mais íntima do ponto de vista sexual, mesmo morando em um apartamento com amigas, e estando espacialmente distanciada do controle parental. Uma reunião de fatores situacionais que tornaria quase impossível que pessoas na condição de jovens hoje não iniciassem uma relação de intimidade sexual. A resposta para a distância que se observa entre o comportamento sexual experimentado por mulheres como Joana, que viveram sua juventude nos anos 60/70, e o comportamento sexual de jovens da contemporaneidade, separadas por quase cinco décadas, encontra-se, em parte, nos condicionantes sociais que a cada época se transformam e circunscrevem diferenciadamente a experiência dos indivíduos em função de marcadores de diferença como o sexo/gênero, idade, dentre outros.

Do mesmo modo, se compararmos o relato de Joana e o relato de José (ambos da mesma geração) quando se referem à primeira relação sexual, logo vemos que distâncias também se

estabelecem, agora no plano intrageracional, em função do que Mannheim ([1928]) chama de estratificação da experiência. Por volta dos anos 60/70, o movimento de liberação sexual apenas se iniciava no Brasil, de tal modo que ainda se observa uma diferença muito grande na vivência da sexualidade entre homens e mulheres, o que vem sendo amplamente modificado, ainda que sejam observadas também permanências significativas, sobre as quais nos debruçaremos na seção que trata das mudanças nos laços juvenis de intimidade.

> Mas aqui em Salvador, durante a faculdade, eu tive um namorado, de... três anos mais ou menos. **Uma pessoa muito amiga que já fazia parte do meu círculo de amizade e que a gente namorou**, e eu, nessa época, eu já tinha mudado para um apartamento, eu morava num apartamento que era meu, tinha meu quarto, depois dividi com umas colegas, mas, acredite, a gente namorou três anos e não transou. E ele dormia no apartamento. Tanto que eu brinco, a gente brinca hoje, eu digo assim: "você que foi incompetente!" (sorrimos) [...] Então, foi um namoro muito legal, **a gente teve muitas vivências, era uma paixão muito grande, eram muitas viagens, muito acampamento, muito grupo de amigos, muito violão.** E a gente terminou sem transar. Três anos de namoro e não transamos. (JOANA, geração anos 60/70).

Mais uma vez, é no grupo de amigos que Joana encontra a segurança para iniciar uma relação amorosa. Sua história nos traz bons motivos para reconhecer o de que nos fala Singly em *Uns com os outros, quando o individualismo cria laços* (2003, p. 209), obra em que o autor ressalta que "com as histórias dos grupos de amigos, descobrimos como os laços de amizade são uns dos que melhor misturam a lógica societarial da eleição com o encanto imaginário do calor comunitário." No relato de Joana, o grupo de amigos cumpre, de fato, este papel de fornecimento do "calor comunitário", e estabelece uma relação inextrincável com a esfera das relações amoras e sexuais. Misturando-se à rotina do grupo de amigos (saídas, viagens, festas, acampamento, violão, etc.), as relações amorosas mantêm a qualidade da confiança que lhe permite a segurança ontológica, aliada ainda àquela ambiência mais libertária que parece ser típica da conjunção entre culturas juvenis e cultura universitária, particularmente quando se trata dos anos 60/70, e que permite ao jovem em transição para a adultez a vivência da autonomia. Aliás, poderíamos aqui afirmar que uma das características centrais das culturas universitárias é a presença de culturas juvenis, prenhes dos signos culturais associados à juventude (PAIS, 2003), a saber: a liberdade, a sexualidade, o lazer, a música, a expectativa de transformação social, etc.

> **Aí, começamos a namorar. Com esse namorado, com três meses, aconteceu no apartamento. Ele não perguntou, não quis saber, eu tenho dúvida se, até hoje, ele acredita que eu era virgem ou não, por quê? O esquema que eu vivia no grupo,**

> **acampando direto, tendo apartamento sozinha, e o tempo todo com as pessoas. Além disso, meu visual era riponga mesmo, cabelo cacheado, grandão, sandália de couro, bolsa de couro**. Então, o visual já era um, e, além disso, tinha namorado e tal. Só que quando a gente começou a namorar e **eu disse: "não, não, porque eu sou virgem." Ele fez: "como?". Nem ouviu**, nem ouviu conversa e pronto. A gente transou, transei sem nem perceber direito, e de uma forma bem natural, que eu considero assim que foi bem legal. Tanto me tratou legal como não deu ouvido, **mas não deu ouvido, não foi de uma forma grosseira, ele não deu ouvido porque... como se fosse uma informação que não tava no lugar certo.** (JOANA, geração anos 60/70).

Vale a pena aqui pensar um pouco sobre o que está em jogo num ritual de interação como o descrito por Joana, e apresentar, a título de hipótese, um ângulo de interpretação possível para a cena. O cenário era o seu apartamento – um signo de libertação para uma mulher nos anos 1960/1970, mas o enquadramento maior era os anos 60/70, quando ocorre uma mudança de valores no que diz respeito à sexualidade feminina, momento em que coexistem modelos de sexualidade ao estilo tradicional e modelos de sexualidade ao estilo moderno. As jovens mulheres debatiam-se entre o desejo de manter a imagem ou a "fachada" (GOFFMAN, 2011) de moça direita e o desejo de ter sua liberdade garantida, de modo que fosse possível dar vazão a seus afetos com a mesma autonomia outorgada aos jovens rapazes. Tendo o seu corpo regulado por regras sociais que prescreviam virgindade até o casamento para as meninas, Joana estabelece algumas estratégias para evitar qualquer risco potencial de engravidar, sem abrir mão, porém, de exercer a sua liberdade no campo das atividades de lazer, tão características dessa fase do curso de vida.

A questão é que sua "maneira" (GOFFMAN, 2013, p. 36), longe de fornecer o retrato de uma menina virgem, expressava seu anseio libertário e não convencional: *"O esquema que eu vivia no grupo, acampando direto, tendo apartamento sozinha, e o tempo todo com as pessoas. Além disso, meu visual era riponga mesmo, cabelo cacheado, grandão, sandália de couro, bolsa de couro."* Sua *performance* abria brechas para o que Goffman (2013, p. 84) chama de "duplicidade" de informações, que, juntando-se a um possível interesse da parte do suposto amigo, permite o desenrolar de uma cena de sedução e envolvimento sexual, que, por sua própria natureza, exige uma "ruptura do espaço íntimo" (LE BRETON, 2009). Ela comenta, inclusive, que até hoje não sabe se este primeiro parceiro acreditou que ela era mesmo virgem. Para minimizar o seu embaraço diante da situação que evoluía para a intimidade sexual, ela busca (re)organizar a interação dentro de princípios rituais desejáveis, mantendo as variações dentro de certos limites.

Contudo, a informação "sou virgem" parece deslocada, sendo desconsiderada pelo seu parceiro sexual que a interpreta como um dado irrelevante para a definição da situação. Afinal, "[...] a definição inicial projetada pelo indivíduo tende a fornecer um plano para uma atividade

cooperativa que se segue [...]" (GOFFMAN, 2013, p. 25). Por fim, a situação acabou resultando numa experiência "bem legal" para Joana, que depois desse evento desenvolve ao lado deste rapaz uma relação duradoura e altamente gratificante, como observa a jovem, que assim definiu a atuação do parceiro na cena: "*Tanto me tratou legal como não deu ouvido, mas não deu ouvido, não foi de uma forma grosseira, ele não deu ouvido porque... como se fosse uma informação que não tava no lugar certo.*" Seguindo as trilhas de Le Breton (2009), quando se refere aos rituais de sedução, poderíamos dizer que o resultado da experiência foi "bem legal" porque o então amigo e futuro namorado agiu habilidosamente no sentido da quebra necessária da reserva quando o objetivo é seduzir. O comportamento de sedução, como observa Le Breton (2009), necessariamente implica o rompimento da reserva que caracteriza as interações face a face do cotidiano, exige da parte do sedutor, em nossa sociedade em geral o homem, uma penetração cautelosa: "*não foi de uma forma grosseira*", no interior da esfera pessoal do outro, da parceira potencial. Em situações de sedução como esta, o grande desafio para os parceiros é estabelecer uma comunicação tal que não haja, de nenhuma das partes, um desrespeito às fronteiras simbólicas de cada um, o que resultaria numa experiência vivida como agressão.

> Todo indivíduo possui uma espécie de reserva pessoal, um espaço que prolonga seu corpo, estabelecendo uma demarcação entre si e o mundo que não pode ser pacificamente rompida sem sua anuência. Um invólucro simbólico o protege do contato com os demais, os quais sabem intuitivamente a qual distância permanecer para evitar a criação de um incômodo mútuo. Contudo, a ternura e o desejo dissolvem as fronteiras do ser. Na vida corrente, segundo as situações sociais, a interação tolera ou proscreve os contatos físicos entre os indivíduos determinando, igualmente, quais partes do corpo podem ser tocadas e a forma de fazê-lo. (LEBRETON, 2009, p. 100).

Outro aspecto interessante na cena descrita é o fato de que esta ruptura na regra socialmente imposta, levada a efeito por Joana ao permitir-se a vivência da primeira vez fora do contexto do casamento ou, ao menos, de uma relação mais duradoura e de compromisso, é realizada dentro de um campo possível de ação, garantido, de um lado, pela independência que ela já havia conquistado – estava formada e trabalhando –, de outro, pela segurança que a sua escolha de parceiro fornecia-lhe – tratava-se de um amigo. Sob a inspiração de Goffman (2011), talvez seja possível dizer que Joana não estava irreverentemente desobedecendo as regras, antes, esforçava-se para quebrá-las com segurança. Ao definir a situação (o que não significa que o fez de forma consciente), sustenta-se, no mínimo, sobre três bases: a independência financeira conquistada, o período do mês em que estava – fazia "tabelinha" e sabia muito bem quando estava em período

fértil ou não –, e a segurança dada por tratar-se de alguém que fazia parte de seu círculo de amizades. Joana conta que esse primeiro parceiro sexual era uma pessoa "superconfiável" e que isso lhe deixou mais segura para manter uma relação que durou três anos, e que, além disso, ele não tolhia a sua liberdade, como faziam outros rapazes, namorados de algumas de suas amigas da universidade.

> Então, com esse namorado, ele conseguiu de uma forma simples, sem nenhum discurso, sem nada, apenas dando vazão ao tesão, e foi muito bom. Pô, eu estou perdendo esse negócio que é tão bom (sorriu – referia-se ao sexo), eu tô perdendo isso tudo! E... além disso **era uma pessoa superconfiável, muito íntegra, muito companheiro, e, ao mesmo tempo, é outra coisa que eu sempre busquei, era um exercício da liberdade, mas assim, eu sempre tive medo de um compromisso, de um compromisso que me tolhesse assim, sair com meus amigos, fazer o que quiser, sabe, proibir alguma coisa.** Eu sempre tive meio pé atrás assim, com algum tipo de relação que pudesse, eu vi algumas amigas que ao namorar com alguém se isolava com aquele alguém. **E eu tinha um grupo de amigos que era muito interessante, os amigos, as viagens, os passeios, as conversas, as brincadeiras, eu não queria perder aquilo por nada.** (JOANA, geração anos 60/70).

Foi no contexto de uma dessas saídas com amigos que Joana conheceu esse rapaz com quem teve a sua primeira experiência sexual e namorou por três anos. Ela considera que a relação deu certo por dois motivos: primeiro, porque ele era muito interessante do ponto de vista sexual: *"[...] com esse namorado eu vivi quase três anos assim e eu acho até que a parte forte dessa relação foi muito a parte sexual, porque... ele era muito bem resolvido, muito tranquilo, nem sei explicar"*; segundo, porque ele se integrou completamente ao seu grupo de amigos, o que lhe permitiu viver os prazeres da vida amorosa e sexual sem ter que abrir mão da amizade e de tudo aquilo que esta pode significar em termos de segurança, liberdade e lazer.

> Então, e esses namorados, tanto o anterior como esse, **ele se juntou e somou ao grupo, então, passou a fazer parte desse grupo. E foi uma fase muito rica. Uma fase onde a gente ainda não tem muita preocupação, quase nenhuma... aquelas tensões do dia a dia, que com a idade parece que vai chegando, vai chegando. Então, tudo era festa. Qualquer coisa era festa. Principalmente os finais de semana. Porque eu sempre fui assim, uma aluna exemplar.** Não faltava uma aula, isso não existia no meu calendário, não perdia uma disciplina, isso também não existia, mas, **na hora de cair na gandaia era comigo mesmo. Estava prontíssima.** (JOANA, geração anos 60/70).

Pais (2003), em *Culturas Juvenis*, sublinha que os jovens dão uma importância afetiva considerável ao tempo coletivo que representa a saída em grupo. Esse tempo marca uma ruptura em relação ao cotidiano familiar, escolar ou profissional, e permite a exteriorização das potencialidades do grupo tão bem quanto a afirmação de uma temporalidade da vida cotidiana da

qual estão excluídos os adultos. Justamente por isso, os espaços e tempos livres aparecem supervalorizados pelos jovens, porque estes reconhecem que é aí que têm a oportunidade de desfrutar de certa autonomia, em contraste com o que ocorre nos domínios da família, escola, trabalho, onde predomina a autoridade do adulto.

5.2 AMIGOS E AMORES: DOIS MUNDOS INTERLIGADOS NA EXPERIÊNCIA JUVENIL

A análise das trajetórias dos dois grupos geracionais estudados sugere uma ligação estreita entre o mundo dos amigos e o mundo dos amores na experiência juvenil. Como Bidart (1997) observou em pesquisa realizada na França com a população jovem, identifiquei que na juventude, os amores surgem, na maior parte das vezes, do mundo dos amigos e amigas, inscritos como estão em atividades mais ou menos comuns. São especialmente os amigos e amores que permitem ao indivíduo jovem, aquela experiência de intimidade que dá margem ao "projeto reflexivo do *self* e a segurança ontológica" (GIDDENS, 1991, 2001), ao tempo em que garantem o espaço de autonomia que lhe permite a construção do *self*-sexual e a progressiva passagem para a vida adulta.

Na interseção entre estes dois mundos, as músicas aparecem, quase sempre, como recursos de grande relevância. As músicas, e as canções, em particular, são constitutivas desse tipo de relação que se estabelece na juventude e que costumamos chamar de amizade grupal, mas também podem se configurar como importante "recurso simbólico" (ZITTOUN, 2006, p. 101) nos processos de constituição do casal amoroso. Elas estão quase sempre associadas aos encontros dos grupos juvenis, que nelas não apenas se expressam como se inspiram. Inspiram-se para dar concretude às suas lutas políticas, bem como para tecer as suas relações amorosas e sexuais. Independentemente do grupo geracional, a música se apresentou como um recurso que possibilitou ao jovem, a um só tempo: expressar-se, relacionar-se, inspirar-se, apoderar-se de si mesmo e do mundo à sua volta, tecendo sonhos de transformação. Ela foi o elemento que não apenas ajudou na fundação, como também na manutenção da coesão dos grupos de amigos.

Do ponto de vista intrapessoal, como mencionei ao longo deste capítulo, é possível deduzir que os grupos de amigos favorecem a construção ou o fortalecimento de uma zona de proteção pessoal, semelhante àquela produzida pelo cuidado e afeto parentais em nossos primeiros anos de vida. Autores ligados ao campo da psicologia dão diferentes nomes a esta zona a que me refiro: *self-boundary structure* (FISHER; CLEVELAND, 1968), *personal space* (HERMANS; HERMANS-

KONOPKA, 2010), em todo caso, trata-se de uma estrutura limite do *self* que funciona como uma selecionadora, e que o indivíduo carrega com ele e, a todo tempo, pode interpô-la entre seu *self* e situações externas. Do ponto de vista interpessoal é possível afirmar que, à distância do olhar e do controle parental e abrigados por esta zona de proteção produzida com o auxílio das relações de amizade, o/a jovem, ao ingressar no cenário da vida universitária, sente-se mais livre e seguro para experimentar novos comportamentos e relacionamentos na esfera da vida afetivo-sexual. Sente-se também mais responsável por suas experiências nessa esfera da vida, evitando descuidar-se do uso de métodos contraceptivos e protetivos, pois receia comprometer sua vida estudantil, bem como inviabilizar as trajetórias expectativadas a partir da sua entrada na universidade.

Ao recompor a rede de sociabilidade e o círculo de amizades juvenis, o ingresso na universidade abre um novo campo de significados para o/a jovem. O enorme potencial transformador deste evento de passagem está justamente no fato de que exige do/a jovem ingressante um movimento de deslocamento ou reposicionamento que é, sobretudo, simbólico. Aliás, ao deslocar-se, o/a jovem se vê imerso/a não exatamente em *um* novo mundo, mas em uma *diversidade* de mundos com os quais passa a ter que dialogar. É, sobretudo, a impossibilidade de uma vivência monológica no seio da universidade que impõe ao/à jovem um conjunto de mudanças, mais ou menos disruptivas, que não deixam escapar a esfera da vida afetivo-sexual.

Nesse contexto, o/a jovem que, em geral, não deseja ser identificado como indivíduo “à parte”, sobre a base de referências contidas exclusivamente na sua pessoa e separada do mundo (BIDART, 1997), anseia pela fundação de grupos de amigos. A amizade funciona, para o/a jovem ingressante, “[...] como uma janela aberta para a paisagem, uma janela construída, assim, nessa paisagem, sem ruptura.” (BIDART, 1997, p. 238). Através dessa janela, o/a jovem é convidado/a a aventurar-se em outros mundos, agindo, muitas vezes, no registro que, de algum modo, estes novos círculos lhe impõem. Como sugere Simmel (1997), nos círculos sociais, ou “círculos de afeto”, como propõe Pais (2012b), cada membro vê ao outro, não de um modo puramente empírico, senão sobre o fundamento de um *a priori* que esse círculo impõe a todos os que dele participam.

Segundo Bidart (1997, p. 52), as relações em geral, e as de amizade, em particular, não nascem “*n'importe où*” (BIDART, 1997, p. 52). Certos cenários, certos lugares, certos meios e situações, certos “solos ou terrenos” são, como mencionei anteriormente, relativamente mais favoráveis à construção de laços interpessoais de amizade. Para os/as jovens que conseguem

ascender à posição de estudantes universitários/as, o contexto universitário configura-se como um desses ambientes potenciais para a construção de laços de amizade. Curioso observar é que decorre disso o fato de que essas relações permanecem, por longo tempo, orientadas por estes contextos de nascimento a partir dos quais se originaram (BIDART, 1997).

Os relatos apresentados neste capítulo parecem confirmar essa tese de Bidart (1997), ampliando-a, entretanto, na medida em que demonstram que as relações amorosas e sexuais, tal qual ocorre com as relações de amizade, não nascem "*n'importe où*" (BIDART, 1997, p. 52). Elas encontram em certos cenários ou contextos, melhores condições para tomar forma. Na experiência dos/as universitários/as por mim entrevistados/as, as relações amorosas e sexuais ganham corpo no interior das próprias relações de amizade, particularmente daquelas tecidas no cenário de tom político-libertário que parece caracterizar a vida universitária.

6 SOB O *ETHOS* DO "INDIVIDUALISMO LIBERTÁRIO" DOS ANOS 60/70, POLÍTICAS DE SI

Giddens (2002), que a partir de agora terá um papel central em nossas discussões, observa que, desde o início da modernidade, o dinamismo das instituições modernas estimulou ideias de emancipação humana e até certo ponto foi também promovido por elas. Tratava-se, sobretudo, de um processo de emancipação em relação aos imperativos dogmáticos da tradição e da religião. Devo dizer que os feminismos e o movimento estudantil são representantes desse modelo de experiência de vida, e que foi especialmente na trajetória das mulheres da geração dos anos 60/70 que encontrei elementos dessa política emancipatória compreendidos no que estou chamando de políticas de si.

Antes, porém, de me deter sobre o conceito de políticas de si, é necessário compreender o que Giddens (2002) chama de política emancipatória e política-vida, procurando identificar as implicações destas nas trajetórias juvenis dos anos 60/70. Giddens (2002, p. 194) define a política emancipatória "[...] como uma visão genérica interessada, acima de tudo, em libertar os indivíduos e grupos das limitações que afetam negativamente suas oportunidades de vida." Esta política envolve dois elementos principais: o esforço por romper as algemas do passado, permitindo uma atitude transformadora em relação ao futuro; e o objetivo de superar a dominação de alguns indivíduos e grupos por outros. A luta contra a exploração, a opressão e as desigualdades é a tônica da política emancipatória. Nesse sentido, "A política emancipatória torna imperativos os valores de justiça, *igualdade* e *participação*", que serão também reivindicados no interior das relações de intimidade. "Se há algum princípio mobilizador por trás da maioria das versões da política emancipatória, ele poderia ser chamado de princípio da autonomia." (GIDDENS, 2002, p. 195). A partir desse princípio se entende que a vida coletiva deva ser organizada de tal maneira que o indivíduo seja capaz de ação livre e independente das imposições a seu comportamento, resultado de condições exploradoras, opressivas e desiguais.

A política-vida, um passo adiante na evolução da modernidade, não significa, porém, a superação total da política emancipatória – esta última estabelece com a primeira uma relação de coexistência – supõe certo nível de emancipação nos dois sentidos assinalados por Giddens (2002): emancipação da rigidez da tradição e das condições de dominação hierárquica. Nas suas palavras, "a política vida não diz respeito principalmente às condições que nos libertam para que possamos escolher – ela é uma política da escolha [...]" (GIDDENS, 2002, p. 197). A política-vida compreende

a autorrealização num ambiente reflexivamente organizado, a partir do qual se torna possível falar em uma política do estilo de vida. Para uma definição formal, propõe Giddens (2002, p. 197):

> [...] a política-vida refere-se a questões políticas que fluem a partir dos processos de autorrealização em contextos pós-tradicionais, onde influências globalizantes penetram profundamente no projeto reflexivo do eu, e inversamente, onde os processos de auto-realização influenciam as estratégias globais. (GIDDENS, 2002, p. 197).

A política-vida, completa o autor mais adiante, "é uma política das decisões da vida" (GIDDENS, 2002, p. 198). Mas de que ordem são essas decisões? Giddens (2002) destaca pelo menos três ordens de decisões: relativas à autoidentidade, relativas ao corpo e ao eu, relativas à vida pessoal e à vida planetária. O teórico considera que, ao explorar a ideia de "o pessoal é político" o movimento das mulheres e os feminismos foram os pioneiros nesse aspecto da política-vida. Segundo ele, o feminismo pode ser visto como inaugurando a esfera da política-vida, ainda que existam interesses emancipatórios nesse movimento, tais como os que se podem ver no movimento estudantil dos anos 60/70, época em que também ressurge o movimento feminista, em sua segunda onda. Os anos 1960 e 1970 congregam uma série de manifestações de teor político-emancipatório que se inicia nas sociedades mais desenvolvidas e que se alastra mais tarde por outras partes do mundo, inclusive por países como o Brasil. Heilborn (1992) resume bem o cenário da época:

> O ordenamento social, lido através de lentes de identificação de múltiplas e ilegítimas desigualdades, é objeto de profunda rejeição. É o tempo do questionamento intenso sobre os mecanismos de poder e de enquadramento dos comportamentos e atitudes. Tudo é objeto de contestação. Estão sob verdadeiro bombardeio crítico as relações do Estado com o cidadão, as relações entre os sexos, a primazia dos mais velhos sobre os jovens, o poder das instituições ou dos saberes instituídos, como o dos médicos e seus pacientes, o da escola com seus alunos. […] Esses anos 'agitados' exprimem, sob determinada feição, o nódulo central do modo de operação do individualismo, isto é, a pulverização das formas sociais sob o impacto do indivíduo como valor. (HEILBORN, 1992, p. 93).

Segundo Heilborn (1992, p. 92), "os anos 60 funcionam como um marco sintético de uma série de modulações da cultura contemporânea." Este marco reúne, particularmente no universo simbólico das camadas médias urbanas, uma herança "hippie", um discurso marcadamente psicologizado ou psicanalizado, uma valorização política do cotidiano, das relações entre os gêneros e da sexualidade. Foi, decididamente, uma década marcada pela contestação, orientada por uma recusa radical ao princípio da autoridade.

Para Salem (1991), em quem Heilborn (1992) diz ter se inspirado, ainda que se admita que os anos 60/70 não inauguraram nada de novo, pode-se postular que o destaque sociológico destes anos esteja na confluência de diversas tendências de pensamento, vindas das mais variadas esferas da vida social, que nestas décadas estabelecem influências recíprocas entre si, alimentando-se de um ideário que se pretendia revolucionário.

Em artigo intitulado *O "Individualismo Libertário" no imaginário social dos anos 60*, Salem (1991) tematiza aquilo que chama de individualismo psicologizante-libertário, o qual se expressa de forma condensada e limite nos anos 60/70. A preocupação da autora não está exatamente nos anos 60 em si mesmos, mas naquilo que eles constituem em "porta de entrada para desvelar um *clima*, um *tom*, um *ethos*." (SALEM, 1991, p. 62, grifos da autora). "A expressão 'anos 60' recobre indistintamente movimentos, ideias e práticas; e, além disso, mais do que aludir a uma periodização estrita, subjaz a ela a hipótese de que o tom moral desses anos se prolonga para além deles." (SALEM, 1991, p. 62).

Segundo Salem (1991), uma das características centrais do ideário dos anos 60/70 é o questionamento a todas as formas de autoridade constituídas em vista de suas qualidades normalizadoras. A vertente contestadora dos anos 60 conflui para a proposta de implantação de sistemas ou estilos de vida alternativos, em resposta ao fenômeno do 'poder', denunciando-o como um mal em si mesmo. Em lugar deste poder, tomado como opressor e associado ao militarismo, ao consumismo e à sociedade industrial moderna, propõe-se uma sociedade composta por indivíduos iguais. Diz Salem (1991, p. 66), tentando mostrar que não há contradição entre a violenta aversão a quaisquer constrangimentos sociais e a forte valorização da sociabilidade presente nos próprios movimentos sociais que então eclodiam.

> [...] no imaginário da época (mas certamente não só dela) tais instâncias se encontram bipartidas em termos valorativos: há um social que, identificado com relações hierarquizadas, constrange a livre manifestação do indivíduo e, nessa medida, é reputado como perverso. Em contraste, o social positivamente representado confunde-se com relações igualitárias ou não englobantes: este seria enriquecedor, na medida em que favorece e até estimula o pleno desabrochar do sujeito. Visto sob outra óptica, a aversão a constrangimentos normativos – encarados como dados inerentes, e maléficos, às relações englobantes – reporta à oposição às pretensões universalizantes das normas; inversamente, a antinormatividade assentada e garantida pelas relações igualitárias – afiança processos individualizantes e, por conseguinte, permite o desabrochar desimpedido do sujeito. (SALEM, 1991, p. 66).

De acordo com a autora (1991), estas considerações indicam que uma outra característica

central dos anos 60 – e que qualifica a modalidade do individualismo em pauta – consiste na postulação de que o regime ideal a que deve estar submetido o sujeito é o da liberação, e é nesse sentido que podemos dizer que "o individualismo libertário elege a sexualidade como pedra de toque." (SALEM, 1991, p. 67). Libertar os sujeitos de todas as amarras do poder é a palavra de ordem e, nesse sentido, a igualdade como orientadora das relações sociais afirma-se como condição fundamental desta liberação. Isto porque é ela que assegura a destotalização do indivíduo em relação a qualquer instância pretensamente englobante e/ou normalizadora. Salem (1991) considera que a utopia da época dissipa os antagonismos entre indivíduo e sociedade, entre interesses privados e públicos, entre psicologismo e política. Assim, atender aos primeiros equivaleria a atender aos últimos, o que explica o fato de que o êxito de uma revolução político-social é condicionado por, senão confundido com, revoluções em nível pessoal e subjetivo.

> A compatibilidade entre essas instâncias parece ancorar-se na ideia de que o regime ideal a que deve submeter-se o *self* é consonante com o regime ideal estipulado para a própria sociedade: em ambos os casos, a plenitude está na liberação. Tal preceito, que elege a sexualidade como sua pedra de toque, estipula uma clara junção entre a dimensão política (ou pública) e a dimensão da liberação/sexualidade individuais. Como postula Marcuse: "Hoje, a luta pela vida, a luta por Eros, é uma luta política" [1967, p.19] Retomando o' pensamento de Foucault [1984] pode-se dizer que a sexualidade é erigida em instância de emergência de um discurso de verdade não só individual mas também social: erotizar as relações sociais significa, a um só tempo, coroar a desrepressão, desmantelar o poder e inaugurar uma nova ordem social. (SALEM, 1991, p. 73).

Situadas nesse cenário, as mulheres dessa época, ao menos as mais escolarizadas, parecem encontrar o clima perfeito ou os agentes catalizadores (CABELL, 2010, 2011a, 2011b) adequados para a elaboração de políticas de si. Chamo políticas de si àqueles processos psicológicos, a meu ver de teor político, que parecem ganhar maior possibilidade de expressão num quadro social e histórico em que políticas emancipatórias e políticas-vida têm espaço, ou seja, num cenário onde o *ethos* é o da contestação contra todas as formas de constrangimentos.

As políticas de si são, em parte, resultantes da reflexividade do eu (GIDDENS, 2002), mas não apenas, antes, têm como base uma comunicação emocional intersubjetiva (CRAIB, 1998) que é anterior a essa reflexividade. Para CRAIB (1998), que se inspira em algumas formulações da psicanálise para desenvolver sua teoria da identidade, as existências humanas são vistas como ligadas entre si por uma intersubjetividade emocional profunda em que continuamente dão e recebem mensagens emocionais, embora isto seja usualmente inconsciente e não reconhecido pelos indivíduos envolvidos (CRAIB, 1998).

Com base no que foi dito até aqui sobre os anos 60/70, é possível afirmar que uma das mais pregnantes mensagens que circulavam nesse período, via trocas intersubjetivas emocionais com alto poder de contágio, era a mensagem da liberação (sexual) e da igualdade (entre os sexos). Importante, porém, sublinhar que só se libera o que está, ao menos, supostamente reprimido, e a luta pela igualdade ganha lugar em um contexto marcado pela desigualdade. Nesse sentido, poderíamos afirmar que, nesse clima de tensão constante, as mensagens não eram unívocas, ao contrário, eram altamente ambivalentes, tensionando os indivíduos para lados opostos. No domínio intrapessoal, essa polarização, que é habitual (ABBEY; VALSINER, 2005; CRAB, 1998), encontrava-se, possivelmente, exacerbada, em resposta às demandas do cenário de contestação.

Contudo, todo esse labor – por assim dizer, intersubjetivo e subjetivo –, precisará, para converter-se em *políticas de si*, ser traduzido em processos de transformação, em geral orientados por sentimentos hipergeneralizados (VALSINER, 2012), e mais tarde reflexivamente organizados através do processo de construção de significados, resultando em processos de alteração, autorização, negatricidade (ARDOINO, 2000) e subversão (BUTLER, 2003, 2007), ou seja, em políticas de si.

Sobre os termos *alteração, autorização e negatricidade*, devo dizer que os tomo de empréstimo a Ardoino (2000). Para este autor, a identidade é amplamente alteração (movimento, processos, ações, valores em ato, dinâmica, modificação, transformação, formação), ao invés de simples reconhecimento de alteridade (estado, estatuto, potencialidade, essência) – do latim *alter*: outro. A alteração diz respeito aos processos a partir dos quais um sujeito muda – torna-se outro – sem, entretanto, perder sua identidade em função de influências que podem, evidentemente, ser percebidas, no mínimo, como negativas e positivas. A alteração, portanto, pressupõe que existam outros, que, exercendo sobre os sujeitos influências, os alteram (mais ou menos profundamente) e deles passam a fazer parte – quando me altero, trago o outro para dentro de mim mesmo. Esta alteração denota a capacidade do ser humano de reconhecer que abriga em si mesmo um estranho, ou seja, que ele nunca é o mesmo. A alteração é a condição da autorização.

A autorização, por sua vez, deriva de autorizar, e compartilha sua etimologia com autoridade e autor. A autorização é, no sentido trivial, a ação pela qual se autoriza alguém a fazer algo, ou a existência de algo, mas do modo como é tratada por Ardoino (2000), é somente o ator que pode autorizar-se a si mesmo, o que só pode ocorrer, obviamente, a partir da relação eu-outro, daí sua ligação com a alteração. Ao autorizar-se, o sujeito passa à condição de autor de sua

própria existência, faz-se a si mesmo. É uma noção, pois, que nos remete à diferença entre as posições de ator e autor. É preciso sublinhar, entretanto, como sugere o próprio Ardoino (2000), que se tornar autor, ou seja, autorizar-se, é, na verdade, tornar-se coautor de si mesmo e da realidade na qual se insere, já que esta autorização não nega determinações e influências anteriores (pais, professores, amigos, amores).

A negatricidade, a seu turno, é uma noção utilizada por Ardoino (2000) para referir-se à capacidade que todo ser humano tem para "desjogar", a partir de seus recursos, de suas próprias contraestratégias, as estratégias do outro que lhe pesam, e das quais ele se tornou objeto, reivindicando-se, desse modo, como sujeito político. É conveniente, todavia, compreender que essa negatricidade pode se manifestar por duas vias: em termos de intencionalidade, e, portanto, consciente em certos casos, mas também inconsciente em muitos outros. De acordo com Ardoino (2000), não se deve compreendê-la através de modelos físicos ou mecanicistas, devemos traduzi-la em termos de tensões.

O importante é não perder de vista que, para que uma experiência seja compreendida como política de si, deve haver um movimento de mudança no domínio do *self*, um movimento de A para não-A (ABBEY; VALSINER, 2005) que nunca pode ser totalizante, no sentido de abarcar as várias posições de eu. Esse movimento pode ser mais ou menos radicalizado a depender dos circunscritores socioculturais em que o ator ou atriz social estejam envolvidos, mas sempre haverá uma dose de tensão no processo, que somente assim caracteriza-se como política de si. Afinal, como destaca CRAIB (1998), as emoções, centrais na produção das políticas de si, são sempre contraditórias em seu fluxo. Elas sempre irão trabalhar para uma identidade disruptiva e existirão como uma batalha interna para manter uma identidade contra uma emoção disruptiva. Existe um número de formas diferentes em que essa batalha se apresenta, e pode resultar em perda ou em ganho pessoal/social.

Como tributários do *ethos* dos anos 1960/1970, tensionados por processos de politização intensos, é na trajetória daqueles que viveram a juventude nos anos 60/70, e particularmente nas trajetórias das mulheres dessa época que encontro experiências mais expressivas disso que tenho chamado de políticas de si. Possivelmente porque, como lembra Salem (1991), citando Castel (1981), as décadas de 60 e 70 talvez tenham sido marcadas por um psicologismo e um politismo propícios à elaboração de processos que a mim parece tratar-se de políticas de si. Aliás, vale mencionar, foi a escuta dessas trajetórias que me levou a este conceito, elaborado para dar conta

de explicar processos que, a meu ver, ganham feição política no domínio do *self*. Esse conceito foi criado em face da necessidade de falar desses tensionamentos que, emocionalmente orientados e iniciados no domínio da interpessoalidade, são elaborados reflexivamente no domínio da intrapessoalidade e transformados em posicionamentos de cunho político.

6.1 DE JOVEM A ESTUDANTE: “EU ERA DONA DE MEU NARIZ”

A passagem de jovem a estudante (FORACCHI, 1965) é, para as mulheres dos anos 1960/1970 uma etapa fundamental no processo de conquista da autonomia e da intimidade. Ela se traduz no direito de usufruir de certas liberdades, concedidas somente em função da responsabilidade que assumem frente aos seus estudos, e da independência financeira que constroem em função de seu ingresso na universidade. Afinal, como observa Foracchi (1965), existe uma vinculação estreita entre a possibilidade de ser estudante, a autonomia de manutenção assegurada pelo trabalho, seja completa ou parcialmente, e a situação de classe em ascensão. A resposta de Laura à pergunta: *E a sua família, você observa alguma mudança quando você entra na universidade?*, é reveladora desse tipo de mudança de *status* operada frente à família e à sociedade quando o/a jovem passa à condição de estudante e, logo a seguir, à posição de trabalhador/a. Ela nos faz ver, tal como indicado por Foracchi (1965, p. 72), que “a autonomia equivale, no plano do comportamento, das atitudes e valores, à responsabilidade de manutenção.”

Laura – **Eu fui a primeira filha das mulheres que fez universidade. Então eu passei a ser um pouco assim, como eu te falei, eu era respeitada, tanto que quando eu passei a conviver com o meu marido, minhas irmãs já estavam casadas, minha mãe dizia: “você casou à sua forma”.** Então, ela... eu não dava despesa, eu não fui de escola particular a não ser na escola primária, todas as outras foram de escolas tipo Instituto Feminino, Instituto Social, Sacramentina, e eu não fui. Então, eu acho que eles me viam assim no direito de eu fazer agora o que eu achava que eu devia, porque **eu era dona do meu nariz**, porque eu também não dava muita despesa, por isso. (sorri) **Eu tinha minha vida. Eu com o meu primeiro emprego, eu já tinha meu carro, comprei um carro, entendeu, então eu ia para minhas farras e voltava com o carro.**

Ana – Você ainda estava na universidade?

Laura – Ainda na universidade, e ainda morando com os meus pais, e **isso foi mudando o jeito deles me olharem, certamente não aconteceu só comigo, mas eu chegava de madrugada.**

Chegava em casa, abria a garagem, entrava. Hoje eu não faria mais isso. A segurança de Salvador me deixava mais, mas na época eu fazia numa boa, a gente tinha uma casa, eu abria portão de cadeado para botar o carro numa garagem, imagine, duas, três, quatro horas da manhã, eu sozinha, porque eu voltava das minhas farras.

Ana – E eles aceitavam.

Laura – **Aceitavam. E... me viam com respeito por isso que eu estou lhe dizendo.**

Como sublinha Singly (2003), o direito ao usufruto da vida juvenil – saídas, festas, amigos, amores, política – está totalmente relacionado à capacidade do jovem de negociar novos consensos, desde que respeite, mais ou menos, as regras do jogo do investimento escolar que se justifica no tempo futuro. Laura, ao adquirir um carro, como resultado de sua primeira inserção no mundo do trabalho, dá aos pais provas do quanto tem levado o estudo a sério, bem como de sua competência para assumir uma vida adulta. "É enquanto aluno que o jovem pertence mais tempo à família, ao mesmo tempo que se vai construindo pessoalmente através de um afastamento progressivo dos pais." (SINGLY, 2003, p. 153). Para as mulheres dos anos 1960/1970, a chave para a liberação e o desenvolvimento de um processo de autorização no âmbito das relações amorosas e sexuais estava na conquista progressiva da independência financeira via continuidade dos estudos. Talvez mais que as jovens de hoje, as jovens mulheres de 60/70 soubessem e "sentissem na pele" o sentido ambíguo da condição de dependência. Afinal, como sublinha Foracchi (1965), se é na qualidade de totalmente mantido que o jovem dispõe de condições para ser um estudante, são, paradoxalmente, esses fatores que criam obstáculos à sua realização pessoal, visto que é em função desta condição de dependência que são tantas vezes reprimidas as mais simples manifestações de vontade autônoma. Foracchi (1965, p. 28) questiona: "como ser estudante, e portanto, categoria social independente, se não é possível deixar de ser, ao mesmo tempo, jovem dependente, submisso e comprometido?" E pergunto eu, diante das trajetórias das mulheres dos anos 60/70: como ser uma mulher livre dos atavismos por tanto tempo imputados ao feminino e autorizar-me na esfera da vida afetivo-sexual, sem alcançar, via passagem à condição de estudante, a independência?

Para estas jovens mulheres, o estudo não era somente um meio de construção da independência, era também uma estratégia que lhes garantia a confiança da família, e que lhes permitia ganhar distância das normas parentais de modo a conquistar, no domínio das relações de amizade e amorosas e sexuais, uma liberdade, na época outorgada somente aos homens. Quando

esta jovem mulher era oriunda do interior do estado, essa estratégia era ainda mais fortemente acionada. Talvez porque concluíssem ou intuíssem que "conduzir-se com autonomia é isentar-se de vínculos [de ordem financeira], realizar a própria lei." (FORACCHI, 1965, p. 71).

A questão é que o/a jovem estudante, ao começar a trabalhar, modifica os vínculos de dependência com a família, que, por sua vez, tende a afrouxar o controle sobre suas ações. "Socialmente nivelado ao adulto pelo fato de ser, como ele, uma unidade produtiva, o jovem revela em seu comportamento o conteúdo socioeconômico da relação de manutenção." (FORACCHI, 1965, p. 58). Nota-se, pois, porque o ingresso na universidade tem um papel tão importante na trajetória juvenil, e, particularmente, na trajetória afetivo-sexual das mulheres dos anos 60/70, imersas em um contexto social altamente ambivalente e desigual no que diz respeito a questões que entrelaçam gênero e sexualidade.

"EU ACHEI QUE EU CRESCI E ELE NÃO, EU ENTREI NA FACULDADE"

Laura faz a passagem de jovem a estudante no início da década de 70, tempo de muitas mudanças no cenário da vida universitária em função das lutas estudantis contra a repressão militar e a reforma universitária imposta. Tinha 18 anos a esta altura e era moradora de um bairro de classe média em Salvador. Educada como quase todas as meninas de sua época para "guardar-se virgem" até o casamento, teve a sua primeira vez aos 19 anos, após seu ingresso na universidade, com um rapaz de seu bairro, com quem namorava desde os 16. Ao questioná-la sobre o significado desta experiência para ela, Laura responde:

> Eu não podia mais deixar de ter... aquela pessoa seria o meu marido por causa disso. É como se, pra mim, de fato, já que, **desvirginou, tem que casar.** Era um conceito que eu tinha de vida e de família, e me achei, assim, pré-casada. Tinha minha obrigação a partir de agora, **porque quem iria me querer, já que eu não era mais virgem? Então teria que ser essa pessoa o meu marido.** Era uma coisa por aí. (LAURA, geração anos 60/70).

"Desvirginou tem que casar" era uma espécie de lema da época, persistindo em sua relativa eficácia subjetivante mesmo ao longo destas décadas – 1960/1970 – quando as reivindicações de liberação sexual para as mulheres ganhavam força, em especial, graças ao movimento feminista. Como observa Del Priori (2006), não obstante o ressurgimento do movimento feminista nos anos 1970, a suposta "revolução sexual" por ele mobilizada manteve, por muito tempo, uma face oculta: "o discurso normativo, a pressão do grupo, a culpa, a diferença

entre mulheres certas: as que 'não davam' – e erradas – as 'que davam'." (DEL PRIORI, 2006, p. 327). Em consonância com as observações de Del Priori (2006), assevera Bozon (2004, p. 151-152):

> As mudanças relativas à sexualidade nas últimas décadas do século XX apresentam-se menos como uma "revolução sexual" do que como uma individualização dos comportamentos e dos ideais, paralela a outras evoluções da sociedade e da família. A nuança é importante. Na primeira hipótese podemos supor que teria havido, nos anos 1960 e 70, um súbito relaxamento capaz de permitir a expressão de pulsões sexuais reprimidas há séculos. Mas essa interpretação não resiste a um exame detalhado. Segundo a tese de individualização da sexualidade, estas últimas décadas assistiram a uma aceleração do processo de substituição de controles e disciplinas externos aos indivíduos, por meio de controles e disciplinas internos, que aprofundam as exigências sociais. (BOZON, 2004, p. 151-152).

Justamente porque não houve este relaxamento ou mudança súbita a que se refere Bozon (2004), é que se observa, nesse período, o movimento de idas e vindas das conquistas feministas nas páginas das revistas que circulavam à época, e que faziam reaparecer pensamentos que se julgava superados (DEL PRIORI, 2006). Em meio a este contexto social ambivalente, uma jovem "desvirginada" poderia ser alvo de comentários. "Era sério isso", destaca Laura em outro trecho, referindo-se ao significado social do evento, mais que ao psicológico. Seus significados, neste último domínio, chegavam *a posteriori*, como resultado da relação Eu-Outro Generalizado.

Assim, ao ter sua primeira relação sexual, Laura se sente "pré-casada", afinal, diz ela: "quem ia me querer, já que não era mais virgem". No contexto em que foi socializada, a virgindade era um símbolo de virtude, uma barreira real/simbólica que só será vencida pela jovem após um tempo de convivência no contexto da cultura universitária, espaço de socialização que, junto a outros fatores, lhe forneceu os recursos simbólicos (ZITTOUN, 2006) e lhe deu ensejos de "sair do casulo", para usar suas próprias palavras. Com esta expressão, Laura parece querer enfatizar o processo de transformação que viveu ao ingressar nesta nova esfera da experiência – a vida universitária. A partir deste evento, ela experimenta o duplo movimento compreendido numa experiência de transição: de um lado, efetua, de forma mais ou menos consciente, uma ruptura com algumas formas de vida anterior e, de outro, transforma-se, reposiciona-se para criativamente adaptar-se às novas condições (ZITTOUN, 2001) simbólicas e materiais colocadas pela ambiência universitária.

Laura comenta que mesmo nesse ambiente e nesta década marcada por ideias libertárias em torno de vários assuntos, e, em particular, do sexual, o modelo ainda era o da "moça casadoira", mas a virgindade vinha perdendo o seu prestígio. A iniciação sexual fora do casamento já não era uma novidade, mas melhor seria que a moça casasse com o rapaz que a havia "desvirginado",

termo da época, uma afirmativa que ainda revela o lugar de passividade reservado às jovens mulheres no domínio da sexualidade.

Desse modo. quando pergunto a Laura se, para as universitárias da época, a virgindade ainda era um tabu, ela argumenta: “Casamento, não se falava em virgem, mas pelo menos com o marido que desvirginou, com a pessoa que desvirginou. Então, até casava não-virgem, mas namorava cinco, seis, sete anos, fazia enxoval e casava.” Casar com o namorado com quem experimentou relações de intimidade sexual garantia, antes de mais nada, a reputação da jovem. Inserida no contexto da vida universitária, entretanto, Laura ressignifica a virgindade, e decide terminar o namoro com aquele que teria sido o seu primeiro parceiro sexual. Indo de encontro às expectativas sociais em torno do comportamento feminino, autoriza-se a viver sem marido, mesmo tendo “perdido a virgindade”. O trabalho dialógico realizado nesse momento é fortemente influenciado por este Outro Generalizado que é a cultura universitária. Em parte sob os efeitos desse cenário, artífice e testemunha de uma revolução social em curso, não é somente o símbolo da virgindade que perde o seu poder, mas o seu parceiro que perde os encantos de outrora, e já não lhe parece “o par perfeito”.

> [...] porque eu entrei em outra, **eu achei que eu cresci e ele não, eu entrei em faculdade, ele não. Eu me senti assim outra cabeça, já comecei a achar que ele não era o par perfeito**, eu tinha um envolvimento com a família dele, porque coincidentemente a irmã dele namorava com um primo meu, e no mesmo bairro, a mesma história, então tínhamos uma certa intimidade entre famílias. Eu cheguei ao ponto de ter que confessar para ele que eu não queria mais ficar porque não me sentia segura com ele, e ele entrou em parafusos, e **disse que eu é que desvirginei ele, que foi a primeira experiência que ele teve. E falou pro pai e pra mãe, porque sofreu porque eu não quis mais**, aí achou que eu é que tinha tirado a virgindade dele, que a primeira mulher da vida dele foi eu. **Se foi, eu não sei, mas se foi, de repente, eu já não queria mais esse rapaz.** (LAURA, geração anos 60/70)**.**

Singly (2000) argumenta que, desde a modernidade, o parceiro ou o cônjugue passa a ter a função de validar a identidade do “copiloto”, o/a parceiro/a é exigido no sentido da mudança, toda vez que o/a seu parceiro/a reconfigura sua identidade. “Submetido à pressão social do desenvolvimento pessoal, os casais modernos têm de seguir o ritmo das transformações de identidade de cada um deles.” (SINGLY, 2000, p. 71). O parceiro de Laura não havia acompanhado as suas transformações após o ingresso na universidade. Sua mudança foi de tal ordem que ela consegue transpor o tabu da virgindade, sentindo-se livre para não casar com este seu primeiro parceiro sexual, e mais tarde, para experimentar novas relações amorosas e sexuais, em novos

moldes.

Questionada sobre o que teria motivado essa decisão pelo término do namoro, Laura refere mais uma vez o fato de gostar de estudar e de valorizar a vida intelectual. Refere-se, pois, ao que Giddens (2002) denominaria estilo de vida. Ela opta, e este último termo tem tudo a ver com uma característica fundamental da modernidade – a capacidade de escolha dos indivíduos – por um estilo de vida em que a intelectualidade é o eixo central. "Estilo de vida não é um termo muito aplicável em culturas tradicionais, porque implica uma escolha dentro de uma pluralidade de opções possíveis e é adotado', mais que 'outorgado'". (GIDDENS, 2002, p. 80). No estilo adotado por Laura, só havia lugar para a boemia se dentro de um contexto de debates "profundos" sobre temas políticos com os quais se ocupava a juventude (de classe média) intelectualizada da época.

> Primeiro, eu fui uma pessoa como eu falei, que **sempre gostei de estudar, então, eu me tornei uma pessoa que era exigente em relação à intelectualidade, e comecei a conhecer pessoas interessantes, que pensavam, que discutiam, que sentavam em mesa de bar pra conversar sobre política. Os anos 60 e 70, as pessoas eram profundas em termos de doutrinas, estudavam mesmo marxismo, e eu me identificava mais com gente intelectual do que, ele, o perfil dele.** Era uma pessoa de gostar de beber, de entrar em bar no Rio Vermelho. Às vezes eu encontrava com ele bebendo, e, me constrangia isso dele estar em bares. Então, isso, eu comecei a achar que não era o homem que eu queria na minha vida, e não era mesmo. Tanto que ele não cresceu intelectualmente [...]. **E a faculdade me colocou muito assim dona de algumas verdades, acho que a faculdade mexeu muito com a minha formação.** (LAURA, geração anos 60/70)**.**

Nas palavras de Laura, a universidade "[...] lhe pede uma nova *persona* [uma nova forma de ser], ela lhe pede um novo comportamento [uma nova atuação]. Ela exige de você uma provocação de uma identidade coletiva que ela prega para você." Segundo sua forma de ver, o ingresso na universidade opera uma "desculturalização" no jovem, que estando em um momento da vida altamente suscetível de ser influenciado e transformado, assume facilmente os signos culturais daquela nova cultura – a universitária – algumas vezes em detrimento da cultura na qual foi educado no contexto das relações familiares. Daí ela afirmar que a faculdade mexeu muito com sua formação como pessoa, ou seja, operou uma série de reposicionamentos no domínio do *self*, embora não tenha conseguido mudar alguns de seus valores, motivo pelo qual permanece empenhada em preservar a fachada (GOFFMAN, 2013) de mulher difícil – "dura na queda".

Sua preocupação era "não vulgarizar", o que correspondia a não ir para a cama com ninguém que não fosse seu marido, na verdade, seu pretenso marido. É nesse sentido que questiono a tese de Laura sobre a "desculturalização" em favor de outra forma de compreensão

possível. A meu ver, em vez de uma "desculturalização", o que ocorre é um diálogo intercultural – algumas vezes de teor conflitivo, em que interatuam de forma assimétrica valores familiares e valores da ambiência universitária. Em alguns casos, talvez a maioria deles, o que ocorre é algo que se aproxima de uma experiência de desculturalização, como sugere Laura, resultado da força que a sociabilidade entre pares assume na arquiterura do *self* juvenil, funcionando como um agente catalizador de mudanças, em outros, o que ocorre é uma fraca experiência de transformação da arquitetura do *self*, face à força coercitiva que exerce a família e seus valores sobre o/a jovem, em grande parte justificada pela situação de manutenção deste último. A manutenção do/a jovem pela família cria, como observa Foracchi (1965), relações de dependência de sentido ambíguo, visto que, por um lado, o/a jovem dispõe de condições para melhor usufruir de sua condição de estudante, rica em potencialidades criadoras, por outro, impõe limitações evidentes, ao envolver o jovem em obrigações morais frente à família de origem. Considerando que ontem, e hoje mais ainda, a emancipação do/a jovem é quase sempre parcialmente alcançada, sua autonomia para assumir mais amplamente os valores dessa nova cultura será sempre limitada, seja por este como por outros fatores. Não fosse assim, Laura teria aderido completamente ao estilo libertário que ganhava terreno no contexto da vida universitária, associado à luta contra a repressão militar e sexual. Em diálogo com essa nova cultura – universitária, ela busca encontrar, ao longo de sua formação, um modo de ser mulher e de expressar a sua feminilidade que a distancie, mas apenas em parte, do modelo adotado até ali.

> **Aí fiquei assim, uma pessoa tão resistente a relações sexuais. Era uma mulher difícil. Tanto que eu sei de comentários de outras pessoas que me conheciam: "é dura na queda".** Como se, por exemplo, se eu tivesse que ter uma intimidade sexual com alguém, era pra casar, não queria mais ficar..., tinha muitos amigos, frequentava muito ambientes, cantava, tocava violão, essas coisas da juventude da época da gente, ia muito a barzinho, muito a festa de largo, Bonfim, todas, Yemanjá, todas, as festas todas, mas não fazia nenhuma questão de estar com um homem. **Engraçado que agora estudando as deusas mitológicas, eu me sinto várias aí, porque aquelas que não precisavam de homens porque eram guerreiras, então me senti por muito tempo, Artêmis, sabe, aquela que não precisa do homem?** (LAURA, geração anos 60/70)**.**

E completa:

> Um homem é só um par, mas... **por um tempo eu acho que eu subestimei um pouco a minha sexualidade, eu deixei o meu feminino, a minha Lilith, a coisa do sexo conquistador meio abafado, reprimido, na verdade, o nome é esse, pra não ter que ir pra cama com ninguém que não fosse o meu marido. Eu tinha um pouco desse valor na minha cabeça**, de achar que não era pra vulgarizar, isso eu me sentia responsável, então, não vulgarizei, era mais ou menos isso que eu achava. Não é como agora: ficou, não ficou,

> nunca, na cabeça da gente. Se ficasse com alguém era para casar. Era essa a minha, se não casou, é porque não deu certo, mas cada um que aparecia em minha vida durava três anos. Não era menos que isso, entende, era como se "vai ser o último". (LAURA, geração anos 60/70).

No estilo de vida que a partir de então adota, Artêmis é, inicialmente, a figura mitológica que melhor representa a sua feminilidade – por ser aquela que "não precisa de homem". Como sublinha Giddens (2002), referindo-se às consequências da modernidade tardia sobre a trajetória do *self*: a escolha por determinado estilo de vida envolve uma série de decisões cotidianas mais ou menos importantes que dizem respeito não apenas a como agir, mas sobre quem ser. Assim, após o rompimento com o primeiro namorado, decide ficar sozinha, tornando a posição feminina Eu-Artêmis dominante em um primeiro momento. A pretexto de não vulgarizar, reprime a posição feminina Eu-Lilith. Um *script* mais ou menos previsível no cenário ambíguo e contraditório dos anos 1960/1970, e que a salvaguardava de quaisquer comentários contra a sua reputação, até que ela se sentisse suficientemente forte para dar expressão ao seu feminino "conquistador", representado na Lilith "abafada".

Vale sublinhar, entretanto, que estas escolhas de estilo de vida guardam em si uma trama de elementos psicológicos e sociais apenas em parte sob o controle da consciência. Uma discussão pouco explorada por Giddens (2002) que, ao falar do projeto reflexivo do eu, dedicou pouca atenção aos elementos da psique humana que escapam à reflexividade, atuando à revelia de nossa consciência. É mais provável, por exemplo, que o "feminino conquistador" de Laura tenha ido para as margens de seu *self* através de uma operação inconsciente, vindo à consciência somente mais tarde, quando modificações no cenário interpessoal e intrapessoal tornavam possível sua livre manifestação. Minha hipótese é de que uma das condições fundamentais para a liberação deste feminino conquistador se encontre na emergência da posição promotora[31]Eu-independente. É o alcance da independência, conquistada em função da passagem de jovem a estudante que permite este reposicionamento: de Eu-pré-casada para Eu-Artêmis, e, mais tarde, para Eu-Lilith.

Todas essas considerações, porém, não invalidam a proposição de Giddens (2002), que quer destacar o fato de que no universo social pós-tradicional, ou seja, no terreno existencial da chamada vida moderna tardia, "no nível do eu, um componente fundamental da atividade do dia-a-dia é simplesmente o da *escolha* [...]" (GIDDENS, 2002, p. 79, grifo do autor). Embora nenhuma

[31] Uma posição promotora, como terei oportunidade de explicar, mais amplamente, na análise do caso de Mila, tem o potencial de gerar e integrar uma ampla variedade de *I-positions* futuras.

cultura elimine completamente a escolha das situações rotineiras de uma sociedade ou comunidade humana, e todas as tradições sejam também escolhas entre uma gama de padrões possíveis de comportamento, a tradição, por definição, ordena a vida e comportamento humano dentro de canais relativamente fixos. A modernidade, a seu tempo, confronta o indivíduo com uma ampla e complexa variedade de escolhas e, ao mesmo tempo, como sublinha Giddens (2002, p. 79), oferece pouco suporte para estas escolhas. Nas palavras do autor, "[...] não temos escolha senão escolher".

A escuta da narrativa de Laura nos põe diante da trajetória de um *self* altamente reflexivo, continuamente envolvido na tarefa de tomar decisões sobre a própria vida e sobre o ser mulher. Ela nos conta que após o ingresso na universidade e o término com aquele que ela havia julgado que seria o seu companheiro para o resto da vida, passa muito tempo sem namorado. Depois, conhece uma pessoa por quem se apaixona intensamente, ao ponto de decidir por manter a relação mesmo após descobrir que o rapaz já tinha outro relacionamento. Ficam juntos por três anos consecutivos nessa situação, até que ela decide que não queria mais ser "a outra" de ninguém. Rompe o relacionamento, experienciando o que ela considera ter sido um processo de ruptura-transição em sua vida. Ao questioná-la sobre o que a fazia sentir essa experiência como um *turn point* ou uma ruptura, ela explica por meio de uma narrativa tipicamente moderna – totalmente condizente com o *ethos* político-psicologizante (VELHO, 2006, 2008; SALEM, 1991) que caracterizou o discurso das camadas médias nos anos 60/70 – em que as noções de escolha e de autonomia são centrais:

> **Olhe, do ponto de vista psicológico, assim, uma consciência de mim, que eu devia escolher a pessoa que eu quero, não devia ser escolhida. Eu reconheci, e outras coisas que eu fiz também de terapias de grupo e tal, de que eu me deixava escolher mais do que eu escolhia, eu me deixava flechar, ao invés de eu ser a arqueira, eu não escolhia as pessoas, as pessoas me escolhiam e eu dizia sim, era como se fosse isso, e dessa vez eu escolhi não estar mais com essa pessoa, eu rompi mais uma vez, como eu já tinha feito antes, mas com uma consciência de mim, de autora da minha vida**, não é por aí, eu tenho que arranjar uma forma que eu vou conduzir a minha história afetiva. Eu não quero mais ser a escolhida, eu que vou dar minhas notas, vou dar minhas regras da relação. Então, eu acho que essa foi a minha consciência de mulher, assim, **já que eu sou uma pessoa que trabalho, que produzo, que pago a minha vida, que sou respeitada pela minha família, eu também agora vou conduzir a minha vida sexual, afetiva. E foi [é] assim que eu me sinto até hoje, sabia, eu não deixei de ser assim não. Mesmo tendo um parceiro, que partilhe a vida comigo, que é pai dos meus filhos, mas eu me sinto muito dirigente da minha história a partir dessa ruptura**, que eu me achava muito... eu me submetia, depois não quis mais ser uma pessoa que me submetia. Eu queria agora dar as regras do jogo, não queria mais cumprir, mesmo que fosse um cumprimento de paixão, tinha que ser um cumprimento mais racionalizado, [...]. (LAURA, geração anos 60/70).

No relato de Laura, é clara a presença de um discurso marcadamente “psicologizado”, que, como apontaram vários estudos em torno dos anos 60/70 (HEILBORN, 1992; VELHO; SALEM, 1991), é, em parte, resultado da ampla difusão de uma cultura psicológica entre pessoas dos segmentos médios e altos da sociedade brasileira. “Tal cultura faz-se proeminente não só pelo conhecimento do que se constitui o saber em si, mas também pela adesão dos sujeitos, enquanto consumidores, a práticas psicoterápicas e mais propriamente psicanalíticas [...]”. (HEILBORN, 1992, p. 111). Em consonância com esse “indivíduo psicologizado” ou, talvez seja melhor dizer, “indivíduo individualizado” (SINGLY, 2000, 2004) pela psicologia e por outras ferramentas culturais da época, vive-se, nessa altura, sob o regime das escolhas. Obviamente, não uma escolha destituída de signos orientadores, outros signos eram agora oferecidos, e lutavam por legitimação ao lado ou em confronto com aqueles outrora instituídos e instituintes de ordens sociais diversas. Alguns espaços e tempos da vida parecem mais acessíveis a estes signos de libertação do passado e de inovação que outros. Eles parecem reunir os elementos ou os catalizadores semióticos (CABELL, 2010, 2011a, 2011b) necessários, porém nem sempre suficientes para que o indivíduo se sinta autor de si mesmo, autorizando-se (ARDOINO, 2000) a escolher experimentar certas práticas que em outro contexto não lhe pareceriam possíveis. A juventude é um desses tempos.

> Se, como dizem, a juventude é manipulável, isto equivale a admitir que ela é flexível e que sua fraqueza é, na verdade, sua força. A capacidade singular de manipulação que converte os jovens em instrumentos de diversos poderes, é, nos países que despertaram para a história, neutralizada pela visão crítica e pelo anseio de autonomia que deles fazem o porta-voz insistente de todas as reivindicações e o denunciador implacável de todas as formas de opressão. (FORACCHI, 1965, p. 304).

“A GENTE IA PRA RUA PRA DIZER ‘ABAIXO A DITADURA MILITAR!’”

> Então, a gente viveu o AI 5 e a Reforma Universitária. Daí, com essa reforma, foi como eu cheguei na universidade, enfrentando tudo isso com os *slogans* do movimento estudantil, dos partidos comunistas por trás dos movimentos estudantis. **A gente ia pra rua pra dizer Abaixo a Ditadura Militar!** Enfrentar baioneta mesmo, bomba de gás lacrimogêneo, coisas dessa natureza. E os universitários, de fato, não eram os caras pintadas ainda não, eram muito mais que isso, porque eles criaram os seus núcleos, a gente teve colegas que desapareceram, pessoas que a gente sabe até que morreu. Depois a gente soube que morreu, mas na época, desapareciam porque “eram subversivos”. (LAURA, geração anos 60/70).

Vieira (2009), referindo-se ao mesmo período histórico e social que serve de cenário às experiências de Laura no campo da política estudantil, lembra que o evento-chave da escalada de

repressão que fez a passagem do regime militar para a ditadura militar foi o 30º Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), organizado clandestinamente em 14 de outubro de 1968, na cidade de Ibiúna, interior de São Paulo, quando em uma só operação foram presas pela polícia mais de 900 pessoas, dentre elas as principais lideranças estudantis ainda em liberdade. Dois meses depois, em 13 de dezembro do mesmo ano, é decretado o Ato Institucional nº 5. Editado no governo do General Arthur da Costa e Silva, esse instrumento toma várias providências: atribui amplos poderes ao chefe de governo, dentre eles: cassar mandatos, suspender direitos políticos e legislar em substituição ao Congresso Nacional após decretar-lhe o recesso. Segundo Vieira (2009), são previstas penalidades severas aos infratores do regime. Os quartéis entram em prontidão e mobilizam as Polícias Federal, Militar, Civil e a Guarda Civil. A ditadura perde, a partir daí, sua máscara, e ingressa, como destaca a autora, em sua fase mais ostensiva.

Nesse cenário, "[...] as reivindicações dos jovens, sejam elas quais forem, estudantis ou não, justas ou não, serão sempre consideradas subversivas, atentatórias à ordem natural do mundo social." (FORACCHI, 1965, p. 285). Esse raciocínio admite ser próprio da juventude desejar melhorias e transformações, ao tempo em que também entendem que tais propósitos não devem ser alimentados ou levados em consideração. Insistentemente, lançam à juventude uma irresponsabilidade que sabem não ser somente dela, na verdade, "o que pretendem ignorar não é tanto o jovem irresponsável, mas os propósitos de que ele é porta-voz insistente." "Perdendo as reivindicações estudantis o seu significado de luta," complementa Foracchi (1965, p. 285-286), "não há nada a reivindicar".

> Então fomos... eu penso assim, a minha faculdade foi uma faculdade muito corajosa, que a gente se estruturou sim, muitos de nós estamos aí estruturadíssimos, depois disso tudo, mas que também foi o período da transição e da mudança radical do que seria a juventude brasileira. **Porque a gente deixou a casa da gente para brigar com os militares, e éramos... quem não fizesse isso era alienado, ainda tinha isso, quem não fosse alguém comprometido ideologicamente, politicamente com algum movimento, era alienado. Era como se tivesse uma prancha de *surf* e não tivesse nada a ver... Então, a gente não queria ser alienado, a gente era consciente**, aí a pedagogia do oprimido, a pedagogia de Paulo Freire, aqueles movimentos de... eu fui inclusive de juventude estudantil católica que era um movimento da igreja católica, mas que tratava da doutrina social da igreja. E na época, Paulo Freire que criou a alfabetização de adultos fazia com que nós de pedagogia também estudássemos para criar o Movimento Eclesiástico de Base, que era para dar aula a operário, e a gente fazia isso. Eu dava aula de alfabetização no SECUP, por exemplo, que hoje existe, foi do movimento que a gente criou, de educação popular. **Nós somos assim, corajosos, enfrentávamos os batalhões mesmo, mas assim, à troca de uma realização pessoal profunda, como se espiritualmente eu estivesse comungando com Deus. Fazer isso era comungar.** (LAURA, geração anos 60/70).

Como destaca Foracchi (1965), uma referência consistente e atual em muitos sentidos para a compreensão da juventude e do movimento estudantil, "A juventude é, ao mesmo tempo, uma fase da vida, uma força social renovadora e um estilo de existência." (FORACCHI, 1965, p. 302). Esta tese, que tem como principal foco a primeira hipótese – afinal desenvolve-se no campo das pesquisas sobre desenvolvimento, considera indispensável estudá-la tendo em mente sua articulação com as demais. De acordo com Foracchi (1965), se concebida como uma etapa da vida que antecede a maturidade e que apresenta características que a singularizam, será possível notar que ela corresponde a um momento importante de descoberta da vida, da história e de si mesmo. Nesse sentido, vale notar como a participação política do/da jovem tem relações estreitas com o processo de construção identitária que parece ganhar relevo nessa fase da vida, e que nos acompanhará ao longo de toda a nossa existência. Nas palavras de Laura, não se tratava somente de uma luta política, era uma questão de identidade: "*quem não fizesse isso era alienado, ainda tinha isso, quem não fosse alguém comprometido ideologicamente, politicamente com algum movimento, era alienado."* Diante dessa exigência do contexto, era necessário "criar uma persona", porque "se eu não fosse assim eu não me sentiria ajustada". É obviamente ao ajuste aparência, maneira e cenário (GOFFMAN, 2013) que se refere Laura, um ajuste organizador do *self* quando em confronto com as demandas da vida cotidiana. Assim, quando pergunto a Laura se ela considera que a universidade provocou mudanças na esfera da vida afetivo-sexual, ela responde: *"Sim, porque me botou na rua, por exemplo, eu podia, eu virei boêmia também, entendeu?* A boemia era fantástica, porque você bebia, as pessoas te olhavam, a sexualidade é uma coisa que com o álcool..." Complementando depois,

> **Primeiro, a faixa etária, eu te falei isso, retomando, qualquer ambiente que a gente entre nessa faixa etária, isso tudo tem um relevo sexual,** a sexualidade tá aí como uma coisa transversal da vida da gente, até em ambiente de trabalho que fosse algo que está tudo aí, ela também é modificada. Por exemplo, se eu não, mas dentro da universidade a gente tem mais de um estímulo, primeiro esse de ideias, por exemplo, que virgindade é coisa de babaca, e coisas dessa natureza que a gente teria, começa a quebrar alguns tabus pelos conceitos que você vai incorporando, os valores que você vai concebendo como... não são mais seus valores originais que estão valendo, são agora os que a gente estuda, os que a gente ouve, os que os professores pregam, os que meus colegas também entendem, a gente passa a ter um outro jeito de existir, e a sexualidade como é tivesse ido para universidade, talvez não tivesse sido a outra de uma pessoa, entende? Se eu não estivesse na universidade, talvez eu não tivesse ido pra motel logo com alguém que não era meu marido, que não era uma pessoa que namorasse comigo, era o primeiro... no carnaval sai e vai pro motel. **Você sentia assim num movimento que isso era normal, o conceito de cultura, de normalidade dentro da universidade se altera, e aí a gente se transforma assim e a gente começa a pensar assim de uma maneira mais amplificada, mais ousada, e vai subvertendo as ordens primeiras, né? A gente foi subversivo da política e da**

> **ideologia e a gente foi subversivo do sexo, com certeza também.** (LAURA, geração anos 60/70).

Segundo Giddens (2002), a experiência do indivíduo na modernidade tardia é segmentada por conta da existência de múltiplos ambientes de ação, ou esferas da experiência de vida, como prefere Zittoun (2000, 2006). A questão é que modos de ação seguidos num contexto podem ser mais ou menos diferentes daqueles adotados em outro ambiente. O indivíduo é chamado a atuar diferentemente nos mais variados contextos de vida e a manter uma coerência interna quando transita de um ambiente para outro. Já havíamos falado sobre isso quando apresentamos a experiência de ingresso na universidade, de Manuel. Ele não apenas questiona-se quanto a como comportar-se ao voltar para o contexto formal da universidade após viver experiências sexuais ao lado dos colegas no fim de semana, como se mantém em silêncio quanto ao que chama de "vida desregrada" – em parte provocada pela convivência universitária – quando ao lado de sua família.

> **Mas minha mãe que nem terminou o ensino fundamental, vai entender o que é isso? Não vai... Eu acho que não. Chegar e dizer: Ah, mãe, tava no bar com umas amigas, e aí a gente resolveu dar um beijo triplo.** Primeiro que minha mãe vai me perguntar o que é um beijo triplo, né? **Então, esse tipo de coisa a gente deixa pra lá. Essa minha vida sexual desregrada eu restringi à universidade**, mas fora dela eu... tentei equilibrar isso, também tentei manter o equilíbrio nos estudos, mantive as coisas em paz pelo menos até às quintas. Mas das quintas-feiras até domingo era essa vida desregrada mesmo. (MANUEL, geração anos 2000).

Cada cenário, ambiente ou esfera da experiência possui um conjunto relativamente consistente de práticas ordenadas, bem como um conjunto de atuações possíveis que são adotadas e encenadas pelos atores que destes passam a fazer parte*: "Por exemplo, se eu não tivesse ido para a universidade, talvez não tivesse sido a outra de uma pessoa, entende?"* Este é um dos fatores que condicionam a pluralidade de escolhas dos indivíduos: a regionalização da atividade (GIDDENS, 2002). Uma escolha performática estará sempre circunscrita a um determinado ambiente ou a um conjunto de ambientes mais ou menos ligados entre si por uma teia afetivo-simbólica, ou, em outras palavras, ao diálogo que o indivíduo estabelece com essas diferentes esferas da experiência.

É preciso dizer que os primeiros tempos do/a jovem na universidade parecem ser os que mais operam transformações no que tange ao amor e à sexualidade. Transformações que vão sendo reflexivamente confirmadas ou questionadas ao longo do percurso formativo, em diálogo com atores sociais ligados a outras esferas da experiência de vida juvenil, tais como a família, e

também com *I-positions* criadas ao longo de todo o curso de vida até ali, e *I-positions perspectivadas*. Chamo de *I-positions perspectivadas* aquelas posições que nos movem prospectivamente, mesmo que isso não seja algo totalmente consciente. É claro que aquilo que é prospectivo também pode trazer elementos retrospectivos em seu interior, por exemplo, para um jovem universitário, a posição perspectivada pode ser a posição Eu-engenheiro, mas o passado está ali na medida em que se quer distanciar da posição Eu-pobre. Algumas vezes, essa *I-position perspectivada* funciona como uma posição promotora, mobilizando outras *I-positions* atuais e passadas para o alcance de uma posição futura. Essas *I-positions* podem estar carregadas de afeto, ou seja, de memórias afetivas (povoadas de outros significativos) que ligam passado, presente e futuro.

6.2 "ELE JÁ QUERIA CASAR, EU DIGO: 'PELO AMOR DE DEUS!'"

No que diz respeito às mulheres intelectualizadas que viveram sua juventude nos anos 1960/1970, talvez fosse possível afirmar que os modelos de feminilidade por elas performatizados oscilavam entre o que poderíamos chamar de *self*-tradicional e *self*-moderno. A tônica dos relatos femininos é esta ambivalência entre signos tradicionais e signos modernos de orientação das relações de intimidade, nos quais se nota, tal como descreve Gilberto Velho, em sua análise das camadas médias da Zona Sul do Rio de Janeiro, uma "ênfase na 'descoberta de si mesmo', na 'liberação das repressões', na 'busca da autenticidade', focando sempre as possibilidades de realização e/ou expansão de uma individualidade aceita como premissa." (VELHO, 2006, p. 25). Nesse contexto, aparece com frequência aquela reflexividade do eu a que se referiu Giddens (2002), bem como valores como autonomia e liberdade (VELHO, 2006; SALEM, 1991). Retomaremos, então, a pretexto de nos aproximar um pouco mais destes dilemas típicos da modernidade e do *ethos* dos anos 60/70 (SALEM, 1991), o relato de Joana. Como mencionei anteriormente, Joana teve sua primeira relação sexual somente após finalizar a sua formação universitária. Depois desta primeira vez, ela estabeleceu uma relação duradoura com este que foi, a um só tempo, seu namorado e amigo, relação que foi fortemente abalada após um acidente sofrido por este jovem.

> Com o acidente, a gente já estava **um pouco antes do acidente, eu estava com um grilo muito grande comigo, eu ficava me perguntando, porque eu não queria passar a minha vida toda conhecendo apenas um homem. Então, eu dizia: "eu não posso continuar,**

> **como é que eu vou conhecer outro? Eu vou conhecer, não vou conhecer? E é normal isso?** Então, eu fiquei tendo uma certa... e ao mesmo tempo eu acho que despertava... outras coisas começavam a despertar, mas não era claro pra mim, nem existia esse diálogo com ele não. (JOANA, geração anos 60/70).

O acidente parece ter sido o agente catalizador (CABELL, 2010, 2011a, 2011b) que acionou um processo dialógico que surge para dar resposta a algo que já vinha se processando, porém, num nível inconsciente. Joana usa a expressão "ainda não era claro para mim". Embora mencione que já havia "um grilo na cabeça" antes de ocorrer o acidente, este só se torna mais claro após o acidente. Nesse ponto, vale a pena lembrar as considerações de Cabell (2010) quando indica que a forma pela qual o agente catalizador ajuda no processo de reação é por ativação. A *catalysis* é um processo de fornecimento das condições necessárias para a operação e o emprego de reguladores semióticos. Reguladores semióticos agem ativamente sobre os processos psicológicos em curso através da inibição ou promoção de sua continuidade ou desenvolvimento. O acidente é, pois, o agente catalizador que atua ativando um processo dialógico – que funciona como regulador semiótico – agindo sobre os processos psicológicos conscientes e inconscientes em curso a fim de promover a elaboração de um novo ponto de estabilidade psicológica.

As perguntas que Joana faz a si mesma são típicas de uma experiência de *self-conflict*, em que vozes puxam o indivíduo para caminhos divergentes. Como permanecer com o namorado, se desejava conhecer outras pessoas do ponto de vista afetivo-sexual e não queria ir de encontro ao princípio da fidelidade? O dilema estava posto, e se constituiu no desencadeador de um processo reflexivo cujo resultado foi uma espécie de planejamento estratégico da vida (GIDDENS, 2002). Como observa Giddens (2002, p. 83), "num mundo de opções alternativas de estilo de vida, o planejamento estratégico da vida assume especial importância." A reflexividade emerge como uma ferramenta para organizar a vida afetiva em sua dinamicidade e complexidade, através dela, antecipamos, imaginativamente, o futuro (VALSINER, 2012). Para as mulheres desta geração, a liberdade ou talvez seja melhor dizer a emancipação veio, na maior parte das vezes, associada a um planejamento estratégico da vida, através do qual abandonavam a tradição por meio de uma preparação de suas ações futuras mobilizadas em termos de uma "biografia do eu", tal como sugere Giddens (2002, p. 83), quando se refere à trajetória do *self* na modernidade.

> Era como se fosse assim: se eu continuar o namoro, a gente vai casar, vai ficar, e aí eu vou ficar? **Porque eu sempre fui defensora até demais da fidelidade. Então, não cabia, se eu era defensora extremista da fidelidade, não cabia se eu tinha dúvida se eu queria passar a vida inteira conhecendo um único homem na cama.** E aí eu ficava assim na dúvida.

(JOANA, geração anos 60/70).

Como indica Giddens (2002), as escolhas de estilo de vida e o planejamento da vida não são somente constitutivos do cotidiano dos agentes sociais, mas recursos, a meu ver psicológicos, que ajudam os indivíduos a se organizarem frente às constantes mudanças de espaço-tempo a que estão sujeitos e a dar forma a suas ações. Eles parecem extremamente úteis quando perdemos o roteiro fornecido pela tradição e almejamos construir um futuro em nossos próprios termos. Valsiner (2012), de maneira semelhante, afirma, sob a inspiração de Dewey (1917), que os processos semióticos e reflexivos que a pessoa introduz na própria vida lhe permite regular e dirigir o fluxo ininterrupto das experiências humanas. Considera que seres humanos agem e sentem para o futuro, prospectivamente. Valsiner (2012) busca mostrar que trabalhamos numa espécie de "predição imaginativa do futuro", o que podemos perceber no relato de Joana. Depois de muito refletir, pois se encontrava em um ponto de bifurcação, ponto em que o desenvolvimento do indivíduo pode tomar diferentes sentidos, confirmando ou não as normas ou prescrições sociais, ela decide terminar com o namorado. A esta altura, parte de seus planos já começava a engrenar. Passa na seleção para o mestrado e segue para viver novas experiências em outro estado. Antes, porém, conhece um rapaz mais novo que ela, por quem se apaixona, mas não deseja sentir-se amarrada. A liberdade alcançada por Joana com a vinda para Salvador será para sempre perseguida por ela, como poderemos notar nesse trecho de sua narrativa.

> Com essas coisas todas, depois ele melhorou, depois de alguns meses e tal, **coincidiu que eu fui selecionada pra um mestrado no Rio de Janeiro, que eu ia embora para Rio de Janeiro e acabei o namoro. Um pouquinho antes de ir para o Rio, namorei com um menino que eu conheci desde o interior, e esse também foi uma paixão louca**, **foi tudo de bom também, mas foram três meses, e aí eu disse:** também não quero ir namorando com um longe? **Não. Eu quero ir pra lá pra viver as coisas de lá. Terminei com esse. Ele já queria casar, eu digo: pelo amor de Deus! (mais novo que eu uns 10 anos).** Menino, pelo amor de Deus, a gente tá aqui ainda começando, você já pensando em casar, você é novo, vai viver a sua vida, acabar o seu curso e tal. Acho que ele ainda estava estudando, acho que estava. Eu sei que antes de ir eu tive esse namorico, e fui estudar no Rio, [...]. (JOANA, geração anos 60/70).

"A recusa da clausura é uma das características do funcionamento das sociedades modernas.", diz Singly (2003, p. 49). Para este autor, em tempos modernos, a relação não deve ser um elo fixo, deve ser flexível e reversível, permitindo, assim, a afirmação de um eu independente e autônomo, é o que reivindica Joana. Idealmente, o amor que foi se desenhando desde o início da modernidade e que até hoje sofre mutações, procura uma distância variável, capaz de permitir um

duplo trabalho de construção do eu: o que se joga na relação amorosa, com a descoberta de si próprio no olhar do outro; e o que permite respirar outro ar, escapar do asfixiamento não só através do outro, mas também de um eu definido univocamente. Por este motivo, os romances contemporâneos misturam, conforme observa Singly (2003), a magia da fusão – nomeadamente sexual – e a defesa de um eu pessoal.

> No início eu tava quebrando com essa turma que eu tinha aqui. Porque era quase como... nem sei lhe dizer, eu acho que era quase como um grupo religioso, porque a gente era grudado, grudado, grudado, fazia tudo junto. De organizar uma festa, de ir para um acampamento. De sair numa vigem, pegar um carro e vamos... 15 dias viajando sem destino. Decidindo no caminho, o roteiro, sem nada traçado. Vamos que vamos. No início eu sentia falta. Dia de lua cheia, eu ficava olhando aquela lua. "Meu Deus do céu, e meus amigos, onde é que estão? O que é que estão fazendo? Mas aos poucos, eu... no início eu procurei os colegas da minha turma buscando que a gente alugasse uma casa todo mundo junto. (JOANA, geração anos 60/70).

A decisão de Joana por seguir sozinha para fazer o seu mestrado tem raízes profundas na trajetória de libertação que havia desenhado para si mesma, desde que veio do interior estudar na cidade grande – Salvador. A travessia interior-capital, ou melhor, a passagem de jovem a estudante universitária constituiu-se numa evidente experiência de ruptura-transição em sua trajetória, cujo resultado foi a libertação do julgo masculino e a possibilidade de progressivamente conquistar a condição de "sujeito sexual" (PAIVA, 2000). Casar-se talvez significasse perder uma liberdade conquistada a muito custo, como veremos no trecho de entrevista que transcrevo a seguir, e que talvez nos faça ver as forças que atuam num ponto de bifurcação. A decisão de Joana tem em conta não apenas o futuro à sua frente, mas o passado, não tão distante assim, e que lhe remetia a uma história de submissão feminina.

Ana – Quando você olha para sua trajetória afetivo-sexual você identifica alguma experiência que você consideraria como uma ruptura?

Joana – A transição mais importante foi esse namorado que transei.

Ana – O primeiro?

Joana – O primeiro foi uma ruptura porque eu vivia numa autorrepressão fortíssima. Até aí era o seguinte, quando eu vim para Salvador, logo no início, meu pai sempre foi muito cuidadoso, mas muito aberto, de dizer tudo, falar tudo. **Eu voltava para o interior e vinha para Salvador, e no início, ele [o pai] ainda querendo me controlar lá no interior. Aí eu disse: meu pai, você está com uma postura burra. Ele: Por que? Eu aqui no interior vou aonde o senhor sabe, com quem o senhor sabe, a hora que vou, sabe a hora que eu volto, e o senhor está procurando confusão.**

Agora em Salvador, eu vou pra onde eu quero, com quem eu quero, a hora que quero, e o senhor não sabe de nada. Então isso é burrice. Aí ele pensou, pensou, me chamou, sentou e disse assim: É, você tem razão. Agora é o seguinte, a partir de hoje tudo que acontecer com você, é você a responsável. A partir de hoje, você é responsável por sua vida. Isso eu tinha 19 anos. De bom e de ruim que acontecer, você que é responsável. Eu não sou mais responsável por isso, você está entendendo? Eu disse: Tô. E esse tô entendendo, a primeira coisa que vinha na minha mente era a gravidez**. Então, eu me autocontrolei durante muitos anos.** Você vê que foi depois da faculdade, depois que eu me formei. Porque eu dizia: Eu sou responsável por mim. Só sou eu que sou responsável por mim. Isso ele apenas disse assim: Você sabe os métodos contraceptivos, você já conhece tudo, não conhece? Tem alguma dúvida? Eu: Pai, oxente, não precisa não. Ele: Não, vamos cuidar... Apenas disse isso. Só que, eu achava que... eu digo: não, eu não quero assumir essa responsabilidade. Eu tinha receio, né? Eu tenho que me formar, tenho que trabalhar, tenho que ter uma vida estruturada.

Ana – Sua mãe também tinha esse controle?

Joana – Não, menos. Menos, assim. Porque minha mãe assim era como se ela ficasse na sombra dele. Ela casou, coitada, com 18 anos, bemmmm da roça, aquele lugarejo, que o que ele dissesse ela dizia sim, era regra. Então, até quando ela tinha que reclamar comigo e meus irmãos, ela dizia: seu pai disse isso. Às vezes não era meu pai e eu sabia, aí eu dizia, terminava desmoralizando ela, porque na hora do jantar ou do café, eu dizia: Eu não posso vestir esse *short* por quê? Aí ele dizia: melhor o short que não mostra a calçola, aí eu dizia: tá vendo, mãe?!. Aí ela, coitadinha, ficava... Então, ela era uma figura mais frágil, mas apesar de ser uma figura mais frágil, mas do jeito dela ela foi autoritária, foi... influenciava ele também em alguns aspectos.

Ana – Você se sentia regulada?

Joana – **Sentia, sentia, enquanto eu estive lá eu me sentia totalmente regulada. Mas depois que eu saí, não. Depois que ele disse isso, eu podia ir, é, eu podia mesmo. Em 74, um namorado brigou comigo, eu tava acampando na ilha, (teve esse outro namorado que eu estava quase me esquecendo), era da faculdade, um operador, no intervalo aí depois do primeiro (amor), antes daquele que ficou três meses e não aconteceu nada. Antes eu tive um namoradinho que foi quando eu entrei na universidade. Aí, ele era muito ciumento, mas era muito ciumento.** [...] Agora era um *gentleman*, era tudo que, era de fazer todos os desejos, eu não ia no *shopping* pra dizer que gostava de nada. Se eu dissesse que gostava, de noite eu recebia esse

presente. Era assim, então, a gente estava acampando, aí ele deu uma crise de ciúme, uma crise que eu nem sabia por quê. Ele tinha umas crises assim absurdas, de gritar na frente de todo mundo. Eu peguei minha bolsa, olhei assim em volta, 74!, eu tinha um ano ou menos na faculdade. Peguei a bolsa, saí escondida, cheguei na pista peguei um carro, uma *kombi*, e voltei. **Cheguei na Av. Sete, eu disse, sabe de uma coisa, meus amigos tinham ido (era um feriado grande) pra São Paulo, um bocado de gente tinha ido pra São Paulo, aí eu: sabe de uma, vou pra São Paulo.** Peguei o ônibus, fui pra o aeroporto, comprei a passagem e fui pra São Paulo. Cheguei na casa de minha tia, minha tia: cadê a mala? Ah, tia, não trouxe mala, não, resolvi de última hora (sorriu), eu vou comprar roupa aqui. Oxente, menina, você não trouxe roupa nenhuma, nada? Nada, nem escova de dente. Porque a minha bagagem eu deixei lá porque se fosse pegar ele ia ver. E ele ficou louco me procurando, e eu... e eu digo assim, essas coisas, **eu não tinha preocupação de avisar pai e mãe de nada não. Então, eu fiz muita coisa a partir daí que eu me sentia totalmente livre mesmo, totalmente dona de mim.**

Do ponto de vista interpessoal, poderíamos dizer que a vinda para Salvador funcionou como uma espécie de carta de alforria para Joana, e a sociabilidade construída ao lado dos amigos e a independência financeira em parte conquistada em consequência de sua entrada na universidade, o elemento assegurador e propulsor para a liberação progressiva de sua sexualidade. Daí que quando ela imagina perder tudo isso em nome do "amor" de um *gentleman* que assumia o papel de pai controlador – ou seja, que repetia ou (re)editava o tipo de relação estabelecida com o pai até seu ingresso na universidade, ela não apenas recua como recusa-se, preferindo seu grupo de amigos. Talvez até ali o único espaço possível para o exercício (em segurança) de uma liberdade há tempo acalentada e cerceada em função de sua origem e de seu corpo sexuado.

É interessante notar que, mesmo lhe outorgando a partir dali autonomia, o pai ainda exerce controle sobre suas ações na esfera da vida afetivo-sexual, implantando em sua própria mente o sistema de vigilância. Contudo, se ela teria de abrir mão de viver a sua sexualidade até garantir sua independência para se manter à distância do controle parental, não queria abdicar da liberdade fruída no seio do grupo de amigos. É no interior de seu grupo de amigos que ela tem garantias de experimentar aquilo que foi possibilitado com a saída da casa dos pais e que o namorado ciumento queria mais uma vez manter sob controle – a sua liberdade. A liberdade de sair, viajar e divertir-se com seus amigos conseguia suplantar seu desejo de viver plenamente sua sexualidade, de tal modo que é somente após a conclusão de seus estudos que ela se liberta desta que era a grande

amarra infligida às mulheres e não aos homens de seu tempo – a virgindade.

Do ponto de vista intrapessoal, poderíamos dizer que a recusa de Joana a permanecer sob o controle do namorado ciumento remete à recusa em continuar submetida ao controle parental ou comunidade de origem. Significa dizer que ela não diz *não* apenas para o seu namorado, diz não para o Outro Generalizado que tem em seu pai a figura mais representativa. Observe que é sob o olhar desse Outro Generalizado que ela se mantém virgem ao longo de todo o curso universitário – *"Então, eu me autocontrolei durante muitos anos. Você vê que foi depois da faculdade, depois que eu me formei. Porque eu dizia: eu sou responsável por mim. Só sou eu que sou responsável por mim."* É no domínio das relações de amizades que Joana encontra, a um só tempo, o sentimento de segurança e o de liberdade. Esta liberdade, porém, estava condicionada por uma sexualidade regulada não mais por este pai, enquanto indivíduo, mas enquanto representante de uma generalidade de outros – seja a sua comunidade ou a sociedade.

Sempre remetida a essa história de relativa sujeição a uma autoridade masculina, ao alcançar a sua independência e construir sua autonomia, Joana jamais entra numa relação ou "contrato amoroso" (SINGLY, 2003, p. 192) que não tenha como cláusula primeira, a liberdade. É nesse sentido que Singly (2003) afirma que o contrato amoroso na modernidade, tal como o político, exige a criação de um laço em cujo lastro está a liberdade: "encontrar uma forma de associação que defenda e proteja de qualquer força comum, a pessoa e os bens de cada um dos associados, e através da qual cada um, unindo-se a todos, só obedeça no entanto a si próprio e permaneça tão livre quando anteriormente." (ROUSSEAU, 1762, p. 70 apud SINGLY, 2003, p. 192). Nesse contexto, os indivíduos estão "livres juntos", "[...] é difícil encontrar um ponto de fusão que não seja interpretado como a negação do indivíduo individualizado." (SINGLY, 2003, p. 203). De acordo com Singly (2003), é sobretudo essa liberdade que permite ao indivíduo, tal como fez Joana em vários pontos de sua trajetória afetivo-sexual, denunciar o contrato, renegociá-lo, ou fazer outro sobre novas bases e em conexão com outros atores sociais. É possível afirmar que Joana, de fato, aprendeu a desjogar o jogo que tanto lhe pesou os ombros na infância e juventude.

6.3 AINDA NO TOM DOS ANOS 60/70: "EU TINHA SEDE DE INDEPENDÊNCIA"

Halberstam (2008), em seu livro *Masculinidad Feminina*, apresenta ideias bastante provocativas no que tange à suposta determinação e consequente estabilidade dos gêneros,

entrincheirados num limitador binarismo. Ao tematizar a masculinidade feminina, traz uma série de questionamentos a esta ordenação/hierarquização naturalizada dos gêneros em nossa sociedade. Convida-nos, não apenas a buscar novas compreensões para a categoria masculinidade, mas tentar reescrevê-la, tornando-a inteligível quando abandona o corpo do homem e seus efeitos. Segundo a autora, não podemos reduzir a masculinidade ao corpo do homem branco de classe média, como comumente fazemos. Precisamos, para compreender a masculinidade na modernidade, apreendê-la em outros corpos, particularmente, nos corpos femininos. Considera que a masculinidade feminina pode nos dar pistas importantes sobre como se constrói a masculinidade como tal. Antes, porém, ressalta as diferentes maneiras pelas quais a masculinidade feminina tem sido negada, não apenas pela sociedade em geral, mas pelos estudos acadêmicos sobre masculinidade.

Disposta a pensar sobre a masculinidade feminina, inicia seu intento trazendo a problemática das *chicazos* (meninas que se vestem e agem como meninos na infância), a partir do que questiona a crença de que a feminilidade dos homens representa ou supõe uma ameaça maior à estabilidade social e familiar que a masculinidade feminina. Segue, para além da infância e dos corpos de meninas, para mostrar as múltiplas formas de expressão da masculinidade em corpos de mulheres, deixando clara a sua implicação com a problemática proposta. Halberstam (2008) explicita que o livro tem a intenção de tornar plausível, crível e real a sua própria masculinidade. Conta que, durante uma grande parte de sua vida, foi estigmatizada por uma masculinidade que lhe marcava como ambígua e ilegível, e que foi após os vinte e tantos anos que encontrou, finalmente, uma palavra para expressar sua particular configuração de gênero: *butch.* Segundo Halberstam (2008), as meninas com um gênero ambíguo se veem constantemente submetidas ao questionamento de sua identidade de gênero. Esta sucessão de mal-entendidos pode produzir um novo reconhecimento. Em outras palavras, para muitas *chicazos*, ser confundida constantemente com um menino pode contribuir para a produção de uma identidade masculina.

A *chicazo*, segundo Halberstam (2008), tende a associar-se a um desejo "natural" por essa maior liberdade e mobilidade de que desfrutam os homens. Muito frequentemente se interpreta como um signo de independência, e a conduta da *chicazo* pode, inclusive, ser encorajada, até o ponto em que permaneça vinculada comodamente a uma identidade feminina (de menina). Sem embargo, é castigada quando se converte em indicador de uma forte identificação com os rapazes (como recusar-se a vestir roupa de menina) e quando ameaça a prolongar-se para além da infância,

na adolescência. A adolescência *chicazo* supõe um problema, e costuma ser objeto de severos esforços de reorientação, a não ser que a jovem consiga manter-se numa posição que inviabilize a compreensão da direção de seu desejo. Poderíamos dizer que a *chicazo* é tolerada enquanto é pré-púbere, mas quando chega a puberdade, todo o esforço de adequação cai sobre a menina. Contudo, sublinha a autora, a adequação de gênero é uma pressão que se exerce sobre todas as meninas, não somente sobre *chicazos*. Para as meninas, a adolescência é uma lição de moderação.

NÃO À "MULHER CAMA E MESA", SIM À ESTUDANTE UNIVERSITÁRIA

A trajetória de Antônia me fez lembrar não apenas da história de Halberstam (2008), como também de suas considerações acerca das *chicazos*. Embora Antônia não tenha referido muita coisa acerca de sua infância e adolescência, a sua aparência e maneira – tom de voz, modo de se vestir e de se comportar – (GOFFMAN, 2013), e alguns pontos de seu relato, me conduziram a pensar que ela viveu uma experiência *chicazo*. Vejamos o que ela nos fala.

> **Ah, você pegou alguém bem estranha para entrevistar. Porque como era muito tímida, eu ía da escola para casa. Tanto que a minha irmã mais nova, minha mãe diz que deu um trabalho a ela! Ela sempre dizia pra minha irmã: sua irmã que não me deu trabalho nenhum.** Eu não tinha interesse em desenvolver amizade. Hoje, eu digo, uma pessoa igual a mim, logo vão meter num psicólogo, mas minha mãe achava até bom, porque não dava trabalho. **Às vezes, as amigas de minha mãe é que falavam: essa menina não vai dar para nada. Era muito quieta.** (ANTÔNIA, geração anos 60/70).

Mais adiante, referindo-se aos seus primeiros relacionamentos amorosos, acrescenta: *"eu digo que no início eu era tão crua, que eu não sabia nem arrumar uma casa, porque na verdade eu nunca tive uma experiência de ajudar a minha mãe, eu ajudava meu pai na venda."* O relato de Antônia parece indicar, no mínimo, para uma indefinição gênero, ou melhor, uma *performance* de gênero ambígua (HALBERSTAM, 2008) na infância, o que a tornava ilegível para a sua comunidade, ilegibilidade que se expressa em frases como esta: *"essa menina não vai dar para nada"*, comentário que, a meu ver, pode ter relação tanto com o fato de que o corpo de Antônia parecia "[...] escapar às duras normas que prescrevem como cada sexo deve corresponder a um gênero respectivo, instituindo identidades binárias como naturais, e não ideais regulatórios." (PELÚCIO, 2009, p. 233), quanto com o fato de que ela não manifestava, em consonância com o esperado para o "seu gênero", nenhum tipo de interesse ou desejo por jovens rapazes. Quando pergunto para ela como se sentia ao escutar estas frases das amigas de sua mãe, ela responde referindo-se

ao projeto de escolarização, recurso que lhe permite desjogar o jogo, para falar nos termos de Ardoino (2000). Cedo Antônia parece perceber, possivelmente pautada nesses comentários e nos olhares que lhe deviam ser endereçados, que para tornar-se um sujeito possível, precisava construir uma trajetória de ascensão via estudo: "*É como eu disse, não me afetava muito, não. Acho que eu pensava: eu tenho um destino, eu vou estudar, vocês vão ver.*" É na resposta de Antônia à pergunta sobre o primeiro amor que se pode compreender mais profundamente o significado do estudo em sua trajetória como mulher.

Ana – Então, sua primeira experiência amorosa foi já na universidade.

Antônia – Foi..., lá pelo meio da universidade.

Ana – Você não teve, então, nenhuma experiência amorosa antes de entrar na universidade?

Antônia – Não. (silêncio) Na verdade, eu e muitas colegas, na época a gente não era muito [namoradeira?] que nem hoje não, tinha freio. **Mas eu era porque era mesmo lerdona** (silêncio). **Mas queria sair de minha terra, daquela condição de mulher escrava, "cama e mesa", e estabeleci como meta uma ascensão via estudo, via educação. Então, talvez por isso eu ficasse tão focada, né? Depois de viver tanta pobreza, precisava me tornar independente, tinha uma "sede de independência"**! (fala com ênfase).

Ana – Ahan... e aí você focou nos estudos e...

Antônia – É, porque eu estudava, eu dava banca, né? E eu gostava também de participar da vida artística, shows, teatro, isso me preenchia sempre.

"Nascida mulher" (HALBERSTAM, 2008) e em condições de pobreza, Antônia não se adequava ao que a "lei do sexo" definia como horizonte possível para o "feminino". Mobilizada por esta recusa íntima a viver uma vida na posição de "mulher escrava" ou "mulher cama e mesa", distancia-se bastante do protótipo feminino da época e cria, no nível da psicocorporalidade, uma *performance* mais masculina que feminina, definindo, para si mesma, uma meta que imagina libertadora: "ascensão via estudo, via educação". Uma meta ou planejamento estratégico (GIDDENS, 2002) que a livraria do posicionamento que se esperava daquelas que "nasciam mulheres", e também da estigmatização de que em todos os tempos são alvos os/as considerados/as "estranhos/as" (BAUMAN, 1998), ou seja, aqueles e aquelas que estão posicionados às margens da norma ou que não se posicionam claramente frente a ela, ao apresentar, como Antônia, uma *performance* de gênero ambígua (HALBERSTAM, 2008). É possível

que, ao menos intuitivamente, Antônia soubesse, como sublinha Butler (2002), que a afirmação constatativa do tipo “é uma menina”, é também performativa, e que, em qualquer caso, tratar-se-á sempre de uma “menina” que estará obrigada a “citar” a norma (através de atos performativos) para assim converter-se em um sujeito normatizado e, por assim dizer, aceitável ou possível.

Estabelecer uma meta, contudo, não teria sido suficiente, ela teria que levar a efeito estratégias de ação: ficar focada e dar banca. Para Antônia, a necessidade de trabalhar aponta muito cedo, antes mesmo do ingresso na universidade, tendo se constituído mais tarde em uma das estratégias possíveis para viabilização de sua permanência nesse contexto, haja vista que sua família não tinha recurso para mantê-la na cidade. O signo promotor (VALSINER, 2012) que colore toda a experiência de Antônia ao longo da infância e juventude, concentrando-a em torno dos estudos, foi o signo da “independência”, socialmente associado aos “nascidos homens”. Foi essa “sede de independência” que a levou a posicionar-se como “estudante universitária” e empreender uma formação que, na época, e, em certa medida, ainda hoje, é eminentemente masculina. Mas, principalmente, permitiu-lhe o livramento de um posicionamento que intimamente recusava, não obstante tivesse sido educada num contexto onde “ser mulher” era “ser cama e mesa” e “ser escrava”.

“UMA AMIZADE QUE SE TRANSFPORMOU EM AMOR”

Na universidade, Antônia permanece focada nos estudos à custa de não perder de vista sua meta. Ao longo de toda a formação universitária tem dois namoros com os quais estabelece relações de curta duração, e que em seu relato parecem muito pouco significativos. É somente quando está terminando seu mestrado que ela tem a sua primeira experiência sexual, com uma parceira do sexo feminino. Uma “colega do ginásio” (atual ensino médio): *“Foi interessante porque foi uma amizade que se transforma em uma relação de amor...”* Segue o diálogo onde Antônia conta como tudo aconteceu.

Antônia – Que na verdade, foi uma pessoa que eu conheci, que tinha sido minha colega do ginásio, tínhamos sido amigas, depois vimos estudar aqui, eu fui para a Residência [Universitária], ela foi fazer filosofia, e nós não nos vimos mais, ela sumiu. Depois, quando eu tava já saindo da residência, ela apareceu, e aí [ela] tinha vivido um caso amoroso, estava sofrendo muito, e eu fui servir de “burro de arrimo” para ela ficar lamentando as dores (dei risada com a expressão), e

disso resultou um relacionamento. Mas eu já estava no fim do mestrado.

Ana – E como foi pra você esse relacionamento? Por que você estava em 60 e quanto? Você entrou em 68, já era 70 e algumas coisa, né?

Antônia – É. Já era 74, por aí.

Ana – E como foi viver esse relacionamento nos anos 70?

Antônia – Na época já havia a liberação sexual da mulher, o preconceito homofóbico muito grande, mas eu sempre fui aquele tipo de pessoa muito autêntica, sabe? Nunca me preocupei muito com o que pensavam de mim. Então, eu acho que para mim foi uma coisa tranquila. Minha mãe, realmente, pra ela foi chocante, né, mas, para mim não, eu vivia ali como se estivesse numa normalidade absoluta de qualquer outro relacionamento afetivo.

Vários teóricos (FREUD, 1996b; GAGNON; SIMON, 2005; MISKOLCI, 2012) reconhecem que o período da adolescência é dominado pela homossociabilidade. É um período em que a valorização do *self* é garantida mais por pares do mesmo sexo que por pares de sexo oposto. Contudo, devido ao tabu contra a homossexualidade (BUTLER, 2003), não é incomum que, mesmo desejando alguém do mesmo sexo, este/esta jovem não se permita uma experiência homossexual nesta fase da vida, ou seja, não se autorize a fazer a passagem da amizade para o amor, quando ainda se é amplamente dependente dos pais e sujeito a sanções de uma sociedade e cultura em que “os gêneros distintos são parte do que *humaniza* os indivíduos” (BUTLER, 2003, p. 1999), uma celebração da heterossexualidade compulsória.

Por todos estes motivos é que Halberstam (2008), em livro intitulado *Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire*, busca enfatizar, com a expressão “Desejo Homossocial Masculino”, a tentativa reiterada de invisibilização da dimensão erótica no seio das relações de homossociabilidade, em especial, de homossociabilidade masculina. Segundo a autora, a frase tem a intenção de marcar, ao mesmo tempo, discriminação e paradoxo. “Desejo Homossocial” é um tipo de *oxymoron* (paradoxo). “Homossocial” é uma palavra ocasionalmente usada na história e nas ciências sociais para descrever laços ou vínculos afetivos entre pessoas do mesmo sexo. É um neologismo, formado por analogia com a palavra “homossexual”, e obviamente como meio de distinguir um do outro. A intenção de Halberstam (2008) é colocar o homossocial de volta na órbita do desejo, de um erotismo potencial, hipotetizando aquilo que, para uma sociedade homofóbica como a nossa, é altamente disruptivo considerar que possa existir um ininterrupto contínuo entre homossociabilidade e homossexualidade.

Embora concordando com Halberstam (2008), cuja visão acerca dessa tênue fronteira que separa a homossociabilidade da homossexualidade é tão instigante quanto inteligente, não seria possível afirmar aqui que Antônia, àquela época, teria vivido esse contínuo, não fosse o preconceito social em torno da ideia de um "desejo homossocial" (HALBERSTAM, 2008), pois ela não faz referência a qualquer desejo nesta fase de sua vida. Tudo que Antônia desejava, em sua adolescência, era livrar-se da condição de "mulher escrava" e "mulher cama e mesa" por meio da ascensão via estudo. A direção de seu desejo só se mostra para ela quando, enfim, conquista, ao menos em parte, a almejada independência. Nesse sentido, partilho da posição de Heilborn (1992), quando, citando Muniz (1992), pontua que tornar-se gay, lésbica ou heterossexual se realiza mais em um jogo de identidades posicionais que substantivas. É o ator ou atriz social que, em diálogo com sua cultura e em um constante trabalho de definição das situações com as quais é confrontado via interpretação dos signos e significados culturalmente compartilhados, que se posiciona nesta ou naquela direção. O posicionamento assumido por este ou aquele ator/atriz social em dado ponto de sua trajetória quanto à direção de seu desejo, entretanto, nunca é totalmente consciente, e, em nenhuma hipótese, desvinculado do tecido simbólico que significa e valora cada um desses posicionamentos.

Carrara et al. (2010), citando Rubin (1984), criadora da noção de *estratificação sexual*, sublinha que existe uma hierarquização dos atos sexuais, e que ela se dá por meio do estabelecimento, no plano cultural, de uma linha divisória entre o "bom" e o "mau sexo", este último muitos vezes associado, em nossa sociedade, às práticas sexuais que divergem da norma heterossexual. A canção escolhida por Antônia quando peço que cite ou cante uma música que tenha marcado sua trajetória, pode nos fornecer elementos para entender de que estratificação fala Carrara et al. (2010), bem como pode nos fazer ver o que significa posicionar-se como lésbica numa sociedade onde homossexualidade é igual a desvio, perversão, doença ou, como na letra da canção, "pecado que tem castigo".

"YO NO SÉ SI ESTE AMOR ES PECADO QUE TIENE CASTIGO"

Pecado, de Caetano Veloso

Yo no sé si es prohibido
Si no tiene perdón
Si me lleva al abismo

solo sé que es amor

Yo no sé si este amor es pecado que tiene castigo
Si es faltar a las leyes honradas
Del hombre y de Dios
Solo sé que aturde la vida
Como un torbellino
Que me arrastra, me arrastra
A tus brazos en ciega passión

Es más fuerte que yo
Que mi vida, micredo y mi sino
Es más fuerte que todo el respeto
Y el temor de Dios

Aunque sea pecado
Te quiero, te quiero lo mismo
Y aunque todo me niegue el derecho
Me aferro a este amor

Quando pergunto a Antônia sobre o que a música significava para ela, responde: *"É porque ela diz que quem é homossexual, não pergunta se aquilo é pecado, quer é viver a sua experiência, e se existe problema na cabeça dos outros, os outros é que têm que resolver. Não é? A música chama para o exercício da independência."* Mais uma vez, é a independência enquanto signo promotor que move a trajetória de Antônia, permitindo-lhe uma vida mais livre e mais plena de saber, de sabor, de amor. É sobretudo este sentimento de independência que a autoriza viver um amor que ela nem queria saber, a esta altura, se era proibido. Antônia subverte a norma no interior dela mesma (BUTLER, 2003, 2007), desjogando o jogo (ARDOINO, 2000) de que se viu objeto ao longo de sua trajetória.

É quando ganha distância de sua comunidade de origem e envolve-se no clima libertário que caracteriza a modernidade dos anos 60/70, fincada que estava no indivíduo enquanto valor (SALEM, 1991), que Antônia encontra espaço para reclamar para si mesma esta forma ideal de atenção, muitas vezes chamada de amor, outras vezes de amizade (SINGLY, 2003). Antônia agora podia amar, mais ainda, podia amar uma mulher, uma escolha de parceria amorosa, de certa forma, revolucionária, na medida em que nela está contida um posicionamento subversivo frente a uma sociedade de matriz heterossexual. A esse respeito, Del Priori (2006) argumenta: nos anos 1970, período em que Antônia viveu seu primeiro amor e primeira vez, a homossexualidade e qualquer expressão sua, ao contrário do feminismo, que era tratado quase como uma curiosidade pelas revistas da época, era invariavelmente taxada de "desvio" e de "doença".

> Não, eu nunca escondi, no sentido de levar minhas companheiras lá. Eu mesma tinha uma companheira lá que todos os dias ia lá levar marmita, almoçar comigo na copa, onde outros funcionários e professores almoçavam. Agora, ficar verbalizando 'eu sou lésbica, eu sou aquilo', eu nunca vi necessidade. **Eu nunca escondi, mas eu sinto que tem gente que tem preconceito, que não gostaria de ter amizade, que não gostariam de sair comigo, de ir para um restaurante, com medo de pensarem que elas são também. Na verdade, tinham professores que diziam: eu tenho um amigo, se eu souber que ele é viado, eu não saio mais com ele. Era um preconceito muito grande.** (ANTÔNIA, geração anos 60/70).

Nesse ponto, vale a pena retomar as considerações de Sedgwich (2007) sobre a metáfora do "armário". Segundo ela, o "armário" ou o "segredo aberto" marcou e ainda marca a experiência gay/lésbica. Mesmo no nível individual, e até mesmo entre pessoas assumidamente gays, encontramos pouquíssimas que não se posicionem no armário diante de alguém próximo ou distante, e, especialmente, em situações novas, onde não tem condições de prever o resultado da enunciação de sua orientação sexual. Embora a autora ressalte que o armário não é uma realidade apenas para gays e lésbicas, frisa que é na vida destes últimos que ele assume uma presença formadora. A experiência de Antônia aponta para esta presença formadora, seja nos primeiros tempos de sua trajetória, quando era constrangida por uma sociedade abertamente preconceituosa, seja nos tempos de universidade, em que um clima libertário permite a vivência de um amor "proibido", mas, a meu ver, sob a implícita exigência de certa discrição.

Em termos psicológicos, o "armário" encontra um correlato no conceito de *self-boundary structure"* (FISHER; CLEVELAND, 1968) ou "espaço pessoal" (HERMANS; HERMANS-KONOPKA, 2010), estrutura limite do *self* que funciona como uma selecionadora, e que o indivíduo carrega com ele e a todo tempo pode interpô-la entre seu *self* e situações externas. Uma bem desenvolvida *self-boundary structure* é necessária para um sentimento de segurança. Através dela, o indivíduo torna-se hábil para "*close the doors*" para pessoas que são percebidas como pouco confiáveis ou perigosas. Trata-se, pois, de um espaço invisível que se estende para além dos limites do corpo, desenvolvido pelo ser humano desde o seu nascimento, graças ao contato íntimo que estabelece com seus primeiros parceiros humanos ou cuidadores. Burgoon e Jones (1976, p. 131) define espaço pessoal como: "o volume invisível de espaço que circunda o indivíduo […] um espaço dinâmico e transportável, contexto que é governado pelo indivíduo […] em qualquer ponto do tempo." Como Horner (1983) tem argumentado, espaços pessoais não são marcados por limites rígidos, seus limites flutuam de acordo com condições sociais, psicológicas e organísmicas. Os limites tornam-se semipermeáveis quando existe um certo grau de familiaridade com a pessoa que

entra no espaço. Em outras palavras, estas fronteiras não são fixas, mas existem graus de flexibilidade, dependendo da natureza do relacionamento com a outra pessoa (HERMANS; HERMANS-KONOPKA, 2010).

Algumas vezes é no próprio círculo de afetos familiares que o/a jovem homossexual será alvo das maiores resistências e até violências. Será muitas vezes o armário e o desenvolvimento de um "espaço pessoal" que garantirá a este ou esta jovem a segurança necessária diante do preconceito e da discriminação. Como observa Bozon (2004), desde os anos 1980, ao menos nos países desenvolvidos, a aceitação da homossexualidade progrediu de maneira muito nítida, e o desenvolvimento do curso de vida do homossexual aproximou-se daquele da maioria da população, contudo, uma das grandes questões colocadas aos jovens homossexuais, bissexuais ou travestis é a divulgação de suas preferências aos seus grupos familiares, profissionais e de amigos (BOZON, 2004; PELÚCIO, 2009).

"SE PERDOA TUDO QUANDO A PESSOA É BOA FILHA"

Em virtude da tensão potencial, e às vezes explícita, jovens gays, lésbicas e travestis (BOZON, 2004; PELÚCIO, 2009) são constrangidos/as à autonomia residencial muito antes de alcançarem uma independência econômica. Assim, à pergunta: *o que significou para sua família essa sua experiência?*, Antônia responde, primeiro, com um significativo silêncio, para só depois contar que imagina que a família tenha achado estranho. A palavra independência parece que vai fazendo par com a palavra estranheza. Talvez porque seja quase sempre o alcance da primeira que garanta ao/a jovem homossexual o amortecimento da estranheza que pode causar, mesmo para os mais próximos, um "amor entre iguais" (DEL PRIORI, 2006).

Antônia – (silêncio) Pra minha família? (silêncio) **Eu acho que ela achou uma coisa assim estranha, mas a minha família, vamos dizer assim, ela relevava essas minhas rebeldias, digamos assim, pelo fato de eu ser muito boa aluna, muito boa filha. Então, é como se fosse assim: se perdoa tudo quando a pessoa é boa filha, estudiosa, tem perspectiva de emprego.** Eu sou muito ajuizada, não gostava de muita farra, de beber, então, pra minha família, minha mãe, por exemplo, ela sempre fazia referência como se eu tivesse tido uma governanta, sabe? Nós não somos de família rica e família pobre não tem essa de governanta, mas quando eu me separava de alguém, ela tinha sempre aquela preocupação... se a pessoa estava passando dificuldade, se eu estava

ajudando, porque, afinal, eu tinha que pagar aquele tempo que a pessoa ficou comigo. Então, ela fantasiou na cabeça dela, *como se* fosse uma relação assim que a pessoa estava ali prestando algum serviço. Eu penso assim, sabe?

Ana – Ahan...

Antônia – Meu pai era um homem de poucas preocupações, ele não chegou a se preocupar. E pra meus irmãos, eles nunca me trataram de forma diferente, não. A partir da segunda eu sempre apresentei a eles, sempre ia passear na casa deles, era uma coisa normal.

Ana – Ahan...

Antônia – Quer dizer... claro que quando eles estavam assistindo televisão, que aparecia alguma coisa homossexual, eles sempre faziam as piadas, não é?

Ana – Ahan... (sorrimos)

Antônia – Era como se fosse assim: pra os outros é pecado, minha irmã eu tenho que tolerar. Então, era uma reação de tolerância.

Ana – Eles comentavam?

Antônia – Não.

Ana – Nem comentavam...

Antônia – Comigo não. Comigo era como se não existisse, ninguém comentava. (silêncio)

Ana – Interessante não é?

Antônia – É...

Ana – Como as famílias vão criando seus caminhos para lidar com as situações.

Antônia – É, eu não comento. Ali é como se fosse um tabu. Um assunto que não pode ser comentado dentro de casa.

A resposta da família de Antônia diante de sua escolha amorosa é reveladora do modo como a nossa sociedade encara a questão da diversidade na esfera da vida amorosa e sexual. Frente a esse tema, vários artifícios são criados a fim de não se ver o que está em face: a impossibilidade de enquadrar a todos na matriz heterossexual. Esse tipo de resposta à notícia da homossexualidade no interior das famílias relaciona-se ao fato de que, em nossa sociedade, qualquer referência à categoria social homossexual, é conectada ao mito da anormalidade, que reforça um suposto silêncio em torno da sexualidade – digo suposto porque sabemos, hoje, após Foucault (2009), que mais que silenciar e reprimir, o que se faz é regular através de múltiplos dispositivos de poder –, fazendo com que o assunto apenas pareça impenetrável (GUIMARÃES,

2004). O recurso às piadas, à fantasia, ao silêncio sobre um tema que se caracteriza como tabu, muitas vezes mascara o incômodo que causa pensar na instabilidade daquilo que parece estável e incontestável (LOURO, 2001), até que outras alternativas de se viver a sexualidade põem em questão essa estabilidade, revelando que o comportamento heterossexualizado é apenas o dominante (HALBERSTAM, 2008), em consequência do fato de sermos regulados pela heteronormatividade (BUTLER, 2003, 2007).

O relato de Antônia e a referência que faz ao fato de que a família estranha, mas "tolera" e "perdoa tudo" em função de que ela era "boa filha, estudiosa, tem perspectiva de emprego" está em consonância não apenas com os estudos sobre juventude como com os estudos *queer*. Foracchi (1965), por exemplo, que fez sua pesquisa junto aos jovens universitários dos anos 1960, observa que, assumindo novos papéis em setores extrafamiliares, e firmando-se como unidade autônoma de manutenção, o estudante tem condições para reelaborar seu comportamento e modificar os vínculos de manutenção que estabelece com a família, alterando, consequentemente, a situação de dependência. Quando o/a jovem passa a trabalhar, ele/ela é socialmente investido/a dos papéis de adulto, e suas relações com o segmento adulto tendem a tornar-se, sob essas condições, indiferenciadas e praticamente destituídas de tensão. Pelúcio (2009), que realizou seu estudo junto a travestis, categoria social tão ou mais estigmatizada que a lésbica, destaca que, para as jovens travestis, é somente por meio do alcance do prestígio e da independência financeira, que estas jovens conseguem resgatar o carinho ou conseguir a aceitação de seus familiares. Foi por meio do estudo, e, depois, do trabalho, que Antônia conseguiu retomar a convivência com sua família, não obstante os primeiros tempos tenham sido de estranhamento, choque e recusa. A partir daí, Antônia segue sua vida amorosa e sexual com essa parceira, rompendo o relacionamento somente após quatro anos juntas. "Acasalando-se", palavras suas, outras vezes mais, depois desse primeiro relacionamento.

"RELAÇÃO DE MULHER COM MULHER, VIVE UMA PARA A OUTRA"

Heilborn (1992), ao analisar o casal moderno, e, portanto, igualitário, enfatiza que este é marcado pela recusa aos constrangimentos de uma relação englobante, e que sua ambição é o estabelecimento de uma relação que se aproxime do modelo da amizade. Considera que, destituído de qualquer outro significado legítimo que não seja o elo psicológico que o funda, o par

igualitário valoriza, sobretudo, qualidades como companheirismo e amizade. A pesquisadora sugere que é no casal lésbico que esses valores igualitários encontram maior expressão, se comparado ao casal gay e heterossexual.

> Não, em geral, relação de mulheres não tem essa preocupação, não. Meu namorado eu não cheguei a transar com ele não. Eu acho que já era aquela coisa de achar que não era a minha. **Mas relação de mulher com mulher em geral não tem preocupação nenhuma com essas coisas. É uma relação de muita fidelidade, vive uma para a outra, na época não existia AIDS, e doenças venéreas, sempre era transmitida do homem para a mulher. Não havia nenhuma preocupação com prevenção.** (ANTÔNIA, geração anos 60/70).

O caso de Antônia confirma, em muitos aspectos, os resultados da pesquisa de Heilborn (1992). Segundo sua pesquisa, a sexualidade não encontra entre as mulheres lésbicas a importância equivalente que desfruta entre os homens, sejam estes gays ou heterossexuais, e "[...] a homogamia social presente nos casais igualitários parece ser praticada com maior empenho e perfeição entre as homossexuais." (HEILBORN, 1992, p. 182). É sobre isso que nos fala Antônia. Suas relações com mulheres são marcadas por um companheirismo e uma cumplicidade que tornam no mínimo distante a possibilidade de uma experiência de infidelidade no seio do casal. Talvez justamente por isso, a versão *gay* sobre o vínculo conjugal entre as mulheres indique que as lésbicas são solidárias entre si, o que acaba por fornecer consistência à relação conjugal lésbica. Os homens *gays* da pesquisa de Heilborn (1992) usam a seguinte expressão para marcar a diferença entre estes e as lésbicas: "os homens gays são só desfrute". "A categoria 'desfrute' supõe não só menor companheirismo entre os pares *gays* relativamente aos lésbicos, como uma valorização maior da dimensão erótica entre os primeiros." (HEILBORN, 1992, p. 182).

A autora observa que a ordenação do mundo *gay* mostra-se, em geral, marcada por relações múltiplas e anônimas, característica que não encontra ressonância no mundo lésbico. Isso explicaria a assertiva de Antônia quanto a uma preocupação bem menos aguçada em relação a doenças sexualmente transmissíveis entre as lésbicas que entre heterossexuais e *gays*, justificada pelo fato de que "uma vive para a outra". A expressão usada por Antônia parece querer sublinhar esta característica de solidariedade que é fundante na configuração do casal lésbico, tornando a apreensão face à infidelidade praticamente inexiste, e o cuidado com a prevenção um ponto frágil desse modelo de casal. Antônia pontua ainda, como também o fazem as mulheres heterossexuais de sua geração, que a AIDS ainda não fazia parte do cenário, o que explicaria, em parte, essa despreocupação relativamente a doenças transmissíveis sexualmente.

> Porque **o que acontece com o casamento depois de um certo tempo, é que você vai ficando cada vez mais apegada com a pessoa, mais gostando da pessoa, mas não com essa vinculação tão carnal, tão sexual. São outras dimensões que afloram e se aprofundam, eu penso assim.** (ANTÔNIA, geração anos 60/70).

Ainda de acordo com as pesquisas de Heilborn (1992), uma das poucas referências sobre o casal lésbico no Brasil, a homossexualidade feminina apresenta um padrão recorrente de conjugalidade quando comparada com a homossexualidade masculina. A tendência é, que, ao mesmo tempo em que o namoro ganha rapidamente o estatuto de relação duradoura, a relação a dois deslize do amor para a amizade (HEILBORN, 1992). O sexo talvez não tenha, para o casal lésbico, a centralidade que tem para o casal heterossexual e para o casal *gay*, possivelmente porque ele atualize uma imagem, tal como indica Heilborn (1992), congruente com a representação do feminino como dedicado ao mundo dos afetos. "As mulheres homossexuais levariam ao extremo aquilo que é preconizado para a conjugalidade igualitária, sendo que isso parece implicar uma menor eroticidade da relação." (HEILBORN, 1992, p. 189). Os casais *gays*, menos igualitários que os casais lésbicos, deixam ver que no domínio da cópula permanece relevante a gramática complementar, traduzível no modelo atividade/passividade, presente nos casais heterossexuais, que despontam como aqueles que expressam maior complementaridade, em oposição ao casal feminino, que exibe maior simetria. Além disso, o peso dado à diminuição da frequência da atividade sexual do casal com a evolução da relação também não é o mesmo para estas duas últimas modalidades de casal, sendo visto menos negativamente pelas lésbicas que pelos heterossexuais por mim entrevistados.

> Tem mulheres que ficam viúvas aos trinta anos e passam o resto da vida bem e sem sexo, né? **Mas eu noto que a maioria, com o tempo, elas vão diminuindo o tesão: ah, vou pra casa, hoje é dia, vai querer. Mas, no nosso caso não, a gente é muito tranquila, a gente não tem essa de tem que ser uma vez por semana, duas vezes por semana, não, quando acontece, acontece, e é muito legal.** (ANTÔNIA, geração anos 60/70).

Como pontua Heilborn (1992), ao contrário do casal heterossexual, cuja preocupação ao longo do curso de vida do casal é "não virar irmão", o casal lésbico parece achar muito natural esse deslizamento, não havendo uma preocupação tão acentuada com o "esmorecimento do tesão" (HEILBORN, 1992, p. 179). Talvez porque entre mulheres, sejam estas lésbicas ou não, sempre tenha existido um tipo de experiência que, através dos tempos, se expressou no compartilhamento "de uma vida interior mais rica, um vínculo contra a tirania masculina, um dar e receber de apoio

prático e político", que não elimina a vida erótica (RICH, 2010, p. 36), mas que a coloca em outras bases, a meu ver, mais amplas e complexas. Rich denomina essa forma própria de compartilhamento e de apoio mútuo entre mulheres de "continuum lésbico", embora não esteja restrito apenas à experiência de lésbicas. A partir dessa noção, diz a autora, podemos começar a descobrir, dentre outras coisas, "o erótico em termos femininos" (RICH, 2010, p. 37), ou seja, não confinado a qualquer parte do corpo ou ao corpo em si mesmo, mas difuso e onipresente no compartilhamento de uma alegria, quer seja física, emocional ou psíquica. Segundo a autora, "como o termo lésbica tem sido empregado com associações clínicas, limitadas com definição patriarcal, a amizade e o companheirismo feminino são colocados à parte do erótico, limitando, portanto, o erótico em si mesmo." (RICH, 2010, p. 37).

6.4 UMA HISTÓRIA EM TRÊS ATOS OU UMA EXPERIÊNCIA DRAMÁTICA DE RUPTURA

No cenário dos anos 1970, uma jovem do interior do estado segue para estudar na capital – Salvador – porque havia passado no vestibular da UFBA. Educada para cuidar do marido, casa-se com aquele que, em seu imaginário, era como se fosse um príncipe. Envolvida por ideias de amor romântico, passa a fazer parte do contexto universitário, desenhando, a partir daí, uma trajetória acadêmica de sucesso, ancorada no ideal moderno de independência feminina, delineador de uma posição de Eu-mulher-independente. Posição que, de certo modo, se contrapõe àquela assumida no domínio da vida íntima e doméstica, em que os ideais modernos, que a esta altura já antecipavam a passagem de um amor romântico para um amor confluente,[32] tardavam a chegar. Vivendo uma experiência projetiva em relação ao seu marido, a partir do que cria uma sensação de totalidade com ele (GIDDENS, 1993), experimenta uma ruptura que tem o condão de fazer ruir as estruturas de "seu castelo", aquele no qual vivia *como se* (VALSINER, 2012) fosse uma princesa ao lado de seu príncipe. Uma experiência dramática e dolorida que exigiu muito trabalho de elaboração para construir um novo ponto de estabilidade psicológica.

[32] De acordo com Giddens (1993, p. 72-73), "O amor romântico há muito tempo tem mostrado uma qualidade igualitária, intrínseca à ideia de que um relacionamento pode derivar muito mais do envolvimento emocional de duas pessoas do que de critérios sociais externos. De facto, no entanto, o amor romântico é completamente desvinculado do poder. Muito frequentemente, os sonhos de amor romântico têm conduzido a uma severa sujeição doméstica. O amor confluente presume igualdade na doação e no recebimento emocionais, e quanto mais for assim, qualquer laço amoroso aproxima-se muito do protótipo do relacionamento puro."

PRIMEIRO ATO: “O CASTELO RUIU”

Como observa Giddens (1993, p. 54), em *As Transformações da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*, “O amor romântico era essencialmente um amor feminilizado”, suas raízes se encontram ligadas ao processo de idealização da imagem de esposa e mãe. Assim, as ideias de amor romântico estavam totalmente associadas, pelo menos no princípio, à subordinação das mulheres ao lar e ao seu relativo isolamento do mundo exterior. Quanto aos homens, estes trabalhavam as tensões entre amor romântico e amor paixão, separando o conforto do ambiente doméstico, da sexualidade da amante ou prostituta. É nesse cenário de um duplo padrão de moralidade para os sexos que se movimentam, em princípio, os atores dessa história, cada um com papéis sociais muito específicos ou especializados. Ele, o homem e o provedor; ela, a mulher e cuidadora. Embora no plano do imaginário seja melhor dizer: ela (posição interna: Eu-princesa) e ele (posição externa: Eu-príncipe).

Mila – **Eu acho que depois do casamento, depois do ato sexual, eu acho que também há um amadurecimento maior.** Há uma mudança também. Eu acho que há. Esses dois períodos assim, da relação sexual a coisa fica mais nessa coisa de antes... é mais aprofundada, mas ainda é...porque com a relação sexual a coisa fica mais aprofundada porque há aquela coisa carnal mesmo. Acho que aí aprofunda mais, aí junta mais, eu acho que... melhora mais o relacionamento também. **E a busca do outro, a... como o outro gosta, como não gosta. Acho que a coisa afetiva entra no jogo. E... coisas melhoram, outras pioram talvez. Porque aí começam também ciúmes, começam outras coisas que vêm em função disso**. **Mas eu vejo também que quando entra o sexo, a relação sexual mesmo, há uma mudança de comportamento, de comprometimento talvez maior... da mulher, principalmente, eu acho, por quê? (dá ênfase nesta pergunta) Porque o homem na época era talhado assim pra paquerar todo mundo, a mulher não, era mais preservada, na época, pra aquele homem. Aquela coisa, como chamam, um castelo que se cria. Um castelo encantado.** Eu acho que esse castelo se fortalece mais depois da primeira [relação sexual], na época, não sei hoje. Fortaleceu muito... e, **com o tempo, esse castelo pode cair** (dá uma gargalhada, percebo que ali tem uma dor mais ou menos elaborada e espero ela desenvolver). **Depois de um tempo esse castelo pode ruir totalmente, aí entra uma nova fase.**

Ana – Como é isso... me conte um pouco aí, como foi isso pra você?

Mila – É... é isso que eu estou dizendo, **houve essa construção ao longo do tempo de um**

castelo encantado, a princesa e seu príncipe, como num conto de fadas, mas eu acho que isso foi fortalecido com a relação sexual, depois de algum tempo eu digo que ele destrói porque aí você percebe que o outro não tem só você, o outro tem uma capacidade de olhar para outras pessoas, pela própria educação que teve, né, pode se relacionar com outras pessoas, e esse castelo aí, ele começa a ruir, não é? **Porque você olha aquela pessoa que você confiava tanto, que eu me entreguei, que tinha aquela relação gostosíssima, e de repente, não sou eu só no pedaço, está existindo alguém. E aí, né?**

Ana – Hum, Hum...

Mila - **Então, esse existir alguém, eu acho que é capaz de destruir, como destruiu o meu castelo.** Porque teve uma época que surgiu uma pessoa, e houve um relacionamento, e aí ruiu o castelo totalmente. Aí depois, **houve uma tentativa de novo, voltar à construção de um outro, mas não tão...(sorri), o outro ficou meio assim...um castelo bom também, mas não tão encantado**, né (gargalhada)?

Ana – (Sorriu em resposta à gargalhada de Mila) Você consideraria, Mila, que esse momento na trajetória de vocês como casal foi uma experiência de ruptura?

Mila – Sim, sim, perfeito!

Ana – Como mais um momento em que algo se rompe e provoca mudanças?

Mila – Sim, muitas mudanças! **Aí muda radicalmente. Muda, eu achei que mudou muito depois dessa época, é hoje uma... uma outra visão de mundo, de pessoas, outra... surge um novo contexto que balança, dói, e volta, quer dizer, é uma coisa muito... muito, muito, é um drama mesmo. Você constrói isso. Acontece isso muito com as mulheres na época, hoje eu não sei se acontece, e você constrói esse sonho que a família ajudou a construir, a própria educação, e de repente isso tudo rui e você começa a reconstruir... essa coisa toda não, eu não posso parar, e aí toma mais ar, reconstitui isso tudo e vê as coisas de outra forma. Então, houve sim uma ruptura aí nesse período, forte, fortíssima.** Aí você... o que aconteceu no meu caso foi que eu consegui reconstruir, mas com outro olhar, não com o olhar tão ingênuo. Porque na realidade era a ingenuidade que existia de forma muito forte naquela época. E essa ingenuidade foi questionada totalmente. **Então, e aí foi uma fase dificílima, porque quebra uma coisa muito importante chamada confiança na pessoa que você convive, que você transa, e aí, como é que convive com isso? Então, precisou de muito trabalho, trabalho mesmo assim de rever, rever as coisas, rever o mundo, uma nova concepção de vida, de mundo, mexer nesse cenário, e como ele, acredito, que**

ele também fez uma revisão, uma... então houve de novo uma união, né, com a mesma pessoa. Aí a gente toca a vida.

Do ponto de vista psicológico ou intrapessoal, não há dúvida de que Mila experiencia, nesse momento, uma ruptura provocada pela constatação de que não era a única na vida do marido, até então seu príncipe. Afinal, como observa Singly (2003), a exclusividade sexual e afetiva é uma forma que garante, para além da estabilidade do casal, uma certa segurança pessoal ou, em outras palavras, a segurança ontológica de que fala Giddens (1991, 2002). Nesse ponto, vale a pena lembrar algumas considerações de Singly (2003) e Singly e Chaland (2001) sobre o modelo teórico de Giddens (1991, 1993, 2002). Estes autores (SINGLY, 2003; SINGLY; CHALAND, 2001) argumentam – posição com a qual concordo – que, no modelo de vida a dois elaborado por Giddens (2002), característico da modernidade e nomeado pelo teórico de "relação pura"[33], se privilegia nitidamente a liberdade e a busca crescente de um eu reflexivo, mas esquece-se ou negligencia-se demasiadamente uma dimensão importante, que, aliás, ele evoca: a segurança ontológica. Singly (2003, p. 113) explica que "a partir do momento em que a ruptura é pensada [nesse modelo] como possível, ele não se interroga de que modo a angústia de separação (o inverso da segurança ontológica) pode ser controlada." A priori, está estabelecido pelo modelo uma condição para garantir a segurança e controlar essa ansiedade: proceder de forma que o parceiro se sinta privilegiado. A questão, como sublinha Singly (2003), é que para a maioria dos casais heterossexuais, a prova desta hierarquização ou privilégio tem o nome de fidelidade.

Referindo-se à realidade francesa, destaca que as qualidades pedidas ao parceiro ideal revelam que a fidelidade ocupa a primeira posição para as mulheres e a segunda para os homens. "A fidelidade é uma maneira de resolver a angústia da separação, ao mesmo tempo que se respeita o outro." (SINGLY, 2003, p. 113). Os indivíduos que pretendem abrir mão desta prerrogativa de segurança precisam convencer o parceiro de que a fidelidade não é a prova da existência e do afeto que nutre o casal, mais ainda, de que a sexualidade aberta não é incompatível com um amor privilegiado (SINGLY, 2003). Devo dizer que esta não me parece uma tarefa fácil, mesmo nos dias de hoje. Na experiência dos/as participantes desta pesquisa, independentemente da geração, a fidelidade não é um elemento insignificante e facilmente negociado, ao contrário, é, na maior

[33] "Uma característica do relacionamento puro é que ele pode ser terminado, mais ou menos à vontade, por qualquer dos parceiros em qualquer momento particular. Para que um relacionamento tenha probabilidade de durar, é necessário compromisso; mas qualquer um que se comprometa sem reservas arrisca-se a sofrer muito no futuro, no caso do relacionamento vir a dissolver-se." (GIDDENS, 1993, p. 152). Para uma análise mais aprofundada do conceito de relacionamento puro, ver: Giddens (1993, 2002).

parte dos relatos, um elemento que garante a confiança mútua entre os parceiros, a coesão e a manutenção ou continuidade do casal.

É por este motivo que, numa situação em que se constata a infidelidade do/a parceiro/a, tem-se tantas vezes, como efeito, uma experiência psicológica disruptiva. Nessas circunstâncias, em geral, deflagra-se um processo dialógico que busca dar ao *self* uma nova condição para seguir no curso do desenvolvimento. Esse diálogo pode envolver várias *I-positions*. Neste primeiro ato, fase mais dura do processo vivido por Mila, pois que está entrelaçada a sentimentos difíceis de elaborar, observa-se uma desorganização do *self*, iniciada quando uma das suas posições de eu nucleares: a posição Eu-mulher, perde sua função na organização do repertório de posições. Hermans e Hermans-Konopka (2010) explicam que uma posição é nuclear quando uma larga variedade de outras posições são dependentes de seu funcionamento. Então, quando uma posição nuclear sofre mudanças, outras posições também podem mudar. Nesse momento, todo o repertório de posições pode tornar-se desorganizado e excessivamente descentrado. Foi o que ocorreu com Mila nesse momento, quando a *I-position* Eu-mulher foi abalada, todas as outras posições, dela dependentes (Eu-parceira sexual, Eu-mãe, Eu-dócil, etc.), sofrem o abalo ou estão potencialmente propensas ao desequilíbrio e a mudanças. Como resposta a este tipo de evento, o *self* mobiliza movimentos de centramento que tencionam restaurar o equilíbrio perturbado. De acordo com Hermans e Hermans-Konopka (2010), em um período em que o *self* é confrontado com eventos que têm uma influência desorganizadora, posições promotoras têm o potencial de dar uma resposta adaptativa, permitindo o movimento de centramento. No próximo ato, Mila se referirá a essas posições promotoras.

Segundo Hermans e Hermans-Konopka (2010), posições promotoras (VALSINER, 2004) possuem as seguintes características: a) implicam uma abertura considerável em direção ao futuro e têm o potencial de produzir uma gama diversa de posições especializadas, mas qualitativamente diferenciadas no *self* futuro; b) por esta ampla abertura, elas integram uma variedade de novas e já existentes posições do *self* (por integração o autor quer dizer que estas posições são reorganizadas de tal forma que elas resultam em um *self* mais adaptativo); c) por sua posição central no repertório de posições, elas têm o potencial de reorganizar o *self* em um nível mais alto de desenvolvimento; e d) estas posições funcionam como “guardiães” da continuidade do *self*, mas, ao mesmo tempo, dão lugar à descontinuidade. Enquanto a continuidade é garantida por sua habilidade para ligar passado, presente e futuro do *self*, um certo grau de descontinuidade é

resultado do fato de que elas funcionam como origem de novas posições. Nesse sentido, as posições promotoras funcionam como inovadoras do *self*.

Do ponto de vista interpessoal, o que está em jogo é a confiança, um fenômeno mais emocional que cognitivo, e que está fortemente associado à fidedignidade das pessoas com as quais nos relacionamos. Essa sensação de fidedignidade tão central à noção de confiança é fundamental para aquilo que Giddens (1991) chama de segurança ontológica. De acordo com Giddens (1991), a confiança implica, desde as nossas primeiras experiências relacionais, uma mutualidade de experiência. Tal como as crianças, os adultos aprendem, no contexto de uma relação de intimidade, a contar com esta fidedignidade de seus parceiros. É bom lembrar, como destaca Singly (2003), que o indivíduo procura na vida de casal uma fonte de segurança, mesmo que não a tenha experimentado na infância. Confiar é ter fé no outro e apostar na sua capacidade de agir com integridade.

Segundo Giddens (1993), a exclusividade (que pode ser traduzida aqui como fidelidade) não é garantia de confiança, mas se constitui em um estímulo importante para ela. Quando a confiança no outro é quebrada em função de que a exclusividade (suposta) não foi mantida por uma das partes do contrato amoroso, é necessário "refazer" o caminho, na busca de que o novo traçado ofereça o menor risco possível de quebra dessa confiança que nos dá margem para aquela segurança ontológica de que fala Giddens (1991, 2002). Para Giddens (1991), o sentimento de segurança ou de confiança básica, nos termos de Erik Erkson (1998, 1971), é central ao senso de continuidade da autoidentidade, sendo responsável pelo bloqueio de ansiedades existenciais. "Se a confiança aqui não é desenvolvida ou sua ambivalência inerente não é dominada, o resultado é ansiedade existencial persistente." (GIDDENS, 1991, p. 102). De qualquer modo, complementa o autor em outra obra "[...] confiar é também (consciente ou inconscientemente) enfrentar a possibilidade da perda [...]" (GIDDENS, 2002, p. 44).

SEGUNDO ATO: "A FERA FERIDA"

Quando se rompe a confiança na fidedignidade do outro, mais precisamente, na fidelidade que se espera deste outro, uma nova *performance* pode entrar em cena, como resultado de mudanças nas *I-positions* já existentes ou da criação de novas *I-positions*. Ao viver uma experiência de intenso *self-conflict*, Mila se mostra outra para o seu marido, que não a reconhece naquelas

novas posições que passa a assumir na convivência cotidiana; vive, pois, uma experiência abrupta de alteração do eu.

Como dito anteriormente, no contexto da teoria do *self* dialógico, quando no interior de uma experiência de *self-conflict*, duas posições ou vozes podem puxar o indivíduo para diferentes e até mesmo opostas direções. É bom lembrar que certa dose de conflito interno faz parte do cotidiano da maioria das pessoas, como sublinham acertadamente Hermans e Hermans-Konopka (2010), mas pode também se configurar como uma experiência duradoura e séria, envolvendo-nos em uma "guerra de vozes", como frequentemente ocorre em uma situação de possível separação, tal como a que vivencia Mila. O dilema em geral se amplia em função de que as consequências decorrentes da decisão de seguir uma voz e não outra pode incluir implicações importantes não apenas para a própria pessoa como para as outras à sua volta.

Nesse segundo ato da experiência de ruptura descrita por Mila, nos vemos diante de uma situação desse tipo. Sentindo-se profundamente magoada, Mila desenvolve uma *performance* que não corresponde ao esperado por seu marido, passando a atuar não mais como a "mulher dócil", para atuar como a "mulher ferida". Uma nova *I-position* se desenvolve nesse momento para dar conta do processo doloroso que se inicia quando descobre que seu castelo não era tão encantado quanto imaginava. A questão é que, ao assumir novas posições e posicionamentos, deixa o seu parceiro numa situação de embaraço. Como observa Goffman (2012), quando numa interação face a face um dos atores atua de forma não esperada, coloca em questão mais que um papel, interroga, sobretudo, uma identidade, bem como o plano da ação em que outros personagens têm sua existência garantida (GOFFMAN, 2012).

O movimento de revisão de um papel exigirá, por certo, na teia interativa da vida cotidiana, a revisão dos outros papéis assumidos pelos atores com os quais contracena o ator ou atriz em conflito. Uma movimentação desse tipo não deixa de ser uma estratégia política, nem sempre consciente desde o início, instigando o outro a sair de sua posição cômoda. O ator ou atriz social atua pela via da negratricidade (ARDOINO, 2000), desjogando o jogo de que vinha sendo objeto. Ao fazer isso, coloca em xeque não apenas a sua posição até ali, mas a posição do outro, que se vê impelido à mudança. Neste trabalho de revisão, o que vai se delineando, sem que os atores deste drama possam ter disso plena consciência é uma "democratização da esfera privada" (GIDDENS, 1993), dolorosamente impulsionada pelo processo de alteração por que passa Mila em função da ruptura. É Mila, em sua condição de mulher, que desempenha o papel principal na promoção desta

democratização da vida pessoal e íntima, um dos aspectos fundamentais da política de vida. Como observa Giddens (1993, 2002), a promoção da democracia no domínio público foi, de início, um projeto primordialmente masculino, mas a democratização da vida privada é um processo em que, de longe, as mulheres assumem o papel central.

Mila – Porque o comportamento muda. A forma de se relacionar muda. (silêncio) Então precisou muito dessa... de muito diálogo nessa história. E com isso... **eu acho que eu saí muito mais segura, do que eu penso, do que eu acho, do que antes eu era. Eu me transformei na verdade em uma mulher mesmo. Uma mulher com mais força, mais... quer dizer, bastou esse tombo na vida afetivo-sexual, na verdade, o sexual até que estava bem, mas levou um tombo de toda forma, né?**

Ana – Hum, hum.

Mila – Mas um tombo... aí a partir dali, o que é que acontece, **me transformou numa pessoa mais tranquila pra dizer as coisas, pra reagir, veja, eu era uma pessoa do interior, cheia de preconceitos, cheia de obediência e controle muito grande, educada para cuidar do marido, isso é importante na época, todas nós éramos educadas assim...** a mulher tinha que tá em casa, embora eu nunca tivesse tido problema de trabalho, porque ele sempre foi uma pessoa muito aberta. Então, eu mesma tinha umas colegas que o marido não deixava trabalhar, porque tinha que cuidar dos filhos, eu não, ele sempre foi muito legal nessa parte. **Sempre trabalhei, tive minha independência, mas, na época, essa coisa da educação da mulher, era muito forte, da obediência ao homem, de cuidar da casa e dos filhos pra que o marido chegasse (que trabalha fora) numa boa em casa e relaxasse, e você tava lenhada [gargalhada]. Então isso muda. Isso é um corte muito forte. Por que eu tenho que fazer isso tudo se a pessoa que eu estou fazendo isso tem outra? Então aí revolta total. Não, não vou pegar mais, ele quer a comida dele, ele vá lá e pegue. Isso que eu digo, muda o comportamento. Na hora que eu não queria ter relacionamentos sexuais: não, não quero, eu dizia: eu não quero. Porque era a educação, vamos, não... tô cansada, tô cansada, não era assim tão forte como passa nessa novela Gabriela. Você tá assistindo?**

Ana – Não. Inclusive queria, mas está difícil encontrar tempo. É boa?

Mila – É ótima, inclusive para você comparar esta época que eu estou te contando com essa anterior que o marido chegava e dizia: 'deite na cama, vou te usar', pô, peraí, vou te usar? Isso não tinha comigo, não era assim. Era muito mais aberto, muito mais tranquilo, mas, de toda forma,

como você era 'praparada' para conviver com um homem e como mulher, dona de casa, então tinha essa coisa de você... não pode. **Ah, vamos transar? Vamos. Você não dizia: eu não posso, eu não quero. Mas com esse fato eu dizia: eu não quero, eu não vou. Pronto. Então, a minha vontade passou a preponderar mais, a ser a mulher que eu achava que deveria ser e não aquela que foi talhada pra ser a mulher.**

Ana – E como foi isso pra ele? Como ele reagiu?

Mila – **Um choque. Muito choque porque eu mudei. Eu não era mais aquela menina do interior que ele pegou com 15 anos. É diferente, de 15 a 21, uma menina dócil, muito dócil, muito cordata, né, muito amorosa também, muito gentil, muito, muito, muito... e de repente, não era mais aquela pessoa.** Era uma pessoa que estava sofrida, que estava revoltada, uma pessoa que mudou, que era outra pessoa. **Uma pessoa que tinha sido magoada e ferida. Era uma fera ferida** (gargalhada) **e a fera começou a mostrar as garras, ninguém esperava, né**? Então, esse reajuste aí foi difícil. Porque na época a ideia que **eu tinha era de separar mesmo. Mas aí veio outra questão que é também de formação, de educação, que são os filhos, e aí como é que faz com os filhos?** Eu não tive coragem na época de com duas crianças, tomar uma atitude dessa natureza. E não me dei mal, acho que não. Foi bom. Foi muito dolorido, mas as coisas andaram se arrumando aí.

Um novo roteiro é colocado em cena, não mais a mulher submissa, não mais a menina dócil do interior, amorosa, gentil. Estas posições deixam de ser dominantes nesse momento. Os *scripts* femininos usados por Mila até ali para dar conta da *performance* de mulher, já não se conformavam ao cenário que se impunha. Um novo *script* feminino foi aos poucos sendo organizado, dando lugar, segundo suas palavras, à "mulher que eu achava que deveria ser e não aquela que foi talhada pra ser". Nesse processo, Mila não apenas dá permissão para a expressão de elementos ou regiões sombrias de seu *self*, escondidas por trás da "fachada" (GOFFMAN, 2013) de mulher dócil, assumida por muito tempo no contexto da relação a dois, como se abre para um processo de s*elf-interrogation* e *self-consultancy*, que lhe permite passar da posição de Eu-fera ferida à posição de Eu-fênix, estabelecendo no seio da vida a dois uma repartição mais igualitária dos direitos e deveres. Vive, por assim dizer, no domínio intrapessoal, um processo intenso de alteração, autorizando-se (ARDOINO, 2000), a partir de então, a ser outra mulher. Como observa Giddens (1993), "os direitos são essencialmente formas de autorização; são instrumentos de habilitação." Ao exigir seu direito a uma mútua fidelidade, ela exigiu que a democracia fosse a

tônica da relação, já que esta é inimiga do privilégio, do acesso desigual a direitos e bens (GIDDENS, 1993).

TERCEIRO ATO: “A FENIX QUE SE RENOVA DAS CINZAS”

De acordo com Hermans e Hermans-Konopka (2010), a extensão do *self* tem o potencial de alargar o raio de possíveis posições com uma função promotora que pode introduzir novos recursos dentro do *self*. Quando o poder integrativo de uma posição promotora é forte o suficiente, é possível compensar a influência desorganizadora que resulta das mudanças ou perdas de posições nucleares. A integração de eventos de desorganização de um nível alto é possível quando o domínio externo do *self* está aberto e receptivo o bastante para a introdução de promotores.

As pessoas podem encontrar um promotor em contatos atuais com professores ou colegas de trabalho inspiradores, amizades suportivas, pais amorosos, marido ou esposa. Eles podem encontrar isto mesmo quando estas figuras já não estão fisicamente disponíveis, mas interiorizadas como outros-no-*self*. As posições promotoras também podem surgir do diálogo imaginado com líderes espirituais como Buda, Cristo, etc. Posições promotoras podem emergir e ser desenvolvidas tanto do domínio externo como do domínio interno do *self*. A aceitação de uma posição desse tipo pode ter uma função integrativa significante porque tem o potencial de estabelecer uma coalizão com uma diversidade de outras posições. Neste caso em estudo, diria que a posição Eu-fera ferida entra em diálogo com as posições promotoras Eu-amigos/colegas de trabalho, Eu-religiosa, Eu-mãe, produzindo uma coalizão cujo resultado foi o recentramento do *self*.

Ana – E como foi mesmo pra você conseguir... você disse que tinha um castelo, e o castelo desmontou. Como é que você conseguiu rearrumar?

Mila – **Eu acho que o trabalho que me ajudou muito**. O próprio trabalho que eu fazia, eu adorava como adoro até hoje o trabalho, coisa de sair um pouco, não mergulhar muito naquele problema no sentido de depressão, no sentido de se vitimizar. **Eu fiz o contrário, olha, eu tenho duas opções: ou largo ou continuo, né? Se eu continuar eu tenho que rever, também não posso ficar assim, só também dando uma de legal, não. Eu tenho que botar na mesa, mas eu tenho que “colocar os pontos nos is” e pensar mesmo: separa, não separa. Se continuar, que condições pra continuar? Eu tenho que propor as minhas condições. Mas isso tudo foi muito sofrido, muito**

dolorido, mas a vida mesmo que a gente levava, nessa época eu morava em São Paulo, a gente morava em São Paulo, eu assumi um cargo importante, fazia muito trabalho pra tudo que era lugar e tinha que viajar mesmo. Então, eu viajava, ia pra lá e pra cá, aquilo também foi mudando, **conversando com outras pessoas, entendeu? Lendo, a religião também ajudou demais.**

Ana – Você acha que você ganhou alguma coisa em termos de aprendizado com essa experiência? Porque você fala que foi um momento de mudança, o que mudou em você e na sua relação com o seu marido?

Mila – Foi, foi, **mudou muito a forma de pensar, primeiro, que aí eu acordei de um sonho, de um conto de fadas lindíssimo. Acordei e disse: pô, peraí, o conto poderia até continuar bonito, mas peraí, a princesa também não pode estar assim tão, né. Mudei em termos de comportamento, sim, obtive mais segurança, porque foi um conflito sério, uma destruição total, mas que aquilo ali doeu bastante. Eu diria que como aquela... Fénix que se renova das cinzas.** Então foi isso que aconteceu, e eu acho que aí a relação passou a ser muito mais respeitosa, muito mais aberta, porque na verdade, a própria vida corrida não dava essa oportunidade pra conversar. Era muito gostoso a relação sexual, sair pra passear, e aí, de repente, não, a gente não tinha essa coisa de conversar um com o outro, de falar de si, da educação dos filhos, acho que a coisa ficou mais consolidada. A partir dessa destruição aconteceu uma coisa melhor, mas isso não é assim de uma hora para outra, não é? Foi construído mesmo aos poucos com muita tolerância de ambas as partes. Minha, pra entender e compreender porque isso aconteceu. Dele também pra entender porque eu estava me comportando daquele jeito diferente a partir dali, entendeu?

De acordo com Hermans e Hermans-Konopka (2010), quando somos confrontados com um problema difícil ou quando nos colocamos uma intrincada questão, nem sempre nos encontramos imediatamente hábeis para dar esta resposta, em geral, precisamos de tempo para consultar a nós mesmos: *"[...] olha, eu tenho duas opções: ou largo ou continuo, né? Se eu continuar eu tenho que rever, também não posso ficar assim só também dando uma de legal, não. [...] e pensar mesmo: separa, não separa. Se continuar, que condições pra continuar?"*. *Self-consultancy* é típico de situações em que nós precisamos tomar uma decisão que tem importantes implicações para nosso futuro e/ou para outros significantes: "*Mas aí veio outra questão que é também de formação, de educação, que são os filhos, e aí como é que faz com os filhos?".* Nós precisamos de tempo para *walk around* com o problema ou questão, esperando por uma resposta significativa. O processo de *self-consultancy* não é inteiramente inconsciente, ele é altamente influenciado por e dependente

das questões colocadas pela mente consciente, ou seja, pelo trabalho de reflexividade. É um amplo processo que ocorre na interface entre os níveis consciente e insconsciente da mente. Os autores sublinham que a parte do *self* que coloca a questão não é a mesma parte que a responderá.

De acordo com o relato de Mila, é da posição de "fera-ferida" que ela pergunta para as posições Eu-trabalhadora, Eu-mãe, Eu-amigo/a, Eu-religiosa sobre o que fazer diante daquela cena que é vivida por ela como uma "destruição total". A resposta surge de um diálogo profundo e dolorido entre estas *I-positions*, que faz emergir junto à fénix, renovada das cinzas, uma mulher mais segura de si, autora de sua própria vida. Uma mulher capaz de renegociar as bases de seu contrato amoroso, instaurando, a partir desta experiência de ruptura-transição, uma relação num estilo mais igualitário (HEILBORN, 1992) ou confluente (GIDDENS, 1993). É a "promessa da democracia", parafraseando mais uma vez Giddens (1993), que faz emergir uma nova relação de intimidade. A fonte estrutural desta promessa é a emergência do relacionamento puro[34], instaurando, aos poucos e na base do diálogo e do respeito mútuo, uma ordem pessoal democrática na esfera da vida de casal.

6.5 "O PRIMEIRO AMOR JÁ PASSOU, O SEGUNDO AMOR JÁ PASSOU..."

Segundo Giddens (2002, p. 85), "laços sexuais razoavelmente duráveis, casamentos e relações de amizade, tendem hoje a aproximar-se da pura relação." Nesse sentido, embora algumas das características tradicionais do casamento tenham se mantido (mais pronunciadamente, é claro, em certos grupos socioeconômicos que em outros), o casamento se tornou uma relação em geral iniciada pela satisfação emocional que deriva do contato próximo com o outro, e deve manter-se enquanto essa satisfação persistir. De acordo com Giddens (2002), existiriam alguns elementos comuns nessas relações íntimas entre amantes e amigos muito próximos. São os elementos da relação pura, delineadas de forma típico-ideal pelo autor (2002, p.87-95), da seguinte maneira:

1) Em contraste com laços pessoais próximos em contextos tradicionais, a relação pura não se encontra ancorada em condições exteriores da vida social e econômica, é como se ela flutuasse

[34] A relação pura refere-se a uma situação em que uma relação social foi assumida em si mesma, naquilo que pode resultar para uma pessoa da relação com a outra, e que dura apenas enquanto for considerada por ambas as partes como fonte de satisfação (GIDDENS, 1993, 2002). Este conceito será melhor desenvolvido nas próximas seções.

livremente. As relações, nesse caso, só se mantêm, sejam as de amizade ou as amorosas e sexuais, se os sentimentos de proximidade forem correspondidos por seus valores intrínsecos.

2) A relação pura é buscada somente pelo que a relação pode trazer para os parceiros envolvidos, ponto que é concomitante ao anterior, e é, segundo o teórico, precisamente nesse sentido que ela é "pura". Em relações desse tipo, o que quer que vá mal, ameaça a própria relação, que só justifica sua continuidade na satisfação mútua dos parceiros.

3) A relação pura é reflexivamente organizada, de forma aberta e contínua. O autoexame é inerente a esse tipo de relação e está ligado ao projeto reflexivo do eu. "A coordenação reflexiva de todas as relações próximas hoje, independentemente da distância que possam estar do estado 'plenamente puro', participa da reflexividade mais ampla da modernidade." (GIDDENS, 2002, p. 89).

4) O compromisso é também outro elemento central nas relações puras, ele assume, nesse contexto, o lugar das âncoras externas que as relações pessoais próximas costumavam ter em situações pré-modernas. Para Giddens (2002), o amor romântico pode ser considerado como uma forma de compromisso, mas entre os dois – o amor e o compromisso – este último é a categoria mais ampla. O autor considera que o compromisso pode ser regulado pela força do amor, mas não é este, em si mesmo, que gera o compromisso ou o autoriza, antes, a decisão pessoal dos amantes. Isso porque o compromisso quase sempre faz parte de uma troca de esforços, pois a relação pura não pode existir sem elementos substanciais de reciprocidade. Segundo o autor, o compromisso é de difícil construção porque supõe um alinhamento mútuo dentro da relação pura.

5) A relação pura enfoca a intimidade, que é, conforme explica Giddens (2002), uma condição central para qualquer estabilidade de longo prazo que os parceiros almejem atingir. Ele distingue, como mencionei anteriormente, a intimidade do fenômeno mais negativo da falta de privacidade, característica das sociedades pré-modernas ou não-modernas, enfatizando, porém, que a privacidade é a condição para as satisfações psíquicas que a intimidade oferece, como pontuei em passagem anterior. A intimidade ou, mais precisamente, a sua procura está no centro das formas modernas de amizade e de relações amorosas e sexuais. Os laços íntimos típicos da modernidade requerem um compromisso com a qualidade da relação, e é preciso uma decisão de renovar o compromisso sempre que a relação tender para modelos conflitivos, desenergizados ou de mera convivência.

6) A relação pura depende da confiança mútua entre os parceiros, que por sua vez se liga

de perto à realização da intimidade, mas esta confiança, longe de ser “dada”, é trabalhada, conquistada no interior da própria relação. Para construir a confiança, um indivíduo deve ser tanto confiante quanto confiável, na medida em que implica um equilíbrio entre autonomia e revelação mútua, ambas necessárias para sustentar trocas íntimas.

7) Numa relação pura, é tão necessário se ver reconhecido pelo outro e ter afirmada sua autoidentidade, quanto colocar esta autoidentidade em constante negociação através de processos de autoexploração e partilha de histórias cujo fim é o desenvolvimento da intimidade.

Importante assinalar que o indivíduo está envolvido em diversas formas de relação social que tendem ao tipo puro, e que estas relações estão interconectadas, formando ambientes específicos de intimidade. Em ambas as gerações estudadas, encontramos elementos da relação pura, mas me parece que é na geração atual que seus princípios ganham maior radicalidade, precipitando-se em formas mais fluidas, para não dizer líquidas (BAUMAN, 2004), de experienciar a vida afetivo-sexual. De qualquer sorte, parece que o prelúdio dessa fluidez já se encontrava anunciado na experiência dos/as jovens de 60/70, quando já se podia notar um tipo de relação, mantida, somente, a pretexto de uma gratificação mútua, bem como a emergência de um modelo de relação ao estilo igualitário (HEILBORN, 1992) ou de tipo puro (GIDDENS, 1993, 2002) ou “quase puro”. Digo quase porque é muito difícil encontrar uma réplica perfeita destes ideais descritos por Giddens (2002). Uma combinação sempre muito particular ganha expressão tanto nos anos 60/70 quanto 2000, na experiência de cada casal que se forma no curso das trajetórias.

As histórias de João e de Mário são ótimos exemplos do que acabo de dizer. É a história de dois homens que entendem que as relações são oportunidades de crescimento pessoal, mas que sob o *ethos* do individualismo libertário dos anos 60/70, tanto iniciam quanto rompem relacionamentos duradouros para novamente envolverem-se em novos relacionamentos duradouros, que também podem se romper. Em ambos os casos, a formação do casal se assenta na seguinte noção fundamental: “livres juntos” (SINGLY, 2003), de tal sorte que, a qualquer tempo, é possível romper o laço que une o casal em função de se reconhecer nele um funcionamento inadequado para a satisfação de ambos os parceiros. Este reconhecimento surge, em geral, de um processo reflexivo, de autoexame, que acompanha cada membro da relação, criando um ambiente de avaliação continuada no interior da vida de casal. Neste trecho que segue, João faz uma espécie de síntese de sua trajetória afetivo-sexual. Em sua narrativa fica claro que o que está em jogo numa relação de intimidade do tipo puro é, não apenas a segurança ontológica, vastamente

discutida até aqui, como o projeto reflexivo do eu, ou a própria autoidentidade (GIDDENS, 2002) dos parceiros da relação. O relacionamento afetivo-sexual configura-se, mais que nunca, enquanto espaço de autodescobrimento e autoanálise. É muitas vezes a ausência de elementos como: autoexame e disposição para mudança, partilha de histórias pessoais, intimidade, compromisso, liberdade, confiança mútua, que dá margem a que uma das partes envolvidas cogite o rompimento. A frase "Com Carol eu só estava, eu não estava só, eu não me sentia só [...]" reflete bem esta ausência de compartilhamento e, por assim dizer, de intimidade, que levou João e Carol a se separarem.

6.5.1 "Com Carol eu só estava, eu não estava só, eu não me sentia só"

Tendo como pano de fundo o terreno existencial da modernidade tardia, e, por assim dizer, a exigência de relacionamentos de tipo puro, João, ao falar sobre os caminhos percorridos na esfera da vida afetivo-sexual, fala, concomitantemente, de si mesmo. Fala da trajetória de seu eu, um eu-reflexivo, produto e produtor desse cenário moderno de que tanto fala Giddens (1991, 1993, 2002). Giddens (2002, p. 75) afirma que, na modernidade tardia, a "reflexividade do eu é contínua e tudo penetra", o eu está constantemente envolvido numa espécie de monitoramento reflexivo da ação, através do qual é instado a interrogar-se sobre si mesmo talvez mais que sobre o outro, apropriando-se do passado e peneirando-o à luz do que antecipa como um futuro. É por meio desse processo que o eu se faz, se desfaz, se refaz. A linha de desenvolvimento desse eu é internamente referida, e há uma integração entre as experiências da vida íntima e a narrativa do autodesenvolvimento (GIDDENS, 1991, 2002).

> [...] **eu costumo dizer que eu estou na minha terceira versão de pessoa, né? Lá pra trás eu era a versão 1, que eu era uma pessoa intragável, intragável [...]. Então, não sei como ela aguentou assim, porque eu me encontrava com Carol, e o tempo em que a gente ficava, muitas das muitas vezes, sei lá, vamos dizer que a gente ficasse na varanda da casa dela por 1 hora e meia, duas horas, eu diria que 99% desse tempo eu ficava calado.** Como é que você aguenta alguém do seu lado simplesmente calado, respondendo pouco, monossilábico, **sem se dizer. Então, eu acho que, ou ela gostava muito de mim ou, não sei, né? Aí, depois que eu conheci Raquel, eu disse: não, com esta eu quero ser diferente, eu vou, enfim. Desde lá pra trás e até antes disso quem sabia de mim eram os meus cadernos, meus poemas, então, era para o meu caderno e minha lapiseira que eu me dizia**, então, mas era chato, era terrível pra ela porque eu estava ali, mas eu tava só, né, [silêncio] eu escrevia nessa época**, eu tenho um diário que eu escrevi: "Não é estar só, é só estar, né, eu só estava em muitos dos lugares e... com Carol eu só estava, eu não estava só, eu não me sentia só, eu simplesmente não estava ali, então, terrível. Então, por isso eu achei que essa ruptura aqui foi importante que eu ficasse um tempo sozinho,**

> **tive nesse período, um outro amor platônico, né, é... e aí apareceu Raquel. E aí foi assim deliberado: com esta eu vou ser diferente, e foi. A gente se falava, a gente se dizia.** Também depois de muito tempo é que Raquel soube quanto eu escrevia, porque eu escrevia, até tentamos publicar um livro na época, com os meus textos. **Com Clara, depois desse aprendizado todo, mais ainda. Então, eu costumo dizer que hoje ainda vai ter uma quarta versão provavelmente, mas eu estou na minha terceira versão. Então, foi importante Carol ter passado, Drummond que diz: "O primeiro amor já passou, o segundo amor já passou", estou no terceiro. Eu estou, não que eu tenha nenhum desejo de terminar com Clara, mas assim, eu penso que numa quarta [versão] eu ainda seja ainda melhor.** (JOÃO, geração anos 60/70).

Em consonância com o *ethos* de seu tempo, a narrativa da trajetória amorosa e sexual de João confunde-se, pois, com a narrativa de seu eu. Nas suas palavras, diga-se de passagem, um poeta: a cada amor – que passa – passa também uma versão sua, o que significa dizer que João é sempre João, porém nunca o mesmo. O importante a destacar é que é no olhar do outro que João se reconhece outro, processo contínuo de mudança, o que me fez retomar aqui as teses interacionistas e dialógicas. Vale lembrar que para o interacionismo e para o dialogismo, a identidade que funda a relação com o mundo, embora pareça garantida, é vulnerável e ameaçada pela visão dos outros ou por eventos da história pessoal dos indivíduos.

O *self* não é substancial, mas relacional, recompondo-se no interior e no curso das relações, e, por assim dizer, das relações de intimidade que estabelece no curso de sua trajetória. As circunstâncias vividas pelos atores sociais junto a outros atores, nesse caso específico, vinculados pelos fios do amor e do sexo, fazem e desfazem a identidade segundo a maneira pela qual o indivíduo (sempre em mudança) as interpreta e vive. Ao longo de uma trajetória amorosa e sexual, e a depender da leitura interpretativa que faz das situações cotidianas ao lado destes outros significativos, o *self* reconfigura-se, revelando-se relativamente estável, mas aberto ao mundo (LE BRETON, 2008).

Em tempos de modernidade tardia, é patente a exigência que uma relação pura impõe aos seus associados: mudança. O eu deve ser reflexiva e constantemente alterado para que a relação tenha condições de manutenção. Como os contratos amorosos são hoje mais flexíveis que os de outrora, quando não se acredita mais na possibilidade de mudança no seio daquela relação, parte-se para outra, numa busca – de si mesmo – que parece não acabar nunca, até que, finalmente, ou não, descobre-se mais maduro e em condições de manter uma relação com maiores chances de gratificação mútua. De qualquer sorte, não parece haver, nem nesta geração nem na mais nova, nenhuma intenção de viver uma vida solitariamente. "O celibato (ou a vida a sós) não constitui um modelo de referência hoje em dia, mesmo que ele seja sentido positivamente como prova da

capacidade de um eu autônomo.” (SINGLY, 2000, p. 41). Os momentos de solitude acontecem, mas em intervalos curtos, depois dos quais se retoma a vida a dois, espaço onde os “indivíduos individualizados [...]” (SINGLY, 2004, p. 174) encontram espaço para se reconhecerem como pessoas únicas e especiais. “O eu não pode ser alcançado senão pelo diálogo com o outro significativo, através de relações afetivas, amorosas, de amizade.” (SINGLY, 2003, p. 189).

Conforme as palavras de Hermans e Hermans-Konopka (2010), o amor é a mais significativa das emoções humanas. É especial no sentido de que tem, mais que outras emoções, um impacto no *self*. Mais que outras emoções e sentimentos, expande o *self*. Esta extensão toma lugar em ambos os sentidos: espaço e tempo. Da perspectiva espacial, ele estende o *self* para o outro e ainda para a extensão do *self* do outro. Da perspectiva temporal, funciona como uma posição promotora que tem o potencial de gerar e integrar uma ampla variedade de posições futuras. Como um fenômeno dialógico, o amor não é uma emoção separada, mas parte de um relacionamento. Dado que o relacionamento é bidirecional, o amor não somente transforma o *self*, mas é também transformado por ele.

6.5.2 “Depois que eu casei, se eu fiquei uns três anos solteiro foi muito”

À semelhança de João, a trajetória de Mário é caracterizada por uma série de relacionamentos de longa duração que, tendo como início o apaixonamento recíproco, tem como fim a diminuição deste, a instalação de um sentimento de que a relação “caiu na rotina”. Depois de ter algumas poucas namoradas, antes, e, principalmente, após o ingresso na universidade; conclui o curso universitário, emprega-se ainda durante o percurso formativo, e casa-se pela primeira vez com uma jovem mais nova que ele sete anos, com quem compartilha uma relação de quinze anos de convivência.

> Mas assim, foi uma coisa muito rápida, um mês, dois meses, a gente viajava, acampava com outros dois irmãos, foi uma coisa assim bem leve, só uns apertos, uns beijinhos. Não passou disso. Mais adiante, eu comecei a namorar com a irmã dela, mais nova. **E aí a gente namorou, casou, tivemos uma filha, aí já foram quinze anos de convivência. Com essa eu tenho uma filha de 21 anos. Mas acabou por causa do próprio desgaste do casamento, aquela monotonia e tal, ela cresceu profissionalmente, [eu ficava muito tempo na televisão?] aí terminou.** (MÁRIO, geração anos 60/70)**.**

Para os casais modernos, submetidos como estão à pressão social de um desenvolvimento

pessoal constante, como indica Singly (2000), a necessidade de união é tão importante quanto a mobilidade conjugal é obrigatória. Aliás, esta pressão parece apenas nos colocar de forma inexorável diante do fato de que o eu não é estável, e quando este se modifica, esta relação privilegiada de intimidade com o outro precisa também se reconverter a fim de acompanhar as transformações dos parceiros. Nesse contexto, se o cônjuge não percebe, por trás das modificações de identidade de seu parceiro, a necessidade, quer de estabilidade, quer de mudança, pode vir a contribuir para o rompimento da relação (SINGLY, 2000), como parece ter ocorrido com Mário: "*Mas acabou por causa do próprio desgaste do casamento, aquela monotonia e tal, ela cresceu profissionalmente, [...] aí terminou.*"

Conforme argumenta Singly (2000), no modelo da individualidade moderna, os pais e o cônjuge podem ser, em grande parte, definidos de forma muito semelhante: ambos têm a função de validar a identidade das pessoas próximas, ajudando-as a revelar os seus recursos. Entretanto, duas características diferenciam as funções de pai e cônjuge, proibindo que estas se confundam: a primeira é o interdito do incesto, a segunda refere-se à necessária ruptura que se deve efetuar com o pai, dado que o objetivo é a construção da autonomia individual, prova, em nossa sociedade, do cumprimento da construção da identidade. Contudo, esta diferença é bastante tênue. Por este motivo, em casos de uma experiência de transformação da identidade por parte de um dos parceiros, a procura de validação do eu pode implicar uma ruptura com o cônjuge. Isto ocorre não apenas porque o parceiro transformado precisa do reconhecimento do olhar do outro validando as alterações de seu eu, mas porque a sua transformação requisita uma transformação do outro que somente em parte a vida em comum e o afeto pelo parceiro conseguem efetuar. Nas palavras de Singly (2000, p. 63), "a vida em comum transforma em parte a identidade de um cônjuge no sentido requerido pelos pedidos do parceiro."

"SEPARAMOS NUMA BOA, NUNCA TIVEMOS PROBLEMAS DE EX"

Quando pergunto sobre como foi romper com um laço de 15 anos, Mário responde fazendo referência a dois pontos que considero fundamentais na discussão que tem como tônica a ideia de um indivíduo livre de amarras. O primeiro ponto refere-se à quebra de convívio com a mulher, àquela altura, uma amiga; o segundo refere-se a um aumento da "dor da separação" quando se tem um/a filho/a.

> É isso. **Eu... o sentimento maior foi justamente essa, essa quebra de convívio, 15 anos se tornam amigos, né? E pra aumentar ainda mais essa dor da separação, teve a filha, que foi difícil para mim, me afastar dela, mas tem que se aceitar e conviver da melhor forma possível.** A gente conseguiu conciliar. Separamos numa boa, nunca tivemos problemas de ex. Passava comigo alternando os finais de semana (refere-se à filha). É isso, passamos esta barreira. (MÁRIO, geração anos 60/70).

Sobre o primeiro ponto, diz Singly (2003, p. 188): "a convivência é o aquecimento, real ou sonhado, do elo societário." Este autor argumenta que é ambígua a relação dos indivíduos modernos no que diz respeito ao elo societário que os une, marcado, de um lado, pela necessidade de liberdade, de outro, pela necessidade de segurança e estabilidade. Era à ausência do calor da convivência que Mário se referia. Este calor, é bom dizer, "[...] não remete unicamente para o amor, ele é também símbolo da segurança assegurada pelo 'calor do lar', pela estabilidade da casa" (KAUFMANN, 1988 apud SINGLY, 2003, p. 188).

Quanto ao segundo, é também Singly (2004, p. 173) que nos lembra que, ao longo da segunda modernidade, ao lado da ampliação da autonomia dos adultos, que passaram a ter um maior domínio sobre suas próprias vidas, podendo recorrer ao divórcio, houve também uma ampliação dos direitos das crianças, sob a exigência de autonomia e de proteção. No centro desse duplo reconhecimento de direitos: estabilidade da criança e liberdade amorosa dos adultos, surge a questão: o que fazer quando se quer divorciar do adulto, mas não se quer e não se pode divorciar da criança? Como reconduzir a vida de adulto, sem negligenciar as necessidades das crianças? O grande desafio numa sociedade de "indivíduos individualizados" é este da equidade na repartição dos direitos. "Os adultos podem se divorciar, mas não enquanto pais. Os direitos da criança impõem limites à liberdade dos pais." (SINGLY, 2003, p. 173). Além do mais, quando se estabelecem laços com a criança, sedimentados numa convivência amorosa, é, em geral, uma tarefa difícil afastar-se, sem que adulto e criança não se ressintam e vivenciem uma ruptura. Entretanto, quando os adultos entendem que, não obstante todas as suas histórias não resolvidas, é preciso priorizar a integridade biopsíquica da criança, as negociações são feitas e cada parceiro tem a oportunidade de seguir a sua vida, sem que sejam negligenciadas as necessidades do/a filho/a.

"COM A ROTINA, A PAIXÃO VAI DIMINUINDO"

A rotina aparece no relato de Mário em suas duas faces. Na primeira, ela é um dos elementos que, de algum modo, dá garantias de estabilidade e segurança. Na segunda, ela assume o papel da vilã, ou seja, é responsável, dentre outras coisas, pela diminuição da paixão e pelo consequente rompimento da relação. Assim, à pergunta: o que levou vocês a chegarem a este rompimento?, Mário responde:

Mário – Começa assim, a própria rotina, você começa a gerar desgaste, atrito, perda de paciência, às vezes, quando você começa a namorar com alguém você tem uma *super*paciência, tolera tudo, e com o tempo, se você não [?], no final você já começa a ter menos paciência, menos compreensão.

Ana – Você então acha que tem a ver com a rotina?

Mário – **Com a rotina, a paixão vai diminuindo**, você não consegue manter o mesmo nível, você vai deixando, vai deixando, chega um ponto que vira amigos, e aí...

De acordo com Giddens (2002), é principalmente a rotinização da vida cotidiana, e por assim dizer, a criação de ambientes relativamente estáveis, como a vida a dois, por exemplo, que assegura aos indivíduos modernos a segurança ontológica. Quando a rotina é radicalmente rompida, tendem a ocorrer crises existenciais ou, como prefere Zittoun (2006, 2009), rupturas, o que nos permite compreender o que sente Mário quando perde a convivência diária com sua companheira e sua filha. Por outro lado, é também Giddens (2002, p. 151) que, falando sobre a paixão, afirma que esta, antes de sua privatização, "referia-se precisamente àqueles momentos em que o indivíduo se sentia em contato com forças cósmicas, num estado além da experiência cotidiana [da rotina]." Segundo o autor, ao longo da modernidade, esta noção perde quase que inteiramente essa conotação, sendo secularizada e confinada à esfera privada e à atividade sexual. Eis o paradoxo em que se encontra o homem contemporâneo: não quer abrir mão da paixão, mas não prescinde da segurança da vida rotinizada e pessoal.

O grande desafio está posto ao casal moderno ou contemporâneo que pretenda vida longa: manter a paixão no seio da rotina, não por um saudosismo implacável de um tempo que não volta mais, mas pela necessidade de inovação que, no seio do casal moderno também exige espaço, talvez como uma forma de quebrar a rotina que se mostra tão protetora quanto implacável. Nesse caso, porém, será necessário um trabalho criativo e reiterado de reacender a paixão incessantemente, a cada vez que sua chama queira apagar, à custa de não deixá-la morrer no fluxo contínuo da vida rotinizada de casal. Nesse sentido é que a sexualidade ganha centralidade no seio

da relação do casal contemporâneo, visto que é o modo de funcionamento do casal no plano da sexualidade que irá dar a medida da paixão, ao tempo em que possibilitará a transgressão da rotina dentro dela mesma. Como observa Giddens (1993, p. 73), “o amor confluente pela primeira vez introduz a *ars erotica* no cerne do relacionamento conjugal e transforma a realização do prazer sexual recíproco em um elemento chave na manutenção ou dissolução do relacionamento.”

“EU GOSTO DESSA COISA DE FAMÍLIA, DE TÁ JUNTO”

Eis que essa não é uma tarefa simples, e exige mais que o anseio de viver junto. São muitos os fatores que, conjugados, levam os casais a uma separação. É certo que a manutenção da paixão é para muitos um ingrediente importante, mas de modo algum o único. Assim, é muitas vezes no interior de um novo relacionamento que os indivíduos contemporâneos vão procurar novamente experimentar aquela paixão perdida, bem como aquele olhar garantidor de segurança e reconhecimento pessoal. Mário ainda casa mais duas vezes. Quando pergunto a ele o que o motivou a casar por mais duas vezes, ele responde:

> Eu gosto dessa coisa de família, até porque, minha família é muito pequena. Hoje em dia eu só tenho minha mãe, minha irmã com um sobrinho, e minha filha. Então, a minha família é *super*pequena. Então, eu agora faço parte de uma família que é ao contrário. A minha esposa tem doze irmãos. Então, o oposto do meu. Éramos três, mas um morreu aos 20 anos de acidente de carro e só ficou eu e minha irmã. Ele tinha vinte anos, não tinha relacionamento nenhum, não casou nem nada. Minha irmã casou depois, só teve um filho, também separou. Então, é uma família muito pequena, **eu gosto dessa coisa de família, de tá junto. Ter uma companheira ao lado, pra mim é importante**. (MÁRIO, geração anos 60/70).

E complementa:

> **Porque um ajuda o outro nos altos e baixos, né? Cresce junto, a oportunidade de crescer. Na minha cabeça, se você fica sozinho com relacionamentos curtos, não acrescenta muita coisa para você.** Fora o trabalho que dá, né, todo começo, você conhecer a pessoa. **No relacionamento longo você começa, começa a conviver, traça objetivos juntos, ao passo que em relacionamento curtos você não tem como traçar um planejamento maior, né?** (MÁRIO, geração anos 60/70).

Nesses dois trechos, fica muito claro o valor que Mário atribui tanto à vida a dois como à vida em família, confirmando as argumentações de Singly (2000, p. 35) quando assevera que a família contemporânea “não se define exclusivamente como espaço onde circula o amor. Se ela

distribui esse bem tão desejado, e pouco disponível noutros mercados, ela produz também outra coisa: a construção das identidades de cada um dos seus membros." A família tem uma função central nas sociedades em que o ideal individualista gozou de uma relativa aderência: "[...] a de tentar consolidar em permanência o "eu" dos adultos e das crianças." (SINGLY, 2000, p. 35). Como esta permanência é sempre provisória, por mais paradoxal que isso possa ser, a família ou o casal está fadada/o a renovar constantemente seu esforço de dar ao "eu" de cada um de seus membros esse reconhecimento. Concordo com Singly (2000), quando argumenta que, ao contrário do que o termo individualismo pode fazer crer, o indivíduo da modernidade, para ser ele próprio, não prescinde do olhar de pessoas a quem ele atribui importância e sentido. O adulto, tal qual a criança, não se basta a si próprio (SINGLY, 2000).

6.6 "LIVRES JUNTOS", PORQUE "PARA SEMPRE" PODE SER MUITO TEMPO

Destaco aqui o fato de que a revolução política empreendida pela geração 60/70 não se restringiu ao campo social no seu sentido amplo, das relações da esfera pública, mas ao campo social mais estrito, das relações de intimidade afetivo-sexual. Sugiro ainda que esta revolução se estendeu ao domínio do *self*, reivindicando mudanças intrapessoais de homens e de mulheres.

6.6.1 As relações amorosas e sexuais nos anos 1960/1970 e a expansão do *self*

Emerge, por volta dos anos 60/70 no Brasil, uma reivindicação de igualdade e liberdade no interior das relações amorosas e sexuais juvenis. Reivindicação provocada, em grande parte, por séculos de dominação masculina (BOURDIEU, 2005), pela disseminação dos ideais feministas, e pela luta contra a ditadura no país, onde o movimento estudantil teve papel fundamental, seja na politização da massa estudantil, seja na politização das massas populares (FORACCHI, 1965). As relações, ao menos aquelas que se produziram entre jovens com acesso à escolarização superior, parecem ter tomado uma configuração mais igualitária (HEILBORN, 1999), aproximando-se, em muitos sentidos, do modelo de relacionamento puro a que se refere Giddens (1993, 2002). Escolarizadas e, consequentemente, com maiores chances de sustentar uma vida independente, as mulheres desta geração deixam ver que não desejavam apenas escolher seus parceiros/as e o rumo de suas vidas, mas discutir as bases de seus relacionamentos. Os relatos oferecem vários

indícios de que, após o ingresso na universidade, estas mulheres são levadas a refazer suas "trajetórias afetivo-sexuais expectativadas", preferindo investir em relações pautadas em noções fundamentais tais como: "livres juntos" (SINGLY, 2003). Noções que enfatizam que a liberdade não pode ser preterida em nome da união do casal amoroso.

Os homens também compartilharam das ideias libertárias que deram o tom dos anos 60/70 e que levaram tantos jovens às ruas, mas envolvidos pelo movimento que reivindicava o fim da opressão político-social no país, mal tiveram tempo para dimensionar as mudanças que os ideais compartilhados no cenário das ruas iriam provocar, quando levados para o contexto da relação a dois. Como destaca Singly (2000), para os casais modernos, submetidos como estavam à pressão social de uma transformação político-cultural e de um desenvolvimento pessoal constante, a necessidade de união tendeu a tornar-se tão importante quanto obrigatória a mobilidade conjugal.

Aliás, esta pressão parecia colocar os casais, de forma inexorável, diante do fato de que o eu não é estável, e quando este se modifica, esta relação privilegiada de intimidade com o outro precisa também se reconverter a fim de acompanhar as transformações dos parceiros. Assim, seguindo as pistas do dialogismo de Hermans e Hermans-Konopka (2010), poderíamos afirmar que, sob o impulso do *ethos* de seu tempo, homens e mulheres dos anos 60/70 foram convidados ou conclamados a expandir seus *selves,* à custa de perderem seus amores e a si mesmos.

Neste contexto de reivindicação por liberdade e igualdade na esfera da vida pública como na esfera da vida íntima, os casais ou parceiros amorosos pareciam estar envolvidos em uma busca constante pela equalização das demandas individuais às demandas da vida em comum, busca esta que nem sempre tinha como resultado a continuidade de seus relacionamentos. Mas a manutenção dos relacionamentos não era, definitivamente, o objetivo maior, o que estava em jogo e deveria ser perseguido pelos parceiros era a qualidade da relação, o que implicava em não perder de vista a felicidade de cada um. Os laços íntimos típicos da modernidade requeriam, desde aquele momento, um compromisso com a qualidade da relação, e era preciso uma decisão de renovar o compromisso sempre que a relação arriscasse cair em modelos conflitivos, desenergizados ou de mera convivência (GIDDENS, 2002). Num cenário como esse, em que o pessoal e o político se confundiam, a relação muitas vezes tendia a tomar feições de um espaço psicoanalítico, espaço por meio do qual os indivíduos se mantinham em constante processo de análise, e no qual deveriam possuir as condições necessárias para serem dois sem que deixassem de ser um, tornando-se indivíduos mais e mais individualizados (SINGLY, 2004).

Assim, “para sempre” começa a mostrar-se, em especial após o ingresso das mulheres mais que dos homens, no cenário da vida universitária, uma noção muito asfixiante, reveladora de um *ethos* em relação ao qual esta geração de 60/70 pretendeu se opor. Não porque seus/suas representantes preferissem a solidão ao amor, mas porque procurassem recusar, algumas vezes mais no plano da teoria que no plano da prática cotidiana, a ideia de converter relacionamentos em clausura, como ocorreu com as gerações que os/as precederam. Interessante observar que é nos relatos das mulheres que encontramos indicações abundantes desta recusa à clausura. Recusa que ganha expressão no próprio modo de organização de suas trajetórias: seja através da adesão a uma vida experimental e sem compromisso durante longo período da vida juvenil e adulta, para só mais tarde estabelecer uma relação duradoura e de compromisso; seja através da recusa inicial ao casamento, seguida de uma adesão a este em idade madura; seja através da luta cotidianamente travada no interior da própria relação, no sentido do estabelecimento de uma vida a dois mais igualitária e mais livre; seja através da proposição de um “acasalamento” entre mulheres, como Antônia refere, e não de um casamento heterossexual.

No modelo de relação que a partir de 60/70 começa a se estabelecer, obviamente à custa de muita luta das mulheres, mais que dos homens, a liberdade, não poucas vezes, antepõe-se ou luta para antepor-se ao amor. Este último passa a ter sentido somente quando ambos os parceiros encontram satisfação mútua no seio do relacionamento, objetivo que, para ser plenamente alcançado, não prescinde da garantia de um espaço de vida pessoal (“livres”) no interior da vida de casal (“juntos”). Um espaço, porém, que, atendendo aos anseios de liberdade de cada uma das partes, não coloque em questão a fidelidade do/a parceiro/a. Os relatos apontam no sentido de que a fidelidade, embora questionada no modelo dos casais modernos dos anos 60/70, não era um aspecto insignificante e facilmente negociado no interior da relação. Ela aparece, mesmo para os/as entrevistados/as desta geração libertária, como um elemento que garante a confiança mútua entre os parceiros, a coesão e a manutenção ou continuidade do casal.

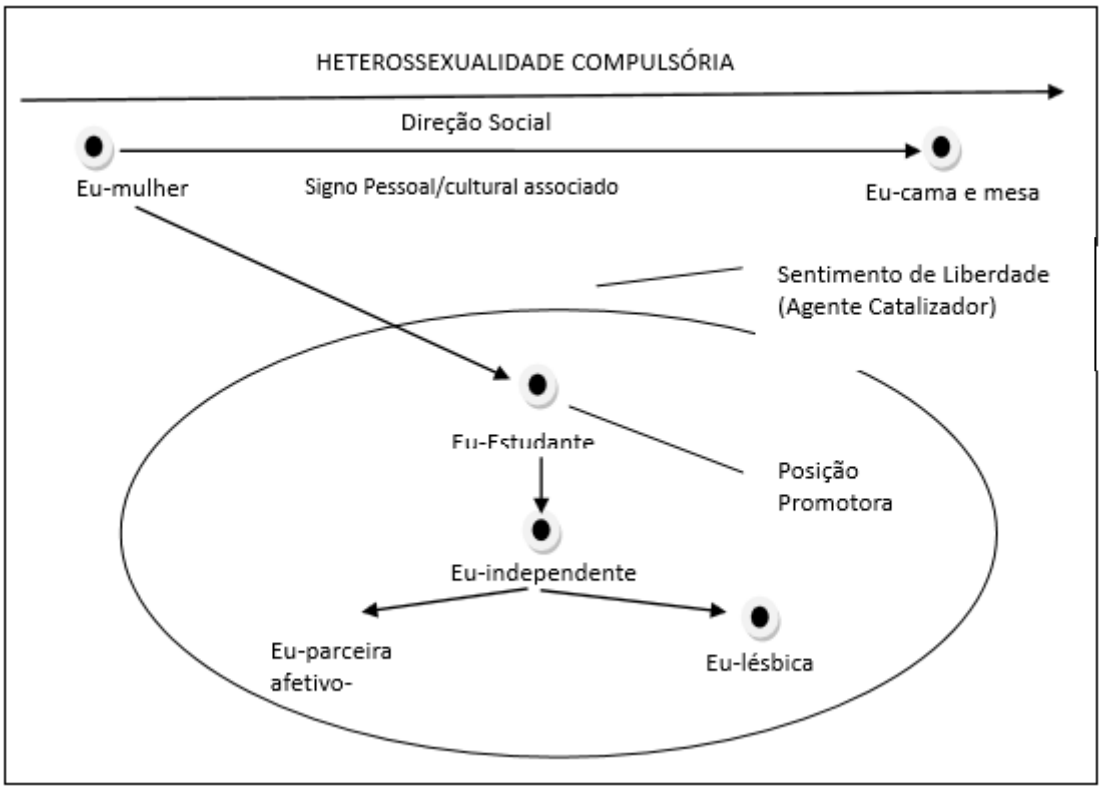
6.6.2 Eu-estudante: uma posição promotora nas trajetórias das mulheres de 60/70

Nesse contexto de transformações que não deixou escapar a esfera da intimidade, a análise das trajetórias do grupo geracional mais velho me permite dizer que a posição de estudante assume, sobretudo na experiência das mulheres dos anos 1960/1970, a função de *posição*

promotora (HERMANS; HERMANS-KONOPKA, 2010), sendo uma das principais responsáveis por mudanças significativas no curso de suas vidas. É, em especial, a posição de estudante que promove, na trajetória destas mulheres, uma abertura considerável em direção ao futuro, com potencial de produzir uma gama diversa de posições no *self* futuro. Em alguns casos e domínios da experiência, o alcance desta posição implicou uma mudança rápida de posicionamento face às relações de dominação a que se viam submetidas, em outros, uma transformação lenta e gradual, aos poucos assegurada com base na possibilidade de, graças à assunção da posição de estudante universitária, construir uma independência financeira em relação à família de origem.

Graças ao ingresso na universidade e, portanto, à passagem da posição de jovem à posição de estudante, essas mulheres, jovens nos anos 60/70, fogem ao destino das "moças casadoiras" ou "cama e mesa" e constroem trajetórias em cujo centro está o sentimento generalizado de liberdade/independência, compartilhado no interior do ambiente universitário e no contexto mais amplo das lutas políticas do Brasil da época. Este sentimento atua como agente catalizador dos processos de mudança experimentados por estas mulheres pós-ingresso na universidade (ver figura 6). Suas trajetórias amorosas e sexuais são, de fato, reveladoras desse *ethos* individualista libertário a que se refere Salem (1991), e que se traduzem como *políticas de si* no domínio do *self*, políticas que se mostram eficazes na produção do sujeito sexual (PAIVA, 2000), ou seja, na produção de um eu-sexual não-sujeitável aos *scripts* sexuais do feminino que a cultura sexual prescreve ou ao desejo de seus/suas parceiros/as. Um eu-sexual que desenvolve uma relação crítica e negociada com as normas de sua cultura, bem como com as expectativas de seu/sua parceiro/a quanto à sua *performance*.

Figura 6 - Processo de mudança de posições de eu ao longo da trajetória de Antônia



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

A passagem à posição de estudante (ZITTOUN, 2006, 2009) e as possibilidades abertas por este reposicionamento, deflagram no curso de vida das mulheres da geração 60/70 por mim entrevistadas, uma experiência de ruptura-transição que lhes permite, após algum tempo de convivência universitária, dizer não à clausura muitas vezes imposta pelo casamento enquanto alternativa de entrada na vida adulta. Ao tornarem-se estudantes e, em decorrência disso, independentes, estas mulheres, jovens nos anos 60/70, reuniam algumas das condições necessárias para acompanhar os ideias de amor da modernidade. Nem sempre conscientes disso, algumas delas perseguem, a partir daí, relações que não se constituam em um elo fixo, mas que sejam flexíveis e reversíveis, permitindo a afirmação de um eu independente e autônomo. Tendo ao alcance a prerrogativa da independência, elas podem permitir-se, se assim desejem, e não se assim forem autorizadas, viver “a aventura da experimentação existencial” (VENTURA, 1989, p. 17). Ventura (1989) afirma que em 1968, ano que, em sua perspectiva, não terminou: “se os exemplares mais estabelecidos da geração tentavam subverter o casamento pela sua destruição, outros, mais novos, começavam a experimentar formas alternativas de relacionamento que não

reeditassem os compromissos matrimoniais impostos pela convenção.” (VENTURA, 1989, p. 17).

Após o ingresso na universidade, as mulheres dos anos 60/70, imersas nesse ambiente cultural libertário, desenham para si um amor que, idealmente, permita aquilo que Singly (2003) nomeou de duplo trabalho de construção do eu: o que se joga na relação amorosa, com a descoberta de si próprio no olhar do outro; e o que permite respirar outro ar, escapar do asfixiamento não só através do outro, mas também de um eu definido univocamente (SINGLY, 2003). Ainda que algumas delas acabem por aderir ao modelo tradicional de união – o casamento –, parecem lutar, no interior deste, pelo estabelecimento de um relacionamento democrático, buscando afastar-se o mais possível dos privilégios que há tempo o casamento reserva aos homens. “A disposição dessas jovens mulheres era”, como observa Ventura (1989, p. 17), “pelo menos, não repetir o erro de suas mães. Elas não queriam ser tão infelizes quanto julgavam ter sido a geração anterior.” Desse modo, no seio da vida a dois, elas reivindicam uma repartição igualitária dos direitos e deveres, uma tarefa que em alguns casos e pontos das trajetórias envolve uma dose considerável de sofrimento psíquico. Afinal, a luta por liberdade e igualdade que unia “camaradas” de ambos os sexos nas ruas, se demorou e ainda demora a chegar em casa.

7 NO RASTRO DA MODERNIDADE: MUDANÇAS NOS LAÇOS JUVENIS DE INTIMIDADE

Giddens (1991, 1993, 2002) é um teórico interessante tanto para nos ajudar a pensar sobre as transformações sofridas pelos jovens ao longo de suas trajetórias afetivo-sexuais, quanto as mudanças que se processaram no campo das relações de intimidade, de uma geração para outra. O autor (1993, 2002) considera que as relações afetivo-sexuais podem oportunizar ao indivíduo um tempo de descoberta de si, e de formação da reflexividade de si. Diz o teórico (2002, p. 32): "o termo 'relação', com o significado de um laço emocional contínuo com outrem, só recentemente entrou em uso corrente. Para sermos claros com aquilo que aqui está em causa, podemos introduzir o termo *relação pura* para nos referimos a este fenômeno". Uma relação pura nada tem a ver com pureza sexual, e este último é, segundo o teórico, um conceito que limita mais do que descreve o significado da relação pura. Aliás, a sexualidade (plástica, ou seja, desconectada da reprodução) é uma dimensão fundamental desse tipo de relação (GIDDENS, 1993). A relação pura refere-se a uma situação em que uma relação social foi assumida em si mesma, naquilo que pode resultar para uma pessoa da relação com a outra, e que dura apenas enquanto for considerada por ambas as partes como fonte de satisfação (GIDDENS, 1993, 2002).

No modelo teórico de Giddens (1993, 2002), a relação pura implica a segurança ontológica e o projeto reflexivo do *self*. A segurança ontológica, como disse anteriormente, é uma forma, mas uma forma muito importante, do sentimento de segurança em um sentido mais amplo. A expressão *segurança ontológica* faz referência à confiança que a maioria dos seres humanos deposita na continuidade de sua identidade pessoal e na permanência de seus entornos sociais ou materiais de ação. Um sentimento de confiabilidade (de esperança) em pessoas e coisas, tão crucial à noção de confiança, é fundamental ao sentimento de segurança ontológica, pois ambas estão fortemente relacionadas do ponto de vista psicológico. A origem da segurança que sente a maioria das pessoas ao longo de parte do tempo estaria, para Giddens (1991), que se fundamenta particularmente em teóricos ligados à corrente psicanalítica como Winnicott e Erik Erikson, na infância. O teórico (1991) compreende que a fé no amor da pessoa encarregada do cuidado infantil é a essência do salto em direção ao compromisso que pressupõe a confiança (a confiabilidade) fundamental em todas as formas subsequentes de relações de intimidade. Importante sublinhar que esta confiança primeira implica certa "mutualidade da experiência" (GIDDENS, 1991, p. 94), almejada nas demais relações de intimidade que estabelecemos ao longo de todo curso da vida.

As relações são laços fundamentados sobre a confiabilidade, em que a confiança não está dada previamente, é necessário conquistá-la. Esse trabalho de conquista, diz Giddens (1991, 2002), representa um processo mútuo de autorrevelação, compreendido na noção de *reflective project of the self*. As relações amorosas-sexuais implicam um progressivo descobrimento mútuo, no qual o processo de autorrealização por parte do amante é uma parte tão importante da experiência, como é o crescimento da intimidade com o amado (GIDDENS, 1993). Para tanto, sublinha, a confiança pessoal deve ser estabelecida através de um processo de questionamento pessoal. Esse trabalho de autodescobrimento se converte em um projeto que está diretamente relacionado com a reflexividade da modernidade.

7.1 “BACANA, EU GOSTO DE FAZER SEXO, MAS CADÊ A AFETIVIDADE?”

Após um intenso período de experimentações sexuais, Manuel, tal como os demais entrevistados do sexo masculino da geração mais nova, sente a necessidade de uma relação de intimidade mais duradoura, “de compromisso”, na expressão de um dos jovens. Talvez porque, ainda que a sexualidade propicie, em alguma medida, uma experiência de intimidade, “está propensa”, como observa Giddens (1993, p. 194), “a ser acompanhada por aquele 'vazio', aquela busca por uma sensação de realização, que afeta ambos os sexos, embora de maneiras diferentes.” Segundo o autor, esta busca é, para muitos homens, incansável, e tem como objetivo superar os sentimentos de inadequação que ferem tão profundamente o menininho que deve renunciar à sua mãe; e que para as mulheres estaria relacionada àquela “busca do romance” com o pai desejado, mas inacessível. De acordo com o autor (1993), em quaisquer dos dois casos, haverá sempre uma ânsia de amor.

Embora haja controvérsias sobre esta tese de Giddens (1993) quanto à “busca do menininho” e a “busca da menininha”, estruturada basicamente nas formulações edipianas da psicanálise de Freud (1996a, 1996b)[35], concordo com o autor quanto ao fato de que a sexualidade está propensa a esta sensação de vazio, embora nem sempre seja por ela acompanhada. Penso que esta sensação seja mesmo decorrente, ao menos em parte, dessa necessidade de amor ou de intimidade. Considero ainda que seja esta ânsia de amor ou, poderíamos chamar, de elo afetivo,

[35] Para aprofundar este assunto sugiro ler Butler (2003), para quem o primeiro interdito não é o tabu do incesto, mas o tabu contra a homossexualidade.

um dos elementos fundamentais a contribuir tanto para o número de recasamentos na contemporaneidade, quanto como para os recorrentes enlaces episódicos em que se envolvem atualmente os jovens, uma espécie de efeito reverso daquilo que, na intimidade do eu, de fato se procura. Esta busca pelo outro, de uma forma ou de outra, parece apontar para o fato de que, tal qual ocorre com as crianças, que requerem o olhar e o cuidado do outro, os jovens, adultos e velhos têm igualmente necessidade de pessoas próximas capazes de ajudá-los a se reconhecerem como pessoas individualizadas. Mas para que esta identidade individualizada seja reconhecida a título pessoal, exige-se um tipo de relação com outrem (SINGLY, 2000), que não me parece ter condições de garantia no contexto de certos modelos de relacionamentos da contemporaneidade.

Assim, o que se observa, especialmente nos relatos dos homens da nova geração, é que, embora estes em geral manifestem grande propensão à experimentação e à vivência de "amores líquidos" (BAUMAN, 2004), em algum momento de suas trajetórias, mostram-se desejosos de "assentar" (PAIS, 2003), procurando estabelecer relacionamentos mais duradouros, à semelhança do modelo de "relação pura" a que se refere Giddens (2002). No tom desses novos tempos, em que o jovem oscila entre o desejo de permanecer livre e o desejo de viver a intimidade proporcionada pela formação do casal amoroso, Manuel, após relacionar-se sexualmente com uma menina que encontrava esporadicamente, reflete, sob o lastro de um sentimento ainda pouco claro, acerca da necessidade de ter alguém com quem pudesse compartilhar seu "mundo íntimo". Traz esta experiência quando lhe pergunto se ele identifica mais alguma experiência disruptiva ao longo de sua trajetória afetivo-sexual.

> Eu acho que foi... Teve, teve. Um **momento específico assim, eu tinha feito sexo com uma menina, aí eu estava na casa dela, e eu estava deitado, descansando, aí ela levantou e foi tomar banho, e foi fazer umas coisas. Eu estava com 22 anos e aí eu percebi, eu sempre achei essa coisa de certa forma legal, bacana, mas tinha seu tempo**. Eu achei que já tinha chegado a hora de acalmar os ânimos. Mais ou menos foi nesse período que meu pai falou comigo: "você tá muito magro, precisa se cuidar". **Aí, essa coisa de refletir depois do sexo, pensamentos depois do sexo**. **Tudo bem, ela era minha amiga, e tal, mas... você não vai ligar para um amiga que você fez sexo com ela no dia anterior às onze e trinta da noite do outro dia para contar para ela que você se estressou no trabalhou, ou que você brigou com a sua mãe [...] ou coisa do tipo, assim pra uma pessoa que você faz sexo esporadicamente.** Eu acho que não. Então, eu digo não, acho que está na hora de eu voltar a namorar. (MANUEL, geração anos 2000).

Manuel completa:

> [...] tínhamos amigos em comum, e aí a gente teve relações sexuais algumas vezes e aí

> uma dessas, eu percebi: "pô cara, é legal, adoro fazer isso, é bacana, mas **isso não me completa, só uma parte de mim está contente com essa situação**, que é a parte de: "**bacana, eu gosto de fazer sexo, tenho uma vida sexual superativa**", **mas cadê a afetividade? Depois do sexo eu vou olhar para ela com um olhar lânguido e abraçá-la e beijá-la, e dormir de conchinha?** Não vou. Aí eu disse: "Vou me acalmar". Mas aí eu impus uma regra para mim mesmo: **"tudo bem, eu quero completar esse meu..., quero saciar esse meu lado afetivo, tudo mais, mas eu quero saciar também o lado sexual. Virgens nunca mais!".** (MANUEL, geração anos 60/70).

A partir do modelo formulado por Giddens (2001), como havia dito, considera-se que ao menos dois princípios caracterizam a experiência do indivíduo contemporâneo: a necessidade de segurança ontológica e o projeto reflexivo do eu. No processo de transição para a vida adulta, o jovem pode encontrar essas necessidades satisfeitas nas relações de intimidade com amigos e parceiros amorosos-sexuais (GIDDENS, 1993). Manuel parece estar falando dessas demandas. Ele reclamava uma intimidade que lhe permitisse, por sua própria configuração, revelar emoções e ações que não gostaria de expor a um olhar mais vasto e pouco confiável. Esse tipo de intimidade pode ser encontrada em uma relação ao estilo da "relação pura". Para Giddens (1993), tal como ocorre com os amigos, os amantes também requerem marcas de intimidade, informação que seja especial apenas para eles.

A tendência das relações amorosas-sexuais, de serem diádicas (não necessariamente monogâmicas), lembra Giddens (1993), provavelmente resulta do desejo inconsciente de recuperar o sentimento de exclusividade com a mãe, de que a criança desfruta (ao menos em nossa cultura) em seus primeiros anos de vida. O "especial" que a pessoa encontra na outra é, neste sentido, como em Freud, um reencontro ou uma "redescoberta" (GIDDENS, 1993, p. 96). Todavia, o caráter diádico das relações amorosas-sexuais é também reforçado pela natureza da confiança presumida nas relações de intimidade, e que Manuel esperava pudessem lhe oferecer as condições necessárias para desenvolver o que Giddens (1991) chama de projeto reflexivo do *self* – um processo de autodescobrimento que passa pela capacidade dos parceiros de desenvolverem uma relação onde encontrem espaços para a autorrevelação mútua.

Importante pontuar, porém, que, do ponto de vista em que nos colocamos, compreendemos que se antecipa a essa experiência reflexiva e a acompanha, muitas vezes orientando-a, uma troca comunicativa entre os parceiros, que se dá no nível da intersubjetividade emocional (CRAIB, 1998) e que também tem suas raízes nas relações diádicas com os primeiros cuidadores na infância. A reflexividade emerge como uma ferramenta para organizar a vida afetiva em sua dinamicidade (VALSINER, 2007, p. 251). "O lado mental-reflexivo (ou 'cognitivo') é uma

ferramenta semiótica emergente para organizar o relacionamento afetivo com o mundo." (VALSINER, 2012, p. 251). A tese central da perspectiva semiótica na psicologia cultural de Valsiner (2012, p. 251) é: "a vida psicológica humana, em sua forma mediada por signos, é afetiva em sua natureza." Para Valsiner (2012), criamos sentido para nossas relações com o mundo – e isso obviamente inclui as nossas relações amorosas e sexuais –, e para o próprio mundo, através de nossos sentimentos, que são, eles próprios, culturalmente organizados pela via da criação e uso de signos.

Assim, do ponto de vista intrapessoal, uma ferramenta últil para análise compreensiva do campo afetivo de Manuel poderia ser o modelo de descrição hierárquica dos níveis de mediação semiótica proposto por Valsiner (2007), combinado a uma análise do campo dialógico que vai se desenhando à medida que ele tenta construir significado em torno da experiência vivida.

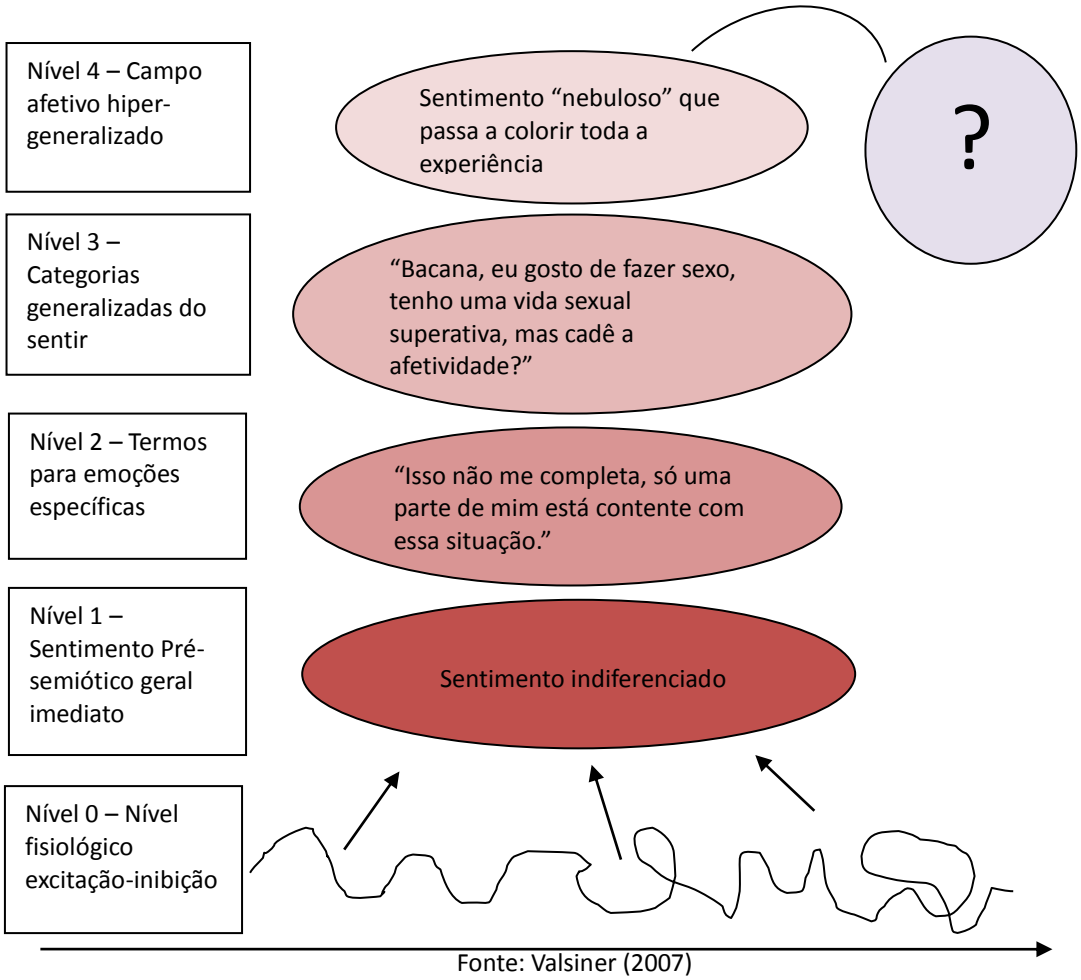
Como a figura 7 procura mostrar, é a partir do nível 2 que Manuel busca, através de signos linguísticos culturalmente organizados, dar nome ao que inicialmente sente apenas vagamente no nível 1. O nível 0 corresponde a um nível de antecipação fisiológica universal. Com base neste nível, desenvolvemos uma "sensação de sintonia" generalizada e não mediada por signos. Seria um estado afetivo antecipatório, uma espécie de consciência indiferenciada de algo – positivo, negativo ou ambivalente. É o que ocorre, em um primeiro momento com Manuel, quando a parceira sexual sai de seu lado e ele se vê sozinho. Manuel relembra a cena: "eu tinha feito sexo com uma menina, [...] estava deitado, descansando, aí ela levantou e foi tomar banho, e foi fazer umas coisas. Eu estava com 22 anos e *aí eu percebi* [...]". Inicialmente, essa "percepção" não tem um nome específico, é um sentimento indiferenciado.

A organização semiótica mediada por signos (isto é, cultural), só vai ocorrer na passagem do nível 1 para o 2, quando Manuel nomeia isso que, inicialmente, é indiferenciado. No nível 2 e 3, Manuel já consegue nomear o que sente: "Isso não me completa, só uma parte de mim está contente [...] Bacana, eu gosto de fazer sexo, tenho uma vida sexual superativa, mas cadê a afetividade?". No nível 4, os sentimentos se tornam hipergeneralizados e não são facilmente reduzidos a signos linguísticos. Contudo, esse signo tipo campo, de caráter afetivo, passa a colorir cada nova experiência, o que leva o autor a afirmar: "nesse aspecto a racionalidade humana é profundamente irracional" (VALSINER, 2007, p. 380), na medida em que está sempre guiada por afetos. Para Valsiner (2007, p. 381), se conseguimos verbalizar esse "sentimento nebuloso" que nos guia, teremos então realizado a tradução do nível quatro para o nível três: de um campo

hipergeneralizado para proposições verbais que chegam a referir a direção dos valores, mas não a captá-los inteiramente".

Como esse sentimento hipergeneralizado não é de fácil acesso, já que não-verbalizável, não podemos afirmar com certeza que sentimento seria esse que passa a colorir cada nova experiência de Manuel, mas suspeitamos que ele esteja contido na seguinte afirmativa: *"Tudo bem, eu quero completar esse meu..., quero saciar esse meu lado afetivo, tudo mais, mas eu quero saciar também o lado sexual. Virgens nunca mais!".* Ela nos parece uma síntese (ver figura 8) de um movimento dialógico conflitivo que ele experiencia após a experiência sexual vivida. Uma experiência que, junto a outras, possivelmente lhe satisfez sexualmente, mas não afetivamente, causando-lhe aquele sentimento inicialmente indiferenciado que foi ganhando nome no decorrer de sua narrativa-reflexiva. A meu ver, é esta síntese que passa a guiá-lo em suas iniciativas de aproximação e construção de laços afetivo-sexuais com outras meninas a partir daquele momento de ruptura-transição.

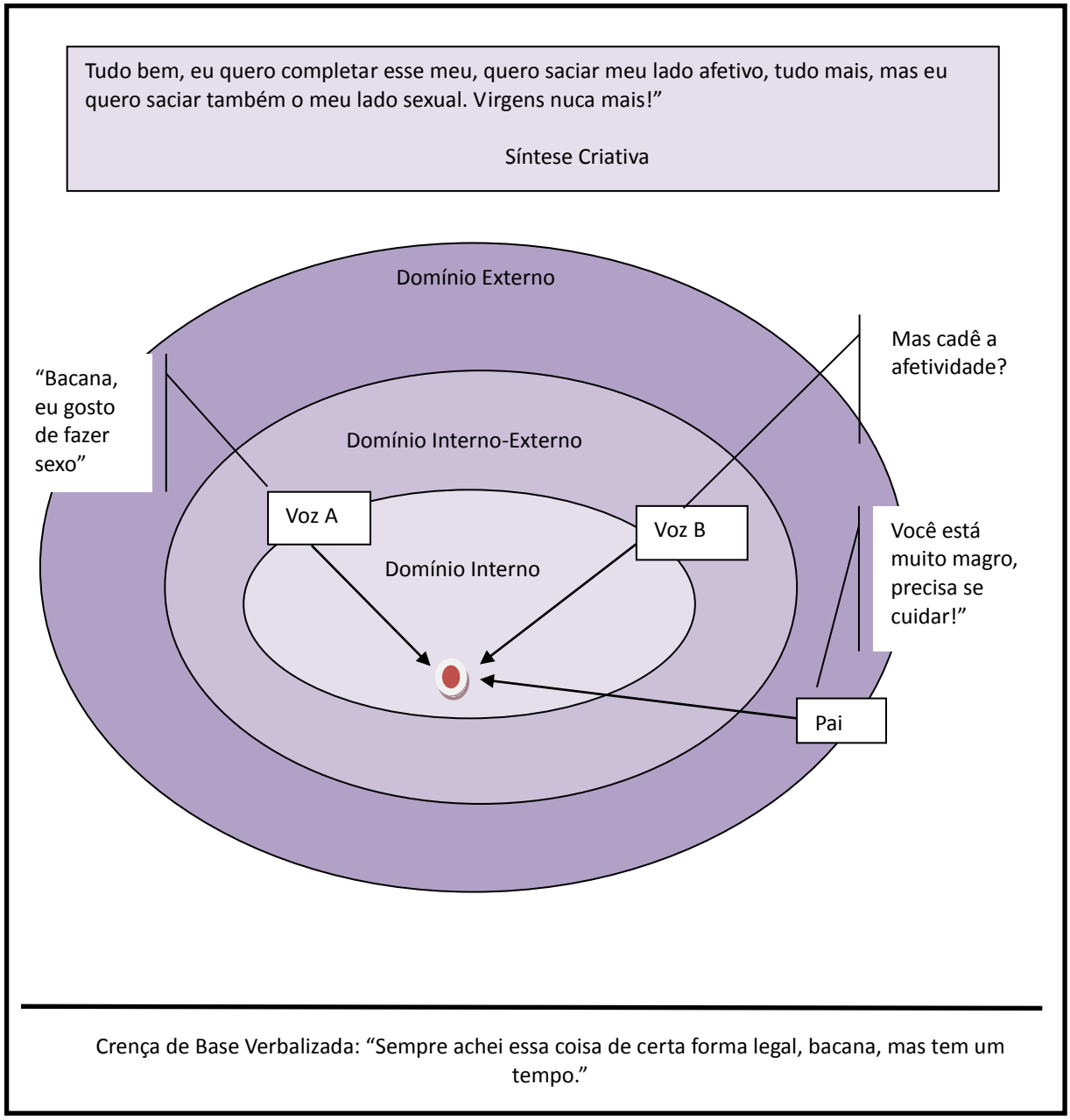
Figura 7 - Processo de generalização e hiper-generalização na regulação afetiva do fluxo da experiência de Manuel



Fonte: Valsiner (2007)

Na figura 8 procuro destacar o processo de *self-conflict* que o jovem experimentou nesse ponto de sua trajetória. Era como se duas posições ou vozes o estivessem puxando para direções inicialmente opostas. Nesse diálogo também entra em cena a voz (externa) de seu pai (representando uma outra geração com sua experiência e perspectiva de vida), que faz críticas à sua vida e o aconselha a cuidar de si. Esta voz externa – que permite a Manuel pensar *como se* fosse seu pai ou como se estivesse frente a ele – entra em diálogo com as internas (A e B), que já conflitavam, reafirmando a necessidade de mudança, que se insinuava em uma de suas frases iniciais (esta que estou chamando de crença de base): *"Sempre achei essa coisa de certa forma legal, bacana, mas tem um tempo."* De certa forma, podemos dizer que, desde o início, a experimentação sexual deste jovem esteve circunscrita por esta crença. Consideramos que a sua síntese criativa *"Tudo bem, eu quero completar esse meu..., quero saciar meu lado afetivo, tudo mais, mas eu quero saciar também o meu lado sexual. Virgens nunca mais!"* é, de certa forma, uma (re)invenção dessa sua crença primeira, agora mais flexível, por agregar novos signos a partir das relações que estabeleceu após o ingresso na universidade.

Figura 8 – Processos Dialógicos de Mudança e Síntese Criativa no Domínio do *Self*



Fonte: Adaptado de Hermans (2001), Abbey (2006) e Lawrence e Valsiner (2003)

No diálogo que segue, tento compreender o porquê dessa ojeriza de Manuel às mulheres virgens. É também nesse trecho dialógico que ele conta o curso que tomou sua trajetória a partir desta experiência de ruptura-transição. A primeira ruptura, vale lembrar, havia ocorrido por volta do primeiro semestre de faculdade, época em que tem sua rede de sociabilidade ampliada e passa a viver uma vida sexual intensa. Vejamos, pois, o que nos fala Manuel.

Manuel - **Esse foi um dos pré-requisitos que eu estabeleci para minha próxima namorada.**

Ela pode ser preta, branca, pode fazer qualquer curso, mas não pode ser virgem. Aí eu conheci essa minha namorada. Eu já a conhecia, ela tinha sido noiva antes, aí nos papos eu fiz logo questão de perguntar, porque se fosse eu não namoraria, e ela disse que não. Era uma mulher da minha idade, e aí eu digo: é, as coisas podem caminhar com essa daí. E estamos aí até hoje.

Ana – É engraçado porque essa coisa da menina virgem lhe marcou. Por que, Manuel?

Manuel – É porque depois que você estabelece uma vida sexual ativa durante um tempo, é muito difícil, pelo menos pra mim, não sei pra outras pessoas, mas pra mim seria muito difícil hoje terminar com ela e me envolver com uma menina que é virgem e ter que esperar passar seis, oito meses, um ano para fazer sexo com ela. Assim não vai dar certo, vai chegar um momento que eu não vou aguentar, vou traí-la, vou me machucar porque vou ficar triste, com peso na consciência e tudo o mais. Ela talvez vá ficar sabendo mais tarde e vai se machucar também. Então, pra evitar esse tipo de dano, eu prefiro não mais. Eu quero alguém que realmente supra todas as minhas necessidades. **Não precisa ser a pessoa perfeita, mas que supra essa minha necessidade de afetividade, do carinho, do toque, tal, mas que também supra as minhas necessidades sexuais.**

Ana – Entendi!

Manuel – Não dá mais pra viver sem. Enquanto estiver funcionando...

Nesse trecho da entrevista, Manuel evidencia um dos principais traços da vivência da sexualidade na contemporaneidade: ela é agora uma propriedade do indivíduo, ao mesmo tempo que um meio de criarem-se ligações com os outros, tendo como base a intimidade. A sexualidade na civilização moderna funciona como um ponto de contato, e, ainda que a sexualidade episódica possa se configurar como uma forma habitual de evitação da intimidade, também oferece um meio de promovê-la (GIDDENS, 1993).

A centralidade da sexualidade na experiência do indivíduo contemporâneo é tal que aquilo que distingue o casal da atualidade não é apenas a referência ao sentimento amoroso, mas também a importância crescente que nele assumem os domínios individuais dos parceiros, bem como o inédito papel assumido pela sexualidade na constituição do casal e, depois, na manutenção da relação (BOZON, 2004).

Segundo BOZON (2004, p. 49), a mudança é de tal ordem que “a rápida passagem dos parceiros à relação sexual constitui uma regra.” O autor (2004) ressalta que a relação de dependência que em outros tempos ligou a sexualidade ao casamento foi completamente invertida: da instituição matrimonial que dava direito à atividade sexual, passou-se à troca sexual,

motor interno da conjugalidade ou da vida a dois.

> A sexualidade, que antes era um dos atributos do papel social do indivíduo casado, tornou-se uma experiência interpessoal indispensável à existência do casal, formando a linguagem básica do relacionamento. Passou-se de uma definição institucional do casal a uma definição subjetiva e intersubjetiva, que coloca a relação sexual em primeiro plano. (BOZON, 2004, p. 49).

Sob esse novo *ethos*, em que a tônica não é tanto a da "revolução sexual", mas da "individualização da sexualidade" (BOZON, 2004), Manuel deseja uma relação de intimidade em que não seja necessário prescindir da sexualidade. Em consonância com as hipóteses de Giddens (1993), não deseja encontrar uma pessoal ideal ou especial, mas uma relação especial, o que significa dizer uma relação que supra, a um só tempo, a sua "necessidade de afetividade" e as suas "necessidades sexuais". Vale sublinhar que Manuel não chega a esta conclusão do nada, realiza um trabalho dialógico que termina por resultar numa decisão íntima de não mais se relacionar com meninas virgens e de construir uma relação na qual afeto e sexo caminhem juntos, completando-se reciprocamente. O agente catalizador (CABELL, 2011a, 2011b) que, a meu ver, atuou como um *helper* nesse processo de ruptura-transição foi o sentimento (generalizado) de vazio ou de falta, que passou a acompanhar as experiências sexuais fora do contexto de uma relação duradoura e de intimidade: "Isso não me completa". Ele tinha experiências sexuais, mas não tinha "afetividade", "carinho", "toque", e, muito menos, diálogo, partilha de histórias e angústias pessoais

Embora não use a palavra amor para falar desta necessidade que sente de estabelecer uma relação que lhe permita o compartilhamento de seu mundo íntimo, a trajetória de Manuel até este ponto me remeteu às considerações de Hermans e Hermans-Konopka (2010) sobre este sentimento – o amor –, e o seu polo oposto: o consumismo. De acordo com estes autores (2010), o amor é uma posição central e influente do *self*, que se contrapõe nitididamente a uma outra posição definida como "posição consumista". Enquanto o consumismo está dirigido para a necessidade de possessão, conforto e diversão ("quer mais") e é, como consequência, rapidamente direcionado para além do presente, o amor é uma forma de ser no presente que abre novas "portas de percepção" (HUXLEY, 1957 apud HERMANS; HERMANS-KONOPKA, 2010).

Segundo Hermans e Hermans-Konopka (2010), enquanto o consumismo oferece uma gratificação de curto-termo, o amor oferece uma de longo-termo. Enquanto o consumismo mantém o *self* num nível superficial de experiência, o amor possibilita uma experiência de profundidade. Enquanto o consumismo tende a subordinar o outro como uma mercadoria de

interesse do *self*, o amor reconhece e valoriza a alteridade do outro. Enquanto o consumismo é baseado num modelo econômico de dar e receber, o amor floresce em uma base onde dar e receber coincidem. Em outras palavras, o consumismo estimula relacionamentos monológicos, enquanto o amor engendra relacionamentos dialógicos. O amor, nesse sentido, se assemelha ao amor confluente de Giddens (1993), em que a equalização é um elemento intrínseco na transformação da intimidade, bem como a possibilidade de comunicação e diálogo. Enquanto o consumismo não provoca *we-positions*, o amor é hábil para criá-las. Neste ponto de sua trajetória afetivo-sexual, Manuel parece fazer uma passagem: da posição de consumista de objetos de amor tão transitórios quanto superficiais à posição de amante e companheiro, compartilhando senão de uma relação de amor, ao menos um relacionamento puro (GIDDENS, 2002) ou dialógico (HERMANS; HERMANS-KONOPKA, 2010), onde o sexo é tão importante quanto a partilha de afeto e de histórias e angústias pessoais.

7.2 “DECIDIMOS QUE ESTAMOS JUNTOS E É SÓ ISSO”

Lázaro, também um jovem da geração mais nova, tem a sua primeira vez aos 15 anos com uma mulher mais velha que ele. Eles conhecem-se numa festa e seguem para a casa de um amigo seu, onde têm relações naquela mesma noite nas escadas do prédio onde o amigo residia. Segue ficando com esta moça por seis meses, segundo ele, até quando lhe foi conveniente: “É isso, né, depois que eu tive essa minha primeira vez, eu fui ficando com ela, **fiquei com ela até quando achei conveniente**, porque não tinha nenhum tipo de sentimento [...]”. Depois disso, viaja para um intercâmbio, e lá começa a namorar com uma jovem mais ou menos de sua idade, mantendo com ela relações sexuais frequentes. Comenta que tinham relações tranquilamente na casa da própria menina, pois a família se mostrava muito à vontade quanto a isso. Referindo-se ao término da primeira relação com experiências sexuais e à sua ida para a Suíça, Lázaro comenta:

> **Aí... quando acabou, acabou, ela ficou com raiva de mim. Não sei o porquê.** E aí depois dela, eu passei um belo tempo sem nada até os 16 anos […]. E aí naquela época, eu não sabia me masturbar. Eu nunca tinha me masturbado. Porque... eu via, mas eu não sentia prazer... minha mão, era minha mão... e então eu fiquei todo esse tempo sem ejaculação nenhuma, o que causou alguma pressão depois da primeira vez. **Aí, depois, na Suíça, foi um período bom, produtivo [faz uma expressão de gracejo].** (LÁZARO, geração anos 2000).

Voltando a Salvador, depois do intercâmbio, passa um ano sem manter relacionamentos afetivos e sexuais, pois nessa altura investia todo o tempo de que dispunha estudando para submeter-se ao vestibular da UFBA. Tenta UFBA e UFJP[36], mas seu desejo é ingressar na UFBA. Como passa somente na UFJP, muda para Pernambuco, onde fica residindo por um tempo com a sua avó. Depois, conhece uma garota e namora com ela por seis meses, mantendo relações sexuais com certa frequência. Termina com ela em um dia pela manhã, e à noite começa a namorar com outra garota. Depois de um tempo, passam a morar juntos e manter relações sexuais regularmente. Depois de quase dois anos estudando em Pernambuco, longe da família, consegue transferir-se para a UFBA e volta a morar na casa dos pais, em Salvador. A namorada permanece em Pernambuco, mas eles mantêm o namoro por um tempo. Contudo, a situação fica insustentável em função de que sentiam necessidade de continuar juntos, mantendo relações sexuais, mas a distância os impedia.

> **Aí quando eu vim, a gente cessou a atividade sexual completamente.** Eu, pelo menos. E aí acontecia de ou ela vir pra cá ou eu ir pra lá, e era aquela coisa, um fogo, né? Só que, por exemplo, ela vinha pra cá, eu moro na casa de meus pais. E... a gente foi pro motel, umas duas vezes, aí tipo a gente ia fazer sexo, mas tipo a gente ia pro motel, passava duas três horas, tal, depois vinha pra casa, não dava 20-30 minutos, já tava se atracando. Então, era uma coisa ridícula, porque lá em casa a gente não podia fazer nada, e mesmo que a gente voltasse pro motel... primeiro que meu bolso não aguenta, né? Quando eu ia pra lá, menos mal, porque ela lá morava com as amigas, então a gente trancava o quarto e... [faz um gesto como quem diz: 'dane-se', ninguém interferia], mas mesmo assim era algo bastante estressante porque ela começou a desenvolver um ciúme, inclusive por uma amiga minha que [?] **Aí teve uma viagem pra Itacimirim que era sábado e domingo, eu ia dormir lá. Mas lá não pegava sinal de celular, muito menos tinha internet... A gente... Eu consegui um sinal pra dizer pra ela que estava sem sinal. Tava lá e tudo, no outro dia... Eu traí ela com essa minha amiga inclusive...** (LÁZARO, geração anos 2000).

Como é possível notar, quando passa na UFBA e volta a morar com os pais, Lázaro experiencia uma ruptura muito clara na sua trajetória afetivo-sexual, na medida em que a liberdade conquistada com a saída da casa dos pais, para estudar fora, não pôde ser mantida em seu retorno. Vale lembrar que Lázaro não podia levar suas namoradas para ter relações sexuais na casa de seus pais, pois estes não queriam "dar margem" a que sua irmã agisse do mesmo modo. Assim, Lázaro fica estressado, a relação fica muito comprometida com a distância e o ciúme surge como a "gota d'água" para o rompimento da relação. Ele conta que, como ela passou a manifestar muito ciúme, algo que ele "abomina", ele decidiu, deliberadamente, traí-la: "aí eu traí ela com essa

[36] Sigla fictícia.

menina, aí tive relação sexual com ela também lá, e no outro... Aí, tá... com um mês, um mês e meio foi que eu consegui encontrar com ela de novo. Aí eu falei que não dava mais, tal, tal. Ela ficou devastada, muito". *A*pós contar o episódio, fica silencioso e eu pergunto: e você, como ficou? Ele responde:

> **Nunca tão feliz. Eu não tinha percebido o quanto que aquilo tava me fazendo mal.** Eu... saía de casa sete e meia da manhã e chegava dez e meia da noite, e quando voltava tinha que, antes de comer, às vezes, entrar no *skype* pra falar com ela. Eu não conseguia passar mais de meia hora na frente do *skype*, e ela ficava reclamando disso. Eu não ficava porque tava cansado, porque eu tou fazendo o que eu vim fazer aqui, eu não ficava saindo nada não. **Sexta-feira à noite o pessoal saía e eu ficava com ela conversando no *skype*, até me arrependo disso. Então, a gente ainda voltou, porque ela me pediu desculpas, pediu pra voltar. Aí voltou, cinco dias ela apresentou o mesmo tipo de comportamento. Aí eu falei pra ela, o que é melhor pra mim eu sei, mas eu tenho certeza absoluta que vai ser melhor pra você.** (LÁZARO, geração anos 2000)**.**

Interessante notar nesse trecho, como em outros da trajetória afetivo-sexual de Lázaro, é a sua capacidade para entrar e sair dos relacionamentos ileso, sem marcas dignas de nota, ao contrário de sua namorada, que, de acordo com o seu relato, ficou "devastada". Daí considero que, para uma parcela dos rapazes da contemporaneidade, podemos falar em rompimentos, não necessariamente em rupturas frente a uma separação amorosa. O relato de Lázaro me fez lembrar mais uma vez Bauman (2004), quando sublinha que, hoje, a arte de romper relacionamentos e deles emergir incólume – com poucas (se é que alguma) feridas infeccionadas que exijam muito tempo para cicatrizar e cuidado para se evitar os "danos colaterais", tais como o afastamento de suas redes de sociabilidade –, suplanta a arte de *constituir* relacionamentos, pela pura frequência com que estes rompimentos se expressam. Devo dizer que, apenas em parte, concordo com esta análise de Bauman (2004), não creio que seja possível generalizá-lo. Como veremos na análise do próximo caso – uma trajetória feminina – há diferenciais de gênero que modulam as experiências juvenis, revelando, também nesta geração, tributária das conquistas feministas em torno dos gêneros, a estratificação da experiência geracional. Assim, se essa proposição de Bauman (2004) é, em geral, verdadeira para os "Lázaros", é bem menos verdadeira para as "Júlias".

Lázaro, de fato, parece ter saído sem feridas deste e de outros relacionamentos, o que não ocorreu com suas parceiras, um diferencial de gênero que me parece justificado pelo fato de que as mulheres continuam sendo educadas para viver intensa e romanticamente suas relações, e os homens, para dar provas de sua virilidade. Depois do término, Lázaro segue para uma nova experiência de intercâmbio, agora na França, e, naquele país, tem a oportunidade de manter

relações com várias pessoas, de nacionalidades diferentes, num amplo processo de experimentação sexual.

Fico a me perguntar, seguindo as pistas de Bauman (2004), se esta evidente disponibilidade para viver "experiências amorosas" que hoje se estende em parte e com nuances diferentes para o "sexo feminino", estaria, com efeito, aprimorando a habilidade dos novos "sujeitos sexuais" (PAIVA, 2000) para a "arte de amar", pois que se aumentou a assiduidade das experimentações, ou, ao contrário, estaria nos levando a todos, os chamados jovens e os "não-jovens", já que imersos indistintamente nessa nova "cultura juvenil"[37], a uma "exercitada incapacidade" para amar[38] (BAUMAN, 2004, p. 20). É no próprio Bauman (2004) que encontro pistas para responder esta pergunta.

Segundo este autor (2004), o desejo sexual foi e continua sendo social. O sexo se estende na direção de outro ser humano, exige sua presença e esforça-se para transformá-la em união. Ele anseia por convívio e torna qualquer ser humano incompleto e insatisfeito até que esteja unido a um outro. Se é assim, ainda que por "caminhos oblíquos" (PAIS, 2012a), o sexo, que nos dias atuais espera-se que seja autossuficiente e autossustentável, como sinaliza mais uma vez Bauman (2004), encontrará, ao longo de vias por vezes avessas, o caminho do amor ou de um relacionamento do tipo puro.

Do meu ponto de vista, se é verdade que hoje, talvez mais que em outros tempos, há uma tendência geral ao exercício do "puro sexo" (BAUMAN, 2004), ou seja, encontros que não servem a outro propósito senão o prazer e a alegria momentâneos ou instantâneos, ponto em que concordo com a tese de Bauman (2004), é também verdade que nem sempre e nem ao longo de toda a sua trajetória os habitantes deste mundo líquido moderno detestam tudo que é sólido e durável, conforme Bauman (2004) sugere, aspecto em que discordo de sua tese. O que observei a partir da análise das trajetórias é que, não obstante o lema hoje seja o da experimentação, os/as jovens da geração mais nova, à semelhança daqueles de outros tempos e gerações, também procuram "um outro para fazer dele um" (BAUMAN, 2004), mas não mais como em outros tempos. Desejam

---

[37] Coloco entre aspas porque questiono até que ponto podemos atribuir esta cultura aos jovens, dissociando-os ou apartando-os de toda uma cultura voltada para o imediatismo ou o instantaneísmo, talvez esta última seja, de fato, a palavra mais oportuna.

38 Segundo Bauman (2004, p. 21-22), "E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução de dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a "experiência amorosa" à semelhança de outras mercadorias [...]."

experimentar, mas não abrem mão de, em determinado ponto de suas trajetórias, usufruírem das qualidades que uma relação de intimidade duradoura pode fornecer, em termos de experiência.

Na dimensão do casal, e quando digo casal não me refiro a pessoas civilmente casadas e nem unidas necessariamente por contratos conjugais, mas apenas ligadas pelos fios do amor e do sexo numa relação de intimidade, a sexualidade torna-se inseparável da vida afetiva, e é uma das mais atualizadas representantes dos territórios comuns dos casais, convivendo, lado a lado, com a necessidade de autonomia pessoal (SINGLY, 2007). É assim que os jovens hoje, radicalizando as experiências da geração dos anos 60/70, pretendem viver juntos, mas juntos livres ou "livres juntos", como propõe Singly (2003, p. 203).

Também para este último autor (2007), que estabelece algumas críticas à tese do "amor líquido" de Bauman (2004), estas duas características: durabilidade e solidez, são, sim, desejadas pela maioria dos indivíduos da segunda modernidade ou modernidade tardia, como prefere Giddens (2002), "com a condição de que sua existência não esteja atrelada à instituição matrimonial, mas que elas sejam o reflexo de uma qualidade relacional." (SINGLY, 2007, p. 175). Citando Giddens (1993), Singly (2007) considera que os homens e as mulheres da contemporaneidade querem criar e manter uma relação de forma que cada um dos dois parceiros esteja de acordo com o fato de que o outro usufrua suficientemente, até nova ordem, dos benefícios de sua ligação para que esta seja digna de ser mantida. Concordo com Singly (2007), contudo, sinalizo para o fato de que, num país altamente estratificado como o nosso, podemos encontrar muitas variantes desse modelo, que, embora bastante disseminado hoje, não se acomoda facilmente em todos os cenários sociais e pessoais.

No tom desses tempos em que os indivíduos transitam, algumas vezes com tranquilidade, outras com sofrimento, entre liquidez e durabilidade, liberdade e segurança, há entre os jovens universitários dessa mais nova geração, conforme observa Singly (2007) no contexto francês, uma difícil negociação entre as áreas comuns e as áreas pessoais ou protegidas. A grande questão é que, em alguns casos, a conquista dos territórios pessoais ameaça a percepção que o parceiro ou a parceira tem da vida a dois, tal como ocorreu com a namorada de Lázaro, que ficou residindo em Pernambuco. Ao responder à questão de pesquisa que tratava das mudanças de planos após a entrada na universidade, Lázaro nos faz ver que, não obstante seu relato seja caracterizado pelo amplo investimento em experimentações sexuais com pouca referência à dimensão da afetividade, nutre desejos de construir uma relação "estável", ou, poderíamos dizer, durável, desde que os

territórios comuns não suplantem os pessoais, como experienciou anteriormente.

> Sem dúvida. Porque antes não tinha projeto nenhum, antes era [?]. Agora eu quero sim ter filhos, no mínimo eu quero ter um filho homem, acho uma experiência interessante, e... **quero sim ter um relacionamento estável com alguém, não necessariamente casar, não acho**...[?], ter uma união estável, morar com uma pessoa, morei um ano e meio com uma menina e adorei. É uma experiência enriquecedora, morar com alguém e ter um filho, sabe? [...] eu tô saindo agora com uma menina que tem um pensamento muito parecido com o meu... que tá se formando em engenharia e é três anos mais velha que eu. Eu nem sabia que ela era mais velha que eu, **mas a gente tá saindo há seis semanas já, e tipo, a gente teve uma conversa no estacionamento e decidimos que estamos juntos e é só isso.** [silêncio] Quem quiser chamar do que quiser chamar, que chame. Pelo que eu conheço dela até hoje, eu moraria com ela, mas eu não moraria com ela hoje. Eu penso nisso para o futuro. (LÁZARO, geração anos 2000).

Este último trecho do relato da trajetória de Lázaro nos permite ainda comentar, tal como aponta a pesquisa de Singly (2007), que uma das mudanças mais importantes nesse universo da construção dos casais da "segunda modernidade" (período pós anos 60-70), é a desvalorização da ideia de casamento. Todos os jovens da geração mais nova entrevistados, independentemente do gênero, fizeram referências negativas ao casamento, ao contrário dos jovens da geração dos anos 1960/1970, que não somente casam como recasam. Todavia, como ressalta Singly (2007, p. 176), "não é porque os indivíduos querem se deslocar, não mais ficar em seu espaço inicial, não mais se limitar aos laços herdados, que eles recusam toda a herança, todas as âncoras." Para os jovens da atualidade, o que importa é estar junto com alguém que compartilhe de ideais semelhantes e que respeite o seu território pessoal e os seus projetos de vida. Lázaro é tão avesso à ideia, que prefere nem nomear a relação que está construindo com a atual parceira: parece-lhe que o nome tem um peso, possivelmente o peso daquilo que representou um dia a instituição do casamento. Torna-se, no mínimo, questionável uma união ou experiência a dois que não permita a construção da identidade pessoal, e só se entra na relação pela relação ou enquanto esta proporcione prazer e satisfação (GIDDENS, 1993; SINGLY, 2007). A intimidade do casal não deve ser vivida como "tirânica" (SINGLY, 2007, p. 160).

7.3 "PORQUE A GENTE TAVA VIVENDO UMA VIDA DE CASADO"

Podem-se distinguir, a partir das indicações de Bozon (2004) e daquilo que foi observado nos relatos dos jovens da geração mais nova, dois modelos de organização dos primeiros anos de vida amorosa e sexual na experiência dos jovens da geração contemporânea. Em um primeiro

caso, estes anos iniciais são ocupados por relacionamentos amorosos prolongados, com forte envolvimento afetivo seguido de um progressivo envolvimento sexual que culmina na sexualidade genital; no segundo caso, este início de vida sexual é povoado por uma ampla variedade de relacionamentos de curta duração ou breves, mais imediatamente sexualizados, com um grande número de parceiros e, em alguns casos sim, em outros não, com longos intervalos sem atividade sexual. O primeiro modelo, tal como observou Bozon na França, é bem mais comum entre as mulheres e o segundo entre os homens, o que não significa dizer que não encontremos casos que fujam a esta regra mais geral. Vale ainda notar que, mesmo entre os rapazes, há sempre uma experiência de amor (quase sempre platônico) antes da primeira experiência sexual, em geral entre 11 e 13 anos de idade.

Assim, de modo geral, poderíamos dizer que a passagem à vida a dois adulta significou, para os homens da geração mais nova, renunciar ou suspender, temporariamente ou não, essa vida experimental, enquanto para as mulheres, significou uma iniciação amorosa e sexual no contexto de um relacionamento de longo curso, para, em seguida, passar por um período de "desencantamento amoroso", resultante de sua primeira separação, o que as leva a privilegiar, a partir daí, os planos de ascensão via escolarização prolongada em detrimento da vida afetiva, passando, em alguns casos, a desenvolver relações mais ao estilo *ficar*, sem que haja grande investimento afetivo. Em todos os casos estudados, o processo de transição para a sexualidade genital adulta feminina tem, num relacionamento duradouro, um ponto de passagem obrigatório, o que já não ocorre, necessariamente, entre os homens, cujas primeiras experiências sexuais em geral ocorrem no contexto de relações mais ou menos eventuais e passageiras. Na apresentação da trajetória de Laisa, procurarei explorar algumas das muitas questões envolvidas quando se assume hoje, no início da juventude, uma relação mais duradoura, bem como apresentarei as tensões que marcam uma relação como essa, em tempos de autonomia afetivo-sexual cada vez mais precoce e independência financeira cada vez mais tardia.

> Não, a gente se conheceu numa festa. Estava eu e alguns amigos, aí fomos numa festa, aí ele também estava. Aí nesse dia a gente saiu, **não ficamos nesse dia, mas a gente se conheceu.** Aí depois de dois meses ele procurou esse meu amigo dizendo que estava interessado em mim. **Aí, numa outra festa, a gente foi também, aí a gente ficou. Aí daí em diante, depois de umas duas semanas, a gente começou a namorar. Eu era bem jovem. Tinha acho que 17 anos. Aí começamos a namorar, ficamos um ano, um ano e meio bem, aí depois começaram as brigas, as discussões.** Eu acho que eu também era muito imatura, queria ir pra festas, essas coisas, ele também queria, aí a relação já não estava muito estável. Aí depois de um ano e meio a gente já não estava tão bem. Aí **ficamos assim até dois anos e meio**. Aí no ano passado a gente terminou pela primeira

> vez, mas o motivo que a gente terminou a primeira vez foi o que mesmo? **Foi ele que terminou, dizendo que não gostava mais, queria mais liberdade, queria ir pra show com os amigos, acho que foi no ano retrasado.** (LAISA, geração anos 2000).

Como dito anteriormente, é no contexto da sociabilidade juvenil que os laços amorosos e sexuais se formam, e é também em função da perspectiva de liberdade encontrada no contexto dessas relações ligadas ao lazer juvenil, que estes laços parecem muitas vezes se romper. Segundo Pais (2003, p. 135), "[...] o tempo coletivo de que os jovens desfrutam, em grupo, é sentido como um tempo mais apropriado que qualquer outro à realização de seus desejos e interesses de marca especificamente juvenil." O pesquisador observa que as saídas de final de semana, por exemplo, apesar de sua ocorrência cíclica, marcam o rompimento com a rotina da semana, estabelecem uma ruptura com o cotidiano. Estas saídas expressam também uma busca pelo lado festivo da vida, demonstração de vitalidade e exercício de liberdade, que lhes permite eliminar as tensões do dia a dia da semana, seja por motivo de estudo ou de trabalho. Assim, se é no contexto das festas que eles se encontram e constroem laços de afeto mais ou menos duradouros, é por vezes em vista da retomada desses eventos de lazer e sociabilidade que terminam estas relações, ansiosos por reconquistar "essa tal liberdade", porém nem sempre certos de que podem dispensar isso que é possibilitado numa relação de intimidade: a reflexividade do eu e a segurança ontológica (GIDDENS, 1991, 2002), motivo pelo qual muitas vezes sucedem inúmeros rompimentos, seguidos de recomeços.

Laisa apresenta, logo no início de seu relato, uma sequência mais ou menos comum na construção do casal de jovens na contemporaneidade: conhecemo-nos, ficamos, começamos a namorar. Para as meninas, é em geral a partir deste último ponto – o namoro – que surge a possibilidade de um relacionamento íntimo e sexual. Relacionam-se com este primeiro namorado como se fosse o último, e quando o relacionamento acaba ficam extremamente abaladas, é como se ali fosse quebrada uma promessa, não mais a do casamento, mas talvez a do parceiro ideal. Ao olhar para sua trajetória hoje, Laisa considera que seu primeiro rompimento com o namorado foi uma ruptura em sua trajetória de vida, com efeitos de desorganização psicocorporais consideráveis. Nesse momento, é mais uma vez as amigas mais íntimas e também a família que oferecem os recursos ou suportes necessários para que o processo de desorganização dê lugar a um novo ponto de estabilidade psicológica. Assim, Laisa comenta:

> **Aí fiquei bem mal assim... uma semana. Fiquei bem triste, assim, e tal... Aí depois eu me recuperei, também tinha muitos amigos.** Aí comecei a sair, a me divertir, depois de uns vinte dias, aí ele me procurou. Aí quando ele me procurou, tal, me falou que estava arrependido, que queria voltar, eu não sabia se eu queria voltar ou não, porque eu gostei da minha vida de solteira, mesmo que tenha sido só vinte dias. Nesse período, eu fiquei com outras pessoas. Mas a gente resolveu voltar [...]. (LAISA, geração anos 2000).

E complementa, mostrando-se indignada com o fato de que, na ocasião, seu agora ex-namorado chegou a dizer que estava terminando porque ela não namorava sem camisinha. Passado esse momento de separação, eles voltam e Laisa cede a isto que o senso comum chamaria de "chantagem emocional" ou "apelação", mas que, a partir de Bourdieu (2005), poderíamos chamar de "violência simbólica", que "se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) [...]" (BOURDIEU, 2005, p. 47). Como pontua Bourdieu (2005), as paixões do *habitus* dominado não são das que podem ser sustadas com um simples esforço de vontade, alicerçado em uma tomada de consciência libertadora, visto que os efeitos e as condições de sua eficácia estão duradouramente inscritas no mais íntimo dos corpos, sob a forma de predisposições. É assim que, aceitando tacitamente os limites impostos pelo dominador, o dominado pode assumir, de um lado, emoções corporais tais como vergonha, humilhação; de outro, paixões e sentimentos como amor, admiração, etc.

> **Acho que eu era abestalhada**, pedi para voltar três vezes, chorava, ah, por favor... mandei quinhentas mensagens para ele, **ele não me respondeu nenhuma mensagem, ainda olhou para minha cara e falou que não poderia voltar para mim porque eu não fazia sexo com ele sem camisinha**, eu sempre tive isso... Ele: não, um dos motivos é esse. Eu: como assim? Não pode ser assim... tentando de todas as formas conquistar. **Aí tive crise de gastrite nesse período, era final de semestre, eu tinha que apresentar o TCC, era o TCC I, mas só que eu não estava conseguindo estudar, não estava conseguindo me concentrar em nada. Foi assim, dez dias, eu mal mesmo, aí tive crise de gastrite, parei mal na emergência.** Fiquei a noite toda na emergência, mal, mal mesmo. (LAISA, geração anos 2000).

Como pontua Pais (2012), no mundo dos afetos quase todos os jovens experienciam encontros e desencontros amorosos. Em estado de apaixonamento, expressão que me parece mais adequada para as mulheres que para os homens, talvez porque as primeiras tenham sido educadas para abrir o coração para o outro, e os homens para manter-se sob controle, acredita-se em palavras e em promessas, tudo parece um "mar de rosas". Quando chega a desilusão, tudo parece perder o sentido. Embora nem todo rompimento se configure como uma ruptura, no sentido que estamos dando a esta palavra, o fato é que não é incomum que o término com o primeiro amor e primeiro parceiro sexual das mulheres desta geração mais nova resulte numa experiência de

ruptura, o que parece não ocorrer entre os homens, que falam pouco de sentimentos diante de um rompimento amoroso.

Há um diferencial de gênero digno de nota nestas primeiras experiências, de modo que poderíamos nos perguntar sobre os motivos que condicionam uma experiência tão mobilizadora associada à dissolução do primeiro relacionamento amoroso e sexual feminino. Por que este rompimento é tão doloroso para as mulheres? Por que para os homens essa perda se reveste de significados tão diversos, raramente mobilizando um sofrimento psicoafetivo de tal ordem? Que elementos de nossa história pessoal e cultural responderia por esta clivagem na experiência ou no relato dos homens e das mulheres em torno dos primeiros rompimentos amorosos? A resposta possivelmente está no fato de que a cultura brasileira é fortemente marcada por uma categorização de gênero que reserva, como pontua Heilborn (2006), contrastivamente, atitudes, qualidades e, eu diria, respostas emocionais diferenciadas para cada um dos sexos. É assim que podemos afirmar, acompanhando Heilborn (2006), que afetividade e sexualidade, enquanto dimensões da pessoa, só se atualizam em formas roteirizadas (SIMON, 2006) por uma dada cultura.

É possível dizer que a dimensão de gênero se impõe em duas instâncias interdependentes: como forma de classificação ordenadora do mundo social, e como instância interiorizada que constitui a identidade dos sujeitos, tal como pontua Heilborn (2006), citando Bourdieu (2005). Esta ordem classificada e interiorizada responde por posicionamentos mais ou menos emocionais e afetivos de acordo com a categoria social dos atores. Assim, Laisa dá vários sinais de que viveu uma experiência de ruptura e de que ficou emocionalmente mobilizada com essa primeira separação amorosa quando afirma: “tive uma crise de gastrite”, “estava bem triste”, “não estava conseguindo me concentrar em nada”, “o tempo todo chorando”. Há uma experiência de descontinuidade nesse caso, que só é superada com a ajuda dos amigos – que através de trocas afetivo-simbólicas funcionam como reguladores semióticos –, permitindo a continuidade do *self*. Ela diz que chegou a pensar que estava enlouquecendo e que os pais ficaram muito preocupados.

> **Chorando, chorando, eu levei mais ou menos uma semana. Mas chorando do tipo: andando na rua e chorando, no ônibus, chorando, o tempo todo chorando.** Meu pai ficou preocupado comigo, minha mãe também me ligava o tempo todo, achando que eu ia fazer uma besteira, mas eu nunca pensei em fazer besteira nenhuma. Mas eu, tipo, me humilhar, pedir para voltar, mandar mensagem, ligar, eu fiz de tudo. (LAISA, geração anos 2000).

Obviamente teríamos muito o que refletir sobre esta clivagem. De qualquer modo, pondo em suspenso, ao menos por um instante, estas importantes questões de gênero que remetem ao aprendizado do feminino e do masculino em nossa cultura, talvez pudéssemos afirmar que, numa situação de rompimento amoroso, o que estará sempre em causa é aquela sensação de perda do objeto amado, como ponderaria Freud (1996a, 1996b), e que nos remete àqueles primeiros "objetos de amor" perdidos na infância. Aproximando-nos de Giddens (1991, 1993, 2002), que também se apoia na psicanálise para desenvolver alguns de seus conceitos, poderíamos dizer ainda que esta perda, possivelmente, põe em questão aquela garantia de segurança ontológica de que tanto temos falado, e que somente as relações de intimidade podem oferecer.

Em interlocução com a teoria do *self* dialógico, talvez fosse possível ainda afirmar que, numa situação de dissolução de uma relação íntima, com alto valor afetivo para qualquer das partes, seja homem ou mulher, o indivíduo terá que lidar não somente com a perda (obviamente temporária) de uma ou duas posições de eu – Eu-amada e Eu-amante, mas retomará de outras etapas de seu curso de vida, e talvez de modo especial da infância, as impressões deixadas por outras perdas igualmente ou mais centrais na constituição de sua pessoa e na organização sistêmica do *self*. Retomará também os sentimentos e significados que lhe estão associados, bem como colocará em perspectiva outras possíveis perdas, já que não há quem escape de viver perdas ao longo de todo o curso de vida.

O significado que cada indivíduo dará a estas perdas, porém, estará relacionado não apenas com sua história de vida pessoal, mas também às inúmeras histórias de vida que este acompanhou ou escutou, e que trazem em si redes de significados culturalmente compartilhados sobre o feminino e o masculino, redes essas que talvez imponham ao homem um olhar mais distanciado das suas perdas amorosas e à mulher um olhar mais aproximado.

De qualquer sorte, vale lembrar que é no olhar do outro que nos reconhecemos, e que perder o olhar desse outro significativo, ainda que momentaneamente, pode ser uma experiência no mínimo desconcertante. Diz Le Breton (2009, p. 225): "o olhar é uma instância que retira ou confere valor. […] Na relação com outro, o olhar é fortemente apreendido como experiência emocional, ele é sentido como uma marca de autorreconhecimento […]." Imagino que, numa relação de longa duração como a desenvolvida por Laisa e seu ex-namorado, seja bastante custoso reorganizar a vida sem aquele outro, até há pouco uma presença nos mínimos detalhes da vida cotidiana, como ela demonstra em seu relato. No domínio psicológico, o esforço de reorganização

ainda me parece mais difícil, porque implica responder a questões identitárias altamente embebidas em experiências afetivas significativas com este outro. “O sentimento de identidade de um ator jamais é um fato objetivo, mas o efeito de uma construção simbólica permanentemente submetida ao assentimento alheio.” (LE BRETON, 2009, p. 226).

A partir de agora, gostaria de me deter em dois pontos do relato da Laisa, que, a meu ver, são reveladores de mudanças importantes nas relações de intimidade que temos aqui explorado, e que são também característicos da experiência juvenil contemporânea: o primeiro refere-se ao que Elsa Ramos (2006) chama, ao estudar a experiência de jovens adultos na realidade francesa, de esgarçamento das regras parentais da coabitação, fenômeno que tem estreita relação com o fato de que os jovens saem cada vez mais tarde da casa dos pais na atualidade; o segundo envolve aquilo que tem sido reconhecido como *ficar* – uma nova modalidade de entrada na relação que se difundiu entre os jovens brasileiros desde os anos 1980 (RIETH, 1997, 2002; HEILBORN, 2006).

Após esse primeiro rompimento, o casal se separa mais duas vezes antes de terminarem definitivamente. Ao voltar para o namorado, Laisa segue tendo com ele relações de intimidade sexual que vão passando, progressivamente, a ter lugar na casa de sua família. No trecho que segue, a jovem conta como as relações sexuais com o parceiro foram silenciosamente autorizadas no interior da família.

> **Ah, depois de um ano, um ano e meio, ele começou a frequentar a minha casa, mas não dormia na minha casa ainda não**, mas só que ele sempre foi uma pessoa muito boa mesmo, e meus pais gostavam muito dele. **Aí depois, ele tinha reunião tarde, aí para ele não ir muito tarde para casa, aí ele dormia lá em casa, mas ele não dormia no meu quarto, ele dormia na sala. Aí nesse último ano, depois de uns três anos, que aí, eu dormia no mesmo quarto que a minha irmã, mas como minha irmã casou, aí o quarto ficou só para mim, aí, como o quarto ficou só para mim, aí, ao invés dele dormir na sala, aí, tipo: ah, não, venha dormir aqui**, aí quando dava umas sete horas, aí ele ia lá pro quarto, ficava olhando o computador, aí ele dormia lá pra descansar. (LAISA, geração anos 2000).

Uma vez que a passagem das etapas não é mais definida por rituais padronizados que marcam a passagem à vida adulta e os jovens demoram-se cada vez mais na casa dos pais, Ramos (2006) pergunta-se como o jovem adulto pode se definir como adulto. A autora cita resultados estatísticos de pesquisas feitas na França que nos interessam particularmente, pois mostram que os jovens que mais prosseguem os estudos são os que mais residem com os pais, e um dos motivos apontados pelos jovens para isso é o fato de que mantêm com os pais uma boa relação. No Brasil, como observa Madeira (2006, p. 145), país “[...] extremamente desigual no espaço concedido à

moratória juvenil", são em geral os jovens com maiores rendimentos e níveis de escolaridade que apresentam um comportamento próximo ao daqueles dos países desenvolvidos, em contraposição àqueles que fazem uma transição condensada (HEILBORN; CABRAL, 2006). Para os primeiros, o controle parental parece se configurar mais suave e o quarto aparece como o espaço característico de uma vida privada no interior da casa dos pais. Segundo a pesquisadora (2006), cada vez mais os pais reconhecem o direito dos filhos a uma vida pessoal na situação de coabitação, a exemplo do que parece ter ocorrido com Laisa.

> Aí, tipo, ele dormia até na cama da minha mãe, ele tinha essa intimidade de ir pro quarto do meu pai, de tarde, não de noite, mas de tarde ficar descansando. **Quando painho e mãinha viajavam, ele ficar comigo em casa, passar cinco dias em casa, só comigo, passar cinco dias em casa só comigo. Painho e mãinha viam isso como algo para me proteger.** Pra eu não ficar sozinha em casa, eu ficava com ele. Eles até gostavam, não tinham nada contra, não. (LAISA, geração anos 2000).

Quando pergunto a Laisa se eles mantinham relações sexuais na casa de seus pais, ela diz que sim, deixando ver, obviamente, que esta prática, longe de ser explicitamente consentida, é implicitamente autorizada na medida em que o namorado ganha a confiança dos pais, o que parece ser uma resultante natural do fato de que se trata de uma relação duradoura. É nesse sentido que afirma Ramos (2006, p. 54-55): "os pais podem validar uma relação amorosa que implique uma duração, mas não podem validar uma relação que é implicitamente percebida como baseada na sexualidade". A seguir, complementa: "[...] o gostar autoriza as relações sexuais, sem, no entanto, que estas sejam explicitamente consideradas." A entrada na casa familiar e a permissão para que o casal durma sob o teto familiar tem como condição o estabelecimento de uma relação amorosa duradoura, o que significa dizer que é o amor que legitima as relações sexuais na intimidade da vida familiar.

> Meu pai nunca se incomodou não, mas depois de um tempo, aí eu comecei a pensar assim, poxa, acho que isso tá errado, mas ainda assim, eu achava que estava errado tipo, dele estar dormindo lá em casa todo dia, **porque a gente tava vivendo uma vida de casado.** Eu falei [eu pensei]: eu estava [estou] arriscando muito nessa situação, mas eu estava gostando, estava apaixonada, parece que quando você está apaixonado e quando você termina você fica mais apaixonada ainda... eu estava louca, assim. [?] **Nesse período de idas e voltas, eu também me relacionei com outras pessoas.** (LAISA, geração anos 2000).

Como pontua Ramos (2006), os filhos testam as regras impostas pelos pais ao reagir a elas ou ao agir sobre elas. Eles conhecem os limites do consenso e buscam modificá-lo direta ou

indiretamente, usando o quarto, a meu ver, como um recurso que lhes resguarda a intimidade e amplia as possibilidades de ação e interação dentro do ambiente familiar. Assim, os jovens em situação de coabitação fazem recuar os limites parentais e esgarçam progressivamente a realidade comum para afirmar sua realidade pessoal. Contudo, como as relações não estão postas em definitivo, é necessário negociar as regras constantemente. Os novos consensos alcançados parecem permitir a construção do jovem adulto senão em pé de igualdade com os pais (RAMOS, 2006), ao menos numa posição de maior autonomia, não obstante o prolongamento de certa condição de dependência. O interessante é notar que quando um relacionamento como este se rompe, novas negociações podem ser postas em cena, dado que, a partir de agora, o/a jovem está numa outra posição.

No final do trecho apresentado acima, Laisa introduz um segundo tema em sua narrativa que fala muito do *ethos* sobre o qual se movimentam os jovens da atualidade: o *ficar,* que, em um momento posterior da entrevista, será melhor explorado por mim, num tom ainda mais informal de conversa, em que tento compreender as regras e a dinâmica deste novo modelo de relação. Como foi um trecho bastante exploratório da entrevista, transcrevo-o aqui quase que integralmente, e depois teço alguns comentários. Vale ressaltar, antes de apresentar o diálogo, que Laisa afirma que, nesse processo de "idas e voltas", se relaciona com outras pessoas – também ao estilo ficar, e, após terminar definitivamente com o namorado com quem se relacionou ao longo dos cinco anos de universidade, passa a sair com um rapaz sem compromisso, numa relação desse mesmo tipo, mas que chega a durar um ano dentro desse mesmo modelo.

Ana – E como é com esse que você está ficando? Como é ficar por um ano?

Laisa – É complicado, porque tipo assim...

Ana – É só para eu entender, porque eu não sou da sua geração (dou risada), sou um pouquinho antes da sua, tem algumas coisas novas para mim.

Laisa – Vamos sair, vamos sair. Aí a gente sai, conversa, vai pro cinema, sai de noite, vai pra uma festa, vai num restaurante, aí depois ele me deixa em casa e acabou aí. No outro dia não tem aquela responsabilidade de ligar, de mandar mensagem, de nada, não precisa disso. Dois, três dias, aí fala: e aí, vamos sair de novo. Ah, vamos.

Ana – Mas aí você fica livre pra...

Laisa – Pra me relacionar com outra pessoa. Seria sem graça se um dia ele me encontrar eu estando com outra pessoa, eu acho que ele ia ficar sem graça e eu também. Eu acho que ia fingir

que não conheço, mas eu não ia gostar.

Ana – Por que em tese são só vocês dois?

Laisa – É... nenhum comenta de outras pessoas, em nenhum momento eu vou comentar de outras pessoas com ele. Ele também não comenta, só as coisas do passado mesmo, atuais a gente não comenta. Em tese, eu fico só com ele e ele fica só comigo. Mas não é.

Ana – Vocês não fazem projetos juntos?

Laisa – Não. Não existe projeto junto.

Ana – E você fica bem com isso? Como é pra você, isso? Por que você viveu um relacionamento de cinco anos, né? Outro modelo.

Laisa – Porque, tipo, agora, no momento, a faculdade, a graduação, saindo da graduação, agora estudar para prova, concurso, residência, isso tudo estava me deixando angustiada. Então, pra mim, agora, iniciar um outro relacionamento fixo não seria interessante. Então, pra mim agora, ficando assim sem eu me apegar, sem eu me apaixonar, sem obrigações, sem cobranças, pra mim agora é melhor assim. Ele, eu gosto, mas só gosto pra ficar mesmo. Eu sei que não seria uma pessoa que eu ia namorar mesmo.

Ana – E como é assim, porque você sai só eventualmente, uma vez na semana. Você também tem experiências sexuais com ele?

Laisa – Tenho.

Ana – É sempre que você sai?

Laisa – Não, uma vez ou outra. Tipo, em junho, aconteceu. De junho para cá não aconteceu mais nada (estávamos em outubro). Depende. É bem mais frio, tipo assim, frio mesmo. Depois eu me sinto mal. Não me sinto nem bem. Dá vontade de: ah, não vou mais.

Ana – Por quê? O que é que você sente?

Laisa – Por que é tipo assim, sem amor, sem carinho, sabe? Negócio frio assim, que você vê: ah, que horrível.

Ana – Mas por que você sente isso dele?

Laisa – É porque ele também é uma pessoa fria.

Ana – Mas é por que ele é uma pessoa fria ou porque o objetivo dele é só transar mesmo?

Laisa – É isso, eu acho que é as duas coisas. Ele é uma pessoa fria, porque ele é uma pessoa fria mesmo, ele me diz isso, que das pessoas que ele já ficou, a pessoa com quem ele é mais carinhoso é comigo. E ele é comigo uma pessoa fria. Então, imagine como ele é... Ele é uma pessoa

assim, ele é carinhoso em alguns momentos, eu estou saindo com ele, ele pega na minha mão, ele nunca deixa a minha mão solta, vamos no cinema, vamos juntos, eu conheço vários amigos dele, todo mundo sabe de mim, mas em relação a sexo é algo bem frio. Eu pelo menos não gosto, ele pode até gostar, mas eu não... Porque também eu sou muito romântica, sou muito delicada nessas coisas. Seria muito mais interessante se eu gostasse, se eu tivesse apaixonada.

O *ficar* aparece, pois, como observa Rieth (2002, p. 90), como uma "[...] forma descomprometida de envolvimento afetivo, ou como uma forma comum e prática de conhecer outras pessoas." Ele contrasta com o namorar enquanto uma relação presentificada, configurando-se como um envolvimento passageiro, que não pressupõe qualquer compromisso entre os *ficantes* (RIETH, 1997). Entretanto, na gramática generificada dos envolvimentos afetivos, não é incomum que, após uma ficada, as meninas esperem aquela ligação, como uma confirmação de que ela não foi apenas mais uma e que se tornou especial para alguém. A emergência da sexualidade na juventude, como diz Rieth (1997), é contigente do *ficar*, que, pela sua própria natureza, permite aos jovens da contemporaneidade maiores chances de experimentação até que se possa escolher "o sapato que lhe cabe melhor", ponto em que me parece que ganhamos quando comparado à experiência das gerações precedentes. Sua outra face, entretanto, é ter, talvez, como resultante, um sentimento de insegurança ou de vazio, decorrente de reiteradas experiências, nas quais a demanda de intimidade e de reconhecimento pessoal, tal como desenhada no modelo da relação pura de Giddens (2002) ou levantada por Singly (2000), está muito distante, e o que se experimenta é tão fugaz quanto superficial. As relações do tipo *ficar* parecem pouco eficazes na garantia de segurança ontológica, e mostram-se frágeis no que diz respeito à possibilidade de permitir aos parceiros um contato com aspectos do *self* que se escondem a um olhar mais passageiro e descomprometido.

7.4 EXPERIMENTAÇÃO E/OU EXPERIÊNCIA? O TRAÇADO DAS TRAJETÓRIAS GERACIONAIS

Finalmente, os relatos parecem indicar que dos anos 60/70 para os anos 2000 a novidade é, de fato, a rápida passagem à atividade sexual e sua indubitável centralidade na consolidação e manutenção do relacionamento, bem como o caráter de experimentação, ao estilo de relações do tipo *ficar* (RIETH, 1997, 2002), que assume os primeiros relacionamentos afetivos, sejam femininos ou masculinos, antes da primeira experiência sexual genital. O que permanece é, de um lado, uma

visível clivagem de gênero remodelada, que organiza as trajetórias das mulheres da geração mais nova em torno de uma experimentação parcimoniosa e/ou do amor sexualizado em relações, *a priori*, de longa duração, pelo menos até a primeira grande "desilusão amorosa", e a dos homens em torno da livre e numerosa experimentação sexual até que sintam necessidade de "assentar" (PAIS, 2003); de outro, permanece também o desejo de algum dia encontrar se não uma "pessoa especial", talvez um "relacionamento especial" (GIDDENS, 1993, p. 72), desde que este não impeça nenhum dos parceiros de trilhar seus próprios caminhos com autonomia.

Um aspecto importante a destacar e que de algum modo aproxima as duas experiências geracionais é a referência a ideais de relacionamento que nos lembram o "amor confluente", à semelhança do que observa Giddens (1993). No relato dos jovens das duas gerações, encontramos indícios desse modelo de relacionamento. Se ele apenas ensaia sua existência nos anos 60/70, com a disseminação da segunda onda das ideias feministas e da pílula; afirma-se, mescla-se ou se precipita no "amor líquido, mas nem tanto", parafraseando Bauman (2004), possivelmente apontando a radicalidade de sua premissa: "o amor confluente é ativo, contingente, e por isso, entra em choque com as categorias 'para sempre' e 'único' da ideia do amor romântico [...]" (GIDDENS, 1993, p. 72).

As trajetórias afetivo-sexuais dos/as jovens nos mostram que, se, por um lado, os tempos mudaram, tornando a fase da vida a que chamamos de juventude mais "errática", mantém-se, por outro lado, algo do passado no presente, e as experiências geracionais se aproximam, na medida em que permanece nos jovens de hoje a necessidade do laço de intimidade. O/A jovem parece buscar, na relação com grupos de pares e com parceiros amorosos-sexuais, não apenas construir um espaço de autonomia, fundamentalmente importante na passagem à adultez, mas a construção de um espaço de intimidade. A própria "ética da experimentação" (BOZON, 2002; GALLAND, 2009; PAIS, 2003, 2005), sob a qual se assenta o comportamento juvenil hoje, respondendo às transformações sociais das últimas décadas, revela, a partir de uma lógica que traz traços do consumismo que se vê em outros campos da vida contemporânea, os caminhos oblíquos (PAIS, 2012a) por meio dos quais este busca o mundo da intimidade, este último um cenário ideal, como observa Giddens (1991, 1993, 2002), para o "projeto reflexivo do self e a segurança ontológica".

Minha hipótese é de que, não obstante a experimentação (no sentido da variedade de parceiros no curso do tempo, mas também do aprendizado da técnica ou da arte da sexualidade)

responda à necessidade humana de novidade e provoque, sob certas condições, a reflexividade do *self* (GIDDENS, 1993, 2002), não garante a segurança ontológica que as relações de intimidade (com maior tempo de convivência) podem oferecer. Possivelmente porque a confiança, que está estreitamente relacionada à segurança ontológica, e em cuja base se constrói o projeto reflexivo de si, precisa, para ser conquistada pelos parceiros, de tempo e espaço juntos. Precisa de um "nível suficiente de vida comum", argumenta Singly (2000, p. 23).

Disso resulta o fato de que, em determinado ponto de suas trajetórias, mesmo os rapazes, orientados, em nossa cultura, no sentido da livre e múltipla experimentação no campo da sexualidade, deparam-se com a necessidade de construir uma relação, senão de exclusividade, ao menos de intimidade. Uma relação que lhes permitam ultrapassar o patamar da experimentação e alcançar o da experiência (BONDÍA, 2002), onde o erótico parece envolver elementos característicos das relações de amizade, tal como indicado por Rich (2010) e Heilborn (1992), quando falam da experiência dos casais lésbicos. Para Bondía (2002, p. 21), "a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. [...] A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça."

> Do ponto de vista da experiência, o objetivo não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a "o-posição" (nossa maneira de opormos), nem a "imposição" (nossa maneira de impormos), nem a proposição (nossa maneira de propormos), mas a "exposição", nossa maneira de "ex-pormos", com tudo que isso tem de vulnerabilidade e risco. (BONDÍA, 2002, p. 25).

Por isso, completa o autor (2002), é incapaz de experiência aquele que não se "ex-põe", aquele a quem nada acontece, nada afeta. Fiz a leitura do texto de Bondía no mesmo período em que estava em Portugal, no estágio de doutoramento, elaborando um artigo em que apresentava o caso de Manuel. Desde aquele momento, perguntava-me: haveria experiência no fluxo quase incessante das experimentações juvenis da atualidade? Algo lhes acontece, algo os toca, algo os afeta? Como lembra Bondía (2002), a experiência, a possibilidade de que algo nos toque, nos suceda, nos afete, exige uma gesto de interrupção: parar para pensar, parar para escutar o outro, parar para escutar-se, parar para sentir, demorar-se nos detalhes, cultivar a arte do encontro com o outro e consigo mesmo, calar muito, ter paciência, dar-se a si mesmo e ao outro espaço e tempo.

O sujeito da experiência, pois, seria como um território de passagem, um ponto de chegada, um espaço onde têm lugar os acontecimentos. O sujeito da experiência é, por assim dizer,

ex-posto. Ele se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua abertura, por sua disponibilidade. Todavia, adverte Bondía (2002, p. 24): “trata-se de uma passividade anterior à oposição ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial.” Mas é quando Bondía (2002) nos remete à origem da palavra experiência que dá as pistas para responder a pergunta que me inquietava. Diz o autor (2002, p. 25): “a palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar). A experiência é em primeiro lugar, um encontro, uma relação com algo que se experimenta, que se prova.” Depois complementa: “o radical é *periri*, que se encontra em *periculum*, perigo. A raiz indo-européia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, e secundariamente a ideia de prova.”

A experimentação é, pois, uma pré-condição para que a experiência ocorra. É justamente por isso que, como argumentei anteriormente, ainda que por caminhos oblíquos, a experimentação pode resultar numa experiência. Todavia, é bom dizer, ela é uma condição necessária, porém, não suficiente, é preciso sair da prova, fazer a travessia, arriscar-se, pôr-se em perigo, expor-se. Algumas vezes, é por meio de sua ausência, ou seja, por aquilo que não se encontra, ou que falta, para usar um termo psicanalítico, no fluxo das experimentações, onde se fica muitas vezes apenas no nível da prova, que surge o desejo de experienciar, de viver a arte do encontro. Foi por meio de reiteradas experimentações na esfera do “puro sexo” (BAUMAN, 2004), a meu ver, uma experiência da ordem do impossível, já que como disse Plummer (2005), sexo nunca é “just sex”, que jovens como Manuel e Lázaro encontraram o caminho em direção ao encontro.

Talvez seja possível afirmar que a geração 60/70 lançou, para as gerações mais novas, um importante desafio: movidos pelo anseio do novo que a “desterritorialização” (GUATARRI; ROLNIK, 2011) nos promete, permitir-se a criação de territórios, capazes de fornecer a um só tempo, liberdade e segurança, asas e raízes (SINGLY, 2003). Afinal, como observa Guatarri e Rolnik (2011, p. 342), a “cartografia do desejo” hoje aponta para dois extremos:

> Em um dos extremos, é ao medo da desterritorialização que sucumbimos: nos enclausuramos na simbiose, nos intoxicamos de familialismo, nos anestesiamos a toda sensação de mundo, endurecemos. No outro extremo – quando já conseguimos não resistir à desterritorialização e, mergulhados em seu movimento, tornamo-nos pura intensidade, pura emoção de mundo –, um outro perigo nos espreita. Fatal agora pode ser o fascínio que a desterritorialização exerce sobre nós: ao invés de vivê-la como uma dimensão imprescindível da criação de territórios, nós a tomamos como finalidade em si mesma. E, inteiramente desprovidos de territórios, nos fragilizamos até desmanchar

irremediavelmente. (GUATARRI; ROLNIK, 2011, p. 342).

Como Singly (2007), discordo da postulação de Bauman (2004), quando se refere ao fato de que no mundo moderno e líquido abomina-se tudo o que é sólido e durável. Esta tese de doutoramento não oferece fundamento empírico para aquela assertiva. Penso, como Singly (2007, p. 175), que "a valorização de uma certa fluidez, de uma certa flexibilidade e do princípio da eleição não tem por consequência a desvalorização da durabilidade e da solidez." Ainda concordando com este autor (2007), considero que a segunda modernidade (desde os anos 1960) "[...] se define pelo crescimento do direito dos indivíduos menos individualizados da primeira modernidade, ou seja, as mulheres e as crianças, e por um aumento da demanda de fluidez na formação de laços eletivos e contratuais, de relaxamento dos estatutos [...]" (SINGLY, 2007, p. 174). A segunda modernidade responde, à sua maneira, ao mesmo desafio da primeira: alcançar certo equilíbrio, entre as exigências de autonomia e segurança (SINGLY, 2007), não prescindindo, pois, de relações de intimidade.

Essa necessidade de intimidade, na maior parte das vezes garantida no contexto de uma relação duradoura, acaba por se superimpor, pelo menos temporariamente, exigindo uma "pausa na experimentação". É no contexto de uma relação de intimidade que o jovem de hoje encontra as condições necessárias para suprir, a um só tempo, a dupla necessidade: de sexo e de afeto, dois aspectos distintos para os homens, mas que em algum momento buscam se complementar no estabelecimento de uma vida a dois mais durável. É preciso dizer, contudo, que nem todos os jovens, ao reconhecer esta necessidade, optam por uma relação de intimidade com exclusividade sexual, embora este não tenha sido o modelo mais comum. Afinal, na relação pura, a sexualidade é plástica, portanto, desconectada não apenas da reprodução como da fidelidade. Contudo, quando a opção é a não exclusividade, põe-se aí uma equação de difícil resolução, apontada por Singly e Chaland (2001), em um artigo cuja temática é a vida a dois, em que perguntam: "como a sexualidade, que é um tempo forte de descoberta de si, de formação da reflexividade do *self*, pode ser ao mesmo tempo errante, sem colocar em questão o laço privilegiado com o parceiro?"

A incerteza quanto à fidelidade do parceiro não parece ser uma experiência bem tolerada, mesmo nos dias atuais. A liberdade almejada pelo movimento de liberação sexual que assistimos desde os anos 60/70 tem seus limites traçados quando as liberdades se unem na formação do casal, seja através do casamento, como se efetivou nos anos 60/70, seja nos anos 2000, quando os modos de união são mais heterogêneos e mais modestos, como pontua Bauman (2004, p. 46).

> Assim, viver juntos ('e vamos ver como isso funciona e aonde vai nos levar') ganha atrativo [embora não seja o único modelo vigente] de que carecem os laços de afinidade. Suas intenções são modestas, não se prestam juramentos, e as declarações, quando feitas, são destituídas de solenidade, sem fios que prendam ou mãos atadas. (BAUMAN, 2004, p. 46).

De qualquer sorte, seja em que modelo for, a união de duas pessoas em um território compartilhado, onde a sexualidade tem centralidade e é a medida da paixão e do amor, exige renúncias de territórios não-compartilhados e negociações que deixam evidente, na geração mais nova como na mais velha, o fato de que a sexualidade ou "a prática sexual, quando os indivíduos iniciaram uma relação estável, não é uma prática vulgar suscetível de ser renegociada do mesmo modo que outras, em nome da autonomia (SINGLY, 1995 apud SINGLY, 2000, p. 73).

8 POR UMA ABORDAGEM *ETNO*PSICOLÓGICA DA INTIMIDADE, ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Como sinalizei em outro trabalho[39], o movimento em direção a uma escrita etnográfica ao estilo autobiográfico relaciona-se, em parte, à virada narrativa[40] nas ciências sociais e a outros movimentos contemporâneos como o pós-modernismo e o feminismo, que têm contribuído para o entendimento de que os textos devem ser mais emocionais, pessoais e complexos, assumindo a conexão entre o *self* do/a pesquisador/a e o campo. Dessa forma, existe um movimento no sentido de enfatizar aspectos de caráter pessoal do processo de pesquisa, de modo que "a posicionalidade do *self* é o ponto de partida destes relatórios [...]" (COFFEY, 1999, p. 125).

Segundo Geertz (1973), porém, é possível notar que a questão da assinatura, o estabelecimento de uma presença autoral num texto, atormenta a etnografia desde seus primórdios, muito embora tenha sido disfarçada na maioria dos casos. A dificuldade parece estar na estranheza causada ao construir textos ostensivamente científicos a partir de experiências em grande parte biográficas, que, segundo ele, é o que fazem os etnógrafos.

Existem várias formas de fazer uma escrita (auto)biográfica em etnografia, sendo as mais convencionais: as notas ou diário de campo, os relatos parcialmente autobiográficos e as narrativas do *self* (COFFEY, 1999). Nesta última parte da tese, faço um relato parcialmente autobiográfico, na medida em que retomo aqui, de forma ainda mais pessoal, o processo de construção da pesquisa, em particular, a proposição teórico-metodológica delineada para consecução da investigação: uma etnopsicologia da intimidade afetivo-sexual. *Relatórios Parciais (Auto)biográficos* são uma das formas mais comuns de escrita do *self*. Constituem-se em um relatório pessoal do processo de pesquisa, no qual o *self* é apresentado como sendo um meio através do qual o trabalho foi conduzido. O relatório autobiográfico resultante é firmemente dirigido à exploração das estratégias de pesquisa utilizadas no caminho. É parcialmente autobiográfico na medida em que não se toma

---

[39] Dissertação de mestrado apresentada em 2009 no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia, intitulada: Tornar-se Mãe no Contexto Acadêmico. Narrativas de um Self Participante.

[40] Segundo Brockmeier e Harré (2003), a origem do interesse pela narrativa, por volta dos anos 80 do século XX, relaciona-se à descoberta de que a história, seja oral ou escrita, "constitui um parâmetro linguístico, psicológico, cultural e filosófico fundamental para nossa tentativa de explicar a natureza e as condições de nossa existência" (p. 526). A partir dessa compreensão, muitos pesquisadores das ciências sociais e humanas, passaram a trabalhar com relatos autobiográficos ou com narrativas de experiências de vida, o que permitia ao pesquisador uma maior proximidade com o ponto de vista subjetivo da pessoa que viveu a experiência. Nesse sentido, Bamberg (2006) assevera que este foi um importante movimento antipositivista que possibilitou ao investigador compreender como as pessoas vivem as suas experiências de vida, e que sentidos constroem em torno delas. O autor, porém, ressalta que a "virada narrativa" nas ciências humanas seria impensável ou, no mínimo, muito diferente, sem as sugestões de conectar *self* e narrativa, trazidas pela figura de Jerome Bruner.

o *self* do/a pesquisar/a como o sujeito do estudo e da análise, o que se apresenta é um relato de dentro, de como o/a pesquisador/a se envolveu e desenvolveu sua pesquisa; o que deu errado; o que foi compensador e desafiador. São relatos escritos retrospectivamente sobre o trabalho idealizado e/ou realizado na prática.

A abordagem etnopsicológica da intimidade afetivo-sexual, aqui proposta, compreendeu dois movimentos paralelos e interligados: uma análise compreensiva dos processos psicológicos de mudança que acompanharam as trajetórias amorosas e sexuais dos atores sociais em tempos de juventude, aliada a uma análise dos contextos ou cenários em que estas foram produzidas, no caso específico: o cenário atual (representado pelo grupo geracional mais novo – de universitários/as das primeiras décadas dos anos 2000) e o cenário dos anos 1960/1970 (representado pelo grupo geracional mais velho e que viveu sua vida universitária em tempos de ditadura militar e de "revolução sexual").

Significa dizer que um conceito, em especial, orientou todo o processo de produção dos dados apresentado nesta tese: o conceito de indexicalidade. Falar de indexicalidade, como argumenta Coulon (1995), é nos remeter ao fato de que o sentido é sempre local e não tem generalização possível. Segundo Coulon (1995, p. 33), "podem-se definir como indexicalidade todas as determinações que se ligam a uma palavra, a uma situação." Se é assim, uma etnopsicologia da intimidade não pode se contentar com uma explicação dos diálogos intrapsicológicos ligados à esfera da vida amorosa e sexual, que negligencie esse nexo fundamental com os contextos locais em que estes são produzidos. Se for certo dizer que existe uma incompletude natural das palavras, que só ganham o seu sentido 'completo' no seu contexto de produção, ou seja, quando indexadas (COULON, 1995), é certo também afirmar que é somente indexados aos seus cenários que os processos psicológicos sob análise ganham inteligibilidade.

Este conceito, é bom destacar, é central tanto nas teses do interacionismo simbólico como da psicologia cultural e da teoria do *self* dialógico. O interacionismo usa uma noção muito interessante para falar disso, "definição da situação"; a psicologia cultural refere-se aos signos compartilhados culturalmente, com os quais os indivíduos dialogam e constroem sua cultura pessoal; a teoria do *self* dialógico tem como um de seus princípios fundamentais, o princípio do contextualismo. Pode ainda ser encontrado na teoria dos *scripts* sexuais, que compreende que sexo nunca é "*just sex*", como mencionei anteriormente, e na teoria da performatividade de gênero, na medida em que esta torna evidente que o esteio [simbólico, para usar um termo

interacionista] de nossas práticas no campo da vida amorosa e sexual é a heteronormatividade. É no interior desta lei regulatória do sexo que desenvolvemos nossas *performances* sexuais e de gênero, de tal forma que é somente em relação a ela que estas ganham sentido. Os diálogos intrapessoais e interpessoais se organizam tendo esta lei como referência, ou seja, estão a ela indexados, e é no interior desta mesma lei que os atores sociais encontram espaço para operar fissuras. Os relatos dos jovens de ambas as gerações nos mostraram que isto é possível, não somos simples marionetes respondendo irrefletidamente uma lei ou conjunto de leis. Através do recurso da interpretação, o ator social e/ou a atriz social recriam a ordem na qual estão inseridos e à qual circunscrevem seus comportamentos na esfera da vida afetivo-sexual, alterando-a constantemente na interação social cotidiana.

Partindo desse pressuposto é que toda a análise foi se desenhando, no esforço de apontar possíveis respostas para as questões norteadoras, ao tempo em que ia dando corpo a uma proposta de investigação um tanto audaciosa. Digo audaciosa, primeiro, porque me propus a fazer uma pesquisa sobre sexualidade no campo da psicologia do desenvolvimento abdicando de trilhar os caminhos da psicanálise, abordagem teórica e grupo sociopolítico há muito estabelecido e reconhecido como autoridade no campo dos estudos psicológicos em torno da sexualidade, ainda que também criticada no universo mais amplo da pesquisa científica sobre esta temática; segundo, porque ousava lançar um desenho teórico-metodológico que, para dar conta de uma análise indexicada do psicológico – mais ao estilo do que tem sido feito por psicólogos sociais de abordagem construcionista – que articulasse diálogos interpessoais e intrapessoais, precisava conjugar um número de teorias tão amplas quanto complexas.

Sobre o primeiro ponto, posso afirmar agora que é possível fazer pesquisa em psicologia do desenvolvimento e no campo das relações amorosas e sexuais por outros caminhos que não necessariamente aqueles oferecidos pela psicanálise, mas não creio que seja necessário abdicar de todas as suas contribuições. Considero que a psicanálise tem muito a nos ensinar sobre a construção do sujeito sexuado, mas é preciso revisitá-la, fazendo-a dialogar com as pesquisas contemporâneas sobre gênero e sexualidade. As contribuições de Freud e de seus seguidores para o estudo da sexualidade é hoje reconhecida por diversos/as autores/as contemporâneos/as, que concordam, no entanto, que é necessário fazer releituras críticas de sua obra, reconhecendo, como faz Loureiro (2004), que desde suas origens a psicanálise se vê às voltas com a possibilidade de produzir efeitos contrastantes: libertação e controle. A autora considera, porém, que,

diferentemente de Freud, “[...] seus sucessores padecem – diagnóstico atual e certeiro – de um 'pudor sacralizante' que insiste em negar qualquer vínculo entre psicanálise e normalização.” (LOUREIRO, 2004, p. 91). No contexto dos estudos feministas e dos estudos *queer*, o trabalho de Judith Butler (2002, 2003) é exemplar nesse sentido, oferecendo uma série de considerações críticas que nos fazem pensar sobre este vínculo a que se refere Loureiro (2004), e questionar a lógica construída por Freud para tratar de questões como a construção da identidade de gênero e a orientação sexual ou direção do desejo.

Respondendo à pergunta de Vera Paiva (2008), penso que a psicologia ainda está por redescobrir a sexualidade, e considero que a Psicologia Cultural, justamente por ter como objeto de estudo as mudanças que ocorrem ao longo do curso de vida de indivíduos humanos culturalmente situados, pode oferecer boas contribuições aos estudos contemporâneos acerca da sexualidade, especialmente se conectada às discussões mais recentes em torno do gênero e da sexualidade. Isso não implica dar as costas para teorias já reconhecidas no campo, como a psicanálise, por exemplo, mas em estabelecer um diálogo tão crítico quanto criativo entre estas e outras teorias e métodos do campo da psicologia, sociologia, antropologia, estudos de gênero e estudos *queer*. Estes dois últimos me parecem aliados indispensáveis na construção de uma abordagem de leitura do sexual que não termine por sexualizar o psicológico, limitando-o à sua dimensão sexual, ou psicologizar o sexual, fornecendo leituras que reduzem todas as manifestações dessa esfera da vida à dimensão psicológica. É entre pesquisadores/as da psicologia social que tenho encontrado uma maior sensibilidade para o desenvolvimento de um tipo de análise atenta a essas tendências.

O que proponho aqui se aproxima, pois, da “Filosofia do Não” de Bachelard (1978, p. 119), para quem “a negação deve permanecer em contato com a formação primeira. Deve permitir uma *generalização dialética*. A generalização pelo não deve incluir aquilo que nega”. Por este motivo, não é estranho que, mesmo criticando algumas das formulações teóricas da psicanálise, mantenha-se o contato com alguns de seus conceitos, fundamentais para a construção de novas perspectivas, como não é contraditório articular uma teoria de base construcionista, como a teoria dos *scripts* sexuais, a teorias desconstrucionistas como as que têm se desenvolvido no interior dos estudos *queer*. De fato, não é suficiente fazer uma análise da construção social do gênero e da sexualidade, visto que fazê-la, simplesmente, sem um olhar crítico, pode tender a reificar categorias que passam a ser tomadas como “culturalmente naturais”, mas não creio ser possível

fazer uma desconstrução sobre algo que não foi construído e, nesse sentido, não creio que uma teoria pautada na desconstrução possa fazer valer seus pressupostos, senão sobre as bases desdobradas de teorias construcionistas. Afinal, como pontua Bachelard (1978, p. 125), “todas as noções de base podem de alguma maneira ser desdobradas; elas podem ser cercadas por noções complementares.” Sendo a ciência sempre inacabada, resta-nos, enquanto cientistas, fazer “a tarefa mais difícil: colocar a cultura científica em estado de mobilização permanente, substituir o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico, dialetizar todas as variáveis experimentais, oferecer, enfim, à razão razões para evoluir [...]” (BACHELARD, 1978, p. 130).

Sobre o segundo ponto, devo dizer que a articulação teórica que propus para dar conta da demanda de leitura da complexidade exigida em função da escolha do objeto de estudo, colocou-me, desde o início, frente a dois grandes riscos: 1) subutilizar as teorias que pretendia conjugar a fim de oferecer uma leitura plural do fenômeno, deixando à distância o reducionismo comumente observado quando tomamos apenas um referencial teórico como lente para nossas análises; 2) fazer subsumir as particularidades das trajetórias de cada participante da pesquisa e dos dois grupos geracionais estudados no interior dessas abordagens teóricas, a pretexto de manter coerência em relação às escolhas teóricas feitas *a priori*. No caminho, julguei preferível assumir o primeiro risco, entendendo que esta posição garantiria uma postura ética frente às histórias das pessoas, tão gentilmente entregues em minhas mãos. Se as teorias foram escolhidas em função dos recursos que ofereciam para uma análise multifacetada e mais aproximada das trajetórias das pessoas que entrevistei, elas só deveriam ser usadas a benefício de uma compreensão mais sensível destas. Assim, tentei afastar-me, o mais possível, de um tipo de tradição bem lembrada por Pais (2003, p. 15) em Culturas Juvenis, aquela em que as teorias são usadas “como redes que se lançam ao social [e ao psicológico] e que sempre permitem captar factos ou evidências empíricas na linha de 'racionalizações' expectativadas […].” Usei-as, pois, somente quando o fenômeno exigia, sob a minha perspectiva, conceitos trabalhados no interior destas referências teóricas.

No processo, reconheci em autores como Giddens (1991, 1993, 2002) e Singly (2000, 2003, 2007), referenciais imprescindíveis na discussão daquilo que foi se configurando como *a demanda de intimidade na juventude*. Assim, aquilo que inicialmente pretendia ser uma etnopsicologia do afetivo-sexual, foi se configurando em uma etnopsicologia da intimidade afetivo-sesxual. Uma etnopsicologia da intimidade afetivo-sexual, como mencionei anteriormente, deve estabelecer, de

um lado, uma articulação inescapável com a antropologia e a sociologia da intimidade (PLUMMER, 2003), buscando, como esta última: 1) reconhecer nas vidas íntimas dos atores sociais diferentes padrões a depender dos cenários ou contextos sócio-históricos e culturais em que se produzem ou aos quais estão indexadas, contextualizando-as ao longo do curso de vida dos diferentes indivíduos; 2) mostrar as ligações entre intimidade e marcadores de diferença, tais como camada socioeconômica, etnia, sexo/gênero, idade/geração; de outro lado, deve oferecer uma análise do psicológico, não, porém, no sentido substantivo, mas no sentido posicional, de modo a privilegiar, a um só tempo, os movimentos de continuidade e descontinuidade do *Self Sexual*, considerando que a compreensão deste envolve, irremediavelmente, o diálogo Eu-Outro-Outro generalizado. Foram os próprios relatos que me conduziram a esta conversão. Na psicologia, muito se tem dito sobre esta demanda nos primeiros anos de vida, contudo, pouco se tem discutido sobre ela, em face de uma juventude em transição alongada para a vida adulta. Curioso notar que, como não desenvolvemos teorias que deem conta de falar do modo particular como esta demanda se expressa na juventude, e não estou me referindo à adolescência, tendemos a remeter todo o posicionamento da pessoa nessa esfera e fase da vida, a suas primeiras histórias de amor – na infância, o que pode ser útil e necessário, porém não suficiente. Este recurso, a meu ver, pode configurar-se, inclusive, como altamente reducionista, se não tivermos os devidos cuidados.

No campo das teorias psicológicas considero ainda que a teoria do *self* dialógico pode ser, contemporaneamente, uma grande aliada para a configuração de uma abordagem de pesquisa no campo da vida afetivo-sexual que pretenda fazer uma leitura etnopsicológica da intimidade afetivo-sexual. Sinto que conjugá-la à teoria dramatúrgica de Goffman e à teoria da performatividade de gênero de Butler pode nos permitir uma análise da intimidade nos dois níveis aqui propostos – da intrapessoalidade e da interpessoalidade –, mas há alguns tensionamentos que precisam ser melhor explorados, como as aproximações e distâncias entre as noções de pessoa-papel, usada por Goffman (2012), e as noções de posição e posicionamento usadas pela teoria do *self* dialógico. Foi particularmente nas teorias do *self* dialógico e em alguns conceitos elaborados no interior da psicologia cultural que encontrei os recursos necessários para explicar os processos de mudança que se dão no nível intrapsicológico e que colocam em evidência aquilo que os estudos *queer* têm feito questão de denunciar: a instabilidade do *self,* e, portanto, da identidade, sem negligenciar, por outro lado, sua necessária estabilidade, ainda que provisória, provisoriedade que se expressa em declarações como esta de João: *“Eu costumo dizer que eu estou*

na minha terceira versão de pessoa". A teoria do *self* dialógico tem a vantagem de se prestar tão bem a uma análise dos diálogos, intrapessoais e interpessoais, como destes processos de alteração que se fazem ver no domínio do *self* ao longo das trajetórias amorosas e sexuais.

Do ponto de vista metodológico, quero sinalizar alguns pontos que podem se configurar como importantes indicadores para pesquisas futuras sobre sexualidade. O primeiro deles refere-se ao lugar que nossa cultura reserva à sexualidade, o segundo, decorrente desse primeiro, diz respeito aos limites que este objeto de estudo impõe a um trabalho de cunho etnográfico ou etnopsicológico. Como assinala Bozon (1999), os atos sexuais não podem ser diretamente observados em nossa sociedade, exceto em contextos artisticamente organizados, ou seja, na condição de espetáculo ou entretenimento. Sendo assim, pontua o autor (1999), em geral, só podemos apreender estas experiências de maneira indireta, através das narrativas das pessoas, argumentação que pretendo, sob certo ponto de vista, colocar em questão nestas considerações finais. As pesquisas sobre o tema trazem, pois, inevitavelmente, questões de ordem metodológica.

Em se tratando de uma pesquisa de cunho etnográfico, deparamo-nos com o fato de a atividade sexual humana estar circunscrita ao domínio da intimidade, o que já coloca um impedimento para o uso de técnicas clássicas neste tipo de abordagem, como a observação participante (BOZON, 1999). Lembro que a primeira vez que apresentei este trabalho, na ocasião ainda um projeto de pesquisa, ouvi uma pergunta (em tom irônico) reveladora desse tipo de compreensão que, ao mesmo tempo que reconheço, desejo problematizar: "você vai fazer observação participante?" Numa pergunta desse tipo estão implícitas algumas questões que merecem reflexão: uma delas diz respeito ao fato de que, quando pensamos em sexo ou em sexualidade, habitualmente nos reportamos à ideia de privacidade, a que, desde as transformações da modernidade, supomos condicionar toda a experiência sexual. Considerando a sexualidade um evento circunscrito à vida privada, entende-se que não faria sentido uma pesquisa de tipo etnográfico nesse campo, que, nesse ponto de vista, parece estar limitada à observação participante, outra questão implícita na pergunta referida. Esquecemo-nos de dois aspectos importantes quando seguimos esse raciocínio.

O primeiro aspecto é que, há tempos, autores como Gilberto Velho (2003) têm mostrado que é possível, sim, fazer etnografia com entrevistas biográficas. Segundo este autor, a expansão das pesquisas antropológicas para os meios urbanos deu margem à ampliação e diversificação dos objetos de estudo no campo das ciências humanas, e levou, consequentemente, ao uso de

histórias de vida, biografias e trajetórias individuais. Os indivíduos, em sua singularidade, se tornaram matéria de pesquisas etnográficas, que contemporaneamente servem de abordagem não apenas para antropólogos como para outras disciplinas do campo das ciências humanas. Nesse contexto, a observação participante deixa de ser a principal protagonista e passa a ter um papel de coadjuvante, porém uma coadjuvante fundamental na interação face a face com o/a entrevistado/a. Notei isso no processo de realização e transcrição das entrevistas, quando pude compreender, seguindo as indicações de Kaufmann (1996) e Bosi (2003), que tão importante quanto fazer as entrevistas e escutar os relatos, era observar as expressões fisionômicas e gestuais do/a entrevistado/a, além de suas flutuações no tom da voz, a presença de hesitações, choro, silêncio, gargalhadas, etc. Como destaca Heilborn (2003), a observação feita no curso das entrevistas ajuda a compor o retrato do entrevistado. Somente quando não podemos contar com o recurso da observação (participante) é que temos condições de melhor pesar o quanto esta avaliação direta em face do entrevistado é valiosa. Esta experiência fenomenológica resgata, em certa medida, o tema da imersão no mundo do entrevistado.

Foram inúmeras as experiências de entrevista que me confrontaram com esta realidade, mas foi, em particular, naqueles casos em que o jovem mantinha relações paralelas com mais de uma parceira que estas pistas ficaram mais evidentes. Nos dois casos em que a infidelidade era um dos elementos que compunham a trajetória, notei uma grande preocupação dos entrevistados em relação ao que deviam ou podiam dizer, e uma certa tensão, especialmente no início da entrevista. Um dos rapazes chegou a deixar o celular ligado nos minutos iniciais, mostrando-se um tanto reticente ao longo de boa parte da nossa conversa. Agia tal qual descrevem os interacionistas, definindo a situação e atuando de modo a preservar a imagem que desejava associada à sua pessoa. Mais dois outros relatos me chamaram a atenção nesse sentido. Um deles foi de uma mulher dos anos 1960/1970 que concedeu a entrevista em sua própria casa. Seu marido, um professor da universidade como ela, não saiu do ambiente ao longo de toda a entrevista, de forma que, em alguns pontos desta, ela falava mais alto, como quem o faz participar da conversa, e em outros, diminuía o tom da voz, possivelmente julgando que aquela informação poderia comprometer sua imagem frente ao marido. O outro foi também de uma mulher dos anos 1960/1970, que, ao abrir a porta de sua casa, me recebeu com a seguinte frase: você já deve ter me visto por aí pela universidade, não é? Achei a pergunta estranha, mas, de fato, já a havia visto num restaurante em que costumo almoçar, e respondi que sim. Ela, então, retrucou: “É porque a

gente circula por aí". Senti que ali havia alguma preocupação, mas não tinha entendido do que se tratava. Desde o meu contato por telefone, havia sentido certa reserva. Embora ela se mostrasse bastante solícita, perguntava coisas do tipo: "É um questionário ou é uma pesquisa aberta"?

O segundo aspecto diz respeito ao fato de que a sexualidade não está fechada no ambiente privado, ela transborda em todos os setores e espaços da vida cotidiana, bem como nos corpos que se movimentam performaticamente conforme sua categoria social e contexto, e nesse sentido a observação participante permanece sendo um bom recurso de pesquisa nesse campo. Os trabalhos etnográficos realizados em centros urbanos sobre prostituição feminina, prostituição viril e sobre a experiência das travestis são bons exemplos disso, mas estamos enganados se concluirmos daí que a expressão da sexualidade está limitada a estes setores da vida social, frequentemente rotulados de marginais. Ao longo do trabalho de campo, passeei por vários *campi* diferentes, certa de que era importante viver a ambiência universitária mais de perto, ainda que não estivesse explícito, no projeto delineado, o uso da observação participante.[41] No início, quase nada via, a não ser possíveis informantes, também influenciada por esta relação sexualidade-privacidade a que me referi anteriormente. Aos poucos fui me dando conta do quanto a universidade era um espaço de convivência altamente sexualizado e o quanto a observação participante nesse cenário poderia ser, sim, uma importante estratégia de pesquisa, complementar ao uso das entrevistas em profundidade. Era como se eu passasse a ver "sexo em tudo".

Quero dizer que começava a enxergar corpos sexuados; textos sexuados nas portas dos banheiros; casais dando beijinhos discretos ou beijaços nos espaços de circulação, nos cantinhos ou nos canteiros da universidade, lembrando as imagens dos jovens *hippies* dos anos 1960/1970. Abraços afetuosos; mãos que passam, que apertam, que enlaçam; cartazes divulgando uma peça de teatro sobre sexualidade. Olhares; comentários do tipo: "não ande com essa cara não, que ele é gay" nos corredores de uma faculdade povoada por estudantes, em sua maioria, do sexo masculino, revelando a relutância em pensar naquele contínuo entre a homossociabilidade e a homossexualidade de que fala Sedgwick (1985); modos de se vestir e se despir muito diversos a depender do *campus* onde eu me encontrava, além de estilos de vida e convivência universitária reveladores de *ethos* corporais e sexuais muito diversos no cenário multifacetado desta mesma

[41] Na ocasião em que preparava o projeto para avaliação do comitê de ética tive receio de que o recurso da observação participante, nesse caso configurada como observação não-declarada (LAPASSADE, 2005), já que se daria em ambiente público, viesse a colocar impedimentos para aprovação da pesquisa, atrasando o início do trabalho de campo e, talvez, comprometendo o tempo disponível – de no máximo quatro anos – para a conclusão da tese.

universidade. Diante de um cenário como esse, muitas vezes tive vontade de sentar e por ali ficar, simplesmente a “deixar passear o olhar”, outras vezes, ensaiei caminhar, me deixando levar pelas avenidas, mas também pelas vielas do campus, caminhos estreitos que me levavam a um casal namorando num beco, num canto, ou no meio de um simples jardim. Nesses momentos, pensava que melhor seria se eu lá estivesse, não com meu *notebook* nas costas, mas com o velho diário de campo, a anotar tudo o que, somente agora, eu podia ver, possivelmente por efeito do privilégio de fazer pesquisa sobre sexualidade.

Quase decido, nos “últimos minutos do segundo tempo”, fazer uma alteração no desenho metodológico da pesquisa, e realizar, para além da observação da situação de entrevista, uma observação participante mais ampla, tecendo considerações sobre aquilo que os corpos dizem ou deixam de dizer em função da interpretação que fazem das situações em que são chamados a atuar no interior da universidade e em suas margens. Todavia, em face do tempo que àquela altura se esvaía, não me pareceu viável tomar essa decisão. Eis um belo campo para futuras pesquisas sobre sexualidade no cenário dos estudos sobre a vida universitária. Ao contrário do que se poderia imaginar, a universidade é um campo riquíssimo para pesquisas sobre sexualidade, espaço onde os corpos ou os sujeitos sexuados fazem e refazem suas *performances*, citando a norma ou questionando-a, deixando ver os caminhos, sempre imprevisíveis, do diálogo entre o/a jovem e suas subculturas. Nesse cenário, posso dizer agora, uma observação participante do *campus* universitário poderia nos fornecer excelentes leituras acerca do sexual, revelando-nos que a intimidade salta muros, atravessa fronteiras, fazendo-se presente nos mínimos detalhes da vida cotidiana, porque não deixamos de ser sexuados, quando saímos dos recintos da vida privada.

REFERÊNCIAS

ABBEY, Emily. At the boundary of me and you: Semiotic Architeture of Thinking and Feeling the Other. In SIMÃO, L. M.; VALSINER, J. (Ed.). *Otherness in question*: labyrinths of the self. Charlotte: IAP, 2006.

ABBEY, Emily; VALSINER, Jaan Emergence of meanings through ambivalence. *FQS*: Forum Qualitative Social Research, Berlin, v. *6*, n. 1, p. 1-18, jan. 2005. Disponível em: < http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/515/1114>. Acesso em: 20 out. 2010.

ALAIN, Coulon. Posfácio. In: SAMPAIO, Sônia Maria Rocha (Org.). *Observatório da vida estudantil*: primeiros estudos. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 263-268.

ALMEIDA, Leandro S. et al. Acesso e sucesso no ensino superior em Portugal: questões de gênero, origem sócio-cultural e percurso acadêmico dos alunos. *Psicologia*: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 507-514, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v19n3/a20v19n3.pdf>. Acesso: 23 jul. 2008.

ALMEIDA FILHO, Naomar. Novos desafios para a universidade nova: radicalizar a inclusão social na educação superior brasileira. In: SAMPAIO, Sônia Maria Rocha; SANTOS, Georgina dos. *Observatório da vida estudantil*: universidade, responsabilidade social e juventude. Salvador: EDUFBA, 2013. p. 353-380.

_____. A vida universitária como objeto de pesquisa e o campus universitário como *etnopaisagem*. In: SAMPAIO, Sônia Maria Rocha (Org.). *Observatório da vida estudantil*: primeiros estudos. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 7-12.

ALVES, Amanda et al. Precário, mas amoroso: uma breve discussão sobre a interdição temporária do Espaço Raul Seixas. In: SAMPAIO, Sônia Maria Rocha (Org.). *Observatório da vida estudantil*: primeiros estudos. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 115-132.

ARANTES, Valéria Amorim. *Afetividade e cognição*: rompendo a dicotomia na educação, 2000. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm>. Acesso em: 10 mar. 2010.

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: GONÇALVES, Joaquim (Org.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação***.** São Carlos: UFSCAR, 1998. p. 24-41.

_____. *L´analyse multireferentielle.* 1986. Disponível em: <http://probo.free.fr/textes _amis/analyse_multireferentielle_j_ardoino.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2010.

_____. *Les avatars de l`education*. Paris: PUF, 2000.

ARNETT, Jeffrey Jensen. Emerging adulthood: a theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, Washington , v. 55, n. 5, p. 469-480, 1999. Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>. Acesso em: 21 jun. 2007.

_____. A filosofia do não: o novo espírito científico: a poética do espaço. Tradução de Joaquim José Moura Ramos et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Problems of dostoevsky's poetics*. Tradução de R. W. Rotsel. Ann Arbor: Ardis, 1999.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *The dialogic imagination*. Translated by Caryl Emerson and Michael Holquist. Austin: University of Texas, c1981.

BALDWIN, James Mark. *Mental development in the child and the race*: methods and processes. New York: Macmillan, 1895.

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

BARROS, Mariana Leal de. *Labareda, teu nome é mulher análise etnopsicológica do feminino à luz de pombagiras*. 2010. 392f. Tese (Doutorado em Psicologia)– Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Ribeirão Preto, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*: sobre fragilidade dos laços humanos. Rio de janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelle Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. 2 v.

BECKER, Howard S.; McCALL, Michal M. (Ed.). *Symbolic interaction and cultural studies*. Chicago: University of Chicago, 1990.

BENSMAN, Joseph; LILIENFELD, Robert. *Between public and private*. Nova York: Free Press, 1979.

BERGSON, Henri. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Lisboa: Edições 70, 2011.

_____. *Oeuvres*. Paris : PUF, 1959.

BERTALANFFY, Ludwing Von. *Teoria geral dos sistemas*. Petrópolis: Vozes, 2010.

BIDART, Claire. *L´amitié*: un lien social. Paris: La Découverte, 1997.

BLUMER, Herbert. A natureza do interacionismo simbólico. In: MORTENSEN, C. David. *Teoria da comunicação*: textos básicos. São Paulo: Mosaico, 1980.

BOESCH, E. E. *Von kunst bis terror*: uber den zweispalt in der kultur. Gottingen: Van-derhoeck & Reprecht, 2005.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br /scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 30 mar. 2010.

BOSI, Eclea. *O tempo vivo da memória*: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOUMARD, Patrick. O lugar da etnografia nas epistemologias construtivistas. *PSI*: Revista de Psicologia Social e Institucional, Londrina, v. 1, n. 2, nov. 1999. Não paginado. Disponível em: <http://www.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov1n22.htm>. Acesso em: 6 set. 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kuhner. 4. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BOWLBY, John. *Apego*: a natureza do vínculo. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOZON, Michel. À quel âge les femmes et les hommes commencent-ils leur vie sexuelle? Comparaisons mondiales et évolutions récentes. *Population & Sociétés*, Paris, n. 391, p. 1-4, jun. 2003. Disponível em : <http://www.ined.fr/fichier/t_telechargement/36879 /telechargement_fichier_fr_pop_et_soc_francais_391.pdf>. Acesso em : 14 mar. 2012.

_____. Des rites de passage aux «premières fois»: une expérimentation sans fins. *Agora Débats-Jeunesses*, [S.l.], n. 28, v.28, p. 22-33, 2002. Disponível em : <http://www.persee.fr/web/ revues/home/prescript/article/agora_1268-5666_2002_num_28_1_1973>. Acesso em : 23 nov. 2012.

_____. Les significations sociales des actes sexuels. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n. 1, v. 128, p. 3-33, 1999. Disponível em : < http://www.persee.fr/web/revues/ home/prescript/article/arss_0335-5322_1999_num_128_1_3288. Acesso em : 13 abr. 2010.

_____. L’ L'entrée dans la sexualité adulte: le premier rapport et ses suites. *Population*, [S.l.], année 48, n. 5, p. 1317-1352, 1993. Disponível em: <http://persee.fr/ web/revues/home/prescript /article/pop_0032-4663_1993_num_48_5_4104. Acesso em: 22 ago. 2011.

_____. Orientations intimes et constructions de soi: pluralite et divergences dans les expressions de la sexualite. *Sociétés Contemporaines*, Paris, n. 41-42, p. 11-40, 2001. disponível em: <http://www.cairn.info/revue-societes-contemporaines-2001-1-page-11.htm>. Acesso em: 14 mar. 2012.

_____. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BOZON, Michel; HEILBORN, Maria Luiza. As carícias e as palavras: iniciação sexual no Rio de Janeiro e em Paris. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 59, p. 1-29, 2001. Disponível em: < http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/93/20080627_iniciacao_sexual.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2012.

BRANDÃO, Elaine Reis. Individualização e vínculo familiar em camadas médias: um olhar através da gravidez na adolescência. 2003. 319 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva)- Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

BRITTO DA MOTTA, Alda. A Juvenilização atual das idades. *Caderno Espaço Feminino*. Uberlândia, v. 25, n. 2, p.11-24, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/21802/11963>. Acesso em: 25 abr. 2013.

_____. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 13, p. 191-221, 1999. Disponível em: < http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.ifch.unicamp.br.pagu/files/n13a07.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2011.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. 10. ed. Tradução de Newton Aquiles Von Zuber. São Paulo: Centauro, 2001.

BÜHLER, Karl. *Theory of language*: the representational function of language. Amsterdam: Jonh Benjamins, 1990.

BURGOON, Judee K.; JONES, Stephen B. Toward a theory of personal sspace expectations and their violations. *Human Communication Researche*, v. 2, n. 2, p. 131-146, dec. 1976.

BURNHAM, Teresinha Fróes. Complexidade, multirreferencialidade, subjetividade: três referências polêmicas para a compreensão do currículo escolar. *Em Aberto*, Brasília, DF, ano 12, n. 58, p. 2-13, abr./jun. 1993. Disponível em: < http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/851/763 http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/851/763>. Acesso em: 3 mar. 2013.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado*: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 151-172.

_____. Críticamente Subversiva. In: JÍMENEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades tansgressoras***.** Tradução de Maria Antònia Oliver-Rotger. Barcelona: Icária, 2002.

_____. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (Sujeito e história).

CABELL, Kenneth R. Catalysis: cultural constructions and the conditions for change. *Journal of Integrated Social Sciences*, California, v. 2, n. 1, p. 1-12, 2011a. Disponível em: < http://www.jiss.org/documents/volume_2/issue_1/JISS_2011_Catalysis_Commentary.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2012.

_____. Mediators, regulators and catalysers: a context-inclusive model of trajectory development. *Psychology & Society*, Cambridge, v.3, n.1, p.26-41, aug. 2010. Disponível em: < http://www.psychologyandsociety.org/__assets/__original/2010/08/Cabell.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2012.

_____. The systemic conditions of catalysis: what psychology can (and cannot) learn from chemistry. In: BIENNIAL CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL SOCIETY FOR THEORETICAL PSYCHOLOGY, 14., 2011b, Thessaloniki. *Annals…* Thessaloniki, 2011.

CABRAL, Cristiane S. "Gravidez na adolescência" e identidade masculina: repercussões sobre a trajetória escolar e profissional do jovem. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 179-196, jul./dez. 2002. Disponível em: <http://www.rebep.org.br /index.php/revista/article/view/318/pdf_299>. Acesso em: 15 mar. 2012.

CAMARANO, Ana Amélia. (Org.). *Transição para vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

CAMPBELL Colin. *The Romantic ethic and the spirit of modern consumerism*. Oxford, Blackweell, 1995.

CARDOSO, Ruth C. L.; SAMPAIO, Helena. *Estudantes universitários e o trabalho*. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26 03.htm>. Acesso em: 26 jul. 2010.

CARNEIRO, Ava da S. C. *Caminhos universitários*: a permanência de estudantes de origem popular em cursos de alto prestígio. 2010. 102 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010. Disponível em: <http://www.pospsi.ufba.br/Ava_Carvalho.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2012.

CARNEIRO, Ava da S. C.; SAMPAIO, Sônia Maria R. Estudantes de origem popular e afiliação institucional. In: SAMPAIO, Sônia Maria R. (Org.). *Observatório da vida estudantil*: primeiros estudos. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 53-69.

CARRARA, Sérgio et al. *Curso de gênero e sexualidade*. Rio de Janeiro: CEPESC: Brasília, DF: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010. v. 3.

CASTEL, Robert. *La gestion des risques*: le'anti-psychiatrie à l'après-psychanalyse. Paris: Les Editions de Minuit, 1981.

CECCARELLI, Paulo Roberto. A invenção da homossexualidade. *Bagoas*, Natal, n. 2, n. 2, p. 71-93, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v02n02art03_ceccarelli.pdf>. Acesso em: 14 maio 2012.

COFFEY, Amanda. *The ethnographic self*: fieldwork and the representation of identity. London: SAGE, 1999.

COLLING, Leandro; SANTOS, Matheus Araújo dos. O corpo *intersex* e a politização do abjeto em XXY. *Intexto*, Porto Alegdre, v. 02, n. 25, p. 234-250, dez. 2011. Disponível em: <http: //seer.ufrgs.br/intexto/article/viewFile/23061/14493>. Acesso em: 10 maio 2013.

COSTA, Agenor. *Dicionário geral de sinônimos e locuções da língua portuguesa*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Luso-Brasileira, 1960.

COSTA, António Firmino da; MACHADO, Fernando Luís; ALMEIDA, João Ferreira de. Estudantes e amigos: trajetórias de classe e redes de sociabilidade. *Análise Social*, Lisboa, v. XXV, n. 105-106, p. 193-221, 1990. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos /1223033860A9cPR1uw0Pd34WH4.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2009.

COULON, Alain. *A condição de estudante*: a entrada na vida universitária. Tradução de Georgina Gonçalves dos Santos e Sônia Maria Rocha Sampaio. Salvador: EDUFBA. 2008.

_____. *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, [19--].

_____. *Etnometodologia e educação*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995. (Ciências sociais da educação).

_____. Posfácio. In: SAMPAIO, Sônia Maria Rocha (Org.). *Observatório da vida estudantil*: primeiros estudos. Salvador: EDUFBA, 2011. p.263-268.

COWAN, Carolyn Pape et al. Becoming a Family: marriage, parenting, and child development. In: COWAN, Philip A.; HETHERINGTON, Mavis (Eds.). *Family* T*ransitions*. New Jersey: LEA, 1991. p. 79-109.

CRAIB, Ian. *Experiencing identity*. London: SAGA, 1998.

CUNHA, Carla Alexandra Castro. *Processos dialógicos de auto-regulação e mudança: um estudo microgenético*. 2007. 292f. Tese (Mestrado em Psicologia)– Universidade do Minho, Minho, 2007. Disponível em: Acesso em: 9 abr. 2012. Disponível em: < http://repositorium.sdum.uminho.pt /bitstream/1822/7261/1/Processos%20Dial%C3%B3gicos%20de%20Auto-Organiza%C3%A7%C3% A3o%20e%20Mudan%C3%A7a_Um%20Estudo%20Microgen%C3%A9tico_Carla%20Alexandra %20Castro.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2010.

D´ALTE, Iva et al. Self dialógico: um convite a uma abordagem alternativa ao problema da identidade pessoal. *Interacções*, n. 6, p. 8-31, 2007. Disponível em: <http://revistas.rcaap .pt/interaccoes/article/view/333/289>. Acesso em: 14 mar. 2010.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMÁSIO, Antonio R. *O erro de Descartes*: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Lettras, 1996.

DEL PRIORI, Mary. *História do amor no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas: Papirus, 1991.

DEVEREUX, Georges. *Etnopsicoanálisis complementarista*. Buenos Aires: Amorrourt. 1972.

DEWEY, John. The need for a recovery of philosophy. In: DEWEY, John (Ed.). *Creative intelligence*. New York: Henry Holt, 1917. p. 3-69.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. *Sexualidade e saberes*: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 39-80. (Sexualidade, gênero e sociedade. Sexualidade em debate).

_____. O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). *Sexualidade*: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 21-30.

ELLIS, Harvelock. *Views and reviews*: a selection of uncollected articles, Londres: D. Harmsworth, 1932.

ERIKSON, Erik H. *Infância e sociedade*. Tradução de Gildásio Amado. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. (Biblioteca Ciências da Educação).

_____. *O ciclo de vida completo*. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FEATHERTONE, M. Curso de vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento. *Textos Didáticos*, Campinas, v. 1, n. 13, p. 143-157, 1994.

FISHER; Seymour; CLEVELAND, S. E. Body image and personality. New York: D. Van Nostrand, 1968.

FORACCHI, Marialice M. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972. (Biblioteca pioneira de ciências sociais).

_____. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965. (Biblioteca Universitária. Série 2, v. 17).
FORSÉ, Michel. Âges et sociabilité. *Agora Débats-Jeunesses*, Paris, v. 17, n. 1, p. 19-27, 1999. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/agora_1268-5666_1999_num_17_1_1731>. Acesso em: 3 dez. 2014.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I*: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de janeiro: Edições Graal, 1977. (Biblioteca de filosofia e história das ciências).

_____. *História da sexualidade II*: o uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. 19. ed. Rio de janeiro: Edições Graal, 2009. (Biblioteca de filosofia e história das ciências).

_____. Não ao sexo rei. In: _____. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2011. p. 229-242.

_____. *Vigiar e punir*. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

FRANCH, Mónica. Amigas, colegas e "falsas amigas": amizade e sexualidade entre mulheres jovens de grupos populares. *Revista Latinoamericana*, [S.l.], n.4, p.28-52, 2010. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/205/374>. Acesso em: 26 ago. 2011

FREIRE, João Batista. *De corpo e alma*: disciplina motricidade. São Paulo: Summus, 1991.

FREUD, Sigmund. *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. Rio de janeiro: Imago, 1975.

_____. "Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna". In: _____. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 187ss.

_____. O ego e o id e outros trabalhos (1923-1925). Rio de Janeiro: Imago, 1996a. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição s*tandard* brasileira, v. XIX).

_____. *Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira, v. VII).

FRY, Peter; MACRAE, Edward John Baptista das Neves. *O que é homossexualidade*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Primeiros Passos).

GAGNON, John H. *Uma interpretação do desejo*: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Tradução de Lucia Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. (Sexualidade, gênero e sociedade. Série Sexualidade e gênero nas ciências sociais).

GAGNON, John H.; PARKER, Richard G. Conceiving sexuality. In: PARKER, Richard G.; GAGNON, John H. *Conceiving sexuality*: approaches to sex researche in a postmodern world. New York: Routlegde, 1995. p.3-19.

GAGNON, John H.; SIMON, William. *Sexual conduct*: the social sources of human sexaulity. 2. ed. New Brunswick: AldineTransaction Publisshers, 2005. (Social problems and social issues).

GALLAND, Olivier. Entrer dans la vie adulte: des étapes toujours plus tardives mais resserrées. *Economie et Statistique*, [S.l.], v.7, n. 337-338, p. 13-36, 2000. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/estat_0336-1454_2000_num_337_1_7494 >. Acesso em: 14 abr. 2012.

_____. *Les jeunes*. Paris: La Découvert, 2009.

_____. Un nouvel âge de la vie. *Revue française de sociologie*, Paris, v. 31, n. 4, p. 529-551, 1990. Disponível em : < http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rfsoc_0035-2969_1990_num_31_4_2710>. Acesso em : 20 maio 2011.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1993. (Biblioteca básica).

_____. *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo : UNESP, 1991.

_____. *Modernidade e identidade*. Tradução de Plínio Dentziel. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GINER, Josepa Cucó. *La amistad*: perspectiva antropológica. Barcelona: Institut Català antropologia: Icaria, 1995.

GLASER, B.; STRAUSS, A. Awareness contexts and social interaction. *American Sociological Review*, [S.l.], n. 29, 1964.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petópolis: Vozes, 2013. (Sociologia).

_____. *Les moments et leurs hommes*. Paris: Le Seuil, 1988.

_____. *Os quadros da experiência social*: uma perspectiva de análise. Tradução de Gentil A. Titton. Petrópolis: Vozes, 2012. (Sociologia).

_____. *Ritual de interação*: ensaios sobre o comportamenot face a face. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011. (Sociologia).

GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica*: cartografias do desejo. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GUERREIRO, Maria das Dores; ABRANTES, Pedro. *Transições incertas*: o jovem perante o trabalho e a família. 2. ed. Lisboa: Comissão Para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, 2007. (Estudos, n. 2).

Disponível em: < http://www.cite.gov.pt/imgs/downlds/Transicoes_Incertas. pdf>. Acesso em: 27 jul. 2010.

GUIMARÃES, Carmem Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. (Sexualidade, gênero e sociedade. Série Homossexualidade e cultura). Disponível em: < http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/120511/mod_resource/content/1/CDGuimaraes-O%20homossexual%20visto%20por%20entendidos.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2010.

HALBERSTAM, Judith. Uma introducción a la masculinidad femenina: masculinidad sin hombres. In:

_____. *Masculinidad femenina*. Tradução de Javier Sáez. Barcelona: E. Egales, 2008, p. 23-66.

HARDY, Ellen et al. Características atuais associadas à história de aborto provocado. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 82-85, fev. 1994. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/rsp/v28n1/10.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2011.

HARDY, Ellen; REBELLO, Ivanise; FAÚNDES, Aníbal. Aborto entre alunas e funcionárias de uma universidade brasileira. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 113-116, abr. 1993. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0034-89101993000200006 &script=sci_arttext>. Acesso em: 14 mar. 2011.

HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par*: gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamond, 1992. (Sexualidade, gênero e sociedade. Série homossexualidade e cultura).

_____. Estranha no ninho: sexualidade e trajetória de pesquisa. In: VELHO, Gilberto (Org.). *Pesquisas urbanas*: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003. p. 190-207.

_____. Experiência da sexualidade, reprodução e trajetórias biográficas juvenis. In: HEILBORN, Maria Luiza et al. *O aprendizado da sexualidade*: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond: Fio Cruz, 2006, p. 29-60.

_____ (Org.). *Sexualidade*: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

HEILBORN, Maria Luiza; BRANDÃO, Elaine Reis. Introdução: ciências sociais e sexualidade. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). *Sexualidade*: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 7-17.

HEILBORN, Maria Luiza; CABRAL, Cristina da Silva. Parentalidade juvenil: transição condensada para vida adulta. In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). *Transição para vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: IPEA, 2006, p. 225-255.

HEILBORN, Maria Luiza; CABRAL, Cristina da Silva; BOZON, Michel. Gênero e carreiras reprodutivas de jovens brasileiros. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15., 2006, Caxambu. *Anais eletrônicos...* Caxambu: ABEP, 2006. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_111.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2009.

HEILBORN, Maria Luiza; CABRAL, Cristiane da Silva; CORDEIRO, Fabíola. Perspectivas geracionais de mulheres sobre a experiência do aborto. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 9., 2011, Curitiba. *Anais...* Curitiba: [s.n.], 2011.

HEILBORN, Maria Luiza et al. *O aprendizado da sexualidade*: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond: Fio Cruz, 2006.

HERINGER, Rosana. Ainda um sonho distante: expectativas de ingresso na educação superior na cidade de Deus, Rio de Janeiro. In: SAMPAIO, Sônia Maria Rocha; SANTOS, Georgina dos. *Observatório da vida estudantil*: universidade, responsabilidade social e juventude. Salvador: EDUFBA, 2013. p. 21-39.

HERMANS, Hubert J. M. The dialogical self: toward a theory of personal and cultural positioning. *Culture Psychology*, London, v. 7, n. 3, p. 243-281, 2001. Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>. Acesso em: 11 abr. 2007.

_____. Voicing the self: from information processing to the dialogical interchange. *Psychological Bulletin*, Washington, v. 119, n. 1, p. 31-50. Jan. 1996. Disponível em: < http://www.socsci.kun.nl/~hermans/103.pdf >. Acesso em: 11 jul. 2007.

HERMANS, Hubert. J. M.; HERMANS-KONOPKA, Agnieszka. *Dialogical self theory*: positioning and counter-positioning in a globalizing society. Cambridge: Cambridge University, 2010.

HERMANS, Hubert J. M.; KEMPEN, Harry J. G. Moving cultures: the perilous problems of cultural dichotomies in a globalizing society. *American Psychologist*, Washington, v. 53, n. 10, p. 1111-1120, oct. 1998. Disponível em: <http://psycnet.apa.org/journals/amp/53/10/1111.html>. Acesso em 14 maio 2012.

HERMANS, Hubert J. M.; KEMPEN, Harry J. G.; VAN LOON, Rens J. P. The Dialogical Self: beyond

individualism e rationalism. *American Psychologist*, Washington, v. 47, n. 1, p. 23-33, jan. 1992.

HORNER, Th. M. On the formation of personal space and self-boundary structures in early human development: the case of infant-stranger reactivity. *Developmental Review*, [S.l.], v. 3, n.2, p. 148-177, jun. 1983. Disponível em: < http://ac.els- cdn.com.ez10.periodicos.capes.gov.br/0273229 78390028X/1-s2.0-027322978390028X-main.pdf?_tid=4b3722d2-81ea-11e3-9e85-00000aab0f27&acdnat=1390233083_c44ddaf4f3209b5abc58ef8830026a20>. Acesso em: 15 ago. 2010.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001.

HUXLEY, Aldous. *The doors of perception*. London: Chatto and Windus, 1957.

JOAS, Hans. Interacionismo simbólico. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan. *Teoria social hoje*. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: UNESP, 1999. p. 127-174. (Biblioteca básica).

JORGE, Marco Antonio Coutinho. A teoria freudiana da sexualidade 100 anos depois (1905-2005). *Psychê*, São Paulo, ano XI, n. 20, p. 29-46, jan.-jun. 2007. Disponível em: <http:// pepsic.bvsalud.org/pdf/psyche/v11n20/v11n20a03.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2010.

KAUFMANN, Jean-Claude. *La chaleur du foyer*. Paris: Méridiens-Klincksieck, 1988.

_____. *L'entretien compréhensif*. Paris : Nathan, 1996.

KNAUTH, Daniela et al. As trajetórias afetivo-sexuais: encontros, uniões e separação. In: HEILBORN, Maria Luiza et al (Org.). *O aprendizado da sexualidade*: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond: Fio Cruz, 2006. p. 29-60.

KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia sexualis*. Nova York: Paperback Library, 1965.

LAPASSADE, Georges. *As microssociologias*. Brasília,DF: Liber Livro, 2005.

LATOUR, Bruno. *Science in action*: how to follow scientists and engineers through society. Cambridge: Harvard University Press 1987.

LAWRENCE, Jeanette A.; VALSINER, Jaan. Making personal sense: an account of basic internalization and externalization. *Theory Psychology*, Worcester, v. 13, n. 6, p. 723-752, dec. 2003. Disponível em: <http://tap.sagepub.com/content/13/6/723.full.pdf+html>. Acesso em: 14 mar. 2011.

LE BRETON, David. *As paixões ordinárias*: antropologia das emoções. Tradução de Luís Alberto Salton Peretti. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *L´interactionnisme symbolique*. 2.ed. Paris: PUF, 2008. (Quadrige).

LE GALL, Didier; LE VAN, Charlotte. La première fois : récits intimes. *Sociologie et sociétés*, Caen, v. 2, n. 35, p. 35-57, automne 2003. Disponível em: < http://www.erudit.org/revue/socsoc/2003/v35/n2/008522ar.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2012.

LEAL, Andrea Fachel. *Uma antropologia da experiência amorosa*: estudo de representações sociais sobre sexualidade. 2003. 163 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2098/000364088.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 abr. 2011.

LEAL, Andréa Fachel; KNAUTH, DANIELA RIVA. A relação sexual como uma técnica corporal: representações masculinas dos relacionamentos afetivo-sexuais. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p. 1375-1384, jul. 2006. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/csp/v22n7/03.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2012.

LINELL, Por. Dialogicality in languages, minds and brains: is there a convergence between dialogism and neuro-biology?. *Language Sciences*, [S.l.], v. 29, n. 5, p. 605-620, set. 2007. Disponível em: <http://www.ida.liu.se/~729G12/mtrl/dialogue_brain.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2013.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. Do “mundinho” fechado ao universo quase infinito: negociando a saída de casa. *Caderno CRH*, Salvador, v. 17, n. 42, p. 365-373, 2004. Disponível em : <http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=25>. Acesso em : 16 ago. 2008.

LIRA, Maria C.D.P. Prefácio à edição brasileira. In: VALSINER, Jaan.*Fundamentos da psicologia cultural*: mundos da mente mundos da vida. Tradução de Ana Cecília de Sousa Bastos. Porto Alegre: Artmed, 2012.

LOPEZ, Fábio Nieto. *Do interior do Estado ao interior da UFBA*: uma experiência de tempo-espaço

no processo de afiliação estudantil. 2011. 373 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <http://www.pospsi.ufba.br/Fabio_Nieto.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2012.

LOUREIRO, Inês. Psicanálise e sexualidade: crítica e normalização. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. *Sexualidade e saberes*: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 81-94. (Sexualidade, gênero e sociedade. Sexualidade em debate).

LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado*: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 9, 2. sem. 2001, p. 541-553. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2013.

LOYOLA, Maria Andréa. A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). *Sexualidade*: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LUTZ, C. Cultural Patterns and individual differences emotional in the child's emotional meaning system. In: LEWIS, Michael; SAARNI, Carolyn. *The socialization of emotions*. Nova York: Plenum, 1985.

MADEIRA, Felícia Reicher. Educação e desigualdade no tempo de juventude. In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). *Transição para vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: IPEA, 2006b. p. 139-170.

MARKOVÁ, Ivana. Constitution of the self: intersubjectivity and dialogicality. *Culture & Psychology*, London, v. 9, n. 3, p. 249-259, sep. 2003. Disponível em: < http://cap.sagepub.com/content/9/3/249.full.pdf+html>. Acesso em: 12 jun. 2013.

MALINOWSKI, Bronislaw. *A diary in the strict sense of the term*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1967.

_____. *Sex and repression in savage society*. Chicago: The University of Chicago, 1985.

_____. *The sexual life of savages (in North-Western Melanesia)*. Nova York: Harcourt, Brace & World, 1929.

MANNHEIM, Karl. O problema das gerações. In: MANNHEIM, Karl. *Sociologia do conhecimento*. Porto: Res, [1928]. p. 115-176.

MANSON, Mary Ann; GOULDEN, Marc. Do Babies Matter? the effect of family formation on the life long carreers of academic men and woman. *Academe*, v. 88, n. 6, p. 21-27, nov./dec. 2002. Disponível em: <http://www.aaup.org/AAUP/pubsres/academe/>. Acesso em: 24 maio 2008.

MARTINS, Carlos Benedito de Campos. Nota sobre o sentimento de embaraço em Erving Goffman. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 23, n. 68, p. 137-197, out. 2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v23n68/v23n68a10.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2012.

MARTINS, João Batista. *Abordagem multirreferencial*: contribuições epistemológicas e metodológicas para o estudo dos fenômenos educativos. 2000. 140 f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade de São Carlos, São Carlos, 2000.

_____. Contribuições epistemológicas da abordagem multirreferencial pra a compreensão dos fenômenos educacionais. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 26, p. 85-182, maio/ago. 2004. Disponível em: <http:/www.scielo.br/pdf/rbedu/n26/n26a06.pdf>.
Acesso em: 14 ago. 2011.

_____. Multirreferencialidade e educação. In: BARBOSA, Joaquim (Org.). *Reflexões em torno da abordagem multirreferencial*. São Paulo: EDUFSCAR, 1998. p. 21-51.

MEAD, George H. *Mind, self, and society*: from the standpoint of a social behaviorist. London: University of Chicago, 1962. (Works of George Herbert Mead, v. 1).

MEAD, Margaret. *Coming of age in Samoa*. Nova York: William Morrow, 1923.

_____. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2013.

_____. *O desejo da nação*: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX. São Paulo: Annablume, 2012. (Queer).

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

MORRIS, Charles W. Introduction. In: MEAD, George H. *As social psychologist and philosopher*. 1962.

MOTTA, Alda Britto da. A juvenilização atual das idades. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v. 25, n. 2, p. 11-24, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem /article/viewFile/21802/11963>. Acesso em: 14 mar. 2013.

MUNIZ, Jacqueline. Mulher com mulher dá jacaré, uma abordagem antropológica da homossexualidade feminina. 1992. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)- Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

LEAL, Andrea Fachel. *Uma antropologia da experiência amorosa*: estudo de representações sociais sobre sexualidade. 2003. 163 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs. br/bitstream/handle/10183/2098/000364088.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 abr. 2011.

PAIS, José Machado. A profissionalização da criatividade ente os jovens: o agir da obliquidade. In: CONFERÊNCIA PORTUGAL EM MUDANÇA, 2012, Lisboa. *Livro de Resumos...* Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2012a.

_____. *Culturas juvenis*. 2. ed. Lisboa: Impresa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

_____. *Ganchos, tachos e biscates*: jovens, trabalho e futuro. Porto: AMBAR, 2005.

_____. *Sexualidade e afectos juvenis*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012b.

PAIVA, Vera. A psicologia redescobrirá a sexualidade? *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 4, p. 641-651, 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index. Jsp>. Acesso em: 12 jul. 2009.

_____. Analisando cenas e sexualidades: a promoção da saúde na perspectiva dos direitos humanos. In: CÁCERES, Carlos et al. (Ed.). *Sexualidad, estigma y derechos humanos*: desafios para el acesso a la salud em América Latina. Lima: FASPA/UPCH, 2006. p. 23-52. Disponível em: < http://www.researchgate.net/publication/257654947_Sexualidad_estigma_y_derechos_humanos_

Desafos_para_el_acceso_a_la_salud_en_Amrica_Latina/file/60b7d525aa0de7941d.pdf>. Acesso em: 04 maio 2010.

_____. *Fazendo arte com camisinha*: sexualidades jovens em tempos de Aids. São Paulo: Summus, 2000.

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *Pedagogias da sexualidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PEDRO, Joana Maria. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.23, n.45, p. 239-260, jul. 2003. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000100010>. Acesso em: 14 mar. 2010.

PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo*: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. Pinheiros: Annablume, 2009.

PIRES, Sergio Fernandes Senna; BRANCO, Angela Uchoa. Cultura, self e autonomia: bases para o protagonismo infantil. *Psicologia*: Teoria e Pesquisa, Brasília,DF, v. 24, n. 4, p. 415-421, out./dez. 2008. Disponível em:< http://www.scielo.br/pdf/ptp/v24n4/04.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2009.

PLUMMER, Ken. Foreword: permanence and change: sexual conduct: thirty years on. In: GAGNON, John H.; SIMON, William. *Sexual conduct*: the social sources of human sexaulity. 2. ed. New Brunswick: AldineTransaction Publisshers, 2005. p. ix-xxvii.(Social problems and social issues).

_____. *Intimate citizenship*: private decisions and public dialogues. Seattle: University of Washington Press, 2003.

_____. O interaccionismo simbólico no século XX: a emergência da teoria social empírica. In: TURNER, Bryan S. (Org.). *Teoria social*. Lisboa: Difel, 2002. p. 225-254.

POINCARÉ, Jules Henri. *Electricité et optique*. Paris: [s.n.], 1901.

PORTES, Écio Antônio. Trajetórias Escolares e Vida Acadêmica do Estudante Pobre da UMG: um estudo a partir de cinco casos. 2001. 264f. Tese (Doutorado em Psicologia)- Universidade Federal de Minas de Gerais, Belo Horizonte, 2001. Disponível em:

<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1254/1/tese.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2011.

PORTES, Écio Antônio; SOUSA, Letícia Preira de. O nó da questão: a permanência de jovens dos meios populares no ensino superior público. In: SAMPAIO, Sônia Maria Rocha; SANTOS, Georgina dos. *Observatório da vida estudantil*: universidade, responsabilidade social e juventude. Salvador: EDUFBA, 2013. p. 61-80.

QUEIROZ, Jean-Manuel de; ZIÓLKOWSKI, Marek. *L´interactionnisme symbolique*. Rennes: Universitaires de Rennes, 1997. (Didact sociologie).

QUEIROZ, Karla Geyb da Silva; LEITE, Rita de Cássia Nascimento. Vida afetivo-amorosa e vida universitária. In: SAMPAIO, Sônia Maria Rocha (Org.). *Observatório da vida estudantil*: primeiros estudos. Salvador, EDUFBA, 2011, p. 113-144.

RAMOS, Elsa. As negociações no espaço doméstico: construir a "boa distância" entre pais e jovens adultos "coabitantes". In: BARROS, Myrian Lins de (Org.). *Família e gerações*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. (Família, geração & cultura).

REIS, Dayne Brito. Continuar ou desistir? Reflexões sobre as condições de permanência de estudantes negros na UFRB. In: SAMPAIO, Sônia Maria Rocha; SANTOS, Georgina dos. *Observatório da vida estudantil*: universidade, responsabilidade social e juventude. Salvador: EDUFBA, 2013. p. 179-195.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas*, Natal, n. 5, p. 17-44, 2010. Disponível em:<http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01_rich.pdf>. Acesso em: 12 out. 2013.

RIETH, Flávia. A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 77-91, jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v8n17/19076.pdf>. Acesso em: 10 out. 2010.

_____. Ficar e namorar: conhecer-se através do outro. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 21., 1997, Caxambu. *Anais eletrônicos...* Caxambu: USP, 1997. Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=5301&Itemid=360>. Acesso em: 10 out. 2010.

ROMANELLI, G. O significado da educação superior para duas gerações de famílias de camadas

médias. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, DF, v. 76, n. 184, p. 445-476, 1995. Disponível em:<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/view/268/269>. Acesso em: 10 set. 2008.

ROSE, Arnold M. (Ed.). *Human behavior and social process*: an interactionist approach. Boston: Houghton-Mifflin, 1962.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Du contrat social*. Paris: Garnier Flammarion, 1972.

ROUSSEAU, George. S. Nerves, spirits and fibres: toward the origins of sensibility. In: BRINSSEDEN, R. F.; EADE, John Christopher (Org.). *Studies in the eighteenth century*. Canberra, The Autralian National UP, 1975.

RUBIN, Gayle. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: NARDI, Peter M.; SCHNEIDER, Beth E. (Ed.) *Social perspectives in lesbian and gay studies*: a reader. New York: Routledge, 1998.

RUSSO, Jane Araujo. Do desvio ao transtorno: a medicalização da sexualidade na nossografia psiquaiátrica contemporânea. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. *Sexualidade e saberes*: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 95-114. (Sexualidade, gênero e sociedade. Sexualidade em debate).

SALEM, Tania. O "Individualismo Libertário" no imaginário social dos anos 60. *Physis*: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 59-75, 1991. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/physis/v1n2/04.pdf>. Acesso em: 17 set. 2013.

SALGADO, João; CLEGG, Joshua. Dialogism and the psyche: Bakhtin and contemporary psychology. *Culture & Psychology*, London, v. 17, n. 4, p. 421-440, dez. 2011. Disponível em: <http://cap-sagepub-com.ez10.periodicos.capes.gov.br/content/17/4/421.full.pdf+html> Acesso em: 12 jun. 2013.

SALGADO, João; GONÇALVES, Miguel. The dialogical self social, personal, and (um) conscious. In: VALSINER, Jaan; ROSA, Alberto. *The Cambridge Handbook of sociocultural psychology*. Cambridge: Cambridge University, 2007. cap. 3

SALGADO, João; HERMANS, Hubert J. M. The returno f subjectivity: from a multiplicity of selves to the dialogical self. *E-Journal of Applied Psychology*, Pennsylvania, v. 1, n. 1, p. 3-13, 2005. Disponível em: <http://ojs.lib.swin.edu.au/index.php/ejap/article/viewFile/2/189.pdf>. Acesso em:

14 jun. 2012.

SALLES, Ana Cristina Teixeira da Costa; CECCARELLI, Paulo Roberto. A invenção da sexualidade. *Reverso*, Belo Horizonte, ano 32, n. 60, p. 15-24, set. 2010. Disponível em: < http://ceccarelli.psc.br/pt/wp-content/uploads/artigos/portugues/doc/invensexu.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2012.

SAMPSON, Edward E. Identity Politics: challenges to psychology understanding. *American Psychologist*, Washington, v. 48, n. 12, p. 1219-1230, dez. 1993. Disonível em: <http://psycnet .apa.org/index.cfm?fa=buy.optionToBuy&id=1994-17460-001>. Acesso em: 14 mar. 2010.

SATO, Tatsuya; HIDAKA, Tomo; FUKUDA, Mari. Depicting the dynamics of living the life: the Trajectory Equifinality Model. In: VALSINER, Jaan et al. (Ed.) *Dynamic process methodology in the social and developmental sciences*. London: Springer Science, 2009.

SATO, Tatsuya; VALSINER, Jaan. Time in life and life in time: between experiencing and accounting. *Ritsumeikan Journal of Human Science*, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 79-92, 2010. Disponível em: < http://www.ritsumeihuman.com/uploads/publication/ningen_20/p079-092.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2012.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Between men*: english literature and male homosocial desire. New York: Columbia University, 1985.

_____. A Epistemologia do Armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 19-54, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2013.

SHERIF, Muzafer. *The psychology of social norms*. New York: Harper & Brothers, 1936.

SHIVELBUSCH, Wolfgang. *Tastes of paradise*: a social history os spice, stimulants and intoxicants. Londres: Vintage Books, 1993.

SIMMEL, Georg. El cruce de los círculos sociales. In: _____. *Sociologia*: estudios sobre las formas de socialización. 2. ed. Madrid: Biblioteca de la Revista de Occidente, 1977. v. 2, p. 425-478.

_____. El problema de la sociología. In: _____. *Sociologia*: estudios sobre las formas de socialización. 2. ed. Madrid: Biblioteca de la Revista de Occidente, 1977. v. 1, p.11-56.

_____. La sociabilité: exemple de sociologie pure ou formale. In: _____. *Sociologie et épistémologie*. Traduction de L. Gasparini. 2. ed. Paris: Universitaires de France, 1981.

SINGLY, François de. *O eu, o casal e a família*. Tradução de Magda Bigotte Figueiredo. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000. (Nova enciclopédia, 58).

_____. *Sociologia da família contemporânea*. Tradução de Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: FGV, 2007. (Família, geração & cultura).

_____. *Uns com os outros*: quando o individualismo cria laços. Tradução de Magda Bigotte Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. (Epistemologia e sociedade).

SINGLY, François de; CHALAND, Karine. Quel modele pour l avie à deux dans les sociétés modernes avancées? In: SINGLY, François (Org.). *Lien familian*p, Paris, n. 2, p. 283-322, 2001.

SMITH, Jonathan; DUNWORTH, Fraser. Qualitative methodology. In: VALSINER, Jaan;CONNOLLY, Kevin. (Ed.). *Handbook of developmental psychology*. London: Sage, 2003. p. 603-621.

STRAUSS, A. *Negociations:* varieties, contexts, processes and social order. San Francisco: Jossey-Bass, 1978.

STRAUSS, Anselm; FISCHER, B. Interactionisrn. In: BOTTOMORE, Tom; NISBET, Robert (Ed.). *A history of sociological analysis*. Londres: Hutchinson, 1978.

TABAK, Fanny. *O Laboratório de Pandora*: estudos sobre a ciência no feminino. Rio de janeiro: Garamond, 2002.

TEIXEIRA, Ana Maria Freitas et al. Adolescentes e uso de preservatives: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. *Caderno de Saúde Publica*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p. 1385-1396, jul. 2006.

TEIXEIRA, Ana Maria Freitas. Entre a Escola Pública e a Universidade: longa travessia para jovens de origem popular. In: SAMPAIO, Sônia Maria Rocha (Org.). *Observatório da vida estudantil*: primeiros estudos. Salvador, EDUFBA, 2011, p. 27-52.

THOMAS, William I. The Definition of the Situation. In:_____. *The unadjusted girl*. New York: Brown & Co, 1923.

URPIA, Ana. Mães e Universitárias: transitando para a vida adulta. In: SAMPAIO, Sônia Maria Rocha (Org.). *Observatório da vida estudantil*: primeiros estudos. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 145-168.

_____. *Tornar-se mãe no contexto acadêmico*: narrativas de um *self* participante. 2008. 185 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

VALSINER, Jaan. *An invitation to cultural psychology*. London: SAGE, 2013. Disponível em: <http://www.unisalento.it/c/document_library/get_file?folderId=932964&name=DLFE-143336.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2013.

_____. Constructing the vanishing present between the future and the past. *Infance y Aprendizaje*, La Rioja, v. 25, p. 1-13, Jan. 2009.

_____. Forms of Dialogical Relations and semiotic Autoregulation within the Self. *Theory & Psychology*, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 251-265, 2002. Disponível em : <http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>. Acesso em: 10 jun. 2007.

_____. *Fundamentos da psicologia cultural*: mundos da mente mundos da vida. Tradução de Ana Cecília de Sousa Bastos. Porto Alegre: Artmed, 2012.

_____. Scaffolding within structure of dialogical self: Hierarchical dynamics of semiotic mediation. *New Ideas in Psychology*, St. Louis, v. 25, p. 1-10, dec. 2003. Disponível em: <http://ac.els-cdn.com/S0732118X06000201/1-s2.0-S0732118X06000201-main.pdf?_tid=3434a10a-7f96-11e3-b96e-00000aab0f6c&acdnat=1389977064_d896ec9bbcec4eda0770690ba54056ba>. Acesso em: 15 mar. 2009.

VALSINER, Jaan; SATO, Tatsuya. Historically Structured Sampling (HSS): how can psychology's methodology become tuned in to the reality of the historical nature of cultural psychology? In: STRAUB, Jürgen et al. (Ed.). *Pursuit of meaning*: theoretical and methodological advances cultural and cross-cultural psychology. New York: Transcript Verlag, 2005.

VAN DE VELDE, Cécile. *Devenir adulte*: sociologie comparée de la jeunesse em Europe. Paris: Preeeses Universitaires de France, 2008.

VANCE, Carole S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *Physis*: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p. 7-31, 1995. Disponível em:< http://www.scielo.br/pdf/physis/v5n1/01.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2013.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. (Antropologia social).

_____. *Subjetividade e sociedade*: uma experiência de geração. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. (Antropologia social).

VENTURA, Zuenir. *1968*: o ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

VIEIRA, Luciana Leila Fontes. As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. IX, n. 2, p. 487-525, jun. 2009. Disponível em: <http://ojs.unifor.br/index.php/rmes/article/view/1628>. Acesso em: 14 jul. 2012.

VIEIRA, Sofia Lerche. Reforma Universitária: ecos de 68. In: MANCEBO, Deise et al. *Reformas da educação superior*: cenários do passado e constradições do presente. São Paulo: Xamã, 2009.

_____. *Reforma universitária em diferentes contextos*, [S.l.: s.n.], 2009.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WALLON, Henri. *Do ato ao pensamento*: textos fundantes de educação. Petrópolis: Vozes, 2008.

WATKINS, Mary. *Invisible guests*: the development of imaginal dialogues. 3. ed. Canada: Spring Publications, 2005.

WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado*: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

WINNICOTT, Donald W. *O brincar & a realidade*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e

Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Psicologia psicanalítica).

ZITTOUN, Tania. Dynamics of life-course transitions: a methodological reflection. In: VALSINER, Jaan (Ed.). *Dynamic process methodology in the social and developmental sciences*, New York: Spinger, 2009, p. 405-429.

_____. Life-course: a socio-cultural perspective. In: VALSINER, Jaan. *Handbook of culture and psychology*. New York: Oxford University Press, 2012.

_____. Symbolic competencies for development transitions: the case of the choice of first names. *Culture & Psychology*, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 131-136, jun. 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>. Acesso em: 11 abr. 2007.

_____. The use of resources in developmental transitions. *Culture & Psychology*, [S.l.], v. 9, n. 4, p. 415-448, 2003. Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>. Acesso em: 11 abr. 2007.

_____. *Transitions*: development through resources. United States: IAP, 2006.

ZITTOUN, Tania; GROSSEN, Michèle. Cultural elements as means of constructing the continuity of the self across various spheres of experience. In: CÉSAR, Margarida; LIGORIO, Maria Beatrice (Ed.). *The interplays between dialogical learning and dialogical self*. Charlotte: InfoAge, 2000.

ZITTOUN, Tania; PERRET-CLEMONT, Anne-Nelly. Contributions à une psychologie de la transition. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LA SOCIÉTÉ SUISSE POUR LA RECHERCHE EN ÉDUCATION, 2001, Aarau. Disponível em: < http://doc.rero.ch/record/12847/files/Zittoun_Tania_-_Contributions_une_psychologie_de_la_transition_20091027.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Programa de Pós-graduação em Psicologia
Instituto de Psicologia

PPGPSI

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido[42]

Meu nome é Ana Maria de Oliveira Urpia. Sou doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia e faço parte de um grupo de pesquisa chamado Observatório da Vida Estudantil, que há alguns anos estuda sobre juventude e vida universitária. O meu projeto de tese: "Trajetórias de Jovens Universitários no Domínio da Vida Afetivo-Sexual. Uma Perspectiva Geracional" faz parte da pesquisa do Observatório da Vida Estudantil, e é orientado pela Profª Drª Sônia Sampaio, docente da Universidade Federal da Bahia.

Pretendo realizar entrevistas com jovens de duas gerações distintas, com o objetivo de compreender a trajetória afetivo-sexual de pessoas que vivenciaram juventude e vida universitária em contextos sociohistóricos e culturais específicos.

Estou lhe convidando para participar desta pesquisa que subsidia a tese. Para isto, gostaria de fazer algumas perguntas, pedindo para você contar sobre sua trajetória afetiva e sexual antes e pós-ingresso na universidade. A entrevista será gravada, mas totalmente confidencial. Seu nome não será divulgado em nenhuma hipótese ou situação, e só os pesquisadores envolvidos nesta investigação terão acesso às entrevistas.

Sua participação nesta pesquisa é inteiramente voluntária. Em alguns momentos, as perguntas poderão ser de cunho íntimo. Se você não quiser, não precisa responder todas as perguntas. Você também pode desistir de continuar a entrevista em qualquer momento. Como se trata de uma entrevista longa, que poderá levar cerca de duas horas, caso a conversa não termine no tempo estimado, gostaria de encontrá-la(o) outra vez.

Esta pesquisa inclui apenas perguntas e respostas e avaliamos que não apresenta nenhum

[42] Este documento foi construído com base no termo de consentimento usado por Brandão (2003) em sua pesquisa.

tipo de risco aos participantes. As pesquisadoras consideram que saber mais sobre a trajetória afetivo-sexual de jovens que fizeram formação universitária pode auxiliar na construção de políticas para esta população juvenil, a nosso ver, ainda pouco estudada. Se você tiver qualquer dúvida, por favor, pergunte que tentarei esclarecer.

Declaro que li o texto acima e entendo os objetivos e condições de participação na pesquisa "Trajetórias de Jovens Universitários no Domínio da Vida Afetivo-Sexual" e aceito dela participar. Autorizo também o uso integral ou parcial desta entrevista para fins de apresentação oral em congressos, simpósios, encontros, colóquios, etc.; bem como para a escrita e publicação da tese; publicação de artigos, capítulos de livro, livro, etc., resultantes desta pesquisa.

Você deverá assinar duas cópias desse termo, sendo que uma delas ficará com você e outra comigo, pesquisadora responsável por esta pesquisa.

Salvador,..... de ..... de 2011.

Nome do entrevistado:.....

_____

Assinatura do entrevistado

_____

Assinatura do entrevistador – Contato: (71) 9195-9261/3334-5384
Comitê de Ética em Pesquisa - Complexo Hospitalar Universitário Prof. Edgar Santos
Rua Augusto Viana s/n, 1º andar, Canela, (71) 3283-8140, cep.hupes@gmail.com

APÊNDICE B - Entrevista – Trajetória Afetivo-Sexual

(Para as duas gerações estudadas)

1. *Questão disparadora*: Você poderia me contar como foi a sua "primeira experiência amorosa"?[43] (Verificar se a primeira experiência amorosa foi também a primeira experiência sexual, caso tenha sido, após responder a questão 1, seguir para a questão 3).

2. Como foi a sua primeira vez? (Verificar com que idade viveu essa experiência, se foi próximo à entrada na universidade.) Você pode me contar como foi essa experiência? (Verificar a idade do parceiro/a, o sexo e a relação que tinha com este/a, observar dados sobre local/circunstância e se foi pressionado/a para isso pelo parceiro ou por outros atores sociais de sua convivência, verificando que discursos e "negociações" estavam em cena, verificar se a pessoas adiaram planos de sexualidade por conta da universidade.)

3. Usou algum método contraceptivo (verificar quem o/a orientou quanto ao uso)? Qual ou quais? (Caso não tenha usado, perguntar se a relação resultou em gravidez ou aborto.) Perguntar se essa foi uma escolha consciente. Caso tenha sido, quais as motivações para essa escolha.

4. Como você via seu próprio corpo nessa época? Foi sempre assim?

5. O que significou para você e para a sua família essa experiência?

6. Como você descreveria a relação de sua família com sua sexualidade, desde essa primeira experiência afetivo-sexual? Sua família tem/tinha conhecimento de sua vida sexual? (No caso de não ter conhecimento), Como você administra/administrava esse segredo (Verificar questões relativas à virgindade e orientação homossexual.)?

[43] Esta primeira questão do roteiro da entrevista foi inspirada na pesquisa realizada por Bozon e Heilborn (2001).

7. Depois dessa primeira vez, como se desenrolou sua vida afetivo-sexual? (Verificar se teve relações do tipo estável ou do tipo “ficar; se permaneceu tendo uma vida sexual ativa com os/as possíveis parceiros/as nos dois tipos de relação; em que ocasiões eram usados métodos contraceptivos/protetivos; se desejou/deseja ou teve/tem relações sexuais com parceiros do mesmo sexo que o seu [como se sentia/sente em relação a isso]; se desejou engravidar ou engravidou;, se abortou, observando as circunstâncias produtoras desses eventos, incluindo os atores envolvidos nos processos decisórios, etc.); se mudou a percepção que tinha do próprio corpo quanto a ser desejável.) (Verificar eventos experienciados como rupturas ao longo do processo de construção das trajetórias afetivo-sexuais. Ficar atento a expressões que possam indicar essas rupturas - Pontos de mudanças significativas para o/a entrevistado/a.)

8. Há na sua trajetória amorosa, alguma canção que marcou? (Ficar atento para o contexto em que surge essa canção, se ela tem alguma relação com algum processo de ruptura-continuidade.) Você poderia falar um pouco sobre em que situação essa canção aparece, e o que ela significou para você?

9. Que pessoas, eventos ou experiências você considera que funcionou/funcionaram como uma ruptura/um ponto de passagem (provocando mudanças) em sua trajetória afetivo-sexual?

10. A passagem pela universidade provocou alguma mudança na sua trajetória afetivo-sexual ou em suas concepções, práticas e planos no campo da sexualidade? Que mudanças você destacaria?

11. Após sua entrada na universidade, houve mudanças em seus projetos de vida no que diz respeito a questões como amor, família, casamento, filhos?

12. E sua família, como ela passou a comportar-se em relação a você, seus estudos, suas amizades e vida afetivo-sexual após seu ingresso na universidade? Mudou alguma coisa, o que você destacaria? (Verificar se houve mudanças no nível de supervisão ou cobrança quanto aos estudos, as saídas para diversão, as amizades e namoros; se houve uma

ampliação/intensificação da expressão da solidariedade entre as gerações em função do ingresso na universidade).

13. Olhando para aquela sua primeira vez agora, o que você pensa?

APÊNDICE C - Questionário Sociodemográfico

(aplicado pela entrevistadora à geração A – egressos da UFBA, com idade entre 56-65 anos, antes de iniciar a entrevista)

1. Qual a sua data de nascimento? ____,_____de_____

2. Sexo: ( ) feminino ( ) masculino

3. Como você se definiria quanto à cor da pele/etnia?

( )branco, ( )negro, ( )mestiço, ( )indígena, ( )mulato, ( )asiático ( ) outra

4. Os seus pais estavam vivos quando iniciou seu curso universitário?

Mãe ( ) sim ( ) não

Pai ( ) sim ( ) não

Com que idade perdeu seus pais?_____

5. Em que bairro reside atualmente?_____

6. Com quem morava antes de entrar na universidade? _____

7. Com quem foi morar quando ingressou na universidade?

( ) permaneci morando com meus pais,

( ) com meus pais – se não morava com eles antes de entrar na universidade e passou a morar depois

( ) em residência universitária

( ) com parentes

( ) com amigos

( ) em uma república

( ) com um companheiro

( ) com uma companheira

( ) outro _____

8. Teve alguma outra ocupação/profissão, além da ocupação-estudante, ao longo do período que fez seu curso universitário?

( ) sim não ( ) Qual? _____

9. Qual a sua ocupação/profissão agora?

_____

10. Você tem irmãos? ( ) sim ( ) não Quantos?_____

11. Qual a idade e escolaridade e/ou ocupação deles?

Idade	**Escolaridade e/ou Ocupação**	**Idade**	**Escolaridade e/ou Ocupação**

12. Qual era a renda mensal de sua família na época em que fez universidade? (considere a renda de todos os integrantes da família, inclusive você)

( ) Até 01 salário mínimo;

( ) Maior que 1 salário até 3 salários mínimos;

( ) Maior que 3 salários até 5 salários mínimos;

( ) Maior que 5 salários até 7 salários mínimos;

( ) Superior a 7 salários mínimos.

13. Quantas pessoas viviam dessa renda mensal, incluindo você?_____

14. Você e/ou a sua família tinha alguma filiação religiosa? ( ) sim ( ) não

Qual?_____

15. Qual era a escolaridade de seus pais e a profissão ou ocupação deles na época em que você fez universidade?

	Escolaridade	**Profissão/Ocupação**
Mãe		
Pai		

16. Você fez o fundamental e ensino médio em instituições da

( ) rede pública ( ) rede privada ( ) pública e privada

17. Perdeu algum ano do ensino fundamental ou médio?

( ) sim, quantos?_____ ( ) não

18. Com que idade terminou o ensino médio?_____

19. Fez algum curso preparatório para o vestibular?

( ) sim ( ) não

20. Com que idade entrou na universidade?_____

21. Que curso fez?_____

22. Com que idade finalizou?_____

Questionário Sociodemográfico

(aplicado pela entrevistadora à geração B – estudantes da UFBA atualmente, com idade entre 19-29 anos, antes de iniciar a entrevista)

1. Qual a sua data de nascimento? ____,_____de_____

2. Sexo: ( ) feminino ( ) masculino

3. Como você se definiria quanto à cor da pele/etnia?

( )branco, ( )negro, ( )mestiço, ( )indígena, ( )mulato, ( )asiático ( ) outras

4. Os seus pais estavam vivos quando iniciou seu curso universitário?

Mãe ( )sim ( )não

Pai ( )sim ( )não

Com que idade perdeu seus pais?_____

5. Em que bairro reside atualmente?_____

6. Com quem morava antes de entrar na universidade?

_____

7. Com quem foi morar quando ingressou na universidade?

( ) permaneci morando com meus pais,

( ) com meus pais – se não morava com eles antes de entrar na universidade e passou a morar depois

( ) em residência universitária

( ) com parentes

( ) com amigos

( ) em uma república

( ) com um companheiro

( ) com uma companheira

( ) outro _____

8. Você tem alguma outra ocupação além da ocupação-estudante?

( ) sim ( ) não Qual? _____

9. Você tem irmãos? ( ) sim ( ) não Quantos?_____

10. Qual a idade e escolaridade e/ou ocupação deles?

Idade	**Escolaridade e/ou Ocupação**	**Idade**	**Escolaridade e/ou Ocupação**

11. Qual é a renda mensal de sua família? (considere a renda de todos os integrantes da família, inclusive você)

( ) Até 01 salário mínimo;

( ) Maior que 1 salário até 3 salários mínimos;

( ) Maior que 3 salários até 5 salários mínimos;

( ) Maior que 5 salários até 7 salários mínimos;

( ) Superior a 7 salários mínimos.

Quantas pessoas vivem dessa renda mensal, incluindo você?_____

12. Você e/ou a sua família tem alguma filiação religiosa? ( ) sim ( ) não

Qual?_____

13. Qual a escolaridade de seus pais e a profissão ou ocupação?

	Escolaridade	Profissão/Ocupação
Mãe		
Pai		

14. Você fez o fundamental e ensino médio em instituições da

( ) rede pública ( ) rede privada ( ) pública e privada

15. Perdeu algum ano do ensino fundamental ou médio?

( ) sim, quantos?_____ ( ) não

16. Com que idade terminou o ensino médio?_____

17. Fez algum curso preparatório para o vestibular?

( ) sim ( ) não

18. Com que idade entrou na universidade?_____

19. Que curso faz?_____

20. Com que idade finalizará?_____

APÊNDICE D – Quadro socioeconômico geral

		Geração anos 60/70	Geração anos 2000
Sexo	Masculino	3	4
	Feminino	5	4
Cor da pele	Branco	4	1
	Pardo	2	1
	Moreno	1	1
	Negro	1	5
Modificou local de morada	Sim	5	2
	Não	3	6
Outra ocupação	Sim	7	3
	Não	1	5
Rede de ensino	PUB	3	2
	PUB/PRIVADA	4	2
	PRIVADA	1	4
Área do curso	Artes	0	1
	Humanas	3	4
	Exatas	5	2
	Saúde	0	1
Escolaridade da mãe	Afabetização	2	2
	Fundamental	6	1
	Médio	0	2
	Superior	0	2
	Especialista	0	1
Escolaridade do pai	Afabetização	2	0
	Fundamental	4	3
	Médio	1	3
	Superior	1	2
	Especialista	0	0
Religião dos pais	Nenhuma	2	7
	Católica	12	2
	Evangélica	0	7
	Espírita	2	0

Fonte: Questionário socioeconômico

APÊNDICE E – Quadro socioeconômico individual

NOME	GERAÇÃO	RESIDÊNCIA – antes da universidade	IRMÃOS	RENDA FAMILIAR INGRESSO	DEPEND. DA RENDA	ESCOLARIDADE		PROFISSÃO	
						MÃE	PAI	MÃE	PAI
João	Anos 60/70	Capital	1	< de 7 Sal	2	Fundamental	Superior	Doméstica	Gerente de Banco
Joana	Anos 60/70	Interior	4	1-3 Sal	5	Fundamental	Fundamental	Dona de casa	Topógrafo
Mila	Anos 60/70	Interior	2	1-3 Sal	5	Fundamental	Fundamental	Dona de casa	Comerciante
José	Anos 60/70	Capital	0	1-3 Sal	3	Fundamental	Fundamental	Doméstica	Comerciánte
Antônia	Anos 60/70	Interior	5	1-3 Sal	6	Alfabetização	Alfabetização	Doméstica	Comerciante
Laura	Anos 60/70	Capital	5	5-7 Sal	9	Fundamental	Fundamental	Doméstica	Comerciante
Marta	Anos 60/70	Interior	9	< de 7 Sal	12	Alfabetização	Alfabetização	Doméstica	Comerciante
Mário	Anos 60/70	Capital	2	5-7 Sal	5	Fundamental	Médio	Doméstica	Comerciante
Julia	Anos 2000	Interior	2	3-5 Sal.	2	Médio	Fundamental	Dona de Casa	Func Correios
Lázaro	Anos 2000	Capital	1	< de 7 sal	5	Superior	Superior	Representante	Empresário
Marcos	Anos 2000	Capital	6	1-3 Sal	3	Fundam Inc.	Fundamental	Dona de casa	Aux de Serviço
Manuel	Anos 2000	Interior	4	1-3 Sal	5	Fundam Inc.	Médio	Diarista	Enc. Tubulações
Lisa	Anos 2000	Capital	1	< de 7 sal	3	Especialista	Superior	Empresária	Engenheiro
Pedro	Anos 2000	Capital	0	< de 7 sal	3	Superior	Técnico	Ger.	Programador
Laisa	Anos 2000	Capital	4	3-5 Sal.	3	Fundamental	Fundamental	Prod. Eventos	Encarregado (manut)
Elsa	Anos 2000	Capital	8	até 1 sal	1	Médio	Médio	Manicure	Ourives

Fonte: Questionário socioeconômico